HISTORIA NATURAL

HISTORIA
NATURAL
ILLUSTRADA

COMPILAÇÃO FEITA SOBRE OS MAIS AUCTORISADOS
TRABALHOS ZOOLOGICOS

POR

JULIO DE MATTOS

QUINTO VOLUME

PORTO
LIVRARIA UNIVERSAL
DE
MAGALHÃES & MONIZ — EDITORES
12 — Largo dos Loyos — 14

PASSAROS

(CONTINUAÇÃO)

O CALAO DA ILHA PANAY

N'esta especie macho e femea são das mesmas dimensões, analogas ás do corvo da Europa; teem porém o corpo mais alongado do que esta ave. O bico é muito comprido, recurvo em arco ou representando uma fouce, dentado ao longo dos bordos tanto superior como inferiormente, terminando por uma ponta aguda, deprimido aos lados e atravessado por sulcos de cima para baixo ou transversalmente nos dois terços do comprimento total; a parte convexa dos sulcos é trigueira e a parte concava côr de herva pinheira; o resto do bico para o lado da ponta é liso e trigueiro; na raiz, pela parte superior, eleva-se uma excrescencia da mesma substancia que a do bico, achatada lateralmente, cortante na parte superior, truncada em angulo recto adiante. Esta excrescencia estende-se ao longo do bico até á parte media d'este, onde termina; tem de altura em todo o seu comprimento tanto como metade da largura do bico. Os olhos são cercados cada um por uma membrana trigueira desprovida de pennas; a palpebra apresenta um circulo de pêllos duros, curtos e rijos, formando verdadeiras cêlhas; a iris é branca.

O macho tem a cabeça, as costas e as azas de um negro esverdeado, cambiando para azulado segundo os aspectos, ou segundo a incidencia da luz. A femea tem a cabeça e o pescoço brancos, excepção feita de uma larga mancha triangular que se estende desde a base do bico por baixo

e por traz dos olhos até ao meio do pescoço; esta mancha é de um verde escuro, offerecendo cambiantes como o pescoço e as costas do macho. A femea tem as costas e as azas da mesma côr que o macho. O alto do peito nos individuos dos dois sexos é de um vermelho acastanhado claro. O ventre, as coxas e o uropigio são de um vermelho castanho escuro. As pennas da cauda são dez; nos dois terços superiores são amarellas ruivas e no terço inferior são negras. Os pés são côr de chumbo e compostos de quatro dedos, dos quaes um se dirige para traz e os outros para diante. O dedo mediano é unido ao externo até á terceira articulação e o dedo interno sómente até á primeira.

É esta a descripção de Sonnerat, reproduzida por Buffon. [1]

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

A área de distribuição geographica d'este syndactylo está indicada no proprio nome por que é conhecido.

O CALAO DAS MOLUCAS

Clusius deu a este passaro o nome de *alcatraz;* este nome, diz Buffon, não lhe deve ser applicado porque, segundo os naturalistas hespanhoes elle pertence ao pelicano do Mexico.

CARACTERES

O calao das Molucas tem dois pés e quatro pollegadas de comprimento. A cauda tem oito pollegadas, mas os pés teem apenas duas polle-

[1] Vid. *Oeuvres complètes,* vol. 7.º, pg. 568-569.

gadas e duas linhas. Este caracter da existencia de pés curtos, diz Buffon, não pertence só a este, mas a todos os calaos que, por isso, marcham tão mal quanto possivel. O bico tem cinco pollegadas de comprimento sobre duas e meia de largura ou espessura na base; é de uma côr cinzenta escura e encimado por uma excrescencia cuja substancia é muito solida e semelhante ao corno; esta excrescencia é achatada adiante e estende-se arredondando-se até á parte superior da cabeça. Os olhos são grandes e negros, de uma expressão desagradavel. Os lados da cabeça, as azas e a garganta são negros. As pennas da cauda são pardas claras; o resto da plumagem apresenta alternativamente as seguintes côres: o trigueiro, o pardo, o escuro quasi negro e o fulvo. Os pés são trigueiros e o bico é anegrado.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Como o nome indica, este passaro pertence ás ilhas Molucas.

O CALAO DE MALABAR

Esta especie mede approximadamente dois pés e meio ou trez de comprido desde a ponta do bico até á extremidade da cauda. O bico tem oito ou mais pollegadas e é largo e arqueado. Um segundo bico, se assim se lhe pode chamar, encima o primeiro á maneira de um corno immediatamente applicado sobre elle. A altura d'este segundo bico ou corno é de duas pollegadas e trez linhas e o seu comprimento tem apenas menos duas pollegadas do que o verdadeiro bico. Este, terminado em ponta romba, é muito solido e formado de uma substancia cornea, quasi ossea. O falso bico é muito mais fino, menos solido e não maciço ou cheio. O falso bico é em parte negro, em parte branco. Os olhos são de um castanho avermelhado; e a cabeça, que parece pequena relativamente ao bico, não o é realmente.

As pennas da cabeça e do pescoço são negras, com a propriedade de se eriçarem; as das costas e do pescoço são negras tambem e todas

apresentam uns fracos reflexos violetas e verdes. O ventre é de um branco sujo. Os pés são negros, espessos e fortes, cobertos de largas escamas e as unhas são longas, não agudas.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Esta especie, como fica indicado pelo nome, pertence ao Malabar. A descripção feita é um resumo da que dá Buffon [1] e que se refere a um exemplar que foi trazido do Malabar para Paris em 1777 por Pondichéry.

O CALAO D'AFRICA

Esta especie é grande; só a cabeça e o bico teem dezoito pollegadas de comprimento.

O bico é em parte amarello e em parte vermelho; as duas mandibulas são circuitadas de negro; na parte superior do bico ha uma excrescencia de substancia cornea de uma grossura consideravel e da mesma côr. A parte anterior d'esta excrescencia prolonga-se para diante em forma de corno, quasi recto; a parte posterior é pelo contrario, arredondada e cobre a parte superior da cabeça. As narinas são collocadas abaixo da excrescencia, muito perto da origem do bico. A plumagem d'este calao é toda negra.

---

[1] Vid. *Oeuvres complètes*, vol. 7.º, pg. 571-572.

O CALAO DA ABYSSINIA

Este calao parece ser um dos maiores do genero. A sua forma geral parece modelada pela do corvo, áparte as proporções. Tem mais de trez pés de comprimento.

Este passaro é todo negro, excepção feita das grandes pennas das azas que são brancas. O bico é ligeiramente arqueado em todo o comprimento, achatado e comprimido dos lados; as duas mandibulas são interiormente cavadas em gotteiras e terminam em ponta romba. O bico tem nove pollegadas de comprimento e é encimado na base, até perto da região frontal, de uma proeminencia em semi-disco de duas pollegadas e meia de diametro e de quinze linhas de largura na base. Esta excrescencia é da mesma substancia que o bico, mas mais fina e cede á pressão dos dedos. A altura do bico, tomada verticalmente e junta á do corno, é de trez pollegadas e oito linhas. Os pés teem cinco pollegadas e meia de altura. Os trez dedos anteriores são quasi eguaes e todos, anteriores e posterior, são espessos e cobertos, como as pernas, de escamas negras. As unhas são fortes, mas não gancheadas, nem recurvas.

O CALAO DAS FILIPPINAS

No dizer de Brisson, este passaro é das dimensões de um perú femea, tendo porém a cabeça proporcionalmente mais grossa, o que parece indispensavel á sustentação de um bico de nove pollegadas de comprido sobre duas e oito linhas de espessura e de uma excrescencia cornea de seis pollegadas de comprido sobre trez de largura, sobreposta á mandibula superior. Esta excrescencia é um pouco concava na sua parte superior e os seus dois angulos anteriores são prolongados para diante em forma de duplo corno. As narinas são collocadas perto da origem do

bico, por baixo d'esta excrescencia, e todo o bico, bem como a sua procminencia, é avermelhado.

Este calao tem a cabeça, a garganta, o pescoço, a parte superior do tronco e as coberturas superiores das azas e da cauda negras. A parte inferior do corpo é branca; as pennas das azas são negras, á excepção de duas externas que são brancas. Os pés são esverdeados.

O CALAO RHINOCERONTE

Bontius, que viu este passaro na ilha de Java, dá d'elle a seguinte descripção: «A plumagem do calao rhinoceronte é toda negra e o seu bico excessivamente estranho; porque da parte superior d'este bico eleva-se uma excrescencia de substancia cornea que se estende para diante e se recurva depois para cima em forma de corno, que é prodigioso pelo volume, porque tem oito pollegadas de comprimento sobre quatro de largura na base. Este corno é vermelho e amarello e como dividido em duas partes por uma linha negra que se estende sobre cada um dos seus lados, segundo o comprimento. As aberturas das narinas são situadas abaixo d'esta excrescencia, perto da origem do bico.» [1]

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

No dizer do naturalista que acabamos de citar, este calao habita em Sumatra, nas Filippinas e em outras partes dos climas quentes das Indias.

---

[1] Citado por Buffon, *Loc. cit.*, pg. 575.

Á maneira do que temos feito no fim do estudo de cada uma das ordens, tanto dos mamiferos nos primeiros trez volumes, como das aves no quarto, deixamos aqui o quadro eschematico da classificação dos passaros:

Para que este pequeno quadro se tornasse completo seria necessario que ao lado de cada uma das familias n'elle comprehendidas collocassemos as respectivas especies. Não o fazemos porém, porque sendo estas muito numerosas, teriamos, para indical-as, de gastar muitas paginas. E todo esse trabalho se dispensa facilmente desde que no indice do ultimo volume as especies são indicadas subordinadamente aos titulos das familias.

AVES TREPADORAS

CONSIDERAÇÕES GERAES

A denominação de *aves trepadoras* é antiquissima. Á consagração do tempo, mais do que ao rigor, deve essa expressão o ser ainda hoje empregada.

Essa expressão tem defeitos consideraveis: é, sob um certo ponto de vista, extensa de mais, sob outro, demasiadamente restricta. Com effeito, devendo o nome em questão applicar-se a todas as aves que teem o poder de trepar, deveriam ser por elle comprehendidas algumas especies de passaros; e assim a classe das *aves trepadoras* abrangeria mais do que na realidade abrange, mais do que os naturalistas lhe concedem.

Este o primeiro defeito da expressão.

Mas ha mais. Nem todas as aves comprehendidas no grupo das trepadoras, possuem realmente a faculdade de trepar. E assim, o nome é falsamente restrictivo.

Por estes motivos propozeram fundamentadamente alguns naturalistas a substituição do nome *aves trepadoras* pelo de *zygodactylos,* infinitamente melhor, mais apropriado.

Zygodactylos significa ethimologicamente *dedos dispostos por pares.* E, com effeito, é este o caracter organico que distanceia as aves d'este grupo de todas as dos outros grupos naturaes. Nas aves trepadoras o dedo externo, em vez de ser dirigido para diante, como nas outras acon-

tece, é collocado posteriormente ao lado do pollegar; d'este modo os dedos ficam realmente dispostos aos pares—dois para diante e dois para traz.

Por isso o nome de *zygodactylos* que exprime um caracter organico geral e distinctivo da classe, é bem mais proprio que o de *trepadores* que exprime um facto de ordem dynamica ou physiologica, de modo nenhum caracteristico da ordem, por isso que não pertence a alguns dos membros n'ella comprehendidos e pertence a outros que ella não abrange.

Comtudo a designação de *aves trepadoras* continúa a ser empregada pela generalidade dos naturalistas, graças á consagração do tempo. Nós, embora reconheçamos a vantagem do nome scientifico de zygodactylos sobre o nome de aves trepadoras, continuaremos a empregar este ultimo, porque nos não achamos auctorisados n'uma obra puramente descriptiva e popular ou de vulgarisação a romper com usos tradicionaes, substituindo expressões que teem por si a consagração de seculos.

De egual modo temos procedido em conjuncturas analogas. Já o dissemos: se a obra não fosse puramente descriptiva, sacrificariamos o uso ao rigor; mas sendo-o, temos de proceder d'outro modo.

CARACTERES E COSTUMES

Graças á conformação dos pés, as aves trepadoras podem abraçar os ramos das arvores e isto explica o facto de estarem quasi sempre empoleiradas.

«O vôo d'estas aves, diz Figuier, é mediocre; não tem nem o poder do que caracterisa as aves de rapina, nem a ligeireza que pertence ao dos passaros.

«Estas aves alimentam-se de fructos ou de insectos, segundo a força do seu bico.

«Habitam geralmente os paizes quentes e as suas côres são ordinariamente brilhantes. Emfim são todos monogamos, á excepção do cuco.» [1]

[1] L. Figuier, *Les Oiseaux*, pg. 291.

DIVISÃO

Esta ordem abrange, segundo a classificação de Cuvier, que temos adoptado n'esta obra, cinco familias que são, pela ordem por que as descreveremos: os *jacamaciras*, os *petos*, os *cucos*, os *tucanos* e os *papagaios*.

A cada uma d'estas familias pertence um certo numero de generos de que successivamente nos iremos occupando.

AVES TREPADORAS EM ESPECIAL

OS JACAMACIRAS

Estas aves trepadoras teem o bico comprido, fino, alto, ligeiramente recurvo, de crista dorsal cortante, as azas relativamente compridas, excedendo e quarta e quinta remiges as outras, a cauda comprida, forte, truncada, de pennas arredondadas na extremidade, sendo as lateraes mais curtas que as medianas, os tarsos curtos e fracos, os dois dedos anteriores soldados em quasi toda a extensão, livres apenas na extremidade, os dedos posteriores muito curtos e a plumagem frouxa.

O JACAMACIRA VERDE

Das especies do grupo dos jacamaciras é esta a mais conhecida e a unica que descrevemos.

CARACTERES

Tem o dorso e o peito de um verde dourado soberbo, o ventre trigueiro-ruivo, a garganta branca no macho, amarella-ruiva na femea,

as rectrizes lateraes trigueiras ruivas em toda a extensão e verdes na ponta, os olhos castanhos, o bico, a linha naso-ocular e uma parte desnudada que cerca os olhos, trigueiros, e os pés, finalmente, côr de carne.

Segundo o principe Wied, esta ave tem vinte e dois centimetros de comprimento; a extensão da cauda é de dez centimetros e a da aza de oito e meio.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

O jacamacira verde habita as florestas que ficam ao longo das costas do Brazil. Não é especie rara.

COSTUMES

Esta ave, no dizer do principe de Wied, tem umas certas semelhanças com os beija-flôres, circumstancia que não escapou aos proprios selvagens Botocudos, que lhe dão o nome de *grande colibri* ou *beija-flôr das florestas*.

O jacamacira verde vive solitario nas florestas humidas, conservando-se de ordinario empoleirado em algum ramo baixo nas proximidades da agua. O vôo é rapido, mas pouco extenso.

Silencioso, triste, aborrecido, o jacamacira parece ter horror a toda especie de movimento. Espera pacientemente que um insecto passe junto d'elle para o apanhar sem fazer grande vôo; depois do que, volta a empoleirar-se no ramo primitivo. Muitas vezes conserva-se, diz Schomburgk, horas inteiras no mesmo sitio, absolutamente immovel.

A voz consiste n'um grito forte, claro, agudo, que de modo nenhum, diz Brehm, constitue um canto agradavel como affirmava Buffon.

O jacamacira verde, do mesmo modo que todos os congéneres, aninha n'um buraco arredondado, feito na terra á beira de um curso d'agua.

Este ninho, no dizer do principe de Wied que todavia o não examinou e se baseia portanto em informações estranhas, é semelhante ao do pica-peixe vulgar.

Poeppig affirma que nas florestas virgens é facil reconhecer os logares favoritos do jacamacira verde pelas azas de borboletas que cobrem o solo; segundo o naturalista citado, o jacamacira verde alimentar-se-hia só d'estes insectos. Brehm sem contestar o facto asseverado, julga-o comtudo problematico.

Sobre o modo por que o jacamacira apanha a presa, Brehm diz que

nada se sabe de positivo; sendo todavia provavel que o faça como todas as outras aves insectivoras.

É quanto se conhece sobre os costumes do jacamacira verde.

OS PETOS OU PICA-PAUS [1]

Os petos podem considerar-se como as aves mais perfeitas da ordem das trepadoras. São aves refeitas de dimensões medianas ou mesmo pequenas; o bico é pouco mais ou menos do comprimento da cabeça. A plumagem é negra, apresentando porém branco, vermelho ou amarello em certas regiões.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Estas aves encontram-se em toda a superficie da terra, exceptuando o centro e o sul da Africa.

COSTUMES

Vivem de ordinario nas arvores; só excepcionalmente descem a terra.

[1] É mister não confundir os pica-paus, tambem chamados petos, da ordem das trepadoras com os pica-paus da ordem dos passaros. Os francezes, mais felizes do que nós, teem duas denominações inconfundiveis: chamam aos primeiros *pics* e aos segundos *torchepots*.

DIVISÃO

Esta familia divide-se em dois grupos ou subfamilias: os *pica-paus propriamente ditos* e os *torcicollos*.

OS PICA-PAUS PROPRIAMENTE DITOS

Estas aves teem um bico direito, de grandeza media, tão alto como largo na base, de aresta muito angulosa, de sulcos lateraes mais approximados dos bordos mandibulares que do vertice do bico, azas obtusas, sendo a terceira remige a mais comprida, tarsos curtos, em parte emplumados e cauda comprida e cuneiforme. A cabeça é desprovida de poupa.

O PICA-PAU MALHADO OU PETO MALHADO

Das differentes especies da subfamilia é esta a mais conhecida. Linneu designava-a pelo nome de *picus major*.

CARACTERES

Esta ave tem o dorso negro, o ventre de um amarello sujo, a região frontal marcada por uma raia amarellada, os lados do pescoço, uma

larga mancha escapular e fachas transversaes das azas, brancos, a parte posterior da cabeça e o baixo-ventre de um bello rubro-carmim, uma raia negra descendo da raiz do bico pelos lados do pescoço, os olhos vermelhos-castanhos, o bico côr de chumbo claro e os pés esverdeados.

A femea não tem o occipital vermelho. Os individuos não adultos teem o vertice da cabeça rubro-carmim.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Esta ave habita toda a Europa e a Siberia até Kamtschatka.

COSTUMES

Procura as grandes florestas; todavia encontra-se tambem nos pequenos bosques no meio dos campos. No inverno chega até aos jardins. No estio conserva-se confinado em um espaço muito restricto; mas no outomno e no inverno estende o circulo das suas peregrinações, vivendo então na companhia de outras aves. Nas suas viagens conserva-se sempre junto das arvores e evita o atravessar, voando, grandes espaços descobertos.

O pica-pau malhado, diz Naumann, é forte, vigoroso, agil e atrevido; a estas qualidades junta a belleza. Naumann escreve: «É um espectaculo soberbo, quando o tempo é bom, vêr os pica-paus perseguirem-se de arvore em arvore, treparem ao longo dos ramos e aquecerem-se ao sol, cujos raios lhes fazem resplandecer as côres. Estão quasi constantemente em movimento e animam maravilhosamente os sombrios pinheiraes.» [1]

O vôo é ruidoso e rapido; todavia o pica-pau não atravessa de uma vez senão um pequeno espaço. Em terra saltita pezadamente; por isso raras vezes ahi desce. Muitas vezes pendura-se no ramo mais elevado de uma arvore e d'ahi solta o seu grito: *pic, pic* ou *kik, kik.*

O pica-pau malhado passa a noite nos troncos escavados das arvores; é tambem ahi que se refugia e esconde quando se sente ferido.

O pica-pau malhado não vive em boa harmonia com os seus semelhantes e, comquanto algumas vezes se encontre na companhia de outras especies, não pode dizer-se sociavel. Não admitte que lhes disputem a

[1] Citado por Brehm, *Loc. cit.*, pg. 61.

alimentação; defende com valentia e coragem os seus dominios de caça contra a invasão de outras aves.

O pica-pau malhado alimenta-se de insectos, dos ovos e larvas d'estes, de fructos duros e de baga. Ha contestações sobre o ponto de saber se come ou não come formigas. Brehm, pae, e Naumann negam o facto, que Gloger affirma. Parece que uma ou outra vez devora uma pequena ave, um passaro implume. Come com prazer o conteúdo dos pinhões e das nozes; e é admiravel a rapidez com que elle sabe partir estes corpos durissimos.

«O pica-pau malhado não dá mostras de grande preserverança quando construe o ninho. Começa muitos antes de terminar um e muitas vezes até apropria-se de algum que tenha já servido e que se encontre abandonado. A entrada do ninho é muito estreita, estrictamente a precisa para que a ave possa entrar e sair. A cavidade tem geralmente trinta e trez centimetros de profundidade; o aposento em que são depositados os ovos tem paredes muito lisas e o fundo é coberto de aparas ou pequenos fragmentos de madeira.» [1]

O acto sexual é precedido de longos combates, porque ordinariamente dois machos sollicitam uma femea. A selecção sexual baseia-se pois na força.

Cada postura é, de ordinario, de quatro a cinco ovos pequenos, alongados, de casca fina, de um branco lustroso. Macho e femea chocam alternadamente durante quatorze a dezeseis dias. Os filhos no acto do nascimento são inteiramente nús, feios, informes. Os paes criam-os com amor; não se affastam do ninho e, quando algum perigo ameaça os recemnascidos, soltam gritos de agonia. Ainda mesmo depois que os filhos podem já voar, os paes não os abandonam e continuam a dar-lhes de comer até que se encontram nas condições de provêrem ás proprias necessidades sem auxilio.

INIMIGOS

O pica-pau malhado é muitas vezes victima dos gaviões e dos açôres, aos quaes só nas florestas logra escapar, porque ahi trepa rapidamente ás arvores e esconde-se em buracos. As doninhas e os esquilos são inimigos terriveis dos recemnascidos.

[1] Brehm, *Obr. cit.*, vol. 4.º, pg. 63.

CAPTIVEIRO

O pica-pau malhado habitua-se facilmente ao captiveiro. Alimenta-se bem de grãos e vive em harmonia com as outras aves. Encanta pela graça, pela agilidade, pelos gritos alegres que solta, pela elegancia e pela belleza.

O PETO MENOR

Esta especie differe da anterior pelo bico que é curto, pouco conico, pela cauda que é arredondada, de pennas obtusas e ainda pela côr da plumagem.

O macho tem a região frontal pardo-amarella, o vertice da cabeça rubro-carmim, o alto das costas negro, as azas raiadas de negro e de branco, a parte inferior das costas branca, raiada de preto, a região facial separada da garganta por uma raia negra que desce aos lados do pescoço, a face inferior do corpo parda, com raias longitudinaes negras aos lados, as rectrizes medianas negras e as lateraes claras com raias escuras.

A femea não tem a cabeça vermelha e os individuos não adultos teem a mesma plumagem que a femea, porém ainda mais escura. Os olhos são de um amarello avermelhado ou de um vermelho intenso; nos individuos não adultos são castanhos claros. O bico é côr de chumbo, tendo a crista dorsal e a ponta negras; os pés são tambem côr de chumbo.

Esta ave mede dezesete centimetros de comprimento e trinta a trinta e dois de envergadura; a cauda tem seis de extensão.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

O peto menor habita toda a Europa e a Asia central.

É vulgar em Portugal.

COSTUMES

Na Europa o peto menor é commum nas planicies cobertas de arvores fructiferas; é muito raro nas montanhas. Não é uma ave emigrante: encontra-se todo o anno na região em que se reproduziu; é porém errante e desloca-se um pouco todos os annos no outomno e na primavera. Evita os pinheiraes. De ordinario, uma vez estabelecido n'um certo dominio, percorre-o muitas vezes por dia; é o que, diz Brehm, melhor se vê no inverno, quando a queda da folhagem o deixa a descoberto, em condições de ser facilmente seguido. O centro d'este dominio é determinado por algum tronco d'arvore carcomida, onde o peto vem passar a noite. Nas suas peregrinações evita sempre o atravessar logares em que não encontraria um semelhante refugio. Ora, como o peto se recolhe de ordinario muito mais tarde que os pardaes e outros passaros, encontra já os logares no tronco tomados e é forçado a conquistal-os pela lucta.

O peto menor é muito vivo, muito agil: trepa com rapidez ao longo dos troncos, volteia-os com promptidão e corre pelos ramos com velocidade notavel.

De um natural bellicoso, o peto menor não consente os congéneres junto d'elle. Não é timido; deixa-se approximar pelo homem. O seu grito, que pode notar-se pelas syllabas *kick, kick,* é ora alto, ora fraco e arrastado.

Durante a estação dos amores, que principia em Maio, o peto menor attráe a attenção pelos seus gritos, pela sua agitação continua: é a epocha dos combates entre os machos que pretendem uma mesma femea ou entre os casaes que querem occupar o mesmo buraco.

O peto menor aninha a uma grande altura do solo, sobre um velho carvalho ôcco ou, na falta d'este, sobre uma arvore fructifera. A abertura d'este ninho é circular, não tem mais de cinco centimetros de diametro e conduz a uma cavidade de cêrca de dezesete centimetros de profundidade. O peto menor começa muitos ninhos antes que termine um; e é isto o que torna difficil a descoberta dos seus ovos. Para conseguir dar com elles é preciso, seguindo os conselhos de Paessler, espiar o macho quando leva os alimentos á companheira. Cada postura é de cinco a sete ovos pequenos, de um branco luzidio, apresentando algumas vezes pequenos pontos vermelhos. Macho e femea chocam alternadamente durante quatorze dias; ambos criam os filhos e os conservam na sua companhia por muito tempo ainda depois que já voam.

O peto menor alimenta-se exclusivamente de insectos. Destroe grande numero de formigas, de aranhas, de coleopteros e d'ovos d'estes animalculos. Trepa constantemente ás arvores e come quasi continuamente.

UTILIDADE

A utilidade d'este trepador deduz-se facilmente do seu regime alimentar. «Elle presta, diz Naumann, grandes serviços não só nas florestas, mas ainda nos vergeis.»

INIMIGOS

São poucos os d'esta especie. Geralmente as aves e mamiferos carnivoros não a attacam e o homem toma-a sob a sua protecção.

CAPTIVEIRO

«Ainda ninguem, diz Brehm, se lembrou de engaiolar o peto menor. Mas pelo que tenho visto, sou levado a crêr que, tratando-o e alimentando-o bem, se poderá conservar facilmente; a graça e elegancia d'esta ave compensariam perfeitamente o dono dos cuidados que poderia custar-lhe.» [1]

O PICA-PAU VERDE OU PETO REAL

O pica-pau verde, tambem conhecido entre nós pelos nomes de *peto real* e *cavallo rinchão*, tem dimensões mais avultadas que as especies anteriormente estudadas.

[1] Brehm, *Obr. cit.*, vol. 4.º, pg. 64.

CARACTERES

O peto real tem as costas de um bello verde amarellado, o ventre de um verde claro, a região facial negra, o vertice da cabeça e a nuca cinzentos com mistura de vermelho-carmim, o uropigio amarello claro, uma linha que passa sob a região facial vermelha no macho, negra na femea, as remiges de um trigueiro escuro com manchas transversaes amarelladas ou de um branco atrigueirado e as rectrizes verdes com raias negras.

Os individuos não adultos tem as costas verdes, manchadas de branco e o ventre esbranquiçado com maculas negras. Os olhos, de um branco azulado nos adultos, são pardos escuros nos não adultos. O bico é côr de chumbo, de ponta negra e os pés são côr de chumbo esverdeado.

Esta especie mede trinta e trez centimetros de comprido e cincoenta e cinco de envergadura; o comprimento da cauda é de dez centimetros.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

O peto real habita a Europa e uma grande parte do noroeste da Asia. Falta no Egypto, diz Brehm, com quanto alguns naturalistas pensem o contrario. Para o lado do norte, encontra-se até á Laponia.

Existe em Portugal.

COSTUMES

O pica-pau verde é uma ave essencialmente excurcionista, mas cujas viagens, que principiam depois que os filhos se tornam independentes, não são regulares nem quanto á estação em que são emprehendidas, nem quanto á extensão; invernos ha em que esta ave não viaja e outros em que percorre espaços consideraveis.

O pica-pau não pode considerar-se inteiramente uma ave das florestas, com quanto seja commum em algumas, porque realmente prefere as

regiões em que pequenos bosques alternam com logares descobertos. Na estação dos amores conserva-se nas immediações do ninho; no inverno quando não abandona a região em que tem vivido, percorre um dominio extenso, recolhendo á noite em algum buraco. Ás vezes conserva-se mezes inteiros nos jardins, muito perto das nossas habitações. «Observei muito tempo um, diz Brehm, que passava as noites no campanario da egreja da minha aldeia natal; um outro domiciliára-se n'um ninho artificial destinado a alojar os esturninhos.» [1]

O pica-pau verde é alegre, vivo, astuto e prudente. Vive em movimento incessante; trepa tão bem como os outros pica-paus e marcha melhor do que elles. Encontra-se muitas vezes em terra, saltitando com agilidade. O seu vôo é ruidoso e fortemente ondulado, no que se distingue do que caracterisa os outros petos.

A voz d'este trepador é clara e echoante; o seu grito *gluck, gluck,* muitas vezes repetido faz lembrar uma gargalhada.

O genero de vida d'este peto é inteiramente semelhante ao dos congéneres. Desde que o orvalho da manhã principia a dissipar-se, abandona o escondrijo e percorre os seus dominios. Passa solitario de arvore para arvore com regularidade sufficiente para que se possa com segurança esperar-lhe a passagem. Visita as arvores, começando pelo pé e elevando-se ao longo do tronco. Se alguem se approxima da arvore em que elle está, desce rapidamente, como que deslisando, pelo lado opposto ao do observador, depois espreita de tempos a tempos, estendendo o pescoço; se ainda se sente observado, trepa mais alto e depois, rapidamente, toma vôo e vendo-se emfim livre e seguro solta um grito claro que denuncia o contentamento. É o que Brehm affirma. A actividade d'este trepador é muito grande até ao meio dia. No espaço de uma manhã, diz o naturalista citado, visita mais de cem arvores e dá caça a muitos formigueiros.

O pica-pau verde não é exigente na alimentação; todavia prefere a tudo as formigas vermelhas e no inverno interna-se muito nos campos para as encontrar. A sua aptidão para a caça das formigas é grande, o que deve attribuir-se ao comprimento e viscosidade da lingua.

No fim de Fevereiro o peto real encontra-se já na localidade em que ha de realisar-se a reproducção; só em Abril porém, é que a femea principia a construir o ninho. Em Março reunem-se os dois sexos e o macho mostra-se muito excitado. Empoleira-se nos cimos das arvores, dá gritos fortes e agudos ou persegue d'arvore em arvore a femea. O casal, uma vez constituido, mostra-se muito cioso dos seus dominios; persegue

1 Brehm, *Loc. cit.*, pg. 67.

com ardor qualquer outro casal que tente estabelecer-se no mesmo logar.

Para aninhar o pica-pau verde procura uma arvore cujo interior se encontre apodrecido. Macho e femea ahi cavam um buraco em menos de quinze dias. A abertura é redonda e justamente das dimensões precisas para que a ave possa passar atravez d'ella. O interior é de vinte e cinco a trinta centimetros de profundidade e dezeseis a vinte de diametro, termo medio. Se, cavando, o peto real encontra madeira dura, abandona o logar de exploração.

Cada postura é de seis a oito ovos oblongos, dilatados na grossa extremidade, de casca lisa e de um branco luzidio. Macho e femea chocam alternadamente durante dezeseis a dezoito dias—o macho desde as dez horas da manhã até ás tres ou quatro da tarde e a femea em todo o resto do dia. Ambos alimentam os filhos, que ao nascer são feios e crescem muito rapidamente. Ao fim de trez semanas os pequenos já apparecem á entrada do ninho; mais tarde trepam ao longo da arvore e ao fim de pouco tempo principiam a acompanhar os paes nas suas excursões. Em Outubro os filhos encontram-se já em condições de procurarem sem auxilio os alimentos. Separam-se então; assim se desagrega a familia partindo cada membro para seu lado, sem que uns se inquietem com a sorte dos outros.

CAÇA

O pica-pau verde é difficil de apanhar. Só casualmente, diz Brehm, se captiva um nas armadilhas. O melhor processo de caça, com quanto difficil e incerto, consiste em dispor laços á entrada do buraco ou ninho. A difficuldade do emprego d'este processo provem da difficuldade mesma de encontrar o ninho e a sua incerteza deriva de que a ave, vendo preparado o laço, muitas vezes desconfia e foge. A caça a tiro seria porventura mais facil, mas é certo que devemos regeitar os processos destructivos quando se trate, como n'este caso, de animaes que nos são uteis.

CAPTIVEIRO

A impetuosidade caracteristica do pica-pau verde é, no dizer de Naumann, de tal ordem que não é possivel pensar em reduzir á domesticidade este trepador depois de adulto. N'estas condições, o pica-pau dura pouco tempo, não sem ter primeiro destruido ás bicadas a gaiola,

se ella é de madeira, e ter furado todos os moveis. Os individuos apanhados ainda implumes seriam talvez susceptiveis de uma inteira domesticação; é certo comtudo que ainda se não fizeram ensaios n'este sentido.

OS TORCICOLLOS

Estes trepadores teem o bico curto, direito, conico, um pouco comprimido e emplumado na base, azas mediocres, subobtusas, sendo a terceira remige a mais comprida, uma cauda extensa, larga, de pennas molles, tarsos fortes e escamosos e uma plumagem frouxa.

O TORCICOLLO OU PAPA-FORMIGAS VULGAR

Esta especie mede approximadamente dezenove centimetros de comprimento sobre trinta de envergadura; o comprimento da cauda é de sete centimetros.

O torcicollo ou papa-formigas vulgar tem as costas cinzentas claras, finamente pontuadas e onduladas de cinzento escuro, o ventre branco, coberto de manchas triangulares escuras, a garganta e o pescoço amarellos com raias transversaes, uma raia negra que desce da cabeça ao fundo das costas, o resto das costas coberto de manchas escuras, trigueiras ruivas ou trigueiras claras, as remiges raiadas de ruivo e trigueiro claro, as rectrizes pontuadas de negro e apresentando cinco raias curvas, estreitas, os olhos castanhos amarellados e o bico e os pés de um amarello esverdeado.

Os individuos não adultos teem côres menos vivas.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

A verdadeira patria do torcicollo é o norte e o centro da Europa e da Asia. Nas suas viagens porém, visita o Egypto, a Nubia e o Sudan oriental. Na India encontra-se em toda a parte, mas sómente durante o inverno. Tambem durante esta estação apparece no sul da Europa. É então que se vê em Portugal onde é conhecido pelo nome vulgar de papa-formigas.

COSTUMES

Nas regiões mais ao norte da Europa, o torcicollo apparece sómente na primavera e emigra no outomno. Viaja então de noite e a emigração faz-se por familias; na volta porém, a estas regiões, o torcicollo viaja isolado.

O torcicollo procura os logares em que dominam as florestas, mas onde ao mesmo tempo se encontram muitos e grandes espaços descobertos. Os pequenos bosques no meio dos campos, as brenhas e os vergeis são os logares que parece preferir. Não receia o homem; vem muitas vezes estabelecer-se nas proximidades das casas, nos jardins, em toda a parte, emfim, onde uma arvore lhe offerece um buraco em que possa estabelecer o ninho.

Este trepador attráe facilmente a attenção, principalmente na primavera, no circulo dos seus dominios. A voz denuncia-o, e isto tanto mais, affirma Brehm, quanto a femea responde regularmente ao reclamo do macho.

O torcicollo não é pezado, nem deselegante; é porém preguiçoso e só se move forçado pela necessidade. Não tem a petulancia, nem a vivacidade dos petos propriamente ditos, nem dos outros trepadores. Quando vôa é só de uma arvore a outra.

O que esta ave offerece de mais curioso é a possibilidade de voltar a cabeça em todas as direcções.

O torcicollo não solta a voz senão quando excitado pela colera, pelo medo ou pelo ardor genesico.

O nome de papa-formigas dado a este passaro é perfeitamente justo. Com effeito são estes animalculos que constituem o fundo da sua nutrição. Todavia comem tambem outros insectos. A lingua que é muito protactil, presta-lhe grandes serviços. Introduz este orgão pelas fendas até

ao interior dos formigueiros e, esperando que os insectos adhiram á saliva viscosa que lhe serve de inducto, retiram-o então.

O torcicollo vulgar encontra facilmente sitio onde aninhe, pela razão de que não é exigente: basta-lhe um buraco de abertura tal que n'ella não possa penetrar um carnivoro, sem se importar com o local ou com a altitude. Quando uma arvore apresenta muitos buracos, o torcicollo abandona de ordinario os mais elevados aos pardaes e outros passaros com que não gosta de disputar e aloja-se em algum dos inferiores. No fim de Maio a femea, formado o ninho ou desembaraçado o buraco das materias que o pejavam, põe sete a onze ovos pequenos, obtusos, de casca lisa e fina e de côr branca. A femea choca durante quatorze dias; o macho substitue-a pouco tempo, no meio do dia. A femea conserva-se sobre os ovos com uma tal persistencia que é difficillimo obrigal-a a abandonal-os. Quando se batem pancadas na arvore em que se está realisando o trabalho de incubação, a femea não foge, nem se perturba como fazem outras aves que aninham em buracos. Pode mesmo olhar-se pela abertura do ninho, sem que ella se mova; limita-se a assobiar como faria uma serpente.

Os filhos no momento em que rompem a casca apresentam-se cobertos apenas em alguns pontos de uma rara pennugem pardacenta. Crescem rapidamente; os paes dão-lhes alimentos em abundancia. Não abandonam o ninho senão quando podem já perfeitamente voar. Os paes teem pela prole um grande cuidado; uma coisa porém, descuram inteiramente, a limpeza. Sob este ponto de vista o torcicollo não vale mais do que a poupa. O ninho acaba por tornar-se um simples montão de materias putrefactas.

É no meiado de Junho que as familias se separam.

INIMIGOS

Grande é o numero de inimigos d'esta especie, aliás utilissima. O gavião e outras aves de rapina, a pega e o gaio, o gato, a marta e a doninha são inconciliaveis inimigos do torcicollo ou papa-formigas.

CAÇA

O homem é tambem um desapiedado inimigo d'esta especie. Faz-lhe uma caça destruidora, que nada justifica, a não ser o sabor da carne.

UTILIDADE

Advirta-se mesmo que a destruição do torcicollo é não só injustificavel, mas ainda prejudicialissima, porque esta ave, alimentando-se de insectos, beneficia a cultura das terras.

CAPTIVEIRO

Em geral não é difficil habituar o torcicollo ao captiveiro; individuos ha porém, que só querem comer ovos de formigas. Naumann, por exemplo, teve um que preferia passar fome a tocar em coleopteros, aranhas, moscas, etc., que lhe eram fornecidos em abundancia; só comia formigas, com excepcional avidez. Este caso não é vulgar. O mais geral, o mais ordinario é habituar-se o torcicollo a outra alimentação.

Este trepador não se torna notavel pela submissão ao homem, pela docilidade de costumes, nem pelo modo por que vive na companhia d'outras aves captivas. É facilmente irritavel; não só com o homem, mas com os companheiros, comporta-se geralmente mal e entra em accessos de colera pelo mais ligeiro motivo.

OS CUCOS

As aves que formam o genero *cuco* são caracterisadas assim: Teem o corpo elegante, o bico pequeno, fraco, levemente arqueado, inteiro, gradualmente comprimido até á ponta, azas comprimidas, subobtusas, sendo a terceira remige a mais extensa, cauda muito comprida, arredondada, tarsos curtos, cobertos de pennas em partes, a porção de pelle que circuita os olhos pouco desnudada e a plumagem frouxa e escura.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Os cucos habitam todo o antigo mundo e a Nova-Hollanda. São muito numerosos nas Indias e na Africa; na Europa são representados apenas por uma especie, de que nos occuparemos adiante.

COSTUMES

Os cucos habitam as florestas, que raras vezes abandonam. Os que vivem ao norte emigram; os outros erram apenas.

São turbulentos, inquietos e timidos; fogem da sociedade uns dos outros e de todas as especies.

Atravessam rapidamente um grande espaço, visitam as arvores e d'ahi se atiram sobre a presa que descobrem, sem comtudo pousarem em terra. Percorrem os seus dominios, voando, comendo e gritando incessantemente.

Alimentam-se quasi exclusivamente de insectos, aproveitando especies que outros insectivoros não comem.

Os cucos são ladrões e destruidores de ninhos; roubam e devoram os ovos. E este facto está essencialmente ligado á reproducção d'estas aves. Os cucos, com effeito, não chocam os seus ovos; deixam isso ao cuidado de outras aves em cujos ninhos os vão depositar, tirando d'ahi pelo menos um dos ovos que já lá estão para serem chocados pela mãe. Este facto é perfeitamente authentico, numerosissimas vezes observado. Para explicar tão singular phenomeno tem-se emittido muitas hypotheses; nenhuma d'ellas porém, satisfaz o espirito.

UTILIDADE

Tem-se feito muitas vezes esta pergunta: Os cucos são uteis ou prejudiciaes? Deve responder-se com segurança: são uteis. É verdade, e tem-se feito muitas vezes esta objecção, que destroem os ovos de outras

especies e que não podem crescer senão á custa da morte d'outras aves. Comtudo a esta objecção responde-se: um só cuco mata e destroe mais insectos do que cinco ou seis das pequenas aves cujos ovos devora. Por isso devemos proteger estes trepadores, qualquer que seja a antipathia que nos inspira o seu desaffecto paternal.

O CUCO CANTOR

É esta a especie a que ha pouco nos referimos como sendo a representante unica na Europa do genero estudado.

CARACTERES

O macho tem as costas de um cinzento azulado ou escuro, o ventre pardo claro, transversalmente ondulado de negro, a garganta, a região facial e os lados do pescoço de um cinzento puro, as azas de um escuro de chumbo, a cauda negra com maculas brancas, os olhos amarellos, o bico negro com a base da mandibula inferior amarella e os pés tambem amarellos.

A femea assemelha-se muito aos machos e apresenta sobre a nuca e aos lados do pescoço raias transversaes muito nitidas.

O cuco cantor mede trinta e nove centimetros de comprido sobre sessenta e sete de envergadura. A femea tem menos quatro centimetros de comprimento e de envergadura, approximadamente.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Poucas regiões haverá na Europa, na Asia ou na Africa em que o cuco cantor seja desconhecido. Aninha em toda a parte septentrional do continente europeu, onde é mais commum do que no sul. Emigra do

norte para o sul. Partindo da Siberia, atravessa a China, as Indias, para ir até Java, até ás ilhas de Sonda ou até Ceylão; da Europa vae para o sudoeste d'Africa. «Encontrei o cuco, diz Brehm, em todas as partes do Sudan occidental que percorri: não era ahi porém a sua morada de inverno e não sei até onde elle estende as suas viagens. Entre nós apparece no meiado de Abril; á Escandinavia não chega senão em começos ou mesmo em meiado de Maio. Não se conserva ahi senão até ao começo de Setembro; no dia 11 d'este mez encontrei-o na Nubia. Excepcionalmente vi-o a 14 de Julho na Alexandria. Entre nós ouve-se o cuco em todas as florestas. É mais raro no meio-dia da Europa. Na Escandinavia, pelo contrario, é uma das aves mais communs; não me lembro, ao menos, de ter visto tantos cucos em parte alguma como na Noruega e na Laponia.» [1]

O cuco cantor é commum em Portugal.

COSTUMES

Cada macho escolhe ou conquista um certo dominio sempre extenso e não permitte a um rival o ingresso n'elle, sem um protesto violento. Mas se é deslocado, estabelece-se não muito longe do inimigo e todos os dias o desafia, todos os dias lhe dá combate. Naumann observou que o cuco cantor todos os annos volta a um mesmo logar. Este naturalista notara um que se distinguia de todos os outros por uma voz particularissima, e viu-o durante vinte e trez annos voltar invariavelmente a um mesmo ponto da floresta.

O cuco cantor é uma ave das mais vivas e das mais ageis. Vive em movimento desde pela manhã até á tarde e mesmo, na Escandinavia, durante uma parte da noite. «Foi para mim, diz Brehm, uma singular impressão nas minhas expedições de caça nocturnas ouvir echoar ainda a voz do cuco depois das onze horas da noite e uma hora antes do amanhecer. Durante as suas excursões come constantemente; é tão voraz como amigo do movimento.» [2]

O vôo do cuco é rapido, elegante e leve, recordando o do falcão. Quando pousado descobre uma presa, vôa sobre ella rapidamente, apanha-a e volta ao ponto de partida para recomeçar logo depois este manejo. Só é agil no vôo; nos outros movimentos é pesado e deselegante.

[1] Brehm, *Obr. cit.*, vol. 4.°, pg. 171-172.
[2] Brehm, *Obr. cit.*, vol. 4.°, pg. 72.

*

Na primavera o cuco solta a cada momento o seu canto, que pode perfeitamente notar-se pelas proprias syllabas do nome.

O cuco cantor é ordinariamente tido em conta de irascivel e richoso. Brehm declara não acceitar inteiramente esta opinião, porque, affirma, o cuco cantor só move guerra aos seus semelhantes e deixa em paz todas as outras especies pelas quaes não tem senão indifferença.

O cuco é tão mau pae quanto bom e zeloso esposo; segue por toda a parte a femea e vê em cada companheiro, em cada macho da sua especie um rival que o faz entrar em furor.

Como as outras especies do genero, o cuco cantor deposita os seus ovos em ninho estranho, declinando assim n'outras aves o cuidado de os chocar. Este facto era já conhecido dos antigos, como o demonstra uma citação de Aristoteles feita por Brehm. É ás aves canoras que o cuco incumbe o cuidado de lhe chocarem os ovos. Brehm diz que conhece nada menos de cincoenta especies de que o cuco é um como parasita em tempo de reproducção e crê que este numero irá augmentando á medida que se forem fazendo novas observações. De resto, o motivo que induz o cuco a um proceder tão egoista, tão opposto aos costumes das aves, é ainda hoje desconhecido. Aristoteles explicava o facto pela cobardia da ave. «O cuco faz bem, dizia o naturalista antigo, em collocar assim os filhos; elle sabe bem que é cobarde e que não poderia defendel-os.» [1] Será assim? É mister confessar a nossa ignorancia a este respeito.

Os ovos do cuco são extremamente variaveis tanto sob o ponto de vista da côr como dos desenhos.

Na primavera, o cuco mal chega aos seus dominios sente-se tomado do ardor genesico; faz echoar as florestas com os seus gritos e o seu canto, persegue a femea de arvore em arvore e assim atravessa muitas vezes espaços consideraveis. É a femea que, voando, procura o ninho; n'esta epocha, esquecida inteiramente a natural timidez, a femea approxima-se das habitações, dos estabulos. Só deposita os ovos em ninho onde existam já outros e para collocar os seus rouba os que estão. De ordinario deposita só um ou dois; por isso tambem destroe só um ou dois dos que estavam e que os seus irão substituir.

Bechstein affirmou que os passaros em cujo ninho o cuco depositava os seus ovos, recebiam com demonstrações de alegria o hospede e o producto que elle lhes confiava. Esta affirmação porém, no dizer insuspeito de naturalistas conscienciosos, é inteiramente falsa. Esses passaros, pelo contrario, manifestam um grande descontentamento, um verdadeiro terror e procuram por todos os meios affastar o hospede importuno, o

[1] Citado por Brehm, *Loc. cit.*, pg. 173.

parasita impudente. Sabendo isto, o cuco não deposita ordinariamente os seus ovos dentro de um ninho qualquer, quando estão presentes os proprietarios: ao contrario, como um ladrão astuto e precavido ou melhor como pae descaroado, vae de noite fazer o seu deposito, fugindo immediatamente, como se o instigasse o medo de ser surprehendido. É certo porém, que apesar de toda a má vontade, os passaros cujo ninho é invadido pelo cuco não destroem o ovo ou ovos que este lhes deixa, antes os chocam. «Detestam o cuco, diz Brehm, mas não recusam os seus cuidados aos ovos, nem aos filhos do intruso.» [1]

No momento em que rompem a casca, os cucos apresentam-se n'um estado de grande imperfeição; mas crescem e implumam muito rapidamente. No curto espaço de trez dias, segundo Paessler, duplicam as dimensões.

INIMIGOS

O cuco cantor adulto tem poucos inimigos. O vôo agil que o caracterisa permitte-lhe escapar a quasi todas as aves de rapina e bem assim aos attaques dos carniceiros trepadores. Comtudo, numerosos parasitas se lhe implantam sob as pennas e o fazem soffrer; os pequenos passaros tambem o perseguem e atormentam voando atraz d'elle aos gritos.

CAÇA

O cuco é de uma prudencia notavel. Esta circunstancia torna difficil o apanhal-o vivo. O unico processo conhecido para conseguir este resultado, consiste em imitar-lhe o canto na quadra do cio. Enraivecido pelo ciume e crendo ouvir um rival, precipita-se cegamente na direcção do grito que ouve e é então apanhado.

CAPTIVEIRO

O cuco apanhado em novo domestica-se e vive em harmonia com as outras aves captivas. Mas até depois de velho se domestica rapidamente,

[1] Ibid.

diz Brehm. Dehne possuiu uma femea adulta que ao fim de trez dias de captiveiro lhe vinha ao encontro quando elle lhe trazia de comer.

UTILIDADE

Brehm recommenda á protecção de todos o cuco cantor que, alimentando-se de insectos, beneficia os campos e as florestas. Homeyer calcula que em 1848 cem cucos devoravam no espaço de dezeseis horas cento e noventa mil pequenos insectos que haviam attacado um pinhal e que o teriam devastado se não encontrassem n'aquelles trepadores um inimigo cruel. E note-se que este calculo é feito pelo minimo, por isso que se baseia em que cada cuco comia n'um minuto dois insectos, quando a verdade é que cada um comia pelo menos dez.

HYPOTHESES

Não queremos terminar este artigo sem apresentar a titulo de curiosidade uma explicação dada por Florent Prevost do facto de não chocar o cuco os seus proprios ovos.

Diz este naturalista: «Os cucos são polygamos, mas ao inverso das outras aves. Em quanto que n'estas são os machos que possuem muitas femeas, nos cucos são as femeas que teem mais de um macho, porque o sexo forte é n'este grupo mais numeroso. As femeas não teem domicilio fixo. Na quadra dos amores erram constantemente de região para região, residindo dois ou trez dias com o macho que ahi encontram e abandonando-o depois em obediencia á natural inconstancia. É então que os machos fazem ouvir tão frequentemente o grito que todos conhecem, d'onde estas aves tiram o nome e que é um como reclamo ou provocação ás femeas.

Estas põem oito ou dez ovos no espaço de seis ou sete semanas. Depositam ordinariamente dois, quasi ao mesmo tempo, no solo, a dois ou trez dias de intervallo. Quando tem posto um ovo, a femea do cuco toma-o no bico e vae furtivamente leval-o ao ninho de algum pequeno passaro da região, mas aproveitando a ausencia dos proprietarios que certamente fariam opposição a uma tal empreza. Tem-se visto os piscos, chegados de improviso, forçarem o intruso, a fugir com o seu fardo. O segundo ovo é tambem depositado n'um ninho da visinhança, mas nunca no mesmo em que ficou depositado o primeiro. A mãe tem decerto con-

sciencia da má situação em que iria collocar os filhos se procedesse de outro modo; porque os pequenos passaros encontrar-se-hiam na impossibilidade de prover ás necessidades de dois seres tão vorazes como são os cucos.

«Mencionaremos a este proposito um facto que não encontramos citado em nenhuma obra de historia natural. Acontece muitas vezes que a femea do cuco tira do ninho um dos ovos do passaro, o quebra ás bicadas e dispersa as cascas para que a mãe ao voltar encontre o mesmo numero d'ovos que deixou ao partir. É esta a razão por que junto do ninho em que os cucos depositam a sua prole se vê frequentemente pedaços de cascas d'ovos. Esta acção denota da parte da ave que nos occupa um raciocinio perfeito e portanto uma verdadeira intelligencia, digam o que disserem os philosophos que recusam esta faculdade aos animaes.

«Quando assim tem depositado os seus ovos, a femea do cuco vem muitas vezes vêr se elles são bem cuidados e não abandona a região senão depois de completamente informada a este respeito. Não é pois tão desprovida de sollicitude para com a prole como á primeira vista poderia parecer.

«Comprehende-se agora por que a femea do cuco não preenche ella mesma as funcções maternas. Pondo os seus ovos com intervallos muito affastados, encontrar-se-hia em necessidade de chocar muitos ovos e de crear um filho ao mesmo tempo; ora, estas duas occupações são incompativeis, porque a ultima implica sortidas frequentes, com que se dão muito mal os ovos, que precisam durante a incubação de uma temperatura egual e constante. Não é pois, por indifferença, mas por uma acção reflectida, que a femea do cuco confia a outras os cuidados maternos.» [1]

Eis aqui uma conjectura que contrasta com a de Aristoteles.

O CUCO RABILONGO

Esta especie é hoje comprehendida pelos naturalistas no genero *Oxilophus* cujos individuos se caracterisam assim: Teem o corpo alongado,

[1] Citado por L. Figuier, *Obr. cit.*, pg. 305-306.

o bico pouco mais ou menos do comprimento da cabeça, largo e espesso na base, fortemente comprimido aos lados, recurvo, os pés fortes e relativamente compridos, cobertos de pennas adiante, até á parte inferior da articulação tibio-tarsica, nús atraz, azas medianas, sendo a terceira remige a mais comprida, a cauda mais extensa que o corpo, conica, de pennas estreitas, a plumagem lisa e a cabeça encimada por uma especie de poupa.

CARACTERES ESPECIFICOS

O cuco rabilongo tem a cabeça cinzenta, as costas e o ventre trigueiros, a garganta, as partes lateraes do pescoço e o peito amarellos cambiando para avermelhado, as coberturas das azas e as remiges secundarias marcadas na extremidade por uma larga mancha branca, triangular, os olhos castanhos escuros, o bico vermelho e os pés cinzentos esverdeados.

Este trepador mede approximadamente quarenta e um centimetros de comprido, incluida a cauda que tem vinte e quatro.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

O cuco rabilongo é originario d'Africa. Ha regiões do Egypto e da Nubia em que é commum e na Arabia e na Palestina não é raro. Vem regularmente á Europa todos os annos. Aninha na Hespanha, apresenta-se frequentemente na Italia e menos vezes na Grecia. Apparece annualmente na Alexandria na epocha das emigrações e passa o inverno nas florestas virgens da Africa central.

Encontra-se no nosso paiz, onde todavia é raro.

COSTUMES

No Egypto o cuco rabilongo procura os pequenos bosques de mimosas que se encontram aqui e além junto do Nilo. Um pequeno bosque, affirma Brehm, cuja volta se póde dar n'um quarto de hora contem oito ou mesmo dez pares d'estes trepadores, ao passo que podem n'outras condições percorrer-se muitas leguas sem vêr um só.

O cuco rabilongo é sociavel ou solitario? Divergem notavelmente as

opiniões. Allen diz que elle vive ordinariamente aos pares; Heuglin affirma nunca o ter visto senão solitario e Brehm julga que a vida em sociedade é para este trepador a regra e a vida solitaria a excepção.

O cuco rabilongo vôa como o cuco cantor. É este, talvez, entre as duas especies o unico ponto de contacto; no resto differem consideravelmente.

O cuco rabilongo habita um dominio muito menos extenso que o cuco cantor. É ciumento, mas não tanto como este; os machos, é certo, batem-se com ardor, mas nunca com a raiva dos cucos cantores.

O vôo do cuco rabilongo é leve e rapido; a ave passa com a rapidez do gavião atravez das brenhas mais espessas, sem parar um instante. De ordinario porém, não vôa muito longe.

O cuco rabilongo raras vezes pousa em terra. Dá caça aos insectos, voando. Se prevê um perigo qualquer, foge immediatamente para uma arvore. Se o perigo se approxima, deslisa silenciosamente por entre os ramos e abandona a arvore pelo lado opposto áquelle por que é attacado.

A voz differe da do cuco cantor; pode, segundo Allen, notar-se pelas syllabas *kiau, kiau*.

O regime alimentar d'esta ave é insectivoro.

Relativamente á reproducção, sabe-se hoje que o cuco rabilongo tem habitos semelhantes aos do cuco cantor: tambem não choca os seus ovos, deixando este cuidado ás pegas. Este facto que muito tempo foi posto em duvida, acha-se hoje plenamente confirmado. Parece caber a Brehm a gloria da descoberta.

CAPTIVEIRO

Segundo Allen, o cuco rabilongo habitua-se rapidamente ao captiveiro e attinge um certo grao de domesticidade. Dá-se com uma alimentação consistindo exclusivamente em carne. Come muito.

UTILIDADE

O cuco rabilongo é util, como todas as aves insectivoras. Pode d'esta especie dizer-se o mesmo que foi dito da anterior.

O CUCO INDICADOR

Esta especie pertence ao genero *Indicator*, cujos individuos se caracterisam assim: teem o bico mais curto que a cabeça, forte, quasi recto, comprimido lateralmente, pés curtos e fortes, tarsos mais curtos que o dedo externo, dedos compridos, sem serem fracos, azas compridas, ponteagudas, muito largas, sendo a terceira remige a mais comprida, cauda de comprimento medio, formada de doze pennas, sendo as duas externas muito curtas, arredondadas e ligeiramente chanfradas no meio, sendo as duas rectrizes medianas um pouco mais curtas que as contiguas.

CARACTERES ESPECIFICOS

O cuco indicador tem as costas trigueiras, o ventre branco acinzentado, a garganta negra, uma pequena mancha auricular de um branco acinzentado, algumas pennas das coxas raiadas de negro, as remiges trigueiras, as espaduas marcadas por uma mancha amarella, as rectrizes medianas trigueiras, as outras trigueiras nas barbas externas e brancas nas internas, as trez mais externas brancas com a ponta trigueira, o bico branco-amarellado e os pés côr de castanha.

Esta especie mede dezoito centimetros de comprido, incluida a cauda que tem sete.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

O cuco indicador encontra-se espalhado por toda a Africa desde o Cabo até ao decimo sexto grao de latitude norte. Em algumas regiões porém, parece não existir senão de passagem, no Sudan oriental e em Habesch, por exemplo.

COSTUMES

Esta especie tem a faculdade de descobrir os ninhos das abelhas, de cujos ovos e mel se alimenta. Assim denuncia ao homem a existencia dos

favos; d'onde, provavelmente, o nome de indicador. Quando este cuco descobre algum ninho de abelhas, vem collocar-se em sitio de passagem e, desde que vê alguem, bate as azas, canta e por diversos movimentos convida o viajante a seguil-o. Quando percebe que o ouviram, vôa de arvore em arvore até chegar ao sitio em que as abelhas teem escondido o seu thesouro e principia então a cantar melodiosamente. O abyssinio apanha então o mel, deixando uma parte para o cuco, como recompensa da sua denuncia.

Na descripção de uma viagem á Abyssinia lê-se: «O cuco indicador pousou no cimo de uma arvore e, voltando-se para o nosso lado, repetia o seu grito *cuic, cuic* movendo e agitando a cauda até que nos viu levantar, dispostos a seguil-o. Tomou então o vôo, indo pousar n'uma arvore proxima, sempre voltado para nós e continuando a chamar-nos.

«Assim o fomos seguindo até á arvore onde o cortiço existia; chegado ahi, pousou n'um ramo, soltou vigorosamente a voz dobrando o canto, agora differente do anterior, e prolongado por tanto tempo quanto o que gastamos em tirar o mel. Terminada a operação o indicador principiou a comer os restos que ficaram, justa recompensa do seu trabalho.»

A femea do cuco indicador não choca os ovos; observações ultimamente feitas demonstraram que, á maneira do cuco cantor, ella deposita os ovos nos ninhos de outras aves, declinando n'ellas o cuidado de velarem a incubação. Não resta hoje duvida sobre este ponto.

UTILIDADE

Esta ave, denunciando ao homem os logares em que as abelhas depositam o mel, é excessivamente util; por isso é geralmente estimada e tida sob a protecção da nossa especie. Essa protecção é notavel na Africa, ao sul principalmente. Os hottentotes vêem mal quem quer que attente contra a vida do cuco indicador. Sparmann diz que, apesar de ter promettido valiosas remunerações a uns hottentotes que o acompanhavam para que o ajudassem a apanhar um indicador não conseguiu alcançar d'elles o que queria; á promessa de offertas responderam os indigenas dizendo que o indicador — era um amigo que não atraiçoariam.

OS CROTOPHAGOS

Teem o corpo alongado, o bico encimado por uma aresta saliente, os pés vigorosos, as azas medianas, a cauda comprida, larga, arredondada, formada de oito pennas, a plumagem farta e brilhante, a raiz do bico cercada de sedas, a linha naso-ocular e a região ocular desnudadas. O interior da mandibula superior é occo e a porção cornea é formada de cellulas de paredes muito finas, como nos tucanos.

Podem considerar-se como estabelecendo a transição dos cucos para os tucanos.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

A familia dos crotophagos habita a America central e meridional.

COSTUMES

O genero de vida dos crotophagos assemelha-se ao das pegas, das gralhas e dos tucanos.

Vêem-se sempre em sociedade, tanto ao pé das habitações como no meio das florestas ou das *steppes;* conservam-se de preferencia no fundo dos valles, nos campos humidos e sempre perto do gado. Não têem medo do homem e são até, muitas vezes, de uma impudencia notavel.

O modo de reproducção d'estas aves é curioso. Os crotophagos chocam em sociedade, ordinariamente; quer dizer muitas femeas veem pôr no mesmo ninho, ahi chocam em commum e criam juntas os filhos.

OS ANÚS

É este um genero importante da familia que acabamos de estudar.

CARACTERES

Assemelham-se alguma coisa á pega. São elegantes, teem a cabeça pequena, o bico do mesmo comprimento que a cabeça, elevado ao nivel da raiz, de aresta dorsal em forma de cimeira e prolongando-se sobre a região frontal, de ponta fortemente recurva para baixo, de bordos maxillares lisos, os tarsos altos e fortes, o dedo anterior e externo tendo duas vezes o comprimento do interno, o dedo externo do comprimento do pollegar, as azas compridas e obtusas, sendo a quarta remige a mais comprida e a cauda tão comprida como o tronco.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Habitam o Brazil e toda a America meridional.

O ANÚ COROYA

É este o nome vulgar da especie que em nomenclatura linneiana se denomina *crotophaga major*.

CARACTERES

Este trepador é um pouco maior que a pega e de formas mais elegantes. O bico é um pouco mais comprido que a cabeça, mais forte e menos comprimido lateralmente que o das outras especies, de ponta pouco recurva, não coberto pela cimeira senão na metade posterior. As pennas do pescoço e da nuca são compridas e ponteagudas, as do dorso e do peito muito longas.

O anú coroya na idade adulta é de um azul escuro, cambiando para verde no peito e para violeta na cauda. Os olhos são verdes claros; o bico e o espaço desnudado que cerca os olhos são negros e os pés trigueiros escuros.

Este trepador mede approximadamente cincoenta e um centimetros de comprido sobre sessenta e um de envergadura.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Esta especie é commum no Brazil.

O ANÚ PEQUENO

Este é o nome vulgar correspondente á denominação scientifica de *crotophaga minor*.

CARACTERES

O anú pequeno apresenta dimensões inferiores ás da pega; tem pouco mais ou menos o tamanho de um cuco. O bico é do comprimento

da cabeça, pouco mais ou menos, fortemente recurvo na ponta, com a crista da mandibula superior elevada e cortante. A côr dominante d'esta ave é o azul escuro; as pennas da parte anterior do corpo apresentam reflexos violetas nos bordos. As pennas da cabeça são largas. Os olhos são pardos, o bico e os pés negros.

Este trepador mede trinta e sete centimetros de comprido sobre quarenta e dois de envergadura.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Esta especie, como a anterior, é muito vulgar em todo o Brazil.

O ANÚ DE BICO RUGOSO

Cortophaga rugirostris é o nome dado em nomenclatura scientifica a esta especie.

CARACTERES

O anú de bico rugoso é um pouco maior que a especie precedente. O bico é mais fino e a cimeira alongada que o cobre apresenta quatro ou cinco rugosidades transversaes. A plumagem d'esta ave é de um azulado escuro com reflexos pouco brilhantes. As pennas da cabeça, do pescoço e da parte anterior do peito são circuitadas de um violeta acobreado; as das costas e do ventre são circuitadas de verde com reflexos metalicos côr de castanha. Os olhos são pardacentos e o bico e os pés são negros.

O anú de bico rugoso mede trinta e oito centimetros de comprido.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Esta especie habita a Guiana e o Brazil, sendo commum nos terrenos humidos.

COSTUMES COMMUNS DOS ANÚS

Os anús são principalmente communs nas florestas, nas brenhas e ao longo dos cursos d'agua.

Segundo Gosse, elles gostam de pousar de manhã sobre as arvores pouco elevadas, aquecendo-se ao sol com as azas abertas; conservam-se n'esta posição muito tempo, quasi immoveis. Nas horas mais quentes do meio do dia descem aos pontos mais baixos e mais ensombrados e conservam-se por largo tempo com o bico aberto aspirando o ar fresco a plenos pulmões.

Os anús não são deselegantes. Em terra saltitam erguendo simultaneamente os dois pés e ás vezes correm movendo os membros um após outro. Nas arvores são muito ageis; correm e saltam com rapidez de ramo em ramo. Quando abandonam uma arvore é sempre pelo lado opposto aquelle por que a treparam. Voando, apresentam um aspecto singularissimo: conservam na mesma linha o corpo, a cauda, a cabeça e o bico e agitam muito pouco as azas. Isto faz com que, no dizer de Gosse, mais pareçam no ar peixes do que aves.

O regime alimentar dos anús é variado. Alimentam-se principalmente de insectos e de vermes; em certas occasiões porém, comem exclusivamente fructos. Devoram tambem toda a sorte de parasitas que atormentam os animaes de cornos; e é mesmo por isso que todos frequentam os pastos. Correm e saltam sobre o dorso dos grandes mamiferos, sem que estes com isso se incommodem. Sobre o dorso dos bois, quer elles estejam em pé, quer deitados, encontra-se sempre um grande numero d'estes trepadores. A amisade que existe entre os bois e os anús é, de resto, assignalada por todos os naturalistas.

Tambem voando dão caça aos insectos. «No mez de Dezembro, diz Gosse, vi um bando pouco numeroso de anús, empoleirados n'um ramo d'arvore, d'onde voavam incessantemente, sem duvida para apanharem

insectos que passavam junto d'elles, voando. Um dia no mez de Março e um outro dia em Maio, a minha attenção foi sollicitada por alguns anús que perseguiam uma grande borboleta; uma vez vi um que levava um pequeno insecto no bico e observei alguns que perseguiam lagartos.» [1]

O numero d'ovos de cada postura varia entre quatro e seis; são do tamanho de ovos de pombo. A camada superficial é branca e a subjacente verde. Burmeister crê que o revestimento externo branco é um verdadeiro inducto de que o ovo se cobre em quanto permanece na cloaca; este naturalista compara-o á substancia cretacea da urea de que se cobrem os excrementos das aves. A camada branca é rugosa, ao passo que a verde subjacente é polida.

Os filhos, no dizer de Schomburgk, abandonam o ninho antes de poderem voar; saltitam no meio dos ramos, em companhia dos paes, mostrando tanta agilidade como estes. Quando um perigo se approxima, os paes voam soltando gritos selvagens e os filhos atiram-se a terra para se occultarem no meio das hervas.

CAÇA

A caça aos anús é facil, porque estas aves são pouco timidas. «Como as outras aves do deserto, estas, diz Humboldt, confiam tanto no homem que muitas vezes uma creança pode apanhal-as á mão. No valle de Aragua, onde são muito communs, vinham muitas vezes pousar-se, em pleno dia, no banco em que estavamos deitados.» [2] É de notar porém, que a tiro são difficeis de apanhar, porque teem uma grande resistencia vital e, se não são feridos na cabeça ou no peito, fogem com extraordinaria rapidez, internando-se nas brenhas.

---

1 Citado por Brehm, *Obr. cit.*, pg. 191.
2 Citado por Brehm, *Loc. cit.*, pg. 192.

OS COCCYZOS

Na fauna do Novo-Mundo estas aves occupam um logar analogo ao dos cucos no antigo continente.

CARACTERES

Teem o bico quasi do comprimento da cabeça, fraco, comprimido, ligeiramente recurvo, agudo, tarsos curtos, azas compridas, sendo a terceira remige a maior,. cauda extensa, conica, formada de dez pennas estreitas e arredondadas na extremidade.

O COCCYZO AMERICANO

Esta ave é conhecida entre os indigenas pelo nome vulgar de *cuco das chuvas.*

CARACTERES

Tem as costas castanhas claras, o ventre branco acinzentado, as barbas internas das primeiras remiges bordadas de amarello alaranjado. As rectrizes, excepto as medianas, são negras de ponta branca e as mais lateraes brancas nas barbas externas. Os olhos são castanhos escuros; a mandibula superior é trigueira e a inferior amarella. Os pés são côr de chumbo.

Esta ave mede trinta e quatro centimetros de comprido sobre quarenta e quatro de envergadura.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Habita toda a America, mas principalmente a do sul.

COSTUMES

Diz Wilson: «O estrangeiro que nos mezes de Maio e Junho percorre as florestas dos Estados-Unidos, ouve algumas vezes sons gutturaes, baixos, que parece poderem notar-se *kau, kau;* estes sons principiam lentamente, mas acabam por precipitar-se de tal modo que as notas parecem confundir-se. O estrangeiro ouve estes gritos sem ver a ave que os solta, porque esta ave é timida, solitaria e procura sempre para estabelecer-se as brenhas mais cerradas. É o *cuco de bico amarello* ou o *cuco das chuvas,* uma ave de estio dos Estados-Unidos. Chegada aos Estados centraes no meio de Abril, e aos do norte no fim d'este mez ou mesmo só no começo de Maio, ahi se conserva até Setembro, epocha em que se reune aos seus semelhantes, formando grandes bandos, que se dirigem todos para a America central onde passam o inverno.» [1]

No dizer de Brehm, esses bandos são numerosissimos e distribuem-se por uma vasta extensão.

Na primavera esta especie encontra-se em toda a America; quando se está prevenido com um certo conhecimento dos seus habitos de vida, não é difficil observal-a. O maior numero d'estas aves estabelecem-se nas florestas; muitas porém, alojam-se perto das habitações, nos vergeis e nos jardins. Os machos denunciam-se pelos gritos *kau, kau* ou *kuk, kuk* que soltam continuamente. «No tempo quente, diz Nuttall, gritam horas inteiras sem descanço e até durante a noite.» [2]

O coccyzo americano move-se nos ramos com extraordinaria rapidez; raras vezes desce a terra e, se o faz, saltita com uma deselegancia e falta de geito inacreditaveis. Vôa rapidamente e sem ruido, mas quasi

[1] Citado por Brehm, *Obr. cit.*, vol. 4.º, pg. 184.
[2] Citado por Brehm, *Loc. cit.*, pg. 185.

*

nunca por muito tempo; de ordinario pára na primeira arvore onde lhe pareça que encontrará segurança.

Esta ave alimenta-se de insectos e de fructos. É accusada, talvez com motivo, de exercer a rapinagem nos ninhos das pequenas aves.

O modo de reproducção da especie que nos occupa, demonstra que ella mantem, com effeito, laços de parentesco com os cucos e que os nomes indigenas que lhe dão são motivados. Em verdade, ella deposita muitas vezes os seus ovos em ninhos de outras aves. Porém tambem faz ninho proprio; e este assemelha-se ao do pombo commum. Os ovos são quatro ou cinco, alongados e de um verde accentuado.

INIMIGOS

O homem não costuma attacar esta ave, razão por que ella é de uma temeridade notavel. Tem comtudo um poderoso inimigo—o falcão.

O COUA-SASSI

É este o nome vulgar correspondente á denominação linneiana de *cuculus naevius*.

CARACTERES

Esta ave tem uma plumagem trigueira avermelhada nas partes superiores do corpo e a cauda muito comprida e tambem trigueira avermelhada escura.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Esta especie é muito vulgar em todo o Brazil onde os indigenas lhe dão o nome por que a designamos.

OS SURUCUAS

Estas aves teem o bico largo e alto, a mandibula superior convexa, de ponta recurva e gancheada, de bordos chanfrados, azas curtas e obtusas, cauda de comprimento medio, conica e plumagem molle e frouxa, de pennas largas.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Habita as florestas do Brazil e do norte do Paraguay.

O SURUCUA VERDE

No Brazil dá-se a esta ave trepadora o nome vulgar de *Pompeo.*

CARACTERES

Tem a região frontal, a região facial e a garganta negras, o vertice da cabeça, a nuca, os lados do pescoço e o peito de um bello azul com reflexos verdes, as costas, as espaduas e as pennas superiores das azas de um verde bronze, o ventre e o uropigio de um amarello vivo, o bordo das azas e as remiges negros, as rectrizes medianas verdes, as outras negras, circuitadas de verde bronzeado e as trez externas brancas na ponta.

A femea tem as costas de um cinzento escuro, o ventre amarello claro e as pennas superiores das azas finamente raiadas de branco em sentido transversal. Os olhos são n'um e n'outro sexo castanhos, o bico é branco esverdeado e os pés são quasi negros.

A especie mede approximadamente trinta e cinco centimetros de comprimento sobre cincoenta e dois de envergadura; o comprimento da aza é de dezeseis centimetros e o da cauda de quinze.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

É commum nas florestas do Brazil e na Guyana.

COSTUMES

As planicies e as montanhas são logares que conveem ao surucua verde, desde que sejam arborisados; este trepador encontra-se mesmo nas costas, n'aquellas regiões em que as florestas virgens se adiantam até á beira do mar.

A voz do surucua verde consiste n'um assobio monotono, muito curto, repetido varias vezes.

O surucua verde não é timido; consente que se approximem d'elle.

Conserva-se horas inteiras immovel sobre um ramo descoberto a uma pequena altura do solo, com o pescoço encolhido, a cauda pendente, espiando os insectos. Ordinariamente encontra-se solitario ou quando muito aos pares; Bates porém affirma ter encontrado pequenos bandos

de seis individuos empoleirados nos ramos baixos. Se um insecto passa por perto d'este trepador, este ergue-se n'um vôo silencioso como o do mocho, apanha-o e volta ao logar d'onde partira.

Esta ave não é exclusivamente insectivora; tambem come fructos.

A actividade do surucua verde é principalmente notavel de manhã, ao erguer do sol; é precisamente então que toda a floresta echoa com os seus gritos.

Faz ninho nas arvores em buracos que cava ás bicadas junto dos pontos em que os insectos se estabelecem. Durante a estação do ardor genesico solta repetidas vezes um grito que pode notar-se pelas syllabas *pio, pio*. Em Setembro está terminada a construcção do ninho e a femea põe então dois a quatro ovos brancos.

CAÇA

É facil matar o surucua verde, por que elle é, como dissemos, confiado, nada timido. Quando o caçador o não vê, chama-o imitando-lhe o grito.

UTILIDADE

Vivo, é utilissimo pela caça que dá aos insectos. Morto, ainda nos é de vantagem pela carne, que é muito delicada.

OS ARAÇARIS

Os araçaris teem o bico relativamente pequeno, alongado, arredondado, mediocremente comprimido para a ponta, de bordos cortantes, mais ou menos chanfrados, narinas abertas no sulco do bico, dos dois lados da crista frontal, que é um pouco achatada, azas curtas, muito ponteagudas, sendo a terceira penna a mais comprida, e emfim uma cauda

extensa, conica e ponteaguda. A plumagem é ornada de côres vivas, entre as quaes predominam o verde e o amarello.

A femea differe muitas vezes do macho pela plumagem.

O ARAÇARI

Esta especie é uma das mais communs e pode mesmo considerar-se como typo do genero; d'aqui o ser designada sem qualificativo pelo nome de araçari.

CARACTERES

Tem as partes superiores de um verde carregado, com brilho metalico, a cabeça e o pescoço negros, a região facial de um escuro violeta, o peito e o ventre de um verde amarello claro, o uropigio vermelho, a cauda de um verde escuro na face superior e de um pardo esverdeado na face inferior, os olhos castanhos com um circuito de pelle desnudada, côr de ardosia, a mandibula superior de um branco amarellado, excepto a aresta que é negra, assim como o angulo da bocca e a mandibula inferior, sendo esta ultima circuitada de branco na base, e os pés cinzentos esverdeados.

Esta especie tem quarenta e sete centimetros de comprido; o comprimento da aza é de dezeseis centimetros e o da cauda de dezoito.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Habita as florestas virgens da America.

COSTUMES

O principe de Wied affirma ter encontrado o araçari em todas as florestas virgens do Brazil que percorreu. É ahi vulgar, segundo este naturalista, e vive á maneira dos tucanos.

Ahi se encontra empoleirado n'um ramo, no cimo de uma arvore elevada, soltando de tempos a tempos um grito breve, dissyllabico que pode notar-se *kulik, kulik.* Vive aos pares ou em pequenos bandos. Durante a estação fria abandona muitas vezes as florestas e chega perto das costas á visinhança das plantações.

O vôo d'este trepador é ondulado como o dos tucanos e não exige muitos movimentos de azas. Em repouso agita a cauda como as pegas.

Aninha nos troncos d'arvores carcomidas. Cada postura é de dous ovos.

Schomburgk affirma que este trepador se alimenta exclusivamente de fructos, ao passo que Burmeister diz que elle come tambem insectos.

Diz Bates que quando se fere um araçari, todos os companheitos correm em defeza d'elle, gritando junto do aggressor. Deu-se o facto uma vez com o naturalista que acabamos de citar. Tendo atirado sobre um araçari que apenas conseguiu ferir e que gritava violentamente, viu-se n'um momento como que cercado por uma enorme multidão d'outros companheiros que tambem gritavam e batiam as azas tão perto do caçador que este, affirma, poderia tel-os espancado se possuisse á mão uma bengala.

CAPTIVEIRO

No dizer de Schomburgk, os indigenas reduzem muitas vezes ao captiveiro os araçaris que se domesticam muito rapidamente.

USOS E PRODUCTOS

A carne dos araçaris é boa e no tempo frio muito gorda. Isto explica a caça que então lhe fazem no Brazil.

OS TUCANOS

Estes trepadores teem o bico muito grande, muito espesso na base, fortemente comprimido na ponta, de aresta aguda, os tarsos fortes, elevados, cobertos de grandes escamas chatas, os dedos compridos, a cauda curta, arredondada e as azas curtas e obtusas, sendo a quarta e quinta remiges as mais compridas.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Os tucanos habitam as florestas virgens da America, como os araçaris.

COSTUMES

Vivem solitarios ou aos pares e só excepcionalmente em bandos; preferem as florestas virgens para logar de habitação e evitam a presença do homem.

O TUCANO DE PAPO BRANCO

É esta a maior de todas as especies.

1. O Tucano de papo amarello. — 2. O Tucano de papo branco.

Magalhães & Moniz, Editores.

CARACTERES

É negro, tendo porém a garganta, a parte anterior do pescoço, o peito e as pennas superiores da cauda brancas e o uropigio vermelho claro. O bico é muito grande e muito elevado, com algumas chanfraduras nos bordos e côr de laranja. As costas e a ponta da mandibula inferior são côr de fogo; a ponta da mandibula superior e o bordo posterior do bico são negros. Os olhos, a linha naso-ocular e a região temporal são côr de fogo; as palpebras são azues escuras e os pés azulados.

Esta especie mede sessenta centimetros de comprido; a extensão da aza é de vinte e quatro centimetros e a da cauda de quatorze.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

O tucano de papo branco habita as partes elevadas da America do Sul, desde a Guyana até ao Paraguay.

O TUCANO DE BICO VERMELHO

Os indigenas dão a este trepador o nome de *kireina*.

CARACTERES

Este tucano é um pouco mais pequeno e mais elegante que o anterior, com o qual porém se assemelha. O bico é vermelho, amarello na base e na crista. Tem a garganta branca, circuitada inferiormente por uma larga facha vermelha. O uropigio é amarello.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Habita a America do Norte.

O TUCANO DE TEMMINCH

Esta especie tem a parte anterior do pescoço amarella, circuitada de claro, o peito atravessado por uma raia vermelha, o uropigio vermelho, o bico negro, excepto na base onde o circuita uma larga raia amarella clara, os olhos azulados e os pés côr de chumbo.

Mede cincoenta e um centimetros de comprido sobre cincoenta e oito de envergadura; a extensão da aza é de dezenove centimetros e a da cauda de dezesete.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Vive nas florestas ao longo das costas do Brazil.

COSTUMES COMMUNS DOS TUCANOS

Todas as especies de tucanos apresentam precisamente os mesmos costumes; o que nos permitte tratar abreviadamente este ponto n'um artigo unico.

Os tucanos ordinariamente conservam-se sobre as arvores mais ele-

vadas. Alli procuram os alimentos, saltando de ramo em ramo com mais ligeireza do que á primeira vista se supporia.

O grito que soltam tem uma tal ou qual analogia com a palavra *tucano*. «Muitas vezes, diz Bates, vê-se uma sociedade de quatro ou cinco individuos conservar-se horas inteiras n'um ramo d'arvore, fazendo ouvir os seus gritos singulares. Um d'elles empoleirado mais alto parece ser o regente da orchestra n'este concerto discordante.» [1] Soltam tambem gritos de reclamo quando se acham occultos na folhagem. Segundo affirmação dos indigenas, os tucanos gritam muito na proximidade das chuvas, sendo este um rigoroso prenuncio do tempo.

Voam bem; passam de uma arvore a outra lentamente, sem agitarem muito as azas; quando porém, carecem de atravessar grandes espaços, o vôo torna-se brusco e conservam durante o percurso a cabeça um pouco inclinada para terra. Azara diz que elles voam em linha recta e horisontalmente, batendo as azas com ruido e por intervallos deseguaes, mas avançando mais depressa do que poderia esperar-se vendo-os.

Os tucanos são, sem excepção, ageis, alegres, timidos e ao mesmo tempo curiosos. Fogem do homem; para os surprehender, o caçador precisa de muita habilidade e de muita experiencia. Comtudo, gostam de fazer negaças ao caçador, voando, como o gaio, adiante d'elle, mas sempre fóra de alcance e tendo o cuidado, quando voam, de pousar em sitio bem occulto.

Dão muita attenção a tudo quanto os cerca, sendo sempre elles os primeiros a descobrir o inimigo e a denuncial-o a todas as aves.

São tambem vigorosos, bem armados e perfeitamente capazes de pôr em fuga as pequenas aves de rapina. Bates affirma que, sendo timidos e desconfiados quando se encontram em pequenos bandos, os tucanos perdem toda a prudencia quando se encontram em grande numero.

Qual é o regime alimentar dos tucanos? Os naturalistas estão longe de ter chegado a um accordo sobre este ponto. Schomburgk crê que elles não comem senão fructos. Bates, sem ser tão exclusivo, suppõe ainda assim que os fructos constituem o fundo da alimentação d'estes trepadores, que teem o bico perfeitamente organisado para os colher. Azara diz que elles se não limitam a uma alimentação vegetal, mas que destroem grande numero d'aves e de ovos. Humboldt diz que elles tambem comem peixes. Brehm, emfim, acceita as opiniões d'estes dois ultimos naturalistas, porque todos os tucanos que tem visto em captiveiro comem não só substancias vegetaes, mas tambem carnes e productos animaes, dando caça activa aos pequenos vertebrados. Este ultimo facto, principalmente,

[1] Citado por Brehm, *Loc. cit.*, vol. 4.º, pg. 204.

parece demonstrativo das opiniões de Azara, Humboldt e Brehm. Com effeito, como admittir que os tucanos persigam os pequenos vertebrados se não existe para elles um regime animal?

Ácerca do modo de reproducção dos tucanos sabe-se apenas que elles aninham nos troncos d'arvores carcomidas e põem dois ovos brancos. Os filhos revestem depressa uma plumagem identica á dos paes; o bico porém só dos dois para os trez annos toma a côr definitiva.

CAÇA

No Brazil faz-se aos tucanos uma guerra muito activa. O principe de Wied diz ter matado muitos n'um só dia. Bates affirma que em Ega, aldêa das margens do Amazonas, não ha um habitante só que não seja mais ou menos caçador de tucanos.

USOS E PRODUCTOS

A caça de que são victimas os tucanos justifica-se pela circumstancia de ser a sua carne muito saborosa e tenra e de servirem as suas pennas para a confecção de ornatos de que usam muitos povos da America.

CAPTIVEIRO

Os tucanos, quando se apanham novos, tornam-se captivos muito agradaveis. No dizer de Humboldt, os tucanos domesticam-se com facilidade e são corajosos: o bico serve-lhes de arma defensiva. Estabelecem-se em casa como dominadores absolutos e roubam e escondem quanto podem apanhar. Schomburgk diz egualmente ácerca de um certo tucano captivo que observara: «Tinha-se tornado senhor e chefe não só de todas as aves, mas ainda de grandes quadrupedes; todos, grandes e pequenos, se curvaram ao seu sceptro de ferro.» Conta este mesmo naturalista que todas as dissensões entre os animaes captivos cessavam como por encanto desde que o tucano apparecia. Quando se atirava pão ou qualquer outro alimento ao meio dos captivos, nenhum se atrevia a tocar-lhe antes que o tucano se saciasse. Se algum animal estranho se apossava dos alimentos, o tucano fazia-lhe sentir a sua auctoridade de

senhor despotico, dando-lhe fortes bicadas. Um dia porém, foi extremamente infeliz, porque aggrediu um cão grande e vigoroso que respondeu ao aggravo matando-o. Bates, Broderipe e Vigors confirmam as affirmações dos naturalistas citados.

Uma qualidade caracteristica dos tucanos e que os torna muito estimaveis em captiveiro, é a limpeza.

OS PAPAGAIOS

Os papagaios são aves trepadoras sobre as quaes tem em todos os tempos incidido a attenção dos naturalistas. D'estes uns, como Cuvier, a quem seguimos, fazem d'elles sómente uma familia das aves trepadoras; outros, como Brehm, consideram-os tão singulares, tão inteiramente distinctos das outras aves, que os constituem n'uma ordem.

Vamos em seguida apresentar o que na generalidade se tem dito sobre estas aves, transcrevendo uma grande parte do artigo que Brehm consagra a este ponto interessante.

CONSIDERAÇÕES GERAES

«Os papagaios, escreve Brehm, são macacos alados. Tal é não só a opinião da gente estranha á sciencia, mas ainda a do naturalista. Nunca se fez entre animaes de classes differentes comparação mais justa. Eu não me basearei porém, sobre este parallelo para estabelecer que os papagaios são as aves mais elevadas; todos os caracteres que lhes são proprios bastam para assegurar-lhes este logar.

«Exceptuando alguns naturalistas que já citei, nenhum outro concorda em assignar aos papagaios senão um logar inferior na classe das aves. Estes naturalistas deixaram-se illudir por um caracter que os papagaios teem de commum com aves menos bem dotadas: a forma do pé. Os papagaios, os petos, os cucos, os tucanos, os jacamaciras são aves trepadoras, isto é teem em cada pé quatro dedos dirigidos — dois para

diante e dois para traz. De ordinario, a estructura dos pés constitue apenas um caracter secundario; n'este caso porém, elevaram-o á cathegoria de caracter dominante, instituindo por esta forma uma ordem que contem os animaes menos parecidos e que não teem entre si, a maior parte das vezes, mais que um ponto unico de semelhança. Os trepadores não constituem uma ordem natural, contendo aves semelhantes entre si e bem distinctas de outras aves; são a prova de que se não deve ligar uma grande importancia á forma dos pés. Os pica-paus, o trepador vulgar e outras aves trepam tão bem como os verdadeiros trepadores e o pica-pau de trez dedos não é menos agil que os seus congéneres de quatro dedos oppostos. [1]

«Não creio que se possa apreciar o pé das aves trepadoras melhor do que comparando-o á cauda constrictora dos mamiferos. Um e outro d'estes orgãos permittem aos animaes que os possuem passarem a vida nas arvores e dão-lhes a faculdade de se prenderem solidamente aos ramos e troncos. Mas nem um nem outro se encontram exclusivamente em seres muito visinhos na serie natural; pelo contrario, observam-se em especies muito differentes, tendo aliás um genero identico de vida.

«Além d'isso, o pé das aves trepadoras não é sempre construido segundo o mesmo typo; varía pelo menos tanto como os outros caracteres que distanceiam estas aves. O pé do papagaio é inteiramente differente do pé dos outros trepadores; distingue-se especialmente pela estructura dos ossos do tarso que, mais que em qualquer outra ave, se approxima do typo da mão.

«Nós vemos pois que os papagaios devem ser completamente separados dos outros trepadores e principalmente d'aquelles em que a acção de trepar é a mais habitual, por exemplo dos petos. O meu amigo Weinland porém, crê achar uma grande semelhança entre a lingua dos petos e a dos papagaios e serve-se d'esta circumstancia para approximar os dois grupos. Nota que em ambos a lingua é um orgão tactil; elle deveria no entanto lembrar-se de que esta particularidade se encontra, pelo menos tão desenvolvida, em outras aves, nas aquaticas, por exemplo. A lingua dos papagaios assemelha-se tanto á dos petos como a dos macacos á dos formigueiros. Contrariamente á opinião de Weinland, a forma da lingua serve mais para separar os trepadores do que para os unir.

«O mesmo acontece com todos os outros orgãos: os petos e os

[1] Crêmos ter explicado sufficientemente este ponto, mostrando o inconveniente da denominação *aves trepadoras*. Enviamos o leitor para a pg. 14 d'este volume—Considerações geraes sobre a ordem das aves trepadoras.

papagaios formam dois grupos isolados, bem distinctos, no meio dos outros trepadores.» [1]

Para sermos completo, não podiamos deixar de transcrever as opiniões de Brehm, embora as não sigamos.

CARACTERES

O caracter essencial dos papagaios consiste na forma especial do bico, forma que lhe é particular e que se não encontra em nenhuma outra ave, comquanto á primeira vista faça lembrar a do bico das aves de rapina pela curva da face dorsal. Por isso Stande, segundo affirma Brehm, n'uma classificação original das aves que propoz designou os papagaios pelo nome de *globirostros.* As differenças entre o bico do papagaio e o das aves de rapina são as seguintes: o bico do papagaio é mais forte, mais espesso, relativamente mais elevado e mais uniformemente desenvolvido. A raiz da mandibula superior é coberta por uma membrana molle e desprovida de pennas. Sobre a estructura d'este bico, diz Burmeister: «Sobre a mandibula superior do bico dos papagaios nota-se uma saliencia dorsal fina, mas bem pronunciada, da qual descem as duas faces lateraes medianamente convexas. Atraz, estas duas faces terminam-se insensivelmente por uma membrana curta, coberta por algumas pennas rijas, principalmente abaixo das narinas, e que se prolonga para o angulo da bocca. As narinas acham-se situadas na parte superior d'esta membrana; são redondas e cercadas de um rebordo elevado. Os bordos da mandibula superior apresentam, de ordinario, no meio uma saliencia em forma de dente obtuso, mais solida, mais cortante adiante do que atraz. A extremidade da mandibula é comprida, recurva em gancho e apresentando sulcos na face interna. A mandibula inferior é mais curta, espessa e pouco mais baixa ou mesmo mais alta que a superior; no meio apresenta muitas vezes uma ligeira saliencia longitudinal, correspondente ao angulo da maxilla. A pequena distancia d'esta primeira saliencia notam-se duas outras que se reunem adiante e limitam assim a parte terminal, larga, elevada e cortante da mandibula superior. Por diante d'estas saliencias o bordo superior da mandibula apresenta uma chanfradura

[1] Brehm, *Obr. cit.*, vol. 3.º, pg. 3.

que corresponde ao pseudo-dente da mandibula superior. A partir d'ahi a mandibula vae successivamente alargando-se para traz. As faces lateraes d'esta mandibula são mais ou menos convexas.»[1]

Os outros orgãos dos papagaios apresentam disposições menos caracteristicas. Segundo Burmeister que acabamos de citar, os pés são espessos, fortes, carnudos, mas baixos; o tarso é mais curto que o dedo medio e coberto de pequenas escamas. Os dedos são longos, de planta espessa e de face superior coberta de escamas. As unhas não são nem compridas, nem vigorosas; são fortemente recurvas e muito agudas.

A estructura das azas é a mesma em todos os papagaios. Os ossos são solidos, mas pouco extensos e as pennas, em numero de vinte a vinte e quatro, sem serem compridas, acham-se dispostas de modo a fazer parecer a aza ponteaguda, quando estendida.

A plumagem dos papagaios é muito resistente. As pennas são pouco numerosas, mas muito compridas, excepto na cabeça. As da cauda variam consideravelmente na forma e no comprimento.

Os olhos apresentam geralmente um circuito desnudado, de ordinario branco. Na maior parte das especies, as partes comprehendidas entre os olhos e o bico são cobertas de pennas, que perto da mandibula inferior, onde abundam mais, se dirigem para diante.

A plumagem nos papagaios é extremamente variavel sob o ponto de vista da côr; é certo porém que o verde predomina sempre. Este ponto especial da coloração será melhor estudado do que poderia sel-o aqui, quando tratarmos das differentes especies.

O esqueleto d'estes trepadores offerece particularidades dignas de interesse. A mais notavel de todas, diz Burmeister, é a articulação que existe entre o osso frontal e a mandibula superior, que se não encontra em nenhuma outra ave. O mesmo acontece relativamente á articulação do maxillar inferior com o osso tympanico; este apresenta um condylo muito alongado, que se articula com uma fosseta cavada na face interna do maxillar. O bordo da orbita é inteiramente fechado e osseo. Os ossos palatinos são muito grandes e estas disposições não se encontram nas outras aves.

A forquilha é muito pequena; repousa levemente sobre a crista esternal e falta completamente em certas especies. O esterno é muito grande, arredondado na extremidade.

Segundo o principe de Wied haveria nos pés d'estes trepadores mais um osso do que nas outras aves.

[1] Citado por Brehm, *Obr. cit.*, vol. 3.º, pg. 3 e 4.

Entre as partes molles a mais notavel é a lingua, orgão espesso, carnudo, conico e obtuso; ás vezes o seu bordo é cercado de dentes ou picos corneos.

O esophago alarga-se em papo. O ventriculo succenturiado separa-se por um canal liso do estomago propriamente dito, que tem as paredes finas e cobertas de villosidades na face interna. Não existe vesicula biliar, nem ceco, no dizer de Burmeister. O intestino tem de ordinario um comprimento duplo do corpo.

Giebel faz notar a presença de duas arterias carotidas e em alguns casos a ausencia da glandula coccygia.

A larynge inferior é provida de trez pares de musculos.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Os papagaios encontram-se em todas as partes do mundo, excepto na Europa. Habitam principalmente as zonas tropicaes. Na Asia e na Africa affastam-se menos do equador do que na America. Assim na America ha uma especie que se desvia até quarenta e dois graos de latitude norte e uma outra que vae até cincoenta e trez de latitude sul, ao passo que na Asia e Africa se não affastam mais que até vinte e sete graos de latitude norte.

COSTUMES

Brehm, insistindo na sua idéa de constituir os papagaios em grupo áparte, distincto do grupo dos trepadores, e mais perfeito que elle, principia por fazer notar o egual apuro dos sentidos n'aquellas aves. «Vamos vêr, diz elle, que, áparte pequeno numero de excepções, os papagaios se distinguem precisamente dos outros animaes da mesma classe pelo desenvolvimento uniforme dos sentidos. Nenhum é atrophiado, nenhum tambem se encontra extraordinariamente desenvolvido á custa dos outros. O falcão é notavel pela agudeza da vista, o mocho pela finura do ouvido, o corvo pelo olfato, o pato pela delicadeza do olfato, o peto pela sensibilidade do tacto, assim muitas outras aves. Mas o papagaio vê, cheira, ouve, gosta e apalpa egualmente bem. Não é preciso provar que

elle vê e ouve; para nos convencermos de que possue os outros sentidos basta observal-o: espirra depois de ter respirado fumo e reconhece com incrivel rapidez os fructos que são bons. Examine-se um papagaio domesticado a que se dá um pouco de assucar; veja-se tocando os objectos com a lingua ou passe-se-lhe levemente a mão pelas pennas e ficar-se-ha convencido de que é impossivel recusar-lhe o paladar ou o tacto.

«Os papagaios são muito intelligentes; é mesmo esta circumstancia que permitte chamar-lhes com justiça os *macacos alados*. Teem todas as faculdades desenvolvidas, todas as paixões e tambem todos os defeitos dos macacos. Mas assim como são intelligentes, são caprichosos e inconstantes. São companheiros alegres e agradaveis; n'um dado momento porém, bruscamente, inesperadamente tornam-se seres insupportaveis. Teem memoria, prudencia e astucia; teem a consciencia do que valem; são altivos, corajosos, affectuosos, ternos mesmo em relação ás pessoas que estimam. São fieis mesmo até á morte ás pessoas amigas. São susceptiveis de instrucção e de disciplina, como os macacos. Mas são tambem colericos, maos e refalsados; conservam a memoria dos maos tractos e, como os macacos, são desapiedados para os fracos e para os desgraçados. Teem um caracter que é feito pela mistura de qualidades boas e de grandes defeitos.

«Tem-se querido, diz Brehm, collocar os papagaios inferiormente ás outras aves, porque não são rapidos nos movimentos. É verdade que não voam tão bem como o falcão, que não trepam tão agilmente como o peto, que não correm tão depressa como a gallinha, que não nadam com tanta segurança como o cysne. Mas não poderemos dizer o mesmo do homem? Na realidade os papagaios são muito ageis. As grandes especies voam pesadamente na apparencia, mas na realidade com rapidez. As pequenas especies voam maravilhosamente.» [1]

Ha muitos papagaios que parecem estranhos sobre o solo e saltitam mais do que marcham; mas ha tambem especies terrestres que correm com notavel rapidez. Não são bons nadadores e não mergulham; mas em qualquer outra circumstancia sabem servir-se dos membros melhor que as outras aves. Os pés tornam-se quasi mãos; e o bico é um orgão de que se servem para trepar.

A voz dos papagaios é forte e, mao grado a opinião de Brehm, um pouco desagradavel. Ha especies em que o macho canta; outras, que aprendem a assobiar arias.

Estes trepadores, como se sabe, chegam a imitar a voz e a palavra

[1] Brehm, *Obr. cit.*, vol. 3.º, pg. 6.

humana. N'isto excedem todos os animaes; fallam, isto é dizem phrases com conhecimento do que as palavras significam.

De ordinario, a existencia dos papagaios está ligada á das florestas; comtudo encontram-se algumas especies em planicies desprovidas de arvores e outras que ascendem os Andes para além dos limites da vegetação, trez mil e seiscentos metros acima do nivel do mar. Regiões d'Africa existem em que a presença dos papagaios anda ligada á dos macacos. Mas em geral pode dizer-se que quanto maiores forem as florestas e mais luxuriante a vegetação, mais communs serão os papagaios. Nas florestas dos tropicos formam a maxima parte da população alada.

Onde quer que habitem, affirma Brehm, sabem attraír as attenções. Embellezam as florestas com as côres vivas da sua plumagem e fazem-as echoar com as estridencias dos seus gritos. «É impossivel descrever o espectaculo magico que offerecem, diz Gould, os papagaios de plumagem vermelha, voando no meio das acacias de folhas prateadas da Australia. A plumagem esplendida destaca-se maravilhosamente sobre o fundo da paysagem.» [1] Mitchell diz tambem: «Os papagaios transformam as alturas em que vivem em regiões deliciosas.» [2] Audubon escreve: «Vi-os cobrir completamente os ramos, encostando-se uns aos outros tanto quanto é possivel.» [3] Schomburgk refere: «De manhã e á tarde vêem-se bandos innumeraveis de papagaios voarem gritando nos ares. Uma tarde vi um bando semelhante abater-se sobre as arvores das margens do rio; os ramos dobravam sob o pezo das aves.» [4] Humboldt diz: «É preciso ter vivido n'essas regiões e principalmente nos valles quentes dos Andes para comprehender como os gritos dos papagaios podem abafar completamente o rugido de uma corrente que se precipita de rochedo em rochedo.» [5] E Brehm exclama: «O que seriam sem elles as commoventes florestas dos tropicos? O jardim morto de um encantado, o dominio do silencio, o deserto. São elles que ahi fazem penetrar e que ahi conservam a vida, são elles que ahi nos sollicitam a attenção dos olhos e dos ouvidos.» [6]

Os papagaios vivem ordinariamente em sociedades ou bandos numerosos. Escolhem para morada um certo sitio d'onde sáem todos os dias para as suas excursões. Os membros de um mesmo bando conservam-se fieis uns aos outros, compartilhando inteiramente os favores e as amar-

[1] Citado por Brehm, *Obr. cit.*, vol. 3.º, pg. 6.
[2] Ibid.
[3] Ibid.
[4] Ibid.
[5] Ibid.
[6] Brehm, *Loc. cit.*, pg. 7.

guras da sorte. Todas as manhãs abandonam juntos o logar em que passaram a noite e se abatem sobre as arvores ou sobre os campos á busca de alimentos. Ha sempre sentinellas que se encarregam de velar pela segurança do bando e a cujos avisos todos dão uma grande attenção. Em caso de perigo todos fogem, todos voltam juntos ao ponto de partida, todos, emfim, vivem continuamente reunidos. «Nos tropicos logo ao amanhecer, diz o principe de Wied, os papagaios acordam; seccam as pennas humedecidas pelo orvalho, exercitam-se brincando, chamando-se com grandes gritos, dão mil voltas nas arvores e por fim voam á procura de alimentos. Á tarde voltam todos fielmente ao logar que lhes serve de abrigo para a noite.» [1]

Tschudi observou tambem no Peru as excursões quotidianas dos papagaios.

Le Vaillant refere que os papagaios do sudoeste d'Africa voam em pequenos bandos para procurar o alimento. Á hora do meio dia banham-se e nas horas do maior calor occultam-se á sombra da folhagem; de tarde, dispersam-se outra vez, tornam a banhar-se e voltam para passar a noite ao logar d'onde partiram na madrugada. Esse logar de repouso é variavel: ora é o cimo de uma arvore, ora uma parede granitica, cheia de fendas, ora a cavidade de uma arvore. Este ultimo logar parece ser o preferido.

«O papagaio da America do Norte, diz Audubon, aloja-se na cavidade de uma arvore ou n'um ninho de peto, abandonado pelo proprietario. Ao crepusculo podem vêr-se bandos d'estes papagaios que se juntam á volta de velhos sycomoros e d'outras arvores esburacadas. Reunem-se em massa á entrada da cavidade e depois penetram um por um. Se o logar é insufficiente, os que não poderam entrar suspendem-se á volta da cavidade com pés e bicos. Ao vel-os, dir-se-hia que só os bicos lhes supportam o pezo do corpo; mas com o auxilio de um oculo de alcance, pude convencer-me de que não é assim.» Brehm confirma o dizer de Audubon e assevera ter surprehendido muitas vezes ao crepusculo, nas florestas virgens da margem do Nilo Azul, a entrada dos papagaios nas cavidades das arvores.

Parece que os papagaios são indifferentes á acção das chuvas e da tormenta. Pelo menos é o que se deprehende das palavras seguintes do principe de Wied: «No meio d'essas terriveis tempestades dos tropicos, que muitas vezes escurecem o ceu, vêem-se os papagaios empoleirados, immoveis nos ramos mais altos, soltando alegremente a voz, em quanto a agua lhes corre das azas. Encontrariam perto um abrigo sob a folhagem

[1] Citado por Brehm, *Obr. cit.*, vol. 3.º, pg. 8.

densa; mas parece que lhes agrada o ficarem assim expostos á chuva quente da tempestade. No entanto, logo que a chuva passa, tratam de seccar as pennas.» [1]

No tempo bom estes mesmos trepadores procuram a sombra da folhagem para se subtrairem aos ardores do sol e talvez mesmo para se occultarem. É tambem o que fazem quando algum perigo os ameaça. Sabem perfeitamente que uma arvore bem copada é um escondrijo excellente para aquelles cuja plumagem se assemelha na côr á floresta. Segundo affirma Brehm, acontece ás vezes estarem cincoenta ou mais individuos n'uma arvore, sem que se possa vêr um só. Quando ameaçados por algum perigo que as sentinellas descobrem a tempo, voam todos para o meio da folhagem, conservando-se perfeitamente silenciosos.

A alimentação dos papagaios compõe-se principalmente de fructos e de grãos. Ha especies porém, que parece nutrirem-se exclusivamente do nectar das flôres, do pollen e talvez dos insectos que se encontram nos calices. Os vermes, as larvas dos insectos, os gommos das arvores e os botões das flôres são alimentos para algumas especies. Na avidez de sangue que manifestam certos papagaios e na satisfação com que recebem a carne em captiveiro, crê Brehm encontrar as provas de que o regime d'estes trepadores é bem mais carnivoro do que parece.

De ordinario os papagaios, e nomeadamente as grandes especies, revelam uma excessiva prudencia na occasião em que procuram o alimento. Assim fazem um esforço sobre si mesmos para não gritarem e não deixam nunca de collocar em logares apropriados vigias que ao menor perigo ou mesmo á mais leve suspeita de perigo soltem o seu grito de alarme.

É de advertir porém, que nas regiões em que se sentem seguros, em que sabem nada ter a receiar do homem, elles são, como na India, atrevidos, impudentes mesmo: empoleiram-se nos telhados das casas e penetram desassombradamente nos campos e nos jardins.

Os estragos produzidos pelos papagaios são grandes e justificam plenamente todos os meios de segurança contra elles tomados pela nossa especie. Comem muito e, como os macacos, ainda estragam mais do que comem. Quando penetram n'um pomar, não se limitam a comer certos fructos que mais lhes agradem; picam todos os fructos, provam-os todos, estragam tudo, emfim.

Bebem muito tambem e banham-se todos os dias.

A quadra da reproducção coincide com a primavera dos paizes que habitam; é sempre a epocha que precede a maturação dos fructos.

[1] Citado por Brehm, *Loc. cit.*, pg. 8.

As grandes especies, com raras excepções, põem uma só vez por anno e dois ovos apenas. As pequenas especies põem sempre mais de trez ovos. Estes são arredondados, brancos, de casca lisa.

Os papagaios preferem sempre para fabricar os seus ninhos as cavidades das arvores. Especies ha porém, que aninham nas cavidades dos rochedos, nas egrejas, nos tumulos e até mesmo sobre a terra. Aninham em commum, quer dizer uns perto dos outros, o que levou Audubon a affirmar, erroneamente sem duvida, que se encontram muitas femeas n'um só ninho.

Quando fazem o ninho n'uma arvore que não se acha carcomida, servem-se do bico para abrir uma cavidade, o que conseguem sempre á força de preseverança, quando mesmo a madeira seja muito dura.

Só a femea se entrega ao trabalho de chocar. O macho alimenta-a e distrae-a durante o tempo que dura essa tarefa. Ha apenas uma especie que faz excepção ao que fica dito; n'ella o macho substitue por horas a companheira na incubação dos ovos. Esta dura segundo as especies dezeseis a vinte e cinco dias.

Os filhos rompem a casca e nascem muito imperfeitos, mas desenvolvem-se rapidamente. Primeiro apresentam apenas uma leve pennugem; mas ao fim de cinco dias apresentam as primeiras pennas e ao fim de oito abrem os olhos. De ordinario abandonam o ninho antes de quarenta dias.

Alguns pequenos papagaios apresentam no bico prolongamentos em forma de dentes, que desapparecem mais tarde, cáem e são substituidos por massas cartilagineas. Admitte-se geralmente, e decerto assim é, que esses dentes são as extremidades cobertas de papillas corneas, de vasos e de nervos que favorecem e regularisam o crescimento do bico.

Macho e femea alimentam os filhos, mesmo algum tempo depois que estes teem abandonado o ninho. Os paes amolecem previamente no papo os grãos que destinam aos filhos e que lhes introduzem no bico. Schomburgk que teve occasião de observar um casal de papagaios em epocha de creação, affirma que os paes só dão alimentos aos filhos duas vezes por dia.

Nos papagaios a dedicação pela prole é extrema. Os paes defendem corajosamente os filhos e em captiveiro mesmo não consentem que o dono, que aliás estimam, se approxime d'elles.

Os pequenos papagaios, desenvolvendo-se, como dissemos, muito rapidamente, encontram-se aptos para a reproducção ao fim de um anno ou dois, o maximo. Apezar d'esta precocidade são aves que vivem muito tempo. Uma velha lenda americana diz que ha papagaios que teem visto desapparecer um povo inteiro.

Á longa duração de uma d'estas aves alludem as quadras seguintes

que transcrevemos como curiosidade da obra tantas vezes aqui citada de Brehm:

> **Un vieux perroquet solitaire,**
> **Près de l'Orènoque écumant,**
> **Vit..... On dirait qu'il est de pierre,**
> **A le voir froid, sans mouvement.**
>
> **Aux brisants du fleuve rapide,**
> **Tout un peuple dort au cercueil;**
> **Redoutant un voisin perfide,**
> **Naguère il fuit vers cet écueil:**
>
> **Les Atures sur cette plage**
> **Vivant libres, libres sont morts;**
> **Et les roseaux verts du rivage**
> **De tous leurs fils couvrent les corps.**
>
> **Le perroquet inconsolable**
> **Survit à leur race, ô malheur!**
> **Aiguisant son bec sur le sable,**
> **Perçant l'air de cris de douleur.**
>
> **Des enfants dont le babillage**
> **L'instruisait à dire leurs mots,**
> **Et les femmes qui de feuillage**
> **Paraient le nid de son repos,**
>
> **Où sont-ils? Couchés sur la grève**
> **Les yeux fermés à tout jamais:**
> **L'oiseau plaintif de ce long rêve**
> **N'en réveille aucun désormais.**

Apesar de terem bastantes inimigos, dos quaes o peior é o homem, Brehm crê que a maior parte dos grandes papagaios succumbem ao peso dos annos.

Os factos observados em captiveiro parecem confirmar a opinião de que é effectivamente muito longa a vida d'estes curiosos trepadores.

INIMIGOS

Acabamos de nos referir aos inimigos dos papagaios, dizendo que o peior é o homem. Além d'este porém, devem mencionar-se as aves de rapina, os carniceiros e ainda os animaes carnivoros que vivem nas arvores.

CAÇA

Raros são os logares em que se não faz uma intransigente e desapiedada perseguição aos papagaios.

A caça é perfeitamente motivada pelos estragos que fazem nas searas, nos jardins e nos pomares estes trepadores. A caça pelas armas de fogo não é difficil e é muito productiva pela circumstancia de que, á maneira de alguns passaros, os papagaios teem uma tal amizade uns aos outros que, quando alguns morrem, os outros, voando em fuga alguns minutos, voltam ao ponto de partida, pousando junto dos cadaveres dos companheiros. É isto que explica a phrase seguinte de Audubon: «Em algumas horas abati muitos centos de papagaios, levando para casa cestos cheios de cadaveres.»

Os australianos atiram á setta sobre os papagaios; e os chilenos esperam que elles desçam sobre os campos para lhes cairem em cima á paulada. Empregam-se tambem as armadilhas.

CAPTIVEIRO

Não se sabe hoje qual fosse a epocha em que os papagaios começaram a ser trazidos ao captiveiro; mas parece que, diz Brehm, essa epocha coincide com aquella em que o homem submetteu ao seu regime os primeiros animaes, hoje domesticos.

Alexandre, o Grande, trouxe da India para a Europa papagaios já domesticados, que encontrou nas habitações dos indigenas.

Estas aves eram communs em Roma, como o demonstram as seguintes palavras de Catão, o Censor, citadas por Brehm: «Ó desgraçada Roma! até onde desceste que já as mulheres criam cães ao seu seio e os homens trazem papagaios na mão!» Esses papagaios eram introduzidos em gaiolas de prata e de marfim e havia gente paga para os crear

e ensinar-lhes a dizer o nome de *Cesar*. Um papagaio ensinado custava mais que um escravo. Ovidio cantou uma d'estas aves e Heliogabalo offerecia aos seus commensaes cabeças de papagaios. No tempo de Nero conheciam-se só especies aziaticas; só mais tarde principiaram a importar-se papagaios da Africa.

No tempo das cruzadas os homens ricos, os barões, tinham papagaios a que ensinavam a fallar, como ornato das casas.

Os companheiros de Colombo ao chegarem á America encontraram papagaios domesticados nas cabanas dos indigenas.

DOMESTICIDADE

O papagaio é o que propriamente se pode chamar uma ave domestica. Na India os laços de affeição que o ligam ao homem acham-se de tal modo consolidados que elle entra e sáe livremente de casa, juntando-se de manhã aos companheiros selvagens e desagregando-se d'elles á noite para voltar junto do dono. É ahi como entre nós as gallinhas.

A sorte do papagaio trazido á Europa é porém muito triste, observa Brehm. As horas de amargura principiam para esta ave no momento em que embarca com destino ao nosso continente. O indigena que o vendeu ao europeu ou o trocou por qualquer mercadoria, entrega-o a um marinheiro brutal que não sabe tratar da ave, que não sabe proporcionar-lhe os alimentos convenientes. Quantos exemplares não morrem na viagem?! Chegado ao seu destino, o papagaio principia, se acaso encontra um dono conveniente, uma vida melhor. Comtudo durante a viagem tem-se tornado timido, desconfiado, mau, colerico; é necessario decorrer muito tempo para que n'elle se extingam estas qualidades. O regime alimentar a que passa a ser submettido não é o mais apropriado. Em vez dos fructos succulentos e dos grãos das suas florestas nataes, recebe os alimentos da mão do homem. Comtudo, elle sabe perfeitamente dobrar-se ás exigencias e ás circumstancias. Pouco e pouco habitua-se ás novas comidas que lhe dão e acaba por beber café, chá, vinho, cerveja e licores: não é raro que se embriague pela ingestão de bebidas espirituosas. Ao mesmo tempo torna-se lambareiro e revela uma grande predilecção pelo assucar, pelos dôces de toda a ordem.

Dotado de uma poderosissima memoria, de ordinario o papagaio educa-se bem e rapidamente. Devemos comtudo ter em vista as differenças individuaes que no papagaio, como em todos os animaes superiores, são notaveis. O que de um modo geral pode dizer-se é que uma educação bem dirigida produz resultados visiveis. «O filho das florestas vir-

gens, diz Brehm, em contacto com o homem amolda-se cada vez mais á sua imagem e similhança, tornando-se um ser a que não podemos recusar a nossa estima. O papagaio humanisa-se; como ao cão, a educação forma-o, civilisa-o, se assim ouso exprimir-me.»[1]

Para que taes resultados se obtenham, é preciso tratar o papagaio com doçura, com amor e ao mesmo tempo com firmeza, com certa austeridade. É tão prejudicial a ternura excessiva como a excessiva severidade.

Ao principio, quando se educa um papagaio, é indispensavel conserval-o n'um espaço restricto, limitadissimo. Aquelles que se deixam voar pelos aposentos só raramente se domesticam e quasi nunca aprendem a fallar. Só quando a educação pode considerar-se terminada é que ao papagaio deve conceder-se uma certa liberdade.

A reproducção dos papagaios em captiveiro é muito rara, pela razão de que geralmente não se collocam estas aves nas condições apropriadas áquella funcção natural. Uma gaiola vasta, espaçosa, onde macho e femea possam passar tranquillamente todo o anno, e um grosso ramo de arvore de madeira molle, com um grande buraco artificialmente praticado, taes são as condições apropriadas á reproducção d'estes trepadores. Nas circumstancias descriptas, muitos naturalistas teem conseguido que os papagaios se reproduzam.

USOS E PRODUCTOS

A carne do papagaio, com quanto dura, é estimada e faz uma excellente sopa, que Schomburgk elogia muito. Os chilenos gostam muito d'este prato. Os americanos e os selvagens da Australia perseguem activamente os papagaios para lhes obterem a carne.

As formosas pennas d'estes trepadores são tambem appetecidas e contribuem não pouco para a caça de que estes são victimas. Com essas pennas fazem os selvagens umas obras grossseiras, mas que elles apreciam muito. No Brazil ha povoações de indigenas que se teem tornado notaveis n'esses artefactos.

[1] Brehm, *Loc. cit.*, pg. 13.

DIVISÃO

As innumeraveis especies da familia dos papagaios costumam ser divididas nos seguintes grupos: *papagaios de cauda curta* ou *papagaios propriamente ditos, cacatuas e papagaios de longa cauda* ou *araras*.

Descreveremos seguidamente as especies mais dignas de menção.

O PAPAGAIO CINZENTO DA GUINÉ

Mencionamos em primeiro logar esta especie, não só porque é muito conhecida no nosso paiz, mas ainda porque ella pode ser considerada como typica da familia.

CARACTERES

A cauda é da côr vermelha do sangue e todo o resto do corpo é cinzento, mais ou menos claro segundo os individuos. De ordinario os individuos novos são mais escuros que os adultos. O bico é negro, os pés são pardos escuros e os olhos castanhos claros, existindo em torno d'estes um espaço branco. O macho é um pouco maior que a femea; é esta a unica differença entre os dois sexos.

Esta especie mede trinta e trez centimetros de comprimento sobre setenta de envergadura; a cauda tem oito centimetros e a aza fechada vinte e trez desde a prega até á ponta, excedendo assim a cauda de alguns millimetros.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Esta especie encontra-se na Africa, desde a costa occidental até longe no interior do continente. É representada abundantemente no Bongo e falta no Sudan oriental. Não se sabe quaes sejam os limites septentrional e meridional da sua área de dispersão.

O papagaio cinzento foi introduzido da Guiné em Madagascar e nas ilhas proximas, onde se acclimou perfeitamente bem.

COSTUMES

Um facto para notar é que, conhecendo nós perfeitamente bem os costumes d'este papagaio em captiveiro, ignoramos inteiramente os seus habitos de vida em liberdade. Por simples conjectura somos levados a crêr que elle vive em bandos numerosos; nem de outra forma poderiamos explicar a abundancia dos que apparecem na Europa.

CAPTIVEIRO

O papagaio cinzento é uma bella ave em domesticidade. A doçura, a intelligencia e, mais que tudo, a dedicação ao dono, tornam-o credor de toda a nossa sympathia. Não ha obra de historia natural que lhe não dedique algumas paginas, que não conte d'elle alguma anecdota interessante.

Le Vaillant refere-se a um d'estes papagaios que viu em casa de um mercador de Amsterdam, nos termos seguintes: «*Carl* (era este o seu nome) fallava tão bem como um Cicero. Eu poderia encher um volume só com os discursos que lhe ouvia. Obediente ás ordens recebidas, trazia o barrete de dormir e as calças do dono e chamava a creada quando era preciso. O seu logar favorito era a loja, onde prestava serviços notaveis. Se algum freguez entrava estando ausente o dono, *Carl* gritava até que alguem viesse. Tinha uma memoria excellente e sabia phrases inteiras em hollandez. Só ao fim de sessenta annos de captiveiro é que a memoria lhe começou a declinar, esquecendo todos os dias alguma coisa do

que sabia. Não dizia já senão metade de cada phrase, transpondo as palavras e misturando as phrases umas com as outras.» [1]

Estas palavras de Le Vaillant não dão ainda uma idéa completa do entendimento do papagaio cinzento. A historia mais interessante e mais propria para fazer comprehender até que ponto se elevam as faculdades d'esta especie é a de um individuo que viveu muito tempo em Vienna e em Salzburgo e que dava pelo nome de *Jaco*.

Este singular papagaio respondia a todas as perguntas, obedecia ás ordens que lhe davam, saudava os que entravam e saiam, dava sem se enganar os *bons dias* e as *boas tardes*, pedia de comer, conhecia todas as pessoas de casa pelos seus respectivos nomes. Fallava, cantava, assobiava como um homem. Entre centenas de phrases que pronunciava com toda a distincção ha esta, muito curiosa, que repetia sempre que alguem batesse á porta: «Entre; estou ás suas ordens, sinto muito prazer em vel-o e muita honra em o cumprimentar.» Uma outra phrase curiosa com que recebia ás vezes uma pessoa: «D'onde vens tu, patife? Ó, desculpe-me, senhor; pensei que era uma ave.» Quando roía qualquer coisa, dizia sempre: «Não se morde. Esteja quieto. Que fizeste tu? Que fizeste? Espera, maroto, que te dou com um chicote.» Imitava muito bem o latido dos cães e assobiava para os chamar. Conhecia as vozes de commando militar. Simulava os exercicios, dizendo: «*Sentido! Hombro armas! Preparar! Apontar! Fogo!*» E quando dizia fogo, acrescentava *Pum!* Depois applaudia-se: *Bravo, bravissimo!* mas se se enganava nas vozes de commando, não dizia estas ultimas palavras. Quando alguem partia, *Jaco* saudava, dizendo: «Deus o guarde!» Ás vezes, simulando que tinha recebido pancada, dizia: «Bater-me a mim! Espera, velhaco! Bater-me!.. Sim, sim; tudo assim vae pelo mundo.» E desatava a rir.

Quando passava a noute dentro do quarto do dono, conservava-se silencioso em quanto este dormia; pelo contrario, quando ficava em quarto distante principiava a gritar desde o amanhecer. Ensinaram-lhe canções e uma aria da *Martha* que ella cantava perfeitamente. Dançava tambem, movendo o corpo de um modo absolutamente comico.

O dono morreu em 1853. *Jaco* caiu doente de saudades e em 1854 morreu, dizendo tristemente: «Jaco está doente; está doente o pobre Jaco.»

A historia que acabamos de referir é absolutamente authentica, porque o papagaio em questão foi observado por muitos naturalistas, sendo os depoimentos d'estas testemunhas presenciaes perfeitamente accordes.

Uma senhora, diz Brehm, possuiu um papagaio que dizia phrases em

[1] Citado por Brehm, *Loc. cit.*, pg. 18.

trez linguas. Primitivamente fallava só o hollandez; mais tarde aprendeu francez e allemão. Por fim acabou por misturar em phrases francezas ou allemãs vocabulos hollandezes, mas sempre a proposito, isto é exprimindo exactamente a idéa. Quando a dona lhe dava de comer, *Coco* (era este o seu nome) apoiava fortemente o bico contra a mão d'esta, dizendo: «Beijo a mão a madame.» Quando a dona morreu, o papagaio caiu n'um estado profundo de melancolia, não querendo comer e perguntando aos parentes da senhora: «Onde está madame?»

Este papagaio cantava:

> «Perroquet mignon
> Dis-moi sans façon,
> Qu'a-t-on fait dans ma maison
> Pendant mon absence?»

e ainda:

> «Sans amour et sans vin
> Nous vivons tout de même.»

Tendo o mau costume de arrancar as pennas lembraram á dona que seria bom dar-lhe banhos de vinho. Assim se fazia; os banhos eram dados com um pequeno regador. O papagaio quando via os preparativos do banho, que lhe era sempre extremamente desagradavel, dizia afflicto: «Não molhem *Coco;* ah! pobre *Coco;* não o molhem.»

Não gostava de pessoas estranhas; de sorte que estas, quando vinham para ouvil-o, só o conseguiam, occultando-se.

Um dia um major, visita da casa, querendo ensinar-lhe exercicios de destreza, disse-lhe: «Salta acima do poleiro, *Coco.*» O papagaio ficou alguns instantes pasmado; mas depois, dando uma risada, e voltando-se para o mestre, disse: «Major, ao poleiro; vamos, salta ao poleiro, major!» Um outro facto curioso: Um dia fallava-se de um dos amigos da casa, por nome Roth, que ha muito não apparecera; de repente o papagaio que ouvia a conversa, diz: «Ahi vem Roth.» Tendo olhado pela janella, reconhecera-o de longe.

De uma outra vez, o filho da casa, Georges, depois de uma jornada, volta já tarde e depois de abraçar a familia vae direito á gaiola de *Coco* que o recebe com as expressões seguintes: «Ah! és tu, Georges? Está bem, está bem.»

No livro de Figuier encontramos ainda alguns documentos interes-

santes para a historia da especie que nos occupa. Vamos transcrevel-os: «Conta Goldsmith que um papagaio pertencente a Henrique VIII e que estava sempre fechado n'um quarto que olhava para o Tamisa, tinha aprendido algumas phrases que ouvia aos marinheiros e passageiros. Um dia, caindo de uma das janella ao rio, principiou a gritar: «Um bote, um bote! Vinte libras a quem me salvar!» Estes gritos implorativos foram ouvidos por um barqueiro que se atirou immediatamente ao rio, imaginando que alguem se afogava.» [1]

«Refere Lamaout que n'uma cidade da Normandia viveu uma carniceira que batia n'um filho de cinco annos a ponto de matar a creança. A justiça não tomou conta do facto; mas um papagaio que vivia defronte, na loja de um sapateiro, tomou sobre si o encargo de castigar a mãe descaroada. Repetindo a todo o instante as palavras angustiosas da creancinha quando a mãe corria sobre ella de vara em punho — «Porque me bate? Porque me bate?» era tamanho o accento de dôr e tom supplicante com que as pronunciava, que os transeuntes indignados penetravam na loja do sapateiro exprobrando-lhe a crueldade. O pobre homem justificava-se mostrando o papagaio e contando a historia da creança. Este facto levantou tal indignação contra a mulher que, ao fim de algum tempo, perseguida pela opinião publica, viu-se obrigada a fechar o estabelecimento e a sair da cidade.» [2]

Figuier refere-se ainda a um papagaio que dizia com extrema clareza de pronuncia os versos seguintes:

Quand je bois du vin clairet
Tout tourne, tout tourne au cabaret.

---

[1] L. Figuier, *Les Oiseaux*, pg. 294.
[2] Figuier, *Loc. cit.*, pg. 295.

O PAPAGAIO AMAZONA

Tudo quanto se diz d'esta especie é inteiramente applicavel á que segue.

O PAPAGAIO VERDE

Estes papagaios teem grandes dimensões: medem quarenta centimetros de comprimento sobre cincoenta e oito a sessenta e quatro de envergadura; a cauda tem onze a doze centimetros e a aza vinte.

As duas especies são tão similhantes que muitos auctores as teem confundido. Comtudo algumas differenças existem relativamente á côr.

O papagaio Amazona é verde claro, com a região frontal azul celeste, a garganta amarella e a prega da aza vermelha. As pennas lateraes da cauda são vermelhas na face interna. O bico é pardo escuro e coberto na base por uma membrana negra; os pés são cinzentos.

O papagaio verde não tem azul senão no bordo anterior da região frontal e n'uma linha que vae do bico aos olhos; a prega da aza é verde e as pennas lateraes da cauda são vermelhas, circuitadas de verde.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

As duas especies são communs na America do Sul. É o que affirmam Schomburgk, Burmeister, Speak e o principe de Wied.

COSTUMES

O papagaio Amazona evita a costa e vive nas florestas e brenhas do interior; o papagaio verde habita as florestas virgens.

Os costumes são os mesmos n'um e n'outro.

De manhã elevam-se na atmosphera, chamando-se uns aos outros, soltando grandes gritos, batendo as azas. Abatem-se sobre as arvores fructiferas e sobre as plantações, repousam nas horas do meio do dia, voltam á tarde para comerem de novo e reunem-se ao fim da tarde em bandos numerosos, fazendo um ruido infernal até que o somno os invada.

O principe de Wied fornece os esclarecimentos que seguem sobre o papagaio verde. «Esta especie, diz, é uma das mais communs na costa oriental do Brazil. Vi sempre representantes d'esta especie onde quer que as florestas virgens se estendiam até aos pantanos circumdados de mangueiras e ás embocaduras dos rios. O papagaio verde aninha em qualquer d'aquelles dois logares, mas de preferencia nas proximidades do primeiro, porque tem uma decidida predilecção pelas mangas. Encontram-se já muitos d'estes papagaios nas florestas de ao pé do Rio de Janeiro; vi-os tambem mais ao norte perto das ribeiras de Parahiba, Espirito-Santo e Bello-Monte. De manhã e á tarde ouvia de todos os lados as vozes agudas d'estas aves erguerem-se do seio das brenhas que as aguas altas cobrem muita vez. Essas brenhas representam ahi os salgueiraes das nossas regiões.

«Durante a quadra dos amores, os casaes elevam-se alto na atmosphera, gritando, chamando-se. Em todas as epochas estes papagaios se reunem em bandos consideraveis. Vi grupos numerosissimos nas florestas de Macuro; os bosques echoavam longamente com os seus gritos.

«Quando estes papagaios pousam sobre uma arvore elevada, de grande copa, torna-se ás vezes impossivel vel-os, tanto a côr verde das pennas se harmonisa com a da folhagem. A presença d'elles não é denunciada senão pela queda continua dos involucros dos grãos. Em quanto comem, conservam-se silenciosos; mas se se atemorisam, soltam a voz agudissima.» [1]

Os papagaios Amazona e verde põem na primavera dois ovos de casca branca, que a femea deposita na cavidade de alguma arvore. Ha uma só postura por anno.

[1] Citado por Brehm, *Loc. cit.*, pg. 23.

CAPTIVEIRO

Estes papagaios reduzem-se facilmente ao captiveiro, domesticam-se e aprendem a fallar, sobretudo quando são apanhados em novos. Não teem porém, ao que parece, tanta intelligencia como o papagaio cinzento e nunca chegam a fallar tão distinctamente como elle.

São estes papagaios, importados do Brazil, os que vêmos no nosso paiz ás janellas das casas burguezas, repetindo tristemente, monotonamente os versiculos:

> ... Quem passa?
> El-rei que vae á caça.

como phrases stereotypadas de idiota.

USOS E PRODUCTOS

As especies descriptas são na America apaixonadamente perseguidas, por causa da carne que passa por boa, por muito nutritiva. No Brazil, segundo o principe de Wied, uma sopa de papagaio é um prato estimado.

O PAPAGAIO COLLEIRADO

Esta especie é conhecida em nomenclatura scientifica por dois nomes differentes que lhe deu Linneu: *psittacus accipitrinus* e *psittacus coronatus*.

CARACTERES

O papagaio colleirado tem a cabeça de um pardo amarello claro, o bordo externo da região frontal e uma raia que vae do bico aos olhos, trigueiros, a colleira vermelha suja, bordada de azul celeste, as costas de um verde claro, um pouco mais accentuado no meio do que nas partes lateraes, as pennas da parte inferior do corpo vermelhas, bordadas de verde no peito e de azul no ventre. As extremidades das azas são negras; a parte superior da cauda é azulada e a inferior negra.

Segundo Burmeister, este papagaio mede trinta e oito centimetros de comprido, dos quaes quinze pertencem á cauda; a extensão da aza é de vinte centimetros.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

O papagaio colleirado habita as florestas que marginam o Amazonas e as da Guyana.

COSTUMES

Schomburgk escreve ácerca d'este papagaio: «Quando se encolerisa e as pennas brilhantes da nuca se erguem formando circulo em torno da cabeça, este papagaio é então um dos mais bellos.» Este mesmo naturalista diz que o papagaio colleirado procura as florestas pouco elevadas que ficam perto dos povoados e que faz ninho nas cavidades das arvores, pondo dois a quatro ovos.

Esta especie não é timida, reduz-se facilmente ao captiveiro; é porém muito delicada e pouco susceptivel de educação.

OS PERIQUITOS

São papagaios de pequenas dimensões, *perroquets-nains*, como lhes chamam os francezes. São aves encantadoras, de bella plumagem e de costumes sympathicos.

«Os poetas, diz Schomburgk, ignoraram de certo o amor que une entre os periquitos macho e femea; por isso escolheram a rola como symbolo do amor idyllico. E todavia esta fica sob o ponto de vista em questão muito inferior aos periquitos. Entre os esposos reina a mais perfeita harmonia; todos os seus desejos, todos os seus actos estão de accordo. Se um come, o outro come tambem, se um se banha, banha-se o outro, se o macho grita, a femea responde, se um dos dois adoece, o outro cuida d'elle e alimenta-o. Nem mesmo quando bandos numerosos se juntam na mesma arvore, os pares se separam.» [1]

Estas aves não podem mesmo conservar-se em captiveiro senão por casaes; só os individuos apanhados do ninho, em idade de não terem sentido ainda a emoção do amor, é que podem crear-se isolados.

De ordinario á morte de um membro do casal segue-se a do outro, que não pode resistir ás saudades.

Esta circumstancia justifica plenamente o nome de *inseparaveis* que lhes dão alguns naturalistas.

CARACTERES

Os periquitos teem as dimensões da cotovia ou do tentilhão, approximadamente.

O bico é curto, obtusamente gancheado, na phrase de Brehm; a cauda é curta, muito pequena, de pennas muito eguaes; as azas são ponteagudas e estreitas, attingindo o vertice da cauda; os pés são fracos e pequenos. As pennas são molles, compridas, de côres geralmente pouco vivas.

[1] Citado por Brehm, *Loc. cit.*, pg. 26.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Habitam a Africa, a Asia e a America do Sul.

COSTUMES

Trepam com agilidade pelos ramos das arvores e voam com rapidez.

Alimentam-se de fructos e grãos.

Aninham nas cavidades das arvores; os ovos são pequenos, redondos e brancos.

O PERIQUITO DE SWINDER

Esta especie é no dizer unanime dos naturalistas uma das mais bellas, senão a mais bella de todas.

Esta especie foi muito tempo considerada o typo de um genero que se denominava *Agapornis*.

CARACTERES

O periquito de Swinder mede quatorze centimetros de comprimento, quando muito, pertencendo trez á cauda; a envergadura é de vinte e cinco centimetros.

O fundo da plumagem é verde; a parte inferior das costas, o uropigio e as pennas superiores das azas são azues; a cauda é curta, arredondada e as pennas que a formam, excepto as duas medianas cuja superficie é verde, são de um vermelho escuro na metade basilar e verdes na metade terminal, sendo as duas côres separadas por uma raia quasi negra. A região facial, o ventre e as pennas que cobrem a cauda são de

um verde amarellado, o pescoço e o peito de um amarello com tons verdes e a parte superior do pescoço é ornada por um collar negro.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Considera-se o oeste e o centro d'Africa como a patria d'esta especie.

COSTUMES

Nada se sabe sobre os habitos de vida d'esta especie em liberdade. Em captiveiro os individuos que se tem observado apresentam os mesmos costumes que as outras especies do grupo.

O PERIQUITO VERDE DO BRAZIL

Os francezes dão a esta especie o nome vulgar de *periquito-pardal*, attendendo não só ás dimensões, mas ainda aos costumes que apresenta.

CARACTERES

A plumagem d'este periquito é verde com reflexos amarellados na região frontal, na face e no ventre. A parte inferior das azas e da cauda é de um verde azulado brilhante, os bordos anteriores das azas, as remiges secundarias, as escapulares e a parte inferior das costas são azues, de um azul de ultramar, pedra preciosa do Oriente; as remiges primarias são de um trigueiro escuro, com o bordo exterior verde. O bico é cinzento azulado e a pelle que o cobre na base mais clara. Os pés são cinzentos e os olhos castanhos.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Esta especie é das mais communs no Brazil.

COSTUMES

Habita indifferentemente as florestas da costa ou as brenhas dos logares seccos. Invade em bandos os jardins, como faz entre nós o pardal. Esses bandos fazem um ruido ensurdecedor.

Alimenta-se principalmente de fructos.

Faz ninho nas cavidades das arvores ou aproveita o ninho dos forneiros. Os ovos são brancos e geralmente em numero de quatro.

CAPTIVEIRO

Este periquito habitua-se, mesmo depois de velho, muito rapidamente á perda de liberdade. Ao fim de poucos dias está sufficientemente domestico para não tentar fugir. No Brazil é muito vulgar em captiveiro, mas na Europa é muito raro. Os seus costumes n'estas condições, são, no dizer de quantos o teem observado, encantadores.

Infelizmente parece dotado de uma vida curta.

O PAPAGAIO COLLEIRADO DE BORNEO

Este papagaio pertence ao genero *Lorius* cujos representantes se caracterisam assim: Teem um bico relativamente comprido e fraco, de mandibula inferior pouco recurva, não chanfrada no bordo cortante e terminando em ponta estreita, uma lingua pouco musculosa, dividida na ponta

em um feixe de fibras corneas, uma plumagem de côres vivas, em que o vermelho domina e uma cauda pequena, arredondada na extremidade.

CARACTERES ESPECIFICOS

A maior especie do genero e aquella que mais vezes se encontra na Europa é a que nos occupa.

O papagaio colleirado de Borneo mede trinta e trez centimetros de comprido sobre cincoenta e cinco de envergadura.

A côr preponderante da plumagem é o vermelho vivo. Comtudo, a parte posterior da cabeça é violeta, a parte superior das azas verde, as pernas azues celestes e o peito marcado por uma pequena mancha amarella em forma de crescente. As pennas da cauda são escarlates, bordadas de negro na parte terminal e tendo a ponta amarella. O bico é côr de laranja e os pés são cinzentos escuros.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

O papagaio colleirado de Borneo habita não só as florestas d'esta região, mas ainda as da Nova-Guiné, que nunca abandona.

COSTUMES

Os movimentos d'esta ave são vivos.

Tem-se dito que este papagaio se alimenta exclusivamente do nectar das flôres. Não é provavel que tal aconteça, não só porque uma tal alimentação se não conforma com as dimensões da ave em questão, senão porque em captiveiro se mantem facilmente com pão, leite e grãos.

CAPTIVEIRO

O papagaio colleirado de Borneo é muito estimado por causa da côr e ainda porque é muito docil e facil de educar. Adquire uma grande affeição ao dono e aprende rapidamente a fallar.

É isto o que dizem quasi todos os naturalistas, mas é o que contesta Brehm, para quem o papagaio em questão é uma ave tranquilla e indifferente, que de ordinario não supporta por muito tempo o captiveiro.

As especies estudadas até aqui pertencem ao grupo dos *papagaios de cauda curta* ou *papagaios propriamente ditos*.

AS CACATUAS

As cacatuas teem o corpo refeito, a cauda curta, as azas de comprimento medio, o bico grosso, curto, largo, dentado no bordo cortante e a mandibula superior fortemente recurva. A plumagem é branca com mistura de vermelho pallido. Teem uma poupa, formada de pennas compridas e estreitas, dispostas em duas series e susceptiveis de se erguerem ou abaixarem voluntariamente.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

As cacatuas pertencencem ás Indias e ás Terras australes, diz Brehm.

COSTUMES

Em liberdade as cacatuas vivem em bandos numerosissimos, que nem mesmo na quadra dos amores se separam completamente.

Passam a noite nos cimos copados das arvores mais elevadas. De

manhã saudam o erguer do sol, gritando. Depois elevam-se na atmosphera e dirigem-se em busca de alimentos.

Comem fructos, grãos, cogumelos e raizes que desenterram ás bicadas. Engolem pequenas pedras para auxiliarem a trituração dos alimentos. Causam estragos notaveis nas sementeiras e nas plantações quando os grãos amadurecem.

São aves muito activas e dotadas de uma grande resistencia vital.

Aninham nas arvores e nas fendas dos rochedos. A femea põe apenas dois ovos, brancos e um pouco ponteagudos. Nada mais se sabe ácerca da reproducção.

CAÇA

Os estragos que produzem as cacatuas são a causa do odio que lhes votam todos os cultivadores e explicam sufficientemente todos os meios postos em acção para as destruir. A caça tende a tornar-se cada vez mais difficil, porque as perseguições de que são victimas tornam estas aves extremamente timidas e desconfiadas.

As armadilhas não dão resultado n'esta caça. As armas de fogo podem ser empregadas com vantagem. Comtudo o instrumento empregado pelos indigenas é o *bourmerang* que consiste n'um pedaço de madeira ou de madeira e ferro, em forma de fouce, que os caçadores experimentados projectam com toda a segurança á distancia de cem pés.

CAPTIVEIRO

As cacatuas habituam-se rapidamente á convivencia do homem e chegam a dedicar-lhe uma grande affeição.

Teem uma excellente memoria, circumstancia que torna facil a sua educação. Mas esta mesma memoria, se são mal tratadas, redunda em desproveito do homem, porque n'estas condições tornam-se reservadas, desagradaveis e até perigosas.

São muito intelligentes e aprendem rapidamente um grande numero de phrases que sabem empregar a proposito.

Bem tratadas as cacatuas duram muito tempo em captiveiro; cita-se o exemplo de uma que viveu na Europa nada menos de setenta annos. São faceis de sustentar, porque se dão bem com todos os alimentos. Segundo Brehm, basta dar-lhes arroz cosido, grãos e biscoito. Com uma alimentação excessivamente abundante tornam-se muito gordas e adqui-

1 O Kakatué de poupa branca — 2 Id de poupa vermelha — 3 Id de poupa amarella

rem, diz-se, muitos defeitos, muitos habitos maus. Affirma-se que as cacatuas alimentadas com carne contraem o habito de arrancar as pennas.

USOS E PRODUCTOS

A carne das cacatuas passa por excellente; e Gerbe diz que o caldo preparado com ella é um prato estimado.

A CACATUA DE POUPA AMARELLA

Esta especie merece na descripção o primeiro logar, porque é a que mais vezes se encontra captiva na Europa.

CARACTERES

É uma ave grande, de quarenta e cinco centimetros de comprido. A plumagem é de um branco brilhante. A poupa, as pennas que cobrem as orelhas, a parte media do ventre, as azas e a parte radical da face interna das pennas caudaes são de um amarello desmaiado de enxofre. O bico é negro e os pés são de um castanho acinzentado.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Não está ainda hoje decidida a questão de saber se esta cacatua se espalhou da ilha de Van-Diemen por toda a Nova-Hollanda e pela Nova-Guiné ou se são especies differentes, mas com plumagem analoga, que habitam estas differentes regiões.

A cacatua de poupa amarella é vulgar em toda a Australia, excepto na região occidental.

COSTUMES

Vive em bandos numerosos de muitos milhares de individuos.

Parece preferir as planicies descobertas ou os bosques pouco densos ás brenhas e florestas da costa.

A CACATUA DE LEADBEATER

Esta especie é conhecida ainda pelo nome de *cacatua Inca*.

CARACTERES

A cacatua de Leadbeater é branca como a anterior, mas tem a parte anterior da cabeça, a região frontal, os lados do pescoço, o meio da face inferior das azas, o meio do ventre e a parte radical da face interna das pennas caudaes, côr de rosa. As pennas subjacentes ás azas são de um bello vermelho carmim. A poupa é de côres vivas; as pennas que a formam são vermelhas na base, amarellas na parte media e brancas na extremidade. Os olhos são castanhos claros e os pés trigueiros escuros; o bico é pardacento.

A femea distingue-se do macho apenas em serem menos vivas as côres da sua plumagem.

Esta especie é mais pequena e elegante que a anterior.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

A cacatua de Leadbeater encontra-se em todo o sul da Australia. É muito commum nas margens do Darring e do Murray; nas costas do norte e noroeste da Australia falta absolutamente.

COSTUMES

Esta especie, como a anterior, vive em bandos numerosos, animando as florestas.

A voz tem um accento pungitivo que falta na das congéneres.

CAPTIVEIRO

Esta especie é muito procurada pelos amadores d'aves para captiveiro. A belleza da plumagem e a docilidade de caracter explicam sufficientemente o facto.

No dizer de alguns observadores, esta cacatua seria mais facil de domesticar que as congéneres. É por isso que, segundo affirma Gerbe, uma cacatua de Leadbeater se paga pelo triplo do valor de qualquer outra.

AS ARARAS

Cabe de direito ás araras o primeiro logar no grupo dos papagaios de longa cauda, porque são as especies mais volumosas.

CARACTERES

Teem um bico muito elevado, guarnecido por uma membrana na base das duas mandibulas, os olhos e as faces circuitados por um espaço nú, os pés fortes e espessos, os tarsos curtos, as unhas compridas e recurvas e as azas compridas, cobrindo uma parte da cauda.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Habitam exclusivamente a parte oriental da America do Sul.

COSTUMES

Ao inverso de todos os papagaios, as araras vivem no estado livre em pequenos bandos. São menos vivas do que todas as outras especies, mas como estas prudentes.

Alimentam-se de fructos.

Aninham nas cavidades das arvores e a postura é de dois ovos.

CAPTIVEIRO

Quando se apanham pequenas ainda, as araras supportam muito bem o captiveiro e domesticam-se facilmente. Isto explica o grande numero d'ellas que apparecem na Europa.

USOS E PRODUCTOS

Os indigenas fazem desde os tempos mais remotos uma caça pertinaz ás araras para obterem a plumagem d'estas aves, que lhes serve para o fabrico de adornos.

A ARARA VERMELHA

Esta especie é conhecida ainda pelos nomes de *arara esplendida* e de *arara macao*. Esta ultima designação é muito geral, por isso que não só lhe é attribuida pela nomenclatura linneiana, mas ainda por francezes, inglezes e allemães *(Le macao, The Macaw, Der Makao)*.

CARACTERES

Esta especie mede sessenta e oito centimetros de comprido, dos quaes trinta e trez pertencem á cauda, e um metro de envergadura.

A plumagem é magnifica.

Tem a cabeça, o pescoço, as costas, o peito e o ventre de um vermelho vivo, escarlate, as pennas da nuca e da parte superior das costas bordadas de um verde que vae alargando á medida que se desce, a parte media e inferior das costas e o uropigio azul celeste, as pequenas coberturas superiores das azas vermelhas, as medias verdes, as remiges e as barbas externas das pennas da cauda de um azul de ultramar, as barbas internas vermelhas, as rectrizes medianas vermelhas tambem e as barbas internas das remiges negras. A parte nua das faces, sobre a qual existem sómente cinco ou seis pequenas ordens de pennas vermelhas, é côr de carne. A base da mandibula superior é pardacenta, a ponta, os bordos e a mandibula inferior são negros. Os olhos são claros amarellados, os pés cinzentos escuros e as unhas castanhas tambem escuras.

A plumagem da femea é analoga á do macho.

Os individuos novos teem côres menos vivas que os adultos.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

De todas as araras é esta a que desce mais longe para o lado do sul e que sobe mais alto na direcção do norte.

Encontra-se em todo o Brazil. N'outro tempo apparecia nas visinhan-

ças das grandes cidades, como o Rio de Janeiro, por exemplo; hoje porém, parece ter abandonado os logares cultivados.

COSTUMES

As florestas virgens das planicies onde passam grandes rios, são os logares que prefere para habitação.

Não se eleva muito nas montanhas; encontra-se porém nos platós seccos, altos, queimados no estio pelo sol, assim como no meio dos rochedos, nas montanhas desertas da provincia da Bahia. «Navegando pelos pequenos rios que atravessam as florestas perto das costas, diz o principe de Wied, vêem-se estas soberbas aves, que se conhecem pela esplendida plumagem vermelha, pela comprida cauda e pela voz quando, batendo lentamente as azas, deslisam na atmosphera, destacando-se vivamente no azul escuro do ceu.» [1]

Todos os viajantes fallam com enthusiasmo d'estas apparições que surprehendem os europeus.

O genero de vida d'esta especie não differe sensivelmente do que caracterisa as outras e a que já nos referimos na generalidade.

Alimenta-se quasi exclusivamente de fructos.

O seu grito é rouco e, no dizer do principe de Wied, pode notar-se pelas syllabas da palavra *arara;* d'aqui o nome do genero.

O amor conjugal é notavel n'esta especie. Azara conta a proposito: «Em Janeiro de 1788, Manoel Palomares matou, a uma milha da cidade do Paraguay, uma arara e prendeu-a á sella do cavallo que montava. O companheiro da victima seguiu o caçador até casa pelo meio da cidade e precipitou-se sobre o cadaver, não consentindo em abandonal-o e deixando-se por fim apanhar á mão.»

De ordinario a arara vermelha escolhe para aninhar o logar que para o mesmo fim lhe serviu no anno precedente. A postura é de dois ovos brancos.

CAÇA

A arara vermelha é caçada com tanto ardor pelos indigenas como pelos europeus. Os indigenas perseguem-a pelo mal que ella lhes faz

[1] Citado por Brehm, *Loc. cit.*, pg. 48.

destruindo os fructos; o europeu dá-lhe caça movido unicamente pelo desejo de possuir uma ave de plumagem tão esplendida.

A caça pelas armas de fogo é muito productiva. Ás vezes, segundo o principe de Wied, o caçador mata uns poucos de individuos ao mesmo tempo. O facto de andar a arara vermelha sempre em bandos, explica o caso.

CAPTIVEIRO

As araras captivas são as aves favoritas dos indigenas. O grao de domesticação é tal no paiz que, no dizer de Humboldt, correm pelos campos como entre nós os pombos. Constituem ornamentos dos parques e jardins em nada inferiores aos pavões.

É de notar que em geral as araras domesticadas, sendo extremamente agradaveis e achando-se sempre dispostas a aturar tudo quanto os donos lhes querem fazer, em relação aos estranhos são más e não lhes supportam os affagos. Enfurecem-se e servem-se não poucas vezes do bico para attacar os que d'ellas se approximam.

A arara vermelha comquanto aprenda a fallar, nunca o faz tão bem como os papagaios. Brehm conta o caso de uma que aprendeu a fallar com uma pega.

A arara vermelha supporta por muito tempo o captiveiro. Azara falla de uma que viveu quarenta e quatro annos em posse da mesma familia.

Tem-se dito que esta especie se reproduz em captiveiro; é certo porém que faltam as provas de tal asserção.

USOS E PRODUCTOS

A carne da arara vermelha, como a das outras especies, passa por ser excellente. No dizer do principe de Wied, tem o sabor da de vacca. Mesmo a dos individuos muito velhos faz um caldo magnifico.

As pennas servem para adorno e para escripta.

A ARARA VERDE

Os francezes dão ainda a esta especie o nome de *arara militar;* os allemães chamam-lhe *Die Soldatenara.*

CARACTERES

A côr fundamental da plumagem é o verde. No ventre e na prega das azas o manto apresenta raias côr de castanha. Na fronte ha uma raia de pennas vermelhas; as faces são brancas e trigueiras. As pennas das azas são azues externamente e de um amarello esverdeado dentro, com os bordos negros. As rectrizes são vermelhas na base, azues na extremidade e de um amarello verde na face inferior; as mais externas são completamente azues. O bico e os pés são negros.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Encontra-se esta especie em toda a bacia superior do Amazonas. Sobe para o norte até aos Estados-Unidos.

COSTUMES

Os habitos de vida d'esta especie são os mesmos que os da anterior.

A ARARA AZUL

O comprimento total d'esta especie é de um metro, pertencendo mais de cincoenta centimetros á cauda.

Não cede em belleza ás especies anteriores.

A côr dominante da plumagem é o azul: mas a região frontal, a maior parte da cauda, um circulo em torno dos olhos e um outro em torno do pescoço são verdes. As remiges são amarellas na face inferior e negras na superior. Os olhos são esverdeados, o bico e os pés negros.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

A área de dispersão d'esta especie não é perfeitamente conhecida. Schomburgk viu-a nas margens do Rio-Tacutu e o principe de Wied perto do Rio de S. Francisco-Pardo. Na costa oriental a especie é rara.

COSTUMES

O genero de vida d'esta especie é o mesmo que a da arara vermelha. É o que dizem quasi todos os naturalistas, mas que o principe de Wied contesta, baseado em que as duas especies combatem, luctam entre si. Este auctor crê que os que teem affirmado analogia de vida entre as duas especies apenas viram a arara azul em captiveiro. Erraram por isso. Levy, por exemplo, diz que a arara azul aninha nas arvores que ficam perto das nossas habitações, quando é certo que esta especie abandonou inteiramente os logares onde o homem existe.

CAPTIVEIRO

Os amadores de aves captivas teem em grande apreço a arara azul e dizem que ella é facil de educar.

O TIRIBA PEQUENO OU FURA-MATTO

Esta especie, bem como a de que adiante nos occuparemos, pertence ao genero *Conurus*, cujos representantes se caracterisam assim: São visinhos proximos das araras, mas mais pequenos do que ellas e tendo a região facial coberta de pennas, o que n'estas, como vimos, não acontece. O bico é forte, curto e largo e o cerume em parte coberto de pennas. As narinas são cercadas de pennas rijas e collocadas immediatamente abaixo da fronte. As pennas do corpo são mais pequenas e arredondadas que nas araras. A côr verde predomina.

CARACTERES ESPECIFICOS

O tiriba pequeno ou fura-matto é uma das especies mais bellas. Mede vinte e cinco centimetros de comprimento, dos quaes mais de dez pertencem á cauda.

Esta especie tem a cabeça côr de castanha com reflexos metalicos de um trigueiro esverdeado, o bordo da região frontal, uma linha que vae dos olhos ao bico, as faces e a garganta de um vermelho de cereja, as orelhas brancas, o pescoço, as costas e as azas de um verde escuro, a ponta das azas, a parte media do ventre vermelhos, o meio do peito de um verde de azeitona com pennas marcadas, como as da garganta, por uma raia branca circuitada de negro. As remiges teem exteriormente reflexos verdes e azulados e interiormente reflexos negros. A cauda é

verde na base, vermelha na face superior e na inferior. O bico é pardo e na ponta branco e os pés são cinzentos escuros.

A femea é um pouco mais pequena que o macho.

Os individuos não adultos teem côres menos vivas que as descriptas.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

O tiriba pequeno ou fura-matto é muito commum em certas partes da costa oriental do Brazil.

A GARUBA

Esta especie mede quarenta centimetros de comprimento, dos quaes dezeseis ou um pouco mais pertencem á cauda.

A côr dominante da plumagem é o amarello; mas as azas e a cauda são verdes e negras. A cabeça e os lados do tronco teem côres mais vivas que o resto do corpo. As remiges são verdes exteriormente e negras na extremidade e nos bordos. O bico é cinzento amarellado e os pés são côr de carne.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Habita a parte norte do Brazil e a bacia do Amazonas.

COSTUMES DAS ESPECIES PRECEDENTES

Vivem principalmente nas florestas virgens. Fóra do tempo dos amores, reunem-se em bandos numerosos. Quando se lhes faz medo, voam com a rapidez da frecha, soltando gritos; e então refugiam-se nos cimos das arvores.

Principiam a soltar a voz muito cedo, mal o sol se tem erguido. Depois de terem dado o signal de partida por meio de um grito de reclamo, tomam vôo e vão pousar-se então no matto bravo.

Vivem em movimento constante, descendo e subindo pelos ramos com o auxilio do bico e evitando sempre o roçar a cauda pelas arvores.

Estas aves contribuem poderosamente para animarem as florestas.

Nas regiões em que os campos cultivados ficam proximo das florestas, as especies em questão produzem estragos notaveis nas plantações e nas sementeiras.

Aninham nos troncos cavados das arvores e põem dois ou trez ovos brancos. Os filhos crescem rapidamente e são alimentados pelos paes mesmo depois que teem attingido um completo desenvolvimento.

USOS E PRODUCTOS

Ha indigenas que ornam as cabelleiras com as pennas d'estas especies.

Seguidamente apresentamos, á maneira do que temos feito em relação a outras ordens, o quadro eschematico das aves trepadoras:

JACAMACIRAS
TREPADORES...
PETOS......
MALHADO
MENOR
REAL
TORÇICOLOS
CUCOS......
CANTOR
RABILONGO
INDICADOR
ANÚS
COCCYZOS
COUA-SASSIS
SURUCUAS
TUCANOS....
DE PAPO BRANCO
DE BICO VERMELHO
TEMMINCH
ARAÇARIS
PAPAGAIOS ..
PROPRIAMENTE DITOS
CACATUAS
DE CAUDA COMPRIDA

OS GALLINACEOS

CONSIDERAÇÕES GERAES

> **L'homme n'a pas tardé à reconnaitre que ces oiseaux pouvaient lui tenir lieu d'autre chose que de gibier.**
>
> **BREHM.**

Sob a designação de gallinaceos comprehende-se todas as aves que teem uma grande analogia com a gallinha, quer sob o ponto de vista dos caracteres morphologicos, quer sob o dos costumes.

CARACTERES

Os gallinaceos teem o bico curto, forte, superiormente abobadado, tarsos robustos e unhas curtas e pouco recurvas.

O apparelho digestivo n'estas aves é dotado de um extraordinario vigor: é muito musculoso e os succos digestivos abundam.

Para dar uma idéa da força digestiva do estomago d'estas aves limitar-me-hei a recordar que diversas experiencias tentadas deram entre outros os resultados seguintes: uma esphera de vidro, de um diametro

ligeiramente inferior ao do esophago da ave em que se faz a experiencia, é reduzida a pó em menos de quatro horas; no espaço approximado de vinte e quatro horas dezesete avellãs são inteiramente trituradas e desfeitas; n'um espaço de tempo relativamente pequeno tubos de folha de Flandres são completamente amolgados.

Em algumas especies o macho tem um esporão situado acima do dedo pollegar e que lhe serve de arma offensiva e defensiva em lucta com os rivaes. Na maioria das especies a cabeça é encimada por cristas de coloração diversa; estes appendices existem tanto no macho como na femea, sendo porém n'esta de um desenvolvimento menor que n'aquelle.

Em relação á plumagem as variações são notaveis de especie a especie; algumas ha que na opulencia e brilho das côres rivalisam com os passaros: taes são o pavão, o argus e o faisão, de todos o mais bello. A riqueza de colorido é porém attributo exclusivo dos machos; as côres da plumagem são na femea pouco vivas, pouco brilhantes. Sob este ponto de vista as differenças entre os sexos são profundissimas. Compare-se o pavão femea ao pavão macho, por exemplo. Que enorme differença! Ao passo que o ultimo é para toda a gente um motivo de admiração, o primeiro passa inteiramente desapercebido. Á plumagem esplendida e formosissima d'um corresponde o manto incaracteristico do outro.

A voz dos gallinaceos é em geral desagradavel, ou pelo menos está longe de ser harmoniosa.

COSTUMES

De ordinario os gallinaceos vivem em terra. Tendo um vôo muito pesado e pouco tempo sustentavel, o que está em relação com a natureza do esqueleto pouco pneumatico, as aves d'esta ordem, são forçadas com effeito a resignarem-se a uma vida quasi exclusivamente terrestre. Algumas, como a perdiz, correm com uma velocidade notavel.

Os gallinaceos podem dizer-se omnivoros, porque realmente, comquanto as sementes, os grãos predominem no seu regime alimentar, é certo que tambem dão caça aos animaes, vermes e insectos, e recebem com satisfação as folhas de muitos vegetaes. Quando comem, os gallinaceos teem o costume de engulir pequenas pedras, areias e outras substancias não alimentares de uma dureza extraordinaria; a presença d'estes corpos no estomago auxilia consideravelmente a trituração dos alimentos.

Os gallinaceos são em geral polygamos; os machos combatem desapiedadamente pela posse da femea. O leitor conhece, ao menos por tra-

dição, os combates dos gallos, que em alguns paizes constituem um divertimento publico extremamente apreciado.

De ordinario as femeas são extremamente prolificas: põem um grande numero d'ovos, que ellas chocam sem intervenção do macho, ordinariamente estranho e indifferente mesma á creação da prole.

INIMIGOS

São muito numerosos os inimigos dos gallinaceos. Todos os mamiferos carniceiros e todas as aves de rapina, grandes e pequenas, figuram n'este numero ao lado do homem que occupa o primeiro logar. Com effeito poucas aves estarão tão sujeitas á caça como estas.

Á destruição completa das aves d'esta ordem obsta apenas a extraordinaria multiplicação d'ellas.

CAPTIVEIRO E DOMESTICIDADE

Desde tempos remotissimos que o homem submetteu ao seu dominio um certo numero de especies d'esta ordem dos gallinaceos. Levou-as comsigo para toda a parte, adaptando-as aos logares mais differentes, ás condições mais variadas. A gallinha, especie typica, é um exemplo frisante.

O homem escolheu, sem duvida, para reduzir ao captiveiro as especies que mais uteis lhe podiam ser. É certo porém, como nota Brehm, que ha muitas vivendo ainda hoje uma vida inteiramente selvagem e que, trazidas á domesticidade, poderiam prestar-nos valiosissimos serviços.

OS GALLINACEOS EM ESPECIAL

A ordem dos gallinaceos costuma ser dividida em duas sub-ordens: os *pombos* e os *gallinaceos propriamente ditos*. O que deixamos dito na generalidade tem principalmente applicação a esta segunda sub-ordem; entre as duas ha differenças notaveis, chegando alguns naturalistas a separal-as como duas ordens differentes. Os caracteres differenciaes mais importantes são sem duvida os seguintes: ao passo que os gallinaceos propriamente ditos passam uma vida, como dissemos, quasi exclusivamente terrestre, os pombos teem uma vida principalmente aeria; além d'isto, os gallinaceos propriamente ditos são, como tambem dissemos, polygamos, emquanto que os pombos são monogamos.

OS POMBOS

Estas aves são refeitas, de dimensões proporcionadas, de pescoço curto, cabeça pequena, bem conformada, bico pequeno, de ordinario pouco vigoroso, pouco recurvo, em geral apenas levemente inclinado na ponta, de azas curtas, de pés com quatro dedos, tendo trez a direcção anterior e um a posterior, e finalmente de cauda variavel na extensão, sendo curta n'umas especies, no maior numero, e comprida em outras.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Os pombos são indiscutivelmente aves cosmopolitas. Encontram-se tanto no Antigo como no Novo-Mundo, sendo n'aquelle porém mais abundantes as especies.

COSTUMES

Tendo de estudar minuciosamente algumas especies, caracterisando o estado selvagem e o estado domestico d'estas aves, dispensamo-nos de quaesquer considerações geraes que naturalmente teriamos de repetir mais ou menos.

I. POMBOS BRAVOS

O POMBO TROCAZ

Tem a cabeça e a garganta de um azul escuro, o alto das costas e das azas de um pardo azul escuro, a parte inferior das costas e o uropigio azues claros, a parte inferior do pescoço ornada de cada lado por uma mancha branca brilhante, a parte posterior e os lados do pescoço de um verde dourado com reflexos azues e côr de cobre, as remiges côr de ardosia, sendo as primarias bordadas de branco, as rectrizes cinzentas escuras por cima, passando a negras na extremidade, com uma larga facha transversal de um cinzento azulado inferiormente. Os olhos são amarellos claros, o bico é amarello na ponta e vermelho na base e os pés são de um vermelho azulado.

Este pombo mede quarenta e cinco centimetros de comprido e setenta e nove de envergadura; o comprimento da aza é de vinte e cinco centimetros e o da cauda de dezoito.

A femea apresenta dimensões um pouco inferiores ás do macho.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Encontra-se em toda a Europa e tambem na Asia, desde o centro da Siberia até ao Himalaya. Nas suas emigrações chega até ao noroeste d'Africa.

É commum entre nós.

COSTUMES

O pombo trocaz vive nas mattas e nas florestas de preferencia a outros logares; é certo comtudo que se encontra tambem perto das aldêas e até das cidades. Ha mesmo individuos que fazem ninho nas arvores dos passeios de Dresde, de Leipzig e nas dos jardins das Tulherias, do Luxemburgo e do Museu de Historia Natural, em Paris.

Ao norte este pombo é ave de arribação; no meio dia da Allemanha, e sobretudo na Italia e na Peninsula iberica, é sedentario. Os individuos que passam o estio no norte, emigram no outomno para o meio-dia e para o sul onde passam a estação invernosa.

O pombo trocaz é timido. Marcha bem e com rapidez, mantendo o corpo horisontal e inclinando incessantemente o pescoço. Empoleira-se nos cimos das arvores ou esconde-se no meio dos ramos. O vôo é elegante, rapido e facil; no momento em que este pombo se eleva na atmosphera, as azas produzem um grande ruido que mais tarde degenera n'um fremito agradavel. O pombo trocaz reconhece-se facilmente de longe não só pelas dimensões, mas ainda pelo comprimento da cauda e pela mancha branca que lhe marca as azas.

Ao cair da tarde macho e femea juntam-se na visinhança do ninho. Antes do nascer do sol erguem-se e o macho vae poisar n'uma arvore favorita e ahi solta a voz. Os outros machos, attraídos pelos gritos, veem pousar nas arvores visinhas e soltam tambem a voz, como ao desafio. As femeas veem depois, pousando ao lado dos companheiros. Comquanto se façam ouvir mesmo em tempo de chuva, é certo que é nas manhãs dos dias quentes, quando não ha vento, que os machos mais tempo e com mais enthusiasmo soltam a voz.

O pombo trocaz procura alimentos duas vezes por dia: de manhã e á tarde.

Na primavera e no estio o pombo trocaz encontra-se ordinariamente aos pares, raras vezes em bandos. Na quadra do cio o macho mostra-se extraordinariamente excitado: move-se, vôa constantemente. Ás vezes a femea segue-o; de ordinario porém, conserva-se empoleirada esperando-o tranquillamente. Brehm, pae, affirma nunca ter visto os machos luctarem pela posse da femea.

Escolhido o logar do ninho, macho e femea tratam de arrecadar os materiaes de construcção; mas só a femea trabalha, só ella edifica.

O ninho é fundo e collocado a uma altura relativamente grande, a dez ou trinta pés acima do solo. Os materiaes de construcção são pequenos ramos de pinheiros e de abetos, arrancados ás arvores com os pés e os bicos. O diametro do ninho é de doze a quinze pollegadas; a construcção é tão frouxa que os ovos se vêem atravez das malhas formadas por esses ramos. Ás vezes o pombo trocaz não fabrica ninho, contentando-se com algum que encontra abandonado pelos esquilos.

Os ovos postos são dois, finos, de um branco brilhante, porosos e egualmente arredondados nas extremidades. Ambos os paes chocam: o macho desde as nove ou dez da manhã até ás trez ou quatro da tarde e a femea no restante tempo.

De ordinario o pombo trocaz dedica muito pouca affeição á prole. É facil fazel-o abandonar definitivamente o ninho e roubar-lhe os ovos. Comtudo desde que os filhos rompem a casca dos ovos, um dos paes conserva-se sempre junto d'elles para os aquecer e dá-lhes alimentos até que possam voar. Nos primeiros dias de existencia, os filhos são alimentados pelos productos caseosos da secreção do papo dos paes; mais tarde principiam a receber d'estes, grãos préviamente amollecidos no papo. Os filhos recebem os alimentos duas vezes por dia: a primeira vez de manhã entre as 7 e as 8 horas e a segunda de tarde entre as 4 e as 5. Quando alguem pretende tiral-os do ninho, accommettem ás bicadas.

Os grãos das coniferas são o alimento predilecto d'esta especie. Come tambem cereaes, grãos de gramineas e algumas vezes caracoes e vermes.

UTILIDADE

Os poucos grãos que o pombo trocaz apanha nos campos seriam perdidos, quando mesmo elle os não comesse, diz Brehm. Assim, pode dizer-se que não causa estragos; mas, concedendo mesmo que alguns cause, é certo que os compensa amplamente, destruindo as hervas para-

sytas. Deve pois ser considerado uma ave utillissima. E no entanto a gente ignorante faz-lhe uma guerra desapiedada. Felizmente para a economia da natureza, este pombo é timido e difficilmente se deixa approximar. Os individuos que vivem nas cidades e andam pelas ruas procurando alimentos, constituem uma verdadeira excepção aos costumes geraes da especie.

INIMIGOS

O homem não é o unico inimigo da especie. O milhafre, o falcão, os gatos bravos, as martas e os esquilos, além d'outros, são perseguidores terriveis do pobre pombo, tão util como sympathico.

CAPTIVEIRO

O pombo trocaz domestica-se facilmente; pode conservar-se muito tempo engaiolado, porque é muito facil de alimentar com grãos de toda a ordem. Comtudo só excepcionalmente se reproduz em captiveiro. Vive em harmonia perfeita com todos os outros pombos, nunca usando do direito do mais forte.

A POMBA BRAVA

É tambem uma especie selvagem e aquella de que, no dizer de Brehm, Figuier e outros naturalistas, derivam os pombos vulgares dos nossos pombaes.

CARACTERES

A pomba brava tem as costas de um azul acinzentado claro, o ventre azulado, a cabeça de um azul de ardosia claro, o pescoço de um azul de

*

ardosia escuro com reflexos verdes e azues claros na parte superior e vermelhos na inferior, o fundo das costas branco, as azas atravessadas por duas raias negras, as remiges cinzentas, as rectrizes de um azul escuro com a ponta negra e as barbas externas das lateraes brancas, os olhos amarellos, o bico negro na ponta, azul claro na base e os pés de um vermelho-violeta escuro. As côres variam pouco de sexo para sexo.

Esta especie mede trinta e seis centimetros de comprimento e sessenta e trez de envergadura; a extensão da aza é de vinte e dois centimetros e a da cauda de doze.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Habita a Asia, o norte d'Africa e a Europa, sendo pouco commum n'este continente.

Entre nós a especie é rara.

COSTUMES

Esta especie é facil de distinguir de todas as congéneres.

Habita os rochedos da beira-mar, sobretudo; no interior das terras poucas vezes se encontra.

Graba que observou a pomba brava nas ilhas de Féroë, escreve a proposito o seguinte: «É ahi muito commum; faz ninho em quasi todas as ilhas habitadas, mas sabe tão bem occultar-se que os habitantes não conseguem apanhar-lhe nem os filhos, nem os ovos. Quando vem procurar alimentos a Indmarck, é tão prudente, e o seu vôo é tão rapido que nem as aves de rapina conseguem apanhal-a, comquanto matem os pombos domesticos. Vi as pombas bravas voando n'uma grande caverna a que pude chegar com muito trabalho e correndo muitos perigos. A caverna estava desmoronada e dividida em pequenas grutas cujas entradas se achavam obstruidas por pedras mais ou menos grossas, de sorte que era impossivel surprehender os ninhos. Fallei, gritei, lancei pedras para dentro: nada foi capaz de fazer apparecer as pombas. Dei então um tiro

e immediatamente se animou a caverna, principiando as pombas a apparecer de todos os lados.»

Brehm viu pombas bravas nos rochedos situados perto das cataratas, no Egypto; encontrou-as mesmo no deserto, em bandos. No centro da Africa, onde faltam as montanhas pedregosas, não se encontram; é certo vel-as porém, onde quer que exista um rochedo cortado a pique.

Nas Indias são aves muito communs; aninham nas grutas e nas cavernas dos rochedos, de ordinario ao pé da agua.

Comparando-se a pomba brava aos pombos domesticos, nota-se que ella é mais timida (o que é naturalissimo), mais agil e de um vôo muito mais rapido, podendo fazer cento e dez kilometros ou vinte e duas leguas por hora.

A pomba brava, como os pombos domesticos, alimenta-se de cereaes de toda a ordem, de grãos de todo o genero e de hervas más.

Admitte-se que a pomba brava aninha duas vezes por anno. No começo da primavera o macho arrulha com ardor, disputa com os rivaes, conquista a femea por fim, passando a dedicar-lhe a mais viva ternura. «Uma vez constituido o casal, diz Naumann, nunca mais se separa. Os esposos conservam-se juntos, mesmo fóra do tempo de reproducção. As excepções a este proceder são raras. O macho procura um logar para construir o ninho; desde que o encontrou, ahi se conserva, gritando e com a cabeça inclinada para a terra até que a femea chegue.» O macho é que procura os materiaes de construcção e a femea é que os dispõe, que os coordena. O ninho é chato, levemente escavado no centro; consiste n'um agrupamento grosseiro de ramos seccos, de hervas e de palha. Os ovos são dois, alongados, de um branco puro e brilhante. Macho e femea chocam alternativamente: a femea desde as trez horas da tarde até ás dez da manhã do dia immediato e o macho todo o restante tempo. O macho passa a noite perto do ninho, prompto a defender a femea e não consentindo a approximação de qualquer outro pombo.

A incubação dura dezeseis a dezoito dias. Nos primeiros dias os paes alimentam os recemnascidos com o producto de secreção do papo; mais tarde dão-lhes grãos previamente amollecidos no estomago e por ultimo grãos duros e ao mesmo tempo pequenas pedras e fragmentos de terra. Ao fim de quatro semanas os novos seres podem considerar-se adultos.

INIMIGOS

Os inimigos d'esta especie são os mesmos da precedente.

CAPTIVEIRO

Apanhada nos primeiros tempos de existencia, a pomba brava acaba por habituar-se ao homem, sem todavia chegar a manifestar por elle uma grande dedicação.

UTILIDADE

Tem querido considerar-se a pomba brava uma ave nociva. Não o é porém; ao contrario deve ter-se na conta de muito util. Se alguns estragos produz, compensa-os amplamente destruindo hervas nocivas á agricultura.

II. POMBOS DOMESTICOS

Ácerca da origem dos pombos domesticos, vamos transcrever uma pagina interessante do livro de Brehm. Escreve o eminente naturalista allemão: «Quando depois de se ter considerado o numero espantoso de pombos domesticos que em todas as partes do mundo civilisado vivem tributarios do homem, quando depois de se ter verificado a diversidade das suas dimensões, das suas formas, das suas côres, etc., se perguntou se era possivel que tantos seres, na apparencia tão differentes, tirassem todos a sua origem de uma especie unica, uns negaram a possibilidade de uma genealogia que tivesse a pomba brava por ponto de partida e outros invocaram provas que fizeram crêr na probabilidade de uma tal descendencia. Assim se dividiram as opiniões sobre a origem das raças. Brisson e com elle alguns naturalistas pensaram que o pombo romano, de que fallaremos adiante, era uma especie primitiva e que d'elle e da pomba brava tinham saído todas as nossas raças. Outros auctores attribuiram estas á mistura de algumas das nossas especies selvagens com outras especies estranhas; mas para que esta opinião não caducasse diante dos factos que provam que o producto de duas especies differen-

tes, embora pertencendo ao genero commum, é ordinariamente infecundo e por conseguinte incapaz de se perpetuar, os auctores em questão suppozeram que não havia especies na natureza, mas antes raças primitivas. Buffon, depois de ter admittido que se deviam considerar os pombos semi-bravos e os pombos domesticos como emanando de uma mesma especie, que seria tambem a pomba brava, *columba livia*, acabou comtudo por admittir que esta ultima, o pombo trocaz e a rola, cujas especies parecem manter-se em estado de natureza, poderiam ter-se unido em domesticidade e que d'essa união teriam saído a maxima parte das raças dos nossos pombos domesticos.

«Seja como fôr, será sempre verdade dizer-se que a pomba brava é o ponto de partida de todos os pombos semi-mansos e de um grande numero de domesticos. Quanto ás raças sobre cuja origem reina ainda grande obscuridade, devemos limitar-nos a consideral-as taes quaes são, sem nos aventurarmos em conjecturas que em nada esclareceriam uma questão que nos parece insoluvel.

«Tambem se não está muito de accordo sobre o numero de raças puras que devem admittir-se; mas comprehende-se a diversidade de opiniões, desde que a menor variação nas dimensões ou na plumagem, obtida pelo cruzamento, é considerada uma raça. Buffon dividiu os pombos em doze raças ou variedades principaes, a que referia um grande numero de variedades secundarias. Boitard e Corbié descreveram vinte e quatro raças, entre as quaes muitas correspondem ás variedades secundarias de Buffon. Pelletan reduziu este numero a quinze, abstrahindo da pomba brava.» [1]

Descreveremos algumas das raças mais importantes.

O POMBO MARIOLA

É esta a raça mais commum e a mais estimada pela fecundidade.

[1] Brehm, *Obr. cit.*, vol. 4.º, pg. 238.

CARACTERES

Este pombo é robusto, refeito e airoso. A plumagem offerece todas as cambiantes possiveis e as dimensões variam muito. Esta raça comporta ainda tres variedades — *grande, media* e *pequena.* De todos o mais fecundo é o pombo medio: pode dar uma ninhada todos os mezes. O pombo grande não é inferior nas dimensões a uma gallinha pequena. Como caracter distinctivo de raça podemos apresentar a existencia no pombo mariola de um filete vermelho circuitando os olhos.

QUALIDADES E DEFEITOS

O pombo mariola, creado por assim dizer dentro das nossas casas, em contacto immediato, frequente, necessario com o homem, tem perdido inteiramente a timidez nativa e é um verdadeiro ladrão domestico, de uma impudencia invencivel. Não estende muito longe o seu instincto de rapina, não o dilata por largas extensões; mas penetra nas casas, rouba o sal e o pão e faz destroços nas hortas.

O POMBO ROMANO

Este pombo é extremamente commum na Italia.

CARACTERES

Tem o bico muito escuro, anegrado, coberto na base por uma membrana espessa, um circulo vermelho em torno dos olhos, duas excrescencias sobre o bico, a iris branca e as palpebras vermelhas. As azas

chegam á extremidade da cauda. As formas e a plumagem variam. Este pombo pode apresentar poupa.

Mede quarenta e dois centimetros de comprido e setenta e cinco de envergadura.

Existem trez variedades principaes: o *branco*, o *côr de crème*, e o *cinzento manchado*.

QUALIDADES E DEFEITOS

O pombo romano come muito e é moderadamente fecundo: realisa quatro a seis posturas por anno.

O POMBO BAGADEZ

Dos pombos de viveiro é um dos maiores.

CARACTERES

É notavel este pombo pelo desenvolvimento da membrana que lhe cobre as narinas e dos circulos desnudados que apresenta em volta dos olhos; estes acham-se quasi escondidos e do bico só a extremidade é visivel. A plumagem é branca ou escura ou de um azul acinzentado. O bico é comprido e um pouco gancheado. A cabeça apresenta algumas vezes uma poupa. É mais elegante e tem o pescoço mais comprido e a cauda mais curta que o pombo romano.

As variedades d'esta raça são numerosas.

QUALIDADES E DEFEITOS

É pouco fecundo, irritavel e pouco cuidadoso pela prole. É caro este pombo. Segundo Gerbe, em França tem-se vendido o casal a duzentos francos.

O POMBO TURCO

Constituirá este pombo uma raça distincta ou uma simples variedade? Dividem-se os naturalistas entre estas duas opiniões. Para Buffon o pombo romano, o pombo bagadez e o pombo turco são simples variedades do pombo mariola. Para Brehm o pombo turco é um pombo romano, com as excrescencias ou carunculas menos desenvolvidas e apresentando quasi sempre uma poupa.

O POMBO POLACO

Este pombo é mais pequeno que qualquer dos descriptos.

CARACTERES

É refeito e notavel pela forma achatada da cabeça e pelos circulos que apresenta em torno dos olhos e que são tão largos que ás vezes se

confundem na parte superior da cabeça. As caruncullas da base do bico são muito desenvolvidas.

QUALIDADES E DEFEITOS

É uma raça de amadores, pouco graciosa e pouco fecunda.

Ha umas poucas de variedades d'esta raça, avultando entre ellas os pombos *negro, azul e vermelho.*

O POMBO DE PAPO

Esta raça é perfeitamente caracterisada pela dilatação extrema do papo que o pombo enche d'ar a ponto de constituir uma grande dilatação anterior, uma como bola enorme que o não deixa vêr o chão junto dos pés. A garganta é ás vezes tão grossa como todo o resto do corpo. Esse orgão, assim extraordinariamente desenvolvido, é séde de doenças desconhecidas ou muito raras n'outras raças.

As variedades são muito numerosas. Mencionaremos algumas:

O *pombo de papo sopa de vinho.* Os machos n'esta variedade são de furta côres.

O *pombo de papo branco calçado.* Tem as azas compridas e cruzadas sobre a cauda.

O *pombo de papo côr de fogo.* Este apresenta sobre as pennas duas raias: uma azul e outra vermelha e na extremidade uma orla negra.

O *pombo de papo côr de castanha.* Este tem as pennas das azas inteiramente brancas.

O *pombo de papo mourisco.* É negro avelludado e tem na aza dez pennas brancas; abaixo do pescoço apresenta uma especie de babador de pennas tambem brancas.

O POMBO CAVALLEIRO

Esta raça parece ser devida ao cruzamento do pombo de papo com o pombo romano. É esta, pelo menos, a opinião de Brehm.

CARACTERES

O pombo cavalleiro tem, como o pombo de papo, a faculdade de dilatar muito a garganta e do pombo romano tem o circulo vermelho em torno dos olhos. Apresenta narinas espessas, membranosas e carnudas.

Entre as variedades apparece o *cavalleiro hespanhol,* muito semelhante a um bagadez, excepto no desenvolvimento das caruncula.

QUALIDADES E DEFEITOS

Esta raça é preciosa pela belleza e principalmente pela fecundidade.

O POMBO FREIRA

É caracterisado este pombo pela existencia de uma especie de capuz na cabeça, construido por pennas levantadas e que desce ao longo do pescoço e se prolonga pelo peito á maneira de uma gravata. Tem o bico curto, e os olhos de côr arenosa, circuitados de vermelho.

É de pequenas dimensões esta raça.

Entre as variedades figuram o *branco*, o *sopa de vinho*, o *roxo* e o *camurça.*

QUALIDADES E DEFEITOS

É um famoso pombo de viveiro. É docil, familiar e bastante fecundo.

O POMBO GRAVATA

Esta raça é uma das mais bem caracterisadas entre as de viveiro.

CARACTERES

Este pombo é muito pequeno. Tem as pennas da garganta erguidas e frisadas no papo, a cabeça achatada, o bico curto, pouco volumoso e os olhos salientes. As formas são graciosas.

Entre as variedades as mais procuradas, as tidas em maior estima são:

O *pombo gravata francez,* que é branco, com azas negras ou côr de camurça;

O *pombo gravata inglez,* que é azul ou azulado;

O *pombo gravata branco,* em cujo nome está o caracteristico tirado da côr da plumagem;

Finalmente, o *pombo gravata de poupa.*

QUALIDADES E DEFEITOS

Este pombo sustenta o vôo durante longo tempo e é por isso muito empregado como mensageiro. Junta-se tão facilmente á rola como ao pombo commum e dá mestiços.

O POMBO CONCHA HOLLANDEZ

É um verdadeiro pombo freira que, em logar de capuz, apresenta na parte posterior da cabeça um simples tufo revirado de pennas, em forma de concha. A plumagem d'este pombo é branca; a cabeça porém e a extremidade das azas e da cauda são negras.

QUALIDADES E DEFEITOS

As qualidades e defeitos d'esta especie são os mesmos que no pombo freira.

O POMBO DE LEQUE

Este nome provem da faculdade que o pombo tem de abrir as pennas da cauda, de as separar em forma de leque. Quando o pombo volta a cabeça para traz, esta toca-lhe na cauda; e se quer olhar para traz de si tem de passar a cabeça por entre os dois planos de rectrizes. O numero das pennas da cauda, que na maior parte dos pombos é de doze, n'este é de trinta ou mais.

Segundo Temminck, este pombo é originario da Asia.

QUALIDADES E DEFEITOS

É muito docil e muito fecundo; o seu vôo não é muito extenso, porque a cauda o prejudica um pouco.

O POMBO RODADOR

Este pombo constitue uma raça muito singular pelo habito que tem de voar a grande altura (é este pombo o que mais alto se eleva) e de deixar-se depois cair de repente dando voltas successivas sobre si mesmo, á maneira de um acrobata que dá um salto perigoso.

CARACTERES

É uma raça pequena tendo os olhos orlados de vermelho e os pés nús, não escamosos. A plumagem varía muito. As azas excedem algumas vezes a extremidade da cauda.

QUALIDADES E DEFEITOS

Este pombo é muito fecundo. Segundo Temminck emprega-se muito para attrair os pombos bravos.

O POMBO BATEDOR

Em vez de dar cambalhotas, como o antecedente, executa circulos continuos, como uma ave que tivesse uma porção de chumbo preso ás azas.

QUALIDADES E DEFEITOS

É fecundo, mas muito richoso e ciumento.

O POMBO ANDORINHA

Este pombo de formas elegantes tem azas muito compridas e a cabeça muitas vezes encimada por uma poupa. Uma parte da cabeça, o pescoço e as azas são brancos; a parte inferior do corpo é branca e o resto preto, roxo, azul ou amarello. De ordinario os pés são cobertos de pennas muito extensas.

O POMBO TAMBOR

Este pombo tem os pés cobertos de pennas muito extensas e a cabeça ordinariamente encimada por uma poupa. As coxas são tambem cobertas de pennas compridas. Tem um arrulho surdo, intermittente que de longe faz lembrar o rufo do tambor; d'aqui o seu nome especial.

QUALIDADES E DEFEITOS

Este pombo é muito fecundo; dá oito a dez ninhadas por anno. Tem pouca dedicação pelos filhos, suja-se muito e mal pode mesmo manter

uma tal ou qual limpeza, attenta a desmesurada extensão das pennas das coxas.

O POMBO VOADOR

É uma raça pequena, de formas elegantes, com um fino filete vermelho circuitando os olhos. Tem a iris esbranquiçada, os pés nús, não escamosos, as côres variadas e irregulares, as azas compridas e ponteagudas e as carunculas do bico quasi nullas.

QUALIDADES E DEFEITOS

Esta raça é bastante fecunda. Possue um vôo extensissimo, largo tempo sustentado.

É uma variedade d'esta raça o famoso *pombo correio* de que passamos a occupar-nos com a extensão que elle merece.

O POMBO CORREIO

O pombo correio é celebre pela sua dedicação aos logares que o viram nascer ou em que vivem os filhos e pela sagacidade com que sabe procurar o paiz natal mesmo quando esteja muito affastado d'elle. «Transportado, diz Figuier, a distancias consideraveis do domicilio, mesmo n'um

cesto bem fechado, depois posto em liberdade passado um tempo mais ou menos longo, volta, sem hesitar um momento ao ponto de partida.

«Esta faculdade preciosa foi muito cedo aproveitada, sobretudo no Oriente. Entre os romanos fez-se uso d'estes pombos. Plinio diz que este meio foi empregado por Bruto e Hirtio para estabelecerem correspondencia emquanto Marco-Antonio sitiava um d'elles n'uma cidade.

«Pedro Belon, naturalista da Renascença, ensina-nos que no seu tempo os navegantes do Egypto e de Chypre levavam nas suas galeras estes pombos e que os largavam quando chegavam ao porto de destino para que levassem ás familias a noticia da feliz viagem.

«No cêrco de Leyde, em 1574, o principe de Orange empregou este mesmo processo para corresponder-se com a cidade sitiada, conseguindo libertal-a. Para testemunhar o seu reconhecimento pelos pombos libertadores, esse principe exigiu que fossem alimentados á custa da cidade e que, uma vez mortos, fossem embalsamados e conservados.

«Em 1847 os habitantes de Veneza, sitiados pelos austriacos, davam noticias aos amigos de fóra, graças aos pombos correios.

«O papel admiravel que estes famosos pombos desempenharam durante o bloqueio de Paris pelos exercitos prussianos em 1870 e 71, ficará consignado na historia. Ninguem poderá esquecer nunca que a esperança e a salvação de um milhão de homens iam suspensas da aza de uma ave.

«Alguns detalhes sobre o *correio dos pombos* durante o cêrco de Paris, teem aqui o seu logar.

«Existia em Paris uma sociedade denominada *amiga dos pombos,* que se occupava de educar pombos para o serviço das mensagens aerias, systema este de correspondencia que, a despeito da telegraphia electrica, se conserva ainda em algumas partes da Europa.

«Quando toda a gente se convenceu de que os balões partidos de Paris não voltariam mais, os membros da Sociedade tiveram a idéa de confiar os seus pombos aos aerostatos que saíam de Paris de tempos a tempos. «Que os balões conduzam os pombos, disseram, e estes se encarregarão de voltar a Paris.»

«Rampont, director dos correios, a quem este projecto foi communicado, acceitou desde logo a idéa de experimentar este meio precioso.

«No dia 27 de Setembro de 1870, trez pombos partiram no balão denominado *A cidade de Florença.* Seis horas depois estavam de volta em Paris com um escripto assignado pelo aeronauta que annunciava a sua descida perto de Nantes.

«Por esta experiencia convincente ficou creado definitivamente o correio dos pombos.

«Com effeito, alguns estudos previos sobre o modo de transportar,

de tratar, de despedir os pombos, tendo as experiencias dado um resultado superior a toda a previsão, Rampont decidiu-se a abrir ao publico o singular correio. As noticias destinadas a Paris eram expedidas de Tours, d'onde partiam para aquella capital levadas pelos pombos que haviam saído em balões da cidade sitiada. O preço estipulado era de cincoenta centimos, um tostão, por palavra. Trezentos e sessenta e trez pombos saíram em balões de Paris e foram parar a departamentos visinhos. Só cincoenta e sete voltaram: quatro em Setembro, dezoito em Outubro, dezesete em Novembro, doze em Dezembro, trez em Janeiro e trez em Fevereiro.

«O correio dos pombos completava o serviço dos balões.

«Mas o que tornou eminentemente util esta encantadora invenção, o que fez d'ella uma verdadeira creação scientifica, foi o systema de noticias photographicas que os pombos traziam para Paris.

«Um pombo não pode carregar senão com um pezo insignificante. Pode conduzir uma folha de papel de quatro ou cinco centimetros quadrados, finamente enrolada e presa a uma das pennas da cauda; mas uma mensagem assim é muito curta.

«Desde o começo do cêrco principiaram todos a pensar nas maravilhas da photographia microscopica, creada por Dagron, que tinha exhibido na Exposição Universal de 1867 photographias reduzidas pelo microscopio a dimensões infinitamente pequenas. Sobre uma superficie tão larga como a cabeça de um alfinete, Dagron conseguira apresentar quatrocentos retratos, monumentos, paysagens, etc.

«Dagron, o inventor da photographia microscopica, foi então encarregado de reduzir a um *cliché* unico, reduzido a proporções microscopicas, os despachos que se reuniam todos n'uma grande folha de papel de dezenho. Esta folha recebia até vinte mil lettras. O todo era reduzido pelo apparelho de Dagron a um *cliché* que não excedia a quarta parte de uma carta de jogar.

«Dagron teve logo depois a idéa de, em vez de tirar em papel ordinario a imagem photographica assim reduzida, tiral-a n'uma especie de membrana muito semelhante á gelatina, isto é n'uma lamina de collodio.

«As pequenas folhas de collodio que continham os despachos microscopicos, eram enroladas sobre si mesmas e collocadas n'um tubo de penna, que se prendia á cauda do pombo. A leveza extrema das folhas de collodio, a macieza e impermeabilidade tornavam-as propriissimas para um tal uso. N'um só tubo de penna podiam caber vinte d'estas folhas.

«Escusado é dizer que os despachos microscopicos, uma vez chegados ao seu destino por intermedio dos mensageiros aereos, eram ampli-

ficados com auxilio de uma lente de augmento, isto é de uma especie de lanterna magica, e enviada uma copia aos destinatarios.

«Eu vi uma collecção d'estas pequenas cartas de collodio contendo despachos microscopicos, curiosa recordação do cêrco de Paris, que Dagron teve a amabilidade de enviar-me. Collocando-as sob o microscopio, lia paginas inteiras, formando a extensão de um jornal de grande formato. E tudo isto n'uma lamina do tamanho de uma unha!

«Acaba de vêr-se que foi em Paris que esta engenhosa e preciosa idéa foi posta em pratica por Dagron.

«É justo acrescentar que em Tours se tinha já principiado a produzir, com feliz resultado, despachos semelhantes, que haviam sido expedidos para Paris.» [1] O mesmo naturalista acrescenta ainda mais adiante: «Perto de trezentos mil despachos foram assim expedidos para Paris, antes do armisticio de 28 de Janeiro de 1871. A reunião de todos elles formaria uma bibliotheca de quinhentos volumes..... A lição que resultou dos preciosos serviços prestados pelos pombos correios durante o cêrco de Paris, não se perdeu. Foi decidido que todas as nossas praças fortes teriam um pombal e creariam pombos d'esta variedade.» [2] Nós podemos acrescentar que em Portugal se principiou já a seguir o exemplo da França. Na ultima exposição ornytologica, de 17 de abril de 1882 realisada no *Palacio de Crystal*, no Porto, tivemos occasião de vêr alguns pombos correios creados n'uma das nossas praças de guerra.

USOS E PRODUCTOS DOS POMBOS

«No ponto de vista da economia domestica e agricola, diz Brehm, a utilidade dos pombos é incontestavel. Nem todos porém acceitam este modo de vêr, ao menos pelo que respeita aos pombos errantes. Ha muito ainda quem creia que elles são mais nocivos do que uteis, que fazem destroços nas cearas e nos hortos não só no tempo das sementeiras mas ainda no momento da germinação dos fructos lançados á terra. É indiscutivel que taes destroços teem sido consideravelmente exagerados; mas quando mesmo fossem o que se diz, não deixariam de ser vantajosamente compensados pelos beneficios que os pombos nos prestam.

«De Vitry mostrou por um calculo muito simples e muito claro a enorme perda que a França experimentou, destruindo ou despovoando os

[1] L. Figuier, *Les Oiseaux*, pg. 278 e seguintes.
[2] L. Figuier, *Loc. cit.*, pg. 285.

pombaes que possuia antes da primeira revolução. As suas palavras sobre o assumpto são as seguintes:

«No momento em que foi decretada a perseguição contra os pombos semi-bravos, existiam quarenta e duas mil communas em França e portanto quarenta e dois mil pombaes. Eu sei bem que nas cidades esses pombaes não existiam e que tambem se não encontravam em algumas communas ruraes das cercanias de Paris; mas sei tambem que se encontravam dois, trez e algumas vezes mais em grande numero de aldeias, e julgo por isso não exagerar contando um pombal por communa.

«Havia pombaes que abrigavam trezentos casaes de pombos; mas para prevenir objecções contarei apenas cem casaes por pombal e duas posturas só por anno, deixando a terceira para repovoar e preencher lacunas occasionadas por acontecimentos quaesquer. Ora, cem casaes por pombal dariam uma somma de quatro milhões e duzentos mil casaes; mas, produzindo facilmente cada casal quatro filhos por anno, obtemos dezeseis milhões e oito centos mil pequenos pombos.

«Cada pequeno pombo arrancado ao ninho no fim de dezoito ou vinte dias, depennado e vazio, peza quatro onças. Os quarenta e dois mil pombaes forneciam pois sessenta e quatro milhões e oitocentas mil onças de um alimento sadio e geralmente barato. O preço corrente do pombo pequeno não excede quatro *sous* em muitos departamentos.

«Uma outra desvantagem ainda, resultante do decreto, é a perda das dijecções, um poderoso adubo para as terras destinadas á cultura do canhamo e que em certos departamentos se chegou a vender pelo preço do trigo.»

«As dijecções dos pombos são com effeito um dos mais poderosos adubos que possuimos. Procura-se a grandes distancias e por altos preços o guano que lhes é inferior. Essas dijecções contêem, segundo a analyse feita por Payen, oitenta e trez por mil de azote; cinco kilogrammas equivalem a dez mil de guano. Facil de transportar, este adubo é particularmente valioso nas regiões montanhosas, em que as terras, affastadas das habitações, são de um acesso difficil aos carros.» [1]

---

[1] Brehm, *Obr. cit.*, vol. 4.º, pg. 349-350.

O POMBO VIAJANTE

Apesar do nome de *pombo*, esta especie não pertence á familia ou ao genero dos pombos; pertence sim, ao genero *Ectopistes*, de que é a representante unica. O nome scientifico d'esta especie é *ectopistes migratorius;* a denominação que aqui lhe damos de pombo viajante é vulgar, assim como o é a de *rola de Canadá* por que tambem é conhecida.

CARACTERES GENERICOS

Entre os caracteres genericos comprehende-se: um bico mediocre, muito fino, de bordos flexuosos, azas compridas subagudas, sendo a segunda remige a mais comprida, cauda formada por doze rectrizes largas, tarsos curtos, robustos, um pouco emplumados abaixo da articulação, emfim o dedo mediano um pouco mais comprido que o tarso e provido de uma unha larga e mediocremente recurvada.

CARACTERES ESPECIFICOS

O pombo viajante é solidamente construido, vigoroso e refeito. Tem as costas azues escuras, a face inferior do corpo parda avermelhada, os lados do pescoço com reflexos violetas e côr de purpura, o ventre e a região anal brancos, as remiges quasi negras, circuitadas de branco, as rectrizes medianas negras, as lateraes de um cinzento claro, com veios trigueiros avermelhados e uma mancha negra nas barbas internas, os olhos vermelhos, o bico negro e os pés côr de sangue.

O macho mede quarenta e cinco centimetros de comprimento e sessenta e oito de envergadura.

A femea é mais pequena: mede quarenta e um centimetros de comprido e sessenta e trez de envergadura; tem as costas e o uropigio de um pardo esbranquiçado.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Encontra-se esta especie em todos os Estados da America do Norte, desde a bahia de Hudson até ao golpho do Mexico, desde as Montanhas Rochosas até á costa oriental.

COSTUMES

Esta especie é muito celebre pelos bandos innumeraveis em que vive. Para darem uma idéa do que são esses agrupamentos, teem dito naturalistas conscienciosos que durante o vôo chegam a escurecer o ar, enchem florestas inteiras com as suas dijecções e alimentam semanas seguidas as aves de rapina, que não carecem de procurar outra presa. Estas narrativas poderão parecer fabulosas a um habitante da Europa; todavia, tornam-as perfeitamente authenticas os nomes de observadores tidos em conta de verdadeiros.

Segundo Audubon, o pombo viajante vôa com extrema rapidez, agitando vivamente e frequentemente as azas que conserva mais ou menos perto do tronco segundo a velocidade que pretende adquirir. Á maneira do pombo domestico, elle descreve muitas vezes na estação dos amores grandes circulos no ar; e durante estes exercicios, os tubos das remiges primarias, fazendo attrito uns contra os outros pelas extremidades, produzem um ruido estridente que se pode ouvir á distancia de cincoenta ou sessenta passos.

O vôo d'este pombo é pois sustentado e vigoroso, como convem a uma ave emigrante.

As viagens por vezes muito extensas, as emigrações que executa são, segundo o naturalista que acabamos de citar devidas á necessidade em que o pombo em questão se encontra de procurar alimentos. Não é para subtrair-se aos rigores do tempo que o pombo viajante emigra, insiste Audubon. E é precisamente por isso que taes emigrações se não realisam em periodos fixos, certos, determinados. Se n'uma região dada a alimentação é abundante, o pombo conserva-se ahi largo tempo; se é exigua, a emigração não se fará tardar.

A força enorme das azas permitte a este pombo percorrer enormes distancias n'um espaço curto de tempo. É o que está perfeitamente provado por numerosas observações. Assim, teem sido mortos perto de Nova-York pombos com o papo ainda cheio de grãos de arroz que não

poderiam ter encontrado senão, para suppôr a menor distancia, nos campos da Georgia e da Carolina. Ora, como a digestão d'estes pombos se faz tão rapidamente que no espaço de doze horas os alimentos são inteiramente decompostos, é preciso admittir no caso sujeito que elles percorreram em seis horas trezentas a quatrocentas milhas. Por este calculo Audubon admitte que o pombo viajante poderia percorrer toda a Europa em menos de trez dias. Claro está que não entra aqui um factor importante e imprescindivel mesmo de avaliação, a fadiga, que para o nosso caso representa um papel semelhante ao do attrito em mecanica.

Ao mesmo tempo que possue um poder assombroso de vôo, o pombo viajante possue tambem uma acuidade espantosa de vista. Percorrendo uma região com a velocidade prodigiosa que vimos, o pombo viajante inspecciona-a toda, descobre perfeitamente os logares em que o alimento abunda e aquelles em que elle falta.

O que acabamos de relatar parece realmente fabuloso. E comtudo Wilson acrescenta: «Dirigindo-me para Francfort, percorria uma floresta por sobre a qual tinha visto de manhã passarem alguns pombos na direcção de éste. Pela volta da uma hora depois do meio dia, voltaram na mesma direcção e em numero tal como nunca vi. Os pombos voavam com uma grande rapidez acima de mim á distancia de uma bala de espingarda, em columnas differentes e de tal modo unidos que um só tiro abateria muitos. Para a direita e para a esquerda, tão longe quanto a vista alcançava, estendiam-se sempre as columnas egualmente cerradas e egualmente espessas em todos os pontos. Desejoso de saber o tempo que demoraria esta passagem, sentei-me com o relogio na mão. Era hora e meia da tarde. Estive sentado mais de uma hora; e o bando em vez de diminuir parecia, pelo contrario, augmentar constantemente. Por fim puz-me a caminho para chegar ao meu destino. Ás quatro horas da tarde chegava eu a Kentucky, não longe de Francfort, e a nuvem de pombos parecia-me ainda tão vasta como antes.»

Um calculo interessantissimo feito por Audubon para avaliar a quantidade de alimento devorado por estas aves é o seguinte: «Tomemos, diz elle, uma columna de uma milha de largo, o que é inferior á realidade, e imaginemol-a passando acima de nós, sem interrupção, durante trez horas, com uma velocidade uniforme de uma milha por minuto. Teremos assim um parallelogramma de cento e oitenta milhas de comprido sobre uma de largo. Suppondo dois pombos por metro quadrado, o todo dará um bilhão cento e quinze milhões cento e cincoenta e seis mil pombos para cada bando; ora como cada pombo consome diariamente quatrocentos e setenta e cinco centimetros cubicos de grão, a alimentação precisa para toda a immensa multidão que imaginamos deveria ser de oito milhões e setecentos e doze mil alqueires por dia.»

Para aninhar o pombo viajante procura os logares em que o alimento abunda, geralmente as florestas n'um ponto não muito distante da agua. O macho na quadra dos amores apresenta-se altivo, perseguindo a femea quer em terra, quer voando de ramo em ramo, com a cauda erguida, as azas pendentes e os olhos brilhantes, arrulhando sempre. Macho e femea beijam-se como os pombos domesticos, cruzando os bicos. Estes preliminares terminam dentro de pouco tempo e os pombos principiam a construcção do ninho no meio de uma imperturbavel alegria. Os materiaes empregados são ramusculos seccos entrecortados. Muitas vezes existem na mesma arvore cincoenta a sessenta ninhos, contendo cada um dois ovos elipticos e brancos. Durante a incubação o macho provê ás necessidades alimentares da companheira e manifesta por ella uma dedicação illimitada.

INIMIGOS

Entre os inimigos do pombo viajante pertence o primeiro logar ao homem que lhe faz uma perseguição desapiedada, matando-o a tiro, apanhando-o quando recemnascido, destruindo-lhe os ninhos e dispondo-lhe armadilhas. Immediatamente depois do homem véem na ordem dos perseguidores as aves de rapina, nomeadamente os milhafres, os falcões e as aguias.

CAPTIVEIRO

O pombo viajante, tratado cuidadosamente, supporta o captiveiro durante muitos annos e chega mesmo a reproduzir-se n'estas condições. Hoje, diz Brehm, esta ave encontra-se em todos os jardins zoologicos.

A ROLA

As rolas propriamente ditas (genero *Turtur* de Linneu) são elegantes e teem o bico alto, direito, os pés compridos, os dedos fracos, as azas extensas, excedendo a segunda e terceira remiges as outras, emfim a cauda comprida e arredondada.

CARACTERES ESPECIFICOS

A especie de que vamos occupar-nos, *Turtur auritus*, é o typo do genero. Tem as pennas das costas de um trigueiro ruivo nos bordos, manchadas no meio de negro e de cinzento, o vertice da cabeça e a parte posterior do pescoço de um azul de ceu, os lados do pescoço marcados por quatro raias transversaes negras, bordadas de um branco de prata, a garganta e o peito côr de vinho, o ventre vermelho azulado com cambiantes acinzentadas, as remiges primarias quasi negras, as secundarias de egual côr com reflexos de um azul pardacento ou acinzentado, as escapulares escuras, largamente raiadas de vermelho e trigueiro, os olhos de um amarello approximando-se da côr de castanha, o bico negro e os pés vermelhos.

A rola mede approximadamente trinta centimetros de comprido e cincoenta e trez de envergadura; a extensão da cauda é de quatorze centimetros.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

A rola encontra-se n'uma grande parte da Europa, da Asia e da Africa.

Entre nós é muito commum.

COSTUMES

A rola estima para logar de habitação os bosques que ficam na proximidade dos campos cultivados. Todavia encontra-se tambem numerosamente representada nas planicies aridas da Grecia onde vive o anno inteiro.

Na Europa, para as bandas do norte, na Allemanha, por exemplo, as rolas apparecem no começo de Abril e ahi se conservam até Setembro, epocha de emigração.

A rola é uma ave encantadora, graciosa em todos os movimentos que executa, agradavel pelos costumes, suave pelo arrulhar amoroso, tão cantado na velha poesia lyrica.

A rola marcha bem e com elegancia. Vôa facilmente e rapidamente sem fazer grande ruido e executando no ar as voltas mais atrevidas. Perseguida por uma ave de rapina, insinua-se com agilidade admiravel pelo meio dos ramos das arvores mais copadas, desorientando assim o inimigo.

O arrulho, que é o canto de amôr da rola, ouve-se principalmente na quadra do cio, principiando então antes do erguer do sol e estendendo-se pelo dia adiante até á noite, apenas com as suspensões que a fome impõe. O vento e o mau tempo tornam a rola silenciosa; mas nos dias bons e quentes arrulha horas inteiras, seguidamente. Quando muitos casaes habitam a mesma região, estabelece-se entre os machos uma como rivalidade no canto; e então as florestas animam-se de um modo extraordinariamente agradavel.

Na quadra dos amores a fidelidade é inalteravel entre o macho e a femea. Se um morre então, a dôr do outro é immensa. Não creia porém o leitor que a viuvagem implique a morte por saudade do companheiro sobrevivente, como se tem dito. É um erro que, no dizer de Brehm, tem apenas a vantagem de crear escrupulos no espirito dos caçadores.

Tendo a rola trez ou quatro posturas por anno, o periodo da reproducção estende-se desde o mez de Abril até ao de Agosto. Macho e femea trabalham simultaneamente na construcção do ninho, que, como o dos pombos, é grosseiramente fabricado; os materiaes empregados são ramusculos seccos e raizes, que ficam de tal modo affastadas na construcção que os ovos se vêem atravez. Apesar de mal construido, este ninho resiste ás violencias dos ventos, porque o protegem os ramos em que se apoia. Macho e femea chocam alternadamente e dedicam á prole um grande amor, expondo a vida para protegel-a.

INIMIGOS

Os inimigos d'esta especie são as aves de rapina, os carniceiros e o caçador inintelligente. É certo porém que todos estes inimigos pouco mal fazem á rola, que é extremamente desconfiada, prudente e agil.

CAPTIVEIRO

As rolas são faceis de crear e domesticar. É commum reproduzirem-se em captiveiro.

UTILIDADE

As rolas alimentam-se de cereaes, de grãos de toda a especie e de pequenos vermes, lesmas, caracoes, etc. Comendo as sementes de hervas nocivas, prestam ao agricultor serviços que compensam perfeitamente os prejuizos que possam causar-lhe.

A ROLA DE COLLEIRA

Esta ave pertence não ao genero *Turtur,* como a antecedente, mas ao genero *Streptopeleia,* que differe d'aquelle pela existencia nos individuos que o formam de uma cauda mais curta e menos arredondada, por uma raia que da nuca se estende para a parte anterior do pescoço e pelas tintas mais claras da plumagem.

CARACTERES ESPECIFICOS

Tem a plumagem izabel, mais escura nas costas que na cabeça, na garganta que no ventre, as azas quasi negras, as pennas, que no pescoço formam uma especie de colleira, negras, os olhos vermelhos claros, o bico negro e os pés vermelhos.

Esta ave mede trinta e trez centimetros de comprido e cincoenta e cinco de envergadura.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Habita a parte occidental das Indias e uma grande parte do éste d'Africa. Na Europa encontra-se só em captiveiro.

COSTUMES

Esta especie é notavel por uma sorte de gargalhada, de riso estridente que solta no fim do arrulho; d'ahi lhe provem mesmo a denominação de *pigeon rieur* que lhe dão os francezes.

Quando o tempo secco se approxima, a rola de colleira constitue-se em bandos consideraveis. Encontram-se então grupos que levam muitos minutos a desfilar e que, quando pousam, cobrem litteralmente um espaço de muitos kilometros quadrados.

Fóra d'este tempo a rola de colleira vive aos pares ou em pequenas familias.

Parece que esta ave se alimenta de grãos de toda a ordem; Brehm nos individuos que matou diz não ter encontrado outra coisa.

Segundo Jerdon, a rola de colleira aninha nas Indias em todo o tempo. Na Africa não acontece o mesmo; ahi a estação dos amores começa um pouco antes das primeiras chuvas e acaba com as ultimas. O ninho é grosseiramente construido. Os paes teem pela prole uma grande dedicação.

CAPTIVEIRO

A especie de que vimos fallando habitua-se muito facilmente ao captiveiro, reproduzindo-se ahi melhor ainda do que a rola. Koeing Warthausen diz a este proposito: «Um casal de rolas de colleira escolheu n'uma gaiola que me pertencia o logar que achou mais conveniente e ahi construiu o ninho sobre um pequeno abeto. Um outro casal estabeleceu-se em terra. Um terceiro tinha o costume de, a cada postura, logo que o segundo ovo era expulso, repellir o primeiro para fóra até o esconder no rebordo do ninho. Um espectaculo curioso é o de macho e femea chocando simultaneamente os ovos, cada um o seu.» No dizer de Furer, a rola de colleira põe em captiveiro o seu primeiro ovo entre as seis e as sete horas da tarde, repousa em seguida no segundo dia, põe o segundo ovo na tarde do terceiro, entre as duas e as trez horas e só depois principia a chocar. Ás vezes o macho choca com a femea. A incubação dura quatorze dias. Os filhos, no momento de romperem as cascas dos ovos, são cobertos de uma pennugem rara e esbranquiçada; trez dias depois apparecem as primeiras pennas e os olhos abrem-se. No fim de oito dias principiam a comer grãos duros, ao fim de dezeseis ou dezoito podem voar, ás quatro semanas comem sós e no fim de sete ou oito mudam.

A rola de colleira, tratada com cuidado, vive muito tempo captiva. Furer teve uma durante dezesete annos e só a perdeu por accidente.

O POMBO MINIMO

É este o nome vulgar da especie *chaleopeleia afra.*

CARACTERES

Esta especie é elegantissima. Tem as costas de um trigueiro terroso com reflexos azeitonados, o vertice da cabeça cinzento, a região frontal e a garganta brancas, o uropigio negro, o peito avermelhado, o ventre esbranquiçado, as remiges de um trigueiro escuro com a base e as barbas internas côr de canella, as remiges secundarias de um azul accentuadamente escuro e de brilho metalico, as rectrizes medianas de um trigueiro terroso, como as costas, as externas negras, os olhos vermelhos, o bico quasi negro e os pés côr de laranja.

Esta especie mede vinte centimetros apenas de comprido.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Esta especie habita o sul e o éste d'Africa. Encontra-se em toda a extensão dos valles do Nilo Azul e nas montanhas da Abyssinia.

COSTUMES

O pombo minimo nunca se encontra no cimo das arvores elevadas. Passa a vida nas moutas, que nunca abandona senão por alguns minutos e quando a sêde a isso o força.

Não é difficil, quando se ouve o arrulho d'este pombo, encontral-o e surprehender-lhe mesmo o ninho, o que de modo nenhum quer dizer que seja facil empreza o apanhal-o ou aos ovos. A natureza do meio oppõe-se a isso invencivelmente.

Os movimentos do pombo minimo são extremamente elegantes.

Esta ave é de um caracter docil, inoffensivo, mais disposta á vida em casaes do que as aggremiações em bandos.

A alimentação d'este pombo consiste em grãos de toda a ordem. É mesmo esta circumstancia que explica a preferencia que elle dá ás moutas, onde plantas trepadeiras se desenvolvem por toda a parte e onde os grãos abundam.

No Sudan a quadra dos amores coincide com as primeiras chuvas e na Abyssinia começa com a primavera. A voz do pombo minimo, que, seja dito de passagem, só se faz ouvir no tempo do cio, não se parece

com o arrulho d'outros pombos: reduz-se a uma syllaba unica, *du*, repetida quinze ou dezeseis vezes successivas. O macho é muito affectuoso em relação á companheira.

O ninho é construido ao pé do solo, sobre o tronco caido ou na cavidade de uma arvore.

CAPTIVEIRO

Não encontramos nos auctores indicações algumas sobre este ponto. Apenas Brehm diz que, não obstante nunca ter visto o pombo minimo captivo, julga extremamente provavel a perfeita adaptação d'elle ao dominio do homem. [1] Com effeito, conduz a esta persuasão tudo quanto se conhece da vida da especie em liberdade. O seu caracter inoffensivo e a sua alimentação exclusivamente granivora, levam a crêr que seria facil conserval-o em captiveiro.

O POMBO DE TERRA

É este o nome vulgar dado pelos americanos á especie *Pyrgitœnas passarina* do genero *Pombos-Pardaes* caracterisado assim: Todos os individuos d'este grupo são refeitos e teem a cabeça pequena, o pescoço curto, as azas de comprimento medio, sendo a segunda remige a mais extensa, cauda formada de doze rectrizes, curta e arredondada, o bico muito curto, recto e fraco e os tarsos inteiramente desnudados.

CARACTERES ESPECIFICOS

O pombo de terra tem o vertice da cabeça e a nuca cinzentos, o uropigio trigueiro, a garganta branca, as pennas do peito bordadas de

[1] Vid. Brehm, *Obr. cit.*, vol. 4.º, pg. 265.

trigueiro escuro, as remiges trigueiras escuras tambem, com as barbas internas vermelhas, as rectrizes negras, sendo as externas bordadas de branco fóra, as pennas superiores das azas cobertas de manchas arredondadas, de reflexos côr d'aço, os olhos de um amarello de laranja, o bico vermelho desmaiado, mais escuro na ponta e os pés côr de carne.

Esta especie mede dezoito centimetros de comprido e vinte oito de envergadura.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Esta especie pertence ao sul dos Estados-Unidos e ás Antilhas. Apparece como ave de arribação ao norte da America e ao longo das costas. Vive sedentaria nas Indias occidentaes e principalmente na Jamaica.

COSTUMES

A Wilson, Audubon e Gosse devemos principalmente o conhecimento do genero de vida d'esta ave.

O pombo de terra vive nas pastagens e nas planicies cobertas de hervas, de ordinario em bandos de quatro a vinte individuos. Na Florida oriental estabelece-se muitas vezes nos laranjaes.

Para arrulhar, empoleira-se em algum logar elevado, por exemplo —nas sebes que circundam os campos.

Correndo em terra, offerece a velocidade dos pequenos gallinaceos e, como elles, tem o habito de erguer um pouco a cauda. Não vôa senão quando a isso o forçam e nunca por muito tempo; não percorre mais de dez metros de uma só vez, razando o solo e produzindo com as azas um ruido que se não parece com o de outros pombos e que não podemos chamar fremito.

Quando um individuo se eleva ao ar, todos os outros do bando o seguem; bem depressa porém voltam a terra, precisamente ao ponto de onde tinham partido.

Na primavera ouve-se a todo o momento o arrulho d'este pombo, consistindo n'um grito forte, *mého,* ou n'um outro mais suave, *vob, vob.*

Não é difficil descobrir o ninho, que é grande, exteriormente formado de ramos seccos e internamente forrado de hervas.

Os ovos são em numero de dois por postura, de um branco luzidio. As posturas são duas por anno: uma em Abril, e outra em Junho.

A alimentação d'este pombo consiste em grãos de toda a especie e baga.

CAÇA

A caça a este pombo é muito activa na America do Norte e na Jamaica. N'essa caça empregam-se laços e o visco. Os laços são atirados ao pescoço da ave por caçadores experimentados. O pombo fica não só estrangulado, mas quasi decapitado, tantos são os movimentos convulsivos que executa durante a agonia. A caça pelo visco é principalmente feita pelas creanças que procuram saber os logares a que o pombo de terra costuma ir beber e ahi lançam grãos cobertos de um visco tão bom, que a ave está perdida desde que toca em algum.

CAPTIVEIRO

O pombo de terra habitua-se rapidamente á perda da liberdade e chega a reproduzir-se em captiveiro. A especie não é rara nos jardins zoologicos.

O POMBO-GAVIÃO

É este o nome vulgar da especie *geopelia striata*.

CARACTERES

Este pombo é côr de terra, com as costas e o ventre raiados. Todas as pennas da face superior do corpo são bordadas de negro e as da face inferior finamente raiadas da mesma côr. A região frontal e a garganta são cinzentas, o ventre e o uropigio esbranquiçados, as azas de um tri-

gueiro bronzeado, as rectrizes lateraes negras na base e brancas na ponta e os olhos castanhos claros; o bico é amarello claro e os pés são amarellos escuros.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

O pombo-gavião habita as ilhas de Sonda e as Mollucas. Acha-se acclimado na Ilha de França, onde é actualmente muito vulgar.

CAPTIVEIRO

Os habitantes de Java ligam uma alta importancia ao pombo-gavião, que estimam muito possuir em captiveiro, porque crêem que a sua voz agradavel lhes preserva as casas da influencia dos feiticeiros; por isso pagam a especie por preços avultados.

Os movimentos do pombo-gavião são graciosos e a voz é agradavel; todavia elle conserva-se geralmente immovel e silencioso a maior parte do dia.

Collocado em companhia d'outras aves, mesmo mais fracas do que elle, este pombo manifesta uma grande timidez e uma certa inquietação.

OS POMBOS CORREDORES

São pesados e vigorosos. Teem as azas arredondadas, a primeira das remiges por vezes muito curta, os tarsos altos e espessos e os dedos curtos.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Todas as especies conhecidas habitam a America central e a America meridional.

O POMBO-PERDIZ CYANOCEPHALO

Pertence ao grupo dos *pombos-perdizes* (Starnoenas) descripto por Le Vaillant, e do qual é o typo conhecido ha mais tempo.

CARACTERES

É de uma côr de chocolate que no ventre passa a vermelho trigueiro e no peito a vermelho vinoso. Tem o vertice da cabeça e algumas pennas do pescoço fóra e abaixo da garganta de um azul de ardosia, a face, a nuca e a garganta negras, a linha naso-ocular e uma raia que cerca a garganta, de um branco puro, as remiges de um trigueiro escuro, bordadas anteriormente de trigueiro vermelho com um reflexo cinzento na face inferior, os olhos castanhos escuros, o bico vermelho coral na base, azulado na ponta, os pés de um branco avermelhado, com as escamas que revestem os tarsos, de um rubro carmim, os dedos de um vermelho-azulado escuro e as articulações das phalanges de um azul celeste.

Esta especie mede trinta e trez centimetros de envergadura; o comprimento da cauda é de quatorze centimetros.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Esta ave é originaria da ilha de Cuba, d'onde se espalhou para o norte até Florida e para o sul até Venezuela. Burmeister diz que esta especie apparece tambem ao norte do Brazil, nas margens do rio Amazonas. A presença d'esta ave na Jamaica é duvidosa.

COSTUMES

Nas florestas de Cuba o pombo-perdiz cyanocephalo, afflrma Ricord, vive muito retirado, sendo extremamente difficil observal-o. De ordinario vive em bandos numerosos muito perto da agua.

Construe o ninho no meio de plantas parasytas.

É quanto se sabe da vida d'este pombo em liberdade.

CAPTIVEIRO

Em captiveiro o pombo-perdiz cyanocephalo conserva-se largo tempo n'um mesmo logar, silencioso, com as pennas encrespadas. Está quasi sempre em terra, suja a plumagem e descura inteiramente todos os cuidados de aceio, peculiares aos outros pombos. É muito sensivel ás influencias atmosphericas. O frio incommoda-o e a chuva torna-o doente.

CAÇA

A caça a este pombo é muito difficil, porque elle é excessivamente timido e possue um ouvido finissimo. Parece que a melhor hora para

surprehender este pombo seria a do meio dia, porque é então que o calôr lhe tira toda a vivacidade de movimento e o deixa como prostrado. Comtudo a esta hora, observa judiciosamente Ricord, o calôr produz tão mau effeito no pombo como no caçador.

O POMBO BRONZEADO

É este o nome vulgar da especie *Phaps chalcoptera* do genero *Phaps* que se caracterisa assim: Os individuos que formam este genero são pesados e teem as azas compridas, agudas, sendo a segunda e terceira remiges as mais extensas, cauda curta, bico pouco mais ou menos do comprimento da cabeça, tarsos fortes e mais curtos que o dedo medio.

CARACTERES ESPECIFICOS

O pombo bronzeado tem as costas trigueiras, o occipital trigueiro escuro, a face inferior do corpo de um vermelho vinoso cambiando para cinzento no ventre, a parte anterior da cabeça, uma raia que fica por baixo dos olhos e uma outra na garganta, de um branco amarellado, os lados do pescoço cinzentos, as pennas superiores das azas cobertas de manchas alongadas de uma côr de bronze e de brilho metalico, duas ou trez remiges secundarias com manchas verdes, brilhantes, os olhos castanhos avermelhados, o bico quasi negro e os pés de um vermelho carmim.

Na femea as manchas bronzeadas das azas são mais pequenas que no macho.

Este pombo mede trinta e seis centimetros de comprido.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Este pombo pertence á Nova-Hollanda. Encontra-se em toda a extensão do continente australiano.

COSTUMES

O pombo bronzeado habita principalmente as planicies cobertas de brenhas. É vulgar entre os fetos e quando os cardos florescem pode estar-se certo de encontrar entre elles este pombo.

Ao erguer do sol o pombo bronzeado percorre invariavelmente, voando, as planicies na direcção da agua, porque é a essa hora que vae pela primeira vez beber. É por isso que quem conhece os seus habitos pode perfeitamente reconhecer o logar em que a agua existe no meio das planicies mais aridas.

A estação dos amores coincide com a primavera da Australia, que corresponde ao nosso outono. A primeira postura realisa-se em Agosto e a ultima algumas vezes em Fevereiro.

O ninho estabelece-se de ordinario sobre um ramo horisontal pouco acima do solo e tão perto quanto possivel da agua. Differe pouco do ninho dos outros pombos; os ovos são da mesma grossura que affectam os dos pombos de identicas dimensões. Macho e femea chocam alternativamente. No fim de Janeiro os filhos da primeira postura reunem-se em grandes bandos que percorrem a região, offerecendo uma excellente caça aos amadores.

CAÇA

As melhores occasiões para a caça d'este pombo são aquellas em que elle vae beber, isto é de manhã ou ao fim da tarde, principalmente n'esta ultima occasião. É depois da quadra dos amores que a caça é mais activa. Para se dar idéa da sua productividade, basta lembrar que um caçador experiente pode abater n'um só dia trinta casaes.

CAPTIVEIRO

O pombo bronzeado, comquanto não seja desde ha muito conhecido, encontra-se já em todos ou quasi todos os jardins zoologicos. Dá-se bem no captiveiro e ahi chega a reproduzir-se. Na Inglaterra e na Belgica tem-se creado um grande numero.

USOS E PRODUCTOS

A carne d'este pombo é, no dizer de quantos a teem provado, de uma grande delicadeza. Esta circumstancia explica a caça activa de que é victima a especie.

OS POMBOS DE CARNE BRANCA

Sob este nome generico comprehende Gould um certo numero de especies de corpo refeito e vigoroso, bico alongado e cylindrico, tarsos altos, azas curtas, conchoides e cauda de comprimento medio e arredondada.

A especie mais notavel do genero é o *wonga-wonga* dos indigenas, pombo muito grande, o maior da Australia, de uma carne deliciosa e que se dá em captiveiro na Europa. Este pombo é granivoro.

OS NICOBARES

Estes pombos teem formas refeitas, um bico forte, coberto na base por uma eminencia carnuda, molle, espherica, pés fortes, conformados como os dos gallinaceos, tarsos altos, dedos curtos, azas que, fechadas, são mais compridas que a cauda, plumagem abundante e uma cauda arredondada, constituida por doze pennas largas.

O NICOBAR DE ROMEIRA

N'esta especie as pennas do pescoço são muito compridas e formam uma especie de romeira; d'ahi o nome por que é conhecida.

O pescoço, o ventre e as remiges são verdes escuros. A cauda é branca e o bico negro; os olhos são castanhos avermelhados claros e os pés de um vermelho purpura.

Este pombo mede trinta e nove centimetros de comprido e oitenta de envergadura.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Este pombo encontra-se desde as ilhas de Nicobar até á Nova-Guiné e até ás ilhas Philipinas.

COSTUMES

O nicobar de romeira vive quasi exclusivamente em terra. Vôa pesadamente, comquanto pelo vigor de que é dotado seja capaz de percorrer sem se fatigar centenas de kilometros.

O nicobar de romeira parece preferir as ilhotas que cercam uma ilha mais ou menos consideravel. Talvez se encontre ahi mais ao abrigo dos attaques dos carniceiros.

Não vive em bandos; conserva-se em terra onde corre com extrema velocidade. Come grãos de toda a especie e pequenos animaes.

Aninha em terra como a perdiz.

CAPTIVEIRO

Os colonos europeus usam muito conservar captivo o nicobar de romeira. Na Europa, se se consegue protegel-o contra o frio das noites e sobretudo contra a humidade, chega a acclimar-se. O jardim zoologico de Hamburgo possuiu muito tempo alguns d'estes pombos e no jardim zoologico de Londres tem-se conseguido a reproducção algumas vezes.

AS GOURAS

São as maiores aves da sub-ordem dos pombos. Teem o corpo pesado, as azas muito compridas, arredondadas, sendo a quarta, quinta, sexta e setima remiges as mais extensas, a cauda longa e arredondada, o bico do comprimento de metade da cabeça, os tarsos compridos, os dedos curtos e a plumagem molle, frouxa.

A GOURA DE POUPA

A côr dominante d'este pombo é o azul escuro de ardozia; as espaduas são ruivas castanhas e as rectrizes cortadas por uma raia cinzenta. As pennas da poupa são completamente desprovidas de barbas. Os olhos são vermelhos e os pés côr de carne.

Esta especie mede setenta e cinco centimetros de comprimento.

A GOURA DE VICTORIA

N'esta especie, como na precedente, o azul de ardozia é a côr dominante. O ventre é ruivo castanho e a cauda atravessada por uma raia terminal esbranquiçada. As pennas da poupa são munidas na extremidade de barbas formando um pequeno triangulo.

As dimensões são um pouco maiores que as da especie precedente.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Este pombo pertence á Nova-Guiné.

COSTUMES

Os costumes da goura de Victoria e da goura de poupa são communs.

Estes pombos vivem nas florestas e passam quasi todo o dia em

terra, alimentando-se de fructos caídos das arvores. Para dormir empoleiram-se.

O ninho d'estas especies é grosseiramente construido de ramos entrelaçados.

CAPTIVEIRO

Dão-se bem em captiveiro e satisfazem-se com uma alimentação muito simples: alguns grãos e salada fresca. É preciso resguardar estes pombos do frio.

Conhecem bem os guardas e não gostam de vel-os vestidos com roupa differente da usual.

Estes pombos tem-se reproduzido na Europa. Cada postura é de um ovo apenas, ao que parece. A incubação dura vinte e tantos dias. Macho e femea chocam alternadamente.

O CORTIÇOL, BARRIGA NEGRA

Tem a cabeça avermelhada, a nuca vermelha escura, as costas manchadas de amarello claro ou escuro e de côr de ardozia, tendo cada penna na extremidade uma mancha côr de laranja, a garganta amarella, attravessada por uma raia castanha escura, o peito avermelhado, o ventre negro ou trigueiro muito escuro, as remiges azuladas ou cinzentas com o lado inferior negro e as extremidades trigueiras, as coberturas superiores das azas amarellas e as inferiores brancas, duas rectrizes centraes côr de canella, raiadas transversalmente de negro e as outras cinzentas, o bico azulado e os tarsos azulados nas partes desnudadas.

Esta especie mede trinta e sete centimetros de comprido e setenta e um a setenta e quatro de envergadura.

O CORTIÇOL

Esta especie é um pouco mais pequena que a precedente, mas offerece côres mais vivas.

A côr arenosa é dominante. O cortiçol tem a região frontal e a região facial arruivadas, a garganta e uma raia que partindo dos olhos vae até á parte posterior da cabeça, negras, a nuca e as costas verdes escuras, malhadas de amarello, o pescoço de um louro avermelhado, o peito côr de canella claro atravessado por duas raias estreitas e negras, uma superior, outra inferior, o ventre branco, as remiges pardacentas com a haste negra, as rectrizes raiadas de pardo e de amarello nas barbas externas, bico côr de chumbo e pés trigueiros.

Esta especie mede approximadamente trinta e seis centimetros de comprido sobre sessenta e dous de envergadura.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

As especies precedentemente descriptas são communs em todo o norte d'Africa e habitam uma parte da Asia e da Europa. N'este ultimo continente só se encontram regularmente na peninsula iberica.

Em Portugal a mais vulgar d'estas especies é a primeira, *cortiçol, barriga negra.*

COSTUMES COMMUNS

Estes gallinaceos encontram-se nas grandes planicies não arborisadas e nos campos depois das colheitas. Na Africa vêem-se de preferencia nas planicies desertas e nos terrenos não cultivados.

São granivoros; as searas de trigo e milho e os arrozaes são por elles devastados.

O caracter d'estes gallinaceos parece ser uma mistura de qualidades oppostas. Assim, são sociaveis, mas não ligam de ordinario a minima attenção a aves de especies differentes da sua. Geralmente vivem em perfeita paz com todas as outras aves; comtudo algumas vezes manifestam-se rixosos e ciumentos. Ás vezes dois estão perto um do outro,

absolutamente tranquillos; de repente porém, sem motivo apreciavel, principiam a luctar encarniçadamente.

A vida d'estes gallinaceos é regular e monotona. Prolongam a actividade até muito tarde; assim é de ordinario ás nove horas da noite que vão beber.

Estas especies não são naturalmente timidas: no deserto, por exemplo, onde raras vezes vêem o homem, manifestam uma absoluta confiança; só nos logares em que teem sido perseguidas é que se mostram desconfiadas e receiosas.

No Sul da Europa e norte d'Africa, as especies descriptas reproduzem-se no começo da primavera. O ninho consiste n'uma simples escavação da terra. A femea ahi deposita dois ou tres ovos, trigueiros amarellados claros com tons esverdeados ou avermelhados e maculas violaceas claras ou escuras.

INIMIGOS

Comquanto o vôo rapido de que dispõem lhes permitta escaparem á perseguição de grande numero de carniceiros, é todavia certo que o falcão, o chacal e o raposo lhes são adversarios temiveis.

CAÇA

O mais terrivel dos inimigos é porém, o homem. A caça que lhes faz é porfiada. É comtudo para notar que a caça se difficulta á medida que se vae generalisando, porque as aves vão perdendo successivamente a confiança que primeiro depositavam no homem e tornando-se desconfiadas.

O instrumento de caça é a arma de fogo e a melhor occasião para empregal-a é aquella em que as aves vão á noite beber. Se o caçador se conserva de espia, bem escondido, até esse momento, pode, no outono e no inverno, epochas em que se reunem em bandos, matar quinze ou vinte de uma vez.

Na Africa emprega-se tambem com exito as armadilhas.

CAPTIVEIRO

Estes gallinaceos domesticam-se facilmente. Brehm refere-se a um casal por tal forma domestico que entrava e saía livremente de casa, vindo á mão comer o que se lhe offerecia e não tentando uma só vez fugir.

USOS E PRODUCTOS

A carne dos cortiçoes é tida em conta de excellente. Esta circumstancia motiva a caça que se lhes faz.

OS TETRAZES

O genero assim denominado não é acceito por todos os ornythologistas. Os que o admittem, dão-lhe os distinctivos que passamos a ennumerar.

CARACTERES

Todos os individuos comprehendidos na designação de *tetrazes* teem uma cauda fortemente arredondada na extremidade e, no macho, as pennas da garganta muito alongadas.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Os tetrazes encontram-se em todo o norte da Europa e da Asia. Faltam na Africa; mas existem em grande numero na America do Norte.

O TETRAZ GRANDE DAS SERRAS

É uma ave muito grande e uma das mais nobres da familia dos tetrazes. Tem o vertice da cabeça e a garganta anegrados, a nuca de um cinzento escuro com maculas negras, a parte anterior do pescoço manchada de cinzento escuro, as costas anegradas com manchas cinzentas e ruivas, a parte superior das azas trigueira escura, as pennas da cauda negras com algumas maculas brancas, o peito de um verde brilhante, quasi metalico, o ventre manchado de branco e negro, principalmente na região anal, os olhos castanhos, circuitados de vermelho, e o bico de uma côr cornea, pardacenta.

Esta ave mede setenta e um a oitenta centimetros de comprido e um metro e quarenta e trez a metro e meio de envergadura.

A femea é um terço mais pequena que o macho.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Encontra-se o tetraz grande das serras nos Alpes e nos Pyrineus. Ao norte da Europa é commum e é-o tambem ao norte da Asia. Encontra-se com frequencia nas grandes florestas da Noruega, da Suecia e da Russia.

COSTUMES

Esta ave prefere sempre as florestas das montanhas ás das planicies. Os bosques extensos são o seu logar de predilecção.

O tetraz grande das serras é uma ave sedentaria, mas não, diz Brehm, na accepção restricta d'este termo, porque quando o frio é muito e persistente e a neve abundante, abandona momentaneamente as alturas para onde volta desde que a temperatura suavisa.

De ordinario o tetraz grande das serras conserva-se o dia inteiro em terra, procurando de preferencia os logares expostos ao nascente, cobertos de framboezeiros e situados na proximidade de algum regato de agua limpida. Para dormir empoleira-se n'um ramo d'arvore, nunca dos mais altos.

A alimentação do tetraz compõe-se de gommos, de folhas, de ramusculos de abeto, de trevo, de hervas, de baga selvagem, de grãos e de insectos.

A quadra dos amores, que para os individuos novos é no outono e para os velhos na primavera, é um periodo de enorme excitação e de tremendos combates entre os machos. A selecção sexual baseia-se sobre a força, n'esta especie.

O ninho consiste n'uma simples depressão cavada no solo, junto de alguma arvore velha, e coberta por uma camada de ramos seccos. O numero d'ovos varia com a idade das femeas: as que são muito novas não põem de ordinario mais do que seis ou oito, emquanto que as velhas dão até doze. Estes ovos são pequenos relativamente ás dimensões da ave: não excedem setenta e trez millimetros de comprido e cincoenta a cincoenta e cinco de largo. São arredondados n'uma das extremidades, obtusos na outra, de casca fina e lisa, de poros pouco visiveis; a côr fundamental é o pardo amarello ou o amarello sujo sobre o qual se encontram manchas e pontos mais ou menos approximados de um castanho ou trigueiro claro. A femea choca os ovos com grande dedicação. Os filhos desenvolvem-se com extraordinaria rapidez, alimentando-se ao principio quasi exclusivamente de insectos.

INIMIGOS

Esta especie tem numerosos inimigos; entram realmente n'este numero todas as aves de rapina e todos os mamiferos carniceiros.

CAÇA

Além dos inimigos enumerados, a especie conta ainda o homem como um terrivel adversario. Depositando os ovos no chão, o tetraz a cada momento os vê roubados pelos pastores. Demais, a nossa especie move-lhe uma caça desapiedada. Apesar de toda a sua consideravel prudencia, o tetraz não logra escapar-lhe. A caça faz-se ainda de noite e na quadra do cio. O instrumento empregado é geralmente a arma de fogo. Escolhe-se a noite para illudir a vigilancia da ave e prefere-se a qualquer outra a quadra do cio, porque é então que o macho se denuncia pelos gritos de reclamo que solta.

CAPTIVEIRO

O tetraz grande das serras não prospera de ordinario em captiveiro e é difficil mesmo conserval-o, porque exige enormes cuidados. Quem pretende possuir uma d'estas aves procura um ovo que faz chocar por uma gallinha domestica ou por uma perua. Depois de partida a casca, é preciso dar ao recemnascido toda a ordem de cuidados que ordinariamente se tributam ao faisão. É preciso dar-lhe ovos de formigas e agua sempre pura.

O tetraz adulto não resiste ao captiveiro, senão excepcionalmente. Isto explica a raridade d'esta ave nos jardins zoologicos.

O TETRAZ PEQUENO DAS SERRAS

Esta especie, como o nome indica, é de menores dimensões que a anterior; pode comparar-se no tamanho ao gallo commum.

CARACTERES

Distingue-se principalmente esta especie pela existencia de uma cauda aforquilhada, cujas pennas lateraes se voltam em semicirculo, dando-lhe a forma de uma lyra; d'aqui o nome latino de *Lyrurus tetrix* dado á especie.

O tetraz pequeno tem a cabeça, o pescoço e o fundo das costas azues com reflexos metalicos soberbos, as azas cortadas por fachas de um branco de neve, as subcaudaes brancas, todo o resto da plumagem negro, os olhos castanhos, o bico negro, os dedos pardos trigueiros e as sobrancelhas assim como um espaço desnudado que cerca os olhos, de de um vermelho vivo.

A envergadura não excede um metro e o comprimento maximo é sessenta e seis centimetros.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

A área de dispersão d'esta especie é pouco mais ou menos a da anterior; comtudo não desce tanto para o sul, subindo mais para o norte, em compensação. Não se encontra na Hespanha, nem em Portugal, nem na Grecia; pelo contrario, é commum na Allemanha e na Russia.

COSTUMES

Procura para habitar os terrenos humidos, mas não propriamente pantanosos.

Come substancias mais tenras que o tetraz grande. Attaca, como este, os grãos, os gommos, as folhas e os insectos, mas abandona os abetos.

Ao norte da Europa, a quadra dos amores não começa para o tetraz pequeno antes do meiado de Março; em certas localidades principia ainda mais tarde, estendendo-se até Junho ou Julho. Ha então entre os machos porfiados combates, que se assemelham aos dos gallos domesticos. A selecção sexual basea-se, pois, como na especie precedente sobre a força.

O ninho consiste n'uma simples depressão do solo coberta por uma leve camada de hervas. Cada postura é de sete a dez ou doze ovos ama-

rellados ou amarellos avermelhados, cobertos de pontos e manchas numerosas de um amarello escuro, de um ruivo ou de um trigueiro azeitonado. É a femea só que choca.

CAÇA

A caça a esta especie é muito semelhante á que se faz ao tetraz grande.

Comquanto se persiga o tetraz pequeno durante todo o anno, é certo porém que a caça mais importante é feita na quadra dos amores. Comquanto se usem as armadilhas, é certo tambem que o instrumento de caça mais empregado é a arma de fogo.

CAPTIVEIRO

Ao contrario do que acontece com o tetraz grande das serras, este conserva-se facilmente em captiveiro, se lhe concedem espaço bastante, domestica-se bem e chega mesmo a reproduzir-se sob o dominio do homem.

O TETRAZ MALHADO DAS AVELLEIRAS

Esta ave pertence não ao genero *Lyrurus*, mas ao genero *Bonasia*, que se caracterisa pela existencia de um bico quasi recto, mediocre, coberto de pennas até ao meio da mandibula superior, de uma cauda arredondada de dezeseis rectrizes e de pennas sobre a nuca formando uma poupa susceptivel de movimentos voluntarios.

CARACTERES ESPECIFICOS

Esta ave tem as costas manchadas de ruivo e a maior parte das pennas atravessadas por linhas onduladas negras, a parte superior com mistura de ruivo e cinzento, com maculas e raias longitudinaes brancas, claramente accentuadas, a garganta manchada de branco e de trigueiro, as remiges de um cinzento atrigueirado com as barbas externas finamente maculadas de branco, as rectrizes anegradas com maculas cinzentas, as medias raiadas de ruivo, os olhos castanhos e as partes desnudadas dos pés de uma côr cornea.

A plumagem da femea apresenta côres menos vivas que a do macho.

O tetraz malhado mede quarenta e sete a cincoenta centimetros de comprido e sessenta e trez a sessenta e nove de envergadura; a cauda tem quatorze centimetros de comprido.

A femea tem menos uma quinta ou sexta parte das dimensões indicadas, que são as do macho.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

A área de dispersão do tetraz malhado das avelleiras estende-se desde os Alpes até ao circulo polar e desde a Escandinavia até á Siberia oriental. Prefere as montanhas ás planicies.

COSTUMES

Os logares que a todos prefere são as grandes florestas sombrias e densas expostas ao meio dia e alternando com clareiras pedregosas. E dentro d'essas florestas, quaesquer que ellas sejam, o tetraz malhado procura ainda os logares mais retirados e mais occultos.

Ha localidades em que o tetraz malhado vive o anno inteiro, outras em que passa uma vida errante. No outono, os machos fazem excursões extensas pelos campos cultivados; mas ao terminar a estação voltam de novo ás florestas.

O tetraz malhado é monogamo. Vive retirado e é extremamente difficil observal-o.

Corre muito rapidamente e salta bem. «Um dia vi um, diz Naumann,

saltar verticalmente a mais de quatro metros de altura para apanhar baga.» Quando corre, a femea baixa as pennas da cabeça, ao passo que o macho as ergue.

A voz do tetraz malhado é muito rica, muito variada e por isso difficil de notar.

Sob o ponto de vista do canto e da intelligencia o tetraz malhado pode collocar-se ao lado do tetraz pequeno das serras. Nos costumes porém, differe muito d'este.

É, como dissemos, um gallinaceo monogamo. Na quadra dos amores mostra-se muito excitado e canta a noite inteira, empoleirado n'um ramo d'arvore; a femea fica n'uma arvore proxima. Entre os machos d'esta especie não se ferem de ordinario combates tão caracteristicos como entre os das antecedentes. A femea põe oito a dez ovos e ás vezes muito mais. Esses ovos são muito pequenos, lisos, brilhantes, amarellos ou trigueiros ruivos com maculas e pontos vermelhos ou trigueiros vermelhos. A femea choca durante trez semanas e com tal ardor que é possivel chegar ao pé d'ella sem a fazer fugir. Emquanto a incubação se realisa, o macho erra pelas immediações do ninho, ao qual volta só quando os filhos teem crescido um pouco; então é para a familia um guia prudente e fiel. Os filhos alimentam-se ao principio quasi exclusivamente de insectos; mais tarde principiam a comer como os adultos: insectos, baga, rebentos de hervas, gommos e flores.

INIMIGOS

São inimigos da especie todas as aves de rapina e todos os mamiferos carniceiros. Esta circumstancia explica até certo ponto a diminuição progressiva d'estes gallinaceos em certas localidades.

CAÇA

Os tetrazes malhados são perseguidos activamente em todos os logares em que abundam. A caça faz-se de dois modos: umas vezes empregando na perseguição da ave um cão, como se faz na caça da perdiz; outras vezes, collocando-se o caçador n'um logar conveniente de espia e imitando a voz da ave para a attrair e matal-a então.

CAPTIVEIRO

Reduzido ao captiveiro, o tetraz malhado é ao principio excessivamente timido e procura sempre fugir do homem, batendo muitas vezes de encontro ás grades da gaiola. Pouco e pouco vae-se habituando ao guarda, sem comtudo chegar a um alto grao de domesticação.

USOS E PRODUCTOS

A carne do tetraz malhado passa por ser excellente, superior mesmo, no dizer dos entendidos, á do faisão. É este facto que explica a caça de que é victima em muitas regiões.

O TETRAZ DOS PRADOS

Esta especie *(Copidonia americana)* pertence a um genero que se caracterisa pela presença aos lados do pescoço de dous longos tufos constituidos por dezoito pennas estreitas que cobrem os logares correspondentes aos saccos aerios cutaneos em communicação com os orgãos respiratorios.

CARACTERES ESPECIFICOS

O tetraz dos prados tem as pennas das costas coloridas de vermelho desmaiado, negro e branco, o baixo ventre esbranquiçado, as remiges trigueiras de hastes negras e barbas externas avermelhadas, as rectrizes de um trigueiro escuro, bordadas na ponta de um branco sujo, a região facial e a garganta amarelladas, as compridas pennas do pescoço de um trigueiro escuro nas barbas externas, de um ruivo amarellado nas

internas, os olhos castanhos, encimados por uma raia escarlate, o bico de uma côr cornea e as partes desnudadas dos pés e do pescoço côr de laranja.

Esta especie mede cincoenta centimetros de comprimento e oitenta e trez de envergadura.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Esta especie é propria da America do Norte.

COSTUMES

No tempo em que Audubon escrevia os seus livros de historia natural, os tetrazes dos prados eram tão vulgares em Kentucky que os caçadores principiantes se adestravam atirando-lhes e nem se davam ao trabalho de os levar para casa. Pouco e pouco estes gallinaceos foram fugindo á visinhança mortifera do homem branco; já hoje estão longe de ser frequentes em Kentucky. Para vêr grande numero d'elles é preciso penetrar muito para Oeste.

Ao inverso dos outros tetrazes, a especie de que nos occupamos evita as florestas e procura, como claramente diz o seu nome, os prados, os vastos espaços não cobertos de arvores.

Mais do que qualquer outra especie, esta tem a existencia ligada ao solo; não se empoleira senão quando faz mau tempo ou quer apanhar os fructos de certas arvores. No inverno emprehende viagens, quasi verdadeiras emigrações regulares, com o fim de encontrar uma alimentação abundante. Isto porém só em certas localidades acontece; e é por isso que muitos auctores consideram o tetraz dos prados como uma ave propriamente sedentaria.

Nos movimentos o tetraz dos prados assemelha-se muito com a gallinha domestica. Só vôa quando um perigo o colhe subitamente e de perto. Se descobre o perigo de longe e tem diante de si espaço livre, prefere correr a voar. Isto não quer dizer que lhe seja absolutamente difficil progredir na atmosphera; tem um vôo forte, regular e rapido e é capaz de percorrer de uma só vez muitos kilometros.

A voz do tetraz dos prados é tambem semelhante á da gallinha domestica.

A alimentação d'esta especie compõe-se de substancias vegetaes e

de animalculos de toda a ordem. No estio percorre os campos de cereaes, no outono os jardins e no inverno os logares em que amadureceu a baga. Tambem gosta de fructos e faz uma caça activa aos insectos, aos caracoes e outros animalculos.

No inverno o tetraz dos prados vive em bandos numerosos que só na primavera se dissociam em pequenas agrupações de vinte individuos, o maximo.

A quadra dos amores é uma epocha de combates porfiados para os machos. Um macho que na lucta saiu vencedor, não contente com isso, vae provocar um outro rival ainda.

A postura realisa-se mais ou menos cedo, desde o começo de Abril até ao fim de Maio, conforme a femea habita o sul ou o norte. Audubon encontrou em Kentucky ovos nos primeiros dias de Abril; comtudo este mesmo auctor considera o mez de Maio como a verdadeira quadra dos amores. O ninho é sempre construido muito grosseiramente com hervas e ramos seccos. Os ovos, em numero de dez ou doze, teem o volume dos de gallinha; a incubação dura dezoito a dezenove dias. A mãe procede em relação aos filhos exactamente como a gallinha com os pintos. Ao principio os novos seres alimentam-se exclusivamente de insectos; mais tarde a mãe dá-lhes grãos. Se um homem, um carniceiro ou uma ave de rapina apparece, a femea, á maneira do que faz a gallinha em identidade de circumstancias, solta um grito de aviso e os filhos fogem, desapparecem como por encanto.

Quando a não perturbam, a femea nidifica uma só vez por anno. Se lhe roubam os ovos, realisa uma segunda postura de menos ovos que a primeira. No mez de Agosto os filhos podem já voar e em Outubro estão adultos.

INIMIGOS

Todas as aves de rapina e todos os carniceiros da America do Norte são inimigos desapiedados da especie. Merecem todavia especial menção o falcão e o mocho, entre as aves, e, entre os mamiferos, o lobo, o rapozo e a marta. É desapiedada e persistente a lucta.

CAÇA

O homem persegue o tetraz dos prados; comtudo não pode considerar-se um grande inimigo da especie, porque é moderada a caça que lhe

faz. Para a caça do tetraz dos prados ha, com effeito, um tempo defezo; o caçador que atira durante esta quadra é forçado a pagar uma multa. A esta circumstancia se deve mesmo a multiplicação extraordinaria da especie em certas localidades.

Os processos empregados na caça d'este gallinaceo são muito variados. Usa-se frequentemente das armas de fogo e emprega-se tambem os laços dispostos nos logares a que o tetraz vae comer. N'outro tempo foi muito empregado um genero de caça, hoje esquecido, ao que parece. Espevara-se a quadra do cio, que é tambem a quadra da excitação para os machos, e nos logares em que estes deviam ferir os seus combates estendia-se uma camada de cinza; quando a lucta principiava a cinza, levantando-se do chão, cegava os contendores e ao homem era-lhe facil então matal-os á pancada.

CAPTIVEIRO

No dizer de Audubon, o tetraz dos prados domestica-se rapidamente e reproduz-se em captiveiro. Foi o que este naturalista viu realisar-se em Henderson com grande numero de individuos que possuiu.

Segundo Brehm, não tem sido possivel obter analogos resultados nos jardins zoologicos de Hamburgo, da Hollanda, da Belgica, de Inglaterra e da Allemanha, mao grado todos os esforços feitos n'este sentido.

OS LAGOPEDES

Estes gallinaceos teem o corpo refeito, as azas de extensão media, sendo a terceira remige a mais comprida, a cauda curta ligeiramente arredondada ou truncada em angulo recto, composta de dezoito rectrizes, o bico curto, pouco espesso, os pés curtos, os tarsos e os dedos cobertos de pennas pilosas, a plumagem abundante, mudando de côr segundo as estações e as unhas grandes e annualmente renovaveis.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Os lagopedes habitam o norte dos dois hemispherios. Encontram-se na Asia, na Europa e na America. A área de dispersão d'estas aves é limitada ao sul pelos Pyreneos, os Alpes, as Cordilheiras do centro d'Asia e na America pelas montanhas Rochosas. Para o lado norte attinge o limite de vegetação. Encontram-se estas aves até oitenta graos de latitude boreal.

O LAGOPEDE BRANCO

Esta especie é ainda designada pelos nomes de *lagopede dos pantanos* ou *lagopede da neve*. A designação de *lagopede*, que significa *pés de lebre*, é dada a esta e outras especies pela circumstancia de possuirem os pés cobertos de pennugem tanto por cima como por baixo dos dedos, á maneira do que succede nas lebres, diz Figuier. [1]

CARACTERES

O lagopede branco mede quarenta e um centimetros de comprido e sessenta e sete de envergadura. A femea é um terço mais pequena.

A plumagem d'esta ave varía segundo as estações.

No inverno a especie é de um branco brilhante com as rectrizes negras e as seis remiges mais externas de um trigueiro escuro ao longo do rachis. Na quadra dos amores o macho tem o vertice da cabeça e a parte posterior do pescoço de um ruivo manchado de negro, as pennas das espaduas, das costas, do uropigio e as rectrizes medianas negras, bordadas de branco e raiadas transversalmente n'uma das metades de trigueiro

[1] Vid. Figuier, *Les Oiseaux*, pg. 213.

ruivo ou de amarello ruivo escuro, as rectrizes lateraes mais desmaiadas que as medianas, as remiges primarias brancas, as secundarias trigueiras, a região facial e a garganta ruivas, a cabeça e o peito ruivos tambem e pontuados de negro, o ventre e os pés brancos, emfim a região subjacente aos olhos e o angulo da bocca brancos. Estas côres vão desmaiando no decorrer do estio. A femea apresenta sempre tintas mais claras e reveste a plumagem de estio mais cêdo que o macho.

Alguns auctores admittem no lagopede branco a existencia de duas mudas: uma no outono, geral, outra na primavera, parcial, das pennas menores apenas. Como porém a transformação da plumagem não pode realisar-se bruscamente, outros auctores teem sido conduzidos a admittir quatro mudas annuaes. Ha mesmo quem se incline a acreditar n'uma unica muda, explicando as transformações de plumagem nas differentes estações por um simples facto de descoloração. A questão subsiste de pé ainda hoje; e não poderá mesmo resolver-se definitivamente senão pela observação de individuos captivos que vivam expostos ao tempo, em pleno ar.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

O lagopede branco encontra-se em todo o norte do antigo e novo mundo. É muito commum na Escandinavia, na Finelandia, na Russia e em certas regiões da Siberia. Ao norte da America é tambem abundante, diz Richardson. Na Irlanda e na Groelandia falta; na Escossia é substituido por uma outra especie ou talvez apenas variedade.

COSTUMES

O lagopede branco é propriamente uma ave das montanhas; nos valles só apparece muito irregularmente e por pouco tempo. E isto explica-se pelo facto de estar a vida do lagopede branco ligada á presença de arvores que se não encontram senão nas elevações.

Vive aos pares ou casaes, tendo cada um d'estes os seus dominios proprios que não excedem quinhentos passos de diametro. Só depois da primavera, quando os fillos teem attingido já um certo desenvolvimento, é que as femeas se reunem em grandes bandos que erram em commum por um vasto espaço.

O lagopede branco é elegante em todos os movimentos. Os pés largos, abundantemente cobertos de plumagem permittem-lhe correr com

rapidez tanto sobre o tapete de musgo que cobre as terras pantanosas como sobre o gêlo. De ordinario marcha a passo, com o dorso arqueado e a cauda pendente; mas se o perseguem corre em linha recta com uma rapidez inacreditavel.

Quando olha attentamente para qualquer objecto, ergue-se tanto quanto pode, levanta muito a cabeça e parece assim mais elegante.

Sobre o gêlo o lagopede branco encontra-se como no seu meio favorito: ahi cava longos corredores para encontrar alimentos, ahi mergulha se alguma ave de rapina o persegue, finalmente ahi procura um refugio contra o vento. Encontram-se ás vezes bandos de lagopedes mergulhados no gêlo, uns ao lado dos outros, mantendo apenas a cabeça de fóra.

O lagopede branco não é timido, antes manifesta naturalmente uma grande coragem; porém, se tem sido muitas vezes perseguido, torna-se prudente, desconfiado.

Alimenta-se principalmente de substancias vegetaes, como rebentos, gommos, folhas, flôres, baga e grãos de toda a ordem. Mas tambem gosta de insectos.

O ninho do lagopede branco consiste n'uma depressão do solo, escavada n'uma vertente de montanha exposta ao sol; esse ninho fica de ordinario tão bem escondido n'uma brenha que é difficillimo encontral-o. Macho e femea defendem valentemente a prole, expondo por ella a propria vida e empregando tambem toda a sorte de ardis para conseguir que o inimigo se lhe affaste do ninho. É durante o periodo da incubação que os machos se desafiam e travam grandes luctas. As femeas são tambem animadas então do espirito de combate e vivem mal entre si.

A postura termina em fins de Maio ou começo de Junho. Os ovos são em numero de nove ou dez, algumas vezes mesmo de quinze ou dezeseis; são piriformes, lisos, brilhantes, amarellos e cobertos de manchas e pontos côr de coiro ou trigueiros avermelhados. Só a femea choca. Os filhos nascem no fim de Junho ou começos de Julho. A plumagem dos recemnascidos confunde-se com a côr dominante do solo. Crescem rapidamente: no principio de Setembro teem já pouco mais ou menos as dimensões dos paes.

CAÇA

O lagopede branco constitue em Noruega uma caça estimada e de ordinario abundante.

A caça faz-se ou no outono ou no inverno quando os bandos se

acham constituidos. No outono emprega-se o cão de caça e no inverno armadilhas; a caça a tiro durante a estação fria tornar-se-hia excessivamente dispendiosa pela carestia da polvora.

O commercio dos lagopedes é hoje extensissimo. Da Noruega são exportados em grande quantidade para a Allemanha, a Inglaterra e a França.

CAPTIVEIRO

Os lagopedes brancos são extremamente raros em captiveiro. Brehm só viu um no jardim zoologico de Hamburgo, que se alimentava de grãos e baga e que era muito vivo, muito domestico e muito docil.

O LAGOPEDE VERMELHO

Esta especie *(lagopus scoticus)* tem tambem o nome vulgar, em França, pelo menos, de *lagopede da Escossia.*

CARACTERES

A especie de que nos occupamos assemelha-se ao lagopede branco quando este apresenta a plumagem de estio. Tem as pennas da cabeça e nuca vermelhas trigueiras, atravessadas por manchas negras transversaes, as pennas das costas e as coberturas superiores das azas manchadas tambem de negro no meio, as da garganta vermelhas e as do peito e do ventre de um trigueiro purpura escuro, atravessadas por muitas raias estreitas, as remiges de um trigueiro escuro, as rectrizes negras, com excepção das quatro medianas que são raiadas de negro e de vermelho, as pennas das coxas de um vermelho desmaiado com raias transversaes escuras, os tarsos e os dedos cobertos de pennas esbranquiçadas, os olhos castanhos, o bico negro e as unhas esbranquiçadas.

A femea é mais escura que o macho.

Esta ave mede quarenta e um centimetros de comprimento sobre setenta e dois de envergadura. A femea é um pouco menor.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Este gallinaceo encontra-se nas regiões mais meridionaes da Inglaterra e bem assim nas partes mais ao norte d'este paiz.

COSTUMES

O lagopede vermelho tem costumes inteiramente analogos aos do lagopede branco. Na primavera vive aos casaes e mais tarde em pequenas agrupações. No outono encontra-se em bandos de quarenta a cincoenta individuos.

O LAGOPEDE ALPINO

Esta especie varia muito de estação para estação. Differe consideravelmente, pelo menos á primeira vista, dos lagopedes branco e vermelho.

CARACTERES

O macho tem em todas as epochas do anno o ventre, as coberturas inferiores da cauda, as coberturas superiores das azas, as remiges e os pés brancos, as hastes das remiges negras e a cauda negra tambem. Todas as outras partes porém, variam muito no estio. A muda da primavera começa no meiado de Abril; algumas pennas negras apparecem então e a ave acha-se manchada de negro, de branco e de trigueiro. No começo

de Maio, a cabeça, o pescoço, as costas, as pennas superiores das azas e o peito são misturados de negro, de ruivo e de branco, sendo as pennas completamente negras com algumas raias transversaes ruivas, pouco visiveis, ou então negras com raias amarellas ruivas claras e brancas. Na garganta e aos lados do pescoço predomina o branco. Pennas de cores differentes apparecem muitas vezes ao lado de pennas ainda inteiramente brancas. Todas vão pouco e pouco desmaiando e no fim de Agosto ou em Setembro as costas encontram-se pontuadas de pardo, de cinzento claro e de negro. As fachas ruivas da cabeça e do pescoço tornam-se brancas.

No inverno todas as pennas se tornam de um branco brilhante, com excepção das rectrizes que são negras com uma bordadura clara; no macho a linha naso-ocular é tambem negra.

A muda do outono principia no mez de Outubro. Então o lagopede apparece muito manchado; em Novembro porém, é já completamente branco.

O lagopede alpino mede trinta e seis a trinta e sete centimetros de comprido sobre sessenta e trez de envergadura; a extensão da cauda é de onze centimetros.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

A especie de que nos estamos occupando encontra-se nos Alpes, nos Pyreneus, nas montanhas da Escossia, da Escandinavia, da Irlanda, da Siberia, do norte da Asia, do norte do continente americano e da Groclandia. Alguns lagopedes passam dos Alpes á floresta Negra, dos Pyreneus ás montanhas das Asturias e da Galliza.

COSTUMES

O lagopede alpino, contrariamente ao que acontece com o lagopede branco, não habita senão os logares descobertos. Assim, encontra-se nos Alpes acima do limite das arvores, perto do gêlo, e em Noruega nos cimos nús, pedregosos. Só na Irlanda e na Groclandia se encontra, durante a estação dos amores, em regiões menos elevadas ou mesmo á beira-mar. Radde encontrou o lagopede alpino a dois mil e seiscentos ou tres mil metros acima do nivel do mar.

O lagopede alpino não tem a vivacidade dos congéneres; comtudo sobreleva a todos na faculdade de nadar.

A alimentação d'esta especie é, como a das outras, principalmente vegetal; mas no estio dá caça aos insectos. No dizer de Faber, faz provisões para o inverno.

A quadra dos amores é em Maio. Emquanto a incubação dura, os sexos conservam-se juntos; mas desde que os filhos nascem, o macho abandona a companheira.

O ninho, que a femea faz em Junho, consiste n'uma depressão do solo, grosseiramente coberta de folhas. Os ovos postos são nove a quatorze ou dezeseis, amarellos com manchas côr de castanha. A femea choca com ardor. A incubação dura approximadamente trez semanas. A mãe é de uma dedicação extrema pelos filhos; chega por elles a expôr a vida.

CAÇA

Os povos do Norte fazem uma caça activa ao lagópede alpino, apanhando centenas por meio de armadilhas. As armas de fogo não são muito empregadas.

INIMIGOS

Não é o homem o unico inimigo do lagopede alpino. Os rapozos e os glutões, entre os mamiferos, e os falcões, entre as aves, são perseguidores terriveis da especie.

CAPTIVEIRO

O lagopede alpino já adulto habitua-se facilmente á perda de liberdade e pode conservar-se em gaiola muitos annos. Quando novo, reclama cuidados extraordinarios.

AS PERDIZES

Entre as familias dos gallinaceos uma das mais numerosas é, sem contestação, a das perdizes, que passamos a estudar.

CARACTERES

As perdizes differem dos tetrazes em possuirem um corpo mais elegante, uma cabeça relativamente pequena e os tarsos desprovidos de pennas. As azas, em que a terceira ou a quarta remige é a mais extensa, são curtas e arredondadas. A cauda é curta e formada de doze a dezeseis pennas. O bico é relativamente alongado, de aresta levemente curva. Os tarsos são armados de um ou dois esporões. Os olhos offerecem de ordinario um circulo nú em torno. Excepcionalmente uma parte da garganta é desprovida de pennas.

Segundo Nitzsch, as perdizes differem dos tetrazes principalmente pelos caracteres seguintes: O antebraço é geralmente mais curto que o braço, a bacia, estreita e alongada, não offerece nem a amplidão, nem o achatamento consideraveis da bacia dos tetrazes, o osso illiaco apresenta no seu bordo uma apophyse muito saliente, apophyse que não existe nos tetrazes, o femur apresenta um canal medullar e não é pneumatico. As vertebras caudaes são muito fracas e muito mais pequenas que nos tetrazes, o que corresponde ao pouco desenvolvimento das pennas da cauda.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Habitam todas as regiões do antigo mundo, exceptuando o extremo norte.

COSTUMES

As perdizes encontram-se tanto nas planicies como nas montanhas. Vivem de ordinario nos logares descobertos, fóra das florestas; muitas porém fixam-se nos bosques e ahi passam uma vida retirada.

Os costumes d'estes gallinaceos são caracteristicos. São mais vivos e mais ageis que muitos outros gallinaceos; o seu vôo é pezado, mas muito rapido. Raras vezes voam longe e a grande altura; mas correm perfeitamente e trepam mesmo um pouco. Elevam-se ao longo de paredes talhadas a pique, com surprehendente agilidade. Evitam pousar nas arvores; só excepcionalmente o fazem algumas especies.

Sob o ponto de vista da intelligencia são superiores aos tetrazes.

Os sentidos d'estes gallinaceos são muito desenvolvidos. São prudentes, sabem aproveitar as circumstancias e empregam uma certa astucia para evitar os perigos; são corajosos e brigadores.

São todos monogamos. A infidelidade do macho á femea que escolheu é excepcional. As femeas põem um grande numero de ovos de uma côr atrigueirada ou amarellados claros com pontos negros. Os machos não tomam parte na incubação dos ovos; contribuem porém, para a creação dos filhos.

Durante a quadra genesica, vive cada casal isolado n'um certo dominio que escolheu e que defende energicamente contra todo o intruso. Depois que os filhos attingem um certo desenvolvimento, as familias reunem-se então, muitas vezes, em bandos numerosos.

Alimentam-se de substancias vegetaes e animaes tenras. Fazem todos uma caça activa aos insectos.

CAÇA

Estes gallinaceos são geralmente perseguidos pelo homem, que contra elles emprega todos os meios de destruição: a arma de fogo, o cão, o falcão e as armadilhas.

CAPTIVEIRO

De ordinario habituam-se facilmente ao captiveiro, chegando a reproduzir-se n'estas condições. Muitos affeiçoam-se por tal modo ao homem que chegam a seguil-o por toda a parte, como fazem os cães. Parece

mesmo que tomam parte em todas as alegrias e tristezas do dono; constituem-se então verdadeiras aves domesticas.

AS PERDIZES PROPRIAMENTE DITAS

Occupamo-nos até aqui da familia; occupemo-nos agora do genero.

As perdizes propriamente ditas teem o corpo espesso, o pescoço curto, a cabeça relativamente volumosa, as azas de comprimento medio, obtusas, com a terceira e quarta remiges mais compridas que as outras, a cauda muito extensa, formada por doze a dezeseis pennas, o bico alongado, mas forte, os pés armados no macho de esporões rombos ou de um tuberculo corneo, a plumagem abundante em que a côr dominante é, nas costas, um pardo avermelhado.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

As perdizes propriamente ditas habitam o sul da Europa, o centro e oeste d'Asia, o norte e oeste d'Africa, a Madeira e as Canarias.

COSTUMES

Tendo de occupar-nos de algumas especies, não insistiremos aqui sobre os costumes d'estes gallinaceos. Limitar-nos-hemos a dizer de um modo geral que vivem nas montanhas e nas planicies desertas, evitando as florestas.

A PERDIZ

Por ser a especie de que nos vamos occupar senão a mais commum, na Europa, pelo menos e seguramente, a mais conhecida, abstemo-nos de lhe dar qualquer qualificativo. Diremos só que ella é designada em nomenclatura scientifica pelo nome de *Perdix rubra.*

CARACTERES

A côr dominante na plumagem da perdiz é o vermelho vivo. A tinta vermelha pardacenta da parte superior do corpo é principalmente pronunciada sobre a nuca e a região occipital onde se torna quasi vermelha ruiva. O vertice da cabeça é acinzentado; o peito e uma parte do ventre são de um cinzento acastanhado, as pennas dos lados do tronco cinzentas claras, atravessadas por algumas raias de um branco arruivado e de um trigueiro castanho e bordadas de negro. Da fronte parte uma facha branca que se estende ao longo da região supraorbitaria. A garganta, cercada por um collar claramente limitado, é de um branco puro e brilhante. Os olhos são castanhos claros e apresentam em torno um circulo vermelho vivo.

Esta especie mede trinta e nove centimetros de comprido sobre cincoenta e cinco de envergadura. A femea é um pouco menor.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Habita todo o sudoeste da Europa e uma parte da Africa. É muito commum no meio-dia da França, na Hespanha, em Portugal e na Barbaria. Encontra-se hoje acclimada na Inglaterra.

COSTUMES

A perdiz habita as regiões montanhosas, sobretudo nas partes cultivadas. Não é absolutamente raro encontral-a a dois mil metros acima do nivel do mar. Evita as grandes florestas, mas estabelece-se muito espontaneamente nos bosques onde ha clareiras.

É uma ave sedentaria que vive sempre em dominios muito restrictos e muito perto das congéneres. Não é extremamente sociavel; os bandos que forma nunca são muito numerosos, sobretudo se os comparamos aos bandos formados por outras especies visinhas, diz Schinz.

A perdiz é graciosa e elegante em todos os movimentos. Corre com extrema facilidade e rapidez por meio de pedras e trepa muito bem pelos rochedos; raras vezes se serve das azas. O seu vôo porém, é rapido, embora não sustentado por muito tempo. A perdiz não gosta de voar; prefere correr. Nos logares em que as arvores abundam, empoleira-se para melhor inspeccionar a região habitada.

A perdiz vive quasi todo o anno em bandos de dez a vinte individuos, formados pela reunião de muitas familias. De ordinario cada um d'esses bandos erra n'um certo dominio limitado. Como sente uma grande necessidade d'agua, não tem horas determinadas de beber.

As primeiras manifestações de actividade d'esta especie realisam-se desde que no horisonte apparecem as primeiras claridades ainda vagas e indistinctas do dia. Durante as horas do meio do dia, a perdiz conserva-se occulta nas hervas, caída em somnolencia e silenciosa. Ao cair da tarde, anima-se outra vez e até á noite corre constantemente, divertindo-se e procurando alimentos.

A quadra do cio implica uma certa modificação nos costumes descriptos. A partir do começo d'essa quadra, os bandos separam-se, decompõem-se em casaes. Na Hespanha crê-se que esse facto tem logar no dia de Santo Antonio, como indicam os versos seguintes:

> Al dia de San Anton
> Cada perdiz con su perdicon.

A epocha dos amores varía segundo as provincias. No sul da Hespanha começa com os primeiros dias do mez de Março. No centro e nas montanhas principia no fim d'este mez ou no começo de Abril. Então os machos batem-se em combates encarniçados.

O ninho consiste n'uma simples depressão cavada na terra. A postura é de doze a dezeseis ovos, de casca solida, brilhante, de poros visiveis e de um amarello ruivo claro com maculas e pontos numerosos côr de castanha. Só a femea choca. Os filhos ao fim de trez semanas teem já uma agilidade notavel e ao fim de cinco ou seis estão grandes. Ao principio alimentam-se de insectos, de larvas, de vermes e de pequenos grãos; mais tarde passam a comer sómente grãos, folhas e fructos.

CAÇA

A perdiz é sem duvida o gallinaceo que mais soffre a perseguição do homem.

A caça vulgar, feita com auxilio dos cães perdigueiros, é de tal modo conhecida no paiz que nos crêmos no direito de a não descrever aqui. Descripções d'esta natureza, reduzidas ao que ha de essencial no assumpto, nada teem de attractivo; o que por vezes as torna deliciosas é a mistura minuciosa de accidentes e passagens em que o caçador se encontrou envolvido. Ora esses pequenos nadas que dão á narrativa a nota pittoresca, não se inventam; colhem-se da realidade e são tão diversos de um caso para outro caso que se subtraem completamente a qualquer descripção escripta n'uma obra de historia natural.

Pondo pois de parte a descripção da caça vulgar, tal como se faz entre nós, vamos transladar para aqui a descripção, feita por Brehm, da caça hespanhola com o emprego do reclamo ou chamariz.

«O caçador, diz o naturalista allemão, leva comsigo dentro de uma pequena gaiola uma perdiz-reclamo e, chegado ao logar em que julga dever encontrar as perdizes, levanta com pequenas pedras soltas uma parede de um metro de altura, approximadamente, por traz da qual se esconde. A dez ou quinze passos de distancia colloca sobre uma pequena eminencia a gaiola, tendo o cuidado de tirar-lhe o panno que a envolvia e de cobril-a com alguns ramos. Se o chamariz é bom, principia desde logo a soltar o seu *tack, tack* e em seguida o verdadeiro grito de reclamo *tackterack*. Ao fim de alguns minutos apparece uma perdiz. No começo da estação do cio emprega-se o macho como chamariz; aos gritos que elle solta approximam-se machos e femeas, muitas vezes mesmo casaes. As perdizes procuram o companheiro, respondem-lhe, descobrem-se e é facil então atirar-lhes. Este genero de caça dura, termo medio, quinze dias. Quando as femeas teem já realisado a postura e estão chocando, o caçador emprega uma d'ellas como chamariz e procede do modo indicado. N'este caso, só correspondem ao reclamo os machos in-

ficis, os celibatarios: veem com as azas pendentes, as pennas da cabeça eriçadas e principiam a dançar em honra da femea que ouvem sem verem e é então que se lhes pode atirar. Morto o primeiro macho, o caçador espera; se houver um segundo n'um raio de quarto de legua, pode estar certo de que elle virá por sua vez. Ás vezes mesmo dois e trez machos veem ao mesmo tempo, principiam a bater-se violentamente e podem ser mortos por um mesmo tiro. Se nenhuma perdiz responde mais ao reclamo, o caçador abandona o logar d'espia, approxima-se da gaiola, envolve-a, junta a caça e vae procurar um outro ponto. Deve sempre evitar o apparecer depois de ter atirado e o levantar as perdizes mortas; poderia espantar o chamariz e tornal-o improprio para todo o serviço, talvez para sempre.» [1]

CAPTIVEIRO

Depois do que deixamos transcripto, é facil comprehender quanto são communs no captiveiro as perdizes. Na Hespanha não ha caçador, digno d'este nome, que não possua uma, que lhe será recurso na caça. Um bom reclamo não se obtem menos de cem mil reis. Este preço não parecerá exagerado, se nos lembramos de que um bom reclamo é para o caçador uma verdadeira riqueza, porque com auxilio d'elle pode matar sessenta a oitenta casaes.

ACCLIMAÇÃO

A acclimação da perdiz é facil de obter mesmo nos climas mais frios. O exemplo da Inglaterra é sufficientemente comprovativo. Brehm [2] lastima que na Allemanha se não tenham feito experiencias sérias n'este sentido.

---

1 Brehm, *Obr. cit.*, vol. 4.º, pg. 352.
2 Vid. *Loc. cit.*, pg. 353.

A BARTAVELLA

Em nomenclatura latina denomina-se esta especie *Perdix græca;* os francezes e inglezes adoptaram denominações analogas: *Perdrix grecque* e *Greek Partridge*.

CARACTERES

Esta especie do grupo das perdizes propriamente ditas tem as costas e o peito de um pardo-azul com reflexos avermelhados, a garganta branca, cercada por uma raia negra, uma pequena mancha preta no mento, as pennas das partes lateraes do tronco alternativamente raiadas de ruivo, as rectrizes externas de um vermelho arruivado, os olhos de um trigueiro arruivado tambem, o bico vermelho-coral e os pés vermelhos desmaiados.

Esta especie tem trinta e seis a trinta e nove centimetros de comprido sobre um pouco mais de meio metro de envergadura.

A femea é menor.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Actualmente a bartavella encontra-se nos Alpes, n'uma parte da Austria, da Baviera, no Tyrol, na Suissa, na França, na Italia, na Grecia, onde é commum, na Turquia, na Asia Menor, na Palestina e na Arabia. Na Africa parece não encontrar-se senão nas montanhas comprehendidas entre o Nilo e o Mar Vermelho.

COSTUMES

«É notavel, escreve Brehm, que esta ave que nos Alpes prefere evidentemente as alturas ás planicies, que não se encontra ahi talvez senão nas pastagens expostas ao sol, entre as neves perpetuas e o limite superior das florestas, é notavel que esta ave povôe as planicies nas regiões do sul. Na Grecia encontra-se não só nas altas montanhas, mas tambem

nos platós pedregosos e desertos e, o que é mais, em pequenas ilhas cujos pontos mais elevados não ficam talvez a cem metros acima do nivel do mar. Lindermayer crê mesmo que esta perdiz se não eleva ao cimo das montanhas e que se conserva de preferencia na zona media. Este auctor parece querer rectificar a asserção de von der Mühle, o qual diz que nos invernos mais rigorosos ella se encontra ainda no meio das neves nas montanhas da Rumelia. No Sinai vimol-a—ou pelo menos a especie que a substitue na Asia—a uma altura de dois mil metros acima do nivel do mar. Mountaineer diz que nas Indias a especie se encontra principalmente nas altas regiões deshabitadas. Na Suissa, segundo Tschudi, frequenta os flancos das montanhas expostos ao sol; só no inverno desce ás planicies, muitas vezes até perto das aldéas. Isto concorda perfeitamente com as observações feitas por Mountaineer no Himalaya; ahi tambem estas perdizes no fim de Setembro chegam em bandos numerosos aos logares cultivados, perto das aldéas das planicies.» [1]

A bartavella é viva, agil, prudente e corajosa. Corre em terra com rapidez surprehendente, trepa com agilidade pelos rochedos e possue um vôo leve, rapido e silencioso. Todavia, poucas vezes atravessa, voando, um grande espaço; confia mais nas pernas que nas azas.

Evita as florestas e só se esconde sob a folhagem em caso de perigo.

A vista da bartavella é penetrante e a intelligencia desenvolvida. De todos os gallinaceos das montanhas é o mais prudente e o mais vigilante; dá attenção a quanto se passa em volta de si, distingue o caçador do pastor inoffensivo e sabe escapar a variadissimas perseguições.

A voz d'esta perdiz assemelha-se á da gallinha domestica.

O regimen da bartavella é mixto: compõe-se de substancias vegetaes e animaes. Come indifferentemente folhas, rebentos, grãos, arachnideos, insectos e larvas.

No fim do outono a bartavella constitue-se em bandos numerosos, que nas Indias, segundo affirmação de Mountaineer, constariam de centos de individuos. Na primavera, esses bandos decompõem-se e cada casal escolhe um logar apropriado para a reproducção. O macho defende valentemente os seus dominios, combate com encarniçamento todo o intruso.

A femea põe, na Grecia, em meiados de Fevereiro, diz Lindermayer, e nos Alpes só em fins de Maio ou começos de Junho, dizem os naturalistas suissos. O ninho consiste n'uma simples depressão do solo, estabelecida ao pé de algum abeto ou sob uma pedra; essa depressão é tapetada por herva e musgo. Cada postura é de doze a quinze ovos de um

[1] Brehm, *Obr. cit.*, vol. 4.º, pg. 349.

amarello pallido, cobertos de maculas e pontos muito finos de um castanho claro. Só a femea choca; a incubação dura, termo medio, dezoito dias.

CAÇA

Em todos os logares que habita e nomeadamente na Grecia, a bartavella é o objectivo de uma caça muito activa. Esta caça não é facil, porque o gallinaceo é, como dissemos anteriormente, muito vigilante e muito prudente. O caçador tem comtudo pelo seu lado uma circumstancia muito favoravel e que lhe torna a caça fructuosa: é serem as bartavellas numerosissimas.

CAPTIVEIRO

A bartavella domestica-se muito facilmente. Em todas as regiões que ella habita, este facto é reconhecido. Bastam alguns dias para que se habitue a vir comer á mão e se deixe acariciar pelos que tratam d'ella.

Uma circumstancia ha a notar, desfavoravel á especie: a bartavella não se dá bem com as outras aves, companheiras de captiveiro.

A PERDIZ DAS ROCHAS

É esta a especie conhecida scientificamente pelo nome de *Perdix petrosa* e a que os francezes dão o nome vulgar de *perdrix-gambra*.

CARACTERES

A perdiz das rochas distingue-se principalmente pela existencia de um collar côr de castanha, semeado de pontos brancos. Tem a região

frontal cinzenta clara, o meio da cabeça, a nuca e a parte posterior do pescoço castanhos, as costas arruivadas, as azas azuladas, a garganta e uma linha supracilliar esbranquiçadas, o ventre azulado, o peito e os lados do tronco como na bartavella, emfim algumas pennas das costas com uma cercadura arruivada.

Esta especie é inferior em dimensões á bartavella.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

A perdiz das rochas habita a Sardenha, a Corsega e a Grecia; encontra-se tambem no meio-dia da França e é commum a noroeste d'Africa.

COSTUMES

Salvadori affirma que esta especie não merece o titulo especifico de *perdiz das rochas,* porque prefere as planicies e os outeiros ás montanhas e não se encontra nos terrenos escarpados, cheios de barrancos e pedregosos. Von der Mühle e Lindermayer dizem o contrario. É muito provavel que uns e outros digam a verdade, mas referindo-se a regiões muito differentes. Muitas vezes temos visto que existem mamiferos e aves que n'uns paizes habitam certos logares e n'outros, logares inteiramente diversos, que n'umas regiões habitam as montanhas e n'outras as planicies, n'um continente os logares aridos e desolados, n'outro as planicies ferteis e as florestas. Não devemos pois estranhar as dessidencias dos auctores ácerca do logar habitado de preferencia pela perdiz das rochas.

Nos seus habitos de vida esta especie assemelha-se notavelmente ás descriptas. É viva como ellas e não gosta de voar. Não é timida. O seu grito de reclamo pode notar-se pelas syllabas *kai, kai,* muitas vezes repetidas lentamente e com arrastamento do *i.*

A quadra dos amores realisa-se em Fevereiro e, no dizer de Brehm, os ovos são quinze a vinte por postura; a incubação, ainda segundo o mesmo auctor, dura vinte e dois dias.

A PERDIZ CINZENTA

Esta especie pertence ao genero *Starna,* cujos individuos differem das perdizes propriamente ditas não só na côr geral da plumagem, mas ainda em outros attributos que passamos a enumerar: As escamas que revestem os tarsos são dispostas em duas ordens, tanto na face anterior como na posterior, e estas escamas são tanto na femea como no macho desprovidas do tuberculo corneo que as perdizes propriamente ditas possuem; as azas não teem a mesma conformação que as d'estas ultimas aves e a cauda é formada por desoito rectrizes.

CARACTERES ESPECIFICOS

A perdiz cinzenta tem as partes lateraes da cabeça e a garganta de um vermelho-ruivo claro, a parte superior da cabeça trigueira, longitudinalmente raiada de amarello, as costas cinzentas com raias transversaes vermelhas ruivas, pequenas linhas negras em *zig-zag* e linhas claras ao longo das hastes das pennas, uma larga facha cinzenta com mistura de negro sobre o peito, prolongando-se aos lados do ventre onde é entrecortada por algumas raias transversaes ruivas, bordadas de branco, o ventre branco, marcado por uma grande macula castanha em forma de ferradura, as pennas da cauda de um vermelho ruivo, as do uropigio raiadas transversalmente de trigueiro arruivado e de trigueiro avermelhado, as remiges primarias trigueiras escuras, manchadas e raiadas transversalmente de ruivo amarellado, os olhos castanhos circuitados por um espaço vermelho desmudado, o bico pardo azulado e os pés pardos claros avermelhados ou atrigueirados.

Esta especie mede trinta e trez centimetros de comprimento sobre cincoenta e cinco de envergadura.

A femea é mais pequena que o macho e differe d'elle, além d'isso, em ter as costas mais escuras e a macula ventral menos nitida e menor.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

A perdiz cinzenta é originaria da Europa e de uma parte da Asia central. É commum na Inglaterra, na França, em todos os paizes do centro da Europa. Existe tambem espalhada pelos paizes do norte e do sul d'este continente; assim encontra-se na Russia, na Turquia e tambem na Italia, na Grecia e na Hespanha.

Em Portugal é rarissima; parece encontrar-se apenas nas grandes serras das provincias do norte.

COSTUMES

Comquanto geralmente prefira as planicies, é todavia certo que a perdiz cinzenta se encontra tambem nas montanhas, onde se eleva a uma altura de mil metros acima do nivel do mar. Tambem, segundo Tschudi se tem encontrado excepcionalmente á altura de quatro mil metros. Os logares que principalmente lhe conveem são aquelles em que existem collinas verdejantes e pequenos bosques. Evita as florestas e na França da-se bem nos terrenos pantanosos.

Esta especie é fiel, como poucas, ao logar que uma vez escolheu. Mesmo os individuos que emigram voltam regularmente aos logares de primitiva adopção.

Os costumes d'esta especie são, no dizer de Brehm, encantadores. Quando marcha tranquillamente, conserva o pescoço encolhido e o dorso um pouco curvo; se corre apressadamente, alonga o pescoço e torna o corpo horisontal. Sabe maravilhosamente esconder-se e muitas vezes evita os perigos estendendo-se no chão, tanta é a semelhança que existe entre a côr da plumagem e a do meio. Quando voa, eleva-se até uma certa altura agitando bruscamente as azas e paira por algum tempo ou progride com velocidade adquirida, sem esforço algum. De ordinario não vôa a grande altura, nem a grande distancia. Não se empoleira. Nada perfeitamente, sem grandes esforços.

No desenvolvimento dos sentidos e da intelligencia, a perdiz cinzenta não cede ás especies que descrevemos anteriormente. É prudente, sabe aproveitar as lições da experiencia, distingue muito bem os amigos dos inimigos, é sociavel e capaz de dedicações. Assim, muitas vezes teem adoptado como mãe pequeninas aves caídas na orphandade.

É no mez de Fevereiro que a quadra do cio começa, decompondo-se

os bandos em casaes que escolhem então um domicilio. Na primavera são muito vulgares os combates encarniçados que os machos ferem em honra das femeas. A fidelidade dos esposos é notavel. Os combates prolongam-se durante longo tempo, porque os machos celibatarios a todo o momento perturbam os casaes constituidos.

A postura começa no fim de Abril e muitas vezes mesmo em principios de Maio. O ninho consiste n'uma simples depressão praticada no solo, coberta de restolho e por vezes collocada em logares pouco convenientes, taes como campos de trigo, de trevo, etc. Cada postura é de nove a dezesete ovos. Estes são piriformes, lisos, pouco brilhantes, de um amarello esverdeado palido. A femea choca-os durante trez semanas com notavel dedicação e a ponto que lhe cáem todas as pennas do ventre. Não interrompe a sua tarefa senão o tempo estrictamente indispensavel para comer. O macho entretanto conserva-se ao lado da companheira, advertindo-a dos perigos e em caso de necessidade expondo-se a elles. Graças a esta vigilancia, a femea consegue escapar a numerosas causas de destruição.

Os filhos ao principio comem apenas insectos; mais tarde alimentam-se de substancias vegetaes.

INIMIGOS

É consideravel o numero de inimigos da perdiz cinzenta. Todos os carniceiros lhe destroem os ovos e os filhos. As aves de rapina perseguem sem descanço novos e adultos. Se não fosse a extraordinaria fecundidade d'esta especie, ha muito teria desapparecido.

CAPTIVEIRO

Pode dizer-se de um modo geral que a perdiz cinzenta não é muito facil de domesticar. É certo porém que existem exemplos notaveis de domesticidade n'esta especie. Bueklacher falla de uma que tinha por um pequeno da casa uma dedicação verdadeiramente espantosa. Jex falla tambem de uma outra que o acompanhava em passeio, empoleirada nas costas d'elle.

OS FRANCOLINS

Os francolins differem das perdizes no bico que é mais comprido, nos pés que são mais altos e armados de um ou dois esporões, na cauda que é tambem mais comprida, emfim na plumagem que é mais espessa. O bico, de comprimento medio, é forte e um pouco gancheado; a cauda, formada de quatorze rectrizes, é truncada em angulo recto ou levemente arredondada.

De ordinario, macho e femea não apresentam differenças.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Estas aves habitam a Asia e a Africa.

COSTUMES

Vivem aos casaes e habitam os bosques.

São omnivoros: folhas, gommos, grãos, hervas, baga, vermes, insectos, pequenos vertebrados, tudo lhe serve de alimento.

Correm admiravelmente e raras vezes voam ou se empolleiram nas arvores.

Na Africa central o ninho d'estes gallinaceos consiste n'uma simples depressão do solo coberta por uma ligeira camada de hervas. A postura é de dez e ás vezes de quinze ovos.

CAÇA

Na Africa faz-se uma caça activa aos francolins, ora empregando o cão de lebre ora as armadilhas.

CAPTIVEIRO

Domesticam-se facilmente e vivem bem em gaiola, alimentando-se com grãos de toda a especie.

O FRANCOLIM COMMUM

É um bello gallinaceo. Tem a parte anterior da cabeça, a região facial e o peito negros, as pennas do occipital bordadas de avermelhado e longitudinalmente raiadas de branco, as regiões parotidas de um branco puro, o meio do pescoço de um trigueiro ruivo formando um largo collar, as costas negras com bordaduras avermelhadas e pequenas manchas brancas, o fundo das costas raiado transversalmente de negro e branco, o peito de um trigueiro escuro mais ou menos manchado de branco nas proximidades do ventre, as coxas e as pennas superiores da cauda atrigueiradas, as remiges vermelhas e negras, as rectrizes raiadas de pardo e negro, os olhos castanhos, o bico negro e os pés amarellos avermelhados.

Este gallinaceo mede trinta e seis a trinta e nove centimetros de comprido e cincoenta e cinco de envergadura.

A côr dominante na femea é o trigueiro amarello claro; as pennas do vertice da cabeça são trigueiras com duas grandes manchas symetricas amarelladas.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Ha trinta annos este gallinaceo habitava ainda uma parte da Europa. Hoje parece ter desapparecido d'este continente. Encontra-se na Asia.

Na Africa é substituida por outras especies.

COSTUMES

O francolim commum vive aos casaes ou em pequenas sociedades, habitando tanto as planicies como as montanhas, onde chega a elevar-se a mil e trezentos metros de altura; de ordinario procura as visinhanças da agua.

Segundo Jerdon, quando os filhos se teem tornado independentes, o francolim encontra-se n'uma extensão muito maior que durante a estação quente. Vê-se então muitas vezes nos campos, longe dos cursos d'agua. De tempos a tempos, embora raramente, encontra-se empoleirado n'uma arvore.

Durante a quadra do ardor genesico, o macho faz-se ouvir de madrugada e ao cair da tarde. A voz d'este gallinaceo póde, segundo Malherbe, notar-se pelas syllabas *tré, tré,* prolongadas e sonoras.

O francolim não é timido. Só se occulta e foge do homem se este o persegue.

O vôo é forte e ruidoso, mas pouco rapido.

Nas Indias, refere Jerdon, a femea choca em Maio e Junho. Os ovos são dez a doze, algumas vezes quinze, de um azulado claro, brancos, ou esverdeados. Parece que só a femea choca.

CAÇA

A caça ao francolim, que n'outro tempo foi muito activa, tem decaido notavelmente. Comtudo, ainda hoje em algumas partes se faz a este gallinaceo uma perseguição notavel.

CAPTIVEIRO

Os francolins captivos são raros. Poucos jardins zoologicos os possuem. É certo porém que tratando-os bem se conservam longo tempo captivos e se reproduzem em gaiola.

USOS E PRODUCTOS

A carne do francolim commum passa por ser muito boa. Em certos pontos da India as pennas da cauda do macho são utilisadas no fabrico de collares.

OS ODONTOPHORIDIOS

Os odontophoridios são na America os representantes das perdizes com as quaes se assemelham muito, embora constituam um typo independente.

CARACTERES

São gallinaceos de pequenas ou medianas dimensões. Teem a cauda curta ou de comprimento mediano, o bico curto, muito elevado, comprimido lateralmente, de bordos muitas vezes dentados, os dedos relativamente compridos, os tarsos altos e desprovidos de esporão, as azas de extensão media, muito arredondadas, e a cauda formada de doze pennas das quaes as externas são as mais curtas. A plumagem d'estas aves é abundante, de cores geralmente pouco vivas.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

A America central é a verdadeira patria dos odontophoridios. Mas encontram-se tambem na America do Norte e na America do Sul.

*

COSTUMES

São muito intelligentes e possuem sentidos muito perfeitos. Correm com rapidez, voam com ligeireza, embora por pouco tempo, ouvem e vêem maravilhosamente e sabem bem avaliar das circumstancias que os cercam. São tambem de uma grande fecundidade.

Todos estes dotes justificam perfeitamente a attenção de que são objecto por parte dos naturalistas. Tem-se procurado acclimar na Europa estes gallinaceos; e uma especie ha que na Inglaterra se tem reproduzido e existe hoje tão numerosa como se fôra indigena.

Os odontophoridios preenchem todas as condições necessarias á acclimação. Parece que lhes está reservado um largo futuro nos paizes da Europa.

As especies d'esta familia são numerosas. Gould descreve nada menos de trinta e cinco; e Brehm crê que este numero tende a augmentar.

O CAPOEIRA COMMUM

É este o nome vulgar dado no Brazil á especie que em nomenclatura scientifica se chama *Odontophorus dentatus*. É uma das maiores especies da familia.

CARACTERES

O capoeira commum tem o vertice da cabeça trigueiro, a linha naso-ocular de um trigueiro ruivo, sendo as pennas finamente pontuadas de amarello, a nuca, as costas, as azas e a cauda trigueiras amarelladas,

as pennas do pescoço e da parte superior das costas alternativamente manchadas de negro e de trigueiro e longitudinalmente raiadas de amarello, as escapulares marcadas nas barbas internas por uma grande mancha triangular negra, as coberturas manchadas de amarello claro na ponta, as escapulares inferiores e as ultimas remiges secundarias bordadas de amarello ruivo e raiadas de negro nas barbas internas, as remiges primarias trigueiras, manchadas de branco nas barbas externas, as remiges secundarias côr de chumbo, raiadas de amarello ruivo transversalmente sobre as barbas externas, todas as pennas do uropigio e da cauda de um amarello ruivo com manchas no meio e um circuito amarello desmaiado, as pennas da face inferior do corpo de um pardo de ardosia e com um circuito trigueiro, os olhos castanhos apresentando em volta um espaço nú de um vermelho de carne, o bico negro e os pés côr de carne como o circulo ocular.

A femea não apresenta côres tão vivas.

Esta ave mede quarenta e cinco centimetros de comprido sobre quarenta e nove de envergadura.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

O capoeira commum habita uma grande parte da America do Sul; é principalmente commum nas florestas virgens da costa oriental.

COSTUMES

O capoeira commum vive de preferencia nas florestas virgens as mais densas, aos casaes e, mais tarde, em pequenas familias. Procura os alimentos ou em terra entre as folhas seccas, emquanto marcha, ou nas arvores.

A voz d'este gallinaceo faz-se ouvir de manhã muito cedo e ao caír da tarde. O principe de Wied pensa que só os machos se fazem ouvir; Azara, pelo contrario, crê que macho e femea gritam. A voz do capoeira compõe-se de trez ou quatro notas que se succedem precipitadamente.

O ninho d'esta especie é, segundo o principe de Wied, praticado no solo e contem de ordinario dez a quinze ovos brancos.

CAÇA

A caça ao capoeira faz-se como entre nós a caça da perdiz, com auxilio de cães.

USOS E PRODUCTOS

A carne do capoeira é estimada, comquanto alguns a reputem inferior á da perdiz cinzenta.

A PERDIZ DA VIRGINIA

Este gallinaceo pertence ao genero *Ortyx*, cujos representantes se caracterisam assim: Teem o corpo curto e espesso, o pescoço de comprimento medio, o bico curto, alto, fortemente recurvo, de mandibula superior gancheada e inferior provida de duas ou trez chanfraduras, as azas medianamente compridas, curvilineas, com a quarta remige mais extensa que as outras, a cauda formada de doze pennas, curta, arredondada, os tarsos anteriormente cobertos por duas series longitudinaes de placas corneas e aos lados e atraz por pequenas escamas, emfim a plumagem brilhante e a cabeça encimada por uma pequena poupa.

CARACTERES ESPECIFICOS

A perdiz da Virginia, tambem conhecida pelo nome vulgar, decerto improprio, de *perdiz da America*, tem todas as pennas da face superior do corpo de um trigueiro avermelhado, manchadas, pontuadas e raiadas de negro e bordadas de amarello. As pennas das partes inferiores são de um amarello esbranquiçado, raiadas longitudinalmente de trigueiro ruivo

e manchadas de negro. Uma larga raia branca, encimada por outra negra, estende-se da fronte á nuca; uma segunda raia negra parte dos olhos e abraça a garganta que é branca. Os lados do pescoço são manchados de negro, de branco e de trigueiro. As rectrizes superiores das azas são de um trigueiro avermelhado; as remiges primarias são de um trigueiro escuro, bordadas de azulado, e as secundarias irregularmente raiadas de amarello sujo. As rectrizes são de um cinzento azulado, excepção feita das medianas que são de um cinzento amarellado e maculadas de negro. Os olhos são castanhos e os pés cinzentos azulados; o bico é trigueiro.

A femea tem uma côr geral mais clara; n'ella a região frontal, os lados do pescoço e a garganta são amarellos.

Esta especie mede vinte e cinco centimetros de comprido sobre trinta e oito de envergadura.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Segundo Brehm, a área de dispersão da perdiz da Virginia é limitada ao norte por Canada, a éste pelas montanhas Rochosas e ao sul pelo golpho do Mexico. Nos Estados-Unidos é muito vulgar.

COSTUMES

Habita em logares muito differentes, parecendo comtudo preferir os campos onde se encontram pequenas brenhas e sebes espessas que lhe sirvam de refugio. Encontra-se tambem no meio das florestas.

No sul dos Estados-Unidos é uma ave sedentaria e ao norte uma ave de emigração.

Das descripções feitas pelos naturalistas americanos conclue-se que a perdiz da Virginia tem as maneiras e os costumes da perdiz cinzenta, já descripta anteriormente. Corre tão bem como esta, mas vôa melhor do que ella e tem uma voz mais rica e mais harmoniosa.

No começo da primavera as sociedades que tinham passado juntas o inverno dividem-se.

O macho conquista a companheira á força de luctas e combates porfiados; feito isto, escolhe um logar conveniente. No começo de Maio, pouco mais ou menos, a femea principia a construcção do ninho, que consiste n'uma depressão do solo bastante profunda, tapetada de hervas

e folhas. Os ovos são arredondados, de casca fina, brancos com alguns pontos amarellos; o numero varía entre doze e vinte. Macho e femea chocam alternadamente.

A incubação dura vinte e quatro dias. Os filhos são tratados com extrema dedicação pelos dois paes. Macho e femea, com effeito, cuidam dos recemnascidos com ternura; deitam-se um ao lado do outro, com a cabeça em sentido opposto, e escondem os filhos debaixo das azas. Quando a familia vae ao campo em procura de alimento, o macho caminha á frente, guiando a companheira e os filhos. No macho a coragem rivalisa com a vigilancia; atira-se valentemente contra todo o adversario que lhe apparece. Ao fim de trez semanas os filhos já se encontram em condições de voejar.

Alguns auctores affirmam que a perdiz da Virginia aninha duas vezes por anno; Brehm crê que isto só acontece quando qualquer accidente destroe os ovos da primeira ninhada.

No estio a perdiz da Virginia alimenta-se de insectos e vegetaes de toda a ordem, nomeadamente de grãos de cereaes. No outono o alimento reduz-se a estes ultimos, quasi exclusivamente.

No inverno, ao norte, a perdiz da Virginia é muitas vezes forçada a emigrar. Morrem muitos individuos n'estas viagens; os carniceiros e as aves de rapina fazem-lhes então uma guerra desesperada.

CAÇA

Os americanos são enthusiastas pela caça da perdiz da Virginia, que nada tem de facil e que não pode comparar-se á da perdiz cinzenta. Na caça da perdiz da Virginia não aproveita o uso dos cães. Estes não a fazem parar; ella foge constantemente, correndo, e se tanto fôr preciso, voando. Se consegue internar-se n'uma floresta, a caça torna-se então quasi impossivel, porque empoleirando-se e razando os ramos das arvores, escapa inteiramente ás vistas. O processo a empregar é imitar-lhe o grito para attrail-a.

Devemos observar que na America se faz muito mais a caça com armadilhas e laços do que com as armas de fogo. Os caçadores marcham a cavallo para o campo e desde que descobrem um bando de perdizes, dispõem os seus laços, collocam-se de modo a formar um semi-circulo e espantam as aves obrigando-as a tomar a direcção d'estes. Assim se apanha, não raro, dezeseis ou vinte individuos de uma só vez.

CAPTIVEIRO

É facillima a domesticação da perdiz da Virginia. Tratada com um certo cuidado, habitua-se rapidamente ao homem, perde toda a timidez primitiva. Os ovos podem ser chocados pela gallinha domestica; e n'estas condições os recemnascidos seguem por toda a parte a mãe adoptiva e tornam-se quasi verdadeiras aves domesticas.

ACCLIMAÇÃO

A perdiz da Virginia possue como poucas aves as condições de acclimação nos paizes da Europa. Na Inglaterra este gallinaceo reproduziu-se muito rapidamente e é hoje vulgar ahi. Em França não é tambem absolutamente raro. A Florent Prevost, que principiou em 1816 as suas tentativas de acclimação, se deve este resultado. E pelo que lêmos a este proposito em differentes auctores, chegamos á convicção de que a perdiz da Virginia seria em França tão commum como na Inglaterra, se n'aquelle paiz os naturalistas e creadores tivessem tido a preserverança que sempre caracterisou em trabalhos d'esta ordem o espirito inglez.

USOS E PRODUCTOS

A carne da perdiz da Virginia passa por ser excellente; e é sem duvida a isso que se deve a perseguição que a este gallinaceo se faz na America.

A PERDIZ DE POUPA DA CALIFORNIA

Esta especie pertence ao genero *Lophortyx* assim caracterisado: Os individuos que formam este genero teem todos o corpo refeito, o pescoço curto, a cabeça relativamente muito grande, as azas curtas, arredondadas, com a quarta e quinta remiges maiores que as outras, a cauda vermelha formada de rectrizes curtas e truncadas, o bico curto, forte, de crista dorsal notavelmente recurva, tarsos lateralmente comprimidos, plumagem farta e brilhante, cabeça encimada por quatro a seis pennas, estreitas na base, largas na extremidade, recurvas em fouce de concavidade anterior e mais desenvolvidas no macho que na femea.

CARACTERES ESPECIFICOS

O macho tem a região frontal côr de enxofre, o vertice da cabeça trigueiro escuro, a nuca azulada, as costas côr de azeitona, a garganta negra, a parte superior do peito azulada, a parte inferior amarella, o meio do ventre vermelho escuro, as pennas lateraes do tronco trigueiras, as pennas inferiores da cauda amarellas claras, as remiges trigueiras, os olhos castanhos escuros, o bico negro e os pés côr de chumbo.

Na femea as côres são menos vivas.

Este gallinaceo mede vinte e cinco centimetros de comprimento.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Esta especie, descoberta não ha ainda meio seculo, habita toda a California; d'ahi o seu nome.

A PERDIZ DE GAMBEL

Esta especie assemelha-se muito á anterior. Differe d'ella porém, na côr: a região occipital é de um ruivo trigueiro vivo, o ventre negro e as pennas lateraes do tronco de um ruivo trigueiro, longitudinalmente raiadas de amarello claro. Em geral as côres são mais vivas e mais brilhantes.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Esta especie, descoberta em 1641 por Gambel, cujo nome tomou, vive na California, como a anterior.

COSTUMES COMMUNS

A semelhança entre os habitos de vida da perdiz da California e a perdiz de Gambel permitte-nos consagrar a este ponto um artigo unico.

A perdiz da California e a perdiz de Gambel são aves sociaveis, cada uma das quaes se constitue em bandos numerosissimos, ás vezes de mil individuos. São tão abundantes nas florestas, como nas planicies onde ha brenhas ou nos flancos das collinas.

São vigilantes e correm com assombrosa rapidez; quando se empoleiram nos ramos das arvores, é difficil percebel-as, porque a côr da plumagem confunde-se com a do meio ambiente.

Aninham em terra, n'uma depressão pouco profunda de ordinario collocada junto de uma arvore. Geralmente as posturas são de quinze ovos.

A alimentação d'estes gallinaceos compõe-se principalmente de substancias vegetaes, hervas, grãos, plantas bulbosas, etc.; todavia comem tambem insectos.

A quadra do ardor genesico tem logar de Maio a Agosto. Logo depois do coito principia a muda, que se realisa muito lentamente.

CAÇA

A perdiz de poupa e a perdiz de Gambel são difficeis de caçar. Correm com velocidade tal que fatigam não só o caçador, mas mesmo os cães. Se vôam para o interior de uma floresta, a perseguição torna-se mais difficil ainda, porque, como dissemos, uma vez empoleiradas, é quasi impossivel dar com ellas. Se porém se consegue fazel-as erguer vôo é então facil matal-as a tiro por isso que avançam sempre em linha recta.

CAPTIVEIRO

Como a perdiz da Virginia, as duas especies em questão, tanto a perdiz de poupa da California como a perdiz de Gambel, domesticam-se rapidamente, contraindo com o homem laços por vezes muito estreitos de amizade.

ACCLIMAÇÃO

Graças aos trabalhos e cuidados de Duchamps, de Pomme, de Rothschild e Saulnier, em França, e de Freyberg, na Allemanha, os dois paizes conseguiram vêr acclimadas as especies de que nos occupamos. E se o numero de representantes d'essas especies não é ainda hoje muito grande ahi, ha toda a esperança de que elle augmente, em vista dos resultados obtidos já. A inexperiencia que naturalmente acompanha as primeiras tentativas feitas n'este sentido, explica muito bem o meio insuccesso no principio. Mas se algum resultado se tirou, embora pequeno, não ha logar para desalentos; as lições da experiencia irão fructificando e o que se não obteve nos primeiros momentos obter-se-ha depois.

Brehm deseja ardentemente que na Allemanha se consiga a acclimação das especies discutidas; outros naturalistas desejam que o mesmo se realise em França. Hoje que em Portugal se pensa sériamente na fundação de um jardim de acclimação em Lisboa, não podemos deixar de exprimir aqui os nossos votos pela acclimação entre nós das perdizes da California. São especies que merecem bem a attenção dos naturalistas e dos creadores. São cumulativamente utilissimas e encantadoras.

USOS E PRODUCTOS

A carne da perdiz de poupa da California e da perdiz de Gambel é excellente, no dizer dos que a teem provado. Esta circumstancia é o principal incitamento á caça que na California se faz a essas especies.

AS CODORNIZES

Na ordem dos gallinaceos não ha, decerto, familia tão vastamente espalhada pelo globo como a das codornizes de que vamos occupar-nos.

CARACTERES

Os caracteres genericos do grupo são os seguintes: As codornizes teem o corpo refeito, mas elegante, o bico pequeno, elevado na base e inserido alto na região frontal, as azas curtas, obtusas, com a terceira, quarta e quinta remiges mais extensas que as outras, a cauda composta de doze pennas molles, curta e arredondada, os tarsos fracos, emfim as unhas curtas e delgadas. A plumagem, differente de especie a especie, varia pouco de sexo a sexo.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

As codornizes encontram-se em todos os continentes. Na Europa vive uma especie que é extremamente vulgar em todos os paizes. D'ella nos occuparemos adiante.

COSTUMES

As codornizes differem consideravelmente das perdizes. «As viagens que emprehendem, diz Brehm, modificam singularmente o seu modo de viver. Sob o ponto de vista dos costumes, dos instinctos, do modo de reproducção apresentam tambem numerosas particularidades. São pouco sociaveis; a união dos sexos é pouco intima e não se reunem em bandos senão para viajar. Acham-se bem onde quer que lhes não falte a alimentação e reproduzem-se em paizes a que são evidentemente estranhas. Em relação a faculdades physicas e intellectuaes não cedem aos outros gallinaceos.» [1]

O regime alimentar das codornizes, sem differir essencialmente do que caracterisa os outros pequenos gallinaceos, é todavia mais animal que vegetal.

São excessivamente fecundas as codornizes; se assim não fosse, dada a caça activa que lhes faz o homem e as perseguições que soffrem por parte de numerosos inimigos, certamente extinguir-se-hiam muito rapidamente.

A CODORNIZ VULGAR

Tem as costas trigueiras, raiadas transversal e longitudinalmente de amarello ruivo, a cabeça da mesma côr, sómente um pouco mais escura, a garganta trigueira-ruiva, o papo amarello ruivo, o meio do ventre branco amarellado, os lados do tronco ruivos com raias longitudinaes amarellas claras, as remiges primarias trigueiras muito escuras com manchas de um amarello arruivado, dispostas em series transversaes e as rectrizes de um amarello arruivado com hastes brancas e raias escuras. N'estas especies nota-se a existencia de uma linha de um trigueiro amarello claro que parte da raiz da mandibula superior, passa por cima dos

[1] Brehm, *Obr. cit.*, vol. 4.º, pg. 378.

olhos, desce pelos lados do pescoço e cerca a garganta; ahi é limitada de cada lado por uma linha estreita de um trigueiro escuro.

Na femea, as côres são menos claras, mais desmaiadas.

Esta especie mede vinte e um centimetros de comprimento sobre trinta e seis de envergadura.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Esta especie é extremamente vulgar na Europa; d'ahi o qualificativo de *commum*. Na Asia central é talvez ainda mais vulgar. Nas suas emigrações attinge o sul da Asia e atravessa o norte da Africa, chegando á zona tropical d'este continente.

COSTUMES

O que principalmente torna notavel a codorniz é a tendencia ás viagens e ás emigrações, que todos os annos se realisam. As viagens são multiplas, fazem-se em epochas differentes e nem sempre em bandos muito numerosos. Mas as grandes, as verdadeiras emigrações principiam em Setembro e continuam-se no mez de Outubro. Brehm, ao contrario do que pensam muitos naturalistas, crê que as codornizes se não agremiam para emigrar. Segundo elle, cada individuo parte isolado, por uma impulsão absolutamente propria e só durante o precurso é que se junta aos outros que, arrastados por um instincto semelhante, procederam de egual modo. Seria este o processo pelo qual se constituiriam os bandos emigrantes; o instincto de sociabilidade não entraria em nada para a explicação do facto.

Se durante a viagem emprehendida os ventos são contrarios, as codornizes param; se, ao inverso, os ventos correm de feição, activam o vôo, ao qual conservam uma direcção constante. Quando se fatigam, deixam-se cair sobre o mar, onde descançam algum tempo, retomando o vôo depois. Se o tempo corre tempestuoso, afogam-se muitos d'estes curiosos emigrantes.

Referindo-se á chegada das codornizes á costa septentrional da Africa, Brehm diz: «Percebe-se um ponto negro deslizando por cima da agua: esse ponto approxima-se rapidamente e por fim vê-se a ave fatigada precipitar-se em terra, mesmo á beira d'agua. Ahi se conserva alguns minutos, parecendo incapaz de executar um unico movimento. Este

estado dura pouco: a ave principia a agitar-se, ergue-se e principia a correr rapidamente pela areia. Mas é preciso bastante tempo para que de novo as codornizes confiem nas azas; emquanto esse tempo não passa, procuram salvar-se dos perigos, correndo. Mesmo nos primeiros dias em que podem já voar, não o fazem senão em caso de perigo extremo. Creio bem que, a partir do momento em que pozeram pé em terra, continuam as suas emigrações, principalmente correndo.

«Desde então encontram-se as codornizes por toda a parte a noroeste d'Africa, mas nunca em grandes bandos; são isoladas, ainda que numerosas em certas localidades. Creio que durante todo o tempo em que se conservam na Africa, erram e não subsistem muito tempo na mesma região. Com a vinda da primavera principia a retirada das codornizes; em Abril reunem-se nas costas, sendo então em numero menor do que no outono.» [1]

No estio as codornizes estabelecem-se nos campos ferteis; evitam as regiões altas e são já raras nas collinas. Não gostam da agua e nunca se encontram nos pantanos. Immediatamente depois da chegada, estabelecem-se nos campos de trigo e de centeio.

A codorniz commum não é nem uma ave bonita, nem uma ave bem dotada. Marcha rapidamente, mas sem graça, diz Brehm; emquanto corre conserva o pescoço encolhido e a cauda pendente. Raras vezes affecta uma attitude nobre. Vôa rapidamente, mas com grande ruido. Ondula o vôo com certa elegancia, mas não gosta de percorrer, fora do tempo das emigrações, grandes espaços. Quando emigra, e só então, vôa com rapidez assombrosa muitas dezenas de leguas. No papo de algumas d'estas aves tem-se encontrado em França grãos de plantas africanas ingeridos na vespera!

Na codorniz vulgar os sentidos da vista e do ouvido tem um grande desenvolvimento; porém a intelligencia é menos que mediocre. A codorniz é timida e quando a perseguem de perto comporta-se de um modo louco: julga-se salva quando tem escondido a cabeça. Não se affeiçoa ás aves da mesma especie e só se junta a ellas forçada pela necessidade. Os machos antipathisam uns com os outros e perseguem-se tenazmente n'uma raiva cega. Mas as femeas dão testemunho d'uma alta qualidade quando adoptam recemnascidos a que morreu a mãe.

A codorniz commum solta differentes gritos; mas á excepção do grito emittido na quadra do ardor genesico, nenhum é sufficientemente forte para fazer-se ouvir de longe.

A codorniz commum emquanto o sol se conserva acima do horisonte

[1] Brehm, *Loc. cit.*, pg. 379.

permanece silenciosa e escondida nos campos, no meio das hervas. Só ao fim da tarde solta a voz, corre e voeja, procurando alimentos ou combatendo algum companheiro.

O regime alimentar d'esta especie compõe-se de grãos de toda a ordem, de folhas, de gommos e de insectos. Para facilitar a digestão ingere pequenas pedras, fragmentos de objectos duros. Para apagar a sêde satisfaz-se com o orvalho accumulado nas folhas.

«Muito provavelmente a codorniz commum vive em polygamia. O macho é um dos mais ciumentos dos gallinaceos; procura expulsar dos seus dominios todos os rivaes, movendo-lhes uma guerra de morte. É despota e violento, como nenhuma outra ave, em relação á femea; maltrata-a, se ella não obedece immediatamente aos seus desejos; chega mesmo a ter coito com aves d'outra especie. Naumann presenceou o espectaculo de uma codorniz, macho, tentando exercer o coito com um pequeno cuco. Diz o mesmo auctor que os machos em cio se precipitam sobre aves mortas e considera como possivel a velha lenda da cohabitação das codornizes com os sapos. Só no começo do estio é que a femea principia a trabalhar na construcção do ninho, cavando para isso n'um campo agricultado uma ligeira depressão que cobre com algumas folhas seccas. Ahi põe oito a quatorze ovos, grandes, piriformes, lisos, de um trigueiro amarellado e cobertos de manchas de um trigueiro escuro, muito variadamente dispostas. Choca durante dezenove ou vinte dias e com dedicação tal que prefere morrer a abandonar a tarefa. O procedimento do macho contrasta singularmente com o da femea; emquanto esta choca, elle divaga pelos campos em procura de novos amores, sem o menor interesse pela progenitura. Uma vez saidos da casca, os novos seres correm atraz da mãe, que os conduz, que os protege sob as azas quando o tempo é mau e que tem por elles uma extrema dedicação. Crescem depressa, deixando em pouco de obedecer á mãe; então dão-se combates que vão até ao sangue. Ao fim de duas semanas já voejam e ao fim de seis acham-se sufficientemente desenvolvidos para emprehenderem as suas viagens.» [1]

CAÇA

A codorniz commum é por toda a parte vivamente perseguida. A caça faz-se por modos que variam com os differentes paizes e que são

[1] Brehm, *Loc. cit.*, pg. 380.

numerosissimos: a arma de fogo, os laços, a embuscada e as armadilhas de toda a ordem.

CAPTIVEIRO

A codorniz commum é uma ave agradavel em captiveiro. Habitua-se rapidamente á vida da gaiola onde com facilidade se reproduz. É muito aceada. Ás vezes aninha nos aposentos, mas é raro que ahi crie os filhos.

USOS E PRODUCTOS

Na Europa a codorniz commum tem valor pelas attracções que possue em captiveiro e pela carne, que é saborosa. Na China adquire ainda um valor maior, porque os machos são empregados em combates que se julgam eminentemente recreativos e que determinam apostas consideraveis. Esses machos são creados em completo isolamento para que se tornem bem ferozes e alimentados com substancias tonicas e excitantes para que adquiram uma grande força e uma notavel energia para a lucta. Os creadores d'estas aves desafiam-se e collocam frente a frente os seus machos. Os circumstantes, que teem como todos os indigenas da Asia a paixão inveterada do jogo, interessam-se por um ou outro dos contendores e fazem entre si apostas elevadas. O combate, que não dura mais de um a quatro minutos, termina invariavelmente pela morte de um dos combatentes. É um espectaculo barbaro, inteiramente semelhante ao da lucta dos gallos na Inglaterra.

AS CODORNIZES ANÃS

As codornizes anãs, constituidas hoje em genero ápartе, distinguem-se das codornizes propriamente ditas não só no tamanho, que é muito menor, como o nome indica, mas ainda na forma das azas que são

mais curtas, mais arredondadas, com a terceira, quarta e quinta remiges mais compridas, que todas as outras e a primeira muito mais pequena que a segunda.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Habitam as Indias e a Australia.

A CODORNIZ ANÃ DA CHINA

Esta especie que já Linneu conhecia pelas pinturas chinezas é uma das mais bellas da familia.

CARACTERES

O macho tem as costas côr de azeitona, apresentando cada penna sobre a haste uma raia clara mediana e de um dos lados sómente uma raia escura; este desenho não existe nas remiges nem nas pennas superiores da cauda. Algumas pennas escapulares são bordadas de ruivo escuro. A parte anterior da cabeça, a região facial, o peito e os lados do tronco são cinzentos escuros; a garganta é negra e cercada por duas raias concentricas, uma interna, larga, branca, outra externa, negra. A parte mediana do peito, o ventre, as pennas inferiores da cauda e a maior parte das rectrizes são de um soberbo ruivo-trigueiro.

Na femea o desenho da plumagem é mais simples; o peito é trigueiro.

Os olhos são castanhos escuros e os pés de um amarello vivo; o bico é negro.

O macho mede quinze centimetros de comprido e vinte e cinco de envergadura; a femea é ainda um pouco mais pequena.

*

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Habita as Indias e a China. Sendo extremamente commum em algumas provincias d'este paiz onde vive em bandos numerosos, é rara em outras, onde apenas apparecem alguns individuos isolados.

COSTUMES

Segundo Bernstein, as codornizes anãs habitam ordinariamente em Java as vastas extensões de logares selvagens, apparecendo de tempos a tempos nos campos perto das aldeias. Vivem tão occultas e silenciosas que é difficil observar-lhes os costumes.

Estas aves não gostam de voar; preferem correr, mesmo em caso de perigo.

A especie de que nos occupamos alimenta-se de insectos, vermes e grãos.

O ninho consiste n'uma depressão cavada na terra e coberta de raizes e folhas seccas. O numero de ovos, no dizer de Bernstein, não excede seis. São verdes ou côr de azeitona com pontos escuros espalhados mais ou menos abundantemente.

CAPTIVEIRO

Esta ave não tem sido vista na Europa, diz Brehm. Conserva em captiveiro a timidez natural ou habitua-se facilmente ao homem? Eis o que se não sabe de um modo positivo.

O TOURÃO DO MATTO

É este o nome vulgar portuguez da especie *Turnix Africanus* ou *Turnis Gibraltrarensis* do genero *Turnix* que se caracterisa pela existencia nos individuos que o formam de um bico comprido, fino, recto comprimido, de aresta elevada e curva na ponta, de azas agudas em que as trez primeiras remiges são as mais compridas, de tarsos um pouco mais compridos que o dedo mediano e finalmente pela ausencia de pollegar.

CARACTERES ESPECIFICOS

O tourão do matto mede, pouco mais ou menos, dezesete centimetros de comprido.

A plumagem é muito semelhante nos dous sexos. Esta especie tem a cabeça de um trigueiro escuro, atravessada por trez raias amarellas longitudinaes, as costas irregularmente atravessadas por algumas raias em *zig-zag,* negras e trigueiras ruivas, as pennas das azas amarelladas, marcadas por uma mancha negra nas barbas internas e por outra de um amarello ruivo nas externas, a garganta branca, o papo trigueiro-ruivo, apresentando cada penna um circuito claro, os lados do tronco de um trigueiro ruivo com maculas escuras, o ventre de um branco puro, as remiges circuitadas de claro, os olhos amarellos, o bico amarellado e os pés côr de chumbo.

A femea é muito maior e mais pezada que o macho.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Esta especie, originaria d'Africa, como o nome scientifico indica, hoje vive apenas na Europa e só na Sicilia e sul da peninsula iberica.

Em Portugal encontra-se no Alemtejo.

COSTUMES

É um gallinaceo pouco sociavel, que nunca se encontra em bandos numerosos como as codornizes. É moroso nos movimentos; quando o attacam resolve-se difficilmente a fugir, o que faz ora correndo, ora voando.

O ninho é escavado no solo e profundamente escondido n'uma brenha ou n'um matto, por forma que nem os cães se podem d'elle approximar. Cada postura é de sete ovos, de casca muito fina, azulados e apresentando á superficie pontos raros e espalhados.

Um andaluz, por nome Machado, referindo-se á vida em liberdade do tourão do matto na Hespanha, diz: «Os nossos caçadores pretendem que o tourão do matto conduz as codornizes ás nossas regiões e que, morto elle, o bando que o seguia se dispersa, não podendo as codornizes voltar á Africa; tal seria a razão por que estes ultimos gallinaceos se encontram em Hespanha durante o inverno. Não sei até que ponto é exacta esta crença.» [1]

O TURNICIDIO BRIGADOR

Esta especie pertence ao mesmo genero que a anterior. Antes que na Europa fosse conhecida já os indios e chinezes sabiam os seus costumes e a tinham em captiveiro.

CARACTERES

Tem as pennas das costas de um trigueiro escuro com manchas semicirculares negras e ruivas na ponta, as pennas das regiões ocular e fa-

[1] Citado por Brehm, *Loc. cit.*, pg. 386.

cial negras com manchas brancas, as pennas das azas pardas trigueiras, manchadas de negro e de branco, as remiges bordadas de branco, a garganta de um negro brilhante, emfim, a parte inferior do peito e o ventre de um ruivo vivo.

A femea tem a garganta branca, contornada por um circulo de pontos negros e brancos, o peito negro, raiado de branco e o meio do peito e do ventre de um ruivo esbranquiçado.

Os olhos são, nos dois sexos, brancos e os pés amarellos escuros; o bico é pardacento.

O macho mede dezesete centimetros de comprido. A femea é um pouco maior.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

O turnicidio brigador é, no dizer de Bernstein, muito commum em Java.

COSTUMES

São analogos aos da especie precedentemente estudada.

CAPTIVEIRO

Em Java é vulgar o encontrar-se captivo o turnicidio brigador. Habitua-se facilmente ao homem, quer seja apanhado novo, quer já adulto. Alimenta-se de arroz e de insectos.

Os instinctos luctadores d'esta especie são frequentemente explorados pelos habitantes de Java.

OS PEDIONOMOS

Os pedionomos differem dos turnicidios descriptos principalmente pelos dedos que são quatro e não trez como n'estes.

Nos pedionomos o bico é quasi tão comprido como a cabeça, recto, comprimido na ponta. As azas são curtas, conchoides e agudas. A cauda é curta. Os tarsos são elevados e o dedo posterior é fraco e inserido a muita altura.

O PEDIONOMO DE COLLAR

Esta especie tem o vertice da cabeça de um trigueiro avermelhado com maculas negras dispostas transversalmente, a parte anterior da cabeça e os lados do pescoço manchados de escuro fulvo, o pescoço marcado por um largo collar branco, manchado de negro, as pennas das costas de um trigueiro avermelhado, raiadas de negro e bordadas de fulvo ou loiro, o meio do peito vermelho e o resto da face inferior do corpo loiro. As pennas do peito apresentam o mesmo desenho que as das costas, e as dos lados do tronco teem grandes manchas negras, irregulares; as pennas da cauda são raiadas de trigueiro muito escuro.

A femea é maior que o macho: este mede doze centimetros e meio de comprido e aquella dezenove.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

A área de dispersão d'esta especie é a mesma que a do tourão do matto e do turnicidio brigador.

COSTUMES

Os pés d'esta especie, munidos de quatro dedos, são admiravelmente apropriados á marcha e á corrida nas vastas planicies queimadas pelo sol. As azas pequenas e arredondadas prestam-se pouco ao vôo. É por isso que o pedionomo de collar só se ergue no ar quando vivamente a isso o forçam. Quando corre appoia-se apenas nas pontas dos dedos; a parte posterior da planta não toca o solo.

Não se conhece o modo de reproducção d'esta especie.

CAPTIVEIRO

Gould possuiu em captiveiro um macho e trez femeas. Comiam trigo, arroz crú e pão. Domesticaram-se rapidamente e viveram muito tempo.

OS LOPHOPHORIDEOS

Estes gallinaceos são essencialmente caracterisados por uma cauda curta, ligeiramente arredondada, de rectrizes collocadas n'um mesmo plano e não imbricadas. Apresentam na parte superior da cabeça algumas pennas.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Habitam as altas montanhas do sudoeste da Asia.

O FAISÃO IMPEY

Tal é a denominação que os primeiros naturalistas deram á especie *Lophophorus resplendens.* O nome de faisão é improprio, mas o segundo nome Impey representa uma homenagem rendida a lady Impey que introduziu a especie na Europa.

CARACTERES

«O macho, diz Brehm, é de uma belleza notavel e difficil de descrever. A cabeça é como encimada por um ramo de espigas de ouro de um bello verde metalico; a garganta é da mesma côr. Tem a nuca de um vermelho purpura ou carmim, com todo o brilho dos rubís, a parte inferior do pescoço e as costas de um verde bronze com reflexos dourados, as pennas superiores das azas e da cauda de um verde violaceo ou azulado, algumas pennas do fundo das costas, brancas, a face inferior do corpo negra, com reflexos verdes e purpurinos no meio do peito, as remiges negras, as rectrizes côr de canella, os olhos castanhos, circuitados por um espaço nú azulado, o bico de um pardo corneo escuro e os pés de um verde sujo.

«Esta especie mede setenta e dois centimetros de comprido sobre noventa e um de envergadura.» [1]

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

O faisão Impey habita as montanhas do Himalaya a uma altitude de dois mil a trez mil e trezentos metros acima do nivel do mar.

[1] Brehm, *Loc. cit.*, pg. 388.

COSTUMES

A Montaineer se deve principalmente o conhecimento dos habitos de vida da especie em liberdade. «O faisão Impey, diz este auctor, encontra-se desde as primeiras elevações até ao limite das florestas. Na montanha é uma das aves que mais abunda. Quando os primeiros europeus chegaram ás montanhas das cercanias de Mussuri, era ahi muito commum e ainda agora lá se observa algumas vezes. Durante o estio é raro encontral-o, porque as trepadeiras de vegetação luxuriante impedem á vista penetrar no interior das florestas; mas pode vêr-se então na visinhança dos campos de neve, principalmente de manhã e no fim da tarde. Comtudo, ninguem pode então avaliar pelo numero de individuos que vê o numero dos que habitam a região. Mas quando o frio chega, as trepadeiras e as plantas que cobrem o solo seccam e então a floresta parece cheia d'estas aves. Reunem-se em grandes bandos e, em differentes logares, é possivel n'um só dia de caça fazer levantar mais de cem. No estio quasi todos os machos e algumas femeas sobem para os logares altos; no outono novos e velhos juntam-se nos pontos em que o solo é coberto por uma camada espessa de folhas seccas. Ahi procuram hervas e insectos, e á medida que a estação progride vão descendo para as planicies. Nos invernos rigorosos, quando a neve é espessa, approximam-se das vertentes meridionaes das montanhas, dos pontos em que o desgêlo principia; pousam tambem nas colinas em que o gêlo não persiste. As femeas e os filhos conservam-se muitas vezes na visinhança das aldeias e vêem-se então em grande numero nos campos. Pelo contrario, os velhos machos deixam-se ficar nas florestas, por mais intenso que seja o frio, por mais espesso que se tenha tornado o tapete de gêlo que cobre a terra. Na primavera voltam todos para as montanhas.

«Os bandos que no outono e no inverno se tinham reunido n'um certo circulo da floresta, espalham-se agora por uma superficie tal que cada ave parece isolada. Atravessa-se ás vezes uma milha ou mais sem vêr um só individuo; depois, de repente, chega-se a um local de cem passos de diametro e vêem-se d'ahi surgir vinte individuos ou mais, uns atraz dos outros. De resto conservam-se espaçados em toda a região: encontra-se um aqui, outro além, dois um pouco mais longe e assim por diante. As femeas formam bandos mais unidos que os machos; descem mais, abandonando o abrigo das florestas para se approximarem dos logares em que bate o sol e chegarem mesmo perto das habitações. Os dois sexos separam-se muitas vezes. Nos valles, nos flancos humidos das montanhas encontram-se duzias de femeas com os filhos, sem um só ma-

cho adulto, ao passo que no interior das florestas e nos cimos só se encontram estes. O macho parece não inquietar-se com a sorte da femea nem com a da prole.

«Desde o mez de Abril até ao começo do inverno, o faisão Impey é timido e prudente; mas sob a influencia do frio e do gêlo que lhe difficulta o encontro de alimentos, os receios e a prudencia desapparecem, ao menos em parte. A partir do mez de Outubro este gallinaceo apparece mais vezes nos logares desguarnecidos de mattas e não procura tanto esconder-se. Na primavera, quando o amedrontam vôa muitas vezes até grande distancia e, se o fazem de novo levantar, nunca mais consente que d'elle se approxime alguem. No inverno mata-se muitas vezes na carreira ou nas arvores em que se empoleira e de cujo pé o caçador facilmente se approxima. Quando se lhe dá caça nas florestas, vôa silenciosamente, sem antes correr; perseguido nos prados e nas clareiras, corre sempre antes de erguer vôo. E então levanta-se no ar ruidosamente e soltando um assobio agudo que repete até se cançar e a que faz succeder muitas vezes o seu grito plangente ordinario. Quando se faz levantar um ou dous d'estes gallinaceos, todos os outros se tornam attentos aos gritos que elles soltam; se pertencem ao mesmo bando, erguem-se tambem todos ao mesmo tempo, e se vivem separados erguem vôo successivamente. Aos gritos do primeiro, vôa o segundo, o grito d'este determina um terceiro a partir, e assim successivamente. No inverno mostram-se mais independentes um dos outros; conservam-se sempre em guarda, mas cada um d'elles antes de voar espera que o persigam. Attaques reiterados tornam-os timidos e fazem-nos abandonar uma região, sobretudo na primavera em que os alimentos abundam; pelo contrario no inverno confinam-se, forçados pelas condições de existencia, em localidades muito circumscriptas. A femea parece menos timida que o macho. O vôo d'este é muito singular; quando tem de percorrer um grande espaço, deslisa no ar sem bater as azas, mas agitando as remiges com um movimento convulsivo. É então que elle apparece em todo o o esplendor.

«O grito do faisão Impey consiste n'um assobio plangente, que se ouve echoar na floresta a toda a hora do dia, mas principalmente de manhã antes do erguer do sol e á tarde. Na estação fria, estes gallinaceos, agora reunidos, fazem-se principalmente ouvir um pouco antes de se empoleirarem nas arvores ou nos rochedos em que teem de passar a noite.

«O faisão Impey alimenta-se de raizes, de folhas, de rebentos, de baga, de nozes, de grãos e de insectos; no outono dá caça a estes nas folhas seccas e no inverno penetra nos campos de trigo e de centeio. O bico é perfeitamente conformado para esgaravatar na terra. Nas florestas

elevadas vêem-se muitas vezes estes gallinaceos em grande numero, procurando alimentos nas clareiras e nos logares descobertos.

«A estação dos amores começa com a primavera. A femea construe o ninho sob uma pequena matta, nas hervas; põe cinco ovos, de um branco sujo, com pontos e manchas de um trigueiro avermelhado. A incubação termina no fim de Maio.» [1]

CAÇA

A caça ao faisão Impey offerece mais ou menos difficuldades segundo as estações. Comtudo, como este gallinaceo é abundante ha sempre possibilidade de fazer uma caça fructuosa, sobretudo no outono, quando as florestas se acham desguarnecidas. A detonação das armas parece não incommodar ou espantar o faisão Impey e esta circumstancia é muito favoravel ao caçador.

CAPTIVEIRO

São numerosas as tentativas feitas no sentido de introduzir e fazer reproduzir na Europa o faisão Impey. Apesar d'isso a especie é ainda rara nos jardins zoologicos e de um preço muito elevado. Habituado ao ar vivo das montanhas, não supporta a demora nas planicies e morre de ordinario nas viagens. Lady Impey, como foi dito, trouxe á Europa os primeiros exemplares vivos da especie, não se poupando nem a cuidados nem a despezas para os acclimar n'este continente.

O faisão Impey, como todos os congéneres, passa em captiveiro uma vida tão retirada quanto possivel, procurando subtrair-se ao olhar de quem quer que seja e conservando sempre uma notavel timidez. De ordinario occupa-se em esgaravatar o solo.

Foi no parque de lord Derby que pela primeira vez se conseguiu a reproducção do faisão Impey; mais tarde obteve-se o mesmo resultado nos jardins zoologicos de Londres, de Anvers e no jardim de acclimação de Paris. Mas em quasi toda a parte os filhos morreram nos primeiros dias de Outubro, epocha da primeira muda. As tentativas seguidas até hoje de melhor exito teem sido as de Pomme, em França.

[1] Citado por Brehm, *Loc. cit.*, pg. 390.

USOS E PRODUCTOS

A carne do faisão Impey é considerada por uns como boa, por outros como mediocre. A proposito d'este ponto, diz Pomme, referindo-se a um d'estes gallinaceos que lhe morreu de um desastre e cuja carne elle teve occasião de apreciar: «Não querendo ser juiz unico, convidei alguns gastronomos emeritos para que decidissem da bondade ou mediocridade da carne do faisão morto. Assada com todo o cuidado, foi servida e todos emittiram a opinião de que era succulenta, de gosto agradavel, digna emfim da gastronomia. Accrescentarei que não ficaram mais que os ossos da ave, o que prova a imparcial sinceridade dos juizes.»

OS GALLIDEOS

De todas as familias de gallinaceos a que sem duvida offerece um interesse maior é aquella em que se acha contida a gallinha domestica e de que passamos a occupar-nos.

CARACTERES

Os gallideos pela semelhança que teem entre si constituem uma familia natural das mais bem definidas. Podem assignar-se-lhe como caracteres essenciaes os seguintes: uma parte da cabeça e da região anterior do pescoço nús, uma crista carnuda que principia na raiz do bico e se prolonga até ao vertice da cabeça, prolongamentos da mesma natureza, mas mais molles, sob o bico, uma cauda vertical, de pennas largas dispostas em dois planos contiguos, cobertos pelas sobrecaudaes que se alongam, se recurvam e pendem para traz do corpo.

O Gallo

Magalhães & Moniz, Editores

OS GALLOS

Aos gallos pertencem os attributos da familia que ennumeramos. Mas além d'estes, possuem os seguintes: corpo refeito, azas curtas, concavas e muito arredondadas, cauda mediana, levemente truncada, constituida por quatorze pennas, bico de comprimento medio, forte, de mandibula superior convexa e ponta recurva, tarsos do comprimento do dedo mediano, munidos de um esporão levemente arqueado e agudo, emfim, plumagem abundante, de côres vivas e brilhantes.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Os gallos são originarios da India e do Grande Archipelago d'Asia. Cada especie tem uma área de dispersão propria, de ordinario muito limitada. Cada uma habita uma determinada zona de altitude.

COSTUMES

Todas as especies selvagens habitam as florestas, de preferencia as mais impenetraveis; todas passam uma vida muito occulta, muito retirada. É esta a razão por que, segundo alguns, nós conhecemos muito pouco o genero de vida d'estes gallinaceos. Outros naturalistas pensam que os costumes das especies livres se assemelham muito aos das especies domesticas. «O que é certo, diz Brehm, é que sabemos muito mais do genero de vida de animaes sem importancia que dos costumes d'estas especies que nos são utilissimas.» [1]

---

[1] Brehm, *Loc. cit.*, pg. 395.

O GALLO DE BANKIVA

É esta, segundo a opinião mais geral, a especie de que procede o gallo domestico.

CARACTERES

O macho é uma bella ave. Tem a cabeça, o pescoço, as longas pennas pendentes d'esta ultima região de um amarello dourado brilhante, as pennas das costas de um trigueiro purpura, de um vermelho brilhante no meio, bordadas de trigueiro amarello, as longas pennas superiores e pendentes da cauda da mesma côr que as pennas do pescoço, as coberturas medias das azas de um castanho vivo, as grandes com reflexos verde-negros, as pennas do peito negras com reflexos verdes dourados, as remiges primarias de um cinzento escuro com uma bordadura mais clara, as remiges secundarias vermelhas nas barbas externas, as internas negras, as pennas da cauda negras, as medianas brilhantes, os olhos vermelhos e amarellos, a crista vermelha, o bico atrigueirado e os pés côr de ardosia.

O macho mede sessenta e quatro centimetros de comprido.

A femea é mais pequena; a cauda approxima-se mais da horisontal e a crista é apenas indicada. Tem as longas pennas do pescoço negras, bordadas de um branco amarellado, as do ventre amarellas, as remiges e as rectrizes de um trigueiro escuro.

O GALLO DE STANLEY

O macho d'esta especie differe do macho da anterior em ter o peito trigueiro avermelhado, raiado de negro, e em não apresentar as coberturas das azas atrigueiradas na parte media.

A femea differe pouco da anterior.

O GALLO DE JAVA

Esta especie excede em belleza qualquer das duas descriptas.

CARACTERES

O gallo de Java tem as pennas do collar compridas, mas não ponteagudas, de um verde escuro com brilho metalico e finamente circuitado de negro, as pennas longas e estreitas da espadua e as coberturas superiores das azas de um verde-negro brilhante, circuitadas por uma raia larga de um amarello dourado vivo, as pennas do uropigio muito compridas, de um verde-negro brilhante no meio e circuitadas de amarello claro, todas as pennas da face inferior do corpo de um negro muito brilhante, as remiges primarias trigueiras escuras, as secundarias trigueiras, circuitadas de amarello fulvo, as pennas da cauda de um verde metalico, de soberbos reflexos, os olhos amarellos claros, as partes nuas da região facial vermelhas, bordadas fóra e em baixo de amarello dourado, a crista azul na base, violeta na ponta, a mandibula superior negra, a inferior amarella e os pés de um pardo azulado claro.

A femea é mais pequena; não tem nem crista, nem appendices sob o bico e as regiões faciaes são cobertas de pennas. A cabeça e o pescoço

são pardos trigueiros e as pennas do manto verdes douradas, bordadas de pardo trigueiro, com a haste raiada de amarello de ouro. As grandes coberturas e as remiges secundarias são de um cinzento escuro, brilhante, com maculas amarellas; as remiges primarias são atrigueiradas e as rectrizes trigueiras com reflexos esverdeados e bordadas de negro. A garganta é branca; o peito e o ventre são amarellos.

Esta especie é mais pequena que a precedente.

O GALLO DE SONNERAT

Esta especie, a que os indigenas dão o nome de *Katukoli*, differe das outras pela forma do collar, cujas pennas são longas, estreitas, mas arredondadas e não ponteagudas na extremidade; a haste d'estas pennas alarga-se, forma um disco corneo e depois estreitece para alargar-se de novo; as barbas são pardas escuras, as hastes e a sua primeira dilatação são de um branco brilhante e a dilatação terminal é de um amarello ruivo vivo.

O macho tem as pennas compridas e estreitas das costas de um trigueiro escuro, semeadas de manchas mais claras, as pequenas coberturas das azas desprovidas de barbas e de um castanho brilhante nas hastes que são achatadas, as pennas do uropigio cinzentas, com hastes mais claras, as mais externas vermelhas com hastes amarellas, as remiges de um cinzento sujo, com hastes mais claras, as pennas superiores da cauda de um verde escuro brilhante, as pennas da face inferior do corpo de um cinzento escuro, as das regiões lateraes do tronco amarellas ou trigueiras avermelhadas no meio e nos bordos, os olhos amarellos e castanhos claros, a crista vermelha, o bico amarellado e os pés amarellos claros.

Mede sessenta e seis centimetros de comprido; o comprimento da cauda é de quarenta e um centimetros e o da aza de vinte e seis.

A gallinha tem as costas de um trigueiro escuro muito uniforme com raias pouco pronunciadas, a garganta branca, as pennas do ventre e do peito de um cinzento amarellado claro, bordadas de negro, as remiges primarias de um trigueiro escuro, as secundarias raiadas de trigueiro e

negro e as rectrizes de um trigueiro escuro, pontuadas de um trigueiro accentuado.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA DOS GALLOS SELVAGENS

As especies que acabamos de caracterisar habitam as Indias e o Grande Archipelago da Asia.

No continente indiano vivem o gallo Bankiva e o gallo de Sonnerat, em Java o gallo Bankiva e o que tem o nome da localidade, em Ceylão o gallo de Stanley.

O gallo Bankiva é raro na India central; é abundante, pelo contrario, nas collinas do norte. A área de dispersão d'esta especie estende-se, ao norte, até á fronteira sul de Cachemira, a oeste, até ás montanhas de Rhat, a éste, até ao sudoeste da China, ao sul, até Java.

O gallo de Java pertence ao sul; não se encontra talvez senão em Java e Sumatra.

COSTUMES DOS GALLOS SELVAGENS

Todas as especies descriptas habitam as mattas de bambus das montanhas, sem todavia evitarem as florestas com clareiras ou mesmo os plainos.

O gallo Bankiva conserva-se principalmente nas altas florestas; todavia desce muitas vezes até á visinhança das plantações de café, sendo raro, note-se, encontral-o abaixo de mil metros de altitude.

O gallo de Java conserva-se de preferencia nos soutos abaixo de mil metros de altitude.

O gallo de Stanley encontra-se por toda a parte em Ceylão, diz Tennent; é commum na zona mais elevada das montanhas, parecendo por isso preferir as alturas á planicie.

«Nem sempre é facil, assegura Brehm, observar os costumes dos gallos selvagens. Nas regiões em que são numerosos, a floresta offerece ao caçador e ao naturalista difficuldades por vezes insuperaveis. É nas Indias que o estudo dos costumes d'estas especies em liberdade parece poder fazer-se mais facilmente; em Java, pelo contrario, esse estudo seria muitas vezes impossivel. No dizer de Jerdon, o viajante que attravessa as florestas encontra muitas vezes gallos bravos que se conservam na proximidade dos caminhos em que encontram uma alimentação abundante

nos excrementos dos cavallos e outros animaes de carga. Os cães que batem as cercanias das estradas, fazem-os muitas vezes erguer vôo. Encontram-se tambem nos campos situados nas proximidades das florestas. Emfim observam-se ainda durante a caça. Jerdon, apesar de ter tido numerosas occasiões de estudar os costumes d'estes gallinaceos, limita-se a dizer d'elles o que acabamos de referir. Outros naturalistas que teem explorado as Indias imitam o silencio d'este auctor.» [1]

A Bernstein devemos o maior numero de informações. «Os dois gallos bravos que vivem em Java, diz, são muito timidos e portanto difficeis de observar em liberdade. Isto acontece principalmente em relação ao gallo de Java, que habita mattas impenetraveis, onde escapa ás vistas. Ao mais leve ruido suspeito, ahi se refugia sem voar, mas correndo. Se não denunciasse a sua presença pelos gritos, passaria completamente desapercebido. Ainda assim, apesar de se ouvir frequentemente, vê-se poucas vezes. É de manhã que se descobre melhor, porque então, julgando-se em segurança, abandona as mattas e vae procurar nos logares descobertos os grãos, os rebentos e os insectos de que se alimenta.» [2]

Alguns naturalistas admittem uma identidade de costumes e habitos de vida entre as especies selvagens e as domesticas, concedendo apenas como caracter distinctivo a diversidade das vozes.

Parece certo que as especies que vivem em estado de natureza são mais valentes, mais ageis e talvez mais brigadoras ainda que as domesticas.

A gallinha Bankiva põe em Junho ou Julho, segundo as localidades, oito a doze ovos de um branco de leite, que deposita sob os bambus n'uma ligeira escavação do solo coberta de folhas e hervas seccas.

A gallinha de Sonnerat põe um pouco mais tarde, sete a dez ovos.

Bernstein dentro de um ninho de gallinha de Java que encontrou, viu apenas quatro ovos de um branco amarellado.

O gallo não se incommoda com a prole, mas a gallinha testemunha pelos filhos tanta dedicação como a domestica.

CAÇA

As especies descriptas não são muito perseguidas, o que se explica pela circumstancia de não ser boa a carne. Os musculos das especies sel-

[1] Brehm, *Loc. cit.*, pg. 396.
[2] Citado por Brehm, *Loc. cit.*, pg. 397.

vagens são menos succulentos que os das domesticas e affectam uma côr negra, exceptuando os das coxas que são brancos.

CAPTIVEIRO

Os gallos e as gallinhas bravas domesticam-se, mas não muito rapidamente. Com mais ou menos difficuldade tem-se conseguido fazer reproduzir estas especies em captiveiro; tem-se obtido mesmo o cruzamento de alguns gallos bravos com a gallinha domestica.

O gallo Bankiva é o que melhor se domestica. Immediatamente depois vem o gallo de Sonnerat. Quanto ao de Java, diz Brehm que «se não reproduziu ainda na Europa, a despeito de todas as tentativas feitas n'este sentido.» [1]

O GALLO DOMESTICO

O gallo domestico não tem, no dizer de Brehm, attributos proprios, antes reune em si uma promiscuidade de caracteres. Todavia, embora mal definido, todos o reconhecem e o distinguem d'outras especies.

CARACTERES

De um modo geral pode dizer-se que o gallo domestico tem de ordinario uma crista simples, ampla, dentada, erecta ou levemente tombada, o bico fino, os barbilhões [2] bem desenvolvidos, os tarsos de comprimento medio e finos e o peito um pouco estreito.

[1] Vid., *Loc. cit.*, pg. 398.

[2] É este o nome apropriado para designar os appendices, de natureza egual á da crista, que pendem por baixo e aos lados do bico nos gallinaceos.

A plumagem não apresenta nada de bem determinado, nem no macho, nem na femea: varía muito e offerece um numero infinito de cambiantes. As côres são mais vivas e mais brilhantes no macho que na femea; esta é mais pequena que aquelle. De resto, as dimensões variam consideravelmente nas especies domesticas, segundo os logares e os climas.

ORIGEM

«Será sempre para nós um problema, diz Brehm, saber como o homem conseguiu escravisar os gallos e as gallinhas bravas, tão ciosas da liberdade. Nenhum documento historico, nenhuma lenda nos indica a epocha da sua domesticação. As narrativas naturalistas mais antigas que se conhecem fallam do gallo domestico como de uma ave muito conhecida, de modo nenhum surprehendente. Das Indias espalhou-se provavelmente por todas as partes do hemispherio oriental. Os primeiros navegadores que abordaram ás ilhas do Oceano Pacifico, já ahi o encontraram. Na America não foi introduzido senão em tempos historicos. Um facto digno de menção é—que nunca regressou ao estado selvagem. Tem-se procurado povoar com estas aves as florestas e todas as tentativas foram malogradas. Nas *steppes* da Africa central, nas choupanas isoladas no meio das florestas, os gallos e as gallinhas domesticas vivem em grande numero, quasi sem receberem cuidados por parte do homem. Elles proprios são forçados a procurar os alimentos. As gallinhas procuram para a postura o logar que mais lhes convem, ás vezes muito distante da choupana dos donos; passam a noite empoleiradas nos ramos de arvores. Mas em parte nenhuma retrocedem ao estado selvagem; voltam sempre á habitação do homem.

É isto o que affirmam Brehm, Figuier, Buffon, todos os naturalistas emfim. Nas nossas herdades rusticas vê-se alguma coisa de semelhante. Ainda ha pouco me contou um proprietario rural das cercanias do Porto que, julgando perdida uma gallinha que lhe faltava havia um mez, a vira voltar ao quinteiro com uma ninhada de quinze pintos já consideravelmente desenvolvidos.

O gallo e a gallinha domestica sabem admiravelmente submetter-se e amoldar-se a todas as condições, ainda as mais desfavoraveis; sómente nas altas montanhas do extremo norte a fecundidade diminue.

COSTUMES

Os costumes do gallo e da gallinha domestica são perfeitamente conhecidos de todos. Podiamos prescindir inteiramente de quaesquer considerações sobre o assumpto, se umas citações de Lenz e Scheitlin, que encontramos na obra de Brehm, não estivessem reclamando de nós uma transcripção.

«Um gallo bello, altivo e corajoso é, diz Lenz, a mais interessante das aves. Conserva alta a sua cabeça coroada, e os olhos brilhantes volvem-se para todos os lados com segurança; nenhum perigo o amedronta, porque a todos os perigos sabe fazer face. Infeliz do rival que ousa introduzir-se no bando das suas companheiras! Desgraçado do homem que se atreve na sua presença a roubar-lhe uma das favoritas! Exprime todas as emoções por sons e attitudes differentes. Se encontra um grão, chama pelas companheiras e reparte com ellas o thesouro achado. Ás vezes a um canto vê-o a gente occupado a construir um ninho para uma das gallinhas que entre todas prefere. Marcha sempre ao lado do seu bando, de que é o guia e o protector. Se está no campo e ouve o cacarejar alegre de uma gallinha que annuncia a postura de um ovo, corre logo, sauda a *parturiente* com olhares cheios de doçura, responde ao grito de alegria e volta apressadamente a tomar o seu posto á frente da familia. Presente e annuncia pelo seu grito a mais leve modificação da temperatura. É pelo canto que annuncia o erguer do dia e chama o lavrador ás lides quotidianas. Vôa ás vezes para cima de um muro, de um tecto, bate ruidosamente as azas, canta e parece dizer: «O senhor aqui sou eu; quem se atreve a contestal-o?» Se é perseguido e logra escapar a um perigo, canta ainda fortemente, insulta o inimigo de que não pode vingar-se por outra forma. Os seus ares magestosos revelam-se principalmente quando, de manhã cedo, entediado de um longo repouso, abandona o gallinheiro e sauda alegremente as companheiras que o seguem. Mas parece mais bello ainda, ainda mais altivo, quando ouve o grito de algum gallo desconhecido. Escuta, ergue a cabeça com um ar audacioso, bate as azas e provoca pelo canto o adversario ao combate. Se vê o inimigo, avança corajosamente, precipita-se furioso sobre elle. Os dois combatentes collocam-se um em face do outro; as pennas do pescoço erigam-se, formando um como escudo, os olhos reluzem e cada um dos contendores procura, saltando, atirar por terra o outro. Cada um tenta collocar-se no posto mais elevado para d'ahi combater com vantagem de posição. A lucta dura longo tempo; depois vem a fadiga e com ella um momento de descanço. Com a cabeça inclinada, prestes ao attaque, me-

xendo a terra com o bico, conservam-se sempre um diante do outro. Um d'elles solta um grito tremulo ainda do cansaço; o outro cae sobre elle de novo. Ferem-se com novo impeto; mas por fim, quando as azas e os pés se recusam ao movimento, invadidos pela fadiga, recorrem então a uma ultima arma, a mais terrivel. Não saltam já; mas as bicadas succedem-se com rapidez e o sangue corre de mais de uma ferida. Por fim o adversario perde a coragem, hesita, recua, recebe ainda um golpe vigoroso e a batalha decide-se. O vencido foge com as pennas da nuca eriçadas, as azas abertas e a cauda pendente; esconde-se a um canto, acocora-se como uma gallinha, implora a piedade do vencedor. Este porém, não se commove; recobra forças, bate as azas, canta e persegue de novo o rival que já se não defende e se considera feliz se não morre ás bicadas!»

«A gallinha está longe de ser tão intelligente e tão astuta como o gallo, diz Scheitlin; todavia é-o bastante para cumprir dignamente os seus deveres de boa mãe. Muito raras vezes, ou seja de noite ou de dia, se faz ouvir, mas quando põe um ovo, annuncia-o aos habitantes do logar, como o gallo annuncia as suas victorias. Se lhe roubam esse ovo, põe um outro e assim sempre na esperança de que a não roubem mais. Se lhe deixam os ovos, principia a chocar. A sua missão não é, com effeito, de encher-nos de ovos as nossas mezas, mas de crear a sua prole, obedecendo á sua natureza de mãe. O gallo não se inquieta com os filhos; abandona-os completamente á mãe. E pode fazel-o, porque esta trata d'elles com a maxima dedicação. Por isso se tornou o typo e o symbolo do amor materno. Como esgaravata no solo, como cacareja com ternura, como corta os vermes, as espigas, os grãos e os colloca diante do bico dos filhinhos! Como se mostra sollicita, como se conserva sempre no meio d'elles, como os adverte dos perigos quando uma ave de rapina apparece no ar! Defende-os do homem e dos cães. Todos os pintos a conhecem e ella conhece-os a todos. Quando muitas gallinhas se reunem, se uma chama, são só os seus pintos que a seguem. Os pintos comprehendem perfeitamente a voz da mãe; correm, occultam-se-lhe sob as azas, que lhes servem de armadura e que as aves de rapina ferirão inutilmente. Como se sente inquieta quando lhe roubam um filho! Tem-se visto gallinhas defender-se corajosamente da marta, succumbindo na lucta, é certo, mas não sem ter crivado de bicadas os olhos do aggressor. Quanto não pode o amor materno! Veja-se esta gallinha a que se fez chocar ovos de pato; as avesinhas que acabam de romper as cascas, confiando nas proprias forças, penetram resolutamente na agua. A gallinha, espantada e temendo pela sorte dos filhos adoptivos cujas aptidões não conhece, corre anciosa ao longo da margem chamando por elles continuamente. Os patinhos encontram-se muito bem no seu meio natural e

não cedem ao chamamento da mãe adoptiva na qual vêem sómente uma madrasta. Esta no entanto percebe n'um momento que elles sáem da agua sem que nada de funesto lhes tenha succedido. Como pode isto ser? Não o sabe; mas pouco a pouco tranquilisa-se e limita-se, em quanto espera por elles, a vigial-os da margem.»

COMBATES

«Os homens, diz Buffon, que sabem tirar partido de tudo o que os diverte, souberam bem explorar a reciproca antipathia que a natureza estabeleceu entre um gallo e outro gallo. Cultivaram este odio innato com tanta arte que os combates de dois gallos tornaram-se espectaculos dignos de interessar a curiosidade dos povos, mesmo dos mais polidos, e erigiram-se em meios de conservar e desenvolver nas almas esta preciosa ferocidade que é, dizem, o germen do heroismo.» [1]

Estes combates outr'ora muito communs em grande numero de paizes estão quasi reduzidos, na Europa, a serem cultivados na Inglaterra, na Allemanha e na Belgica. «Este frivolo e barbaro divertimento, diz Brehm, tende a desapparecer da Europa.» [2]

RAÇAS DOMESTICAS

«É incontestavel, diz Brehm, que as differentes especies de gallos selvagens se cruzam entre si e está tambem provado que a gallinha

[1] **Buffon, tom. 2.º, article *Coq.***
[2] Brehm, *Loc. cit.*, pg. 400.

domestica se relaciona facilmente com outros gallinaceos; estes dois factos provam sufficientemente que nem todas as raças conhecidas de gallinhas descendem de uma só especie primitiva, mas teem origens diversas. No decorrer dos tempos estas differentes raças teem adquirido uma certa independencia e assim se produziu a grande variedade de formas que hoje admiramos nos nossos gallinheiros. Sendo esta hypothese pelo menos verosimil, devemos contentar-nos com ella para explicar estas variações, pois que nos faltam sobre o assumpto dados fornecidos pela observação.» [1]

O estudo completo das raças e variedades conhecidas constituiria, elle só, material para um grosso volume. Os limites d'esta obra não nos permittem fazel-o; por isso occupar-nos-hemos somente das raças que mais directamente nos interessam por qualquer circumstancia.

DIVISÃO

No estudo a que vamos proceder manteremos uma divisão pratica estabelecida por Brehm e que nos parece boa. Dividiremos as raças domesticas em dois grandes grupos: *raças de utilidade* e *raças de estimação,* sendo as primeiras as que nos fornecem as carnes á nossa culinaria e as segundas as que creamos por um simples motivo de recreio, por um mero prazer de amadores. As primeiras são as victimas dos nossos appetites ou necessidades, qualquer que seja a nossa posição social; as segundas são um mimo, um luxo, uma ostentação custosa que só os ricos podem manter.

---

1 Brehm, *Loc. cit.,* pg. 401.

I. RAÇAS DE UTILIDADE

RAÇA DE CRÈVECOEUR

É uma das raças mais espalhadas a oeste da França e, ao que se diz, de origem normanda.

CARACTERES

Tem o corpo volumoso, solidamente construido, curto, largo, apoiado em pernas fortes, as costas quasi horisontaes, o peito e membros bem desenvolvidos, a cabeça volumosa e quatro dedos nos pés.

No macho a crista varía: é formada por duas eminencias ora parallelas e rectas, ora reunidas na base, levemente accidentadas, ponteagudas e affastando-se no vertice, ora affectando esta ultima disposição, mas tendo o bordo interno dentado. O macho apresenta ainda na cabeça uma poupa abundante, cujas pennas se dirigem umas para cima, outras para o lado. Os barbilhões são pendentes, carnudos, do comprimento de sete a dez centimetros, separados por um espesso fasciculo de pennas que os excede inferiormente.

A plumagem é negra, com reflexos bronzeados, azulados e esverdeados no pescoço, nas costas, no uropigio, nas azas e nas sobrecaudaes. A poupa torna-se geralmente branca nas pennas posteriores depois da segunda ou terceira muda. As pennas que revestem a porção superior do pescoço, as da poupa, da região renal e da cauda são relativamente muito compridas.

O gallo adulto peza trez a quatro kilogrammas.

A gallinha pelas suas formas geraes e pela corpolencia assemelha-se um pouco á da Cochinchina. O seu pezo medio é de trez kilogrammas e ha mesmo algumas que aos dois annos pezam quatro. A poupa offerece dimensões muito variaveis. Compõe-se de pennas ora curtas, pouco tom-

badas e deixando os olhos a descoberto, ora longas e formando uma coifa tão abundante que a cabeça desapparece quasi debaixo d'ella e os olhos mal podem vêr o que está no chão. Os barbilhões são pequenos.

A plumagem é negra, exceptuando a poupa que, negra no primeiro anno, principia a embranquecer depois da primeira muda.

Ha variedades cinzentas e brancas; as primeiras são raras e as segundas rarissimas.

QUALIDADES E DEFEITOS

Na opinião de Jacque, o auctor de notavel livro sobre as aves domesticas, o gallo e a gallinha da raça Crèvecœur possuem uma carne excellente, fina, branca, gordurosa.

Os pintos são, no dizer ainda d'este naturalista, de uma precocidade inaudita, por isso que podem principiar a engorda aos dois mezes e meio ou trez e ser comidos quinze dias depois. Aos cinco mezes uma ave d'esta raça está quasi completa sob o triplice ponto de vista das dimensões, do pezo e da qualidade. A franga de cinco ou seis mezes attinge o pezo de trez kilogrammas e o frango da mesma idade peza trez kilogrammas e meio ou mesmo quatro e meio. «Crèvecœur, diz Jacque, é a primeira raça da França pela delicadeza da carne, a facilidade da engorda, a precocidade; creio mesmo que é a primeira do mundo sob estes pontos de vista.»

RAÇA DE HOUDAN

Esta raça tira o seu nome da localidade em que é creada e vendida em grande escala, Houdan, no departamento de Seine-et-Oise, a vinte e quatro kilometros de Mantes, em França.

CARACTERES

Esta raça parece obter-se pelo cruzamento das raças Crèvecœur e Dorking. Assemelha-se á primeira na conformação do bico, da crista, dos barbilhões e da poupa; assemelha-se á segunda nos pés que são munidos de cinco dedos e não de quatro. Comtudo distingue-se de uma e outra por caracteres proprios.

O gallo tem uma crista formada de trez eminencias dispostas em outras tantas series, os barbilhões de quatro a seis centimetros, separados por pequenas pennas, ligados á crista por partes carnudas das faces, cercando os cantos do bico de bordaletes salientes e os olhos de palpebras nuas. A cabeça é encimada por uma meia poupa cujas pennas se dirigem para traz e para os lados. O bico é forte e um pouco recurvo.

A plumagem é salpicada de negro, branco e amarello palha. As pennas das azas são negras, verdes e brancas, as da cauda negras e de um verde esmeralda bordado de branco, as do peito de um trigueiro quasi preto com maculas negras e brancas na extremidade, as das costas semeadas por uma mistura de muitas côres differentes. O abdomen é de um cinzento pallido.

O pezo ordinario na idade adulta é de dois kilogrammas e meio a trez e o comprimento é desde a origem do pescoço até á extremidade do uropigio de cincoenta a cincoenta e cinco centimetros de comprido.

A gallinha tem quasi o volume e o pezo do gallo e cinco dedos como elle. A crista e os barbilhões são rudimentares. A poupa muitas vezes envolve completamente a cabeça; outras vezes é pequena, composta de pennas agudas e recurvas. Ambas estas formas caracterisam a raça.

A plumagem é em parte negra, em parte branca.

QUALIDADES E DEFEITOS

É uma bella raça, esta. Mas as boas qualidades excedem ainda a belleza.

A carne é muito boa e a raça é de uma precocidade e fecundidade perfeitamente admiraveis. O crescimento é excessivamente rapido.

Entre todas as raças é a de Houdan aquella em que o pezo da gallinha mais se approxima do pezo do macho.

As posturas são abundantes e os ovos de um branco brilhante e de um volume consideravel. As frangas principiam a pôr desde o mez de Janeiro.

RAÇA DE LA FLÈCHE

Pela estatura elevada e pela marcha altiva esta raça assemelha-se á de Bréda e á hespanhola. De qual d'estas duas raças descende a de La Flèche? Segundo Jacque, ella seria o resultado do cruzamento da raça hespanhola com a Crèvecœur; segundo outros auctores, ella seria uma derivação da raça Bréda.

CARACTERES

O gallo apresenta um pequeno feixe de pennas ora curtas e rectas, ora um pouco mais compridas e tombadas, sobre a fronte e immediatamente atraz da crista. Esta que tem o comprimento de trez a cinco centimetros, é transversal, dupla, em forma de cornos recurvos para diante, reunidos na base, separados no vertice. Na parte superior das narinas por diante da crista um centimetro, approximadamente, apresenta-se uma pequena eminencia dupla, da natureza da crista. Os barbilhões são pendentes e muito alongados; os appendices auriculares são compridos, occupam um largo espaço e apresentam a côr branca luzidia, sobretudo na epocha dos amores.

A plumagem é negra, com excepção de algumas pequenas pennas brancas que apparecem no feixe que encima a cabeça. As pennas do pescoço, compridas e finas, apresentam reflexos verdes e violaceos assim como as sobreallares, as sobrecaudaes, as remiges e as rectrizes.

O pezo na idade adulta é de trez kilogrammas e meio a quatro e o comprimento desde a origem do pescoço até á extremidade do uropigio é de vinte oito centimetros, pouco mais ou menos.

A gallinha é um pouco menos volumosa: assim, em idade egual á do macho, não peza mais de trez kilogrammas a trez e meio. A cabeça apresenta os mesmos caracteres que a do macho, mas em proporções re-

duzidas. A plumagem é de um preto violeta com reflexos esverdeados, á excepção do abdomen que é de um acinzentado muito escuro.

QUALIDADES E DEFEITOS

A raça de La Flèche deve ser collocada entre as trez ou quatro das mais bellas raças francezas.

A gallinha é muito fecunda, precoce e os seus ovos são de um volume notavel. O que principalmente dá a esta raça um grande merito é a delicadeza e gosto excepcional da sua carne.

Esta raça engorda rapidamente, raras vezes adoece, conserva tenazmente a sua pureza, acclima-se em todas as regiões e habitua-se a todas as alimentações. Estas são as suas qualidades.

Nota-se-lhe um defeito: a gallinha não é boa chocadeira.

RAÇA BRÉDA

Esta raça é entre os hollandezes conhecida pela denominação de *raça de bico de gralha.*

É uma raça antiga, tida geralmente como originaria da Hollanda.

CARACTERES

O gallo não tem crista propriamente dita. Este orgão em vez de ser saliente e desenvolvido, como na maxima parte das outras raças, tem a forma de uma capsula ovalar de bordos pouco salientes e arredondados. Os appendices auriculares são pequenos e os barbilhões muito abertos, quasi tão largos como compridos. Os pés, de comprimento medio, são guarnecidos de pennas rijas e imbricadas.

A plumagem é de um negro magnifico com reflexos verdes bronzeados e indigo, principalmente nas pennas que cobrem as azas e a cauda.

O pezo do gallo, quando tem attingido todo o desenvolvimento, é de trez e meio a quatro kilogrammas.

A gallinha tem, como o gallo, a plumagem negra com reflexos indigo. Tem egualmente a cabeça encimada por uma pequena crista. O seu pezo é, na idade adulta, de dois kilogrammas.

QUALIDADES E DEFEITOS

Esta raça possue, diz Brehm, grandes qualidades: a carne é excellente, fina e muito abundante. A gallinha é sobria, põe muito e os ovos são muito volumosos.

Diz-se que a gallinha é má chocadeira.

O canto do gallo é pouco extenso e de um timbre duro e agudo.

RAÇA DE DORKING

Esta raça é uma das mais formosas e das mais estimadas na Inglaterra.

CARACTERES

O gallo, embora um pouco pezado de formas, tem uma soberba physionomia. A cabeça, a que serve de supporte um pescoço espesso e forte, é volumosa e encimada por uma crista ordinariamente simples, alta e larga, prolongada para traz, tão direita quanto possivel, regularmente e largamente dentada. Os barbilhões são largos e pendentes; a região fa-

cial é coberta de pennas brancas e curtas. Os appendices auriculares são muito compridos, vermelhos nas extremidades e azulados junto do conducto auditivo. Os tarsos, de um comprimento mediocre, são fortes e carnudos; os dedos, em numero de cinco, são fortes tambem. O bico é negro e amarello. O pescoço é circumdado de pennas extensas de um amarello palha, com pequenas maculas negras. As espaduas são de um amarello ruivo muito vivo, as pennas que cobrem as azas, negras com reflexos azues brilhantes, as remiges primarias brancas, os lados do tronco, as coxas e o abdomen negros, as grandes rectrizes negras e as sobrecaudaes negras com reflexos verdes e bronzeados.

Na idade adulta o pezo do gallo Dorking varía entre trez e meio e quatro e meio kilogrammas.

A gallinha tem uma crista tombada, simples e dentada, ás vezes dupla, mas sempre muito mais pequena que a do gallo. Os pés são munidos, como os do macho, de cinco dedos. Tem a região facial, o contorno do pescoço, logo abaixo do bico, cobertos de pennas curtas e negras, cujo conjuncto forma uma especie de collar, as pennas da cabeça esbranquiçadas nos bordos e negras no meio, as das costas pardacentas, cambiando para ruivas nas espaduas e nas azas, as grandes remiges e as rectrizes de um trigueiro escuro e as coxas de um pardo arruivado escuro.

QUALIDADES E DEFEITOS

Esta raça que, no dizer de Jacque, é na Inglaterra collocada acima das outras, attinge nos mercados um preço elevadissimo, abastecendo apenas as mezas opulentas.

Esta raça é de uma grande precocidade e a sua carne é de um gosto delicado.

Esta raça exige cuidados especiaes contra os grandes frios e contra a humidade. É preciso abrigal-a e mantel-a sempre n'um terreno secco.

RAÇA HESPANHOLA

Esta raça, acaso oriunda da Hespanha, como parece indicar o nome, é todavia vulgar na Inglaterra desde longo tempo e existe tambem na França ha alguns annos.

CARACTERES

O gallo contrasta singularmente com todos os das outras raças. Tem uma crista simples, direita, extremamente alta, muito prolongada para traz, maior que em todas as outras raças, muito espessa na base, fina na parte superior, largamente e regularmente dentada, e de uma côr de rosa muito viva. Os barbilhões são compridos, finos e pendentes, de côr egual á da crista. Os appendices auriculares são compridos, espessos, sinuosos e brancos como a região facial.

A plumagem é negra com reflexos prateados, verdes e bronzeados.

A gallinha assemelhar-se-hia muito ás nossas gallinhas pretas vulgares, se a não distinguissem d'ellas a região facial branca e a crista comprida e tombada sobre um dos lados da cabeça.

QUALIDADES E DEFEITOS

A gallinha d'esta raça produz grande numero de ovos, de dimensões notaveis e possue uma carne excellente e abundante.

Esta raça é robusta e sobria.

O canto do gallo é breve, cadenciado e claro; ouve-se muito ao longe.

RAÇA DE BRUGES

Denomina-se tambem *raça de combate do Norte*. É a maior e mais forte raça da Europa.

CARACTERES

O macho tem pernas espessas, compridas, de fortes esporões, a cabeça volumosa, a crista anegrada, simples e pequena, barbilhões e appendices auriculares muito volumosos e o olhar feroz. As pennas do pescoço, compridas e muito finas, assim como as do uropigio, são côr de laranja e raiadas de trigueiro; o resto do corpo é negro com manchas côr de fogo nas azas.

Na idade adulta, o pezo ordinario é de quatro kilogrammas.

A gallinha tem uma crista pequena e como encarquilhada. O pezo, na idade adulta, é de trez kilogrammas.

Conhece-se d'esta raça uma variedade em que a côr dominante é um pardo-azul ou ardozia e as pennas das costas, do pescoço e do uropigio são de um amarello-palha com algumas maculas côr de fogo nas azas.

QUALIDADES E DEFEITOS

A raça de Bruges é de uma força prodigiosa e de um caracter atrevido, feroz, tenacissimo. A concorrencia d'estas qualidades torna-a uma verdadeira raça de combate. Quando um gallo de Bruges lucta com um contendor digno d'elle, um dos dois morre infallivelmente.

A gallinha põe grande numero de ovos, muito volumosos; é porém, má chocadeira.

É preciso conservar os individuos d'esta raça em capoeiras largas; se estas forem estreitas, elles, que são muito carniceiros, devoram-se durante a muda.

RAÇA DA COCHINCHINA

Ao vice-almirante Cecilio se deve a introducção d'esta raça na Europa. Foi elle quem de Macau dirigiu ao ministro da marinha franceza em 1846 seis gallinhas e dois gallos d'esta raça.

CARACTERES

A raça Cochinchina é caracterisada por um corpo refeito, curto, anguloso, de um volume e de um pezo consideraveis. As espaduas são salientes, as azas curtas, as costas horisontaes, o esterno é saliente, as coxas e as pernas são muito fortes, os pés fortes tambem, curtos e emplumados por fóra. A plumagem é abundante, principalmente nas coxas e abdomen; a cauda é muito curta.

O gallo tem a região facial desnudada até ao conducto auditivo, a crista de seis centimetros de altura, simples, curta, direita, recortada, muito espessa, principalmente na base, que cobre quasi o craneo de um olho ao outro, não se prolongando muito para traz, mas chegando adiante até ás narinas, os barbilhões de tamanho medio e arredondados, os appendices auriculares curtos, o bico forte, direito e os dedos muito fortes.

A plumagem é de uma côr em que ha loiro claro e castanho com reflexos dourados no pescoço, nas espaduas e nas pennas pendentes do uropigio. As pennas sobrecaudaes são de um violeta escuro com reflexos bronzeados.

O comprimento desde a origem do pescoço até á extremidade do uropigio é de vinte e oito centimetros e o pezo de quatro a cinco kilogrammas.

A gallinha é ainda mais refeita que o gallo. A cauda é rudimentar e os pés muito curtos. Tem a crista muito pouco elevada, os barbilhões muito curtos e arredondados, os appendices auriculares rudimentares e a região facial desnudada. A plumagem é amarella clara com tons côr de café com leite e louros.

O pezo da gallinha é de trez kilogrammas. No fim de dois annos ha gallinhas que attingem trez kilogrammas e meio ou quatro.

QUALIDADES E DEFEITOS

Alguns depreciadores da raça Cochinchina disseram que ella é de um temperamento delicado; Jacque affirma, ao contrario, que ella é rustica e communica até ás nossas raças mais delicadas uma parte da sua rusticidade. Disse-se tambem que não é muito fecunda e que a carne não é boa. Calumnias evidentes! A carne é magnifica e a fecundida grande. A gallinha d'esta raça não põe menos de cento e cincoenta ovos por anno. Além d'isto, ella choca admiravelmente; n'este ponto não existe mesmo uma sombra de contestação. Jacque considera a gallinha d'esta raça como indispensavel onde quer que se trate de fazer vingar ovos de especies preciosas.

Os habitos d'esta raça são tranquillos e as suas faculdades relativamente desenvolvidas, sobretudo a memoria. A raça não é devastadora; satisfaz-se com o alimento que se lhe dá e não destroe os jardins e plantações, como outras raças fazem.

O gallo, no dizer de M.me Passy, é covarde e inteiramente destituido da altivez e generosidade que distinguem os machos d'outras raças. Disputa ás gallinhas o grão de milho que encontra, ao contrario dos outros gallos que se privam do alimento para graciosamente o offerecerem ás companheiras. No gallo da Cochinchina o ardor sexual só muito tarde se manifesta; ao passo que na maioria das raças os instinctos genesicos despertam ao fim de trez mezes nos machos, o gallo da Cochinchina attinge muitas vezes os dez sem que revelle as tendencias procreadoras. Este tardio desenvolvimento sob o ponto de vista genesico explica talvez a pouca ou nenhuma dignidade masculina d'este gallo. De resto, ainda segundo a entendida [1] M.me Passy, os gallos da Cochinchina *servem* tão mal as suas gallinhas, manifestam tão pouco ardor no coito que é necessario para um dado numero de gallinhas duas vezes mais gallos da Cochinchina do que para egual numero de gallinhas ordinarias se costuma conceder nos nossos gallinheiros.

[1] Esta dama conhece bem o assumpto em questão. Sobre elle escreveu: *Lettre sur l'éducation et les avantages de la poule cochinchinoize*, publicada no Tomo 1.º do *Bulletim da Sociedade d'Acclimação*, de 1854.

VARIEDADES

Entre as muitas variedades d'esta raça, avultam como mais bellas as seguintes:

Cochinchina ruiva;
Cochinchina branca;
Cochinchina negra;
Finalmente, a *cochinchina sarapintada.*

Na variedade *ruiva* é que se encontram os individuos de maior altura. A variedade *branca* é talvez a mais bella; a *negra* pura é a mais rara e a *sarapintada* a mais nova de todas.

II. RAÇAS DE ESTIMAÇÃO

Como anteriormente dissemos, estas raças são ordinariamente destinadas a adorno nos parques das casas opulentas, por isso que os seus preços elevados não permittem tornal-as aves de consumo. Mas isto não quer de modo nenhum dizer que não forneçam uma bella carne e não sejam, como as de utilidade, muito fecundas.

Um facto digno de menção e que contrasta singularmente com o que succede nas raças de utilidade, é que—nas raças de estimação, na maior parte ao menos, a gallinha reveste uma plumagem mais rica e mais caracteristica que a do gallo.

RAÇA DE PADUA OU DE POLONIA

Embora os nomes dados a esta raça pareçam indicar uma origem determinada para ella, a verdade é que essa origem é absolutamente desconhecida.

CARACTERES

Esta raça é essencialmente caracterisada pela existencia de uma poupa relativamente enorme, pela maravilhosa regularidade da plumagem e pela ausencia de crista, de appendices auriculares e de barbilhões; estes só rudimentarmente apparecem no macho.

O gallo tem a poupa formada de pennas estreitas, afiladas e dispostas em umbella. A plumagem offerece numerosas variedades: *camurça com manchas negras, branca, completamente negra, inteiramente sarapintada, camurça uniforme, camurça prateada*, etc.

A gallinha tem uma poupa differente da poupa do macho: é enorme, perfeitamente arredondada e como separada em dois lobulos por uma especie de gotteira que parte do bico; insere-se n'uma massa carnuda em forma de cogumello que cobre o craneo e se conserva livremente tombada para traz de modo a desafrontar os olhos.

QUALIDADES E DEFEITOS

A raça de Padua offerece uma carne excellente. Exceptuando a variedade *camurça*, pode dizer-se que é boa chocadeira.

A poupa faz d'esta raça um verdadeiro mimo. É de notar porém, que essa mesma poupa a torna impropria a viver nas capoeiras e nos pateos; é preciso dar-lhe espaço e expol-a ao bom tempo, porque a poupa deteriora-se com a chuva.

RAÇA HOLLANDEZA DE POUPA

As semelhanças d'esta raça com a anterior teem levado muitas pessoas a uma confusão das duas. E todavia existem differenças, como vamos vêr.

CARACTERES

As dimensões d'esta raça são inferiores ás da precedente. A poupa differe tambem da poupa da raça precedente em que ella cobre a cabeça tombando tanto para traz como para diante.

QUALIDADES E DEFEITOS

Esta raça é mais rustica, mais viva e mais feroz que a de Padua; põe bem, mas não choca.

VARIEDADES

Ha trez variedades n'esta raça: a *azul de poupa azul*, a *azul de poupa branca* e a *negra de poupa branca*.

RAÇA DE HAMBURGO

Esta raça tem a cabeça achatada superiormente, desprovida de poupa, os olhos relativamente enormes, a crista oblonga, arredondada adiante, ponteaguda atraz, eriçada de pequeninas pennas cujo conjuncto forma uma superficie plana, os barbilhões affectando a forma de folhas de buxo e os appendices auriculares muito pequenos.

QUALIDADES E DEFEITOS

A verdadeira raça de Hamburgo é muito rustica e possue formas graciosas e movimentos vivos.

A carne é boa e os ovos pequenos mas em grande numero; a gallinha d'esta raça põe até trezentos por anno.

RAÇA DE COMBATE INGLEZA

Tem a cabeça pequena, alongada e achatada como a das serpentes, a crista pouco desenvolvida, o pescoço alto e direito, o corpo inclinado, os pés altos e solidos.

Admittem-se n'esta raça duas variedades principaes: uma dourada com o peito negro, outra prateada com azas de pato.

Na primeira d'estas variedades o gallo apresenta na face dorsal do pescoço pennas largas e compridas de um vermelho quente, as espaduas vermelhas escuras, as pennas do uropigio rubras, as remiges secundarias de um amarello accentuado, a cauda de um verde bronzeado e todo o resto da plumagem negro.

O pezo é de dois kilogrammas e meio.

A plumagem da gallinha, que é amarella, muito clara e muito brilhante a partir da cabeça, vae progressivamente escurecendo na direcção da cauda, onde se torna de um trigueiro acinzentado.

Na variedade prateada com azas de pato, o gallo apresenta uma plumagem muito mais brilhante que na variedade precedente. Tem a camalha [1] de um amarello-palha muito vivo, as costas e as pennas caídas do uropigio de um amarello dourado, as espaduas de um vermelho quente, as coberturas das azas de um negro violeta brilhante, as remiges brancas, as pequenas sobrecaudaes negras, de bordadura amarella, as medianas, as grandes e as rectrizes negras com reflexos violaceos e todo o resto da plumagem completamente negro.

A gallinha tem a camalha de um amarello-palha com uma macula negra em cada penna e o resto da plumagem de um trigueiro rubro.

QUALIDADES E DEFEITOS

Os individuos d'esta raça teem um olhar sinistro, inquieto. «É impossivel, diz Jacque, fazer uma idéa exacta da vertigem que se apodera d'estes animaes quando se encontram. Nada eguala a impetuosidade e a rapidez do attaque d'estas aves; o encontro é de tal modo furioso que os primeiros passos são indiscriptiveis. Os combatentes não formam durante um momento mais que um novello em que cabeças e caudas se confundem.» Um bom gallo de combate lança immediatamente o bico á cabeça do adversario, redul-o assim á immobilidade e n'um abrir e fechar d'olhos crava-lhe no craneo doze ou quinze vezes seguidas os esporões. Os inglezes, que teem uma grande paixão por estes combates, costumam revestir os esporões dos luctadores por uma lamina d'aço. Nem só os machos combatem; as femeas revestem tambem os seus esporões d'aço e movem-se guerras de morte.

Esta raça é fecunda, de carnes delicadas e de excellentes qualidades maternaes; comtudo a selvageria e a maldade que a caracterisa impede que a conservemos nos gallinheiros em companhia de outras raças.

---

[1] É este o nome apropriado á designação do conjuncto de pennas mais compridas da região dorsal do pescoço.

RAÇA DE JERUSALEM

A raça d'este nome parece achar-se desde muito bem fixada; não lhe faltam caracteristicas proprias.

CARACTERES

Segundo uns, esta raça (macho e femea) seria branca como a neve com a camalha mosqueada de preto e a cauda quasi negra; a crista seria simples, os pés seriam azues e as dimensões mediocres.

Segundo outros a plumagem seria de um amarello roseo extremamente claro com pequenas maculas negras espaçadas.

Tratar-se-ha de duas variedades de uma mesma raça? É o que nos parece provavel.

QUALIDADES E DEFEITOS

A carne é boa. A gallinha é muito fecunda.

A RAÇA DE PERNAS CURTAS

Esta raça curiosa que em tempo foi vulgar em alguns paizes, acha-se hoje quasi extincta. Comtudo Jacque e Letrone tiveram occasião de observal-a e d'ella nos deram a descripção.

CARACTERES

O caracter essencial da raça, como o proprio nome indica, é a pouca altura das pernas.

A este caracter juntam-se outros que passamos a expôr, seguindo Letrone. O gallo tem a crista dupla, nascendo muito anteriormente sobre o bico e cobrindo largamente a cabeça, o occipital guarnecido de uma semi-poupa chata, de um vermelho dourado, caindo sobre o pescoço, as pennas do pescoço e as que cobrem a cauda muito abundantes e do mesmo vermelho dourado que as da poupa e todo o resto da plumagem as mais das vezes negro. Os pés são tambem negros.

Na idade adulta o pezo é de um kilogramma e meio.

A gallinha tem uma pequena crista frisada, implantada mais sobre a parte anterior do bico que sobre a cabeça. A plumagem, como a do macho, varía de côr, mas as mais das vezes é negra e algumas vezes tambem de um pardo dourado com maculas negras e trigueiras.

A pouca altura dos membros inferiores dá a esta raça uma physionomia muito particular. Quando marcha, balança o corpo como os patos e arrasta pelo chão as pennas do abdomen. Corre por pequenos saltos repetidos e precipitados.

QUALIDADES E DEFEITOS

Os individuos d'esta raça nunca se affastam de casa, não vão destroçar, como outros, os campos cultivados e as gallinhas chocam muito bem. Todas estas boas qualidades estão, como facilmente se comprehende, sob a dependencia da organisação especial que caracterisa a raça. A gallinha tem desde tempos immemóriaes a reputação de ser a primeira entre as melhores chocadeiras.

Além d'estas boas qualidades, já notaveis, esta raça possue ainda as seguintes: é facil de alimentar e de crear, põe bem e attinge uma idade avançada. Letrone, no momento em que escrevia sobre esta raça, dizia possuir uma gallinha de dezesete annos que lhe dava, como as novas, um notavel contingente d'ovos.

RAÇA DE BANTAN

É uma pequena raça á qual, não sabemos se com razão se sem ella, se attribue uma origem ingleza.

CARACTERES

Esta raça que Brehm chama maravilhosa, é particularmente caracterisada pela ausencia, tanto no gallo como na gallinha, de sobrecaudaes recurvas em fouce.

A plumagem é de uma riqueza e de uma regularidade admiraveis e é absolutamente semelhante nos dois sexos.

O gallo é um pouco maior que a gallinha.

O gallo tem a crista afilada, oblonga, de um volume proporcionado, levemente achatada, ponteaguda atraz, os pés azues e os olhos grandes. A plumagem varía: é prateada, dourada, negra ou branca.

A variedade mais estimada é a primeira que mencionamos, a prateada, quando todas as pennas são bordadas de negro ou apresentam no centro um annel elliptico d'esta mesma côr.

Na variedade dourada o fundo da plumagem em vez de ser branco é camurça vivo.

QUALIDADES E DEFEITOS

O gallo tem modos altivos e deixa pender as azas quando marcha. A gallinha põe muito e choca bem.

RAÇA NEGRA

Entre as pequenas raças a raça negra é uma das mais novas, das mais curiosas e das mais bonitas.

CARACTERES

«Extremamente pequenos e leves, diz Jacque, o gallo e a gallinha teem a forma exacta e talvez exagerada dos cochinchinas mais bem feitos. Cada parte do corpo destaca-se n'um lobulo distincto, e a sua plumagem sedosa, extremamente fina e branca, acompanhada de uma semi-poupa tombada um pouco para traz, forma o mais estranho contraste com a região facial, os barbilhões e a crista frisada, de um vermelho muito escuro, e com os appendices auriculares de um azul esverdeado e nacarado.» Os pés são azues escuros e munidos de cinco dedos curtos e orlados externamente de pequeninas pennas sedosas.

QUALIDADES E DEFEITOS

«A gallinha, continua Jacque, tão docil e tão familiar como a cochinchina, é entre as gallinhas pequenas a mais fecunda, a melhor chocadeira e a melhor das mães. Os filhos são muito rusticos e faceis de crear.

A carne não é boa.

RAÇA DE ANVERS

É aos hollandezes que se deve, parece, a creação d'esta pequena raça, relativamente pouco antiga.

CARACTERES

A raça d'Anvers distingue-se por um pequeno collar de pennas que cerca a região facial.

A plumagem, no gallo como na gallinha, é inteiramente sarapintada, mas mais escura que nas outras raças que apresentam o mesmo caracter. Cada penna apresenta quatro raias transversaes muito distinctas de um cinzento escuro sobre um fundo cinzento claro.

Os olhos são grandes, de pupillas amarellas e os pés brancos.

QUALIDADES E DEFEITOS

A gallinha é muito fecunda, mas não choca bem.

RAÇA ANÃ INGLEZA

Os francezes denominam, e com razão, esta raça—*raça calçuda.*

CARACTERES

O caracter mais saliente d'esta raça e o que justifica o nome vulgar francez, é o desenvolvimento enorme que tomam as pennas do calcaneo. Estas pennas alongam-se por forma que cobrem exteriormente os pés e os dedos.

Gallo e gallinha apresentam uma crista simples e uma plumagem branca.

QUALIDADES E DEFEITOS

Entre as pequenas raças, esta é uma das mais estimadas pela fecundidade e precocidade em chocar.

OS PRODUCTOS DAS DIVERSAS RAÇAS DE GALLINHAS

«De todas as aves submettidas ao nosso dominio, diz Brehm, as mais uteis para nós são incontestavelmente o gallo e a gallinha. Pagam-nos com usura todos os cuidados que nos dão e todas as despezas que nos custam. Onde quer que o homem tenha levado e multiplicado estes preciosos animaes—os seus ovos e a sua carne constituem uma porção consideravel da alimentação geral. Até mesmo as pennas teem utilidade.

«Para dar uma idéa da importancia que teem para nós as raças de gallinhas, diremos que os seus productos em ovos, para uma parte da França sómente, se elevam a muitos centos de milhões. Assim em 1869 exportou-se, só pelo porto de Honfleur, 9.164.246 francos d'ovos, isto é, tomando 1 franco para preço de uma duzia, mais de 110 milhões d'ovos; durante os seis primeiros mezes de 1870 exportou-se o valor de 6.660.990 francos, somma que representa approximadamente 50 milhões d'ovos. Estatisticas authenticas, datando de quarenta annos, demonstram que actual-

mente fornecemos, por anno, á Inglaterra 76.091.100 ovos, á Belgica 68.800, á America do Norte 46.600, á Suissa 42.900, á Hespanha 38.800 e a outros paizes 306.300. Por outro lado, n'um trabalho sobre o consumo de Paris, trabalho executado segundo as estatisticas officiaes, Husson revela-nos que em 1853, 142 milhões levados aos mercados e vendidos a razão, proximamente, de 45 francos e 32 centimos por mil, produziram uma somma de 6.435.440 francos. E não se pense que todos os pontos da França concorrem á remessa d'este producto a Paris. Os ovos que se consomem na capital são fornecidos por dez ou doze departamentos apenas. Husson verificou que Calvados, Orne e Somme fornecem, elles sós, mais de metade do que constitue as provisões dos mercados. Em 1853, os ovos provenientes d'estas localidades excederam a somma de 76 milhões; o resto, isto é 66 milhões, foi producto da exportação de nove outros departamentos: Oise, Aisne, Eure-et-Loir, Indre-et-Loire, Seine-Inferieur, Sarthe, Seine-et-Marne, Seine-et-Oise e Pas-de-Calais.

«Independentemente d'esta venda por grosso, ha uma venda avulso ou a retalho que, segundo as instrucções de 1853, não é inferior a 31 milhões d'ovos. Emfim para obter a cifra total do consumo de Paris, é preciso acrescentar a estes numeros cerca de 500.000 ovos provenientes tanto da entrada sem paga de direitos como de gallinhas creadas dentro da cidade.

«Assim só Paris consome pelo menos 174 milhões d'ovos que, juntos a 77 milhões (cifra redonda) que são annualmente exportados das mesmas localidades que abastecem Paris, representam a cifra enorme de 251 milhões. Se agora pensarmos que a producção d'ovos se não limita a alguns departamentos, mas que se estende a toda a França, que o consumo é pelo menos tão grande na provincia como em Paris, chegar-se-ha á conclusão de que não é por centos de milhões, mas por milhares que se deve avaliar o numero d'ovos produzidos em França. E aonde chegariamos, se fizessemos entrar no calculo de producção, não diremos o mundo inteiro, mas pelo menos a Europa?» [1]

É de notar que nem todos os ovos são trazidos ao consumo e que uma grande parte d'elles são chocados, servem á reproducção.

Pensemos um momento na carne de gallinha que se consome em toda a parte e não poderemos contestar a proposição acima estabelecida por Brehm que de todas as aves são estas as mais uteis para nós. Segundo uma estatistica mencionada por Gerbe, em 1869 só pelo porto de Honfleur sairam gallinhas no valor de 981.670 francos; e nos seis pri-

[1] Brehm, *Obr. cit.*, pg. 423 e 424.

meiros mezes de 1870 sairam pelo mesmo porto gallinhas no valor de 202.150 francos.

A INCUBAÇÃO ARTIFICIAL

A incubação artificial, hoje muito em voga, não é, como ja n'outro logar deixamos perceber, um invento moderno. Ha muitos milhares d'annos era empregado este processo no Egypto. Á classe sacerdotal d'este paiz se deve provavelmente a descoberta; e no velho Egypto eram os padres os unicos que praticavam a incubação artificial. Hoje os que ahi a praticam são uns pobres aldeãos, serventuarios de lavradores ricos. Pelo trabalho que executam cobram um terço dos ovos chocados.

A antiguidade da incubação artificial não deve espantar-nos. Sendo muitas gallinhas más chocadeiras e consistindo a incubação n'um simples facto physico de aquecimento, era natural que desde os mais remotos tempos occorresse ao homem a idéa de substituir á chocadeira natural um apparelho de aquecimento, uma especie de forno em que os ovos se conservassem a um certo grao de calor indispensavel á evolução dos embryões. Se alguma coisa nos deve causar estranheza n'este assumpto —é que hoje, a despeito da descoberta do thermometro, não tenhamos conseguido com os apparelhos de incubação artificial resultados tão seguros e tão completos como os antigos habitantes do Egypto.

Não descreveremos aqui, porque o espaço não o comporta, os multiplos apparelhos modernamente destinados á incubação artificial. O leitor curioso poderá d'elles tomar um conhecimento bem mais exacto e preciso pelas estampas de qualquer cathalogo de casas constructoras francezas ou inglezas do que por uma descripção, ainda que minuciosa. De resto, a descripção d'esses apparelhos, simples ou complicados, modestos ou luxuosos, grandes ou pequenos, tem pouca importancia: o principio fundamental em todos elles é o mesmo—o aquecimento, seja qual fôr o processo de o obter, applicado a um certo recinto em que os ovos a chocar são expostos. Diremos de passagem que os incubadores artificiaes, ainda os mais bem construidos, estão longe de dar o resultado que d'elles se deveria esperar.

Ainda hoje ha paizes em que na incubação dos ovos se segue um

processo artificial quasi primitivo e curiosissimo. Assim diz Figuier que nas ilhas de Sonda «se encontram homens que por um pequenissimo salario se resignam a conservar-se durante trez semanas estendidos e immoveis sobre ovos depositados em cinzas.» [1]

Este processo tão curioso recorda um caso da velha Roma, succedido com Livia. Figuier relata-o nos termos seguintes: «Achando-se gravida esta princeza e desejando ter um filho, lembrou-se de chocar ao seio um ovo com o fim de tirar do sexo do pinto um prognostico do seu caso. Levou a operação a termo e, como saisse um gallo, concluiu d'ahi que se realisariam os seus desejos. Com effeito, assim aconteceu: deu á luz Tiberio, bem mao animal, como todos sabem.» [2]

DESTRUIÇÃO DOS ORGÃOS SEXUAES NOS GALLOS

É geralmente sabido que aos seis mezes, com leves excepções atraz assignaladas, os gallos adquirem o vigor indispensavel ao exercicio das funcções reproductoras.

Nem a todos os machos porém, é dado gozar os prazeres do coito. Chegados á idade dos trez mezes muitos d'elles são destinados a *capões*. É este o termo pelo qual se designam os individuos a que se faz a ablação ou corte dos orgãos sexuaes.

O effeito d'esta operação é nos gallos semelhante ao que se realisa nos machos de todas as especies. Á perda dos orgãos sexuaes succede a de todos os attributos moraes, permitta-se-nos a expressão, que distinguem o sexo forte do fraco. Nos *capões*—tristes eunucos das capoeiras—a coragem desapparece e com ella o espirito bellicoso e altivo que caracterisa os gallos reproductores. O amor deixa de fazer sentir n'estes seres incompletos o seu estimulo vivaz e nobre—por isso desapparece o ciume, o aprumo, a dignidade masculina, a consciencia da força, a generosidade dos fortes. O capão está para o gallo como o eunuco para o homem, consintam-nos o confronto. É um ser incaracteristico, servil, hu-

[1] Figuier, *Les Oiseaux*, pg. 259.
[2] Figuier, *Loc. cit.*, pg. 257.

*

milde, apagado. Os sentimentos de nobreza declinam á proporção que as emoções egoistas crescem. O capão, perdida a consciencia de superioridade effectiva que faz de cada gallo o protector de uma tribu, torna-se egoista. E o egoismo, sabem-o todos, é o apagamento de toda a nobreza, a regressão a um estado imperfeito, a germinação de todos os attributos maus latentes na natureza animal. O eunuco é um exemplo frisante d'esta degeneração. Tudo o que ha de grande, de altruista, de sinceramente nobre apagou-se da alma d'esse ser amputado; mas ao mesmo tempo tudo quanto ha de sordido e abjecto, a inveja, a traição, a vingança, o egoismo—esse Protheu de infinitas formas—ergue-se n'elle como a efflorescencia d'uma planta venenosa.

Maudsley, celebre physiologista inglez, apreciando n'um famoso livro, *A Physiologia do Espirito,* a correlação entre o movimento evolutivo das funcções genesicas e do sentimento humano, observa com sagacidade que o altruismo se desenvolve ou decresce á medida que progride ou regressa a actividade sexual durante toda a vida individual; o egoismo segue uma marcha opposta. E com effeito, o que somos nós até á puberdade senão uns pequenos egoistas? Não é precisamente quando o instincto reproductor desperta, que se erguem no espirito todas as nobilitadoras emoções humanas? Não é na mocidade que somos generosos e philantropos, que nos expomos na lucta do fraco contra o forte, do opprimido contra o oppressor, que amamos uma idéa e nos deixamos ir até ao sacrificio por uma opinião, por um ideal politico de resgate? E não é certo que com a velhice toda esta sympathica febre de dedicação se vae lentamente perdendo? O que se chama a prudencia da velhice não será muitas vezes um frio egoismo desolador? Ninguem pode contestal-o. A correlação estabelecida por Maudsley é pois um facto, que a observação do que se passa em toda a ordem animal não faz senão confirmar. O *platonismo* lyrico na mocidade, se existe, é um symptoma de impotencia, negação de toda a poesia.

Mas voltemos ao ponto de partida. Toda a nobreza do gallo desapparece no capão. E a tal ponto se realisa o facto que é possivel fazer com que elle crie os filhos como o faria uma gallinha.

«Obtem-se este resultado, diz Figueir, arrancando-lhe as pennas do ventre e friccionando-lh'o em seguida com ortigas. Os pintos movendo-se sob o capão, mitigam-lhe as dôres causadas pelas picaduras; por isso elle os recebe com prazer, affeiçoa-se-lhes [1] e substitue para elles a mãe.» [2]

[1] Esta affeição tem um evidente motivo egoista e differe consideravelmente da affeição gerada em condições normaes.

[2] Figuier, *Obr. cit.*, pg. 259.

Ha para nós um resultado benefico obtido pela ablação dos orgãos genitaes do gallo. Todos sabem, com effeito, que o capão engorda muito e que a sua carne adquire um sabor e uma delicadeza particulares.

OS FAISÕES

Os faisões constituem uma familia rica em especies. Os gregos introduziram na Europa o *faisão commum* na epocha da expedição dos Argonautas mil e trezentos e tantos annos antes da éra vulgar; tinham encontrado a especie ao sul do Caucaso, nas margens do rio *Phase*. Do nome d'este rio tiraram o nome da especie que se generalisou a toda a familia.

CARACTERES

Os faisões teem o corpo um pouco alongado, completamente revestido de pennas, excepto na região facial e nos tarsos, o pescoço curto, a cabeça pequena, as azas muito curtas, concavas e fortemente arredondadas, sendo a quinta e sexta remiges as mais compridas, a cauda geralmente muito comprida, formada de dezeseis a dezoito rectrizes conicas, imbricadas, o bico um pouco alongado, convexo, fraco e gancheado, os tarsos de comprimento medio, mas fortes, lisos e armados no macho de um esporão. As pennas são grandes, arredondadas, finas e molles; as da nuca são ás vezes muito compridas, formando poupa.

A femea é mais pequena que o macho, de cauda mais curta e de côres menos vivas.

A columna vertebral é formada de treze a quatorze vertebras cervicaes, sete dorsaes e cinco a seis caudaes. A apophyse espinhosa da ultima d'estas vertebras, muito comprida e ponteaguda, dirige-se pára traz e apresenta superiormente uma superficie achatada e horisontal. As apophyses lateraes do esterno são compridas e rectas e as posteriores bifurcadas. A bacia é alta e estreita. Os femures são pneumaticos.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Todas as especies d'esta familia são originarias da Asia.

COSTUMES

Raras vezes se encontram nas grandes florestas. Os campos e os prados parecem convir-lhes principalmente. Alguns são verdadeiras aves das montanhas: não descem abaixo de uma certa altitude, nem mesmo durante os frios mais rigorosos. Outros vivem só nas planicies. Em geral são aves sedentarias, que escolhem o seu domicilio com cuidado e prudencia, mas que não o abandonam mais. Os dominios adoptados são de ordinario extensos e permittem dentro de si grandes excursões, que todavia se não podem confundir com verdadeiras viagens.

Os faisões correm bem, mas voam mal e por isso mesmo raras vezes.

Os faisões passam uma vida retirada até á quadra dos amores. Só se empoleiram para dormir e levam o dia procurando alimentos entre as mattas e hervas altas, fugindo de um escondrijo para outro e evitando quasi com terror os logares descobertos. Comem muito; a procura de alimentos é a sua preoccupação constante. A alimentação é mixta: compõe-se de vegetaes de toda a ordem, grãos, baga, rebentos, folhas e de pequenos animaes, insectos, larvas, molluscos e pequenos vertebrados mesmo.

Vivem em familias e raras vezes constituem bandos numerosos.

Vivem em polygamia. Cada macho reune em torno de si cinco a dez femeas e é ciumento como o gallo domestico.

O ninho, que é feito pelas femeas, consiste n'uma ligeira depressão do solo coberta por uma camada de folhas. A femea põe seis a dez ovos, ás vezes mesmo doze. Os filhos desenvolvem-se rapidamente. Ao fim de duas semanas já voejam, ao fim de trez empoleiram-se e no terceiro mez de existencia podem considerar-se adultos; comtudo conservam-se na companhia dos paes até ao outono.

INIMIGOS

Os faisões estão sujeitos a numerosos perigos, porque são menos intelligentes que as especies precedentemente estudadas. As chuvas e as innundações reduzem-os a um estado tal de assombro que se submettem sem resistencia ao furor dos elementos. Muitos são victimas dos carniceiros, principalmente nos primeiros tempos de existencia. De resto, o homem persegue-os em toda a parte.

O FAISÃO COMMUM

É esta a especie typo e tambem aquella que entre nós mais vezes é vista.

CARACTERES

A plumagem do faisão commum é de tal modo variegada que é impossivel fazer d'ella uma descripção exacta.

O macho tem as pennas da cabeça e do alto do pescoço verdes com um reflexo metalico de um azul soberbo, as da parte inferior do pescoço, do peito, do ventre e dos lados do tronco de um castanho com reflexos de purpura e bordadas de negro brilhante, as do manto marcadas nas barbas externas de manchas brancas semi-circulares, as remiges raiadas de trigueiro e de amarello ruivo, as rectrizes côr de azeitona, raiadas de negro e bordadas de castanho, os olhos amarellos arruivados, o bico de um amarello atrigueirado claro e os tarsos avermelhados ou côr de chumbo.

O faisão commum mede oitenta e dois a oitenta e oito centimetros de comprimento total e oitenta a oitenta e cinco de envergadura. O comprimento da aza é de vinte e seis centimetros e o da cauda de quarenta e quatro.

A femea é mais pequena e de um pardo de terra, manchado e raiado de negro e ruivo escuro.

VARIEDADES

Ha duas principaes e persistentes:

O *faisão raiado* e
O *faisão isabel*.

Na primeira d'estas variedades o macho é mais escuro, de manchas negras menos pronunciadas; a tinta verde do pescoço é realçada por uma raia branca estreita.

Na segunda, a tinta dominante é um pardo amarello claro; o ventre é escuro e muitas vezes de um negro uniforme.

O FAISÃO PRATEADO

O faisão prateado, *Nycthemerus argentatus*, é no dizer de alguns a especie mais bella.

CARACTERES

As côres d'esta ave, apparentemente disparatadas, tornam-lhe a plumagem esplendida.

O macho tem a poupa de um negro brilhante, a nuca e a parte superior do pescoço brancas percorridas de linhas negras, estreitas, dispostas em *zig-zag*, o peito e o ventre de um negro com reflexos azues, as remiges brancas, bordadas de negro e marcadas por largas raias negras, transversaes e parallelas, as rectrizes egualmente brancas e percorridas de raias negras, tanto mais marcadas quanto mais externas, as

faces nuas, escarlates, os olhos castanhos claros, o bico branco azulado e os pés de um vermelho de coral.

O comprimento total é de oitenta e oito centimetros.

A femea é mais pequena, de um trigueiro ruivo, finamente manchado de cinzento. O ventre e a parte inferior do peito são esbranquiçados, maculados de trigueiro ruivo e raiados transversalmente de negro. As remiges primarias são anegradas e as secundarias teem a mesma côr que as pennas das costas; as rectrizes externas são marcadas de linhas negras onduladas.

O FAISÃO DOURADO

Esta especie é muito provavelmente a legendaria *Phenix* dos antigos. Esta opinião emittida por Cuvier a primeira vez, parece confirmar-se pela leitura dos poetas antigos. A descripção por elles dada da *Phenix* condiz com o que se observa no faisão dourado.

CARACTERES

A cabeça é coberta por uma poupa de um amarello dourado vivo e o collar é formado de pennas vermelhas e amarellas e bordadas de negro de modo a formarem raias negras parallelas. As pennas da parte superior das costas são verdes douradas e bordadas de negro. O macho tem a parte inferior das costas e as coberturas superiores das azas de um amarello vivo, a face e os lados do pescoço de um branco amarellado, a garganta e o ventre de uma côr semelhante á de açafrão, as coberturas das azas de um vermelho trigueiro castanho, as remiges de um trigueiro avermelhado, as escapulares de um azul escuro, com bordos mais claros, as pennas da cauda veinuladas de negro sobre um fundo atrigueirado, as compridas e estreitas coberturas superiores da cauda de um vermelho escuro, os olhos amarellos, o bico amarello esbranquiçado e os tarsos atrigueirados.

Esta especie mede oitenta e oito centimetros de comprido e sessenta

e nove de envergadura; o comprimento da aza é de vinte e dois centimetros e o da cauda de sessenta.

A femea é de um vermelho ruivo sujo, passando no ventre a amarello arruivado; as pennas do alto da cabeça e dos lados do tronco são raiadas de amarello atrigueirado e de negro. As remiges secundarias e as rectrizes medianas são da mesma côr, mas com raias mais largas. As rectrizes lateraes são trigueiras, maculadas de um cinzento amarellado; o alto das costas e o meio do peito são unicolores.

Mede apenas sessenta e seis centimetros de comprido; a cauda é curta.

O FAISÃO REAL

Esta especie, *Phasianus veneratus*, é tambem conhecida pelo nome de *faisão de Reves*.

CARACTERES

Um dos caracteres mais salientes do faisão real é a extensão da cauda, que attinge approximadamente dois metros.

A plumagem é excessivamente variegada. Este faisão tem a cabeça, a região auricular e um collar largo de branco puro, os lados da cabeça e uma larga raia peitoral negros, as pennas do uropigio e da parte superior do peito de um amarello dourado, bordadas de negro, as da parte inferior do peito e das partes lateraes do tronco esbranquiçadas, marcadas por uma macula negra em forma de coração e bordadas de castanho, as do ventre de um trigueiro anegrado, as coberturas superiores das azas de um trigueiro escuro, as remiges de um amarello dourado e de um trigueiro escuro, as rectrizes de um cinzento prateado, marcadas de manchas vermelhas, bordadas de negro, dispostas em series e circuitadas de amarello dourado, os olhos avermelhados e o bico e os tarsos de um amarello desmaiado.

Esta especie tem as dimensões do faisão prateado; mas as pennas medianas da cauda attingem o comprimento approximado de dois metros.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA DOS FAISÕES

O faisão commum é originario das costas do mar Caspio e de oeste da Asia; acha-se porém desde a mais remota antiguidade estabelecido na Europa. É raro na Italia e na Hespanha e tende a desapparecer da Grecia, onde primeiro se estabeleceu; é porém vulgar no meio-dia e norte da Europa.

O faisão prateado é originario da China e do Japão; estabeleceu-se porém na Europa e dá-se bem entre nós.

O faisão dourado é natural da Asia central e muito vulgar na China. Acclimou-se na Europa e vê-se commumente entre nós, embora nos primeiros tempos de existencia demande muitos cuidados.

O faisão real, emfim, vive confinado ao norte do imperio chinez; não se conhecem exactamente os limites da sua área de dispersão.

COSTUMES DOS FAISÕES

Pelos seus costumes, habitos, regime e modo de reproducção, as differentes especies descriptas de faisões assemelham-se tanto que nos é possivel fazer n'um artigo unico a historia de todos.

Os faisões evitam as grandes florestas e procuram as mattas cercadas de campos cultivados e collocadas nas proximidades da agua.

São mais timidos que quaesquer outros gallinaceos; a sua preoccupação constante é esconderem-se.

Correm todo o dia, deslisando constantemente de matta em matta e emprehendendo para encontrar alimentos excursões mais ou menos longas pelos campos visinhos. Ao fim da tarde procuram uma arvore em que se empoleiram para passar a noite.

Nos faisões os sentidos parecem ser egualmente desenvolvidos; a intelligencia parece ser menos de mediocre. Uma qualidade preponderante n'estas aves e que impede a sua domesticação completa é a timidez extrema. Insistiremos mais adiante sobre este ponto.

Os faisões não são sociaveis. Os machos luctam tenazmente entre si; em captiveiro é absolutamente impossivel conservar dois n'um mesmo recinto. Os machos, de resto, conservam-se em relação ás femeas n'uma inteira indifferença, excepto na quadra dos amores. O mesmo succede com relação aos filhos.

O cio, que desperta no fim de Março, implica extraordinarias mudanças nos modos e habitos dos faisões. Assim ao passo que se conservam ordinariamente silenciosos, na quadra dos amores cantam continuamente, embora de um modo desharmonioso. Em face das femeas que respondem aos seus gritos de reclamo, os machos, exhibem toda a sorte de graças para as captivar: encurtam altivamente o pescoço, abrem e agitam as azas, erguem a cauda e ensaiam alguns saltos como se tentassem dançar. Depois correm furiosos sobre as femeas e, se estas não cedem immediatamente aos seus desejos, ferem-as empregando para isso o bico e os pés. Realisado o coito, affastam-se das femeas. Estas scenas teem logar de manhã.

Uma vez fecundadas, as femeas procuram para construir o ninho um logar tranquillo e occulto. O ninho consiste n'uma simples depressão do solo, coberta de folhas. A primeira postura é de oito a doze ovos; se lh'os tiram, põem outros, mas raras vezes mais de dezeseis ou dezoito. Estes ovos são mais pequenos e mais arredondados que os da gallinha domestica; a côr geral é um verde amarellado uniforme.

Desde que o ultimo ovo é posto, as femeas põem-se a chocar com um ardor surprehendente. Mesmo que vejam perto de si o mais temido inimigo, difficilmente se decidem a fugir.

A incubação dura vinte e cinco ou vinte e seis dias. Ao fim de duas semanas de existencia os filhinhos podem já voejar e desde que attingem as dimensões da codorniz vão ao fim da tarde empoleirar-se com a mãe. Esta procura constantemente protegel-os, expondo-se por elles aos perigos.

Os filhos conservam-se em companhia da mãe até ao outomno. A familia dispersa-se então.

PERIGOS

Os faisões são seres delicados, especialmente nas primeiras idades. Por isso mesmo, poucas aves estão sujeitas a tantos perigos como estas. As influencias climatericas encontram na constituição sensivel dos faisões terreno apropriado para se fazerem sentir; e estas influencias são por vezes das mais funestas. Os frios intensos e a humidade devastam insistentemente os faisões. O resultado das mudanças bruscas do calor para o frio dão o mesmo resultado.

INIMIGOS

Todos os carnivoros são perseguidores e inimigos implacaveis dos faisões. O mais terrivel é indubitavelmente o rapozo. Dá-lhes caça admiravelmente, não perdendo uma unica occasião favoravel para saborear-lhes a carne.

As martas e os gatos destroem-os tambem emquanto novos. Os ouriços e os ratos comem-lhes os ovos.

Entre as aves de rapina devem contar-se como inimigos dos faisões, o açor, o gavião e o milhafre. Os corvos, as pegas e os gaios matam muitos individuos novos e alguns adultos mesmo.

CAÇA

A caça aos faisões é facil, ou se faça com armas de fogo e com armadilhas. A facilidade d'esta caça provém da estupidez das aves a que se faz. O faisão não sabe fugir á espingarda, como não sabe evitar as mais grosseiras armadilhas.

CAPTIVEIRO

Muitas especies de faisões ha que vivem desde tempos remotos sob o dominio do homem. No entanto pode dizer-se com segurança que não existe uma só que tenha attingido uma perfeita domesticidade. O facto é incontestavel e a razão é simples: ao estado domestico dos faisões oppõem-se duas qualidades inherentes a estes gallinaceos: a estupidez e a timidez.

A primeira d'estas qualidades já a fizemos sentir fallando da caça. A segunda não é menos evidente. A proposito diz Winkel: «Se um homem ou um cão surprehendem um faisão, este parece não lembrar-se de que a natureza lhe deu azas para voar. Fica immovel, acocora-se, esconde a cabeça ou corre loucamente para um lado e para outro.» [1] Brehm diz tambem: «O faisão nunca se domestica inteiramente, porque não sabe

[1] Citado por Brehm, *Obr. cit.*, pg. 437.

distinguir o dono de uma outra pessoa estranha e ambos são aos seus olhos inimigos que é preciso evitar. Vive n'um terror constante, porque não tem intelligencia sufficiente para evitar os perigos que o ameaçam.» [1]

OS CROSSOPTILOS

Sob o nome de *crossoptilos* ou *faisões orelhudos* reuniram-se n'um genero áparte, diz Brehm, duas especies de faisões muito singulares, caracterisados essencialmente pela existencia de uma região facial desnudada e de pennas afiladas e extensas que partindo da parte inferior das faces se erguem até á região occular, onde formam tufos analogos aos dos mochos.

A estatura d'estes gallinaceos é vigorosa. A cauda é relativamente curta, de pennas medianas esfiadas e pendentes por cima das outras.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Uma das especies d'este genero habita a China, onde Pallas foi o primeiro a encontral-a; a outra especie vive no Tibet oriental e foi descoberta por Hodgson.

D'estas especies descreveremos uma apenas.

---

[1] Brehm, *Loc. cit.*, pg. 437.

O FAISÃO ORELHUDO

É esta especie que habita a China e que primeiro foi conhecida do mundo scientifico. Os chinezes chamam-a *ho-ki* ou *gho-hy*.

CARACTERES

Esta especie tem a plumagem escura, a garganta e uma linha estreita que, partindo d'ella, se dirige para os lados do pescoço e se continua com o tufo auricular, brancas, as pennas da cabeça, a parte posterior do pescoço, a parte superior das costas e o peito negros, o manto de um cinzento atrigueirado claro, as pennas do uropigio de um branco amarellado, as do ventre de um amarello acinzentado claro, as remiges e as rectrizes acinzentadas e as rectrizes medianas de um pardo anegrado.

A femea é mais pequena que o macho.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Lamprey obteve um exemplar encontrado nas montanhas do norte de Pekin e o missionario David um outro achado no valle septentrional d'uma montanha muito alta, a cêrca de quinze milhas do éste de Pekin.

COSTUMES

Os habitos de vida d'esta especie em liberdade são desconhecidos.

CAPTIVEIRO

«Algumas d'estas aves, escreve Brehm, que foram apanhadas e postas em gaiola, eram doceis e muito familiares; soltavam muitas vezes a voz, analoga á da gallinha. Ha alguns annos foram levados ao jardim de acclimação de Paris uns poucos de individuos. Vi-os ahi, mas não pude observal-os: a sua timidez e preço elevado motivaram a reclusão d'elles n'um recinto affastado, coberto de mattas e onde podiam subtrair-se aos olhares dos visitadores. O director do jardim affirmou-me que elles mal differiam dos outros faisões pelos costumes.» [1]

OS ARGOS

«Ultimamente, diz Brehm, tem-se feito do pavão o typo de uma familia visinha dos faisões. Não é possivel, decerto, desconhecer as dissimilhanças que existem entre o primeiro e os segundos; mas tem-se querido approximar o pavão de outras aves que se não parecem com elle senão nos *olhos* da plumagem. Não creio que isto seja uma classificação natural, e separo dos pavões os argos que se tem collocado juntos.» [2]

CARACTERES

Os argos teem as faces e a parte anterior do pescoço cobertas de uma pelle nua sobre a qual se acham implantados alguns pêllos; mas o seu caracter principal consiste no desenvolvimento excessivo das pennas do braço relativamente ao das remiges primarias. Estas pennas são extraordinariamente alongadas, alargadas na ponta, de haste molle, de

[1] Brehm, *Loc. cit.*, pg. 443.
[2] Brehm, *Loc. cit.*, pg. 443.

barbas duras, emquanto que as remiges primarias são muito curtas. A cauda é formada de doze largas rectrizes, graduadas, sendo as duas medianas muito mais compridas que as outras. Os tarsos são compridos, delgados e desprovidos de esporão.

O ARGOS GIGANTE

«Em 1780, diz Brehm, chegaram á Europa as primeiras pelles de uma ave soberba, sobre cuja existencia havia algumas noções, e que excitaram uma admiração geral. Pouco depois Marsden publicou uma curta descripção do genero de vida d'esta ave. A partir d'essa epocha muitas pelles teem vindo á Europa e sempre teem excitado a admiração; mas ninguem estudou ainda os costumes da especie, ninguem tentou habitual-a a um regime que permittisse trazel-a viva á Europa. O argos é ainda uma das aves que menos conhecemos.» [1]

CARACTERES

A plumagem do argos gigante é notavel não tanto pela vivacidade das côres como pela elegancia do desenho.

Tem as pennas curtas da fronte de um negro avelludado, as pennas pilosas do pescoço raiadas de negro e amarello, as da nuca e do alto das costas trigueiras, com manchas e raias de um amarello claro, as do

[1] Brehm, *Loc. cit.*, pg. 444.

meio das costas amarelladas com pontos trigueiros escuros arredondados, as do ventre trigueiras arruivadas, muito egualmente raiadas e veinuladas de negro e amarello claro. As barbas externas das remiges secundarias são cobertas de manchas alongadas, trigueiras escuras, circuitadas de claro e dispostas em series sobre um fundo pardo avermelhado; as barbas internas offerecem a mesma disposição, excepto na parte basilar, onde são de um pardo avermelhado com pontos brancos muito finos. As longas pennas superiores do braço são de um bello trigueiro ruivo accentuado, percorridas de raias de um avermelhado claro, contendo entre si series de pontos trigueiros avermelhados, contornados por um circulo escuro, cobertos de manchas e de linhas branco-amarelladas, de redes vermelhas atrigueiradas e de grandes manchas em forma de olhos, brilhantes, duplamente circuitadas de escuro e de claro. Estes olhos ficam perto da haste, nas barbas externas, e são mais pronunciados nas pennas do ante-braço que nas escapulares. As pennas mais compridas da cauda são negras, bordadas externamente de um trigueiro avermelhado, com a haste cinzenta e as barbas internas e externas marcadas por manchas brancas e circuitadas de negro. Nas outras rectrizes as manchas são mais pequenas, mais juntas, mais dispostas em series. Na ave em vida as partes nuas do pescoço e da cabeça são de um azul acinzentado claro e os pés vermelhos, segundo Rosenberg.

O argos mede um metro e oitenta centimetros a dois metros de comprido. D'esta extensão cento e trinta centimetros pertencem ás rectrizes medianas; o comprimento da aza propriamente dita é de quarenta e sete centimetros e o das pennas mais compridas do ante-braço é de setenta e oito.

A femea é mais pequena e apresenta uma plumagem mais simples. Tem as pennas da cabeça raiadas de negro e de amarello, as do alto do peito e da nuca de um trigueiro ruivo, nitidamente veinuladas de negro, as das costas raiadas de amarello trigueiro e de negro, as do ventre de um trigueiro claro, transversalmente raiadas de negro e de amarello, as remiges primarias veinuladas de negro sobre um fundo trigueiro, as pennas do braço e do ante-braço cobertas de desenhos irregulares e de linhas amarellas entrelaçadas sobre um fundo negro. As pennas da cauda apresentam um desenho semelhante, claro sobre um fundo vermelho trigueiro accentuado.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

O argos gigante pertence ao Grande Archipelago Asiatico.

COSTUMES

Raffles diz que o argos vive nas florestas mais espessas de Sumatra e se encontra de ordinario aos pares. Os indigenas pretendem que elle dança por orgulho á maneira do pavão.

S. Muller ouviu pela primeira vez o grito agudo d'esta ave uma vez que passou a noite perto de Sakunbony, ao sul de Burneo, sessenta metros acima do nivel do mar.

Jardine e Selby dizem que é na epocha dos amores que o argos gigante se manifesta em toda a sua belleza: traz então a cauda erguida e as azas affastadas. Os individuos novos só adquirem todo o esplendor depois de muitas mudas.

Estas informações pouco valem. Felizmente existe uma communicação de Rosenberg a Brehm que adianta mais. Transcrevel-a-hemos das *Merveilles de la Nature*. Diz assim: «A Padang, na costa occidental de Sumatra, os indigenas trazem muitas vezes *kuaus* vivos e pelo preço de um e meio a dois florins cada um. Esta ave deve pois ser commum nas florestas das montanhas da ilha. No dizer dos indigenas, vive em polygamia. Em quanto o amor não o excita, o argos affecta os modos do pavão: conserva as azas bem unidas ao tronco e a cauda em posição horisontal. Durante a estação dos amores vê-se o macho caminhando altivamente, dançando em todas as clareiras com as azas entreabertas, arrastando um pouco pela terra. Ouve-se então o grito singular, roncante, pelo qual o macho chama as femeas e que nada se parece com a voz *kuau* d'onde lhe provem o nome.

«A femea põe sete a dez ovos brancos, um pouco mais pequenos que os de pato; deposita-os n'um ninho grosseiramente construido e occulto sob matta. Eu nunca vi estes ninhos.

«Em liberdade o *kuau* vive de insectos, de lesmas, de vermes, de rebentos e de grãos. Dois que possui preferiam arroz cozido a qualquer outro alimento. A carne d'este gallinaceo é muito saborosa.» [1]

[1] *Obr. cit.*, pg. 444-445.

CAPTIVEIRO

Segundo uma communicação de Marsden feita em 1785, o argos apanhado nas florestas seria extremamente difficil de conservar vivo. O auctor a que nos referimos diz que nunca pôde conservar um individuo por mais de um mez. Odeia a luz e só se faz ouvir quando o encerram n'um logar escuro.

CAÇA

A caça dos indigenas é feita exclusivamente pelo processo dos laços.

OS POLYPLECTROS

Denominam-se assim scientificamente os gallinaceos que na classificação ornythologica estabelecem a transição dos argos para os pavões.

CARACTERES

São pequenos, elegantes, de azas curtas, arredondadas, em que a quinta e sexta pennas são as mais extensas. Teem as pennas do braço

muito compridas, as dezeseis pennas da cauda imbricadas, compridas, alargadas na extremidade, as sobrecaudaes alongadas, offerecendo a forma, as cores e o desenho das rectrizes, os tarsos altos e finos, munidos de dois a seis esporões, os dedos curtos, as unhas pequenas, o bico de comprimento medio, fino, direito, comprimido lateralmente, de mandibula superior ligeiramente recurva na ponta e de base coberta de pennas.

A plumagem é no macho ornada de manchas em forma de olhos que se encontram principalmente na cauda e na cobertura das azas.

Existem quatro especies. Descreveremos porém, á falta de espaço, uma só, a mais importante e que pode considerar-se typo do grupo.

O PAVÃO DO TIBET

Este nome dado á especie *Polyplectron chinquis* é, digamol-o desde já, inteiramente improprio; nem a ave de que se trata é um pavão, nem a sua patria é o Tibet. Comtudo esta denominação erradissima, dada por Linneu á especie em questão, ficou na sciencia e ahi subsiste como um nome consagrado. Por isso o admittimos, reconhecendo todavia a sua impropriedade.

CARACTERES

Este gallinaceo tem a cabeça e o alto do pescoço pardos trigueiros, finamente veinulados e pontuados de negro, a parte inferior do pescoço, o peito e o meio do ventre trigueiros, raiados transversalmente de negro e cobertos de pontos de um amarello claro, dispostos em series, as pennas do manto amarelladas com pequenas raias anegradas e apresentando cada uma uma pequena macula em forma de olho, arredondada, de reflexos que variam desde o verde até ao vermelho purpura, as pennas das costas, do uropigio e as grandes sobrecaudaes trigueiras, finamente manchadas de amarello, as remiges primarias trigueiras, manchadas de cinzento, as rectrizes e as longas coberturas da cauda trigueiras, manchadas

de cinzento claro e apresentando nas barbas internas e externas, perto da ponta, uma grande mancha em olho, azul-verde, de reflexos purpurinos, cercada de negro, os olhos amarellos brilhantes e os pés negros.

Esta especie mede de comprimento sessenta centimetros, dos quaes vinte e sete pertencem á cauda.

A femea tem a cauda mais curta e côres menos brilhantes; em logar de esporões apresenta tuberosidades callosas.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Esta especie encontra-se em Assam, Silhet, Arakan e Tenasserim.

COSTUMES

A vida e habitos d'esta especie em liberdade não são conhecidos. Suppõe-se que vive nas florestas, mais no solo que nas arvores.

CAPTIVEIRO

A especie de que nos occupamos parece ser facil de apanhar e habitua-se rapidamente ao captiveiro. Nos paizes d'onde é originaria encontra-se frequentemente em gaiola. O jardim zoologico de Londres tem possuido alguns individuos.

Até hoje não consta que se tenha reproduzido. Os seus modos assemelham-se mais aos da gallinha domestica que aos do pavão.

OS PAVÕES

Estes gallinaceos differem de todos os outros e d'elles facilmente se distinguem por um attributo dos mais caracteristicos: as sobrecaudaes são extremamente alongadas, de barbas frouxas, sedosas e podem voluntariamente abrir-se em leque ou antes em circulo.

OS PAVÕES PROPRIAMENTE DITOS

É este o genero unico em que repousa a familia que acabamos de descrever.

CARACTERES

Os pavões são de todos os gallinaceos os maiores. Teem o pescoço comprido, a cabeça pequena, as azas curtas, os tarsos altos, a cauda comprida, o bico um pouco espesso, de aresta recurva, de ponta gancheada. A plumagem é muito abundante. A cabeça é encimada por uma poupa recta e formada de pennas compridas, estreitas e munidas de barbas sómente na extremidade. A plumagem só é completa aos trez annos.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Os pavões são originarios do sul da Asia.

O PAVÃO VULGAR

O macho tem a cabeça, o pescoço e a parte anterior do peito de um azul-purpura soberbo com reflexos verdes e dourados, as costas verdes, sendo cada penna d'esta região bordada de cobreado, as azas brancas, raiadas transversalmente de negro, o meio das costas de um azul escuro, o ventre negro, as remiges e as rectrizes de um trigueiro pouco accentuado, as pennas da cauda verdes e ornadas de soberbas manchas em forma de olhos, as vinte ou vinte e quatro pennas da poupa munidas de barbas sómente nas extremidades, os olhos castanhos escuros, contornados por um circulo esbranquiçado, o bico e os pés de um trigueiro corneo.

Esta especie mede um metro e quinze ou um metro e trinta centimetros de comprimento; a extensão da aza é de meio metro e a da cauda de um metro e trinta ou um metro e quarenta e oito centimetros.

A femea tem a cabeça e o alto do pescoço trigueiros, as pennas da nuca esverdeadas e bordadas de trigueiro, as do manto de um trigueiro claro, as da garganta, do peito e do ventre brancas, as remiges trigueiras, as rectrizes de um trigueiro escuro, bordadas de branco ao pé da extremidade.

Mede um metro a um metro e sessenta e cinco centimetros de comprimento; a extensão da aza é de quarenta e um centimetros e a da cauda de trinta e trez a trinta e seis. A poupa é mais curta e mais escura que a do macho.

O PAVÃO NEGRO

Sob a designação de *pavão negro* Sclater descreveu uma especie em que o macho não differe do precedentemente descripto senão em ter as

O Pavão.

coberturas superiores das azas de um azul muito escuro, quasi preto, ou de um azul esverdeado.

A femea tem a plumagem parda e clara com manchas escuras.

O PAVÃO GIGANTE

Esta especie, *Pavo muticus,* é conhecida ha mais tempo ainda que o pavão vulgar. Excede a todas em belleza.

CARACTERES

É elegante, de tarsos altos e tendo as pennas da poupa de barbas mais largas que as do pavão commum e dispostas em forma de espiga. Tem o alto do pescoço e a cabeça de um verde esmeralda, as pennas da parte inferior do pescoço de um verde azulado, bordado de verde dourado, as pennas do peito de um verde metalico com reflexos dourados, as do ventre de um pardo atrigueirado, as coberturas das azas de um verde escuro, as remiges côr de couro com as barbas externas veinuladas de cinzento e de negro, as remiges secundarias negras com reflexos esverdeados, as grandes coberturas da cauda semelhantes pelo comprimento e pela disposição das côres ás do pavão vulgar, mas ainda mais bellas, os olhos pardos acastanhados, contornados por um circulo nú azulado, as faces amarellas, o bico negro e os pés pardos.

A femea assemelha-se ao macho, excepto na cauda, que é curta.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA DOS PAVÕES

O pavão vulgar habita as Indias e o Ceylão.

O pavão gigante habita Assam e as ilhas de Sonda.

A patria do pavão negro é desconhecida.

COSTUMES DOS PAVÕES

Todos os pavões habitam as florestas, os juncaes, sobretudo nas montanhas e quando os cercam campos cultivados.

Nas montanhas do sul das Indias o pavão commum eleva-se até uma altitude de dois mil metros acima do nivel do mar. Não se encontra no Himalaya. Em Ceylão habita tambem as montanhas. Segundo Williamson, elle procura de preferencia as florestas cujo solo é coberto de mattas espessas e de hervas altas e onde encontra agua em abundancia; frequenta tambem as plantações onde se sente sufficientemente occulto e onde encontra arvores isoladas para repousar durante a noite. Em muitas partes da India esta especie passa por inviolavel e sagrada: matar este pavão é um crime que só pode punir-se com a morte. Na visinhança de muitos templos hindus vivem grandes bandos de pavões em estado semi-selvagem; tratar d'elles é um dever dos sacerdotes. Estas aves reconhecem a protecção de que são objecto e relativamente aos hindus, pelo menos, não manifestam mais timidez ou desconfiança que aquellas que criamos em nossas casas.

Todos os que teem viajado na Asia se extasiam diante do grande numero de pavões selvagens; e Tennent diz que quem não viu o pavão em liberdade não pode fazer idéa da belleza d'elle. N'aquellas partes de Ceylão que os europeus visitam poucas vezes e onde ninguem perturba os pavões, estas aves são extraordinariamente numerosas: vêem-se bandos compostos de centos de individuos e á noite não é possivel dormir com os gritos que elles soltam.

O pavão manifesta-se em todo o esplendor quando está empoleirado.

Durante o dia os bandos conservam-se em terra; de manhã e de tarde visitam os campos e as clareiras em procura de alimentos.

Quando o perseguem, o pavão principia a fugir, correndo, e só levanta vôo depois de ter ganhado uma certa dianteira ao aggressor. O vôo é pezado e ruidoso. «Seriamos tentados a crêr, escreve Williamson, que um pavão ferido na aza deveria cair pezadamente em terra; mas não é assim: apezar da ferida, levanta-se rapidamente e continua a fugir com velocidade tal que noventa vezes por cento escapa ao caçador.» [1]

[1] Citado por Brehm, *Loc. cit.*, pg. 449.

O pavão parece receiar mais o cão e os grandes carniceiros que o homem. Os cães selvagens e o tigre devem tel-o feito passar pelas mais rudes provações. Se um cão o segue, empoleira-se o mais depressa que lhe é possivel e não se deixa facilmente deslocar, ainda quando o homem avance para elle. Nas Indias os caçadores experimentados reconhecem a proximidade do tigre pelos movimentos dos pavões.

Como verdadeiro gallinaceo o pavão tem um regime simultaneamente vegetal e animal. Come tudo o que comem as gallinhas; mas, como é mais vigoroso, apanha animaes grandes: assim come em parte ou, pelo menos, mata serpentes de grandes dimensões.

A reproducção effectua-se mais ou menos cedo conforme as localidades. No sul da India é geralmente no fim da estação das chuvas; ao norte é nos mezes que correspondem á primavera, isto é desde Abril até Outubro. Localidades ha em que a reproducção tem logar em Março, diz Irby.

O ninho do pavão encontra-se sempre n'um logar elevado, nas florestas e sob mattas. Este ninho que se compõe de alguns ramusculos e de folhas seccas, é grosseiramente construido.

A postura é de quatro a oito ou nove ovos, segundo Jerdon, e de doze a quinze, segundo Williamson. A femea choca-os com grande ardor, não os abandonando senão na ultima extremidade.

CAÇA

A caça do pavão não é das mais estimadas; todavia, diz Brehm, não ha caçador que nos seus principios resista á tentação de fazer fogo a um pavão que lhe passe proximo.

A carne dos individuos já velhos serve, quando muito, para fazer um caldo; a dos individuos ainda novos é porém, extremamente delicada.

A caça aos pavões é facil. Nas localidades em que são tidos na conta de aves sagradas, ninguem faz fogo sobre elles: são apanhados a laço e conduzidos vivos aos mercados.

Dá-se aqui um facto muito diverso, opposto mesmo ao que se realisa com a maioria das especies animaes: os pavões adultos supportam melhor a vida em captiveiro que os novos.

CAPTIVEIRO E DOMESTICIDADE

Não se sabe ao certo em que epocha o pavão foi introduzido na Europa. O que está averiguado é que Aristoteles falla d'elle como de uma especie muito conhecida na Grecia.

Em Roma o pavão desempenhou um papel importante. Vitellio e Heliogabalo serviam aos seus convivas linguas e miolos de pavão. Na Allemanha e na Inglaterra os pavões eram ainda muito raros nos seculos XIV e XV. Os opulentos senhores inglezes davam provas da sua riqueza fazendo apparecer nos seus grandes jantares um pavão assado.

Em 1557 Gesner conhecia perfeitamente o pavão e dava d'elle n'uma obra então publicada uma descripção minuciosa. Sobre os costumes porém, do pavão, este auctor propalou alguns erros que a tradição trouxe até nós.

Importa fazer notar que o pavão é orgulhoso, despotico e cruel. Junto com outras aves domesticas manifesta em alto grao estas ultimas qualidades. Sem ser provocado aggride todas as aves mais fracas, talvez por simples desejo de manifestar a propria valentia. Attaca muitas vezes os perús, que de ordinario se não deixam humilhar. Ás vezes mesmo dois pavões luctam entre si; então o vencido para desforrar-se da humilhação soffrida, attaca um perú. Este pede o soccorro dos companheiros e de ordinario o pavão é ainda uma vez vencido. Cede ao numero e acaba por fugir, não sem ter sido gravemente ferido.

O pavão acha-se inteiramente habituado aos climas da Europa. O inverno não lhe é muito funesto; a gente vê-o nos frios mais rigorosos passar a noite no mesmo logar em que a costumava passar de verão. Dando-se-lhe uma certa liberdade, não é difficil alimental-o; elle proprio se encarrega em grande parte de procurar a comida. Nem mesmo é possivel crear o pavão sem lhe conceder uma grande liberdade.

A femea não choca senão em logar onde a não perturbem. A postura em captiveiro raras vezes excede quatro ou cinco ovos. A incubação dura trinta dias. A mãe conduz, guia e defende os filhos com extrema sollicitude. Os pequenos crescem tão rapidamente que aos trez mezes já os sexos se distinguem; comtudo só ao fim de trez annos revestem a plumagem definitiva e se encontram aptos para a reproducção.

AS PINTADAS

Segundo uma velha lenda, as irmãs de Meleagro, inconsolaveis pela morte d'este, transformaram-se em aves cuja plumagem parecia como orvalhada de lagrimas. Esta lenda, refere Brehm, revela-nos que a existencia das pintadas não foi ignorada nem pelos gregos, nem pelos romanos. «A descripção que se encontra d'estas aves, continua Brehm, nos tratados antigos de historia natural ou de agricultura é de tal modo exacta que se é forçado a admittir que elles conheciam duas especies. Varron descreve uma só, mas Columello distingue expressamente a pintada de lobulos azues da pintada de lobulos vermelhos. Sabemos além d'isso que as pintadas eram tão communs na Grecia que os pobres podiam offerecel-as em sacrificio. Depois da queda do imperio romano parece que estas aves deixaram de ser consideradas e desappareceram mesmo da Europa. Só os auctores do seculo XIV tornam a fazer menção d'ellas. Pouco depois da descoberta da America, os navegadores introduziram n'este novo continente algumas pintadas communs. Ahi encontraram um clima de tal modo favoravel que regressaram ao estado selvagem.» [1]

CARACTERES

As pintadas teem o corpo refeito, as azas curtas, a cauda de grandeza media, as sobrecaudaes muito compridas, a plumagem muito abundante, os pés de grandeza media, ordinariamente desprovidos de esporões, os dedos curtos, a cabeça mais ou menos desnudada e apresentando ornatos em forma de poupa, de cimeira, de carunculas ou de lobulos cutaneos, a plumagem muito uniforme, coberta de manchas claras sobre um fundo escuro e identica nos dois sexos.

---

[1] Brehm, *Obr. cit.*, pg. 452.

AS PINTADAS REAES

O genero *Acryllium* constituido pelas aves a que se dá o nome vulgar de pintadas reaes, pode considerar-se como occupando pelas suas condições anatomicas o primeiro logar na familia.

CARACTERES

As pintadas reaes teem o corpo alongado, o pescoço comprido e estreito, a cabeça pequena, nua, ornada de uma crista de pennas muito curtas, avelludadas, estendendo-se de uma orelha a outra por sobre o occipital, as pennas do pescoço lanceoladas, as remiges secundarias muito mais compridas que as primarias e as rectrizes medianas mais que as lateraes, o bico curto, forte, muito recurvo, de mandibula superior manifestamente gancheada e os tarsos altos, munidos de uma callosidade que substitue o esporão.

AS PINTADAS DE POUPA

As aves d'este grupo distinguem-se genericamente pela existencia de uma poupa completa.

Teem além d'isso a garganta nua, desprovida de barbilhões, mas coberta de uma membrana cutanea muito enrugada, um bico vigoroso, tarsos de grandeza media e uma cauda curta, perfeitamente recurva para dentro.

AS PINTADAS PROPRIAMENTE DITAS

As aves d'este grupo constituem o genero *Numida* e podem considerar-se typos de familia.

CARACTERES

Teem no vertice da cabeça um tuberculo calloso mais ou menos pronunciado e duas carunculas ou barbilhões na mandibula inferior. O pescoço é mais ou menos destituido de pennas.

A PINTADA COMMUM

Dá-se tambem a esta especie o nome da *gallinha da India.*

CARACTERES

Tem o alto do peito e a parte posterior do pescoço de um lilaz uniforme, as costas e o uropigio cinzentos, com pequenas maculas esbranquiçadas, contornadas por um circulo escuro, as coberturas superiores das azas com maculas tambem brancas, mas maiores e em parte confluentes, as barbas externas das remiges secundarias marcadas de raias transversaes estreitas, a face inferior do corpo de um cinzento escuro regularmente coberto de grandes manchas redondas, as remiges atrigueiradas, bordadas externamente de branco, com as barbas internas irregularmente raiadas e pontilhadas de branco, as rectrizes de um pardo escuro, manchadas de branco, as lateraes raiadas, as carunculas largas

e muito compridas, os olhos castanhos escuros, o bico vermelho amarellado, o tuberculo calloso que encima o bico, vermelho, e os pés côr de ardozia, cambiando para côr de carne na origem dos dedos.

Tal é a especie em estado de liberdade.

As pintadas domesticas são mais pequenas; encontram-se pontilhadas, esbranquiçadas, avermelhadas, etc.

A PINTADA DE MITRA

Esta especie substitue no sul da Africa a pintada commum.

CARACTERES

O tuberculo calloso da cabeça d'esta especie é maior que o da antecedente. Tem as caruncu1as finas e compridas, a plumagem quasi negra na face dorsal, mais clara no ventre, coberta de manchas regulares, grandes, as pennas da nuca e da garganta raiadas transversalmente de cinzento, as barbas externas das remiges secundarias marcadas de manchas confluentes, os olhos pardos acastanhados, a parte superior da cabeça e a raiz do bico vermelhas, a parte posterior do pescoço e a garganta de um azul esverdeado, o meio do pescoço azul escuro, as carunculas violetas na base e de um vermelho coral na extremidade, a mitra amarella, o bico de uma côr cornea e os pés azues escuros.

Esta especie mede sessenta centimetros de comprido; a extensão da aza é de vinte e sete centimetros e a da cauda de dezenove.

A PINTADA DE PINCEL

É principalmente a esta especie que convem tudo quanto adiante diremos sobre a vida e habitos das pintadas em liberdade.

CARACTERES

As pennas rijas que formam o collar d'esta especie são de um negro avelludado. Tem as pennas do pescoço finamente veinuladas de cinzento claro sobre um fundo cinzento escuro, as das costas de um cinzento atrigueirado escuro, cobertas de pequenas manchas arredondadas, mais pronunciadas nas coberturas superiores das azas, confluentes e em manchas alongadas nas barbas externas das escapulares, em largas raias brancas, mais ou menos interrompidas nas grandes coberturas das azas, o ventre com reflexos pardos azulados, o peito, os lados do tronco e as coberturas inferiores da cauda com manchas grandes e bem arredondadas, as remiges secundarias de um pardo trigueiro, marcadas de raias pardas claras ou esbranquiçadas, mais pronunciadas nas barbas externas que nas internas, as remiges secundarias marcadas de manchas muito claras, confundindo-se pouco a pouco, sobre as barbas externas, com um circuito azul claro, finamente veinulado de trigueiro claro e de trigueiro escuro, as rectrizes egualmente marcadas de manchas nitidas, mas não perfeitamente arredondadas, os olhos castanhos, as faces assim como o lobulo que d'ellas nasce, de um azul claro, a garganta côr de carne, o alto da cabeça de uma côr cornea, o bico avermelhado na base e côr de corno na ponta e os pés de um pardo escuro. Esta especie apresenta, e d'ahi lhe vem o nome vulgar, uma sorte de pincel ou feixe de pennas rijas e sedosas de um amarello claro na base da mandibula superior.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA DAS PINTADAS

Todas as pintadas são originarias da Africa; mas a pintada commum passou ao estado selvagem na America central, como foi dito, e ainda nas ilhas de Sonda.

A pintada commum parece ser propria de oeste d'Africa; encontra-se muito na Serra-Leoa e nas ilhas de Cabo Verde. Regressou ao estado selvagem nas Indias occidentaes.

A pintada de mitra existe a sul e oeste d'Africa. Kirk viu bandos consideraveis d'estas aves nas margens do Zambeze durante o tempo das seccas.

A pintada de pincel vive a nordeste d'Africa. Encontra-se frequentemente nas costas do Mar Vermelho.

COSTUMES DAS PINTADAS

As differentes especies de pintadas teem sensivelmente os mesmos costumes e o mesmo genero de vida.

Carecem as pintadas de logares descobertos, de mattas que deixem entre si espaços nus, desafrontados. Os valles em que ha mattas, as florestas cujo solo se cobre de arbustos, as *steppes* onde crescem apenas hervas altas, os altos platós das montanhas, emfim as vertentes de vegetação luxuriante, pouco escarpadas, mas como que semeadas de rochedos, são logares que conveem perfeitamente ás pintadas. Segundo Bolle, ellas encontram nas montanhas das ilhas de Cabo Verde localidades de tal modo apropriadas ao seu genero de vida que ahi se encontram em grande numero; quanto maior e mais selvagem é a ilha, mais desertas são as montanhas e mais numerosas tambem as pintadas. Nas Indias occidentaes encontram tambem regiões apropriadissimas. Em Jamaica são tão communs, tão numerosas que chegam ás vezes a constituir um verdadeiro flagello.

As pintadas são aves sedentarias, o que não quer dizer que não realisem excursões, mas que não fazem viagens, no sentido proprio d'esta palavra.

É de manhã e ao fim da tarde que as pintadas soltam os seus gritos, semelhantes a sons de trompas; parece todavia que deve abrir-se uma excepção para a pintada de mitra que é ou parece ser silenciosa.

As pintadas fogem do homem, não tanto por prudencia como por timidez: vêem um inimigo em todo o animal de grandes dimensões. Um boi, um cão, um homem causam-lhes um verdadeiro terror. É precisamente por isso que se torna difficil observar estas aves. São precisas innumeras precauções para conseguir surprehendel-as em plena actividade.

É raro encontrar um casal isolado; de ordinario encontram-se juntas seis a oito familias de quinze a vinte individuos cada uma. Nas suas

excursões, as pintadas caminham uma a uma e o que um dos membros do bando executa é repetido por todos. Nas familias como nos bandos reina a maxima harmonia, a união mais intima, porque nas pintadas existem extremamente desenvolvidos os instinctos de sociabilidade. Não se separam senão em caso de perigo grave, tal como succede ao homem ao grito aterrador *sauve qui peut*. Mas uma vez dissipada a causa de confusão e terror voltam a aggremiar-se.

De ordinario as pintadas fogem correndo; só nos logares em que são muito perseguidas, em que se lhes faz uma guerra continua é que procuram salvar-se, voando. De resto, ellas sabem perfeitamente aproveitar o primeiro escondrijo, o primeiro logar seguro que lhes apparece em quanto fogem diante do caçador.

Os bandos são sempre conduzidos, capitaneados por um velho macho. Sempre na vanguarda, é elle que indica o caminho, que aponta a linha de retirada e que dá o signal de partida. E se o bando se dispersa, como ha pouco dissemos, em caso de perigo, é ainda o velho macho, o guia que, dissipado o terror, se colloca n'um ponto elevado e solta um grito que é o signal para de novo se juntarem.

Se um cão ou outro qualquer carniceiro as persegue, as pintadas sabem bem que lhes é impossivel escapar ou seja pela corrida, que não é sufficientemente rapida, ou seja pelo vôo, que não podem sustentar por muito tempo; por isso empoleiram-se immediatamente na primeira arvore que encontram e da qual não é possivel fazel-as sair senão a tiro.

As pintadas passam a noite sempre n'um logar elevado, preferindo as grandes arvores á beira de um curso d'agua pelo motivo de que é difficil n'estas condições desalojal-as; tambem pousam para dormir nas paredes pedregosas das altas montanhas, talvez porque estes logares são inaccessiveis aos carniceiros.

O regime alimentar das pintadas varia com as estações e as localidades. Na primavera, quadra das chuvas, alimentam-se principalmente de insectos. Mais tarde comem baga, folhas, rebentos, hervas e grãos de toda a especie. Na Jamaica fazem-se detestar, porque no tempo frio saem das florestas em grandes bandos e penetram nas plantações onde produzem, revolvendo a terra, prejuizos enormes. «Ainda não estão terminadas as sementeiras, diz Cham, já ellas teem descoberto e comido os grãos.» [1] Gosse [2] diz que só não são nocivas aos batataes.

Comquanto este ponto não esteja positivamente averiguado, parece provavel que a pintada em liberdade vive monogamicamente. Segundo

[1] Citado por Brehm, *Obr. cit.*, vol. 4.º, pg. 456.
[2] Ibid.

*

alguns observadores, as pintadas poriam doze ovos, o maximo, sobre uma espessa camada de hervas ou sobre uma camada de folhas.

Os filhos crescem rapidamente e desde que teem attingido metade das dimensões definitivas acompanham os paes em todas as excursões e passam a noite nas arvores ao lado d'elles.

INIMIGOS

As pintadas teem numerosos inimigos. Todos os felinos d'Africa desde o leopardo até ao gato bravo, todos os chacaes e todos os rapozos as perseguem em todas as idades. Os pequenos carniceiros destroem principalmente os ovos e as ninhadas. Acrescem ainda como reforço ao numero dos inimigos, as grandes aves de rapina e os grandes reptis. «No estomago de uma boa de dois metros e sessenta centimetros de comprimento encontrei, diz Brehm, uma pintada adulta.» [1]

CAÇA

Comquanto seja indiscutivelmente certo que as perseguições continuadas acabam por tornar as pintadas excessivamente timidas e comquanto seja verdade tambem que muitas vezes o chumbo das espingardas não faz mais que resvalar por sobre a espessa e densa plumagem d'estas aves, nem por isso a caça d'ellas deixa de ser facillima. Para matar um grande numero basta collocar-lhes na pista um bom cão. É tal o medo que teem a este animal que esquecem o homem. Como dissemos atraz, empoleiram-se precipitadamente na primeira arvore que encontram e deixam-se então approximar tão facilmente, tão sem resistencia que ha exemplos de terem sido apanhadas á mão pelo caçador. Atirar-lhes com segurança é n'estas condições uma empresa tão facil que o mais inexperiente dos caçadores a realisa. Os habitantes das steppes do Kordofahm servem-se n'esta caça dos seus magnificos cães de lebre que fatigam as pintadas na carreira e as apanham no momento em que ellas vão a tomar vôo.

Na Jamaica emprega-se um processo de caça extremamente curioso: nos logares frequentados pelas pintadas collocam grãos embebidos em

[1] Brehm, *Loc. cit.*, pg. 457.

rhum; as aves ingerem estes grãos, embriagam-se e acabam por deixar-se apanhar á mão.

CAPTIVEIRO

As pintadas domesticam-se facilmente, embora não possam sob este ponto de vista rivalisar com as gallinhas, por isso que não é vulgar fazel-as reproduzir em captiveiro. Habituam-se rapidamente ao homem e reconhecem a casa do dono á qual voltam sempre, qualquer que seja a liberdade de que gozem. Quando se reproduzem, não é necessario tirar-lhes os ovos; ellas mesmas os chocam. A incubação dura vinte e cinco dias.

Brehm diz: «Ha o costume de ter um só macho para muitas femeas. Este modo de proceder que me parece em opposição com o natural d'estas aves, é sem duvida uma das causas principaes do pouco successo obtido nas creações.» [1]

OS PERUS

Constituem uma pequena familia que facilmente se distingue de todos os gallinaceos, como vamos vêr.

CARACTERES

Teem o alto do pescoço nu e coberto de saliencias verrugosas, vivamente coloridas, uma caruncula erectil carnuda [2] na base da mandibula

[1] Brehm, *Loc. cit.*, pg. 458.
[2] É o que vulgarmente se chama o *monco*.

superior e appendices membranosos por baixo da mandibula inferior. O macho tem a faculdade de se *armar* como o pavão.

OS PERUS PROPRIAMENTE DITOS

Constituem o genero unico sobre o qual repousa a familia.

CARACTERES

Os perus são gallinaceos de grandes dimensões, de corpo elegante e alto sobre os pés. Teem a cabeça de grandeza media, o bico curto, forte, de mandibula superior convexa, os tarsos muito altos, os dedos compridos, as azas muito arredondadas, obtusas, sendo a terceira remige a mais comprida, a cauda levemente arredondada, formada de dezoito pennas largas, e plumagem dura, abundante, de tintas metalicas, cada penna grande e larga e algumas da parte anterior do peito transformadas em appendices sedosos e muito compridos.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Os perus habitam o éste e o norte d'Africa, desde Canada até ao isthmo de Panamá.

Existe uma especie perfeitamente acclimada na Europa.

O PERU VULGAR

Como o nome claramente indica, é esta a especie mais conhecida, a que se encontra entre nós desde muito tempo absolutamente acclimada.

CARACTERES

O peru vulgar tem as costas de um trigueiro amarellado de brilho metalico com uma larga bordadura de um negro avelludado em cada penna, a parte inferior das costas e as coberturas da cauda de um trigueiro escuro, raiadas de verde e de negro, o peito de um trigueiro amarellado, mais escuro aos lados, o ventre e as coxas atrigueiradas, o uropigio negro, as remiges de um trigueiro escuro, raiadas, as primarias de branco acinzentado, as secundarias de branco atrigueirado, as rectrizes de um trigueiro quasi negro, veinuladas, raiadas e finamente pontuadas de negro, as partes nuas da cabeça e do pescoço de um azul de ceu claro, as verrugosidades de um vermelho de lacre, os olhos de uma côr mixta em que entra o azul e o amarello, o bico de uma côr cornea esbranquiçada e os pés violetas ou vermelhos.

O comprimento d'esta especie é de um metro e dez centimetros a um metro e vinte e a envergadura de um metro e quarenta e seis a um metro e sessenta e cinco; a extensão da aza é de meio metro e a da cauda de quarenta e um centimetros.

Na perua a plumagem é de côres menos vivas.

O comprimento da femea é de noventa e seis centimetros e a envergadura de um metro e trinta e trez centimetros; a extensão da aza é de quarenta e um centimetros e a da cauda de trinta.

«Alguns naturalistas, diz Audubon, representam a femea como desprovida de appendices na garganta; isto porém, não é exacto, quando se trata de individuos adultos. Os machos novos, nas proximidades do primeiro inverno, apresentam apenas n'aquella região uma especie de protuberancia na carne, ao passo que as femeas da mesma idade nada offerecem de semelhante. No segundo anno os machos reconhecem-se por um feixe de pêllos que pode ter quatro pollegadas de comprido e que nas femeas não estereis é apenas visivel. Ao fim de trez annos, o macho pode reputar-se adulto, embora tenha de crescer ainda em estatura e em pezo

durante muitos annos. As femeas aos quatro annos encontram-se em pleno periodo de belleza, apresentando os appendices peitoraes do comprimento de quatro ou cinco pollegadas, mas menos entumecidos que no macho. As femeas estereis não adquirem estes appendices senão n'uma idade muito avançada. Foi decerto o grande numero das que os não teem que fez correr a idéa de que todas eram desprovidas d'ellles.» [1]

O PERU OCULADO

Esta especie tem a parte inferior do pescoço, as costas, as escapulares e toda a parte inferior do corpo de um verde bronzeado, sendo cada penna circuitada por duas linhas, uma negra, a outra, mais externa, de um bronze um pouco dourado. O verde bronzeado, á medida que desce para o uropigio passa gradualmente a um azul de saphira, que, segundo os reflexos da luz, se converte em verde esmeralda; a bordadura bronzeada alarga-se cada vez mais e toma no alto das costas o brilho do ouro e no uropigio uma tinta vermelha cobreada. As sobrecaudaes e as rectrizes apresentam quatro series transversaes de *olhos* brilhantes, separados por espaços pardacentos e vermiculados; estes olhos são formados por manchas azues e verdes circuitadas de negro e bordadas, além d'isso, do lado que olha a extremidade da penna por uma larga raia côr d'ouro cambiando para cobre.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA DOS PERUS

O peru vulgar originario do norte e leste da America, encontra-se hoje em todos ou quasi todos os paizes da Europa.

O peru oculado, especie de que por muito tempo se não conheceu na Europa mais que um individuo unico, é vulgar em Kentucky, ao norte

[1] **Audubon, *Scènes de la Nature dans les États-Unis*, T. 1.º, pg. 25.**

do Mississipi e Missuri. É menos commum na Georgia e nas Carolinas e pode considerar-se raro na Virginia e na Pensylvania. Diz Audubon que percorrendo New-York não encontrou um só individuo, comquanto soubesse que a especie existia lá.

COSTUMES DOS PERUS

É ainda a Audubon que pedimos as informações que seguem sobre os habitos de vida dos perus.

O peru selvagem só irregularmente emigra e só irregularmente tambem se aggremia em bandos. Acode sempre áquelles pontos da floresta em que os fructos são mais abundantes.

Eis, segundo Audubon, como as coisas se passam:

«Proximo do começo de Outubro, quando apenas alguns grãos e alguns fructos teem caido das arvores, os perus juntam-se e põem-se vagarosamente em marcha na direcção dos ricos valles de Ohio e de Mississipi. Os machos, ou, como vulgarmente se diz, os *gallos da India*, reunidos em grupos de dez a cem, procuram os alimentos separadamente das femeas. Estas no entretanto conservam-se solitarias, creando as suas ninhadas ou juntam-se por familias que formam grupos de sessenta a oitenta individuos. Todas procuram cuidadosamente evitar o encontro dos velhos machos que, quando mesmo os filhos tenham adquirido um completo desenvolvimento, se batem com elles e muitas vezes os matam com bicadas repetidas na cabeça. Velhos e novos, comtudo, avançam na mesma direcção e por terra, a menos que a viagem não seja interrompida pelo curso de uma ribeira ou que um cão de caça os não force a tomar vôo. Quando encontram uma ribeira, sobem ás mais altas eminencias das visinhanças e ahi se conservam um dia e ás vezes dois como para deliberar o que teem de fazer. Emquanto isto dura ouve-se os machos gritar, chamar, fazer grande ruido: agitam-se, *armam-se,* como se procurassem elevar a propria coragem até ao nivel de uma tão perigosa aventura. As femeas mesmo e os filhos exhibem por vezes demonstrações emphaticas: armam a cauda, giram umas em torno das outras, fazem ouvir um ruido surdo e executam saltos extravagantes. Por fim, quando o ar parece calmo e quando em volta tudo está tranquillo, o bando inteiro sobe até aos vertices das arvores mais altas e d'ahi a um signal que consiste n'um *cluck, cluck* dado pelo chefe todos voam para a margem opposta. Os adultos e os que se encontram em bom estado de saude chegam facilmente ao seu destino, mesmo quando a ribeira tenha uma milha de largo; mas os individuos ainda novos e os menos robustos caem muitas vezes á agua,

onde todavia se não afogam, como se poderia crer. Unindo bem as azas contra o corpo, estendendo muito a cauda para se sustentarem, alongando o pescoço e agitando vigorosamente os pés para a direita e para a esquerda, depressa nadam para a margem. Quando a attingem, se a acham muito escarpada para poderem tomar pé, cessam um instante todos os movimentos e deixam-se levar pela corrente até um ponto abordavel; chegados ahi, conseguem de ordinario por um violento esforço sair da agua. E é digno de notar-se que immediatamente depois de terem atravessado uma tão grande extensão, principiam a correr perdidamente aqui e além; é então que com facilidade o caçador se apodera d'elles.

Quando chegam aos logares em que abundam os fructos, dividem-se em pequenos grupos compostos de individuos de idades e sexos differentes confusamente misturados, e devoram tudo diante de si. Isto acontece em meiados de Novembro. Ás vezes tornam-se tão familiares depois d'estas longas viagens que se approximam das herdades, reunem-se ás aves domesticas e penetram nos estabulos e nas granjas em procura de alimentos. Caminhando atravez das florestas e vivendo á custa dos productos d'estas, passam o outono e uma parte do inverno.» [1]

Em meiado de Fevereiro principia a quadra do ardor genesico. As femeas separam-se e affastam-se dos machos que as perseguem. Os dois sexos empoleiram-se áparte, mas não muito distantes um do outro.

Se uma femea faz ouvir um grito de reclamo, todos os machos que a ouvem respondem, soltando notas sobre notas com extrema precipitação. Se estão empoleirados e o grito da femea parte de baixo, immediatamente voam todos para terra. Desde que pousam, quer a femea esteja á vista, quer não, armam a cauda, recuam a cabeça até ás espaduas, abaixam as azas por um movimento convulsivo e principiam a marchar a passos lentos para um lado e para o outro com um grande ar de magestade. Quando dois machos se encontram n'esta situação, a lucta de um com o outro é inevitavel; batem-se até fazerem sangue e muitas vezes morre um d'elles. O que fraqueja no combate está irremediavelmente perdido; o adversario animado pela menor prova de fraqueza que surprehende, encarniçar-se-ha mais na lucta e não terminará senão quando vir diante de si um cadaver.

Macho e femea, pouco antes de realisarem o coito, dão-se mutuas provas incontestaveis de amor. Emquanto o macho, consciente da propria magestade, de cauda inteiramente aberta, solta os seus gritos de ternura, a femea gira em torno d'elle, forte do amor que sabe inspirar, até que n'um momento dado abre rapidamente as azas e precipita-se em

[1] Audubon, *Loc. cit.*

terra diante d'elle, impaciente por dar e receber a prova capital, a prova ultima da reciproca ternura.

Uma vez começada a postura, as femeas teem um grande cuidado em não consentir que os machos se approximem dos ovos, que seriam infallivelmente partidos.

É no meiado de Abril, se a estação corre secca, que as femeas procuram logar para depôr os ovos. O ninho consiste n'uma simples depressão do solo, coberta por algumas folhas seccas. Os ovos, côr de créme, pontuados de ruivo, são em numero de dez a quinze, muito raras vezes vinte. A femea choca admiravelmente e quando os ovos estão a ponto de terminar a incubação, nada ha capaz de obrigal-a a abandonal-os. Prefere que a prendam, que a cerquem, que a matem mesmo a deixar os seus ovos.

Ao fim de quinze dias os filhos encontram-se já em condições de abandonarem o ninho para se empoleirarem á noite nos ramos grossos e baixos das arvores; a mãe que se empoleira no meio d'elles abriga-os sob as azas. De resto, elles crescem muito rapidamente.

Os perus selvagens alimentam-se de hervas, cereaes, fructos, baga, e ainda insectos, rãs, lagartos e pequenos ratos.

INIMIGOS

Depois do homem, os mais terriveis inimigos dos perus selvagens são o lynce e o corujão ou buffo.

O lynce suga-lhes os ovos e tem uma grande habilidade para apanhar os adultos. Quando descobre um bando de perus, segue-os, rastejando silenciosamente, tanto tempo quanto o necessario para verificar a direcção que elles continuarão seguindo; feito isto dá uma grande volta e vae collocar-se de emboscada n'um ponto do caminho por onde o bando ha de passar.

O lobo, a rapoza e o cuguar são ainda inimigos declarados dos perus.

Entre as aves de rapina é o corujão o mais terrivel dos perseguidores. Como vê perfeitamente de noite e possue um vôo silencioso, é difficil de evitar. Não obstante, os perus conseguem ás vezes escapar-lhe, porque no momento em que o carnivoro cae sobre elles para os segurar pela cabeça, escondem esta e lançam a cauda sobre as costas; o corujão encontrando sob os pés um plano mollemente inclinado, deslisa ao longo d'elle sem fazer outro mal que não seja o de arrancar alguma penna.

CAÇA

Na perseguição movida pelo homem aos perus selvagens, são postos em acção multiplicados meios: a espingarda, as armadilhas e os cães. Estes ultimos, pondo em fuga os bandos a uma enorme distancia e forçando-os a tomarem o vôo desordenadamente em todas as direcções, são de um valiosissimo auxilio ao caçador.

Para matar os perus selvagens durante o vôo é preciso atirar-lhes á cabeça ou ao pescoço. Feridos por traz continuarão ainda a voar e feridos na aza cairão, mas para correrem em terra com velocidade tal que a maxima parte das vezes lograrão escapar ás mãos do caçador.

As armadilhas a que serve de engodo o trigo dão quasi sempre magnificos resultados.

CAPTIVEIRO

Os perus selvagens domesticam-se rapidamente quando são apanhados novos.

Audubon relata um facto extremamente curioso succedido com um peru que apanhára ao segundo ou terceiro dia de existencia e que se tornára familiar a ponto de responder ao chamamento e de recolher sempre a casa, embora gozasse uma completa liberdade. Uma bella manhã de primavera partiu para não voltar. Os dias passaram e o peru não apparecia. Decorrido tempo, Audubon andando á caça na epocha em que os perus são mais estimados, vê um, volumoso e nedio, e solta-lhe o cão; nota porém com pasmo que o peru não foge, nem manifesta mesmo signaes de inquietação. Era nem mais nem menos que o fugitivo que o reconhecera a elle e ao cão.

USOS E PRODUCTOS

A carne do peru é excellente. As duplas pennas compridas e pendentes que cobrem as coxas e a parte inferior dos flancos são pelos co-

lonos da America empregadas na fabricação de palatinas, realmente confortaveis e de um bello effeito.

OS MEGAPODIOS

Comquanto uma especie d'esta familia nos seja conhecida desde o seculo XVI por uma descripção minuciosa, é certo que só no começo do seculo actual foi possivel obter alguns exemplares vivos d'estas aves singulares.

CARACTERES

Os megapodios assemelham-se muito pela estructura aos verdadeiros gallinaceos, ao passo que d'elles se separam pelos modos, sobretudo pelo vôo.

São de uma estatura mediana e teem pés elevados, dedos em geral compridos e armados de unhas robustas.

O esqueleto apresenta uma particularidade notavel: uma bacia muito larga, em relação, de resto, com as dimensões enormes dos ovos.

Segundo Gould, a pequenez do cerebro d'estas aves e o modo por que chocam os ovos indicam um grao inferior de organisação.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Os megapodios pertencem á Oceania, nomeadamente á Australia.

COSTUMES

Os megapodios differem de todas as outras aves pela maneira por que fazem incubar os ovos; e esta particularidade só por si seria bastante para justificar a creação de uma familia.

Os ovos são enormes e as femeas em vez de os chocarem, depositam-os sobre camadas de folhas. O calor desenvolvido pela fermentação d'estas substancias vegetaes é sufficiente para o pleno desenvolvimento dos ovos.

Os filhos nascem completamente cobertos de pennas e capazes de proverem a todas as necessidades sem auxilio dos paes.

DIVISÕES

A familia dos megapodios comporta uma divisão em dois sub-grupos: os *tallegallos* e os *megapodios propriamente ditos.*

CARACTERES DOS SUB-GRUPOS

Os tallegallos assemelham-se a todos os outros gallinaceos pela plumagem, pelo porte, pelo bico, pelos pés de dedos relativamente curtos, pelas azas curtas e arredondadas, pela cauda imbricada e finalmente pelos costumes.

Os megapodios propriamente ditos distinguem-se por um caracter de que tiram o nome: os pés compridos. A plumagem é geralmente abundante. Teem a região occipital coberta de pennas compridas e uma grande parte da cabeça, o pescoço e a garganta desnudados, ao menos na maior parte dos individuos.

De cada um d'estes sub-grupos estudaremos uma especie.

O PERU DAS MATTAS

É este o nome vulgar da especie *Catheturus Lathami* da familia dos Megapodios e do sub-grupo dos Tallegallos. Tambem é conhecida pela designação de *gallo das mattas.*

CARACTERES

Tem as costas côr de chocolate, o ventre trigueiro, com raias prateadas, as partes nuas da cabeça e do pescoço escarlates, o lobulo cutaneo guttural amarello vivo, os olhos castanhos claros, o bico côr de chumbo e os pés côr de chocolate claro.

Mede oitenta e dois centimetros de comprido; a extensão da aza é de trinta e trez centimetros e a da cauda de vinte e seis.

A femea não differe sensivelmente do macho.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

A área de dispersão d'esta especie não é ainda conhecida exactamente. Sabe-se só que pertence á Nova-Hollanda e é commum nas regiões em que abundam as mattas.

COSTUMES

«Tem-se dito muitas vezes, escreve Gould, que a Australia é rica em phenomenos extraordinarios de toda a ordem; esta especie confirma uma tal opinião. O logar que deve occupar na classificação tem sido objecto de muitas discussões e por isso reclamou particularmente a minha attenção.

«O phenomeno mais notavel que apresenta o peru das mattas é o modo por que realisa a incubação. No começo da primavera a ave junta um montão de folhas mortas e ahi deposita os ovos, deixando-os expos-

tos ao calor que desenvolvem estas substancias vegetaes em decomposição. Este montão é construido muitas semanas antes da epocha da postura. É hemispherico, mas de um volume extremamente variavel; é construido por um casal ou talvez, como affirmam alguns naturalistas, por muitos. A julgar pelas dimensões e pelo estado de decomposição das camadas superiores, o mesmo montão deve servir muitos annos. A cada postura novos materiaes se accumulam por cima dos antigos. Desde que o montão tem adquirido um grande volume e ahi se desenvolve muito calor, a femea principia a pôr. Deposita os ovos no meio do montão, a uma distancia de nove a doze pollegadas uns dos outros e enterra-os até uma profundidade de sessenta centimetros, pouco mais ou menos, de forma que a extremidade mais volumosa fique voltada para cima; depois cobre-os de folhas e abandona-os. Indigenas e colonos dignos de fé asseguraram-me que se podia tirar de um só montão um alqueire de ovos e eu mesmo vi uma mulher que apanhára um meio alqueire d'elles n'uma pequena matta proxima de minha casa. Alguns indigenas crêem que a femea se conserva sempre nas proximidades do montão, prestes a cobrir os ovos que tenham sido postos a nú e a guiar os filhos no momento em que rompem as cascas; outros affirmam, pelo contrario, que ella se não inquieta com os ovos e que os filhos não recebem d'ella o minimo auxilio. O que é certo é que os novos seres saem dos ovos completamente emplumados e com as azas sufficientemente desenvolvidas para poderem voar; emfim elles nascem como a borboleta que, saida da casca em que se realisou a metamorphose, principia a voar desde que as azas seccam.» [1]

O peru das mattas vive ordinariamente em pequenos bandos, timidos e desconfiados emquanto correm por terra, impudentes desde que se empoleiram.

O peru das mattas corre com extrema velocidade. Se é perseguido de perto por um cão, salta para o ramo mais baixo da primeira arvore que encontra e d'ahi vae successivamente elevando-se de ramo em ramo até ao mais alto.

CAÇA

É muito facil a caça a esta especie, com o auxilio dos cães que a fazem subir ás arvores para onde o caçador atira á vontade. Esta caça é tão activa que a especie vae em via de desapparição.

[1] **Citado por Brehm, *Loc. cit.*, pg. 468.**

CAPTIVEIRO

O peru das mattas domestica-se bem e reproduz-se mesmo em captiveiro. Comporta-se n'estas condições de um modo que recorda a vida em liberdade. Tem-se feito ácerca da especie captiva algumas observações interessantes. «Quando a estação dos amores se approxima, diz Sclater, o macho principia a juntar todas as materias vegetaes que encontra no recinto em que está preso; apanha-as com os pés e vae-as atirando para traz de si. Principia sempre o seu trabalho pelo rebordo do recinto, atirando os vegetaes para o centro e acabando por formar um montão. Desde que este tem attingido cerca de quatro pés de altura, macho e femea occupam-se em aplanar-lhe o vertice e depois cavam-lhe uma depressão no centro. É ahi que os ovos são postos em circulo, quinze pollegadas, pouco mais ou menos, abaixo do vertice. O macho vigia cuidadosamente a marcha da incubação e o calor d'esta chocadeira natural. Cobre os ovos não os deixando communicar com o exterior senão por uma pequena abertura redonda que permitte a entrada do ar e serve para moderar o calor. No tempo quente descobre os ovos quasi completamente, duas ou trez vezes por dia.

«Os recemnascidos conservam-se pelo menos doze horas no interior do montão de folhas sem tentarem saír. Ao segundo dia apparecem fóra; as azas são completamente desenvolvidas, mas as pennas acham-se ainda cercadas por um involucro que depressa desapparecerá. De resto, não parecem dispostos a voar immediatamente; ao principio correm apenas. De tarde voltam ao montão de folhas onde o pae os introduz a uma profundidade menor que aquella a que se encontravam os ovos. Ao fim de trez dias voam.» [1]

Os ovos medem dez centimetros de comprido por sete de largo e são de um branco puro.

[1] Citado por Brehm, *Obr. cit.*, pg. 470.

USOS E PRODUCTOS

A carne d'esta especie passa por ser excellente; é isto que explica a tenacidade posta na caça d'esta ave.

O MEGAPODIO DA AUSTRALIA

Esta especie, *Megapodius Tumulus,* pertence ao sub-grupo dos Megapodios propriamente ditos.

CARACTERES

O megapodio da Australia tem as pennas da cabeça de um trigueiro avermelhado escuro, as das costas e das azas côr de canella, as coberturas superiores e inferiores da cauda de um castanho accentuado, as remiges e as rectrizes de um trigueiro muito escuro, as pennas da parte posterior do pescoço e de toda a face inferior do corpo cinzentas, os olhos castanhos avermelhados claros, o bico de um trigueiro avermelhado escuro e os pés côr de laranja.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

A Australia é a patria d'esta especie que foi descoberta por Gould e que convem não confundir, como ao principio se fez, com uma outra especie que habita a Nova-Guiné.

COSTUMES

A Gilbert, a Macgillivray e a Gould se deve principalmente quanto hoje se conhece dos costumes do megapodio da Australia.

«Á minha chegada a Port-Essington, diz o primeiro d'estes naturalistas, fui surprehendido pela presença de numerosos montões de terra, muito elevados, que me disseram ser as sepulturas dos indigenas, mas que estes me affirmaram ser construcções feitas pelos megapodios para a deposição dos ovos. Isto parecia tão extraordinario, tão contrario a tudo o que se observa nas outras aves que ninguem em toda a colonia queria acreditar em tal; mas tambem ninguem tratava de esclarecer o problema. As duvidas augmentaram ainda á vista do volume dos ovos que os indigenas apresentavam como provenientes d'estas aves.» [1]

Gilbert, posto na indagação da verdade, chegou rapidamente a convencer-se de que era exacto o que lhe tinham affirmado.

O megapodio da Australia é uma ave extremamente desconfiada. Quando alguem lhe causa medo, não ergue vôo, antes corre com extrema velocidade. E quando mesmo vôe, não o faz sem primeiro ter corrido por algum tempo. O vôo d'esta especie é pezado e pouco extenso, mas não ruidoso.

Esta especie vive em brenhas das mais impenetraveis, não longe do mar e não se interna muito pelos campos. Vive aos pares ou solitario. Toma os alimentos do chão: come raizes, que facilmente desenterra com auxilio das unhas vigorosas, grãos e insectos, principalmente grandes coleopteros. A voz assemelha-se ao cacarejar da gallinha e termina por um grito analogo ao do pavão.

Os ninhos variam sob o ponto de vista do volume, da forma e dos materiaes que entram na sua composição. Geralmente ficam perto do mar e são formados de areia e de conchas; alguns conteem lodo e madeira apodrecida. Gilbert viu um que tinha cinco metros de altura sobre cinco metros e trinta e trez centimetros de circumferencia e um outro que tinha cincoenta metros de circumferencia. Macgillivray encontrou tambem um das dimensões d'este ultimo. É provavel que estes ninhos gigantescos sejam obra de muitos casaes e que todos os annos sejam augmentados e

[1] Citado por Brehm, *Loc. cit.*, pg. 471.

reparados. Os ovos ficam a dois metros de profundidade e a uma distancia de sessenta centimetros a um metro da parede lateral.

Os ovos são collocados verticalmente com a grossa extremidade voltada para baixo. O volume é variavel, mas todos se assemelham pela forma. Em regra, o diametro longitudinal é de cerca de dez centimetros e o transversal de seis. A côr varía segundo a natureza dos materiaes que o cercam: os que são collocados em terra negra, apresentam uma côr uniforme trigueira avermelhada; os que são depostos em areia affectam a côr amarellada suja. Estas côres são devidas a uma fina camada que cobre o ovo; tirada ella, a casca apparece inteiramente branca. No dizer dos indigenas, os ovos são postos de noite e com muitos dias de intervallo.

CAPTIVEIRO

Pouco sabemos sobre a possibilidade ou impossibilidade de tornar domestico o megapodio da Australia. Gilbert conta que apanhou um de alguns dias apenas que foi sempre selvagem e indomavel; de noite era tão turbulento que não deixava dormir o dono. O naturalista não nos diz qual o fim d'esta ave.

USOS E PRODUCTOS

A carne do megapodio da Australia passa por ser boa.

OS CRACIDIOS

Existem ainda hoje divergencias sobre o logar que devem ter na classificação estas aves. Teem sido collocadas successivamente no grupo dos pombos e dos gallinaceos propriamente ditos. Teem com effeito caracteres de uns e outros, mas teem tambem caracteres proprios e dis-

tinctivos. Collocando esta familia na ordem dos gallinaceos, seguimos a opinião mais generalisada e a que menos se presta a contestações.

CARACTERES

Os cracidios são aves elegantes e de estatura grande ou mediana. Teem as azas arredondadas, sendo as quatro ou cinco primeiras remiges primarias curtas e largas, por vezes ponteagudas, a cauda comprida, arredondada, composta de doze rectrizes fortes, resistentes, um bico relativamente mais comprido que o dos verdadeiros gallinaceos, mas mais curto que o dos pombos, dilatado na ponta que é larga e gancheada, coberta atraz por um cerumen que se estende sobre as narinas e reveste a callosidade que se encontra por diante da fronte da maior parte das especies, os tarsos medianamente espessos, compridos, os dedos finos collocados todos no mesmo plano, as unhas compridas, muito finas, ponteagudas e ligeiramente recurvas e uma plumagem dura e abundante em que as tintas escuras dominam e que parece não differir muito nos dois sexos.

Em alguns as pennas teem um caracter particular: as hastes são muito largas, dilatam-se a partir da raiz e só na ponta se tornam finas e fracas. Ha especies em que esta forma é tão pronunciada que a penna na parte media é dez ou vinte vezes mais larga que na ponta e seis ou dez vezes mais que na raiz. A parte mais larga da penna não offerece mais do que pennugem, ao passo que as partes estreitas sustentam barbas compridas.

DIVISÃO

Esta familia divide-se em dois grupos ou sub-familias: os *Cracidios propriamente ditos* e os *Jacús*.

Descreveremos as especies mais dignas de menção.

CRACIDIOS PROPRIAMENTE DITOS

São aves relativamente grandes. Teem a cabeça lisa ou encimada por algumas pennas, o bico elevado na base, provido de cerumen ou encimado por um tuberculo calloso, que varia de forma segundo as especies. O caracter principal d'este sub-grupo consiste na existencia de um esporão obtuso, mas muito pronunciado, que arma o punho da aza.

OS MUTUNS

É este o nome vulgar dado no Brazil aos individuos que formam o genero *Crax* do sub-grupo dos Cracidios propriamente ditos.

CARACTERES

Os mutuns teem o bico quasi tão comprido como a cabeça, comprimido lateralmente, curvo da base para a ponta, que é gancheada, provido de um cerumen que abraça metade do comprimento das duas mandibulas, narinas ellipticas, abertas adiante do cerumen, tarsos robustos, pouco elevados, dedos muito compridos, azas curtas, arredondadas, subobtusas, sendo a setima e oitava remiges as mais compridas, cauda comprida, ampla, arredondada, o vertice da cabeça coberto por uma especie de poupa em forma de crista ou cimeira, constituida de pennas finas, rijas, inclinadas ligeiramente para traz, depois recurvas para diante, as pennas das faces, do alto do pescoço e do uropigio molles, quasi pennugentas e as da parte inferior do pescoço e do tronco duras e firmes.

O esqueleto assemelha-se ao dos verdadeiros gallinaceos. A columna vertebral comprehende quatorze vertebras cervicaes, sete dorsaes e seis

caudaes. O corpo do esterno é moderadamente chanfrado e os femures são pneumaticos. O ventriculo succenturiado é pequeno. A trachea desce aos lados do thorax, descrevendo ahi uma ou muitas circumvoluções e immerge depois no peito; em algumas especies apresenta diversas dilatações.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Os mutuns são proprios da America tropical.

COSTUMES

Os habitos de vida em liberdade não são completamente desconhecidos. Reservamos o estudo d'este ponto para mais tarde.

O MUTUM

Esta especie, *Crax alector,* é o typo do genero e da familia.

CARACTERES

N'esta especie o cerumen e a corôa carnuda da base do bico são amarellos. A plumagem é de um negro brilhante com reflexos azues, excepto no ventre, no uropigio e na extremidade das rectrizes em que é branca. Os olhos são castanhos.

Mede, pouco mais ou menos, um metro de comprimento.

A femea tem a cabeça, o pescoço, o peito e as costas negros, o ventre ruivo e as azas e as pernas veinuladas de um ruivo amarello.

O MUTUM CARUNCULADO

Esta especie differe da anterior nas dimensões que são menores e no cerumen que é vermelho.

CARACTERES

O macho é negro, excepto no ventre e no uropigio que são brancos. Tem os olhos castanhos, o bico negro na ponta e os pés de um vermelho amarellado.

Mede noventa e trez centimetros de comprido sobre um metro e vinte e nove centimetros de envergadura; a extensão da aza é de trinta e oito centimetros e a da cauda de trinta e seis.

A femea tem a parte superior do pescoço e o peito manchados de branco, as azas, a parte superior do ventre e as coxas raiadas de amarello ruivo e o baixo ventre e o uropigio ruivos.

O MUTUM RUBRO

Denomina-se tambem *mutum castanho,* e com mais propriedade.

CARACTERES

Esta especie é principalmente caracterisada pela existencia de uma bella plumagem de um trigueiro castanho; as pennas da nuca e do alto do pescoço são raiadas de branco e de negro e as da cauda marcadas de raias estreitas de um amarello esbranquiçado e bordadas de negro. O bico é côr de corno e o cerumen azul escuro. Os olhos são castanhos avermelhados e os pés côr de chumbo.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA DOS MUTUNS

Todas as especies habitam o sul e o centro da America e o sul do Mexico.

O mutum encontra-se no interior do Brazil, desde a Guyana até ao Paraguay.

O mutum carunculado encontra-se nas florestas virgens da costa oriental do Brazil desde o Rio de Janeiro até á Bahia.

O mutum ruivo encontra-se no Peru e no Mexico.

COSTUMES

Terão as especies descriptas precisamente os mesmos habitos de vida ou differentes? Pelo que teem escripto alguns viajantes é muito mais provavel que sejam os mesmos os costumes das trez especies; mas não pode dizer-se que seja isto certo, porque faltam realmente os documentos incontestaveis.

Os mutuns habitam, como foi dito, as florestas da America meridional e central. A existencia d'elles está ligada á presença das arvores e por isso não abandonam as florestas senão por alguns instantes. Encontram-se muitas vezes em terra, onde correm com muita rapidez, se o solo é unido; ordinariamente porém, encontram-se empoleirados nas arvores aos pares na quadra dos amores e em maior numero no resto do anno. Segundo Saussure, na estação secca, isto é durante os mezes de Março, Abril e Maio, gostam de rolar-se em terra como todos os gallinaceos.

O vôo dos mutuns é baixo, horisontal, pouco extenso.

A voz d'estas aves é muito singular, varía de especie a especie e faz-se principalmente ouvir na quadra da excitação genesica, de manhã, quando ellas abandonam as florestas e se abatem nas clareiras, á beira dos cursos d'agua.

Em liberdade, os mutuns alimentam-se principalmente, senão exclusivamente, de fructos. Azara diz, é certo, que se lhes pode dar a mesma alimentação que ás gallinhas; mas acrescenta expressamente que elles não digerem o milho, cujos grãos se encontram intactos nos excrementos. Quasi todos os auctores lhes concedem um regime frugivoro; comtudo Martius e Schomburgk dizem que elles aproveitam toda a ordem de substancias alimentares, que comem insectos e vermes.

Bates faz notar que nas florestas que marginam o Amazonas os mutuns não descem nunca das arvores; e isto indica perfeitamente que ahi encontram com abundancia os alimentos. Nos jardins zoologicos tem-se sempre notado que os mutuns se distinguem de todos os gallinaceos na maneira por que tomam os alimentos. Não esgaravatam a terra, contentam-se em juntar os alimentos ou em dar-lhes bicadas á maneira dos pombos. Nos recintos destinados aos mutuns, a herva encontra-se calcada, mas não remexida.

Segundo Saussure, é em Janeiro que os machos principiam a perseguir as femeas; a quadra dos amores estende-se até ao fim de Março. Durante todo esse tempo, os machos fazem echoar as florestas com os seus gritos fortes e graves. Nidificam nas arvores e não em terra. «Construem os ninhos, diz Martius, no angulo de bifurcação de um ramo, pouco acima do solo. O ninho é chato e feito de ramusculos, como eu proprio tive occasião de vêr. Affirmaram-me os indigenas que a femea põe só dois ovos brancos, maiores e mais fortes que os de gallinha.» [1] Schomburgk, Bates e Saussure confirmam o que diz Martius. «O mutum, escreve Saussure, nidifica nas arvores e não é de uma grande fecundidade. Em Março o casal construe n'uma arvore elevada um ninho grosseiro em que a femea deposita apenas dois ovos que choca durante um mez, pouco mais ou menos.» [2]

Os filhos não abandonam o ninho antes de saberem voar, como fazem os gallinaceos que nidificam em terra. Ao principio os paes alimentam-os com vermes e insectos. É só nos fins de Abril que toda a familia se dirige á procura de fructos amadurecidos, principalmente de laranjas.

[1] Citado por Brehm, *Loc. cit.*, pg. 478.
[2] Ibid.

CAÇA

A caça feita aos mutuns é activa, principalmente durante a quadra dos amores, porque então, melhor que em qualquer outra epocha do anno, se denunciam pelos gritos que soltam. «N'esta estação, diz Saussure, a caça dos mutuns torna-se muito facil, porque n'elles os desejos amorosos vencem os instinctos de conservação, de sorte que perdem toda a previdencia e se deixam approximar por qualquer, sem grande inquietação pelo que se passa em volta. Algumas vezes, muitos machos reunem-se á volta de uma femea e não a abandonam ainda mesmo que vejam o caçador. Se n'um d'estes pequenos grupos que o amor junta e domina se consegue com o primeiro tiro matar a femea, é raro que os machos fujam, pelo contrario ficam n'um estado de estupefacção e só dispersam depois de novas descargas.» [1]

Longe das habitações, no meio das florestas, os mutuns não receiam o homem. Sonnini affirma ter-se encontrado no meio d'elles, muitas vezes, na Guyana, sem que tentassem fugir. Por isso é possivel apanhal-os sem difficuldade e matar muitos sem que os outros se affastem; quando muito mudam-se de uma arvore para outra proxima. Perto dos logares habitados, pelo contrario, tornam-se timidos e desconfiados: o mais ligeiro ruido os atterra, o primeiro homem que passa os faz fugir.

CAPTIVEIRO

No dizer de Martius, os mutuns captivos que se encontram nas casas dos indigenas, são provenientes de ovos apanhados nas florestas e chocados por gallinhas; em captiveiro os mutuns não se reproduzem senão em condições excepcionalmente favoraveis. Os indigenas affirmaram mesmo a Schomburgk que elles se não reproduziam nunca. Bates confirma esta opinião quando explica o facto de não serem os mutuns aves

[1] *Loc. cit.*, pg. 479.

domesticas, nas palavras seguintes: «O obstaculo está em que elles se não reproduzem em captiveiro, o que está talvez em relação com a sua vida das arvores. Experiencias repetidas e continuadas com preserverança conduziriam sem duvida a melhores resultados; mas os indigenas não teem para isso nem paciencia, nem intelligencia bastantes.» [1] Saussure diz tambem: «Não posso comprehender porque o mutum não é, como o peru, uma ave de capoeira, porque elle é tão proprio para a domesticidade que os adultos, apanhados selvagens, se domesticam rapidamente; os individuos novos, arrebatados ao ninho ou chocados por gallinhas, tornam-se tão familiares como estes ultimos ou mais ainda, porque se deixam acariciar e comem da mão do homem. É preciso para explicar o caso ou que os indigenas tenham achado que o peru, que é maior, lhes satisfaz todas as necessidades ou que o mutum se não reproduza facilmente em captiveiro.» [2]

No dizer de Brehm as opiniões que acabam de ser expostas não são perfeitamente fundadas.

Todos os auctores são unanimes em affirmar que os mutuns se domesticam facilmente. Azara diz que, nas colonias, se tornaram não só aves perfeitamente domesticas, como as gallinhas, mas mesmo aves de quarto. Sonnini viu na Guyana bandos domesticados correndo pelas ruas sem receio nenhum do homem. Esses bandos visitavam regularmente as casas em que uma vez lhes tinham dado de comer e sabiam perfeitamente reconhecer as pessoas que tratavam d'elles. Para dormir empoleiram-se em logares elevados como os pavões. Bates conta a historia de um que contraíra amizade com o dono e parecia ter-se tornado um membro da familia. Vinha a cada repasto, corria em torno da meza, ia de uma pessoa a outra pedindo de comer e de tempos a tempos coçava a cabeça contra o rosto ou a espadua do dorso. Passava a noite perto do leito de uma rapariga a que particularmente estimava e que seguia por toda a parte.

Estas tendencias á domesticidade parece que deviam tornar os mutuns aves estimadas; e comtudo ha muito quem não goste de as ter em captiveiro. Teem uma qualidade má que as assemelha á pega: comem todos os objectos brilhantes que encontram, taes como botões d'ouro, moedas, etc., e deformam-os no estomago, que é extremamente musculoso. Uma outra qualidade menos sympathica d'estas aves e que é até certo ponto um obstaculo á domesticação é o viverem em desharmonia

[1] Citado por Brehm, *Loc. cit.*, pg. 479.
[2] Ibid.

umas com as outras e com as gallinhas. Reclamam durante o inverno recintos quentes; o frio dá-lhes muitas vezes a morte.

A despeito porem de todas as difficuldades e inconvenientes, tem-se conseguido, embora poucas vezes, a reproducção dos mutuns em captiveiro. Pommes diz: «Possui até seis femeas de mutuns e quatro machos apenas. Esta desproporção provou-me que estas aves são monogamas. As femeas que se não constituiram em casal põem apesar d'isso, é certo, e procuram as caricias do primeiro macho que encontram; comtudo não levam mais longe as funcções de reproducção. Assim não preparam ninho e depositam os ovos no primeiro logar que se lhes depara, de ordinario á tarde, quando estão empoleiradas. Pelo contrario, as que teem um macho seu põem sempre em ninho preparado por este. Devo acrescentar que é raro, na França pelo menos, que as femeas se entreguem á incubação. De todas as que pude obter, uma só quiz chocar. Cinco deram ovos; a sexta, apesar de procurar o macho e exercer o coito durante muitos annos nunca deu ovos. As femeas que chegam, conservam-se frias e insensiveis durante o primeiro anno da sua importação. No segundo anno exercem o coito, mas raras vezes põem ou põem ovos sem casca. Ao terceiro anno a casca existe, mas fragil e imperfeita; só ao quarto anno desapparece esta imperfeição completamente. As femeas que não chocam, realisam trez posturas por anno; as que chocam realisam só uma, no fim do mez de Abril ou no começo de Maio. A incubação dura trinta e um a trinta e dois dias. As posturas que tenho visto são de dois ovos, raras vezes de trez.

«Para diminuir as difficuldades de importação e naturalisação, pareceu-me util conceder a estas aves liberdade e variedade de alimentos. Deixava-as pois no pateo, d'onde ellas voavam e iam passear á vontade no meu jardim, que apenas tem dois hectares, mas cujos limites nunca ultrapassaram, porque essa extensão bastava ás suas excursões. Ahi encontravam insectos, fructos, grãos, vegetaes que é impossivel dar-lhes por outro modo em estado de captiveiro. Todavia, quando chegava a estação dos amores, era forçado a fechal-as em recintos separados, porque n'esta epocha os machos batem-se até á morte. Deixava livres apenas um macho e todas as femeas que não tinham constituido casal. Estas ultimas punham melhor e davam ovos cuja casca era mais bem elaborada. Foi tambem entre ellas que encontrei a que chocava; as outras captivas recusaram-se sempre á incubação. Estas aves comem egualmente bem o milho, o trigo, a cevada, o centeio, a aveia. Com o bico formidavel cortam, partem maçãs, peras, etc. Gostam muito de uvas, de insectos e de sallada. Entravam-me na cosinha e chegavam a roubar-me a carne que estava já na grelha.

«Quasi todos os ovos que recolhi, eram fecundados, mas não tinham

sido concebidos em boas condições, porque os embryões morriam dentro da casca já completamente desenvolvidos como se lhes faltasse a força no momento de romperem. É o que entre nós acontece muito frequentemente ás especies indigenas quando a mãe está doente no momento da postura. Trez vezes porém, os mutuns lograram triumphar das difficuldades do rompimento. Os novos seres, embora vigorosos não viveram mais do que trez a quatro dias. Não tomavam alimentos e morriam evidentemente de fome.» [1]

Uma observação de Aquarone, citada por Brehm, concorda perfeitamente com as de Pomme. Em 1864 um macho e trez femeas deram áquelle naturalista successivamente quinze ovos que foram postos o primeiro em 12 de Junho e o ultimo em 30 de Setembro. D'estes quinze ovos dois foram partidos e dos treze postos em incubação sete foram estereis. Cada femea punha sempre dois ovos no espaço de quatro a cinco dias, repousava quatorze a dezoito dias, punha de novo dois ovos e ficava depois meio mez sem pôr.

O Dr. Bodinus confirma as affirmações feitas pelos auctores que acabamos de citar e mostra quanto é difficil conseguir que os mutuns se reproduzam em captiveiro.

Vemos pois que não é verdade ser impossivel no captiveiro a reproducção d'estas aves, mas que ella é extremamente difficil de realisar-se, porque se lhe oppõem numerosos obstaculos que só á força de paciencia e de cuidados se podem vencer. Isto explica porque os mutuns não são ainda hoje aves domesticas como os perus e as gallinhas.

USOS E PRODUCTOS

Os indigenas servem-se das pennas das azas e da cauda dos mutuns para a fabricação de leques. As pennas mais pequenas servem para a confecção de differentes ornatos. A carne tem a brancura da dos pombos e o gosto da carne dos perus.

---

[1] Vid. *Bulletin de la Société zoologique d'acclimatation*, 1854.

OS JACÚS

Differem dos cracidios propriamente ditos ou mutuns nas formas elegantes, n'um conjuncto de pennas caidas sobre o occipital e na cauda que é mais alongada. Além d'isso tem o contorno dos olhos, do bico e da garganta mais desnudados e o bico menos elevado na base. A cauda é comprida, muito arredondada e os pés são pequenos.

O JACÚ-PEMBA

É este o nome vulgar dado no Brazil á especie *Penolope superciliaris*. Tambem é conhecida entre brazileiros pela designação popular de *Peva*.

CARACTERES

Esta especie é caracterisada por uma estatura elevada, por uma cauda de dimensões medianas, pela existencia de remiges anteriores muito finas na ponta, pela plumagem molle, frouxa, pela poupa de extensão regular e pela existencia de fronte, faces e garganta desnudadas. Tem o vertice da cabeça, a nuca, o pescoço e o peito côr de ardozia, raiado de cinzento, apresentando cada penna uma bordadura esbranquiçada, as pennas das costas, as coberturas superiores das azas e da cauda de um verde bronzeado, bordadas de azeitonado e de amarello ruivo, o ventre e o uropigio raiados ou bordados de amarello ruivo e de trigueiro, as remiges bordadas de uma estreita orla amarellada, uma raia supracillar esbranquiçada, os olhos castanhos, a parte nua da garganta côr de carne, o bico trigueiro e os pés côr de carne.

Mede sessenta e seis centimetros de comprimento; a extensão da aza é de vinte e oito centimetros e a da cauda de vinte e nove.

A femea tem a linha supraocular menos nitida e as bordaduras das pennas menos confundidas.

Os individuos não adultos apresentam uma côr geral cinzenta atrigueirada, a linha supraocular de um amarello arruivado, o peito, o uropigio e as coxas mais finamente raiados que nos adultos.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Habita as grandes florestas da costa oriental da America central e meridional.

COSTUMES

Estudaremos os habitos de vida d'esta especie conjunctamente com os das duas especies que vamos descrever em seguida, porque são os mesmos.

A PENELOPE DE POUPA BRANCA

Esta especie tem os membros inferiores baixos, as trez primeiras remiges finas na ponta, a poupa formada de pennas estreitas, ponteagudas, de oito centimetros de comprimento e susceptivel de levantar-se, as faces cobertas de pennas sedosas, as costas côr de ardosia, a face externa das azas branca com manchas côr de ardosia na extremidade das pennas, a parte inferior das costas, o uropigio, a parte inferior do peito, o ventre e a região anal de um trigueiro vermelho, as pennas do peito e da parte inferior do pescoço da mesma côr, mas circuitadas de branco, a poupa de um branco puro com as hastes negras, as remiges e as rectrizes negras com reflexos metalicos azues, os olhos vermelhos escuros, as partes nuas das faces de um azul celeste, a garganta de um

vermelho claro, o bico côr de corno na ponta e azulado na base e os pés vermelhos.

A femea é mais pequena que o macho, de poupa mais curta, de côres menos vivas e com a bordadura branca das pennas mais pronunciada.

Os individuos não adultos teem a poupa muito curta e são de um trigueiro escuro com o uropigio e o ventre quasi trigueiro ruivo.

Esta especie mede oitenta centimetros de comprimento e um pouco mais de um metro de envergadura; a extensão da aza é de trinta centimetros e a da cauda de vinte e nove.

A PENELOPE OSTALIDA

Tambem se chama esta especie *Penelope aracuan* ou só *Ostalida*.

CARACTERES

Esta especie é mais pequena e apresenta uma cauda mais comprida que as especies que acabamos de descrever. Tem o tarso mais comprido que o dedo medio, as remiges primarias anteriores arredondadas, e não ponteagudas, as azas subobtusas, as faces desnudadas, a parte anterior do pescoço e a garganta emplumadas, mas deixando de cada lado uma linha nua que parte da commessura do bico. A plumagem é frouxa, de pennas arredondadas.

O macho adulto tem as costas de um trigueiro azeitonado, a fronte um pouco avermelhada, o peito e o pescoço manchados de branco, as trez rectrizes externas ruivas na ponta, os olhos castanhos, a parte nua

da garganta côr de carne, o bico côr de chumbo e os pés tambem côr de carne.

Esta especie mede cincoenta e seis centimetros de comprimento e sessenta e quatro de envergadura; a extensão da aza é de dezenove centimetros e a da cauda de vinte e cinco.

A femea differe muito pouco do macho.

Os individuos não adultos apresentam uma plumagem de côres desmaiadas.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Esta especie encontra-se no centro do Brazil, perto da Bahia e principalmente nas florestas de Catinga.

COSTUMES

O que vae lêr-se é applicavel ás tres ultimas especies descriptas.

Estas aves vivem em bandos ás vezes consideraveis, de muitos centos de individuos. Á frente dos bandos encontra-se de ordinario um macho a que todos os membros obedecem. Ordinariamente gostam de occultar-se nos cimos das arvores copadas, d'onde inspeccionam attentamente tudo o que se passa em baixo, não se deixando facilmente approximar. Movem-se por entre os ramos com extrema rapidez e facilidade, ao passo que não correm nem voam senão mal.

Nenhum viajante falla das relações existentes entre os membros de um mesmo bando. Nos individuos captivos Brehm diz ter observado uma perfeita harmonia; não luctam entre si, como fazem outros gallinaceos.

Estas aves teem uma voz muito singular e annunciam por gritos o despertar do dia primeiro que todas as outras aves. Esses gritos, embora não desagradaveis, tornam-se insupportaveis por muito numerosos; se um individuo de um bando principia a gritar, todos o imitam n'um *crescendo* desesperador.

Alimentam-se de fructos e de insectos.

Relativamente á reproducção, sabe-se que estas aves construem os seus ninhos entre os ramos das arvores, excepcionalmente em terra. O ninho é formado de ramusculos negligentemente coordenados e algumas vezes mesmo de ramos ainda guarnecidos de folhas. Cada postura é de

dois ou trez, ás vezes mesmo de quatro a seis ovos muito grandes e brancos. É só a femea a chocar? O macho auxilia a companheira no trabalho de incubação? Eis o que se não sabe.

Mal sáem do ovo, os filhos trepam aos ramos das arvores e são alimentados pela mãe durante os primeiros dias; depois descem pouco a pouco para terra e ahi seguem a mãe como os pintos seguem as gallinhas. Uma vez em estado de poderem voar, os filhos abandonam a mãe, dispersa-se a familia.

CAÇA

A caça das especies descriptas é tenacissima, o que se explica pela excellencia da carne. Em certas localidades algumas especies teem desapparecido completamente e outras teem diminuido em numero de um modo extraordinario.

Perseguições reiteradas tornam estas aves timidas, desconfiadas. As que vivem na Guyana são, diz Schomburgk, de uma prudencia incrivel; só podem ser surprehendidas quando estão para comer. É precisamente esta desconfiança que explica o ser a caça pelas armas de fogo muito menos productiva que a caça indigena em que se emprega a frecha. Pelo tiro de espingarda pode matar-se um membro de um bando; a detonação porém afugenta os outros. Não acontece o mesmo quando a arma empregada é a silenciosa frecha: n'este caso um tiro mata uma ave sem que as outras fujam e por isso pode ser seguido d'outros egualmente productivos. É por isto que, a despeito da timidez e desconfiança d'estas aves, os indigenas matam um grande numero.

CAPTIVEIRO

Apanhadas do ninho, as especies que descrevemos domesticam-se perfeitamente e habituam-se rapidamente ás novas condições de vida. Como ás gallinhas, pode-se-lhes conceder a liberdade de entrar e sair á vontade. São aves domesticas muito procuradas, porque não dão trabalho nenhum. O que é difficil é obrigal-as a passar a noite n'uma capoeira, n'um logar qualquer fechado; preferem empoleirar-se nos telhados e nas

arvores. Habituam-se perfeitamente a viver com outras aves domesticas. Apreciam as caricias, os affagos. Apesar de tudo é difficil esperar a acclimação d'ellas na Europa, por isso que se não reproduzem em captiveiro. Além d'isso, difficilmente supportam os rigores dos invernos na Europa.

OS HOATZINS

Comquanto pelos caracteres exteriores se assemelhem aos tucanos entre os quaes teem sido collocados, attendendo á organisação externa somos forçados a consideral-os como constituindo um grupo visinho dos jacús.

CARACTERES

As aves que compõem este grupo teem formas esbeltas, pescoço fino, de comprimento regular, cabeça pequena, azas muito compridas, cobrindo, quando fechadas, mais de metade da cauda, obtusas, sendo a quarta remige a mais comprida, cauda formada de dez pennas longas e largas, arredondada na extremidade, sendo as rectrizes lateraes um pouco mais curtas que as medianas, o bico semelhante ao dos jacús, ligeiramente curvo na ponta, de angulo inferior saliente, de base coberta de cerumen, de bordos sem chanfraduras, tarsos curtos, dedos compridos, principalmente o mediano e o pollegar, não reunidos na base por membrana alguma, unhas compridas, fortes, muito recurvas, ponteagudas, as pennas do vertice da cabeça e do occipital compridas, estreitas, ponteagudas, formando poupa, as pennas do pescoço compridas, finas e ponteagudas, as do tronco grandes e arredondadas, as do ventre frouxas, quasi pennugentas, e as das costas fortes e resistentes.

O HOATZIN DE POUPA

Sonnini descreveu esta especie sob a designação de *Sasa*.

CARACTERES

O adulto tem a nuca, as costas, as azas, a metade posterior das remiges secundarias e as rectrizes trigueiras com reflexos de um verde bronzeado nas remiges secundarias posteriores, as pennas do pescoço e do alto das costas raiadas de amarello claro na haste, as escapulares bordadas de amarello claro, as pequenas coberturas esbranquiçadas nas barbas externas, a garganta, a parte anterior do pescoço e o peito esbranquiçados, o ventre, as pernas, o uropigio, as remiges primarias e a metade anterior das remiges secundarias de um ruivo claro, as pennas da poupa de um branco amarellado, sendo as posteriores bordadas de negro, os olhos castanhos claros, as partes desnudadas da face de um vermelho côr de carne, o bico trigueiro, mais claro na ponta, finalmente os pés côr de carne.

Esta especie mede sessenta e seis centimetros de comprimento; a extensão da aza é de trinta e seis centimetros e a da cauda de trinta.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

O hoatzin de poupa é proprio da America meridional. É muito commum nas margens do Amazonas, onde é conhecido pelo nome vulgar de *teiganhe*.

COSTUMES

Segundo Sonnini, esta especie não se encontra nem nas grandes florestas, nem nos logares elevados. Empoleira-se durante o dia nos ramos das arvores á beira de cursos d'agua; de manhã e de tarde occupa-se em procurar alimentos.

Segundo o mesmo auctor, o hoatzin de poupa não é timido, decerto porque o homem lhe não dá caça e tambem porque habita logares poucas vezes atravessados pela nossa especie. Não desce a terra; move-se constantemente nos ramos.

Mas esta ultima affirmação de Sonnini é contraditada por Schomburgk. «A minha attenção, diz este escriptor, foi attraída por um grito rouco que echoava nos bosques marginaes do rio. Approximei-me prudentemente e vi um bando muito numeroso de grandes aves. Eram hoatzins de poupa, *aves fetidas,* como lhe chamam os colonos. Este nome indica uma das particularidades mais curiosas d'estas aves; mesmo sem as vêr, reconhece-se a sua presença. Exalam um cheiro de tal modo desagradavel que os proprios indigenas se recusam a comel-as. Este cheiro assemelha-se ao do estrume fresco do cavallo; é de tal modo penetrante que a pelle d'estas aves o conserva durante muitos annos.

«O bando era formado por muitos centos de individuos; uns aqueciam-se ao sol, outros corriam pelas mattas ou voavam. Parecia ser a quadra dos amores. De um só tiro matei muitos. Nos velhos as pennas compridas da cauda achavam-se gastas nas extremidades, o que indica que estas aves correm muito por terra para procurarem os alimentos, arrastando a cauda pelo chão.» [1]

Por outro lado, as observações de Bates levam a crêr que os hoatzins não descem a terra senão excepcionalmente; confirmar-se-hiam assim as affirmações de Sonnini.

E talvez todos os observadores tenham razão; é possivel que de ordinario os hoatzins se conservem nas arvores, como affirmam Sonnini e Bates, mas que no periodo da agitação genesica desçam a terra e ahi se demorem, como inculca Schomburgk.

A alimentação d'estas aves compõe-se de fructos.

Segundo Bates, os hoatzins são polygamos. Construem grosseiramente um ninho n'um pedaço de matto pouco elevado, acima do nivel d'agua. Os ovos, em numero de trez ou quatro, apresentam um fundo branco

[1] Citado por Brehm, *Loc. cit.*, pg. 492.

acinzentado com maculas avermelhadas; assemelham-se pela forma aos dos jacús.

OS CRYPTURIDIOS

Estas aves teem um tronco espesso, por effeito do desenvolvimento dos musculos peitoraes, um pescoço comprido e fino, a cabeça pequena e achatada, o bico comprido, fino, recurvo, coberto por uma substancia cornea que se continua insensivelmente com a pelle, azas curtas, arredondadas, obtusas, de remiges primarias estreitas e ponteagudas, a cauda nulla ou formada de dez a doze rectrizes estreitas, curtas, inteiramente escondidas pelas sobrecaudaes, tarsos altos, a planta dos pés rugosa, o pollegar sempre inserido a grande altura, as pennas da cabeça e do pescoço pequenas e as do tronco grandes.

Os dois sexos apresentam a mesma plumagem.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Encontram-se n'uma grande parte da America do Sul.

COSTUMES

Habitam as localidades mais diversas. Uns só vivem em logares descobertos, outros só nas florestas mais densas, uns nas planicies, outros

nas montanhas; ha-os mesmo que se não encontram senão a uma altitude de quatro mil metros acima do nivel do mar.

Poucas vezes voam; correm nas mattas e nas hervas altas. Em marcha conservam sempre os tarsos um pouco incurvados e o pescoço mais ou menos estendido, o que basta para facilmente serem reconhecidos.

Não teem uma organisação perfeita, antes são n'elles pouco desenvolvidas as faculdades physicas e intellectuaes. Correm bem, mas voam pezadamente. Se um perigo os ameaça ficam como petrificados. A voz compõe-se de uma serie de assobios fortes e fracos, differindo tanto dos gritos das outras aves que surprehendem naturalmente quem quer que os ouça. Alguns fazem-se ouvir ao começo da noite e de manhã quando abandonam o logar em que repousaram. Outros gritam todo o dia.

Os crypturidios alimentam-se de grãos, de fructos, de folhas e de insectos; parece que consomem todo o seu tempo em procurar alimentos. Uns certos grãos que ingerem dão-lhes á carne um gosto amargo.

Quanto á reproducção sabe-se que nidificam em terra e que os ovos são de côr viva e brilhante. Os filhos crescem depressa e tornam-se dentro de pouco tempo independentes.

CAÇA

Os crypturidios podem considerar-se em materia de caça como os representantes na America do Sul das perdizes. A caça que se lhes faz e em que se emprega as armas de fogo, os laços, as armadilhas e os cães, é muito activa.

INIMIGOS

Todos os mamiferos carniceiros, todas as aves de rapina e até grande numero de insectos são inimigos declarados dos crypturidios. Estes desgraçados poucos meios teem de escapar a tão grande perseguição. O vôo pezado que os caracterisa e a intelligencia obtusa que possuem não lhes permittem conjurar as perseguições que lhes movem tantas e tão differentes especies.

CAPTIVEIRO

Entre os indigenas não é raro encontrar os crypturidios captivos. Na Europa teem apparecido alguns. São porém animaes estupidos que não chegam á plena domesticidade e que não convem possuir.

OS INHAMBÚS

É este o nome vulgar dado no Brazil aos individuos que constituem o genero *Crypturus*.

CARACTERES

Teem o corpo espesso, o pescoço curto como o do pombo, a cabeça muito grande, o bico mais comprido que a cabeça, fino, achatado anteriormente, levemente recurvo, de aresta fortemente achatada atraz, as azas curtas, obtusas, sendo a quarta remige a mais comprida, a cauda nulla, os pés de comprimento medio, um dedo posterior reduzido á porção da unha e uma plumagem abundante, de côr escura.

O INHAMBÚ PERDIZ

É esta a especie unica sobre a qual repousa o genero que acabamos de descrever.

CARACTERES

Esta especie tem a cabeça, o pescoço e o peito cinzentos, as costas, as azas e as coberturas da cauda de um trigueiro vermelho, as pennas do uropigio negras ou trigueiras escuras, bordadas de branco e de amarello, os olhos amarellos avermelhados, o bico côr de coral e os pés côr de carne.

Esta especie mede vinte e seis centimetros de comprimento e quarenta e um de envergadura.

A femea não differe do macho.

Os não adultos teem a cabeça, o pescoço e a face inferior do corpo de um cinzento atrigueirado sujo, o ventre amarello escuro com maculas transversaes anegradas.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Esta especie é propria do leste do Brazil.

COSTUMES

O inhambú perdiz encontra-se em todas as mattas; se nem sempre se consegue vêl-o, ouve-se pelo menos. Segundo o principe de Wied, é menos commum nas grandes florestas do que nos logares descobertos onde crescem hervas altas.

Corre muito rapidamente em terra. Faz-se ouvir principalmente de tarde.

Aninha em terra e põe muitos ovos côr de chocolate com leite e do volume dos ovos de pomba.

CAÇA

Segundo o principe de Wied, a caça ao inhambú perdiz não é difficil; reclama apenas alguma paciencia, porque é preciso abeiral-o sem que elle sinta.

CAPTIVEIRO

Parece que é facil reduzir esta ave ao captiveiro e mesmo leval-a a um certo grao de domesticidade.

USOS E PRODUCTOS

A carne do inhambú perdiz é muito boa, muito saborosa, ao que dizem os viajantes.

A PERDIZ DE MATTO GROSSO

Esta especie pertence ao genero *Rhynchotus* cujos individuos se caracterisam assim: Teem o corpo vigoroso, o pescoço muito comprido, a cabeça pequena, o bico tão comprido como a cabeça, ligeiramente recurvo, arredondado na extremidade, as azas curtas, as remiges primarias ponteagudas, sendo a primeira muito curta e a quarta a mais comprida, tarsos altos e fortes, dedos anteriores compridos, o dedo posterior bem desenvolvido, as faces e as linhas naso-oculares cobertas de pennas curtas.

CARACTERES ESPECIFICOS

Esta especie tem a garganta esbranquiçada, o vertice da cabeça raiado de negro, as costas, as azas e as coberturas superiores da cauda raiadas de negro, tendo cada penna na extremidade uma bordadura estreita, amarella, precedida de duas largas raias negras (das quaes a superior é limitada de cada lado por uma raia amarella ruiva clara) as remiges primarias ruivas, as secundarias côr de chumbo, veinuladas de negro e cinzento, os olhos castanhos arruivados, o bico cobreado, a base da mandibula inferior de um amarello trigueiro palido e os pés côr de carne.

Esta especie mede quarenta e quatro centimetros de comprimento; a extensão da aza é de vinte e dois centimetros.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

A perdiz de Matto Grosso é commum nos campos do centro do Brazil. Encontra-se tambem frequentemente no territorio da Republica Argentina.

COSTUMES

Esta especie vive solitaria. É de uma excessiva timidez. Na planicie de Val Donado conta Darwin que encontrou centos d'estas aves que, espantadas á vista de uma caravana, se reuniram, contra o costume, em bandos e perderam inteiramente a presença de espirito quando os cavalleiros as apertaram n'um circulo que excessivamente ia estreitecendo.

A perdiz de Matto Grosso só de noite procura alimentos. Nidifica em terra. Os ovos, em numero de sete a nove por postura, são pardos com cambiantes violetas, de superficie brilhante e como polida.

CAÇA

A timidez excessiva da perdiz de Matto Grosso é uma consequencia da caça tenacissima que lhe movem os indigenas.

Quando é perseguida, esta ave deita-se por terra. Os indigenas co-

nhecem muito bem esta particularidade. As creanças mesmo caçam esta ave a laço.

USOS E PRODUCTOS

A caça feita a esta especie justifica-se pela excellencia da carne, que constitue «um dos melhores pratos que o viajante pode comer no Brazil ou na Republica Argentina.» [1]

O INHAMBÚ CARAPÉ

Esta especie, descripta por Azara, pertence ao genero *Nothura* cujos individuos se caracterisam assim: Teem uma plumagem frouxa, composta, de pennas compridas e estreitas, o bico relativamente curto, fortemente recurvo na ponta, a primeira remige atrophiada, a segunda muito comprida, a quarta a mais extensa, as coberturas da cauda muito molles e os pés fortes, tendo o dedo posterior muito desenvolvido.

CARACTERES ESPECIFICOS

No macho d'esta especie as sobrecaudaes, muito numerosas e pennugentas, alongam-se consideravelmente de modo a arrastarem como a cauda do pavão.

[1] Brehm, *Obr. cit.*, pg. 495.

Esta ave tem as costas amarellas acinzentadas, o peito amarello esbranquiçado, a garganta e o meio do ventre de um branco puro, as pennas das costas raiadas transversalmente de negro e bordadas lateralmente de cinzento claro, o alto da cabeça e a nuca manchados, a parte inferior do peito, o ventre e os lados do tronco transversalmente raiados.

Esta ave mede dezesete centimetros de comprimento e vinte e seis de envergadura.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Esta especie habita o Paraguay.

COSTUMES

Procura os logares em que cresce herva e vive sempre occulto. Não vôa senão quando vê o caçador muito perto; e mesmo n'este caso não vôa até muito longe. Sabe porém occultar-se admiravelmente. Se o descobrem outra vez, torna a erguer vôo e passa a esconder-se; mas se d'esta vez o descobrem de novo, prefere que lhe passem por cima a tornar a tomar vôo. N'estas condições, diz Azara, é facil apanhal-o á mão.

O inhambú carapé passa uma vida silenciosa, excepto na quadra dos amores em que faz ouvir um grito agudo.

CAPTIVEIRO

De ordinario o inhambú captivo vive pouco tempo, porque se recusa a tomar alimentos.

O INHAMBÚ MACUCO

Esta especie pertence ao genero *Trachynelmus,* cujos individuos se caracterisam assim: Teem o corpo refeito, diz Brehm, o pescoço curto e fino, a cabeça pequena, o bico forte, quasi do comprimento da cabeça, levemente recurvo, profundamente fendido, de aresta achatada, as azas fortes, curtas, arredondadas, obtusas, sendo a quinta remige a mais comprida, a cauda muito curta, um pouco arredondada, inteiramente occulta pelas sobrecaudaes e os pés fracos, de dedos curtos, sendo o posterior pequeno e inserido muito alto.» [1]

CARACTERES ESPECIFICOS

O inhambú macuco tem as costas trigueiras e ruivas, transversalmente raiadas de negro, o ventre e o peito pardos amarellos, de raias mais estreitas e mais pronunciadas para o lado das coxas, a garganta esbranquiçada, o pescoço marcado por uma raia amarello-ruiva, dirigindo-se de cada lado para traz, e com pontas brancas e negras nas regiões lateraes, os olhos castanhos pardacentos, o bico trigueiro na face inferior, cinzento claro aos lados e os pés côr de chumbo.

Esta especie mede cincoenta e um centimetros de comprimento e oitenta e cinco de envergadura; a extensão da aza é de vinte e cinco centimetros e a da cauda de onze.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Esta especie é propria do Brazil.

[1] Brehm, *Loc. cit.*, pg. 496.

COSTUMES

O inhambú macuco, affirma o principe de Wied, habita todas as grandes florestas virgens da parte quente da America do Sul. De dia conserva-se em terra onde corre muito rapidamente; á tarde ergue ruidosamente o vôo e empoleira-se em qualquer ramo baixo para ahi passar a noite.

Alimenta-se de fructos e de insectos.

De ordinario, só solta a voz de manhã e ao fim da tarde. A voz consiste n'um grito, especie de assobio, muito baixo, surdo de uma só nota.

Nidifica em terra, n'uma ligeira depressão. Ahi se encontram no mez de Setembro nove a dez ovos, algumas vezes mais, grandes, bellos, de um verde azulado. A femea choca com ardor tal que muitas vezes os cães a apanham viva.

CAÇA

O inhambú macuco é, no dizer de Burmeister, uma das caças favoritas dos brazileiros. N'esta caça emprega-se as armadilhas; um processo empregado tambem é o de imitar-lhe a voz para o apanhar quando elle responde.

O quadro seguinte resume as especies mencionadas da ordem dos gallinaceos:

- GALLINACEOS....
  - POMBOS......
    - O POMBO TROCAZ
    - A POMBA
    - OS POMBOS BRAVOS
    - OS POMBOS MANSOS
    - O POMBO CORREIO
    - O POMBO VIAJANTE
    - A ROLA
    - A ROLA DE COLLEIRA
    - O NICOBAR DE COLLEIRA
    - A GOURA DE POUPA
  - GALLINACEOS PROPRIAMENTE DITOS
    - O CORTIÇOL DE BARRIGA NEGRA
    - O CORTIÇOL
    - O TETRAZ GRANDE DAS SERRAS
    - O TETRAZ PEQUENO DAS SERRAS
    - O TETRAZ MALHADO DAS AVELLEIRAS
    - O LAGOPEDE BRANCO
    - AS PERDIZES
    - A PERDIZ
    - A BARTAVELLA
    - A PERDIZ DAS ROCHAS
    - A PERDIZ CINZENTA
    - O FRANCOLIM
    - OS ODONTAPHORIDIOS
    - A CAPOEIRA COMMUM
    - A PERDIZ DA VIRGINIA
    - A PERDIZ DE POUPA DA CALIFORNIA
    - AS CODORNIZES
    - A CODORNIZ
    - O TOIRÃO DO MATTO
    - O TOIRÃO IMPEY
    - O GALLO
    - O GALLO DE BANKIVA
    - RAÇAS DE GALLINHAS DOMESTICAS
    - O FAISÃO ORDINARIO
    - O FAISÃO PRATEADO
    - O FAISÃO DOURADO
    - O ARGOS
    - O PAVÃO
    - AS PINTADAS
    - A PINTADA OU GALLINHA DA INDIA
    - O PERU
    - OS MEGAPODIOS
    - O MEGAPODIO DA AUSTRALIA
    - OS CRACIDIOS
    - OS MUTUNS
    - O MUTUM
    - OS JACÚS
    - O JACÚ PEMBA
    - OS HOATZINS
    - OS INHAMBÚS
    - O INHAMBÚ-PERDIZ
    - O INHAMBÚ-CARAPÉ
    - O INHAMBÚ-MACUCO

ORDEM DAS PERNALTAS

CONSIDERAÇÕES GERAES

As pernaltas, que constituem a quinta ordem de Cuvier, são tambem entre nós conhecidas pelo nome de *ribeirinhas,* decerto pela circumstancia de habitarem, senão todas ao menos a maior parte, á beira d'agua.

CARACTERES

O caracter mais saliente das aves d'esta ordem é a existencia de tarsos desnudados e altos, por vezes mesmo de dimensões extraordinarias. Sirvam de exemplo comprovativo as cegonhas.

O bico nas pernaltas apresenta formas muito differentes. Geralmente é comprido; pode ser grosso ou fino, conico ou chato, rombo ou ponteagudo, robusto ou fraco, segundo os generos. O pescoço é sempre delgado e comprido, em harmonia com a extensão desmesurada dos membros inferiores. São estes os caracteres que na generalidade podemos apontar. Fazendo a descripção singular das especies, completaremos este estudo. Aqui acrescentaremos apenas, em relação a caracteres internos, que a columna vertebral é formada de treze a dezoito vertebras cervicaes, de sete a dez dorsaes, de treze a dezeseis sagradas e de sete a nove cau-

daes. O esqueleto dos membros é bem desenvolvido; o esterno é muitas vezes profundamente chanfrado no seu bordo posterior. A lingua varia muito, mas de ordinario é curta e obtusa. O esophago é vasto, não munido de papo propriamente dito, mas provido de uma dilatação por vezes consideravel. O ventriculo succenturiado é pequeno, o estomago membranoso e dilatavel e o intestino geralmente comprido.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

«Poucos animaes, diz Brehm, são tão aptos como as pernaltas a accommodar-se a todas as localidades, a todos os climas. São verdadeiras aves cosmopolitas; e não são sómente familias, são mesmo especies que se encontram em toda a superficie da terra, em todas as zonas.» [1]

COSTUMES

Como Brehm affirma, as pernaltas encontram-se em toda a parte: junto dos cursos d'agua, nos logares baixos, como nas montanhas elevadas, no limite das neves perpetuas, junto dos geleiros, nos pantanos como nos desertos queimados pelo sol ou nos rochedos mais desamparados. Nas regiões polares a área de dispersão d'estas aves estende-se até onde o mar é livre. São ellas que com as aves aquaticas animam o mar e povoam as costas; são ellas tambem que habitam os pantanos e as margens dos rios. Quanto mais nos approximamos do equador maior numero vemos de pernaltas; ellas contribuem para dar á região um aspecto caracteristico.

Mas já nos paizes do meio-dia da Europa apparecem em grande numero. «Nada mais attrahente nem mais bello, escreve Baldaenus, que os pantanos da Hungria povoados de aves, notaveis tanto pelo numero como pela diversidade das especies. Adquiramos conhecimento d'estas aves aquaticas e dos pantanos n'um museu; depois imaginemol-as reunidas, patenteando as suas côres differentes, o branco de neve, o amarello-palha, o cinzento, o negro, o amarello d'ouro, o purpura, uns com poupa, outros empenachados, uns de pernas altas, outros de pernas curtas, e todos correndo, trepando, nadando, mergulhando, voando, vivendo emfim.

[1] Brehm, *Loc. cit.*; pg. 530.

destacando-se sobre o azul do ceu, sobre o verde dos prados e conceder-me-hão que esta população allada dos pantanos deve offerecer um espectaculo surprehendente.» [1]

É porém nas regiões tropicaes que as pernaltas apparecem como individuos e especies em numero verdadeiramente prodigioso; chega a admirar-se o observador de que os recursos da natureza cheguem para satisfazer as necessidades de tantas aves. Como é possivel saciar tantos milhares d'aves? Eis a primeira pergunta que occorre ao espirito de quem quer que visite os tropicos, o logar de eleição das pernaltas.

«Impellido por um forte vento norte, diz Brehm, o meu barco, fendeu durante trez dias as ondas pardacentas do Nilo, percorrendo em cada um pelo menos cento e cincoenta kilometros; pois em todo o tempo eu não vi nas duas margens do rio e nas ilhas mais que uma fila ininterrompida de pernaltas repousando, correndo, pescando, banhando-se. Havia ahi centenas de milhares de individuos de uma mesma especie e cincoenta especies differentes. Cada pantano, cada cova onde se accumula agua da chuva ou das inundações acha-se coberto por um numero equivalente d'estas aves. O habitante do Norte que nunca viu agglomerações d'estas chega a duvidar da sua existencia; mas o que uma vez as viu, é forçado a confessar que lhe faltam palavras com que as descreva. Pode avaliat-as por um minimo, mas ficará sempre abaixo da realidade.

«O mesmo acontece no sul da Asia, nas grandes ilhas visinhas, na America central e na America meridional. O viajante que sobe um dos grandes rios das Indias, de Malaca, de Sião, fica primeiro espantado á vista das flores brancas, soberbas, que brilham sobre as arvores; mas fica bem mais surprehendido quando, approximando-se, verifica que está em presença de flores vivas, que está á frente de pernaltas empoleiradas aos milhares sobre as arvores. Ao longo dos lagos juntam-se quantidades innumeraveis d'estas aves, que muitas vezes formam fileiras cerradas de muitas milhas de extensão.» [2]

Ás vezes n'um pantano encontram-se milhões de ribeirinhas procurando alimentos sob a tyranica exigencia do instincto de conservação. Este espectaculo agrada e mais agradaria ainda, affirmam Spix e Martius, «se o resultado das nossas reflexões nos não descobrisse que a guerra, sempre a guerra é a sorte e o fim ultimo e mysterioso da existencia animal.»

A citação precedente é plenamente justificavel. Todas as pernaltas

[1] Citado por Brehm, *Loc. cit.,* pg. 531.
[2] Brehm, *Loc. cit.,* pg. 357.

teem um regime alimentar mais ou menos animal. Aquellas mesmas que comem vegetaes não podem abster-se completamente de substancias de natureza animal. Algumas rivalisam na ferocidade com as aves de rapina, attacando não só animaes inferiores, mas ainda vertebrados, taes como ratos, peixes e reptis. Os insectos, os vermes e os molluscos entram no regime alimentar da maxima parte das pernaltas; mas é sobretudo na agua que elles encontram o alimento.

Figuier diz tambem a este proposito: «O regime nutritivo das pernaltas varía com a forma e o vigor do bico assim como com o meio que habitam: esse regime consiste principalmente em peixes, batrachios, molluscos, vermes, insectos, algumas vezes em pequenos mamiferos e em reptis, mais raramente em hervas e sementes. Devemos crer que este regime é maravilhosamente proprio a desenvolver as qualidades saborosas da carne, porque é n'esta ordem que se encontra as aves mais succulentas. Basta citar a batarda, a tarambola e a gallinhola para fazer crescer a agua na bocca a toda uma legião de gastronomos.» [1]

Sob o ponto de vista das faculdades, as pernaltas ou ribeirinhas cedem pouco á maioria das outras aves. «Não é possivel, diz Brehm, comparal-as aos papagaios e ás aves canoras, porque não possuem as faculdades desenvolvidas dos primeiros, nem a voz e os modos vivos, desenvoltos e alegres dos segundos; são porém, superiores a muitas aves que conhecemos.» [2]

A marcha varía desde o passo lento e magestoso até á mais rapida corrida. O vôo não varía menos: as que correm muito rapidamente voam tambem depressa; as que marcham lentamente, não percorrem o espaço senão batendo as azas devagar. Algumas pernaltas elevam-se no ar com tanta rapidez como a de ave de rapina quando cáe sobre a presa; outras avançam pezadamente, quasi com custo; outras voando, descrevem circulos como as aves de rapina. N'uma palavra, as pernaltas são notaveis pela variedade do vôo. Algumas ha que vivem bem nas arvores; mas em geral encontram-se ahi como estranhas. Na epocha da reproducção porém, é nas arvores que se empoleiram para passarem a noite e é ahi que construem o ninho.

A maior parte das pernaltas são dominadoras na agua. Exceptuando aquellas que se distinguem pelos seus habitos exclusivamente terrestres, todas nadam, e algumas muito bem; algumas mesmo podem considerar-se verdadeiras aves aquaticas, nadando e mergulhando maravilhosamente.

[1] **Figuier, *Les Oiseaux*, pg. 113–114.**
[2] **Brehm, *Loc. cit.*, pg. 357.**

Como observa Figuier, sob o ponto de vista da voz a natureza dotou mal as pernaltas. Algumas ha, mas em pequenissimo numero, que possuem desenvolvida a faculdade de emittir sons; mas mesmo n'estas a voz não é agradavel. A maior parte d'ellas não emittem um som unico ou emittem sons roucos e abafados.

Possuem funcções sensoriaes desenvolvidas. Não ha uma só que tenha a vista fraca, o ouvido obtuso, o tacto pouco sensivel; não ha mesmo uma só, pretende Brehm, cujo gosto e olfato sejam tão rudimentares como se pensa. Examinando attentamente as pernaltas captivas, insiste o naturalista citado, vê-se que ellas sabem perfeitamente distinguir os alimentos saborosos dos que o não são. Em algumas o bico é um orgão de tacto tão delicado e tão sensivel talvez como os nossos dedos.

Todas as pernaltas são prudentes e algumas intelligentissimas.

Ha especies inteiramente inofensivas e outras absolutamente crueis e tão ferozes como as aves de rapina.

O verdadeiro instincto de sociabilidade existe só entre as especies eguaes em força, entre as que se não temem. As especies fracas e pequenas vivem em receio permanente das especies grandes e fortes. Só n'um momento de perigo commum é que estas differentes especies se reunem inteiramente, reconhecendo-se então que as menos prudentes sabem perfeitamente tirar partido da maior intelligencia das outras.

«É difficil descrever de uma maneira geral, diz Brehm, o modo de reproducção das pernaltas, porque a fórma e posição do ninho, o numero, a grandeza e a coloração dos ovos, o modo de desenvolvimento e a educação dos filhos, tudo varia consideravelmente. Uns são creados no proprio ninho, outros abandonados logo ao nascer. O ninho ora fluctua sobre a agua, ora consiste n'uma simples depressão praticada na areia; umas vezes é construido nas hervas, outras vezes sobre uma arvore ou em cima de rochedos. Certas especies não produzem mais do que um ovo por postura; outras, a maior parte, produzem trez a cinco e algumas seis a dez.» [1]

Figuier diz sobre o assumpto: «As pernaltas são monogamas ou polygamas, segundo as especies; a historia d'ellas fornecer-nos-ha factos commoventes de dedicação conjugal. Estabelecem os seus ninhos quer nas arvores, quer nos edificios, quer no solo, quer, emfim, no meio das aguas, entre os juncos e as hervas aquaticas. Em geral revelam pouco cuidado na construcção d'estes abrigos. As mais das vezes limitam-se a

[1] Brehm, *Obr. cit.*, pg. 532.

juntar sem arte substancias diversas; algumas vezes mesmo cavam um simples buraco em terra e, sem mais preambulo, ahi depositam os ovos.» [1]

As pernaltas que nidificam na zona temperada são aves emigrantes; aquellas mesmo que em certas regiões não fazem mais do que errar de um logar para outro, emprehendem n'outras regiões extensas viagens. Umas percorrem vastos espaços, outras fixam-se no meio-dia da Europa. As que vivem á beira-mar viajam ao longo das costas; as que habitam o equador fazem verdadeiras emigrações.

INIMIGOS

As pequenas especies teem por inimigos todos os carniceiros, todas as aves de rapina, e, o que é mais, as grandes especies que lhes destroem a prole.

CAÇA

Aos inimigos que acabamos de nomear devemos juntar tambem o homem que faz por toda a parte uma perseguição desapiedada á grande maioria das especies.

CAPTIVEIRO

Ha especies que não podem nunca habituar-se á perda da liberdade; a maior parte d'ellas porém, adaptam-se facilmente ao captiveiro e attingem um alto grao de domesticidade.

USOS E PRODUCTOS

Em muitas especies a carne é excellente.

[1] Figuier, *Obr. cit.*, pg. 114.

CLASSIFICAÇÃO

A divisão ou distribuição das aves comprehendidas na ordem das pernaltas ou ribeirinhas, em pequenos sub-grupos ou familias, tem sido um problema vivamente agitado pelos naturalistas e ao qual pode dizer-se que ainda hoje está por encontrar uma solução inteiramente acceitavel.

Por nos parecer sufficiente ao nosso fim, manteremos a classificação de Cuvier, acceite por Figuier. O estudo que vamos fazer da especialidade justificará o caminho seguido, crêmos.

AS PERNALTAS EM ESPECIAL

AS PERNALTAS CORREDORAS OU BREVIPENNAS

Estas aves constituem a primeira familia da ordem, segundo Cuvier. A denominação de *corredoras* indica bem um facto capital e caracteristico das aves d'esta familia: a faculdade que possuem de correr com rapidez extrema. A denominação de *brevipennas* indica egualmente um facto importante e tambem salientemente caracteristico: a pequenez das pennas. Esta qualidade é immensamente importante porque d'ella deriva o seguinte facto negativo: a impossibilidade em que estas aves se encontram de voar.

Ouçamos Brehm:

«A faculdade de voar parece-nos tanto ser o caracter essencial das aves que aquellas que a não possuem se nos afiguram seres extraordinarios. O ignorante vê n'ellas animaes phantasticos; e a imaginação trabalha por explicar o phenomeno. Um velho *cheick* do Kordofahn contou-me a lenda que explica ter perdido o avestruz a faculdade de voar. Segundo essa lenda, o avestruz n'um momento de orgulho insensato tentou erguer-se até ao sol, cujos raios lhe queimaram as pennas; tombou então miseravelmente por terra e ainda hoje, impossibilitado de voar, tem no peito os vestigios da queda. Mais antiga, mas menos poetica, é a opinião dos que vêem no avestruz um mestiço de duas especies differentes: o camelo e uma ave fabulosa do deserto. Esta crença apparece em narrativas que datam da mais alta antiguidade e os vestigios d'ella ficaram no nome scientifico da especie *(Struthio camelus* de Linneu). Essa crença manifestou-se ainda por outro modo: tem-se querido vêr nos

brevipennas as aves mais perfeitas e collocal-as por isso á frente de toda a classe.» [1]

Actualmente as brevipennas constituem apenas uma divisão das aves corredoras.

CARACTERES

As brevipennas ou pernaltas corredoras são as maiores de todas as aves. Teem o pescoço sempre muito comprido, o tronco volumoso, o bico de ordinario muito curto, largo e obtuso, delgado e alongado só n'uma familia, as narinas situadas na ponta ou perto da ponta do bico, as azas atrophiadas, as pernas, pelo contrario, extremamente desenvolvidas, as coxas grossas, musculosas, os pés compridos, fortes de dois, trez ou quatro dedos, finalmente as pennas como pilosas. Não teem nem remiges, nem rectrizes.

O esterno é chato, perfeitamente em conformidade com a atrophia das azas e a impossibilidade de voar. As apophyses costaes e os ossos das azas são excessivamente curtos em relação com as dimensões da ave. A bacia é longa e estreita. A lingua é curta e lobada nos bordos; o estomago é grande e o intestino comprido. Estas aves não teem larynge inferior, mas algumas especies possuem na parte inferior da trachea um sacco membranoso que a ave pode á vontade encher de ar ou esvasiar e que serve indubitavelmente para a producção de sons.

De todos os sentidos parece ser a vista o mais desenvolvido; o ouvido e o olfato são mediocres, o tacto e o gosto obtusos.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

As pernaltas corredoras ou brevipennas não se encontram na Europa, nem na Asia. A Africa possue uma especie, a America trez e a Oceania nove.

[1] Brehm, *Obr. cit.*, vol. 4.º, pg. 497.

COSTUMES

D'estas aves umas vivem em logares aridos, arenosos, no deserto e nas *steppes*, outras habitam as florestas. Estas são solitarias; aquellas formam muitas vezes bandos numerosos.

Sob o ponto de vista da intelligencia estas aves não são bem dotadas.

São timidas e fogem do homem. Vivem ordinariamente em boa harmonia, sem comtudo se testemunharem um grande affecto.

Todas estas aves, como o nome indica, correm admiravelmente; algumas nadam muito bem.

Alimentam-se de substancias vegetaes e de pequenos animaes; estes ultimos constituem a alimentação unica dos não-adultos. Não pode bem dizer-se que as pernaltas corredoras sejam vorazes; comtudo algumas teem a tendencia irresistivel a engulir todos os objectos que podem passar-lhes pelo esophago e a encher o estomago de substancias perfeitamente indegeriveis.

O modo de reproducção das pernaltas corredoras é, no dizer de Brehm, muito singular. Algumas especies parece viverem em monogamia; outras são polygamicas. Comtudo Brehm põe em duvida que trez ou cinco femeas que seguem um macho e que põe em commum sejam tão fieis ao chefe do bando como se tem dito. É possivel que entrem em coito com outros machos, passando de uns a outros. Um facto porém ha perfeitamente constante e digno de ser mencionado: em todas as especies cujo modo de reproducção é conhecido, o macho toma sobre si o cumprimento de deveres que em outras aves pertencem á femea. Assim é que elle choca os ovos, guia, conduz e defende os filhos por cuja sorte a femea se inquieta pouco. Em frente de um rival o macho é ciumento; em face dos filhos é de uma doçura que não cede á do geral das mães.

CAÇA

Em toda a parte onde existem e desde os mais affastados tempos, as pernaltas são perseguidas com tenacidade.

CAPTIVEIRO

Todas as especies conhecidas se reduzem facilmente ás condições de captiveiro em que vivem muito tempo e em que se reproduzem. Mas como são estupidas, não chegam nunca a distinguir os guardas e não attingem aquelle grao de domesticidade a que se elevam tantas especies já por nós estudadas em outras ordens.

USOS E PRODUCTOS

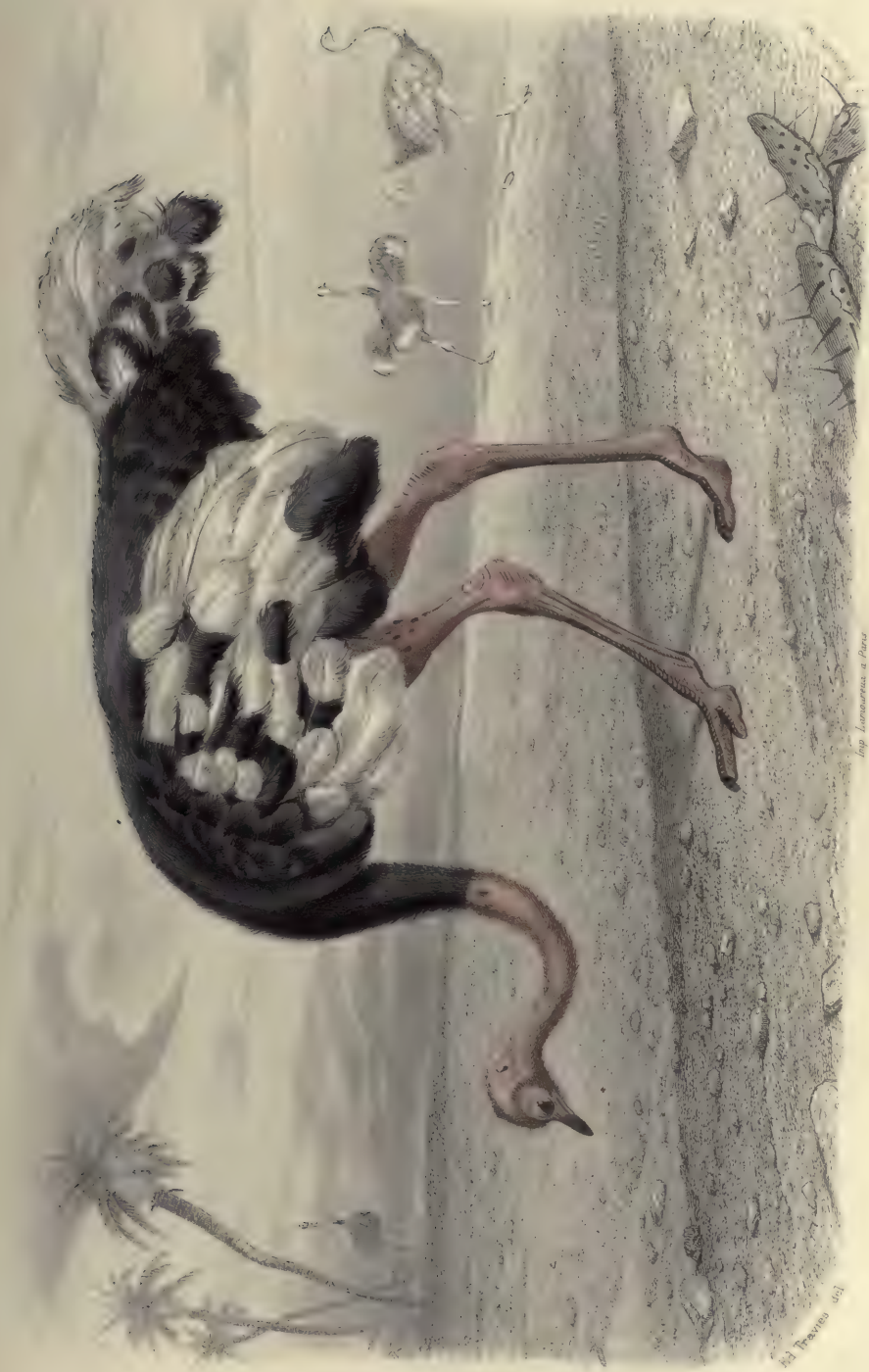
A necessidade de procurar as pennas d'estas aves e a sua carne que é boa e abundante justifica a caça que lhes é feita.

OS AVESTRUZES

O genero que vamos estudar pode considerar-se como o typo da familia *Struthiones,* caracterisada pela existencia nos individuos que a formam de um bico recto, cabeça desprovida de ornatos, pescoço comprido e delgado e unha do dedo externo, quando este existe, muito curta.

CARACTERES DO GENERO

Aos caracteres de familia mencionados devemos accrescentar como pertencendo ao genero os que seguidamente vamos expor.

Os avestruzes propriamente ditos teem um corpo volumoso, um pescoço quasi inteiramente desnudado, um bico de comprimento medio, direito, obtuso, arredondado na extremidade, coberto de uma lamina cornea, de mandibulas flexiveis e fendido quasi até debaixo dos olhos,

O ABESTRUZ

narinas oblongas, prolongando-se até ao meio do bico, olhos grandes e brilhantes, guarnecidos de pestanas na palpebra superior, orelhas nuas e largas, pernas compridas e muito robustas, desprovidas de pennas, tarsos cobertos de escamas e terminando por dois dedos, dos quaes um, o externo, é desprovido de unha e o outro tem uma unha comprida, larga e romba, azas armadas de um duplo esporão, muito grandes, mas improprias para o vôo, sendo as remiges substituidas por pennas compridas, frouxas e pendentes, a cauda formada por pennas analogas ás das azas, as pennas do tronco frouxas e crespas, finalmente um espaço calloso, nu, no meio do peito.

Este genero repousa sobre uma especie unica de que passamos a occupar-nos.

O AVESTRUZ

«Se é permittido, diz Brehm, comparar dois animaes de classes differentes, póde dizer-se que o avestruz é o camelo transformado em ave. Estes dois seres teem com effeito caracteres communs que os antigos haviam já approximado. Um e outro são verdadeiros filhos do deserto, possuindo estructura e caracteres admiravelmente apropriados ás necessidades do logar habitado.» [1]

CARACTERES

No avestruz a côr da plumagem varía com os sexos. O macho tem todas as pennas do tronco negras como carvão, as das azas e da cauda de um branco brilhante, o pescoço vermelho, as coxas côr de carne, os olhos castanhos e o bico pardo amarellado. A femea tem as pennas do tronco de um pardo atrigueirado, cambiando para negro na proximidade da cauda e das azas, que são de um branco sujo.

O macho tem dois metros e sessenta centimetros de altura e dois me-

[1] Brehm, *Loc. cit.*, pg. 499.

tros de comprimento desde a ponta do bico até á extremidade da cauda. O pezo é de cerca de setenta e cinco kilogrammas.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

O avestruz habita todas as *steppes* d'Africa e os desertos que possuem alguns oasis.

Decerto foi em tempo passado mais commum do que é hoje; habitava localidades e regiões d'onde hoje desappareceu completamente. Mas então como hoje, era uma ave do deserto.

Encontra-se em todo o Sahara, desde a vertente meridional do Atlas até ás margens do Nilo. Encontra-se ainda no deserto da Lybia, em todas as *steppes* da Africa central e nas planicies que ficam ao sul d'esta parte do mundo.

COSTUMES

O avestruz é uma ave sociavel que vive em bandos algumas vezes consideraveis. Lichtenstein no começo do seculo actual viu ainda bandos numerosos nas cercanias do Cabo, principalmente ao nivel de Kromberg; outros viajantes fallam de reuniões de muitos centos de individuos. «A monotonia da nossa viagem, escreve Lichtenstein, foi agradavelmente cortada pela apparição de um bando numeroso de avestruzes que descobrimos em frente de nós, á direita e á esquerda do caminho e dos quaes podémos approximar-nos sem sermos percebidos. O numero d'estas aves podia bem calcular-se em trezentos.» [1]

Este mesmo auctor affirma que a seccura fórça muitas vezes os avestruzes a abandonarem as planicies e a procurarem os logares altos. Quando se acham reunidos em grande numero continuam o seu caminho em commum e o bando vae successivamente crescendo pela incorporação de novos individuos que chegam.

Ao norte d'Africa não teem logar semelhantes agglomerações. Ahi, como no sul, o avestruz na quadra dos amores vive em pequenas familias compostas de um macho e duas ou quatro femeas. Cada familia parece ter um certo dominio de que se affasta pouco.

A presença da agua é a primeira condição que o avestruz exige para

[1] Citado por Brehm, *Loc. cit.*, pg. 499.

fixar-se n'uma certa localidade. Lichtenstein observou que os avestruzes marcham sempre pelos mesmos caminhos em direcção ás fontes costumadas, formando assim verdadeiras veredas que nas regiões desertas fazem crêr ao viajante na existencia de vestigios humanos. Nas regiões em que as differenças das estações não exercem sobre a vegetação uma grande influencia e em que não é forçado a emigrar, o avestruz conserva-se todo o anno nos dominios que escolheu e cujos limites raras vezes ultrapassa.

Correndo, o avestruz é de uma rapidez prodigiosa. Anderson affirma que um avestruz perseguido pode correr uma milha ingleza em meio minuto pouco mais ou menos. Segundo Brehm ha exageração n'esta affirmativa; é porém positivamente certo que o avestruz não só rivalisa em velocidade com o cavallo de corridas, mas até o vence. De resto, o avestruz só ao fim de oito a dez horas de uma corrida desesperada é que se fatiga.

Segundo Gosse, o avestruz quando corre mantem o pescoço obliquamente estendido, agita as azas e dilata ao mesmo tempo os saccos aerios. Estes factos são causas convergentes do equilibrio que a ave mantem durante a corrida.

De todos os sentidos do avestruz o mais desenvolvido é a vista; o poder visual é surprehendente e estende-se, no dizer de todos os observadores, a uma distancia de duas leguas approximadamente. O ouvido é tambem muito fino. O olfato, o tacto e o gosto são muito obtusos.

Quanto á intelligencia, não se estabeleceu accordo até hoje entre os observadores. Uns, de accordo com os dizeres biblicos, pensam que o avestruz é um ser estupido; outros fazem a apologia da sua prudencia, signal de intendimento. Brehm inscreve-se entre os primeiros dos escriptores a que nos referimos. Diz elle: «Para mim, que vivi muitos annos no meio dos avestruzes, tem razão a Biblia. A meu vêr, o avestruz é uma das aves mais estupidas que existem. É muito desconfiado sem duvida: a cada apparição desacostumada foge perdidamente; não sabe porém julgar dos perigos e um animal inoffensivo pode perturbal-o extraordinariamente. Vive no meio das zebras, prudentissimas e astutas, e tira partido da prudencia d'ellas; mas não é elle que se reune ás zebras, antes são estas que a elle se juntam para aproveitar o signal de fuga que lhes dá uma ave tão timida e tão naturalmente predisposta pela excessiva altura a desempenhar o papel de sentinella. O proceder dos avestruzes captivos indica tambem quanto são pouco intelligentes. Habituam-se, é certo, ao dono e mais ainda a uma dada localidade; mas não aprendem nada e deixam-se cegamente arrastar por todos os impulsos que lhes germinaram no cerebro. As correcções atemorisam-os momentaneamente, mas não lhes servem para regular o procedimento futuro. Ao fim de alguns minutos recomeçam os mesmos actos por que foram cas-

tigados; só receiam o chicote emquanto o sentem.» [1] Decerto, são provas de estupidez as que adduz Brehm. Note-se mais que mesmo em captiveiro, os avestruzes excitados manifestam uma cega ferocidade, impropria de um animal intelligente em domesticidade. Brehm conta o caso de um avestruz que n'um momento de irritação se atirou a uma pobre mulher, á qual todavia estava habituado, arrancando-lhe aos pedaços a pelle do peito com as unhas.

O avestruz alimenta-se principalmente, mas não exclusivamente, de substancias vegetaes. Em liberdade comporta-se como o peru, comendo hervas tenras, grãos e tambem insectos, molluscos terrestres e talvez serpentes e rãs. Em captiveiro come tudo quanto lhe dão e até mesmo tudo o que encontra, ainda que lhe não sirva para digerir, como, por exemplo, pedras, pedaços de panno de côr, etc.; engole tudo isto, como enguliria um fragmento de pão. «Quando me desapparecia qualquer objecto capaz de ser engulido por um avestruz e sufficientemente forte para resistir-lhe ao estomago, ia procural-o aos excrementos da ave, e muitas vezes com resultado. O molho das minhas chaves, que era volumoso, percorreu mais de uma vez esse caminho.» [2]

Brehm, dissecando o avestruz, encontrou-lhe no estomago objectos que pezavam reunidos quatro kilogrammas e duzentas e vinte e oito grammas. Verreaux possuiu um avestruz que enguliu ao mesmo tempo um pedaço de sabão e um castiçal de cobre; este foi expulso algum tempo depois, mas completamente torcido e achatado. Gosse falla de um homem que n'uma exposição de avestruzes se approximou de um e viu n'um momento relogio e corrente passarem ao esophago da ave. Em captiveiro, os frangos e os patinhos são muitas vezes victimas da sofreguidão dos avestruzes. Sofreguidão, dizemos, e não voracidade, porque realmente o avestruz não come muito se attendermos ás suas grandes dimensões. Pode mesmo dizer-se que elle é relativamente sobrio, como bem o demonstra a sua presença em logares pobres.

Instigado pela sede, o avestruz perde a timidez que de ordinario o caracterisa. «Quando os avestruzes se dispõem a beber, diz Anderson, parece que nada vêem, que nada ouvem. N'estas condições matamos em pouco tempo oito d'estas soberbas aves. Chegavam perto da agua ao meio dia; eu não podia approximar-me d'ellas sem ser visto, e comtudo consentiam que me approximasse ao alcance de um tiro de espingarda.»

O modo de reproducção do avestruz é-nos hoje conhecido, graças ás observações feitas em individuos captivos. Lichtenstein diz que na

[1] Brehm, *Loc. cit.*, pg. 501.
[2] Brehm, *Loc. cit.*, pg. 501.

quadra do cio se não encontram nunca mais de quatro ou cinco avestruzes juntos: um macho e trez ou quatro femeas. «Todas as femeas, acrescenta, põem no mesmo ninho, que não passa de uma depressão circular, ligeiramente cavada em terra e de tamanho tal que o avestruz possa cobril-a. Em volta, o avestruz forma com os pés uma especie de aterro contra o qual se encostam os ovos. Desde que dez ovos são postos, os avestruzes principiam a chocar alternando-se: as femeas chocam de dia e os machos de noite. Estes defendem os ovos contra os chacaes e os gatos bravos. Muitas vezes encontram-se junto do ninho os cadaveres de pequenos carniceiros, o que é uma prova da victoria alcançada pelos avestruzes. Uma só pancada com as pernas basta para que o avestruz mate um d'estes animaes.

«As femeas continuam a pôr mesmo depois do ninho se achar completamente cheio. Estes ultimos ovos são collocados sem ordem em torno do ninho; parecem destinados a ser comidos pelos carniceiros que os preferem aos ovos mais adiantados em evolução. Demais, constituem uma reserva alimentar para os avestruzes novos que no momento de nascerem teem as dimensões de um gallo e cujo estomago delicado não pode ainda suportar a alimentação dos adultos. Por isso os paes lhes quebram estes ovos e os alimentam com elles durante os primeiros tempos de existencia.

«Os avestruzes procuram occultar o sitio em que teem o ninho. Nunca para ahi correm directamente, mas descrevendo longos circuitos. As femeas não se substituem immediatamente; affastam-se do ninho para que se não saiba onde põem; muitas vezes abandonam o ninho durante o dia e deixam os ovos expostos ao sol. Quando notam que o homem ou um carniceiro lhes descobriu o ninho, destroem-o, quebram os ovos e vão construir outro a distancia. É no inverno, quer dizer em Julho, Agosto e Setembro, que se encontram mais ninhos de avestruzes; é tambem n'esta epocha que as pennas d'estas aves teem menos valor, porque se acham gastas pelo attrito contra o solo. Comtudo, eu vi em todas as estações ninhos de avestruzes e ovos fecundados.» [1]

Segundo Brehm, a narrativa de Lichtenstein, que acabamos de citar, está eivada de erros, comquanto diga tambem algumas verdades. É preciso pois separar o que é falso do que é exacto.

É verdade que muitas femeas põem no mesmo ninho; mas é o macho que choca e não ellas, que só excepcionalmente o fazem. A quadra do cio varia com as regiões, mas coincide sempre com a primavera de cada uma. Os ovos são chocados durante a noite; de dia são abandonados

[1] Citado por Brehm, *Loc. cit.*, pg. 502.

por muitas horas, depois de terem sido cobertos de areia. Contam isto os beduinos e confirma-o Tristam, um observador conscienciosissimo.

Os ovos de avestruz variam muito sob o ponto de vista do volume; mas nenhuma ave os põe maiores. São ovoides e quasi egualmente arredondados nas duas extremidades, de um branco amarellado, veinulado de amarello desmaiado; a casca é brilhante, dura e espessa. Cada um d'estes ovos peza approximadamente tanto como vinte e quatro dos de gallinha. A gema é saborosa, embora não valha tanto como a dos ovos de gallinha.

Os ovos que se encontram em volta do ninho não teem o destino que lhes attribue Lichtenstein na citação acima feita; esses ovos são os que a femea põe emquanto o macho está chocando. A incubação dura seis a sete semanas. Os filhos logo que seccam abandonam o ninho. «Eu possui simultaneamente, diz Brehm, dez pequenos avestruzes. No dizer dos habitantes do Sudan que m'os trouxeram, não tinham mais de um dia; seria mesmo impossivel, asseguravam, apanhal-os com mais idade. São pequenas creaturas muito interessantes, que mais se assemelham a um ouriço que a uma ave. Teem o corpo coberto de appendices corneos como os picos dos ouriços. Os seus modos, as suas attitudes são os dos pintos ou das betardas pequenas. Correm com agilidade e procuram elles proprios os alimentos. Ao fim de quinze dias mostravam-se de tal maneira independentes que parecia não carecerem já do auxilio dos paes. Sabemos porém que estes, o pae pelo menos, lhes davam os seus cuidados. Já durante a incubação o avestruz vela pelos ovos com a maxima sollicitude: marcha arrogantemente contra os inimigos fracos e emprega mil astucias para evitar um adversario forte.» [1] Anderson confirma plenamente estas palavras de Brehm. Fallando de uma familia de avestruzes que encontrou, diz: «Os adultos do pequeno bando, desde que me viram, principiaram a fugir, indo as femeas na frente, depois os filhos e atraz, a alguma distancia, o macho. Havia alguma coisa de commovente na sollicitude dos paes pelos filhos. Quando viram que me approximava, o macho mudou bruscamente de direcção. Eu porém, não o deixei voltar-se; então activou a corrida, deixou pender as azas que tocavam quasi o chão e principiou a descrever em torno de mim circulos cada vez mais pequenos, acabando por chegar ao alcance da minha arma. Então deitou-se por terra, imitou a attitude de uma ave gravemente ferida e simulou precisar de todas as suas forças para levantar-se. Eu tinha atirado sobre elle e, como o julgasse ferido, ia-me approximando. A manobra porém não passava de uma astucia; á medida que eu me ia approximando, elle ia-se erguendo lenta-

[1] Brehm, *Loc. cit.*, pg. 503.

mente até que por fim deitou a fugir e foi juntar-se ás femeas que com os filhos tinham ganhado uma bella dianteira.»

Em face d'este facto e de outros analogos chega-se a pôr em duvida a opinião de Brehm sobre a estupidez do avestruz. Se os factos que o naturalista allemão invoca são realmente comprovativos da opinião que sustenta, não pode deixar de ter-se em conta que o citado por Anderson e outros analogos são proprios a permittir uma convicção opposta. Por isso não são para estranhar as divergencias a que acima nos referimos sobre o grao de intendimento do avestruz.

Aos dois mezes os filhos perdem os picos que até ahi tinham tido o logar de pennas e revestem o manto pardacento das femeas. A nova plumagem é commum aos individuos dos dois sexos até á idade de dois annos. Aos trez annos o macho apresenta as pennas negras e acha-se completamente adulto, apto para a reproducção.

CAÇA

O avestruz é desde as mais remotas epochas objecto de uma caça muito activa.

Não sabemos que processo empregaram os romanos para apanharem as quantidades fabulosas de avestruzes que faziam apparecer na arena e cujos cerebros figuravam nas mezas ricas como um prato dos mais singulares. Sabemos todavia que os caçadores de avestruzes attraíam estas aves de um modo astucioso para redes ou para ahi as impelliam perseguindo-as a cavallo.

Indubitavelmente os avestruzes foram já muito mais communs do que são hoje nas proximidades da costa d'Africa; as perseguições continuas de que teem sido objecto diminuiram-lhes o numero. Burchell diz: «O ser difficil abeiral-os é para os avestruzes uma felicidade, porque, se não fôra isso, nada poderia protegel-os contra o mais terrivel dos seus inimigos, contra o homem. N'outro tempo os aldeãos do Cabo eram infatigaveis na caça dos avestruzes: davam-lhes caça todo o anno, sem consideração pela epocha de reproducção e por isso hoje só se encontram em pequenissimo numero nas partes habitadas da colonia.» O auctor citado refere-se a 1822.

O mesmo acontece em toda a Africa. Por toda a parte se dá ahi caça ao avestruz e segundo os processos mais diversos. Para o beduino a caça do avestruz é um dos mais nobres divertimentos; as difficuldades que acompanham essa caça são precisamente o que lhe dá todo o encanto. Os arabes do nordeste d'Africa sabem perfeitamente distinguir nos aves-

truzes a idade e o sexo. Chamam ao macho adulto *edlihm*, que quer dizer *negro carregado*, e á femea ou ao individuo não-adulto *ribehda*, que quer dizer *cinzento* ou *pardacento*. Como o fim principal que levam em vista na caça do avestruz é apanhar-lhe as pennas, não perseguem senão o *edlihm;* mas por isso mesmo prejudicam muito a reproducção da especie, diz Brehm.

Segundo Tristam, ao norte do Sahara caça-se o avestruz como nas *steppes* do Kordofahn. Montados em cavallos rapidos, os caçadores dirigem-se para o deserto á procura de um bando de avestruzes. Desde que o descobrem, dirigem-se para elle até que um macho dê o signal de fuga. Dois ou trez caçadores escolhem o macho e gallopam atraz d'elle. Emquanto um dos caçadores o persegue, seguindo-lhe os passos em todas as voltas que dá para esconder-se, um outro procura cortar-lhe o caminho, depois retoma o papel do primeiro que o substitue. Alternam-se assim até que o avestruz se fatigue. Ordinariamente ao fim de uma hora estão quasi a alcançal-o. Um ultimo esforço dos cavallos e é quanto basta para que o abeirem; então dão-lhe sobre a cabeça ou sobre o pescoço uma pancada violenta que o atira por terra. Um dos caçadores desmonta immediatamente e, repetindo a formula «Em nome de Deus misericordioso e grande», corta ao avestruz as carotidas e para impedir que o sangue macule as pennas, introduz na ferida a unha do dedo pollegar. Morto o avestruz, o caçador despoja-o, voltando-lhe ao avesso a pelle de que se serve como de um sacco para conservar as pennas. Seguidamente tira-lhe tanta carne quanto a de que precisa para as suas refeições e suspende a restante a uma arvore para a fazer seccar; é uma provisão que fica para o primeiro viajante que passar.

Anderson refere que em certas regiões do sul da Africa se caça o avestruz a pé; diz que assistiu a uma caça d'estas nas margens do lago Ngami. Os Boschismans cercaram um bando de avestruzes, depois espantaram-os, fazendo um grande ruido, e obrigaram-os a tomar a direcção da agua.

Os mesmos Boschismans e todos os indigenas caçam tambem o avestruz de embuscada perto do ninho ou perto do logar em que elle costuma ir beber.

Segundo Moffat, alguns caçadores disfarçam-se em avestruz para melhor caçar esta ave, indo-lhe ao encontro. Para isso enchem de palha um duplo coxim em forma de sella e revestem-o de pennas. N'um pau cercado de palha dispõem um pescoço e uma cabeça de avestruz. Depois pintam as pernas de branco e com a sella ás costas, o pescoço do avestruz na mão direita e o arco na esquerda, o caçador avança para o bando que descobriu, voltando a cabeça para todos os lados e agitando a sella emplumada, como faz a ave, e consegue assim enganar os avestruzes a

ponto que por vezes alguns, crendo defrontar-se com um rival, chegam a attacal-o.

CAPTIVEIRO

A despeito da timidez que os caracterisa, os avestruzes, apanhados quando novos, chegam a domesticar-se. Na Africa todas as pessoas ricas, todos os que teem uma elevada posição social possuem uma ou mais d'estas aves em captiveiro.

Decorrido um certo tempo de prisão e desde que se habituaram ao dono, é possivel mesmo dar-lhes uma certa liberdade. Alguns vagueiam durante o dia pelas *steppes* voltando de noite a casa. Muitos seguem o gado ás pastagens e voltam a casa com elle. E é raro que durante estas excursões algum se desvie e volte para o deserto, para a vida selvagem.

Pensava-se geralmente ainda não ha muito tempo que o avestruz captivo era incapaz de se reproduzir. Numerosas experiencias demonstram hoje o contrario: o avestruz captivo reproduz-se.

A primeira reproducção foi obtida no viveiro de Hamma, perto de Alger. Eis o que a este respeito diz Hardy: «Havia dez annos que os avestruzes eram mantidos n'um recinto estreito do viveiro central. A collecção havia-se formado á custa de offerecimentos feitos tanto por militares como por paisanos. Havia muitos mais machos do que femeas. Os machos guerreavam-se constantemente e as femeas não punham, ou porque fossem ainda muito novas ou porque o local não fosse apropriado.

«A collecção foi diminuindo por motivo de offertas ao Museu de Historia Natural de Paris, ao Jardim zoologico de Marselha e ao de Anvers. Foram conservados dois machos e duas femeas.

«Os dois casaes foram fechados juntos, em 1852, n'um recinto circular collocado a meio de uma das avenidas principaes do estabelecimento. Este recinto tinha dezeseis metros de diametro. Na circumferencia foi construido um alpendre; mas os avestruzes não o procuravam senão para tomar alimentos, ficando de fóra mesmo com o peior tempo.

«Embora esta mudança modificasse favoravelmente a ordem do *ménage* collectivo, é todavia certo que a tranquillidade se não havia estabelecido. Dois casaes distinctos se haviam formado por selecção, mas os machos batiam-se sempre e, com o decorrer do tempo, um acabou por dominar e impor a lei ao outro, não lhe deixando um momento de repouso, quer quando comia, quer quando se entregava aos seus amores. Comtudo as femeas começaram a pôr muito regularmente.

«A primeira postura tem começado sempre em meiados de Janeiro

para terminar na segunda quinzena de Março. Algumas vezes, não sempre, tem-se realisado uma segunda postura em Setembro e Outubro.

«O momento da postura é precedido pelo cio do macho. Desenvolvem-se então diversos caracteres proprios a esse estado. A pelle do pescoço e das coxas toma uma côr vermelha viva; é então tambem que se faz ouvir, emittindo sons roucos e profundos. Para produzir estes sons, encolhe o pescoço, fecha o bico e por movimentos espasmodicos, que produz á vontade em todo o corpo, expelle o ar contido no peito, dá ao papo uma dilatação extraordinaria e faz ouvir como que trez detonações gutturaes, sendo a segunda alguns tons mais elevada que a primeira e a terceira e muito mais grave. Este canto selvagem que tem analogia com o rugido do leão, faz-se ouvir de dia e de noite, mas principalmente de manhã.

«O cio manifesta-se ainda por gestos no avestruz macho. Executa uma especie de dança: acocora-se diante da femea e balança durante oito ou dez minutos, de um modo cadenciado, a cabeça e o pescoço, batendo alternadamente com a parte posterior da cabeça no corpo, por diante das azas. Estas agitam-se cadenciadamente por movimentos febris e um fremito corre por todo o corpo; o animal parece victima de um delirio hysterico. Estes symptomas precedem o coito. O macho cobre a femea muitas vezes por dia, mas principalmente de manhã. Durante o acto faz ouvir um grunhido surdo e concentrado que indica a violencia da paixão.

«No momento da postura, os avestruzes cavam um ninho em terra. Macho e femea concorrem n'este trabalho. Emquanto vão excavando o solo, as azas agitam-se-lhes com um leve movimento convulsivo. Ainda que o solo seja excessivamente duro e cheio de pedras, conseguem fazer a excavação de um modo excessivamente perfeito, servindo-se do bico. O chão do parque em que eu fazia estas observações era cheio de pedras, de calliça e de areia grossa, uma especie de cimento. Nem por isso a excavação circular deixou de fazer-se ás bicadas, nem por isso deixaram de ser extraidas e postas de parte pedras de um volume muito consideravel. A cova poderia ter um metro e vinte centimetros de diametro. Um mesmo casal fazia muitos d'estes ninhos n'um mesmo campo, sem nunca se servir de um para a postura.

«A despeito d'estes preliminares, os ovos nunca eram postos dentro dos ninhos assim cavados. A femea punha-os ao accaso em pontos differentes do parque. Evidentemente a situação era desfavoravel, comquanto houvesse progresso sobre os resultados da primeira installação, em que as femeas nem sequer tinham conseguido pôr. O ninho não tinha escoadouro e retinha a agua das chuvas; o parque era muito estreito, muito descoberto, sem o mysterio indispensavel; o logar era muito frequentado

pelo publico, que excitava constantemente as aves; emfim a guerra entre os machos era continua; e tudo isto constituia um grupo de condições desfavoraveis. Resolvi dar-lhes uma installação mais bem apropriada ao fim que tinha em vista obter.

«No mez de Dezembro de 1856 colloquei um casal n'um parque mais retirado e mais espaçoso. Este novo recinto tem uma superficie de meio hectar approximadamente; metade d'ella é coberta de arvores e arbustos entremeados e de um grande desenvolvimento; a outra metade é nua e abrigada a leste por uma alta construcção ao longo da qual as aves se acham garantidas do vento e das chuvas violentas durante o inverno.

«No mez de Janeiro os avestruzes cavaram o ninho no meio de um bosque, precisamente no logar mais umbroso. A terra n'este logar é argilosa. No meiado do mez a femea começou a pôr: os dois primeiros ovos foram postos no parque inteiramente ao accaso; depois principiou a pôr com toda a regularidade dentro do ninho. Poz doze ovos. Nos primeiros dias de Março, os avestruzes principiaram a chocar. Decorrida uma semana vieram chuvas abundantes que se prolongaram. A agua penetrou no interior do ninho, inundou os ovos e as pobres aves viram-se forçadas a abandonal-os.

«Eu sabia por experiencia que os avestruzes realisam ás vezes duas posturas n'um anno; pensei por isso na possibilidade de realisarem estes dentro de pouco tempo uma nova postura. Convinha tomar precauções para evitar a reproducção do accidente que acabava de dar-se. Mandei vir uma grande quantidade de areia que foi collocada em largo monticulo no sitio em que fora cavado o ninho; e como de differentes pontos se via o ninho, mandei cercal-o a grande distancia de esteiras por forma que não podesse ser devassado.

«Com grande satisfação minha, vi no meiado de Maio os avestruzes cavarem um novo ninho no vertice do monticulo que lhes mandára preparar; pouco tempo depois a segunda postura começou. Nos ultimos dias de Junho os avestruzes principiaram a conservar-se no seu ninho algumas horas por dia; depois, a partir do dia 2 de Julho, chocaram regularmente. A 2 de Setembro viu-se um filho que passeava á volta de um dos paes que estava dentro do ninho. Quatro dias depois deixaram de chocar para se occuparem exclusivamente do recemnascido. Em seguida parti os ovos e vi que trez fetos tinham morrido em estado de incubação muito adiantado, que dois ovos eram claros, sem putrefacção e que dois outros estavam apodrecidos e espalhavam um cheiro insupportavel.

«O pequeno avestruz creou-se bem e tem hoje as dimensões do pae; é um macho.

«A 18 de Janeiro ultimo (1858) a femea do mesmo casal recomeçou a postura. Os dois primeiros ovos foram postos ao accaso no parque;

depois foi para o ninho que lhe servira no anno precedente e que ficára intacto continuar com regularidade a postura que foi de doze ovos. Assim, poz quatorze ovos: dois abandonados pela mãe e doze guardados por ella no respectivo ninho. Esta postura terminou nos primeiros dias do mez de Março. Desde então a femea principiou a cobrir os ovos durante algumas horas cada dia; o sol batia sobre o ninho quasi o dia inteiro. Depois principiou a demorar-se sobre os ovos desde as nove horas da manhã até ás trez da tarde; o macho substituia-a no resto do tempo e de noite os ovos ficavam a descoberto. Emfim no dia 12 de Março a femea chocou todo o dia e o macho de noite. O macho foi pouco e pouco prolongando o seu trabalho de chocador e para o fim da incubação demorava-se ainda mais sobre os ovos do que a femea.

«Desde os primeiros dias da incubação um ovo saiu do ninho e deixou de ser chocado. Este ovo conservou-se intacto até ao fim, não foi partido pelos avestruzes.

«De cada vez que o macho e a femea se substituem dentro do ninho, o que vae chocar examina os ovos um por um antes de os cobrir; volta-os e muda sempre alguns de logar.

«Em tempo de chuva, o avestruz que se acha desoccupado vem collocar-se ao lado do que está chocando para o ajudar a abrigar o ninho.

«Emfim, no dia 11 de Maio viram-se alguns pequenos avestruzes fazer apparecer a cabeça por baixo das azas da mãe e no dia 13, de manhã, macho e femea abandonaram o ninho, guiando nove filhos.

«Os mais novos marchavam com passo incerto; os mais velhos corriam, arrancando pelo caminho as hervas mais tenras. Pae e mãe olhavam por elles com vigilante sollicitude. O pae, sobretudo, parecia dedicar-lhes a maxima ternura; era elle que durante a noite os abrigava sob as azas.

«De toda a sorte de alimentos dados a estes pequenos seres, as salladas eram os que a todos preferiam. Comiam pão, mas em pequena quantidade.

«Assim, d'esta vez, de doze ovos nove foram productivos; dos trez restantes, um fôra abandonado e estava claro, não chocado, o outro estava estragado e o terceiro continha um embrião morto.

«O outro casal, conservado no antigo recinto, foi transferido a 5 de Abril ultimo para um parque mais espaçoso, estabelecido no meio de alfarrobeiras novas e outras arvores que foram dispostas no centro para o ensombrar. Dentro do ninho colloquei eu doze ovos da femea d'este casal, escolhidos entre os mais novos dos que eram recolhidos no decurso da postura e que eu tive o cuidado de guardar. Tudo estava assim disposto quando o casal foi introduzido na morada nova. Foram precisos alguns dias para se habituarem; no principio, macho e femea não ousa-

vam approximar-se do ninho, para o qual olhavam com desconfiança. Habituei-os, fazendo collocar os alimentos muito perto do ninho. Durante este tempo a femea poz dois ovos que eu mandei juntar aos do ninho. Pouco e pouco principiaram a contemplar os ovos e a approximar-se d'elles. Examinando-os cuidadosamente, tocavam-os alternativamente com o bico como se os quizessem contar. Ao fim de trez dias de contemplação, o macho principiou a chocar; depois este trabalho continuou-se com a maxima assiduidade, succedendo-se alternadamente macho e femea.

«Trez ovos foram rejeitados para fóra do ninho. A 10 de Junho, na antevespera da minha partida para Marselha tinham rompido casca trez filhos; os paes não chocavam já com tanta assiduidade.

«Tive occasião de observar que quando se vão tirando á femea os ovos á medida que sáem, ella põe um numero maior d'elles que quando se deixam ficar no interior do ninho. Assim a femea do casal que acaba de dar uma ninhada tão bella, poz no seu ninho, o anno passado, na primeira postura doze ovos e na segunda nove. Este anno a postura foi de quatorze, dos quaes dois abandonados.

«No antigo recinto esta mesma femea, cujos ovos lhe eram tirados, chegou a dar vinte a vinte oito e algumas vezes trinta. Um anno realisou duas posturas: a primeira de vinte e nove ovos e a segunda, no outono, de vinte e um: ao todo cincoenta ovos.» [1]

O mesmo auctor que acabamos de citar obteve em 1860 novos resultados, por egual favoraveis e satisfactorios.

Nos jardins zoologicos do meio-dia da Europa tem-se obtido o mesmo que obteve Hardy. Brehm escreve: «Desmeure, director do jardim zoologico do principe Demidoff em S. Donato, perto de Florença, juntou em Janeiro de 1855 um avestruz femea e outro macho. No fim de Março notou que se havia realisado o coito e que alguns dias depois o macho principiou a construir o ninho. O mez de Abril decorreu sem novidade. Mas a 6 de Maio encontrou-se um ovo desprovido de casca e a partir do dia 12 a femea começou a pôr com regularidade. A 18 de Junho o ninho continha treze ovos. O macho visitava-os todos os dias, voltava-os, tocava-os com as azas, mas sem chocar. Só a 21 de Junho começou a cobrir os ovos durante trez horas por dia, e isto durante trez dias. Como se notára que elle se não erguia do ninho senão para ir dormir na sua barraca, fechou-se-lhe a porta d'esta, e a partir de então, chocou durante toda a noite. De manhã, pela volta das oito horas, abandonava um instante os ovos, para ir comer; ao meio dia tinha uma nova refeição. A

[1] Hardy, *Bulletin de la Société zoologique d'acclimatation,* Paris, 1858, T. v, pg. 306.

incubação durou assim cincoenta e um dias e com tal regularidade que, se se trouxesse alimentos ao avestruz dez minutos antes da hora habitual, encontrava-se ainda sobre os ovos.

«A 16 de Agosto o avestruz abandonou o ninho durante uma hora e no dia immediato de manhã viam-se dois recem-nascidos que corriam no parque e comiam areia.» [1]

Suquet, director da Sociedade zoologica de Marselha conseguiu tambem ao fim de quatro annos de ensaios a reproducção dos avestruzes. Eis as palavras d'este naturalista: «Em quanto eu fazia as minhas investigações e dispunha as coisas, a postura, vindo antes da epocha ordinaria, principiou no jardim e eu obtive oito ovos.

«Recciava eu que as perturbações de um transporte sempre difficil, que a mudança de logar e de habitos produzissem uma suspensão ou mesmo supressão da postura. Algumas horas depois da installação, obtinha um ovo posto ao accaso á beira do parque. Não fiquei socegado com este resultado previsto, porque era o dia da postura; e com effeito ella foi suspensa.

«Durante os primeiros dias observei inquietação nos avestruzes. Percorriam a passos largos o recinto, fazendo por assim dizer conhecimento com elle. Emfim, ao decimo dia, depois de muitos ensaios vi-os, com prazer, cavar sempre no mesmo sitio, preparando o ninho. Foi primeiro uma simples excavação na areia de metro e meio de diametro e trinta centimetros de profundidade, em forma de cone truncado, cujos bordos foram levantados á custa de areia que os avestruzes juntavam por um movimento de rotação do pescoço, formando assim um fosso circular que depressa deu ao ninho a forma de um monticulo; macho e femea trabalhavam alternadamente.

«Algumas horas depois foi posto um ovo. A partir d'esse dia, com toda a regularidade e por intervallos eguaes de dois dias, salvo um descanço, a postura effectuava-se em condições normaes e a 20 de Abril contavamos dentro do ninho quinze ovos.» [2]

Podiamos acrescentar aqui citações comprovativas do facto affirmado: que os avestruzes se reproduzem em captiveiro. Cremos porém este ponto fóra já de discussão e receiamos mesmo fatigar a attenção do leitor.

[1] Brehm, *Loc. cit.*, pg. 509.
[2] Suquet, *Bulletin de la Société de acclimatation,* Paris, 1861, T. XVIII, pg. 384.

USOS E PRODUCTOS

Em muitas regiões da Africa os indigenas alimentam-se da carne, da gordura e dos ovos do avestruz; tambem guardam as pennas, ou seja para as vender ou seja para as empregarem elles proprios em usos differentes.

A carne dos individuos não adultos é tenra e saborosa; a dos adultos não é tão tenra, mas tem um gosto particular, muito agradavel que se tem comparado ao da carne do camello. Os arabes comem esta carne fresca ou secca ao sol; ha regiões em que ella se vende a cinco francos o kilogramma. A gordura tem preços muito variaveis: custa, conforme as regiões, desde um franco até vinte. Essa gordura para os arabes representa papel analogo ao da manteiga na culinaria europeia. Tambem a empregam como medicamento externo nas feridas e affecções rheumaticas e internamente em casos de doenças hepathicas. Na opinião dos arabes, a massa encephalica produz no homem que a ingere ataques incuraveis de hydrophobia.

Os ovos, no dizer dos viajantes, são bons, mas inferiores aos da gallinha. Os indigenas do sul e do centro d'Africa servem-se ainda dos ovos como de vasilhas ou de ornatos.

As pennas constituem um artigo de commercio importante.

O preço de uma pelle de avestruz com as respectivas pennas é, affirma Gerbe, de sessenta francos em Sebdon. Em Géryville vale oitenta a cem francos. Em Tebessa a do macho obtem-se por duzentos francos e a da femea por quarenta ou cicoenta, o maximo. Em Laghouat uma pelle com pennas de macho custa actualmente ou custava não ha muito tempo cento e vinte e cinco a cento e cincoenta francos. Em Boghor os preços, ainda segundo Gerbe, são menos elevados: o manto de um macho vende-se por sessenta francos e o de uma femea por quinze a vinte.

As pennas que se não vendem, são pelos arabes empregadas na confecção de chapeus, proprios das grandes solemnidades.

O avestruz não nos é util sómente pela carne, pela gordura, pelos ovos e pelas pennas: quando seja preciso, serve de besta de carga. Este emprego do avestruz não é raro, nem moderno; já no tempo dos romanos os avestruzes figuravam nos hyppodromos, ou, mais propriamente, nas corridas do circo para divertimento das multidões.

AS EMAS

Podem considerar-se na America os representantes dos avestruzes.

CARACTERES

As emas teem com os avestruzes grandes analogias de organisação, embora d'elles diffiram notavelmente.

Teem o bico tão comprido como a cabeça, achatado, largo na base, arredondado na ponta, coberto de uma parte cornea ligeiramente convexa, pernas nuas a partir da articulação tibio-tarsica, que é callosa, trez dedos de comprimento medio, ligados na base por uma membrana estreita, unhas direitas, fortes, compridas lateralmente, obtusamente arredondadas adiante, angulosas na face superior, azas mais curtas ainda que as dos avestruzes, completamente desprovidas de remiges propriamente ditas e terminadas por um appendice corneo, cauda sem rectrizes, as regiões que ficam em torno dos olhos e dos ouvidos desnudadas, o alto da cabeça, a garganta, o pescoço, o tronco e as coxas emplumadas; as pennas do pescoço e da cabeça pequenas, estreitas e ponteagudas, as do tronco grandes, largas, arredondadas, molles, as palpebras guarnecidas de pestanas rijas, emfim, a abertura do canal auditivo externo munido de sedas rijas.

Macho e femea differem pelas dimensões; as differenças de plumagem são pouco pronunciadas.

Até ás viagens de Darwin e d'Orbigny conhecia-se apenas uma especie d'este genero. Hoje conhecemos trez.

A EMA

Damos este nome apenas á especie, por ser a mais conhecida e a mais antiga. As especies mais recentes carecerão de qualificativos que as distingam d'esta.

CARACTERES

Tem a parte superior da cabeça e do pescoço, a nuca, a parte anterior do peito, a linha naso-ocular, negras, o meio do pescoço amarello, a garganta, a região facial e os lados do pescoço côr de chumbo claro; as costas, os lados do peito e as azas de um cinzento atrigueirado, a face inferior do corpo de um branco sujo, os olhos côr de perola, as partes nuas da face côr de carne, o bico pardo atrigueirado e os pés pardacentos.

A femea tem a nuca e a parte anterior do peito mais claras que no macho.

A especie mede, no macho, um metro e sessenta e cinco centimetros de comprimento e dois metros e sessenta e quatro centimetros de envergadura. Uma femea que o principe de Wied mediu, tinha um metro e trinta e cinco centimetros de comprido e dois metros e meio de envergadura.

A EMA DE DARWIN

Tambem se denomina ema anã esta especie, porque é a mais pequena do genero.

CARACTERES

Tem a plumagem de um cinzento atrigueirado claro, com raias mais claras ainda. Todas as pennas teem junto da extremidade uma bordadura esbranquiçada.

A EMA DE BICO COMPRIDO

Esta especie é de um trigueiro accentuado. Tem a parte inferior do pescoço negra e a parte superior esbranquiçada.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA DAS EMAS

As emas são proprias da America do Sul. Habitam os *pampas* entre o Oceano Atlantico e as Cordilheiras, desde as florestas virgens da Boli-

via, do Paraguay e do Brazil até á Patagonia; n'uma palavra, habitam os Estados do Rio da Prata.

COSTUMES

Com quanto todos os viajantes que visitaram a America tenham fallado das emas, é a Boecking que se deve a verdadeira historia d'estas aves.

As emas não se encontram nem nas montanhas, nem nas florestas virgens; mas nas regiões em que ha collinas são tão abundantes como nas planicies. Nos *pampas* e nas *steppes* raros são os logares em que faltam. Encontram-se tambem onde quer que exista herva e mesmo á beira dos lagos salgados em que o solo se acha enbranquecido pelo deposito do sal. Ordinariamente cada macho vive com cinco ou sete femeas; e as familias assim constituidas habitam um certo dominio que defendem energicamente contra todas as invasões. Depois da quadra do cio, reunem-se muitas familias; e assim se encontram bandos formados por sessenta individuos ou mais. Os laços que prendem os membros de uma mesma familia são estreitos e solidos; mas são frouxos e debeis os que unem as differentes familias de um bando. A cada passo se dissociam, se dispersam.

Em geral as emas não se affastam mais de quinze kilometros do logar em que nasceram. Boecking pôde verificar este facto n'um individuo que feriu e que se curou, ficando todavia com a aza direita pendente, e por isso bem facil de reconhecer.

No outono as emas procuram as margens dos cursos d'agua e os logares fundos, cobertos de mattas. No inverno procuram de preferencia as pastagens exploradas já pelo gado, porque ahi encontram herva mais curta e por isso mesmo mais delicada que em qualquer outra parte.

As emas correm com grande velocidade e fatigam o melhor cavallo não só pela rapidez como porque durante a carreira dão voltas muito bruscas com uma agilidade surprehendente.

Durante a quadra do cio mostram-se muito excitadas, não repousando um instante nem de dia, nem de noite. Darwin affirma ter visto duas vezes emas attravessarem a nado a ribeira de Santa Maria. King observou o mesmo phenomeno. O facto negativo de Boecking não ter visto as emas attravessarem a agua, nada prova contra as asserções d'aquelles naturalistas.

A voz, que soltam principalmente na quadra do ardor genesico, pode notar-se pelas syllabas *na-du, na-du;* é assim que chamam as femeas e provocam os rivaes.

Exceptuando o gosto, todos os sentidos das emas são desenvolvidos.

A intelligencia parece não ser limitada. No dizer de Boecking, as emas sabem perfeitamente adaptar-se ás condições que lhes cria o homem. Em torno das habitações em que ninguem as persegue, adquirem uma grande e notavel confiança, chegando a circular pelo meio dos cavallos e dos bois. N'estas condições tornam-se tão confiadas que chegam a não se affastar quando passa um homem ou um cão. Andam no meio dos rebanhos sem medo; emfim passam uma vida semi-domestica. Evitam os cavalleiros, mas não fogem diante de um branco se este passa desacompanhado de cães; quando muito affastam-se uns cem passos, olhando mais com curiosidade que com medo. Sabem porém evitar os perigos e evadir-se a tempo. Assim, pode dizer-se que são prudentes sem serem timidas.

A alimentação das emas consiste em substancias vegetaes, trevo, hervas, fructos e tambem em insectos, serpentes e pequenos reptis. Do mesmo modo que os gallinaceos, as emas engolem areia para facilitar a digestão.

No começo da primavera, isto é em Outubro, o macho que tem dois annos, encontra-se em condições de se reproduzir. Reune trez a sete femeas, raras vezes mais; depois, repelle á bicada os outros machos para fóra dos dominios que escolheu. Executa diante das femeas danças das mais singulares: caminha para a direita e para a esquerda, com as azas desviadas, pendentes, deita a correr muito rapidamente, descreve com inacreditavel agilidade trez ou quatro voltas, modera a corrida, avança magestosamente, baixa-se e recomeça o mesmo manejo. Ao mesmo tempo solta um grito rouco e dá signaes da maior excitação. Em liberdade põe toda a coragem e todo o ardor em atacar os rivaes; em captiveiro ataca o guarda ou qualquer pessoa que se apresente, procurando ferir com o bico e com os pés. Nos *pampas,* segundo Boecking, a postura começa em meiados de Dezembro. Algum tempo antes encontram-se já ovos dispersos, provenientes de femeas isoladas que teem posto antes que o macho prepare o ninho. Este consiste n'uma depressão pouco profunda, feita n'um logar secco, ao abrigo das innundações, occulto quanto possivel e lateralmente protegido por cardos e hervas altas. A ema aproveita muitas vezes os buracos cavados pelos touros selvagens quando, apoiando a espadua em terra, se movem em circulo sobre os membros posteriores para se libertarem das larvas que teem sobre a pelle. A ema, se não encontra uma cavidade d'estas, cava ella propria uma semelhante que cobre com algumas hervas e em que deposita desde sete até vinte e trez ovos. Azara affirma que muitas vezes se encontra no mesmo ninho setenta a oitenta ovos; mas Darwin julga-se auctorisado a asseverar que o numero d'elles nunca excede cincoenta. A media, segundo Boecking,

oscillaria entre treze e dezesete. Os ovos são de um volume variavel; uns teem as dimensões dos ovos de pato, outros chegam a apresentar quatorze centimetros de grande diametro. Em torno do ninho, n'um raio de cincoenta passos encontram-se sempre ovos abandonados, mais recentes que os depostos no interior do ninho. Os ovos são de um branco amarellado com pequenos pontos de um amarello esverdeado que cercam os poros. Quando se expõem ao sol, descoram rapidamente e ao fim de oito dias tornam-se de um branco de neve. Quando todos os ovos são postos, o macho encarrega-se, elle só, de os chocar. As femeas abandonam o ninho e juntam-se conservando-se sempre dentro dos proprios dominios. O macho choca toda a noite e de manhã até que o orvalho se tenha inteiramente evaporado. De tempos a tempos, conforme a temperatura, ergue-se e vae procurar alimentos. Os ovos podem ser abandonados por muito tempo sem inconveniente. Boecking viu uma ema abandonar o ninho durante quatro horas sem que por isso fosse retardado o nascimento dos filhos. Ao principio o macho abandona os ovos ao mais ligeiro ruido suspeito; mais tarde choca com verdadeiro ardor e não se ergue de cima dos ovos senão quando um cavalleiro passa junto d'elle. Assustado, quebra ao fugir alguns ovos ou atira-os fóra do ninho. Cheio d'amor pela prole, marcha sobre o cavalleiro com as azas abertas e as pennas criçadas; depois foge lentamente em zig-zags, procurando assim attrair sobre si a attenção. Não gosta de ser muitas vezes visitado. Se o não perturbam, abandona raras vezes o ninho e é possivel mesmo tirar-lhe alguns ovos.

É crença geral na America do Sul que os ovos abondonados servem de primeiro alimento aos recemnascidos. Alguns naturalistas contestam o facto. O principe de Wied affirma que os machos partem os ovos, não para com o conteúdo d'elles alimentarem os filhos, mas para attraírem os insectos que os recemnascidos hão de comer. Boecking vae mais longe: não crê que os ovos sejam partidos e affirma que as emas nascem já em condições de procurarem ellas proprias os insectos. Na America meridional as emas nascem nos principios de Fevereiro, um pouco mais cêdo ao norte que ao sul. Crescem tão rapidamente que ao fim de quinze dias de existencia teem já meio metro de altura. Ao terceiro ou quarto dia o homem não pode já alcançal-as na carreira. Nas primeiras cinco semanas seguem o pae; pouco a pouco as femeas veem-se juntando ao grupo.

No outono, isto é em Abril ou Maio os filhos teem já revestido a primeira plumagem de um pardo amarellado sujo. Os machos crescem mais rapidamente; mas em todos os bandos ha sempre alguns individuos como que atrophiados, isto é muito pequenos.

Segundo Boecking, a ema duraria quatorze a quinze annos.

*

INIMIGOS

Os principaes inimigos das emas são o cuguar, a rapoza, a aguia e o pavoncinho. Entre os inimigos de pequenas dimensões devemos mencionar os mosquitos e um entozoario que em todas as estações se encontra enrolado sobre si mesmo entre a pelle e os musculos da ema.

CAÇA

A caça ás emas faz-se por differentes processos entre os quaes avulta um empregado pelos indigenas e que consiste em apanhar estas aves ao laço. Os caçadores perseguem a ema, montados em bons cavallos e desde que conseguem approximar-se d'ella atiram-lhe um laço ao pescoço. A ema só escapa a esta perseguição se logra penetrar n'um pantano ou em qualquer recinto lodoso em que os cavallos não podem marchar.

Tambem se caça a ema, fazendo-a perseguir por uma raça de cães, resultante do cruzamento do cão de gado e do cão de lebre.

Emprega-se egualmente a arma de fogo. Para fazer a caça por este modo é necessario ser-se um bom atirador, porque a ema tem uma grande resistencia vital e pode fugir longo tempo com uma bala no corpo. N'esta caça, o caçador que descobre um bando de emas avança para ellas rastejando e contra o vento para não se denunciar ao longe; quando chega a certa distancia, agita um pedaço de panno com que attráe a attenção das aves, que são muito curiosas e que não podem resistir á tentação de ver qualquer novidade. As emas, excitadas no primeiro momento pela manobra do caçador, conservam-se desconfiadas; mas a curiosidade vence, assegura Brehm, e o bando principia a approximar-se e chega a poucos pés do caçador. Se este mata uma das emas, as outras, em vez de se evadirem, cercam a companheira morta, dando voltas em torno do cadaver, como se pés e azas fossem subitamente tomados de convulsões. O caçador tem pois sufficiente tempo para descarregar segundo tiro. Quando o bando se retira, a ema ferida emquanto conserva alento vae-o seguindo até que, exaustas as forças, se deixa morrer solitaria.

CAPTIVEIRO

Em toda a America meridional se encontram emas que, tendo sido apanhadas novas, vivem em liberdade n'um estado de semi-domesticidade. Habituam-se aos logares em que foram creadas e ahi voltam invariavelmente todas as tardes.

Algumas emas chegam a tal grao de domesticidade que seguem o dono, como fazem os cães, symbolos da fidelidade. Reproduzem-se no captiveiro, mesmo sem previamente construirem ninho. Mas tambem algumas vezes o macho faz um ninho que consiste n'uma simples depressão do solo que se cobre de uma ligeira camada de hervas seccas.

USOS E PRODUCTOS

As emas fornecem á culinaria a carne e os ovos e á industria as pennas.

Os indigenas dão muito apreço aos ovos; cada um vale tanto como quinze de gallinha, em pezo.

A carne é grosseira para um paladar europeu; comtudo os indigenas gostam muito d'ella. A carne dos individuos não adultos passa por ser muito delicada.

A gordura é abundante e presta-se a muitos usos culinarios.

Da pelle do pescoço fazem os indigenas saccos destinados a usos muito differentes.

As pennas servem para adornos.

OS EMUOS

Esta familia é conhecida desde 1789 por um relatorio de viagem em que Filippe annunciava ao mundo scientifico a existencia d'ella em Nova-Hollanda. A descripção é feita, crê-se, pelo ornithologista Latham e o desenho que a acompanha, copia do natural, é de Wattes.

CARACTERES

Os emuos, que justamente se consideram hoje como constituindo um grupo ornithologico distincto, estabelecem a transição entre os avestruzes e as emas, por um lado, e os casoares, por outro. Teem o porte dos avestruzes, mas são mais refeitos, teem o pescoço mais curto e as pernas menos altas. Teem o bico recto, muito comprimido lateralmente, apresentando um sulco ao longo da aresta dorsal, arredondado na extremidade, as narinas grandes, cobertas por uma membrana, abertas no meio do bico, as pernas emplumadas até á articulação tibio-tarsica, os tarsos espessos e escamosos, trez dedos anteriores, dois lateraes do mesmo comprimento, todos munidos de unhas fortes, azas atrophiadas, isto é muito pequenas, quasi indistinctas quando applicadas contra o corpo, desprovidas de remiges propriamente ditas, cauda nulla, corpo emplumado todo com excepção dos lados da cabeça e da garganta que são desnudados. As pennas são duplas, quer dizer—de cada bolbo nascem duas hastes extremamente flexiveis e providas de barbas frouxas. Estas pennas são muito compridas e estreitas.

Os dois sexos não differem na plumagem e differem pouco nas dimensões.

Até 1858 acreditou-se na existencia de uma especie unica. A partir d'esta data Bartlett descreveu uma segunda, perfeitamente authentica.

O EMUO DA NOVA HOLLANDA

Esta especie é tambem conhecida pelo nome improprio de *Casoar da Australia.*

CARACTERES

Esta especie é mais pequena que o avestruz, mas maior que a ema. Mede dois metros ou dois metros e trinta centimetros de altura.

A plumagem é trigueira, mais escura na cabeça, no meio do pescoço e das costas, mais clara no ventre.

Os olhos são castanhos, os pés trigueiros claros e as partes nuas da face azuladas. O bico é de uma côr cornea escura.

O EMUO MACULADO

É esta a especie mais recentemente conhecida, a especie descoberta por Bartlett e a que nos referimos ha pouco.

CARACTERES

Esta especie differe da precedente pelo seu porte mais elegante, pelos seus tarsos mais fracos, pelos seus dedos mais compridos, emfim pelas suas pennas manchadas de raias transversaes estreitas, alternativamente cinzentas claras e trigueiras carregadas. A forma das pennas é tambem differente.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA DOS EMUOS

As especies descriptas habitam uma e outra a Australia. Mas que pontos da Australia, se os ha, são exclusivos de uma ou d'outra? Eis o que não é possivel saber-se ao certo, porque o homem tem destruido em muitas partes o emuo da Nova-Hollanda que outr'ora era commum e hoje é raro. Brehm crê, ennuncia mesmo a convicção de que os emuos se tornarão em pouco tempo tão raros como o são hoje os grandes kangurus. Gould reclama a protecção das auctoridades para estas aves tão caracteristicas da fauna australiana e tão em risco de se perderem para sempre.

COSTUMES DOS EMUOS

Nos logares em que os não perturbam, os emuos não são timidos; tornam-se taes nas regiões em que os perseguem constantemente.

Diz-se que vivem em grupos de trez a cinco individuos e que não formam nunca bandos numerosos. Tem-se dito tambem que os habitos de vida dos emuos são semelhantes aos dos avestruzes. Mas a vida de uns e outros é de tal modo differente em captiveiro que mal se pode comprehender a analogia em liberdade.

Sabe-se pouco dos costumes dos emuos fóra de captiveiro. E esse pouco é devido a Ramel.

«Onde existem herva e agua, diz este observador, ahi se ouve de madrugada e ao pôr do sol o grito guttural do emuo lembrando o rufo de um tambor. Nas partes virgens do continente gosta de pastar nas vastas planicies ou nas colinas basalticas; mas nos logares frequentados pelas manadas de bois e pelos rebanhos de carneiros, o pequeno numero de individuos que sobreviveram a esta aurora da civilisação, procuram o abrigo das florestas, alimentam-se nos valles estreitos, dando sempre a preferencia á vegetação luxuriante dos terrenos em que acamparam os carneiros.

«Como o camelo, o emuo pode engulir uma grande quantidade de liquido e nas temperaturas medias viver muitos dias sem renovar a sua provisão. Mesmo pelos fortes calores do estio encontrei alguns em logares quinze ou vinte milhas affastados da agua. Quando quer beber pára na margem d'um regato durante algum tempo e vê com o maximo cuidado que não haja algum inimigo; de repente lança-se sobre a agua, toma uma boa provisão, sobe depressa e, se não receia perigo nenhum, retira-se tranquillamente.

«Vou referir alguns factos caracteristicos dos costumes d'esta ave. Em 1845 presenceei um maravilhoso exemplo da sua coragem maternal. Nas planicies de Galbura, vi um individuo adulto cercado por meia duzia de filhos que apenas tinham attingido metade do seu crescimento. Tive desejos de apanhar um. Eu estava á distancia de uma milha apenas e elles não tinham dado por mim; mas logo que me descobriram deitaram a fugir em boa ordem, indo o adulto atraz.

«Eu levava comigo um bom cão para a caça do kanguru; este cão tomando a dianteira ao meu cavallo correu atraz do bando. No momento em que apanhava um filho, a mãe voltando-se para elle forçou-o a largar a presa. O cão não desanima e apanha outro filho; o velho emuo salta-lhe então ás costas, atira-o por terra e fere-o repetidas vezes com os pés. Entretanto eu chego e ponho em fuga os emuos. Quando pela terceira vez o cão apanhava um outro filho, o emuo envestia com elle; só a minha presença pôde obstar ao combate. Apesar de valente, o meu cão fôra derrotado pelo emuo.

«Vou referir um exemplo do singular effeito produzido no emuo por um alarme subito. Em 1847 percorria eu a cavallo as planicies de Morton em Wimmera, acompanhado de trez cães ainda novos de kanguru e que não tinham ainda dado caça ao emuo. De repente abandonam-me, atiram-se para o interior de um pequeno bosque de acacias e começam a uivar, signal certo de que tinham diante de si um inimigo que não ousavam atacar. Esporeio o cavallo e vou encontrar-me na presença de um grande emuo, evidentemente muito aterrado. O tronco e o comprido pescoço formavam uma linha quasi vertical; as pennas estavam

eriçadas em angulo recto. Ante este aspecto tão extraordinario o meu cavallo, espantado, recua. O emuo foge pela planicie, mas de tal modo desorientado pelos latidos dos cães que não encontra o seu caminho. Por muito tempo dá voltas pelo meio da matilha, tão espantada como elle, sem que me fosse possivel fazer avançar o cavallo até uma curta distancia. Por fim um dos cães saltou ao pescoço do emuo e estrangulou-o.

«Outra vez atravessava as mesmas planicies em companhia de um negro que devia mostrar-me o lago Marlbei; tinha já tido occasião de convencer-me que o emuo, do mesmo modo que a lebre, vê muito imperfeitamente os objectos que lhe ficam na frente e que muitas vezes toma um homem a cavallo por um outro emuo.

«Como avançavamos de vagar vimos trez a uma distancia tal que difficilmente os distinguiamos. De repente um d'elles dirige-se para nós com toda a rapidez. Imaginei logo que havia um engano, que nos confundira com outros emuos. Para o não desenganarmos, voltamos os cavallos com a cabeça para o lado d'onde elle vinha e conservamos-nos immoveis. Quando tinha chegado a uma certa distancia, o negro disse-me: é uma velha femea. Desde que chegou a quinze passos de nós, parou subitamente, voltou a cabeça de lado, descobriu que se enganara e fugiu perseguida pelos cães.

«Durante a primeira milha conservou-lhes a dianteira, mas á segunda os cães tinham-a alcançado.

«Quando cheguei, encontrei o cão mais rapido ferido na cabeça e em todo o corpo, deixando ver a nu a trachea-arteria. Devia ter recebido aquelle ferimento no instante em que se tinha lançado ao pescoço do emuo para o matar.» [1]

Sobre o modo de reproducção dos emuos em liberdade pouco se sabe. Gould diz que a femea põe n'uma depressão cavada no solo arenoso seis ou sete ovos de um bello verde escuro, que o casal se não separa e que o macho toma uma larga parte na incubação. Bennett diz que o ninho é cavado n'uma colina verdejante e que contem sempre um numero impar de ovos—nove, onze ou treze.

[1] Ramel, *Bulletin de la Société d'acclimatation,* Paris, 1861, T. IX, pg. 397.

CAÇA

Os indigenas caçam os emuos de embuscada. Ao pôr do sol, no momento em que todas as aves australianas vão beber, occultam-se e desde que vêem um emuo fazem-lhe cerco e matam-o a tiro de frecha.

Um outro processo de caça, principalmente empregado pelos europeus, consiste em fazer perseguir os emuos por cães de kanguru. Os cães amestrados alcançam sempre a ave que perseguem e matam-a saltando-lhe de frente ao pescoço. Se assim não fizessem seriam mortos ás pernadas dos emuos que com uma só pancada, dizem os indigenas, podem fracturar a perna de um homem ou matar um carneiro.

CAPTIVEIRO

Os emuos habituam-se depressa á perda da liberdade e domesticam-se tão bem e tão facilmente como os avestruzes e as emas. Em Melbourne havia um que todos os dias dava o seu passeio até ao mercado e tinha um grande prazer em collocar a cabeça sob a agua corrente de uma fonte; tomava muitas vezes este banho de chuva.

Os emuos acclimam-se bem na Europa. De inverno reclamam apenas um abrigo contra o vento. Na opinião de Brehm, os cuidados prestados a estas aves nos jardins zoologicos da Europa são excessivos; os emuos não carecem d'elles. Gurney possuiu um que passou um inverno inteiro ao ar n'um parque, sem se incommodar com frio; deitava-se em terra mesmo quando caía a neve e ás vezes, de manhã, apenas se lhe via o pescoço e a cabeça por cima da espessa camada de gêlo que lhe cobria o tronco. Brehm crê mesmo que muitos emuos morrem durante o inverno pela simples razão de que os encerram n'um recinto demasiadamente estreito onde não podem mover-se á vontade.

O regime d'estas aves é mais vegetal que animal; grãos e substancias verdes bastam-lhes perfeitamente. Na Australia ha occasiões em que se alimentam exclusivamente de fructos.

Os emuos são pouco graciosos, de movimentos pezados e monotonos. A voz não é agradavel e pode comparar-se ao ruido que se produz quando se falla dentro de uma pipa vazia.

Estas aves não teem as brutaes excitações violentas que no captiveiro caracterisam os avestruzes. Pelo contrario, vivem placidamente.

Reproduzem-se em captiveiro muito melhor que os avestruzes.

USOS E PRODUCTOS

Os indigenas da Australia comem a carne dos emuos com tanto prazer como os africanos a dos avestruzes ou os americanos a das emas. A carne dos emuos é boa, comparavel á de vacca; a dos individuos não adultos passa por ser delicada.

A gordura é muito estimada pelos indigenas, porque lhe suppõem virtudes therapeuticas, principalmente contra a gotta.

OS CASOARES

Os casoares constituem hoje um genero áparte na familia das brevipennas ou pernaltas corredoras.

O estudo dos caracteres que lhes são proprios justifica, parece-nos, esta opinião dos naturalistas modernos.

CARACTERES

Teem o bico recto, comprimido lateralmente, de crista dorsal convexa, de mandibulas providas de um dente ao pé da ponta que é recur-

O CASOAR.

Magalhães & Moniz, Editores

vada, as narinas pequenas, ovaes, alongadas, abrindo-se perto da extremidade do bico n'um sulco que occupa quasi todo o comprimento d'este orgão, a cabeça ornada por uma cimalha ossea, formada por uma saliencia do frontal, coberta de uma massa cornea e variando de forma, segundo as especies, o pescoço desnudado na metade superior, apresentando ordinariamente adiante um ou dois appendices, as azas curtas, desprovidas de remiges propriamente ditas e apresentando cinco hastes arredondadas, desguarnecidas de barbas, os tarsos curtos e espessos, os dedos em numero de trez, a unha do dedo interno de um comprimento duplo das outras, emfim, as rectrizes propriamente ditas nullas. O corpo inteiro parece coberto de pêllos, porque as barbas das pennas, curtas e rijas, são muito affastadas umas das outras e não se dividem em barbulas.

Os dois sexos não differem.

N'estas aves o ischion e o pubis não são soldados como nos avestruzes. Segundo Cuvier, a lingua é curta, larga, achatada, lobada nos dois bordos; não existe ventriculo succenturiado propriamente dito e o intestino é relativamente curto.

Não vae longe o tempo em que se conhecia uma especie unica d'este genero; hoje conhecem-se cinco.

O CASOAR

É esta a especie *(Casuarius galeatus)* que desde mais tempo é conhecida e que por isso nos abstemos de adjectivar.

CARACTERES

A côr dominante d'esta especie é o negro. Tem a face azul-verde, a região occipital verde, o pescoço côr de violeta anteriormente e vermelho atraz, o bico negro, os olhos castanhos avermelhados e os pés de um pardo amarellado.

Os individuos não adultos são cobreados escuros.

As outras especies a que nos referimos acima são:

O CASOAR DE BENNETT *(Casuarius Bennetti)*;
O CASOAR UNICARUNCULADO *(Casuarius uniappendiculatus)*;
O CASOAR BICARUNCULADO *(Casuarius bicaranculatus)*;
O CASOAR DE KAUP *(Casuarius kaupii)*;
Emfim, O CASOAR AUSTRAL *(Casuarius australis)*, descripto por Goud como habitante da costa septentrional da Australia.

Os artigos que seguem sobre distribuição geographica e costumes devem considerar-se como applicaveis a todas as especies mencionadas.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA DOS CASOARES

Conta Clusius que em 1597 alguns hollandezes ao voltarem das Indias orientaes trouxeram para Amsterdam uma ave singular que não tinha sido vista ainda na Europa. Encontraram-a em uma das Molucas e os indigenas davam-lhe o nome de *emu* ou *emeu*. O principe da cidade de Sydajo, em Java, tinha-a dado ao capitão de navios Seclinger. Em Amsterdam foi durante mezes mostrada a dinheiro. Depois o conde de Salms

comprou-a e guardou-a muito tempo em Haye. D'ahi passou ás mãos de Ernesto, de Colonia, que a deu ao imperador Rodolpho II. Era um casoar. Depois, muitos outros individuos teem sido trazidos á Europa e aqui se teem reproduzido, tornando-se objecto de numerosas observações. Comtudo ainda ignoramos muito da vida e habitos d'estas aves. Não conhecemos mesmo precisamente a sua área de dispersão.

Forsten crê que o casoar se encontra só nas florestas de Ceram.

O casoar de Bennett foi descoberto na Nova-Bretanha.

A patria dos casoares uni e bicarunculados é ainda desconhecida.

O barão de Rosenberg encontrou em Nova-Guiné o casoar de Kaup.

É quanto actualmente se pode dizer.

COSTUMES

Os viajantes que se referem ao casoar em estado de liberdade são unanimes em dizer que elle habita as florestas mais espessas e ahi se conserva de tal maneira occulto que é difficil dar por elle. Ao menor indicio de perigo foge e desapparece á vista do homem. Nas ilhas quasi desertas não deve ser raro; é certo porém que se não encontra senão isolado.

É uma ave difficil de observar. Muller nunca teve occasião de observar o casoar em Nova-Guiné, comquanto muitas vezes lhe encontrasse a pista e o ouvisse nas mattas. Wallace tambem não pôde apanhar um unico em Ceram com quanto estivesse certo da presença d'esta ave em todos os logares que visitou. Os casoares que se vêem na Europa teem sido apanhados ainda novos pelos indigenas e por elles creados o que explica porque são de ordinario tão familiares, tão doceis em quanto que em liberdade parecem possuir as qualidades oppostas.

Os indigenas asseguram que é impossivel apanhar os casoares adultos, tão timidos e desconfiados elles são; fogem ao mais leve ruido e, graças á sua rapidez, penetram depressa as brenhas que para o homem são impenetraveis. Só é possivel apanhar estas aves nos primeiros dias que seguem ao rompimento dos ovos. Os que Bennett possuiu eram muito domesticos: corriam toda a casa, approximando-se sem receio de todas as pessoas que por habito lhes davam de comer. Com o tempo tornaram-se tão atrevidos que chegavam a perturbar os criados durante o trabalho: entravam por todas as portas que encontravam abertas, seguiam os criados, saltavam acima das mezas e das cadeiras, emfim incommo-

davam a cosinheira nos seus trabalhos. Se alguem tentava prendel-os, fugiam rapidamente, escondiam-se debaixo dos moveis e defendiam-se ás bicadas e pernadas. Na cavallariça corriam pelo meio dos cavallos e comiam-lhes parte da ração. Entravam muitas vezes no gabinete de trabalho de Bennett, empurrando a porta, passeavam ahi tranquillamente, examinavam tudo e saiam depois. Tudo o que era novo lhes prendia a attenção; todo o ruido os attraía.

Na marcha os casoares differem muito dos avestruzes. Não correm; trotam, conservando o tronco horisontal e as pennas compridas do uropigio levantadas, o que os faz parecer mais altos atraz que adiante. Os passos não se succedem muito rapidamente; mas quando o casoar quer fugir desenvolve uma velocidade surprehendente. Volta-se com muita presteza e dá saltos de um metro e trinta a um metro e sessenta centimetros de altura.

O casoar, quando se irrita, sopra como um gato. Quando está satisfeito solta um grito que pode notar-se por *huh, huh.*

A vista é o mais perfeito dos sentidos d'esta ave; depois vem o ouvido. O olfato parece muito desenvolvido. Relativamente ao gosto é difficil dar uma opinião; do tacto apenas pode dizer-se que existe.

Não possue mais intelligencia que as outras brevipennas. É prudente e é mau; excita-se pelos mais ligeiros motivos e chega a um grao tal de furor que se atira cegamente ao adversario, ou seja um animal ou seja um homem. É principalmente na quadra do cio que se comporta assim. Os guardas do Jardim Zoologico de Londres sabem por experiencia propria quanto cuidado é preciso com estas aves que elles temem mais que os grandes felinos. Depois do coito a femea possue-se ás vezes de um furor tal que se atira ao macho e o mata. Nos jardins zoologicos estas aves no periodo de excitação genesica constituem um verdadeiro perigo, sobretudo para as creanças e para os individuos vestidos com côres claras e vistosas.

Com quanto não desdenhem os alimentos animaes, são herbivoros. Parece que nas florestas, em liberdade, comem substancias vegetaes molles, fructos succulentos e que não comem grãos que resistiriam á acção dos seus orgãos digestivos. Nos jardins zoologicos dá-se-lhes uma mistura de pão, de grãos e de batatas cortadas aos pedaços; e este regime convem-lhes admiravelmente.

Ácerca da reproducção em liberdade o que se sabe é que a femea põe n'uma depressão do solo quatro a seis ovos que são chocados pelo macho durante a noite e deixados ao sol durante o dia. Os ovos são pequenos, de casca rugosa, de um verde claro, cobertos de pontos cinzentos escuros.

CAPTIVEIRO

O casoar procria muitas vezes em captiveiro, mas, segundo Brehm, só em Londres se tem conseguido crear os filhos. E toda a difficuldade parece provir da maldade mesma da ave em questão; é muito raro encontrar um casal que viva em paz, em boa harmonia. Comtudo á custa de esforços de toda a ordem, á custa de uma persistencia como sabem tel-a os creadores inglezes, tem-se conseguido em Londres, como foi dito, levar a termo a creação do casoar nascido em domesticidade.

OS APTERIZES

«Em 1812 Barclay, diz Brehm, trouxe para a Inglaterra uma ave muito singular, originaria da Nova-Zelandia. O naturalista Shaw, que a viu, não soube classifical-a; comtudo deu-lhe um nome, chamou-lhe «a ave sem azas da Nova-Hollanda». Mais tarde a pelle passou para a collecção de lord Derby e muito tempo foi o unico exemplar existente. Só em 1833 é que esta ave foi descripta por Yarrell que a classificou entre as brevipennas, comquanto d'ellas differisse sob muitos pontos de vista. Mais tarde ainda foram trazidas para a Europa pelles de uma especie muito proxima; hoje sabemos que estas aves são ainda communs nas florestas das montanhas, mas que vão desapparecendo á medida que o homem estende os seus dominios.» [1]

[1] Brehm, *Obr. cit.*, vol. 4.º, pg. 527.

CARACTERES

Os apterizes teem o tronco refeito, o pescoço curto e espesso e a cabeça mediocre. O bico é fino e muito alongado; differe do de todas as aves pela posição das narinas que se abrem aos lados da mandibula superior, na extremidade anterior de duas ranhuras que da base do bico se prolongam até á ponta. Os tarsos são curtos e robustos, os dedos, em numero de quatro, inteiramente livres e armados de unhas aceradas e robustas, as azas reduzidas a um simples coto, apresentando apenas algumas hastes solidas, mas rudimentares. Não existe cauda. As pennas são simples, de forma lanciolada, pendentes, frouxas, sedosas.

Não existe accordo entre os naturalistas sobre o numero das especies comprehendidas no genero: uns admittem duas, outros trez e ainda alguns ha que chegam a crêr na existencia de quatro.

Descreveremos trez.

O APTERIZ AUSTRAL

Esta especie é entre os indigenas conhecida pelo nome de *kivikivi*.

CARACTERES

Tem as dimensões de uma gallinha; toda a sua plumagem é de um trigueiro fuliginoso.

Foi a primeira especie trazida á Europa; duvida-se que ainda hoje exista.

O APTERIZ DE MANTELL

Os australianos dão a esta especie o nome de *kivi*.

CARACTERES

Segundo Bartlett, esta especie differe da precedente nos tarsos que são mais compridos, nos dedos e nas unhas que são mais curtos, na plumagem que é mais escura e avermelhada, finalmente na existencia de pêllos compridos e sedosos que cobrem a cabeça.

O APTERIZ DE OWEN

Esta especie tem dimensões maiores que as precedentes e unhas mais robustas.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA DOS APTERIZES

O primeiro apteriz austral cuja pelle foi trazida á Europa por Barclay, devia ter sido morto nas florestas da bahia de Daski, na costa

sudoeste da ilha meridional da Nova-Zelandia. Uma outra pelle recebida posteriormente no British Museum tinha a mesma proveniencia.

O apteriz Mantell pertence á ilha septentrional.

O apteriz de Owen provem, como o austral, da ilha meridional.

Suspeita-se n'esta mesma ilha a existencia de uma quarta especie conhecida entre os indigenas pelo nome de *soaroa*.

COSTUMES

Na opinião de Hochstetler, o que se conhece dos habitos de vida do apteriz de Mantell *(kivi* dos indigenas) deve applicar-se ás outras especies.

Os apterizes são aves nocturnas que durante o dia se conservam occultas em buracos cavados na terra, de preferencia sob as raizes das grandes arvores d'onde não sáem senão de noite e para procurarem os alimentos. Estes consistem em insectos, larvas, vermes e grãos de differentes plantas.

Vivem aos pares; sáltam e correm com extrema rapidez.

Quanto á reproducção dos apterizes sabe-se que a femea põe um ovo unico. Sobre a incubação correm trez versões differentes. Dizem uns que macho e femea chocam alternadamente; outros affirmam que a ave não choca collocando sob si o ovo mas sim mettendo-se debaixo d'elle; uns terceiros dizem que a ave não choca, mas se limita a cobrir o ovo de folhas e musgos cuja fermentação produz o calor sufficiente ao desenvolvimento do ovo. A incubação seria, no dizer de Webster, de seis semanas. O ovo é grande relativamente ás dimensões da ave; tem o quarto do pezo da mãe.

INIMIGOS

O cão e o gato são inimigos terriveis dos apterizes. O homem porém, é o peior. Os indigenas attráem estas aves imitando-lhes o grito. De noite fascinam-as com o clarão de tochas e assim as apanham á mão ou as matam á pancada. Tambem as caçam com auxilio de cães.

A estas perseguições constantes se deve attribuir o desapparecimento dos apterizes dos logares habitados.

CAPTIVEIRO

Experiencias feitas no Jardim Zoologico de Londres demonstram que não é difficil conservar os apterizes em captiveiro. Uma femea que esse jardim possuiu durante mais de quatorze annos, comquanto não fosse copulada, por falta de macho, poz sempre regularmente duas vezes por anno um ovo de cada vez. Estava muito habituada ao guarda. A vida activa principiava para ella de noite. Durante o dia occultava-se no fundo da gaiola, a um canto, sempre voltada contra a luz.

AS PERNALTAS VOADORAS

As pernaltas voadoras, tambem chamadas pernaltas propriamente ditas, differem das corredoras ou brevipennas em possuirem a faculdade de se elevarem na atmosphera, o que estas ultimas, como foi dito, não podem fazer. No entanto o grupo formado, por isso mesmo que attende a um caracter unico, está longe de ser natural e representa simplesmente uma commodidade taxonomica. Dentro, com effeito, do grupo das pernaltas voadoras encontram-se numerosissimas especies profundamente differentes umas das outras. Ha especies pequenas e especies grandes; ha-as de corpo refeito, e ha-as de corpo delgado; umas teem o bico comprido, outras teem-o curto; algumas teem azas obtusas, muitas teem-as agudas; umas ha de pernas compridas, outras de pernas curtas. As differenças de costumes, as differenças de regime não são menos importantes que as de estructura. Mas como existe em todas ellas um caracter commum — o vôo — que as differenceia das que acabamos de estudar, não podemos eximir-nos a constituil-as em grupo áparte sob a designação de *Pernaltas voadoras*.

AS BETARDAS

Estas aves teem o bico um pouco mais curto que a cabeça, robusto, elevado e largo na raiz, deprimido ao nivel das fossas nasaes, depois dilatado e convexo até á ponta que é chanfrada, as narinas sem sulco de prolongamento, com uma larga fossa membranosa que occupa a base do bico, as azas quasi subagudas sendo a terceira e quarta remiges as mais compridas, tarsos cobertos de uma rede de pequenas escamas hexagonaes, a base da mandibula guarnecida de cada lado nos machos adultos por um pequeno agrupamento de pennas estreitas e mais ou menos alongadas.

É este ultimo attributo o que, segundo os ornitholigistas modernos, constitue o caracter essencial do genero.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

As betardas encontram-se na Europa, na Asia e na Africa.

Estudaremos uma especie unica que pertence á fauna da Europa e que é indubitavelmente o typo do genero.

A BETARDA

Esta especie *(Otis Tarda)* é tambem conhecida pelos nomes vulgares de *grande betarda* e de *avestruz da Europa.*

CARACTERES

O macho tem a cabeça, o alto do peito, uma parte superior da aza de um cinzento claro, as pennas das costas de um amarello ruivo, raiadas transversalmente de negro, as da nuca ruivas, as do ventre de um branco sujo ou de um branco amarellado, as rectrizes externas quasi inteiramente brancas, as outras de um vermelho arruivado, marcadas na ponta por uma mancha branca, precedida de uma raia negra, as remiges de um cinzento atrigueirado escuro, com as barbas externas e a extremidade de um trigueiro quasi negro e as hastes de um branco amarellado, as pennas do antebraço brancas na raiz, negras no resto da extensão, sendo as ultimas quasi inteiramente brancas, uma barba formada por trinta pennas compridas e estreitas, de um branco pardacento, os olhos castanhos escuros, o bico anegrado e os pés cinzentos.

Mede um metro e oito a um metro e dezeseis centimetros de comprimento e dois metros e quarenta e sete a dois metros e sessenta e quatro centimetros de envergadura; a extensão da aza é de setenta e cinco centimetros e a da cauda de trinta. O pezo é de quinze kilogrammas e mais.

A femea tem dimensões menores e uma plumagem de côres menos vivas. Não possue barba. Mede apenas oitenta centimetros de comprimento e dois metros de envergadura.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

A betarda encontra-se em toda a Europa, a partir do centro da Russia, assim como em uma grande parte da Asia; na Africa apparece só de inverno, isolada, a nordeste.

Desappareceu quasi completamente da Inglaterra e é muito rara na Allemanha, em França e na Hespanha. Na Hungria, nas *steppes* da Russia e na Asia central é commum; tambem o é na Grecia. Na Hollanda e na Suissa apparece como ave de arribação.

Em Portugal encontra-se no Alemtejo e no Ribatejo.

COSTUMES

A betarda procura de preferencia os logares em que são cultivados os cereaes. Na Grecia apparece em todas as planicies. É tambem nas planicies da Extremadura e da Andaluzia que ella se encontra em Hespanha.

A betarda não é uma ave sedentaria; faz viagens ou emigrações e apparece em certos paizes durante a primavera, faltando durante as outras estações—na Hollanda e na Suissa, por exemplo. Mas as emigrações que faz não são geralmente muito extensas.

A betarda só no inverno apparece em bandos, cuja formação parece determinada pela miseria.

A betarda evita as grandes florestas e tambem os logares habitados. Conhece perfeitamente os riscos que correria indo collocar-se ao alcance da nossa especie. Não se estabelece senão nas grandes planicies descobertas, nos descampados onde facilmente pode descobrir o homem de longe. É precisamente esta a razão por que se torna de uma difficuldade grande observar esta ave. Naumann para lhe estudar os costumes viu-se obrigado a construir nos descampados que ella habita cabanas de terra. Qualquer outra construcção seria inutil para o fim proposto, porque afugentaria a ave; as proprias cabanas de terra lhe excitam a attenção e é preciso por isso que o observador antes de n'ellas se introduzir deixe decorrer algumas semanas para que a betarda se habitue a ellas e se convença de que nada conteem que possa prejudical-a. O espirito de desconfiança n'esta ave é tal que um simples buraco na terra, o menor objecto posto de novo n'um logar que ella frequenta, a mais ligeira mudança, emfim, no meio a que está habituada, é motivo de precaução para ella. Passa sempre a noite nos campos mais affastados das habitações e, se se aggremia com outras, estabelece sentinellas que vellam pela segurança da communidade. Ergue-se mal rompe o dia e antes de voar para os logares em que ha de encontrar alimentos caminha vagarosamente algum tempo, olhando para um lado e para o outro, cheia de precauções.

«A marcha da betarda, diz Brehm, é lenta e cadenciada, o que lhe dá um certo ar de magestade; no entanto, quando lhe é preciso, corre com tamanha rapidez que um cão difficilmente a alcança. Antes de voar dá dois ou trez saltos, como para se preparar; não se eleva ao ar nem com grande rapidez, nem com difficuldade. Move-se batendo as azas lentamente e quando chega a attingir uma certa altura deslisa no ar tão ra-

pidamente que o caçador que quer atirar-lhe deve ter muita confiança em si e na arma para poder alcançal-a. Naumann diz que uma gralha deve fazer grandes esforços para seguir, voando, uma betarda. Pela minha parte, nunca vi esta ave voar tão rapidamente. Quando vôa, a betarda estende o pescoço para diante, os pés para traz e o tronco pezado inclina-se-lhe tambem para traz. É por estes signaes que pode ser de longe reconhecida. Só nas *steppes* da Russia vôa ao alcance de um tiro; na Allemanha sobe até onde alcança a arma do caçador. Se um bando de betardas se eleva ao mesmo tempo, todas se distanceiam reciprocamente como se cada uma receiasse o bater de azas das outras.

«A voz da betarda é difficil de traduzir. Consiste n'um ronco singular que só se ouve a curta distancia. Nunca ouvi este som ou antes este ruido senão a betardas captivas.-Se quizesse notal-o, só poderia fazel-o pelas syllabas *psé en;* a intonação não posso descrevel-a.» [1]

De todos os sentidos da betarda o da vista é innegavelmente o mais desenvolvido. A acuidade d'este sentido é-lhe muito favoravel e pode dizer-se que é mesmo uma das mais importantes garantias que ella possue contra as perseguições do caçador.

Naumann crê que o ouvido e o olfato são muito menos perfeitos. Brehm, sem contestar a inferioridade do ouvido relativamente á vista, é de opinião todavia que a betarda ouve muito bem.

A betarda adulta alimenta-se quasi exclusivamente de plantas verdes e de grãos; em quanto muito nova come apenas insectos. Attaca todas as plantas que crescem nos campos, excepto talvez a batata. De inverno come principalmente cereaes proprios d'esta estação; no estio come tambem insectos, sem todavia lhes fazer a caça. Engole substancias duras para facilitar a digestão. O orvalho basta para lhe apasiguar a sède.

No mez de Fevereiro começam os machos a perseguir as femeas; está principiado o periodo da excitação genesica.

Wolf observou no jardim zoologico de Londres os machos em cio e pôde desenhal-os á vontade, diz Brehm. Esses bellos desenhos mostram que a ave toma então posturas singulares e variadissimas. O sacco guttural dilata-se e o pescoço n'esse momento parece ter duplicado de volume. Ao principio a betarda marcha com as azas ligeiramente pendentes e a cauda obliquamente levantada. Ao mesmo tempo que isto se passa, a betarda torna-se corajosa e rixosa. Cada macho é para outro macho um objecto de odio implacavel. Se se encontram, a lucta é inevita-

1 Brehm, *Loc. cit.*, pg. 537.

vel. Os dois campeões atiram-se um ao outro á bicada e á pernada; se erguem vôo continuam ainda a perseguir-se, pairam e precipitam-se um sobre o outro de pescoço estendido e bico aberto. Por fim os vencedores retiram-se com as femeas, emquanto os vencidos travam entre si combates semelhantes, embora menos energicos, áquelles em que acabaram de ser derrotados.

Os depoimentos de observadores conscienciosos são accordes em estabelecer que a betarda vive monogamicamente. Escolhe com minucioso cuidado o logar em que construirá o ninho. Se os cereaes são sufficientemente altos para que a femea possa no meio d'elles occultar-se completamente em quanto choca, cava então no solo uma ligeira depressão, cobre-a de palhas seccas e ahi põe dois, ás vezes trez ovos curtos, de casca espessa, de um fundo côr de azeitona ou verde acinzentado em que destacam manchas escuras.

A femea nunca se approxima do ninho senão com extrema precaução, com notavel prudencia, evitando ser vista. Avança com o pescoço levantado, mas, desde que vê alguem, deita-se por terra. Se o inimigo avança, deslisa por entre os cereaes sem ser vista. Se um perigo a colhe de improviso, ergue vôo, mas desce logo depois e salva-se correndo. Se o homem lhe toca nos ovos, abandona-os. Tambem ás vezes abandona o ninho. «Quando o vento é forte, diz Naumann, e os trigos agitados produzem um murmurio que não lhe deixa ouvir o ruido dos passos, a betarda pode ser surprehendida e não erguer vôo senão quando o recemvindo se encontra a alguns metros apenas de distancia. Em casos taes pode estar-se certo de que ella não voltará ao ninho. Não voltará senão no caso de estar a incubação avançada, quasi a termo.» [1]

A incubação dura cerca de trinta dias. Os recemnascidos são cobertos de uma pennugem lanosa, atrigueirada e manchada de negro. A mãe guia-os, protege-os, expõe-se ao perigo para os defender, recorre á astucia para attrair sobre si as attenções dos inimigos fortes e só depois de dissipado todo o perigo volta ao encontro dos filhinhos. Estes são muito protegidos pela propria plumagem cuja côr se confunde com a do solo.

Os filhos alimentam-se durante muito tempo de pequenos coleopteros e de larvas que a mãe caça e lhes dá. Quando principiam a procurar por si os alimentos, comem substancias vegetaes. Ao fim de um mez volitam e quinze dias depois voam muito bem e acompanham os paes em todas as excursões.

[1] Citado por Brehm, *Loc. cit.*, pg. 539.

CAÇA

A timidez da betarda torna a caça que se lhe faz extremamente difficil. Como processo de caça usou-se muito tempo o chamado *carro das betardas*, um simples carro rustico guarnecido externamente de palha que servia para dissimular a presença do caçador que ia dentro; um criado de campo vestido com o seu fato ordinario conduzia este carro para o logar frequentado pelas betardas. Apesar de todas estas dissimulações, a maxima parte das vezes não se conseguia resultado algum.

No dizer dos viajantes, é costume na Russia fazer perseguir as betardas por cães de lebre. Na Asia emprega-se o falcão para esta caça.

Os laços e armadilhas não dão resultado.

INIMIGOS

Não é pois o homem o maior agente da destruição das betardas. Muito peiores, notavelmente peiores do que elle são os carniceiros e as aves de rapina que destroem os adultos e roubam os filhos á vista mesmo dos paes.

CAPTIVEIRO

As betardas adultas não supportam a perda da liberdade; as não adultas porém, as que se apanharam novas domesticam-se facilmente e criam-se bem. Na Hungria os amadores compram aos pastores ovos de betardas que fazem chocar por gallinhas ou peruas. Dão aos recemnascidos lagartos, minhocas, carnes finamente cortadas e mais tarde hervas e grãos. As betardas creadas assim e conservadas ao ar livre prosperam e attingem mesmo um alto grao de domesticidade. É por este processo primitivamente empregado na Hungria que quasi todos os jardins zoologicos da Europa teem conseguido possuir um grande numero de betardas.

Conhecem-se exemplos de reproducção de betardas em captiveiro.

OS CIZÕES

Este genero proposto ha muito tempo não foi acceite senão ultimamente e ainda assim não por todos os ornithologistas.

CARACTERES

Se attendermos só aos pés e ás azas diremos que os cizões não differem muito das betardas. Ha outros caracteres porém, pelos quaes se distinguem d'ellas. Não apresentam por baixo da mandibula inferior as pennas que nas betardas constituem a barba; o bico é mais comprido e mais delgado, de mandibula superior menos arqueada; as narinas são mais alongadas; emfim as pennas da parte inferior do pescoço formam uma especie de collar que pode ser voluntariamente alargado.

Este genero repousa sobre uma especie unica de que vamos occupar-nos.

O CIZÃO

Estudando esta especie que pertence á fauna da Europa, completemos o estudo dos caracteres acima principiado.

CARACTERES

O macho tem o pescoço negro, o collar branco, descendo das orelhas para a garganta, um semi-collar mais largo, da mesma côr, no alto do peito, seguido de uma raia negra, as faces de um cinzento escuro, o alto

da cabeça de um amarello claro, manchado de trigueiro, o manto amarello avermelhado claro, manchado de negro transversalmente, os bordos das azas, as coberturas superiores e inferiores da cauda e o ventre brancos, as remiges de um trigueiro escuro, as pennas da cauda brancas, atravessadas na extremidade por duas raias escuras, os olhos amarellos ou castanhos amarellados, o bico de uma côr cornea, com a ponta negra e os pés de um amarello-palha.

Esta ave mede meio metro ou pouco mais de comprimento e um metro de envergadura; a extensão da aza é de vinte e oito centimetros e a da cauda de quatorze.

A femea é um pouco mais pequena. Tem os lados da cabeça amarellados, a garganta de um branco avermelhado, a parte anterior do pescoço e o peito de um amarello claro, raiados de negro, as pennas do manto mais maculadas que no macho, as coberturas superiores das azas brancas, manchadas de negro e as pennas do ventre brancas.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

O cizão tem uma área de dispersão muito extensa: encontra-se na Hungria, em França, no sul da Russia, na Turquia, na Grecia, na Italia, na Hespanha e em Portugal. Accidentalmente apparece na Hollanda, na Belgica, na Allemanha e na Inglaterra. Na Sardenha parece ser commum; nas *steppes* da Russia apparece em grande numero sobretudo na epocha das emigrações.

COSTUMES

Os cizões emigram sempre juntos de modo a apparecerem de um instante para o outro, inesperadamente, n'um certo local. Não procuram exclusivamente, como as betardas, as planicies; estabelecem-se tambem nas montanhas. Nos costumes teem mais de uma semelhança com a betarda; a marcha é tão magestosa como a d'ella, mas mais elegante. Os movimentos são mais ageis e mais vivos, a corrida mais rapida, o vôo leve, rapido e sustentado por muito tempo. São timidos como as betardas. «Um dos habitos naturaes que distingue o cizão da betarda, diz Nordmann é que, perseguida, não toma o vôo immediatamente, mas procura occultar-se acocorando-se na terra; só quando vê o inimigo muito perto é

que abandona esta posição, elevando-se immediatamente ao ar e continuando rapidamente o vôo em linha recta, sempre proximo de terra.» [1]

Ordinariamente o cizão conserva-se silencioso; só na quadra dos amores é que o macho solta o seu grito que pode notar-se assim: *tecks, tecks.*

O cizão tem um regime alimentar mixto, vegetal e animal; comtudo alimenta-se principalmente de insectos, de vermes, larvas e molluscos.

A quadra do ardor genesico começa no mez de Abril. É então que os machos combatem pela posse das femeas. Os vencedores marcham magestosamente descrevendo circulos em torno das companheiras; esta scena é immediatamente seguida do coito. Durante o combate a attenção dos luctadores é tal que elles não pensam no perigo; deixam que o caçador se approxime e não dispersam senão depois de terem ouvido as detonações seguidas de muitos tiros. Cada macho allia-se a muitas femeas. E isto não poderia deixar de acontecer, por isso que, forçados muitos machos vencidos a retirarem-se, fica existindo um consideravel excedente de femeas.

No fim de Abril ou começo de Maio a femea põe n'uma depressão que encontrou ou que ella propria fez, quatro ou cinco ovos do volume dos de gallinha, compridos, quasi egualmente arredondados nas duas extremidades, de casca brilhante, medianamente espessa, coberta de manchas de um trigueiro avermelhado, mais ou menos claras e confluentes sobre um fundo escuro côr de azeitona. No dizer de Kulz, o macho nunca se affasta muito da femea em quanto ella choca. Quanto tempo dura a incubação? Não o pude saber pela consulta dos auctores.

CAÇA

Na Hespanha e no sul da Russia faz-se uma guerra muito activa ao cizão. N'este ultimo paiz emprega-se o *carro das betardas* a que já anteriormente nos referimos.

CAPTIVEIRO

Parece ser difficil crear o cizão em captiveiro, porque é raro encontral-o n'estas condições.

[1] Citado por Brehm, *Loc. cit.*, pg. 542.

Gerbe dá ácerca dos habitos da especie captiva as informações seguintes: «O cizão é uma ave taciturna e timida. Os individuos creados pelo pharmaceutico Ray deixavam-se impressionar vivamente pelo menor objecto que não estavam habituados a ver. Descobrindo uma ave de rapina por mais alto que ella voasse, eram accommettidos de uma grande inquietação. Se a causa de receio estava mais proxima, se uma ave pousava perto d'elles, erriçavam as pennas, pavoneavam-se, tomavam posições grotescas. O que ha de singular é que um sentimento contrario produzia quasi o mesmo effeito. Assim exprimiam o contentamento, a alegria, pavoneando-se como uma perua. N'este acto o papo tocava-lhes quasi em terra, as azas conservavam-se semi-abertas, a cabeça lançada para traz; as pennas da cauda formavam leque, as escapulares agitavam-se, todo o corpo era percorrido por um movimento de trepidação e as pernas dobravam-se sobre os tarsos que se conservavam perpendiculares. Ray observou ainda que os cizões deixam de ver claro quando principia a noite e que, comtudo, os que elle alimentava só entravam em grande movimento e tentavam voar á tarde e de manhã. Viu-os muitas vezes engulirem fragmentos de calcareo e de cascas d'ovos e rolarem-se na terra á maneira das perdizes, mas sem remexerem o solo com os pés.» [1]

Segundo Ray, o regime animal é indispensavel aos cizões. Esta circumstancia, supposto mesmo que elles possuissem um caracter docil, o que está longe de acontecer, constituiria sempre uma difficuldade ao captiveiro. Uma alimentação animal é sempre ou muito difficil de encontrar ou muito cara.

USOS E PRODUCTOS

A carne do cizão é tenra e muito saborosa; na Hespanha, dizem, muitos a confundem com a carne do faisão, á qual, affirma Brehm, não é muito inferior.

---

[1] Degland et Gerbe, *Ornithologie européenne*, Paris, 1867, T. II, pg. 102.

AS HOUBARAS

Houbara é um nome arabe de que não conhecemos, se acaso existe, uma denominação portugueza correspondente. Sabemos que os inglezes possuem como synonimo a designação *the ruffled bustards*. Os francezes e os allemães conservaram a designação arabe, a qual entra tambem na nomenclatura scientifica; e é por isso que a conservamos tambem.

CARACTERES

As houbaras teem um bico relativamente comprido, mediocremente espesso, muito deprimido nos dois terços do comprimento a partir da base, narinas quasi medianas, abrindo-se em fossas nasaes muito extensas que se prolongam em sulco para além do meio do bico, azas alongadas, amplas, subobtusas, tarsos mediocremente elevados e feixes de pennas decompostas que occupam o vertice da cabeça, os lados e a parte inferior do pescoço.

A HOUBARA DE MACQUEEN

Esta ave é ainda conhecida pelo nome vulgar de *betarda de pequeno collar*.

CARACTERES

Tem a região frontal e os lados da cabeça pardos arruivados, como que polvilhados de trigueiro, a poupa negra adiante, branca atraz, a região occipital esbranquiçada, raiada de trigueiro e de cinzento, as cos-

tas amarellas claras, transversalmente e finamente raiadas de negro, a garganta branca, a parte anterior do pescoço atrigueirada, o peito cinzento, o ventre branco amarellado, o collar formado de pennas compridas e fluctuantes, dispostas dos dois lados do pescoço, as superiores inteiramente negras, as inferiores negras na raiz e na extremidade, brancas no meio, as remiges brancas na base, negras na ponta, as rectrizes avermelhadas, atravessadas por duas raias escuras, os olhos amarellos, o bico côr de ardosia e os pés de um amarello esverdeado.

O macho, segundo Jerdon, mede vinte e cinco a trinta pollegadas de comprimento e quatro a cinco pés de envergadura. O comprimento da aza é de quatorze a quinze pollegadas e o da cauda de nove a dez (medida ingleza).

Depois do coito, diz-se, perde o collar.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

A houbara de Macqueen habita as planicies de Punjab, do Alto-Sind, d'onde sáe para outras partes das Indias; assim se encontra nas planicies seccas e pedregosas de Afghanistan e até na Persia e na Mesopotamia.

A HOUBARA ONDULADA

Esta especie parece ser a conhecida ha mais tempo, porque é ella a que os allemães e os inglezes designam simplesmente por *der Hubara* e *the Hubara*.

CARACTERES

Esta especie distingue-se da precedente nas dimensões que são maiores, na poupa que é inteiramente branca, no collar que é mais curto, nas pennas do papo que são brancas e não cinzentas e nas azas que são

mais escuras. Em tudo o mais é analoga á especie precedentemente descripta; tanto que muitas vezes as duas teem sido confundidas.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

A houbara ondulada substitue a houbara de Macqueen nos paizes do sul do Mediterraneo, desde as Canarias até á Arabia. Não é rara em Marrocos, na Argelia e na Tunisia e é commum, diz Ehrenberg, nas costas da Lybia. Apparece muito frequentemente na Hespanha, no meio-dia da França, na Italia e na Grecia.

COSTUMES DAS HOUBARAS

As houbaras habitam as planicies quentes, aridas, arenosas ou pedregosas, cobertas de mattas raras, o deserto emfim.

Os observadores estão de accordo em dizer que a houbara de Macqueen tem pouco mais ou menos os mesmos costumes que a betarda e que, apesar das suas dimensões menores, o collar a torna mais elegante ainda do que esta. Não vôa rapidamente, mas corre com velocidade, batendo as azas. Emquanto dura a quadra do cio passeia com altiva magestade, como o pavão, dilatando a pelle do pescoço.

As houbaras não são nem menos desconfiadas, nem menos timidas que as betardas e os cizões. Ordinariamente vivem em pequenos bandos de quatro ou cinco individuos; poucas vezes se encontram aos pares; é isto o que diz Ehrenberg, mas que Bolle contesta.

Ehrenberg faz notar que todas as houbaras por elle observadas se conservavam de ordinario silenciosas.

As houbaras alimentam-se principalmente de insectos; mas comem tambem molluscos e substancias vegetaes.

As houbaras nidificam n'uma depressão que ellas proprias cavam no meio das hervas altas. Os ovos, em numero de trez a cinco, tem pouco mais ou menos as dimensões dos de perua; são ovaes, alongados e cobertos de manchas, umas isoladas, outras confluentes, sobre um fundo azeitonado ou amarellado. A incubação dura cinco semanas, ao menos para uma especie, a houbara ondulada.

É quanto se sabe ácerca da reproducção d'estas aves siugulares.

CAÇA

Os indigenas caçam activamente as houbaras empregando para isso os falcões.

CAPTIVEIRO

Apezar de timidas, as houbaras, se se apanham novas, deixam-se domesticar. Alimentam-se bem com grãos, farinha e substancias vegetaes verdes.

USOS E PRODUCTOS

A carne das houbaras passa por ser excellente.

OS ANDARILHOS

Os andarilhos são caracterisados pela posse de um corpo elegante, de azas grandes, em que a segunda remige é a mais comprida, de uma cauda curta, larga, arredondada, formada por treze a quatorze rectrizes, de um bico muito comprido, recurvo, de tarsos altos, delgados, de trez dedos, emfim de uma plumagem frouxa, espessa, cuja côr se harmonisa perfeitamente com a da areia.

*

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Pertencem estas aves á Africa.

O ANDARILHO AMARELLO

Esta especie, typo do genero, é tambem conhecida pelo nome de *corredor do deserto*.

CARACTERES

A plumagem é de um amarello izabel passando nas costas a avermelhado. A região occipital é de um cinzento azulado, limitado por duas linhas, uma branca e outra negra, que partem dos olhos e se dirigem para a nuca onde formam uma pequena mancha triangular. As remiges primarias são de um trigueiro escuro e amarellas avermelhadas na extremidade; as secundarias são de um amarello izabel accentuado com manchas negras nas extremidades, que são brancas. As rectrizes são de um amarello izabel avermelhado, sendo as duas medianas transversalmente raiadas de negro na extremidade. Os olhos são castanhos e os pés de um amarello-palha.

Esta especie mede vinte e trez a vinte e cinco centimetros de comprimento e cincoenta e dois de envergadura; a extensão da aza é de dezesete centimetros e a da cauda de oito.

O macho e a femea não differem.

Os individuos não adultos tem a plumagem de um amarello claro coberto de maculas escuras.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Habita toda a Africa, desde o Mar Vermelho até ás Canarias. Ás vezes apparece na Europa.

COSTUMES

O andarilho amarello é um verdadeiro habitante do deserto. Ao passo que os outros animaes d'estas regiões procuram os logares em que a aridez não é muita, em que uma certa vegetação attenua a pobreza natural do paiz, o andarilho conserva-se precisamente nos pontos mais aridos, mais seccos, no meio da areia e das pedras, onde para alimentar-se encontra apenas aqui e além um magro feixe de hervas.

O andarilho é vulgar ao nordeste d'Africa; é commum tambem na metade oriental das Canarias, segundo Bolle. Procura, diz este naturalista, os logares pedregosos, cuja côr melhor se harmonisa com a da sua plumagem; mas tambem se encontra em pontos onde o solo se cobre de torrentes de lava arrefecida.

Depois da quadra dos amores o andarilho viaja, apparecendo então em logares onde habitualmente se não encontra; não faz porém verdadeiras emigrações. Alonga então as suas excursões até á Europa, por vezes. Assim é que apparece em Provença, na Hespanha e, ao que parece, tambem em Portugal.

Desde o mez de Fevereiro até ao mez de Julho os andarilhos amarellos vivem aos pares. O viajante habituado a observar descobre-os logo, apesar da côr da plumagem que, como acima dissemos, se confunde com a do meio ambiente. Elles teem nos movimentos alguma coisa de singular e é por isso que não passam desapercebidos. Vê-se o macho e a femea correrem com rapidez inacreditavel, sempre fóra do alcance de tiro, a quinze passos, pouco mais ou menos, de distancia um do outro. Em quanto correm, os membros inferiores movem-se com tanta rapidez que é impossivel vel-os; parecem aves sem pernas, movidas por uma força estranha. De repente param, olham em torno um instante, apanham alguma coisa do chão e retomam a corrida.

O andarilho nas regiões em que não é muito perseguido deixa-se

approximar pelo homem, mas nunca a distancia de poder ser apanhado pelo chumbo de uma espingarda. Os rapazes que correm atraz d'elle pensam poder apanhal-o; de repente porém, o andarilho deita a correr com prodigiosa rapidez, distanciando-se enormemente. É por isso que ao andarilho dão os indigenas das Canarias o nome de *engana-creanças.*

O andarilho izabel é tambem um excellente voador. Se receia muito o inimigo que vê approximar-se, toma vôo e eleva-se alto na atmosphera com muita rapidez.

As perseguições reiteradas de que tem sido objecto, tornaram o andarilho amarello extremamente cauteloso; foge do caçador, na maxima parte das regiões que habita, mesmo quando este vem ainda a uma grande distancia. Na Alexandria é de uma timidez extrema e de uma prudencia tal que difficulta extraordinariamente a caça.

O andarilho é uma ave silenciosa; ao menos, nenhum auctor refere tel-o ouvido.

Construe o ninho nas planicies seccas, no meio de pedras. O ninho consiste n'uma simples depressão feita na terra. Os ovos postos são trez ou quatro e teem o volume dos de pombo; são curtos, bojudos, obtusos na grossa extremidade, arredondados na pequena, de casca fina, côr de areia e cobertos de linhas cinzentas e atrigueiradas. Os naturalistas ignoram ainda, ou pelo menos ignoravam não ha muito tempo, se o andarilho realisa uma só ou duas posturas por anno.

No outono encontram-se os andarilhos em bandos constituidos pela aggremiação de membros da mesma familia ou mesmo pela aggremiação de familias.

A muda realisa-se cedo e parece que aos dois annos os filhos se encontram aptos para a reproducção.

CAÇA

A caça pelas armas de fogo é pouco mais de improductiva, dada a timidez do andarilho; não acontece o mesmo com a caça por meio das armadilhas que surte magnificos resultados. Nas Canarias é costume engodar as armadilhas com espigas de milho.

CAPTIVEIRO

São susceptiveis de domesticidade os andarilhos? Vivem presos em gaiolas? Inutilmente procuramos informações a este respeito.

O PREVENTOR DO CROCODILO

É este o nome pittoresco dado pelos arabes, por motivo que logo diremos, á ave que em nomenclatura scientifica se denomina *Hyas œgyptiacus.*

CARACTERES

Esta ave apresenta no alto da cabeça uma larga linha naso-ocular que se reune sobre a nuca com a do lado opposto. Tem as pennas compridas das costas de um negro accentuado, a garganta e o ventre brancos, o peito de um trigueiro ruivo, o uropigio amarello izabel, as coberturas superiores das azas e as escapulares de um azulado ardozia claro ou cinzento, as remiges, excepto a primeira, negras no meio e na ponta, brancas na raiz, o que produz listrões largos que atravessam as azas, os olhos castanhos claros, o bico negro e os pés côr de chumbo.

Esta ave mede vinte e trez centimetros de comprimento; a extensão da aza é de quatorze centimetros e a da cauda de oito.

A femea é um pouco mais pequena.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Apparece nas duas margens do Nilo a partir do Cairo. Tem-se dito tambem que elle se mostra nas margens d'outros cursos d'agua na Africa

occidental. Apparecerá na Europa? Tem-se affirmado que sim; Brehm põe a asserção em duvida e diz que ella carece de ser confirmada.

COSTUMES

O preventor do crocodilo parece ser uma ave perfeitamente sedentaria. Estabelece-se nos bancos de areia e não se affasta d'elles senão quando as aguas a isso o forçam.

Todos os que teem percorrido o Egypto affirmam que o preventor do crocodilo é uma ave elegante, leve e agillissima. Encontra-se sempre em familia, correndo pela areia ou voando á superficie d'agua.

A corrida não é intermitente ou antes não parece sel-o. O vôo é facil, mas sustentado por pouco tempo. Quando vôa ou quando corre faz ouvir um grito que pode notar-se assim: *tochip, tochip, hoit.*

O nome de preventor do crocodilo é dado a esta especie pelos motivos que passamos a expor. Plinio disse: «Quando o crocodilo está deitado sobre a areia com a bocca aberta, uma ave, o *trochilus,* chega, penetra n'essa bocca e secca-a. Isto é agradavel ao crocodilo que por isso poupa esta ave e abre mais ainda a bocca para que ella se não fira. Esta ave é pequena; conserva-se perto da agua e adverte ou previne o crocodilo da approximação do ichneumon, voando para elle e despertando-o aos gritos e ás bicadas sobre o focinho.» Esta narração de Plinio é baseada sobre informações de Herodoto e não é, como á primeira vista poderia crer-se, uma fabula. «O que os antigos viram pode ainda hoje verificar-se, diz Brehm; é pois com razão que a esta se dá o nome de *preventor.*» [1] Nada lhe passa indifferente; tudo lhe attrae a attenção e tudo o faz gritar, pondo assim de prevenção não só o crocodilo como outros animaes pouco vigilantes; é realmente um preventor dos perigos que podem correr os animaes em cuja proximidade se conserva.

O preventor vive na amizade do crocodilo; habitando os logares em que elle vem dormir e aquecer-se ao sol, o preventor conhece-o perfeitamente; caminha-lhe por cima do dorso como pela relva e come todos os vermes que a elle vivem parasytariamente ligados. Arranca-lhe os restos de alimentos que lhe ficaram entre os dentes e os animaes que se lhe fixaram ás gengives e ás maxillas. «Vi isto muitas vezes, diz Brehm.

[1] Brehm, *Loc. cit.,* pg. 550.

O preventor deu-me mesmo uma prova da sua audacia irreflectida e revelou-me de que modo procedia com um ser de tão grandes dimensões sem receiar-lhe os accessos de colera. Nos seus modos tem a arrogante coragem do pardal que penetra na gaiola da aguia e deixa que a ave de rapina fixe n'elle os olhos ardentes sem com isso se inquietar. Os serviços que o preventor presta são a consequencia da vigilancia, da justa apreciação que elle sabe fazer das circumstancias. O grito que solta quando vê alguma coisa de suspeito, desperta o crocodilo e permitte-lhe refugiar-se a tempo no seio das aguas.

A alimentação do preventor é principalmente animal. Embora coma de tempos a tempos algum grão, alimenta-se principalmente de vermes, de insectos, de arachnideos, de peixes e mesmo da carne de grandes vertebrados.» [1]

A excessiva prudencia do preventor revela-se principalmente na escolha que sabe fazer do logar em que nidificará. Occulta admiravelmente os ovos aos olhares dos inimigos; esconde-os na areia quando suspeita que podem ser vistos.

Esses ovos tem a forma dos do andarilho amarello e o volume dos da perdiz do mar; são de um amarello avermelhado, côr de areia, cobertos de manchas, pontos e raias de um castanho vivo. Não se sabe o tempo que dura a incubação.

CAPTIVEIRO

«Estou convencido, diz Brehm, de que se poderia facilmente habituar os preventores á vida de gaiola; seriam interessantissimos n'essas condições. Mas, ao menos que eu saiba, não se realisaram ainda experiencias n'este sentido.» [2]

---

[1] Brehm, *Loc. cit.*, pg. 551.
[2] Brehm, *Loc. cit.*, pg. 551.

A PERDIZ DO MAR

Esta especie pertence ao genero *Glareola* que se caracterisa assim: Os individuos que o formam teem um bico mais curto que a cabeça, convexo, de bordos mandibulares desenhando uma curva muito pronunciada, mais largo que alto na base, mais alto que largo na ponta, azas muito mais compridas que a cauda, tarsos finamente reticulados do lado da articulação tibio-tarsica.

CARACTERES ESPECIFICOS

A especie que vamos descrever *(Glareola Pratincola)* é ainda conhecida pelos nomes vulgares de *gallinha da areia* e de *andorinha dos pantanos.*

Esta especie tem as costas pardas atrigueiradas, o uropigio, a parte inferior do peito e o ventre brancos, a garganta de um amarello arruivado, marginada de trigueiro, a cabeça da côr das costas, as extremidades das remiges e das rectrizes negras, os olhos castanhos escuros, o bico côr de coral na raiz, negro na ponta e os pés trigueiros escuros.

Esta especie mede vinte e oito centimetros de comprimento e sessenta e dois de envergadura; a aza mede dezenove centimetros e a cauda sete.

Macho e femea teem pouco mais ou menos as mesmas dimensões.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

As praias do Mediterraneo e do Mar Negro, as planicies que marginam o Danubio e o Volga, as *steppes* da Russia e da Siberia são os pontos da Europa que esta especie habita.

COSTUMES

As perdizes do mar são aves viajantes. Apparecem em grande numero nos paizes do Mediterraneo no começo de Abril e ahi se conservam muitos dias, muitas semanas até, partindo depois para os paizes em que nidificam. Muitas param á beira do lago de Neusiedl, na Hungria; encontram-se em maior numero ainda á beira dos lagos do sul da Russia, do centro da Siberia, do nordeste d'Africa e da Asia Menor.

Sem serem exclusivas, escolhem de preferencia os logares á beira d'agua, ou seja doce ou seja salgada; todavia no estio evitam as costas e as margens arenosas.

Apenas chegadas ás localidades em que teem de nidificar, os bandos dissociam-se e constituem-se os casaes. Cada casal apropria-se de um certo dominio, sem para isso ser forçado a conquistal-o pela violencia aos outros casaes.

A perdiz do mar corre com velocidade e vôa muito bem. Correndo, como as tarambolas, de um modo intermittente, a perdiz do mar agita constantemente a cauda. Os modos das perdizes do mar interessam e captivam singularmente o observador. Estas aves encontram-se aos pares na quadra dos amores e em bandos de centos de individuos no resto do anno, correndo, voando, procurando alimentos. Estes consistem principalmente em insectos, vermes e larvas.

Voam com uma rapidez que só pode comparar-se á das andorinhas.

Em certas epochas do anno comem exclusivamente gafanhotos, como Julio Varreaux teve occasião de ver no sul da Africa. Muitas vezes engolem insectos inteiros; Von der Muhle encontrou no interior de uma perdiz do mar que matou, insectos raros em estado tal de conservação que pôde aproveital-os para a sua collecção entomologica. Fazem a caça muito tarde; devem mesmo considerar-se estas aves como crepusculares. No meio do dia dormem junto dos ninhos e na estação das viagens encontram-se em longas filas á beira do mar ou dos rios.

Para nidificar procuram as bordas levemente inclinadas dos pantanos, as pastagens das *steppes* desguarnecidas de arvores e os campos cultivados só em parte.

O ninho consiste n'uma pequena excavação coberta de palhas e raizes. Cada postura é de quatro ovos de uma côr terrosa ou de um pardacento esverdeado escuro, coberto de manchas cinzentas muito visiveis e de numerosas linhas onduladas e entrecortadas em todos os sentidos,

de côr que varía desde o trigueiro amarellado até ao negro puro. A dedicação dos paes pela progenie é excessiva; elles empregam toda a sorte de astucia e toda uma enorme coragem para defenderem os filhos. O amor conjugal é tambem intenso n'esta especie. Se um membro de um casal cae morto por um tiro, raro é que ao outro não aconteça o mesmo, porque em vez de fugir, elle abeira-se do cadaver do companheiro.

Os filhos crescem rapidamente e por isso abandonam muito cedo o ninho.

CAÇA

Na Hungria e na Russia apanham-se desapiedadamente os ovos. Na Grecia faz-se uma perseguição terrivel aos individuos adultos, principalmente no outono.

CAPTIVEIRO

É raro encontrar em captiveiro a perdiz do mar. E comtudo sabe-se bem por algumas experiencias instituidas por Savi e Von der Muhle que esta ave se dá bem em gaiola, resiste admiravelmente á perda da liberdade e attinge um grao notavel de domesticidade. Von der Muhle affirma que ella se sustenta muito bem com sopas de leite.

UTILIDADE

A perdiz do mar é extremamente util ás florestas e á agricultura, como facilmente se deprehende do seu regime insectivoro.

USOS E PRODUCTOS

A carne da perdiz do mar passa por ser excellente, sobretudo no outono em que é muito gorda e muito succolenta. Isto explica bem a

caça que n'esta estação se lhe faz na Grecia. Explica, mas não justifica; porque nunca haverá razões normaes para abonar a destruição de especies que, como esta, representam um papel util na economia da natureza.

O ALCARAVÃO

A especie de que vamos occupar-nos (o nome que lhe damos é o nome vulgar portuguez) pertence ao genero *Oedicnemus* que se caracterisa assim: Os individuos que o formam teem um bico do comprimento da cabeça ou um pouco mais curto, espesso, triangular, levemente deprimido na base, comprimido na metade anterior, narinas lineares, estendidas até ao meio do bico, azas medias, agudas, não chegando á extremidade da cauda, que é composta de doze rectrizes, tarsos compridos, finos, cobertos de todos os lados por uma camada de pequenas escamas, emfim dedos curtos, grossos, reunidos na base por uma membrana estreita.

CARACTERES ESPECIFICOS

O alcaravão apresenta uma plumagem de fundo ruivo, raiado de trigueiro escuro. Sobre a parte anterior da fronte exhibe uma pequena mancha e duas linhas, uma sobre e a outra sob-occular brancas. As pennas do ventre são brancas amarelladas, as remiges negras e as rectrizes negras na ponta e brancas aos lados. Os olhos são amarellos dourados e as palpebras amarellas. O bico é amarello na base e os tarsos são de um amarello-palha.

Esta especie mede quarenta e sete centimetros de comprimento e oitenta a oitenta e dois de envergadura; o comprimento da aza é de vinte e trez centimetros e o da cauda de quatorze.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

O alcaravão é originario do meio-dia da Europa, do norte d'Africa e de oeste da Asia. Encontra-se commumente na Syria, na Persia, na Arabia e nas Indias. Nas suas viagens pela Europa desce muito para o sul; assim é que se encontra vulgarmente em Portugal.

COSTUMES

O alcaravão é o que propriamente se pode chamar uma ave do deserto; mesmo nos campos da Europa procura os logares que mais se assemelham ao deserto—as regiões arenosas, incultas e aridas.

«N'uma das primeiras noites que passei n'uma casa meia arruinada de um arrabalde do Cairo, vi, diz Brehm, com muita surpresa, grandes aves voarem por baixo do terraço que forma o tecto da casa e dirigirem-se para os bosques do jardim onde desappareciam. Julguei que fossem mochos; o vôo porém era muito differente e o grito, que eu ouvi d'ahi a pouco, convenceu-me de que me enganara. Quanto mais a noite avançava, mais actividade essas aves manifestavam no jardim illuminado pela lua cheia. Como outros tantos espectros ora saltavam rapidamente para fóra dos laranjaes, ora ahi penetravam com egual velocidade. Fiz fogo sobre uma d'estas apparições e corri para o jardim, onde encontrei uma ave cujo manto me era muito conhecido. Era o que se pode chamar uma *betarda nocturna*. Mais tarde tive occasião de observar esta ave singular por toda a parte com os mesmos habitos. Qualquer que seja o logar que habite o alcaravão, por mais variadas que sejam as condições de existencia, uma ha que parece ser-lhe indispensavel: é preciso que possa ver ao longe e que haja um logar em que possa, sendo preciso, encontrar um refugio.» [1] O mesmo naturalista continua ainda: «Pode dizer-se que tudo é notavel no alcaravão: o porte, os grandes olhos de um amarello dourado, a marcha, o vôo, todos os movimentos. É um amigo da solidão que pouca importancia liga aos companheiros. Não se liga com nenhum animal, mas estuda-os todos para conformar o seu comportamento com os resultados da experiencia. Não sabe o que seja confiança: todo o animal lhe é suspeito, senão perigoso. Observa tudo, em todas as

[1] Brehm, *Loc. cit.*, pg. 555.

circumstancias e raras vezes se deixa enganar.» [1] É exactamente por esta razão, pela prudencia extrema de que é dotado, que o alcaravão procura sempre os logares de horisonte largo e onde exista sitio proprio para esconder-se no caso de perigo.

De ordinario marcha vagarosamente; mas se o perseguem corre com rapidez assombrosa. O vôo é leve, muito facil, mas geralmente sustentado por pouco tempo.

O alcaravão não gosta de entrar em movimento, em vida activa, durante o dia. Na Africa, n'aquellas regiões em que o homem o não persegue, comporta-se como o mocho, como uma ave que se incommoda e perturba com a luz. Passa o dia escondido, quasi immovel; mas ao cair da tarde torna-se vivo, corre e vôa incessantemente, solta a cada instante a voz, eleva-se na atmosphera, diverte-se no ar. O seu primeiro cuidado quando a noite chega, é procurar agua para dessedentar-se; e por mais longe que ella se encontre, procura-a. Não é raro que tenha para tal fim de atravessar muitos kilometros. Nas noites de luar vê-se esta ave em constante movimento até á alvorada. Nas noites escuras, a actividade deve ser a mesma, porque os gritos do alcaravão ouvem-se constantemente, cortando o silencio das coisas. Esses gritos, numerosos sobretudo na quadra das emigrações, podem notar-se por *kraeiith, kraeiith.*

A alimentação do alcaravão é exclusivamente animal; compõe-se de vermes, de insectos de toda a ordem, de caracoes, de molluscos sem casca, de rãs, de lagartos e de ratos. Engole areia para facilitar a digestão.

A primavera é a estação dos combates para estas aves: combates feridos ora em honra das femeas, ora para conquistar a posse de um dominio. Os combatentes ferem-se rijamente ás bicadas e perseguem-se quer voando, quer correndo. O vencedor vem depois da lucta para junto da femea e principia a descrever circulos em torno d'ella com a cabeça inclinada para o chão, as azas pendentes, a cauda erguida, gritando docemente: *dick, dick.*

No fim de Abril a femea faz o ninho que consiste n'uma simples depressão praticada na areia. A postura é de dois a trez ovos da forma e do volume dos de gallinha; são de um amarello argiloso desmaiado, cobertos de manchas côr de ardozia, sobre as quaes destacam ainda outras manchas que variam desde o amarello accentuado até ao trigueiro escuro, quasi negro. Cada casal realisa uma só postura por anno; a femea choca durante dezeseis dias e em quanto isto se passa o macho vela fielmente por ella.

[1] Ibid.

Os filhos teem um desenvolvimento rapido e pouco tempo carecem do auxilio dos paes.

CAÇA

A prudencia do alcaravão constitue uma difficuldade séria á caça. Nas Indias emprega-se com um certo resultado o falcão, pelos processos que n'outro lugar descrevemos e que durante a idade media eram geralmente empregados.

CAPTIVEIRO

A difficuldade da caça explica sufficientemente a circumstancia de ser muito rara em captiveiro esta ave. Todavia Naumann pôde observar demoradamente um alcaravão captivo e affirma que elle attingira um alto grao de domesticidade. Esse alcaravão alimentava-se com sopas de leite; mas comia tambem de tempos a tempos alguns insectos, vermes, ratos, lagartos, rãs, etc. Conhecia perfeitamente todas as pessoas da casa e regulava os seus affectos pelo modo por que era tratado por ellas. Tinha uma pessima qualidade: sujava tudo. Isto valia-lhe correcções sérias dos criados que elle odiava por isso. A pessoa que mais o estimava era o dono da casa, pae do naturalista a quem pedimos estas informações; era tambem a elle que o alcaravão estimava incondicionalmente. Só por elle se deixava acariciar e só da mão d'elle consentia em receber alimentos.

AS TARAMBOLAS

As tarambolas são caracterisadas pela posse de um bico um pouco mais curto que a cabeça, de azas agudas, de tarsos elevados, finos, co-

bertos por todos os lados de uma rede de placas hexagonaes, emfim de uma plumagem coberta de manchas nas partes superiores.

O genero repousa sobre uma especie unica.

A TARAMBOLA

Esta especie *(Charadrius pluvialis)* é tambem conhecida entre nós pelo nome vulgar de *doiradinha.*

CARACTERES

Tem as costas negras, cobertas de pequenas manchas verdes ou de um amarello d'ouro, o ventre e o peito negros na primavera, e cobertos de manchas amarelladas no outono, o ventre branco n'esta estação, as rectrizes negras com raias brancas nas extremidades, os olhos castanhos escuros, o bico negro e os pés cinzentos escuros.

Esta especie mede vinte e oito centimetros de comprimento e sessenta de envergadura; a extensão da aza é de dezenove centimetros e a da cauda de nove.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Esta especie habita a Europa, a Asia e o norte da Africa. É sedentaria na Inglaterra e na Allemanha e de arribação nos paizes do sul, como o nosso.

COSTUMES

A tarambola é uma ave dos pantanos, da beira d'agua. Vive ora aos pares, ora em familias, ora em bandos mais ou menos numerosos, segundo as estações.

Em Setembro dirige-se para o sul e em Março para o norte. Quando o inverno não é muito rigoroso, alguns individuos deixam-se ficar na Europa central.

Do norte da Asia as tarambolas voam para a China e para o norte da India; do extremo norte da America dirigem-se para o sul dos Estados-Unidos. As viagens fazem-se por bandos e principalmente de noite. De dia repousam e comem.

A tarambola é uma ave alegre, viva e agil. Corre bem, rapidamente e marcha com elegancia; vôa com facilidade, atravessando grandes espaços, como os pombos. Perto do ninho descreve curvas e executa exercicios de alto vôo graciosissimos.

A voz d'esta ave é agradavel, a despeito do tom pungitivo que a caracterisa.

A tarambola é muito sociavel, muito affectuosa para os filhos e possue uma intelligencia desenvolvida e sentidos relativamente perfeitos.

Alimenta-se principalmente de vermes e de larvas; os mosquitos pequenos e grandes, formam quasi exclusivamente o regime de estio d'esta ave. Durante as viagens come pequenos insectos, molluscos e minhocas. Engole substancias inertes e duras para facilitar a digestão.

A agua é para a doiradinha um elemento absolutamente indispensavel; precisa d'ella para beber e para se banhar. Não passa um dia sem lavar cuidadosamente a plumagem.

É nos pantanos que deve procurar conhecer-se o modo de reproducção da tarambola. A cada passo se surprehendem ahi as galanterias amorosas dos machos e se encontram os ninhos com ovos ou já com filhos. O macho balança-se no ar, paira cantando e deixa-se depois cair ao pé da femea e gira em torno d'ella agitando a cabeça e abrindo as azas; a femea corresponde a estas provas d'amor.

O ninho consiste n'uma simples depressão do solo que a femea cava e tapeta de algumas palhas seccas. Os ovos são relativamente grandes, de casca lisa, de um amarello azeitonado com desenhos de um trigueiro escuro ou de um trigueiro avermelhado, dispostos em corôa com mais ou menos regularidade.

A epocha da postura varía um pouco com a localidade; realisa-se mais ou menos cedo conforme o local escolhido para a postura é menos ou mais septentrional.

Os filhos abandonam o ninho logo no dia em que nascem. Os paes dedicam-lhes o maximo affecto.

De ordinario a tarambola realisa uma postura unica por anno; mas se lhe roubam os ovos, realisa uma segunda.

INIMIGOS

Ao Norte o mais terrivel inimigo da tarambola adulta é o falcão. O raposo, o glutão, a marta e os corvos roubam-lhe os ovos.

CAÇA

Mas de todos os inimigos da especie o peior, o mais terrivel é sem duvida o homem que lhe faz uma guerra sem treguas. As armadilhas são muito empregadas; e para attrair a ave, imita-se-lhe o grito.

USOS E PRODUCTOS

A actividade posta na caça da tarambola explica-se pela excellencia da carne d'esta ave. Segundo Gerbe, essa carne é menos boa no outono que em qualquer outra estação, porque toma então um gosto oleoso.

---

*

OS MORINELLOS

Estas aves, que teem uma certa semelhança com as que acabamos de estudar, recebem em França o nome vulgar de *tarambolas dos Alpes*.

CARACTERES

Os marinellos teem um bico fino, recto, elevado, mais curto que a cabeça, levemente dilatado na extremidade, deprimido no meio sobre a face superior, tarsos finamente reticulados sobre a face posterior e sobre as articulações, cobertos adiante e aos lados de uma dupla ordem de placas hexagonaes, pentagonaes ou tetragonaes, segundo o logar que occupam, finalmente as remiges secundarias muito alongadas.

O MORINELLO COMMUM

Tambem se denomina vulgarmente em França *tarambola da Siberia*.

CARACTERES

Tem o dorso anegrado com tons azeitonados e arruivados, a cabeça pardacenta, a garganta limitada por uma raia branca, o peito cinzento, raiado transversalmente de arruivado, seguido de uma estreita raia negra e de um listrão branco, por cima dos olhos uma larga raia clara, confundindo-se sobre a nuca com a do lado opposto, os olhos castanhos escuros, o bico negro e os tarsos de um amarello esverdeado.

No outono as costas são de um cinzento escuro, o alto da cabeça anegrado e ruivo, o alto do peito pardacento, a raia sobreocular de um amarello-ruivo mais claro e o ventre branco.

A femea offerece cores menos vivas que as do macho.

Esta especie mede vinte e quatro a vinte e cinco centimetros de comprimento e cincoenta de envergadura; a extensão da aza é de dezeseis centimetros e a da cauda de oito.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Esta especie pertence ás regiões do norte da Europa. Habita tambem a Asia e a Africa, e apparece como ave de arribação na Allemanha, na França, na Grecia, na Turquia, na Inglaterra, na Hespanha e em Portugal.

COSTUMES

O morinello commum prefere as montanhas ás planicies. De ordinario encontra-se a alturas que oscillam entre dois mil e quatrocentos a trez mil e trezentos metros acima do nivel do mar. Passa provavelmente o inverno nas montanhas, o que explica o encontrar-se tão raras vezes durante esta estação.

«Considero o morinello, diz Brehm, como uma ave interessantissima, das mais interessantes que tenho observado, a não ser que as que vi me captivassem particularmente a attenção por estarem a ponto de chocar. Tem-se dito que é uma ave estupida; não posso subscrever a esta opinião. Nos logares em que nidifica não tem medo algum ao homem, sem duvida porque este raras vezes a incommoda; mas se a perseguem, torna-se timida e mostra que não é menos intelligente que as congeneres.» [1]

O morinello commum tem um porte elegante, a marcha leve, facil e rapida, o vôo vivo e veloz como a flexa e, quando é preciso, irregular, cheio de zig-zags bruscos e graciosos. A voz é suave e aflautada; pode notar-se por *durr*, *duru*. Todos os seus movimentos são encantadores. Anima notavelmente as montanhas. Vive em boa harmonia com as outras aves.

[1] Brehm, *Loc. cit.*, pg. 562.

Nas montanhas o morinello commum nidifica em Maio ou Junho. O ninho consiste n'uma depressão pouco profunda do solo, coberta de lichens e raizes seccas. A postura é de trez ou quatro ovos piriformes, de casca fina, de um amarello trigueiro claro ou esverdeado, coberto de manchas escuras, irregulares. A femea choca com tal ardor, que prefere consentir que a calquem aos pés a abandonar os ovos. De resto, ella sabe bem que a côr da propria plumagem, confundindo-se com a do solo, constitue para ella uma verdadeira protecção, a melhor de todas talvez.

Uma vez nascidos os filhos, constitue-se uma familia verdadeiramente encantadora em que os laços d'amor teem uma consideravel resistencia. Pae e mãe velam pela progenitura, expondo-se aos perigos para a salvar, para a defender.

USOS E PRODUCTOS

A carne do morinello commum tem reputação de excellente, de superior mesmo á da perdiz.

O BORRELHO

Esta especie é conhecida tambem entre nós pelo nome vulgar de *lavadeira*.

CARACTERES

Esta especie é pequena: mede apenas dezoito centimetros de comprimento sobre trinta e seis de envergadura; a extensão da aza é de doze centimetros e a da cauda de nove.

Tem as faces, o vertice da cabeça e as costas de um pardo terroso, o ventre e o peito brancos, sobre a fronte uma raia negra e estreita, encimada por uma outra mais larga, branca, limitada a seu turno atraz por uma linha negra, a linha naso-occular e a garganta negras, os olhos

castanhos escuros com um circuito muito largo amarello dourado, o bico negro e os pés avermelhados.

A femea apresenta côres menos vivas.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Não está bem estabelecida ainda a area da dispersão do borrelho ou lavadeira. É certo porém que se tem encontrado a especie em toda a Europa, n'uma grande parte da Africa e em quasi toda a Asia.

Entre nós é vulgar.

COSTUMES

O borrelho não é uma ave sedentaria; emigra do norte para o sul da Europa regularmente nos mezes de Agosto e Setembro.

Os movimentos do borrelho são faceis e leves. Corre com rapidez surprehendente e vôa bem. É raro porém que vôe durante as horas do meio do dia; de manhã e ao fim da tarde, ao contrario, manifesta bem quanto gosta de agitar-se.

O grito de reclamo do borrelho pode notar-se por *dia, dia* e o grito de aviso por *diu, diu;* o grito d'amor é um verdadeiro canto que termina pelo trillo *duh du dull dull lullul lull.*

Os costumes da lavadeira são encantadores. Vive em paz com as companheiras; quando muito combate um pouco no começo da estação dos amores. Tem pela companheira e pelos filhos a maior dedicação.

A alimentação d'esta ave compõe-se de insectos, de larvas e de pequenos molluscos. Bebe muito e muitas vezes; carece ainda da agua para banhar-se, o que faz uma ou duas vezes por dia.

O ninho d'esta espécie consiste n'uma depressão n'um logar arenoso de praia, muitas vezes a cem passos da agua. A postura realisa-se no meiado de Maio e compõe-se de quatro ovos cuja côr se confunde com a da areia. A casca é fina, de um amarello arruivado, coberta de manchas cinzentas, sobre as quaes se destacam outras de um trigueiro escuro. Durante o dia os paes chocam pouco, porque basta o calor do sol á evolução dos ovulos, mas de noite macho e femea alternadamente con-

servam-se sem interrupção sobre os ovos. A incubação dura quinze a dezeseis dias.

Os filhos, uma vez seccos e limpos, abandonam immediatamente o ninho em companhia dos paes, que durante os primeiros dias lhes mettem os alimentos na bocca. No dizer de Naumann, os filhos ao fim de trez semanas prescindem do auxilio dos paes. Mas nem por isso a familia se dissolve; os filhos conservam-se na companhia dos paes até á idade adulta e acompanham-os durante as emigrações.

PRECONCEITOS

Escreve Figuier: «Attribuia-se n'outro tempo ao borrelho a propriedade de curar a ictericia. Bastava para isso que o doente fixasse os olhos da ave com uma profunda convicção no bom exito da experiencia: d'esta forma o mal passava do doente para os olhos da ave. Esta opinião supersticiosa da medicina medieval seguiu o caminho de todas as outras.» [1]

USOS E PRODUCTOS

A carne do borrelho é boa; tem sido comparada á das tarambolas.

O POMBO ANTARCTICO

Esta especie do genero *Chionis* é conhecida tambem pelo nome de *gallinha antarctica*. A sua designação scientifica é *Chionis alba*.

[1] L. Figuier, *Les Oiseaux*, pg. 187.

CARACTERES GENERICOS

Todos os individuos comprehendidos sob a designação geral de *Chionis* teem um corpo refeito e pezado, um bico do comprimento da cabeça, robusto, conico, convexo, levemente comprimido, narinas abertas no meio do bico e completamente cobertas por uma membrana cornea que envolve a base da mandibula superior, azas mediocres, agudas, sendo a segunda remige a mais comprida, e munidas de um esporão obtuso na articulação radio-carpica, uma cauda de extensão media quasi quadrada, tarsos espessos, do comprimento do dedo mediano, inteirameute recticulados, dedos anteriores espessos, alongados, circumdados por um rudimento de membrana, um pollegar bem desenvolvido e unhas espessas, curvas e obtusas.

CARACTERES ESPECIFICOS

A especie de que nos occupamos, o pombo antarctico, tem uma plumagem perfeitamente branca, a parte desnudada da face e o contorno dos olhos côr de carne, cambiando para amarellado, o bico esverdeado com a ponta negra e uma mancha vermelha atrigueirada no meio, e os olhos azulados.

Esta ave mede trinta e seis a trinta e oito centimetros de comprimento e sessenta de envergadura.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Esta especie pertence ás terras austraes. Muitos navegantes a teem encontrado nas ilhas Maluinas.

COSTUMES

«Não se sabe quasi nada, diz Brehm, do genero de vida d'esta ave e ignora-se completamente tudo quanto se refere á reproducção. O que os navegantes nos dizem é que ella não tem habitos muito sociaveis; vive isolada e não em bandos. Encontra-se muitas vezes nos ro-

chedos á flôr d'agua; mas tambem se encontra a uma grande distancia de terra, quer porque o vento algumas vezes a arroje ao largo, quer porque ella seja uma especie emigradora.» [1]

Segundo Lesson, o vôo d'esta ave é muito pezado.

USOS E PRODUCTOS

Ha opiniões contradictorias relativamente ao valor da carne d'esta especie. Segundo Forster, ella seria detestavel e exalaria um cheiro insupportavel. Mas no dizer de Anderson, Quoy e Lesson, ella seria boa. Roblet affirma que a ave não tem gosto nenhum a peixe. «A carne, diz, assemelha-se á do pombo, de que tem o gosto; alguns officiaes que a provaram, compararam-a á da tarambola.»

OS PAVONCINHOS

Os individuos que constituem este genero são caracterisados pela existencia de um bico mais curto que a cabeça, bruscamente dilatado, de azas amplas, subagudas, de tarsos compridos, finos, recticulados, de quatro dedos, trez adiante e um atraz, emfim de uma cabeça ornada por uma especie de poupa.

---

[1] Brehm, *Obr. cit.*, pg. 564.

O ABIBE

Esta especie *(Vanellus cristatus)* é tambem conhecida pelo nome de *abecuinha*.

CARACTERES

Tem o alto da cabeça, a parte anterior do pescoço, o alto do peito e a metade da cauda de um negro brilhante, o manto verde escuro com reflexos azues ou purpura, os lados do pescoço, a parte inferior do peito, o ventre, a metade posterior da cauda brancos, algumas pennas das coberturas da cauda de um amarello ruivo, emfim uma poupa bifida, formada de pennas compridas e estreitas.

A femea tem a poupa mais curta e a parte anterior do pescoço manchada de negro e branco.

Os individuos não adultos assemelham-se á femea, mas teem côres menos vivas e as pennas das costas largamente bordadas de amarello ruivo. Os olhos são castanhos e os pés de um vermelho accentuado, sujo.

Esta especie mede trinta e seis centimetros de comprido sobre setenta e quatro de envergadura; a extensão da aza é de vinte e trez centimetros e a da cauda de quatro.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

«O abibe ou abecuinha, diz Brehm, encontra-se espalhado em toda a parte desde o sexuagessimo grao de latitude boreal até ao norte da India e da Africa e em todo o antigo continente. É tão commum em certas partes da China como na Gran-Bretanha e vae passar todos os invernos sob as latitudes mais meridionaes desde o norte da India até Marrocos. Nidificaria na Grecia, segundo Von der Muhle; isto porém é duvidoso e Lindermayer pretende o contrario.» [1]

[1] Brehm, *Obr. cit.*, pg. 566.

COSTUMES

Em muitas regiões da Europa os abibes apparecem em grande numero no fim de Outubro; estabelecem-se ao longo dos cursos d'agua, nos pantanos e nas costas. No começo de Março retiram-se e dirigem-se para o norte. O mesmo acontece, affirma-se, com relação ás Indias e ao sul da China.

«Na Europa, escreve o naturalista allemão que acabamos de citar, a Hollanda é o paiz em que ha mais abibes; são tão caracteristicos da paysagem hollandeza como os canaes, as vaccas brancas e negras, os moinhos de vento e as casas rusticas cercadas de altas arvores.» [1] Na Allemanha estas aves tambem são vulgares. Em Portugal não são raras.

O abibe é extremamente vigilante e annuncia a todas as aves da beira d'agua o mais ligeiro perigo que as ameace. Esta circumstancia torna-o antipathico aos caçadores. Mas para o naturalista é uma ave sympathica, alegre mensageira da primavera, sempre agradavel, quer voando, quer correndo.

Quando um grande bando emigra, alguns individuos ha que veem sempre adiante, como que encarregados de inspeccionarem a região. Ás vezes os abibes soffrem muito quando chegam ao termo da viagem, porque a estação corre má e as neves veem destruir-lhes o alimento. Então as pobres aves, esperançadas em melhor tempo, não se decidindo nunca a regressar ao ponto de partida, soffrem o frio, a fome, toda a sorte de miserias e morrem em grande numero. Não é isto porém, o que geralmente acontece. De ordinario chegam em occasião propicia; e então a abundancia de alimentos imprime-lhes uma grande jovialidade, uma desenvoltura alegre de movimentos.

No regresso á patria, os bandos emigrantes dissolvem-se e constituem-se casaes, cuja fidelidade é inalteravel.

O abibe evita a visinhança do homem, talvez menos pelo medo d'este que por medo dos cães e gatos.

Procura a proximidade da agua, o solo humido. Excepcionalmente vae fazer ninho nas montanhas; quando tal acontece pode estar-se certo de que os logares que de ordinario habita foram inundados.

Para o abibe ou abecuinha todos os animaes, excepto bois e carnei-

[1] Brehm, *Loc. cit.*, pg. 567.

ros, são suspeitos; todos lhe parecem inimigos. O momento de maior excitação para o abibe é aquelle em que tem ovos ou em que os filhos se encontram incapazes ainda de voar. N'estas occasiões o abibe é de uma coragem extraordinaria; se um homem se approxima, vôa-lhe em torno e tão perto que elle sente a corrente de ar produzida pelo movimento das azas.

O abibe vôa muito bem. Perto da agua ou da terra, avança batendo lentamente as azas; nas altas regiões pára, deslisa sem movimentos, desce e sobe rapidamente, dá voltas audaciosas, diverte-se emfim. Os movimentos das azas são acompanhados de um fremito particular e singularissimo que permitte reconhecer a ave a distancia em plena obscuridade. Corre muito rapidamente; na marcha parece-se com as tarambolas. Quer marchando, quer voando, o abibe ergue e abaixa alternadamente a poupa.

A voz d'esta ave é pouco rica em sons: o grito de reclamo pode notar-se por *kevit*. O canto d'amor só o solta voando.

O abibe possue qualidades notaveis. A vigilancia que tanto o caracterisa, a prudencia que o torna antipathico ao caçador são o resultado de uma intelligencia que sabe aproveitar as lições da experiencia e reconhecer no homem um inimigo—o que elle é realmente para a maioria das especies animaes. De resto, o abibe sabe bem distinguir o caçador do pegureiro, o simples observador do homem armado. O logar em que uma vez caíu morto um companheiro torna-se para elle um logar suspeito durante muitos annos. A prudencia do abibe, prudencia de que tanto proveito tiram as aves da beira d'agua, fez com que os gregos lhe dessem o nome significativo e pittoresco de *boa mãe*.

O regime alimentar do abibe compõe-se de vermes, larvas e pequenos molluscos aquaticos e terrestres. Bebe muito e banha-se com prazer. Brehm ensina que para encontrar um ninho de abecuinha se deve esperar que o macho solte, voando, o seu canto de amor; porque ordinariamente o ninho encontra-se por baixo do logar em que elle vôa, na direcção perpendicular. Geralmente encontra-se entre hervas n'um solo humido. Consiste n'uma depressão do solo, alcatifada por folhas seccas e raizes.

A epocha da postura é Abril, com quanto desde os ultimos dias de Março se possam encontrar ovos, algumas vezes. A postura é de quatro ovos, relativamente grandes, dilatados na grossa extremidade, de ponta arredondada na extremidade opposta; a casca é lisa, de um verde azeitonado ou atrigueirado, coberta de pontos, manchas e raias de um negro luzidio. São dispostos n'um circulo em cujo centro se tocam pela extremidade menos grossa; esta posição é conservada até ao fim da incubação, que dura dezeseis dias.

Macho e femea manifestam pelos filhos uma extraordinaria dedicação, empregando para os salvar umas vezes uma astucia que faz honra ás suas faculdades, outras vezes uma coragem que torna sublimes os seus sentimentos de paternidade.

INIMIGOS

São inimigos da especie todos os grandes carniceiros e quasi todas as aves de rapina. De todos estes inimigos os mais terriveis são, entre os mamiferos, o rapozo, os carnivoros nocturnos e, entre as aves, os milhafres e os falcões.

Contra o cão tem o abibe o recurso da coragem, que ás vezes dá o melhor resultado. Contra a aguia tem o recurso do numero; junta-se aos companheiros e attaca a ave de rapina a ponto de a fazer fugir. Mas contra as astucias do rapozo o abibe é impotente; em face dos milhafres e dos falcões comporta-se miseravelmente, perdendo toda a coragem e precipitando-se na agua.

CAÇA

No meio-dia da Europa faz-se uma guerra atroz ao abibe ou abecuinha. Não acontece o mesmo nos paizes do norte.

CAPTIVEIRO

O abibe, apanhado novo, domestica-se rapidamente, aprendendo depressa a conhecer o dono, e a seguil-o. Habitua-se aos cães e aos gatos, que em liberdade são os seus mais terriveis inimigos. Habitua-se a comer pão e conserva-se muitos annos em captiveiro, desde que haja o cuidado de lhe dar um abrigo quente no inverno.

USOS E PRODUCTOS

No meio-dia da Europa dá-se um grande apreço á carne do abibe. Em França diz-se:

> **Qui n'a pas mangé de vanneau**
> **N'a pas mangé de bon morceau.**

Uma outra versão diz:

> **Qui n'a mangé ni pluvier ni vanneau**
> **Ne vait pas ce que gibier vaut.**

Figuier escreve: «A carne do abibe é excellente, mas em certos mezes do anno apenas. É proximo da festa de Todos-os-Santos que ella adquire todas as suas qualidades; é então que convem cosinhal-a. Na primavera é uma caça mediocre, o que explica consentir a igreja o seu uso durante a quaresma; é então um alimento *magro.*» [1]

O PAVONCINHO DE ESPORÃO

Esta especie *(hoplopterus spinosus)* pertence ao genero *Hoplopterus,* essencialmente caracterisado pela presença nos individuos que o constituem de um esporão agudo na prega da aza esporão que, segundo

[1] L. Figuier, *Obr. cit.*, pg. 185.

uma lenda arabe, lhes foi dado para punir a sua somnolencia e que é a causa de se conservarem estas aves acordadas dia e noite.

CARACTERES ESPECIFICOS

Esta especie tem as costas pardas atrigueiradas, a cabeça e a parte inferior do corpo negras, os lados da cabeça, do pescoço, do ventre, a parte posterior do pescoço e do uropigio brancos, as remiges primarias e as rectrizes negras na metade terminal, a extremidade das grandes coberturas das azas e das duas rectrizes externas brancas. Esta plumagem é a mesma em ambos os sexos e em todas as idades.

Esta especie mede menos quatro centimetros do comprimento total que o abibe.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

O pavoncinho de esporão pertence á fauna africana. Encontra-se na Senegambia, na Abyssinia, na Barbaria, no Egypto. Faz excursões á Europa, apparecendo na Grecia e na Turquia.

COSTUMES

Nunca se affasta esta especie dos cursos da agua doce. É uma ave sobria; os campos inundados de tempos a tempos offerecem-lhe todas as condições necessarias de existencia. Evita as costas, mas gosta de viver á beira dos lagos.

Nidifica na Grecia, como se tem affirmado? Lyndermayer diz que, mao grado todas as investigações, não pôde saber nada de certo a tal respeito.

O pavoncinho de esporão é menos sociavel que o abibe. Não vive em bandos, mas aos pares.

Corre com rapidez, vôa bem e é extremamente vigilante. Nada lhe escapa e adverte todas as aves, aquaticas ou não aquaticas, do mais leve perigo. Faz por isso o desespero do caçador e mesmo do naturalista em procura de exemplares.

O regime alimentar do pavoncinho de esporão é analogo ao do abibe.

Ao norte do Egypto a reproducção começa no meiado de Março; é porém em Abril ou mesmo em Maio que se encontra o maior numero de ninhos.

A postura é de trez ou quatro ovos, mais pequenos que os do abibe; a côr é uma mistura de verde, cinzento e amarello com manchas escuras ou mesmo negras, confluentes na grossa extremidade. Os filhos crescem rapidamente e cedo abandonam o ninho.

INIMIGOS

As grandes aves de rapina são naturaes inimigos do pavoncinho de esporão. Este lucta com ellas e sae muitas vezes vencedor. Como prova de taes combates encontra-se muitas vezes o esporão partido.

USOS E PRODUCTOS

A carne do pavoncinho é má, de gosto muito desagradavel. Só em caso extremo de necessidade se faz uso d'ella como alimento. De ordinario nem os arabes a comem.

O PAVONCINHO DE CARUNCULA

É este o nome vulgar do *Sarciophurus pileatus,* do genero *Sarciophurus,* cujos individuos se caracterisam principalmente pela posse de uma caruncula membranosa na base do bico e de uma saliencia cornea em vez de esporão na origem do corpo.

CARACTERES ESPECIFICOS

O pavoncinho de caruncula é a especie unica sobre que repousa o genero. Tem as costas pardas avermelhadas, a nuca e o ventre brancos, a cabeça, o pescoço e as extremidades das remiges e das rectrizes negros e os pés vermelhos.

Mede vinte e nove centimetros de comprimento e sessenta e seis de envergadura; a extensão da aza é de dezoito centimetros e a da cauda de dez.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

O pavoncinho de caruncula é uma especie propria da Africa.

COSTUMES

A especie de que nos occupamos, á maneira do andarilho amarello, só habita os logares seccos e aridos. Não é rara nos logares descobertos das *steppes,* onde se encontra quer por pares, quer em pequenas familias.

O pavoncinho de caruncula pode ser considerado como intermediario entre o abibe e o pavoncinho de esporão. Tem alguma coisa de um e do outro. A corrida é viva e rapida e o vôo leve, inteiramente semelhante ao do abibe; o grito é o mesmo que o do pavoncinho de esporão.

O pavoncinho de caruncula é timido e prudente.

Nada encontrei mencionado ácerca da reproducção.

OS VIRA-PEDRAS

É este o nome vulgar dos individuos comprehendidos no genero *Strepsilas*.

CARACTERES

Teem o bico quasi tão comprido como a cabeça, conico, de aresta achatada, de ponta dura, comprimida e romba, as azas estreitas, sobre-agudas, sendo a primeira remige a mais comprida, a cauda formada de doze rectrizes, de comprimento medio, levemente arredondada, os tarsos mediocremente alongados, muito espessos, os dedos anteriores reunidos na base por uma membrana muito pequena e uma plumagem abundante, de côres vivas.

O VIRA-PEDRAS INTERPRETE [1]

É esta *(Strepsilas interpres)* a especie unica sobre que repousa o genero que acabamos de estudar.

CARACTERES

O vira-pedras é uma das aves mais communs que habitam a beira-mar.

[1] Erradamente se tem dado a esta especie o nome de *maçarico*.

*

O adulto, na plumagem de verão, tem a região frontal, as faces, uma larga raia que atravessa a nuca, o fundo das costas, a garganta e uma raia transversal que atravessa as azas, de um branco puro, uma linha que desce da fronte ao lado do olho, a parte anterior e os lados do pescoço e do peito negros, as costas manchadas de negro e de vermelho, a parte superior da cabeça raiada longitudinalmente de branco e de negro, as coberturas das azas castanhas, manchadas de negro, o uropigio atravessado por uma larga raia trigueira, as remiges anegradas, as rectrizes brancas na raiz e na extremidade, atravessadas perto da ponta por uma larga raia negra, os olhos castanhos, o bico negro e os pés côr de laranja.

Esta especie mede vinte e cinco centimetros de comprimento e cincoenta de envergadura; a extensão da aza é de dezesete centimetros e a da cauda de nove.

No outono e no inverno a plumagem é mais escura e todas as pennas são largamente orladas de acinzentado.

Nos individuos não adultos as costas são trigueiras escuras e amarellas arruivadas e a parte anterior do corpo é de um cinzento escuro.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

«O vira-pedras, escreve o auctor das *Maravilhas da Natureza,* é cosmopolita: encontra-se na Irlanda, na Escandinavia, na Grecia, em Italia, na Hespanha, na Hollanda, na America central, no Brazil, no Egypto, no Cabo da Boa-Esperança, na China, nas Indias, — e em todas estas partes á beira-mar. Em geral é só durante as emigrações que se vê no interior das terras, mas sempre ao longo dos cursos d'agua. [1]

COSTUMES

Segundo Brehm, deve admittir-se que o vira-pedras emigra ao longo das costas. Tanto ao norte como ao sul da Europa as emigrações que realisa são tão regulares como as das outras aves. Á Escandinavia, á Irlandia, á Groelandia os primeiros vira-pedras chegam invariavelmente no fim de Abril ou meiado de Maio, e abandonam estas regiões no fim de

[1] *Obr. cit.,* pg. 572.

Agosto. Pela mesma epocha apparecem os primeiros individuos nas costas septentrionaes e meridionaes do Mediterraneo.

No estio o vira-pedras vive por pares ou casaes; só na epocha das emigrações se constitue em pequenos bandos.

Pela belleza da plumagem, pela vivacidade, pela alegria, o vira-pedras prende a attenção de todos os observadores. É raro vêl-o quieto; quando muito conserva-se no meio do dia alguns minutos immovel. Em todo o restante tempo está em constante movimento; e mesmo de noite ouve-se-lhe muitas vezes a voz. Quando procura alimentos vae marchando lentamente, depois atravessa correndo um grande espaço, pára um instante em qualquer ponto elevado e retoma a corrida. Vôa perfeitamente: fende os ares como uma frecha, volta-se com presteza, e move-se tão bem perto de terra como a grandes alturas.

A voz d'esta ave consiste n'um assobio agudo; compõe-se de um só grito *kie*, ora breve, ora longo.

De todas as aves que vivem á beira-mar, o vira-pedras é, no dizer de Brehm, uma das mais prudentes e das mais timidas; todo o homem é para elle um inimigo.

A alimentação do vira-pedras compõe-se principalmente de vermes e molluscos, que descobre esgaravatando a areia ou voltando pedras; d'aqui lhe vem o nome vulgar por que é conhecido. Tambem come insectos; em pequeno numero porém, porque nos seus dominios de caça não abundam estes animalculos.

Nidifica sempre em logares arenosos. Segundo Schilling, preferiria as ilhotas cobertas de algum matto; Holland encontrou ninhos entre hervas altas e juncos.

O ninho consiste n'uma depressão coberta por algumas palhas seccas. Os ovos, em numero de trez ou quatro, assemelham-se um pouco aos do abibe, mas são mais pequenos, de casca lisa, trigueira, azeitonada ou verde-mar, coberta de pontos e manchas de um trigueiro escuro, de um pardo azeitonado ou de um escuro quasi negro; estas manchas e pontos são mais numerosos na extremidade mais grossa dos ovos.

Macho e femea dão provas da maxima dedicação pelos filhos. Estes nos primeiros tempos teem os mesmos modos que as tarambolas.

CAPTIVEIRO

A este proposito o auctor, tantas vezes aqui citado, das *Maravilhas da Natureza,* diz: «Nada sei ácerca dos vira-pedras em captiveiro; creio

porém que seja facil domestical-os e conserval-os muito tempo captivos.»[1]

OS OSTRACEIROS

Teem um bico levemente fendido, robusto, tão alto como largo na base, depois retraído, mais comprido e mais alto que largo, azas de comprimento medio, sobre-agudas, sendo a primeira remige a mais comprida, a cauda muito curta, truncada em angulo recto, composta de doze rectrizes, tarsos robustos, mediocremente alongados e só trez dedos anteriores, espessos, curtos, bordados de largas callosidades, sendo o extremo e o medio unido por uma membrana.

O OSTRACEIRO

Esta *(Hœmatopus ostralegus)* é a especie unica do genero descripto.

CARACTERES

O ostraceiro tem as costas, a parte anterior do pescoço e a garganta de um negro um pouco brilhante, a parte inferior das costas, o uropigio, a região subocular, o peito e o ventre brancos, as remiges pri-

[1] *Obr. cit.*, pg. 573.

marias e as rectrizes negras e na raiz brancas, a iris vermelha no centro e côr de laranja nos bordos, o bico vermelho, mais claro na ponta que no resto da extensão e os tarsos côr de carne.

O macho mede quarenta e quatro centimetros de comprimento e oitenta e sete de envergadura; a extensão da aza é de seis centimetros e a da cauda de onze.

A femea é um pouco mais pequena.

No inverno o ostraceiro apresenta sobre a garganta uma mancha branca semi-circular.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

O ostraceiro encontra-se em todas as costas da Europa desde o Cabo Norte até ao Cabo de Tarifa, principalmente onde abundam os rochedos. Encontra-se tambem nas ilhas do Mar do Norte e do Oceano Glacial até á Groelandia. No inverno chega até ao meio-dia e ao sul da Europa.

Em Portugal é frequente.

COSTUMES

As emigrações do ostraceiro teem, no dizer de Brehm, alguma coisa de particularissimo; assim esta ave emigra regularmente das costas do Baltico ao passo que na Islandia contenta-se em passar da costa septentrional para a costa meridional. A explicação d'este facto é, segundo o mesmo naturalista, facil de dar; o ostraceiro conserva-se todo o anno nos pontos a que chega a agua quente de Gulf-Stream, ao passo que é forçado a emigrar dos logares invadidos pelas neves. Nas suas viagens segue sempre as costas e chega mesmo a atravessar, voando, braços de mar; não gosta porém de atravessar as terras, em cujo interior é por isso muito raro. Os ostraceiros que abandonam as costas do Baltico e do Mar do Norte vão hybernar nas costas da França e de Hespanha; os que habitam os mares da China emigram para o sul da India.

O ostraceiro tem apparencia de pezado e pouco agil; mas não o é. De ordinario, é certo, marcha vagarosamente; mas, se é preciso, corre

com rapidez e, graças á conformação dos pés, pode sustentar-se nos solos mais movediços, mais lamacentos. Vôa bem, de um modo rapido e vigoroso, geralmente em direcção rectilinea. Nada admiravelmente, mesmo sem a isso ser forçado.

Solta a cada instante um grito, especie de assobio que pode notar-se por *huip, huip*. Na quadra do ardor genesico faz ouvir um verdadeiro canto, relativamente harmonioso.

O ostraceiro é corajoso, vivo e rixoso. Passa o seu tempo a perturbar os companheiros; e não é raro que essas perturbações, que principiam por brinquedo, degenerem em combates violentos. Tambem lucta com aves d'outras especies.

Mais vigilante ainda que qualquer outra ave da beira d'agua, o ostraceiro observa cuidadosamente quanto se passa em volta d'elle, prevenindo os companheiros e todas as aves proximas dos perigos que as esperam. E todas as aves da beira d'agua conhecem e apreciam perfeitamente bem o grito de prevenção ou de aviso que solta o ostraceiro. Todos o sabem distinguir de qualquer outro grito que a mesma ave solte.

O nome de ostraceiro dado a esta ave mal se justifica, porque ella realmente não come ostras. A sua principal alimentação consiste em vermes. Tambem come de quando em quando algum pequeno crustaceo, algum pequeno peixe ou outro animal marinho. Por excepção caça algum insecto que encontra perto das costas.

Os ostraceiros que podem até certo ponto considerar-se como sedentarios começam a fazer ninho no meiado de Abril; os emigradores occupam-se d'isto um pouco mais tarde. Então os bandos separam-se e os casaes isolam-se. Os machos cantam incessantemente e travam combates em honra das femeas. Não combatem porém com aves de especies differentes; ao contrario vivem com ellas na mais perfeita harmonia, servindo-lhes mesmo de guardas e protectores.

Para a nidificação parece que escolhem as pradarias de herva curta nas proximidades do mar. O ninho consiste n'uma ligeira depressão que a ave cava. Cada postura é de dois ou trez ovos, muito grandes, ovaes ou ponteagudos, de casca solida, sem brilho, de um amarello-ruivo levemente atrigueirado, coberta de manchas, de pontos e de linhas côr de violeta, trigueiros e anegrados. A femea choca com ardor, excepto no meio do dia, em que abandona os ovos; o macho só substitue a femea quando esta morre. A incubação dura cerca de trez semanas. Os filhos são conduzidos pela mãe. Em caso de perigo occultam-se ou deitam-se a nado. Nadam e mergulham perfeitamente; podem mesmo correr debaixo d'agua algum tempo. Os paes quando conduzem os filhos são mais prudentes e ao mesmo tempo mais corajosos que em qualquer outra epocha.

CAÇA

A caça do ostraceiro é difficil, porque, como foi dito, esta ave é muito vigilante e sabe perfeitamente reconhecer o caçador. Ao meio dia porém, quando elle dorme, é possivel approximal-o, com a condição de marchar sem ruido, porque o ostraceiro tem o ouvido muito apurado. A difficuldade da caça cresce ainda pela circumstancia de que o ostraceiro tem uma grande resistencia vital e pode receber muitos ferimentos graves sem morrer.

CAPTIVEIRO

Ás vezes os amadores apanham os ostraceiros com armadilhas para os metterem em gaiola. Habituam-se depressa á perda de liberdade, perdem todo o receio do homem e vivem em paz com outras especies captivas. Chegam a reconhecer a voz do dono, como affirma Gadamer. Ao principio dá-se-lhes molluscos e vermes; pouco e pouco porém, habituam-se ao pão que se torna por fim o alimento habitual.

USOS E PRODUCTOS

Os ovos do ostraceiro passam por ser excellentes, ao passo que a carne tem fama de ser tão desagradavel que se não pode comer.

AS GALLINHOLAS

As gallinholas propriamente ditas teem um bico relativamente forte, de ponta arredondada, pernas baixas, fortes, espessas, emplumadas até

á origem dos tarsos, um dedo posterior munido de uma unha curta, azas subobtusas e uma cauda formada por doze rectrizes.

A GALLINHOLA COMMUM

É esta a especie designada em nomenclatura scientifica pelo nome *Scolopax rusticola*.

CARACTERES

Tem a região frontal cinzenta, o alto e a parte posterior da cabeça e a nuca marcadas por oito raias transversaes, quatro trigueiras e quatro de um amarello-ruivo, as costas ruivas, manchadas de cinzento, de amarello, de trigueiro e de negro, a garganta esbranquiçada, o peito e o ventre veinulados de cinzento amarellado e de trigueiro, as remiges e rectrizes manchadas de negro, os olhos castanhos, o bico e os pés da côr do corno.

Esta ave mede trinta e trez centimetros de comprimento e sessenta de envergadura; a extensão da aza é de vinte e dois centimetros e a da cauda de nove.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

A gallinhola commum encontra-se em quasi toda a Europa, assim como em todo o norte e centro d'Asia. Nas suas viagens passa da Europa para o nordeste d'Africa, do norte da Asia para as Indias, até ás cercanias de Calcutta e Madras.

COSTUMES

Admittiu-se muito tempo que a gallinhola commum nidificava sómente entre o quadragessimo quinto e o sexuagessimo grao de latitude boreal. Mas Von der Muhle mostrou que algumas gallinholas fazem ninho nas montanhas da Grecia e Mountaineer diz que o mesmo acontece no Himalaya abaixo do limite das neves perpetuas. Ao norte da Allemanha um pequeno numero de gallinholas fazem ninho nas montanhas.

Se o inverno corre suave, a gallinhola fica ás vezes o anno inteiro na mesma região, como se tem visto na Inglaterra e na Suecia. De ordinario porém, emigra no outono e só pára nas montanhas do meio-dia da Europa. Segundo Von der Muhle, na Grecia já se vêem alguns individuos em meiado de Setembro. Primeiro attingem as altas montanhas, mas mais tarde o frio obriga-os a descer parâ as planicies.

A vida da gallinhola commum durante o dia é difficil de observar, porque esta ave é muito timida e muito desconfiada. Durante o dia não costuma mostrar-se a descoberto; e se acaso é forçada a fazel-o, agacha-se contra o solo, cuja tinta se confunde com a da plumagem. É certo que ás vezes ella corre nas florestas durante o dia; mas tem sempre o cuidado de fazel-o em logares em que não possa ser facilmente vista, em logares obscuros. É só ao crepusculo que ella desperta, digamol-o assim, e começa a correr para um lado e para outro.

Quando está quieta, conserva o pescoço encolhido, o corpo horisontal e o bico inclinado para terra. A marcha é lenta, semelhante ao trote e pouco sustentada; nunca atravessa grandes distancias sem se servir das azas. Vôa muito bem; passa atravez dos ramos mais serrados sem se embaraçar e sabe, muito a proposito, diminuir ou augmentar a velocidade do vôo, voltar-se para a direita ou para a esquerda, subir ou descer. Durante o dia não se eleva nunca ás altas regiões da atmosphera e evita tanto quanto possivel ascender a logares descobertos. Quando a amedrontam, ergue vôo produzindo um ruido surdo, caracteristico, que o caçador reconhece. Quando é perseguida á tarde, no momento de se pôr a caminho, eleva-se na atmosphera quasi verticalmente e foge tão depressa quanto possivel.

Ao crepusculo a gallinhola eriça a plumagem de modo a parecer maior do que realmente é, caminha lentamente, bate as azas com longos intervallos, assemelha-se mesmo a um mocho. Quando dois individuos machos se encontram no ar, luctam, perseguem-se, procuram ferir-se ás

bicadas. Algumas vezes agarram-se, impossibilitando-se mutuamente de voar. Algumas vezes não são duas, mas trez gallinholas que se prendem, que se agarram, caindo juntas em terra. Estas luctas, no dizer de Brehm cujas informações seguimos, não podem deixar de ser devidas á excitação genesica; é porém singular que se realisem n'uma epocha em que a gallinhola não pensa ainda em fazer ninho, na epocha das emigrações. Ao principio estes combates duram pouco tempo; mas desde que as gallinholas chegam ao seu paiz, redobram de intensidade e duração.

A gallinhola tem o aspecto exterior de uma ave estupida; mas não o é, com certeza. Possue sentidos muito desenvolvidos, é prudente, astuta e sabe perfeitamente quanta vantagem lhe resulta de possuir uma plumagem cuja côr se confunde com a do solo e das cascas das arvores. Uma gallinhola agachada e immovel entre folhas seccas e fragmentos de madeira, ao lado de um pedaço de casca e de uma raiz, escapa á vista mais fina e mais exercitada. A gallinhola sabe isto perfeitamente e deixa-se muitas vezes ficar longo tempo n'esta posição.

Quando o caçador a persegue é de vêr a finura com que foge, procurando sempre conseguir que entre ella e o perseguidor existam constantemente arvores ou matto.

A gallinhola commum dá pouca importancia ás aves d'outras especies e mesmo ás companheiras, pelo menos emquanto se não sente sob a influencia do ardor genesico.

A voz da gallinhola é desharmoniosa e rouca.

Ao crepusculo a gallinhola vae procurar alimentos pelos caminhos que cortam a floresta, pelos prados e pelos logares pantanosos. A alimentação consiste em vermes, larvas e insectos; visita o esterco dos bois, povoado, como se sabe, por uma enorme multidão de larvas de insectos. Os molluscos sem casca entram tambem na alimentação d'esta ave.

Para fazer o ninho, a gallinhola procura n'uma floresta deserta e tranquilla os logares em que as clareiras alternam com o arvoredo copado. O ninho consiste n'uma depressão do solo, ou já existente ou cavada pela ave e grosseiramente coberta de musgos, de hervas e de folhas seccas. Ahi põe a femea trez ou quatro ovos muito grandes, curtos, fortemente dilatados, de casca lisa, de um amarello-ruivo desmaiado, coberto de manchas avermelhadas sobre as quaes destacam outras de um vermelho escuro ou de um trigueiro amarellado, mais ou menos espessas, mais ou menos confluentes.

Estes ovos variam muito em relação ao volume e á forma. A incubação dura dezesete ou dezoito dias. A femea choca com ardor. Se um homem se dirige para o ninho emquanto dura a incubação, a femea deixa-o approximar-se muito ou mesmo consente em que elle a toque; e mesmo quando levanta vôo, não se affasta muito dos ovos,

que volta immediatamente a chocar desde que o perigo passou. O macho em quanto dura a incubação preocupa-se pouco com a femea; junta-se a ella depois que os filhos abandonam o ninho. Então um e outro, macho e femea, tomam um grande cuidado pela prole. Se um inimigo se approxima, voam de um lado para o outro, procuram attrail-o sobre si, soltam gritos pungentes, descrevem, voando, um circulo estreito e atiram-se por terra. Durante este tempo os filhos occultam-se tão bem nos musgos e na herva que sem auxilio de cão o caçador não consegue descobril-os. Alguns caçadores dignos de fé affirmam ter visto as gallinholas, em caso de grande perigo, apanharem os filhos entre os pés ou estreital-os contra o peito com o bico e o pescoço, tomarem vôo e salval-os assim.

Ao fim de trez semanas as gallinholas começam a voejar. Tornam-se independentes antes de poderem voar.

Geralmente admitte-se que a gallinhola commum aninha uma só vez por anno e que apenas quando lhe roubam a primeira postura realisa uma segunda. Modernamente porém, Hoffmann publicou observações das quaes se deduz que quando a estação corre favoravel a maior parte das gallinholas, senão todas, aninham duas vezes.

INIMIGOS

A gallinhola tem mais inimigos que todas as aves das florestas. O milhafre, o falcão, quasi todas as aves de rapina lhe fazem a guerra. As pegas e os gaios destroem-lhe os ovos. Mas o mais terrivel dos inimigos dos não adultos é o rapozo, cujo olfato subtil não deixa escapar um individuo, por mais occulto que elle se julgue. As martas, os gatos bravos e os gatos domesticos tambem destroem um grande numero.

CAÇA

No meio-dia da Europa faz-se a caça ás gallinholas durante todo o anno. Na opinião de Brehm, o verdadeiro caçador não atira sobre estas aves senão na quadra das emigrações. Na Allemanha faz-se a caça de embuscada, uma das mais agradaveis e n'outros paizes emprega-se com resultado as armadilhas de toda a ordem. A caça como se faz no meio-dia

da Europa é atroz e tem conseguido diminuir notavelmente o numero das gallinholas. Brehm refere o caso de trez inglezes que em dois dias mataram mil d'estas aves!

CAPTIVEIRO

Apezar de extremamente desconfiada e timida, a gallinhola, se é apanhada nova, attinge um grao relativamente notavel de domesticação. Reconhece o dono, cria-lhe affeição, responde ao chamamento d'elle e sauda-o com os seus gritos de alegria. Ao principio dá-se a esta ave vermes; pouco e pouco porém, vae-se habituando a comer pão.

Uma condição favoravel á domesticação da gallinhola é o amor que ella cria ao logar em que vive. Dão prova d'isto as palavras seguintes de Figuier: «As gallinholas parecem affeiçoar-se aos logares que uma vez habitaram voltando ahi todos os annos. O facto seguinte parece demonstral-o. Um couteiro apanhou uma gallinhola a laço, prendeu-lhe um annel de cobre a uma perna e deu-lhe depois a liberdade. Um anno depois reconheceu pelo signal citado a gallinhola que tinha prendido e que voltára ao mesmo logar.» [1]

Uma circumstancia ha que torna sympathica a gallinhola em captiveiro: é o aceio. A proposito Figuier escreve: «A gallinhola é uma ave muito limpa e que por nada no mundo consentiria em levantar-se ou adormecer sem fazer a sua *toilette*. Todas as manhãs e todas as tardes se dirige, voando rapidamente, para as fontes e os regatos para beber e lavar o bico e os pés.» [2]

USOS E PRODUCTOS

A carne da gallinhola é um prato excellente. É preciso porém que a ave seja morta na epocha das emigrações, porque fóra d'esse tempo a carne é um pouco dura e secca.

---

[1] L. Figuier, *Obr. cit.*, pg. 140.
[2] Ibid.

AS NARCEJAS

Estas aves teem sido tambem denominadas *gallinholas dos pantanos.*

CARACTERES

Teem o bico relativamente comprido, os tarsos de comprimento medio, desnudados até á articulação tibio-tarsica, os dedos compridos, finos, inteiramente separados, as azas fortemente chanfradas e a cauda curta, formada de quatorze a vinte e seis rectrizes.

A NARCEJA ORDINARIA

É esta a especie *(Gallinago scolopacinus)* mais conhecida do genero.

CARACTERES

A plumagem d'esta especie corresponde tão bem á côr do solo dos pantanos como a da gallinhola á do solo das florestas.

Esta especie tem a parte superior do corpo de um trigueiro escuro com uma larga raia amarello-ruiva que desce do meio da cabeça e com quatro raias compridas da mesma côr que se encontram sobre as costas e as espaduas, o ventre branco, a parte anterior do pescoço cinzenta, o alto do peito e os lados d'esta região manchados de trigueiro e a cauda formada de quatorze pennas.

Esta especie mede trinta centimetros de comprimento e quarenta e

sete de envergadura; a extensão da aza é de quatorze centimetros e a da cauda de seis.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

A verdadeira patria da narceja ordinaria é o norte da Europa e da Asia. Mas parece que esta especie nidifica tambem no meio-dia da Europa e ao norte d'Africa, onde quer que se encontrem grandes pantanos. É muito commum na Allemanha, na Hollanda, na Dinamarca, na Escandinavia, na Livonia, na Finlandia e na Siberia.

COSTUMES

A narceja ordinaria frequenta as terras alagadiças e pantanosas onde crescem a herva e os juncos.

Agita-se e move-se principalmente ao crepusculo, o que não quer dizer que não seja uma ave diurna, bem mais diurna mesmo que as gallinholas.

Marcha com facilidade e vôa bem. Eleva-se a grande altura, avança rapidamente, batendo as azas com precipitação, descreve um grande circulo, volta ao ponto de partida, fecha as azas e acaba por deixar-se cair.

A narceja ordinaria não é sociavel; encontram-se, é verdade, muitos individuos justos, mas sem constituirem bando, porque cada individuo vive para si, sem interesse pela existencia dos outros que lhe ficam ao lado. Mesmo quando viaja, a narceja vôa isolada durante a noite.

Na quadra do cio porém, constituem-se os casaes e então macho e femea tributam-se uma notavel dedicação mutua.

A alimentação da narceja ordinaria compõe-se de insectos, vermes e molluscos.

Para fazer o ninho, a narceja ordinaria escolhe um logar entre hervas e juncos, uma elevação cercada d'agua, emfim um terreno alagadiço de accesso difficil, se não impossivel, ao homem e outros animaes. No logar escolhido forma uma escavação e ahi são depositados quatro ovos que só a femea choca e cuja incubação dura quinze a dezesete dias.

Os filhos logo que nascem abandonam o ninho; os paes, todavia, servem-lhes de guia e procuram-lhes o alimento até que elles possam por si mesmos prover ás proprias necessidades.

CAÇA

A caça da narceja ordinaria é muito difficil. Difficil pela vivacidade e prudencia da ave e difficil pela natureza do meio em que se realisa. De ordinario esta ave só pode matar-se durante o vôo; e é preciso para o conseguir ser-se um bom atirador. A epocha das viagens da narceja é sem duvida a mais propria para realisar uma caça fructuosa.

CAPTIVEIRO

Com extremos cuidados tem-se conseguido conservar captiva e levar a uma certa domesticidade a narceja ordinaria. Chega a habituar-se ao homem e a confiar n'elle. De ordinario conserva-se como adormecida durante o dia, guardando para a noite toda a actividade.

USOS E PRODUCTOS

A carne da narceja é magnifica e reputada mesmo superior á da gallinhola.

A NARCEJA PEQUENA

Esta especie é conhecida tambem pela designação de *narceja muda.*

CARACTERES

Esta especie, como indica o nome por que a designamos, é de dimensões inferiores ás da especie antecedente. Mede vinte e cinco centimetros de comprimento e quarenta e um de envergadura; a extensão da aza é de onze centimetros e a da cauda de cinco, termo medio.

Tem a linha naso-ocular e a cabeça trigueiras, duas raias, uma por cima e outra por baixo dos olhos, de um amarello-ruivo, as pennas das costas de um azul escuro, quasi negro, com reflexos verdes e purpurinos e marcadas de quatro raias amarellas ruivas, as da garganta e dos lados do tronco cinzentas, veinuladas e manchadas de atrigueirado, as outras brancas, as remiges de um negro baço e as rectrizes da mesma côr, mas bordadas de amarello ruivo.

As côres variam pouco de sexo para sexo.

Na primavera esta ave apresenta um tom geral mais arruivado do que no outono.

Os não adultos são mais escuros.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

«A Russia e a Siberia occidental, diz Brehm, parecem ser a verdadeira patria d'esta especie; Radde viu poucos individuos na Siberia oriental. Reproduz-se tambem em certas localidades da Escandinavia, da Livonia, da Lithuania em que é commum. Nas suas emigrações espalha-se por uma parte da Europa, da Africa e da Asia. Parece que se estende menos longe na direcção do sul que a narceja ordinaria.» [1]

COSTUMES

As narcejas pequenas encontram-se precisamente nos mesmos logares em que na primavera e no outono se abatem as narcejas ordinarias. No

[1] Brehm, *Obr. cit.*, pg. 585.

dizer de Jerdon, apparecem nas Indias ao mesmo tempo que as suas congéneres, as narcejas ordinarias. O mesmo succede ao norte da Africa. Muitas hybernam na Grecia, na Hespanha e talvez tambem em Portugal.

Segundo Von der Muhle, os campos cobertos de um a dois pés d'agua durante o inverno são logares predilectos das narcejas pequenas.

No porte e na marcha as narcejas pequenas assemelham-se ás narcejas ordinarias. Differem d'ellas porém, no vôo que é incerto, apezar de rapido e variado. Não gostam de se elevar alto na atmosphera e limitam-se a voejar pouco acima dos pantanos, como faria um morcego. Ao partir não gritam, como fazem as narcejas ordinarias. Não resistem aos ventos fortes e violentos que as derrubam.

São pouco sociaveis entre si e não se ligam com outras aves.

A alimentação d'estas aves é mixta, animal e vegetal.

O ninho das narcejas pequenas consiste n'uma depressão cavada no topo de uma pequena eminencia e coberta de algumas hervas. Os ovos, em numero de quatro, são mais pequenos e mais lisos que os da narceja ordinaria aos quaes todavia se assemelham muito. São de um verde azeitonado, com manchas violetas e pontos amarellados, avermelhados ou trigueiros escuros.

INIMIGOS

São os mesmos que os da especie anterior. E como o vôo não é tão possante, a narceja pequena tem menos probabilidades de lhes resistir.

CAÇA

A caça a esta especie não é difficil. Deixa-se approximar pelo caçador, antes que se decida a fugir; além d'isso teem um vôo pouco rapido.

USOS E PRODUCTOS

A carne d'esta especie, principalmente no outono em que está muito gorda, é superior á da narceja ordinaria.

---

*

AS GALLINHOLAS PEQUENAS

É este — não conhecemos outro — o nome portuguez dado aos individuos que constituem o genero *Limicola*.

CARACTERES

Estas aves teem o tronco alongado, o pescoço curto, a cabeça pequena, o bico mais comprido que a cabeça, molle e flexivel na ponta, que é larga e um pouco recurva, tarsos relativamente curtos, um pouco espessos, desnudados acima da origem, quatro dedos, azas ponteagudas, sendo as duas primeiras remiges eguaes entre si e mais compridas que as outras, emfim a cauda comprida, ponteaguda.

O genero repousa sobre uma especie unica de que passamos a occupar-nos.

A GALLINHOLA PEQUENA

Esta especie designa-se em nomenclatura scientifica *Limicola Pigmaea.*

CARACTERES

Tem o alto da cabeça de um trigueiro escuro, marcado de duas raias longitudinaes ruivas e esbranquiçadas, as pennas do dorso negras,

bordadas de amarello-ruivo, a face superior das azas cinzenta, a parte inferior do pescoço, o papo e os lados do peito de um ruivo amarellado, manchados de cinzento escuro, sendo as pennas esbranquiçadas na ponta, o ventre e o peito brancos, uma raia sobreocular branca, uma outra, que fica por diante dos olhos, trigueira, os olhos castanhos, o bico cinzento avermelhado na base, anegrado na ponta e os tarsos de um cinzento esverdeado escuro.

No outono as costas são cinzentas escuras.

Esta especie mede dezesete centimetros de comprimento e trinta e seis de envergadura; a extensão da aza é de doze centimetros e a da cauda de quatro.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Esta especie é menos commum na Europa que na Asia e na America.

COSTUMES

Habita o solo lamacento á beira das aguas dormentes. Ahi passa uma vida tranquilla, marchando lentamente e parando a cada instante. Vôa com rapidez, de ordinario pouco acima da superficie da agua.

Esta especie é muito pouco sociavel.

A voz d'esta ave consiste n'um grito que pode notar-se por *tirr, tirr.*

Alimenta-se de pequenos insectos, de larvas, de vermes e animalculos aquaticos.

Os ovos d'esta ave são alongados, piriformes, cobertos de pontos de um cinzento escuro mais ou menos carregado sobre um fundo amarello azeitonado.

CAÇA

A caça por armas de fogo não offerece difficuldades; as armadilhas e os laços empregam-se tambem com bom resultado.

CAPTIVEIRO

Habitua-se rapidamente a gallinhola pequena á perda de liberdade. É socegada e conhece o homem.

OS SANDERLINGOS

Os sanderlingos caracterisam-se essencialmente pela ausencia de pollegar. Teem apenas trez dedos anteriores, livres, sendo o mediano com a respectiva unha mais curto que o tarso.

O genero repousa sobre uma especie unica, que passamos a estudar.

O SANDERLINGO

Esta especie mede dezenove centimetros de comprimento.

Na primavera tem as costas negras ou trigueiras arruivadas, com manchas brancas e amarellas, a parte superior das azas de um trigueiro escuro, com manchas em zig-zag ruivas e uma raia branca, o peito de um cinzento arruivado, o ventre branco, os olhos escuros, o bico anegrado e os tarsos cinzentos escuros. No inverno as costas são cinzentas claras e a parte inferior do corpo inteiramente branca.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

O sanderlingo habita os paizes do norte, d'onde, no inverno, emigra para o sul. Apparece na Grecia, na Italia, na Hespanha, na China e em New-Jersey.

Encontra-se tambem em Portugal, não sendo porém muito commum.

COSTUMES

O sanderlingo habita as costas e só accidentalmente apparece no interior das terras.

Durante o inverno vive em bandos mais ou menos numerosos; durante o estio vive por casaes.

Caminha com graça e elegancia; vôa bem e com rapidez.

É confiado e inoffensivo. Receia pouco o homem e deixa-se facilmente observar. O ruido de um tiro não o faz fugir. Naumann encontrou um dia á borda do lago salgado de Mansfeld cinco sanderlingos que pôde observar durante muito tempo á distancia de cinco ou seis passos apenas. Este naturalista acabou por apanhar a laço trez dos individuos observados.

Pode-se atirar dois ou trez tiros sobre um mesmo sanderlingo, porque elle não foge. É possivel até matar um individuo de um bando sem que os outros procurem salvar-se.

A voz d'esta ave consiste n'um grito agudo e breve que pode notar-se por *pitt, pitt*.

«O sanderlingo, diz Brehm, alimenta-se de todos os pequenos animaes que as vagas atiram para ás costas. Vê-se bandos d'estas aves esperando uma onda, seguindo-a quando ella se retira, recuando quando uma outra chega e correndo assim horas inteiras.» [1] Quando a alimentação é abundante, o sanderlingo profundamente satisfeito chega a esquecer-se de velar pela propria segurança.

Provavelmente o sanderlingo não se reproduz senão sob o circulo polar. O ninho encontra-se á beira do mar ou junto das aguas dormentes. Os ovos, em numero de quatro, são grandes, de uma côr verde-mar mais ou menos escura, e cobertos de manchas sobrepostas — as inferio-

[1] Brehm, *Obr. cit.*, pg. 588.

res de um cinzento avermelhado, as medias trigueiras e as superiores anegradas. Nada se sabe sobre o modo de reproducção d'esta ave.

CAÇA

O sanderlingo é victima nas costas de uma caça tenaz em que se emprega tanto a arma de fogo como os laços e armadilhas de toda a ordem.

CAPTIVEIRO

No dizer de Naumann, o sanderlingo é facil de domesticar. Poucos dias bastam para que adquira uma absoluta confiança no homem.

A CALHANDRA DO MAR

Os caracteres do genero *Pelidna* a que pertence esta ave são os seguintes: bico um pouco mais comprido que a cabeça, recto ou recurvo, levemente dilatado na ponta, pernas elevadas e nuas até muito acima da articulação tibio-tarsica, quatro dedos, trez adiante e um atraz, azas de comprimento medio ponteagudas, cauda arredondada, ou duplamente chanfrada e plumagem que muda duas vezes por anno.

CARACTERES ESPECIFICOS

A calhandra do mar mede, pouco mais ou menos, dezenove centimetros de comprimento e vinte e oito de envergadura; a extensão da aza é de quatorze centimetros e a da cauda de sete.

Os dois sexos differem pouco na plumagem.

Na primavera, esta ave tem toda a face inferior do corpo ruiva clara ou escura, o alto da cabeça veinulado de cinzento arruivado, o occipital ruivo, longitudinalmente raiado de negro, toda a face superior do corpo, excepto o uropigio que é manchado de branco, negra com maculas ruivas claras, cinzentas ou amarello-ruivas, os olhos castanhos, o bico negro e os tarsos de um trigueiro escuro.

No outono, a ave tem a cabeça anegrada, marcada de raias brancas, as costas e as azas negras, o ventre esbranquiçado, a linha naso-ocular atrigueirada e por cima dos olhos uma linha esbranquiçada.

Os individuos não adultos teem as pennas do vertice da cabeça trigueiras, bordadas de cinzento arruivado, as da face posterior do pescoço cinzentas escuras ou cinzentas claras, as das costas e das espaduas anegradas, bordadas de amarello-ruivo, as do uropigio e do ventre brancas e as da garganta cinzentas arruivadas.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

A calhandra do mar habita todo o norte da terra. No inverno emigra para o sul e n'esta estação é commum nas costas do Mar Vermelho, do Mar das Indias e do Atlantico; chega até ao Cabo da Boa-Esperança. Encontra-se nas margens do Nilo Azul e do Nilo Branco. Alguns observadores teem assignalado a presença d'esta especie na Africa occidental. É muito commum nas costas da França e da Hollanda.

Frequenta Portugal.

COSTUMES

Na epocha das emigrações a calhandra do mar reune-se a outras especies, formando bandos. Põe-se a caminho ao crepusculo e prolonga a viagem até á madrugada, se o tempo corre favoravel.

Como ave maritima que é, a especie em questão conserva-se de preferencia nas costas arenosas. Está em movimento quasi o dia inteiro; com effeito, só repousa ao meio dia, hora do somno.

Quando se lhe faz medo, esta especie toma o vôo rapidamente, affasta-se até certa distancia, depois, descrevendo uma curva alongada, volta ao ponto de partida.

Quando está junta com outras aves, imita-as, correndo como ellas correm, voando como ellas voam, executando mesmo exercicios de alto vôo, se o chefe do bando der o signal.

O ninho da calhandra do mar, como o da maioria das aves anteriormente descriptas, consiste n'uma depressão pouco profunda do solo. A postura é de quatro ovos obtusos, piriformes, esverdeados, veinulados de cinzento e manchados de trigueiro escuro.

OS COMBATENTES

Os combatentes teem um bico um pouco mais comprido que a cabeça, recto, molle, um pouco inclinado para a ponta, que não é alargada, tarsos altos, delgados, dedos em numero de quatro, sendo o externo e o mediano reunidos por uma membrana palmar e o posterior curto e inserido muito alto, azas de comprimento medio, sobreagudas, sendo a primeira remige a mais comprida, a cauda curta, arredondada e a plumagem molle, ordinariamente lisa.

Os machos são maiores que as femeas e na primavera apresentam o pescoço ornado por um collar de pennas compridas.

O COMBATENTE ORDINARIO

Poderiamos dar a esta especie o nome de combatente, apenas, porque é ella a unica representante do genero descripto.

CARACTERES

«Dar do combatente, diz Brehm, uma descripção perfeitamente exacta e que se applique a todos os individuos, é tarefa impossivel. O que pode dizer-se de mais geral é que a parte superior da aza é de um trigueiro carregado, a cauda de um cinzento escuro, que as seis rectrizes medianas são manchadas de negro e que o ventre é branco. Quanto ao resto da plumagem, as côres e os desenhos variam infinitamente, como dissemos; isto é verdade principalmente do collar formado por pennas duras, solidas, de cerca de oito centimetros de comprimento e que occupa a maior parte do pescoço. Sobre um fundo azul escuro, verde escuro, trigueiro-ruivo carregado, trigueiro-ruivo, ruivo claro ou outra côr ainda, este collar é marcado por manchas, raias, pontos, desenhos variados, mais ou menos escuros e com uma diversidade tal que em centenas de individuos será possivel, quando muito, encontrar dois que se assemelhem. A experiencia mostrou que os mesmos desenhos e as mesmas côres se reproduzem todos os annos nos mesmos individuos. O peito é ora da mesma côr que o collar, ora de côr differente. O mesmo se dá relativamente ás costas. Os olhos são castanhos, o bico é esverdeado ou amarello esverdeado e os tarsos são geralmente de um amarello avermelhado.» [1]

A especie mede approximadamente trinta e cinco centimetros de comprimento e sessenta e seis de envergadura; a extensão da aza é de dezenove a vinte e um centimetros e a da cauda de oito, termo medio.

A femea tem uma plumagem invariavel. Tem as costas de um cinzento cambiando mais ou menos para o avermelhado, com manchas escuras, a face e a fronte de um cinzento claro, as pennas do alto da cabeça cinzentas, manchadas longitudinalmente de trigueiro escuro, as da parte posterior do pescoço cinzentas, as das costas e das espaduas trigueiras escuras no meio, ruivas nos bordos, as da garganta cinzentas e as do ventre brancas.

A femea tem, quando muito, vinte oito centimetros de comprimento sobre sessenta de envergadura.

[1] Brehm, *Loc. cit.*, pg. 591.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

A patria do combatente ordinario é o Antigo-Mundo; alguns individuos da especie teem-se comtudo desviado até á America septentrional. Nas emigrações que realisam, atravessam a Europa, a Asia e toda a Africa. Tem-se matado representantes da especie no sul da Africa, assim como no Senegal e nas margens do Nilo.

Apparece em Portugal.

COSTUMES

O combatente encontra-se ordinariamente nos pantanos. Tambem se encontra algumas vezes na costa, sem todavia poder dizer-se que seja uma ave maritima. Não é raro deparar com elle nos campos e nas *steppes*.

Os combatentes viajam de noite em bandos que se agrupam em forma de cunha. Os dois sexos separam-se, indo os machos de um lado e as femeas do outro.

As maneiras dos combatentes variam muito segundo as estações.

O ardor genesico exerce sobre estas aves uma influencia notavel, maior que em quaesquer outras especies. Então, sob o imperio absoluto do amor, são de uma altivez incomparavel. Voam rapidamente, pairam muitas vezes e voltam-se com extrema rapidez.

Os combatentes são vivos e de uma grande actividade antes do erguer do sol, depois que elle se esconde e mesmo durante as noites de luar; repousam nas horas do meio do dia.

De manhã e de tarde, os combatentes occupam-se em procurar differentes animaes aquaticos, insectos, vermes e grãos de que se nutrem. Nas Indias pouco mais comem do que arroz; e no Egypto deve acontecer o mesmo, a julgar pelo numero de individuos que ahi se encontram nos arrozaes. Emquanto procuram alimentos conservam-se silenciosos; quando muito, ao erguerem vôo, soltam um grito rouco e fraco: *kak, kak*. Á medida que a noite se approxima, excitam-se e entram n'uma actividade immoderada que parece ter unicamente por fim a distracção.

O genero de vida que vimos de descrever, muda com o advento da

quadra dos amores. É então que, no dizer de Brehm, os combatentes mostram quanto lhes é apropriado o nome que teem. Os machos vivem em lucta permanente, contínua, a que tudo serve de pretexto. É decerto o ardor genesico o motivo de todas as luctas; todavia é tambem certo que qualquer facto, o mais insignificante, o mais futil, pode ser a causa proxima de uma lucta porfiada. E, deve notar-se isto, a lucta realisa-se quer estejam quer não estejam femeas na proximidade, quer os machos se encontrem livres, quer captivos. O combate é, digamol-o assim, o modo de ser d'estas aves na quadra dos amores.

Os combates são de ordinario duellos; raro é que na lucta se envolvam mais de dois machos. Estes desde que se encontram, provocam-se, principiam a tremer, a abanar a cabeça; erriçam as pennas do peito e das costas, erguem as da nuca, abrem o collar e crescem um sobre o outro ás bicadas. As verrugosidades da cabeça servem-lhes de capacete e o collar faz o effeito de um escudo. Os ataques seguem-se, precipitam-se com espantosa rapidez; o ardor dos combatentes é tal que elles tremem como vimes que o vento agita. O combate acaba sempre, como principiou, por uma tremura geral das aves e por movimentos agitantes de cabeça.

Estes combates porfiados não implicam de ordinario consequencias desastrosas, porque a unica arma n'elles empregada é um bico de extremidade molle, de bordos rombos; raro é por isso que o sangue corra n'estas luctas. O que pode acontecer de funesto é ser a lingua de um dos luctadores apanhada pelo bico do outro; n'este caso a morte do primeiro é certa.

Uma circumstancia digna de mencionar-se é que os machos só combatem em terra e nunca se perseguem voando.

Quando a epocha da postura se approxima, macho e femea vão procurar um sitio em que estabeleçam o ninho, geralmente não muito longe da agua. O ninho consiste n'uma escavação feita sobre uma pequena eminencia e coberta por algumas palhas e hervas seccas.

Os ovos, em numero de trez ou quatro, são muito volumosos, de um fundo trigueiro azeitonado ou esverdeado e cobertos de manchas avermelhadas ou anegradas que se pronunciam mais na grossa extremidade. A incubação dura dezesete a dezenove dias e só a femea choca. Nascidos os filhos, a mãe revela por elles uma viva dedicação; o macho, esse não se inquieta com a sorte da prole, porque em quanto ha femeas não acasaladas bate-se com os outros machos e n'isto gasta o seu tempo até ao fim de Junho. Desde então até á epocha das emigrações vagueia despreoccupadamente pelos seus dominios.

INIMIGOS

Os inimigos dos combatentes são as grandes aves de rapina, os carniceiros e o homem que lhes rouba os ovos, porque os confunde com os do abibe. As inundações, como facilmente se prevê pela collocação do ninho, destroem um grande numero de ninhadas.

CAPTIVEIRO

O combatente é facil de apanhar e de conservar captivo. Domestica-se rapidamente, porque é muito docil. Alimenta-se com facilidade: come pão humedecido em leite, carne finamente partida ou mesmo alguns insectos em agua. Reproduz-se em captiveiro. Se se juntam dois ou mais machos, elles combaterão necessariamente, uma vez chegada a quadra dos amores.

CAÇA

Ha um systema extremamente facil e seguro de caçar os combatentes: consiste em dispor laços nos logares em que os machos ferem as suas luctas. Tambem se apanham muitos individuos, machos e femeas, em armadilhas.

USOS E PRODUCTOS

A carne dos combatentes é muito delicada no outono. Durante a quadra dos amores é muito magra, o que naturalmente se explica pela excitação em que estas aves andam então.

OS LOBIPEDES

Teem o bico mais comprido que a cabeça, recto, ponteagudo, comprimido, muito delgado, quasi egual desde a base até ponta, de sulcos pouco pronunciados e de mandibulas recurvadas uma para a outra na extremidade, o dedo mediano, comprehendida a unha, mais curto que o tarso e uma cauda relativamente curta.

O LOBIPEDE HYPERBOREO

Esta especie é conhecida na Islandia pelo nome vulgar de *gallinha d'Odin*.

CARACTERES

Esta ave tem as costas cinzentas escuras, o fundo das costas e as espaduas raiadas de negro e de ruivo amarellado, os lados do pescoço ruivos, a garganta e o ventre brancos e os lados do tronco cinzentos. O bico é negro, os olhos são castanhos e os tarsos côr de chumbo.

A femea apresenta côres menos vivas.

O macho tem dezoito a dezenove centimetros de comprimento e trinta e quatro a trinta e cinco de envergadura; a extensão da aza é de onze centimetros e a da cauda de cinco.

A femea é um pouco maior.

OS PHALAROPOS

Distinguem-se genericamente dos lobipedes pela existencia de um bico do comprimento da cabeça, recto, espesso, triangular na base, retraído no meio, deprimido em toda a extensão, alargado e dilatado na extremidade, de sulcos profundos nos dois terços da extensão, de uma cauda, emfim, mais cuneiforme que arredondada e cujas rectrizes lateraes são mais curtas que as grandes subcaudaes.

O PHALAROPO RUIVO

O phalaropo ruivo é maior que o lobipede hyperboreo: mede vinte e dois centimetros de comprido e trinta e oito de envergadura; a extensão da aza é de quatorze centimetros e a da cauda de oito.

Tem o alto da cabeça, as costas e as espaduas negras, sendo todas as pennas bordadas de amarello ruivo, a parte posterior do pescoço e o uropigio ruivos, o fundo das costas, as coberturas da parte superior da aza e os lados da cauda cinzentos, emfim a face inferior do corpo de um bello ruivo.

A femea tem o vertice da cabeça e a nuca de um negro avelludado, as costas ruivas escuras e o ventre vermelho vivo. O bico é amarello esverdeado, com a ponta trigueira; os olhos são castanhos e os tarsos cinzentos atrigueirados.

No outono o alto da cabeça e a nuca são cinzentos, com uma raia anegrada de cada lado da região occipital; as pennas das costas e as espaduas são pardas azuladas, com as hastes escuras, e as pennas do ventre brancas, bordadas de cinzento aos lados.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA DOS LOBIPEDES E DOS PHALAROPOS

O lobipede hyperboreo habita no estio as costas de Finnmark, da Islandia, do sul da Groenlandia e provavelmente a costa septentrional da Asia. D'ahi dirige-se ás vezes para as regiões mais meridionaes e chega á America, á Allemanha, á Hollanda, á França, á Hespanha mesmo em companhia d'outras aves ribeirinhas. No sul da Dinamarca não é raro.

O phalaropo ruivo apparece todos os estios em Spitzberg e na parte norte da Groenlandia; na Irlanda encontra-se, diz Faber, n'uma extensão muito limitada. Geralmente admitte-se que a patria d'esta ave é o norte da Siberia, o que explicaria a sua apparição na China e nas Indias. Nas costas do estreito de Davis é, diz Holboell, uma das aves mais communs. É d'ahi que partem bandos numerosos que algumas vezes se encontram no sul dos Estados-Unidos.

COSTUMES DOS LOBIPEDES E DOS PHALAROPOS

Os lobipedes e os phalaropos assemelham-se muito sob o ponto de vista dos costumes, habitos e regime, o que nos permitte consagrar um artigo unico a este estudo.

Tanto o lobipede hyperboreo como o phalaropo ruivo são aves maritimas; um e outro conservam-se apenas durante a estação dos amores na proximidade da costa ou junto dos pequenos lagos d'agua doce, passando todo o resto do tempo sobre o mar.

O lobipede chega á Irlanda entre vinte e vinte e cinco de Maio e no fim d'este mez á Groenlandia e a Finnmark. O phalaropo não apparece no norte da Groenlandia senão no começo de Junho. Antes d'esta epocha encontram-se estas aves ou no meio do mar em bandos numerosos ou proximo das costas em grupos mais pequenos. Logo que chegam, affirma Brehm, os bandos dissociam-se, decompõem-se em pares e cada um procura logar para fazer o ninho.

É no mar que estas aves passam o inverno; e o mar fornece-lhes tanta abundancia de alimento que ellas engordam extraordinariamente. Encontram-se constantemente preoccupadas estas aves em apanhar e comer alguma coisa que as vagas lhes fornecem. Mas o que? Que especies de animalculos? Eis o que não está ainda determinado.

Nadam admiravelmente, melhor talvez que qualquer outra ave.

Faltam ainda hoje informações exactas sobre o modo por que o lobipede e o phalaropo passam o seu dia durante todo o periodo maritimo da sua existencia. Em compensação conhece-se sufficientemente o seu genero de vida em terra.

O lobipede e o phalaropo são aves attraentes, de movimentos leves e graciosos. Passam o seu tempo em boa paz reciproca, correndo admiravelmente e sabendo, quando é preciso, occultar-se. Voam com espantosa rapidez e nadam com incomparavel elegancia; mas não podem mergulhar. Em quanto nadam, vão satisfazendo todas as necessidades: bebem, comem, perseguem-se, realisam mesmo o coito. Nadam egualmente bem nas aguas tranquillas ou agitadas, nas aguas frias ou quentes. Faber diz ter visto estas aves nadando em aguas de tão alta temperatura que mal se podia introduzir n'ellas a mão.

Os sentidos d'estas aves são finos e a intelligencia é desenvolvida. Naturalmente confiadas, estas aves deixam que um homem se approxime d'ellas até á distancia minima de dez passos. Se o homem não procura fazer-lhes mal, deixam-se observar; mas se elle faz menção de as perseguir, tornam-se prudentes, cautelosas.

A quadra do cio implica para o viver d'estas aves uma certa modificação. A paz, a serenidade em que até ahi haviam vivido desapparece para dar logar a combates mais ou menos porfiados dos machos em honra das femeas. Estes combates principiam na agua e continuam no ar, durante o vôo. Quando aos dominios de um casal chega um macho, o ciume desperta-se e o legitimo proprietario investe contra o intruso. Os dois nadam um contra o outro, elevam-se depois na atmosphera e continuam luctando até que o intruso se evada.

Macho e femea dedicam-se uma extrema affeição. Conservam-se quasi sempre juntos; raras vezes e só por necessidade se separam.

Os ninhos d'estas aves estabelecem-se em ilhotas ou á beira das aguas dormentes. Consistem em simples depressões arredondadas do solo, não cobertas de hervas. O numero de ovos postos é sempre, affirmam Faber e Holboel, quatro, nem mais nem menos. Estes ovos são relativamente pequenos, amarellados ou esverdeados e com manchas trigueiras escuras, mais ou menos grandes. Segundo Faber, macho e femea chocariam alternadamente; Holboel crê porém que só o macho se encarrega d'este serviço.

Os paes são muito dedicados á prole e empregam todo o genero de meios astuciosos para desviarem de sobre ella as attenções dos inimigos.

As aves de que nos estamos occupando comem, além de animalculos aquaticos, larvas de insectos e pequenas algas.

No começo de Agosto os filhos teem attingido a idade adulta e for-

mam-se então os bandos, porque vae em breve começar a vida do inverno.

AS CALGANDRINHAS DO MAR

São pequenas aves de pequena estatura, mas elegantes. Teem o bico recto, flexivel, duro só na ponta, as azas de comprimento medio, muito ponteagudas, fortemente chanfradas no bordo posterior, as falsas azas muito desenvolvidas, a cauda longa e as pennas do tronco molles e estreitas.

As femeas são mais pequenas que os machos.

A plumagem não varía com os sexos, mas varía com as idades e as estações.

A CALGANDRINHA ORDINARIA DO MAR

É sobre esta especie unica *(Actitis hypoleucos)* que o genero descripto repousa.

CARACTERES

Tem as costas de um trigueiro azeitonado, com reflexos avermelhados ou esverdeados, marcadas com manchas negras, umas transversaes, outras longitudinaes, os lados do pescoço atrigueirados com manchas escuras longitudinaes, a face inferior do corpo branca, as remiges primarias de um trigueiro escuro, finamente bordadas de cinzento claro na ponta, com o bordo das barbas internas manchadas de branco a partir

*

da terceira, as remiges do ante-braço brancas na ponta e na metade basilar e de um trigueiro escuro sem brilho no resto da extensão, as rectrizes medias de um cinzento trigueiro, com as hastes negras e manchas de um amarello ruivo, as outras brancas, finamente raiadas de negro, os olhos castanhos, o bico cinzento escuro, mais claro na base e os tarsos côr de chumbo.

Esta ave mede vinte e um a vinte e dois centimetros de comprimento e trinta e cinco a trinta e seis de envergadura; a extensão da aza é de onze centimetros e a da cauda de sete.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

«Eu encontrei, diz Brehm, a calgandrinha ordinaria ao longo de todos os rios, de todos os ribeiros, de todos os lagos, de todos os mares, nas cercanias do Cabo Norte como na costa da Abyssinia, perto dos riachos da Europa central como nas margens do Nilo. Outros observadores encontraram-a na Asia, desde as Indias até Kamtchatka, na Africa desde o estreito de Gibraltar até ao Cabo da Boa-Esperança. É provavel que viva tambem na America.» [1]

COSTUMES

A calgandrinha faz ninho em toda a extensão da vastissima área da sua dispersão geographica.

Brehm informa-nos de que a calgandrinha chega á Allemanha no meiado de Abril, algumas vezes mesmo só em Maio; nidifica em Julho e começa a emigrar em meiado de Setembro.

A calgandrinha gosta dos logares em que pode occultar-se; não obstante não consegue esconder-se ás vistas de um observador attento, tanto os seus movimentos são caracteristicos e as suas posições inconfundiveis. Corre, trotando, sempre com o tronco horisontal e a cauda agitada por movimentos continuos de elevação e abaixamento. O vôo é leve, facil e rapido; raras vezes porém, a calgandrinha se eleva alto na atmosphera; avança quasi sempre em linha recta, muito perto da superficie da agua. Só quando abandona completamente uma localidade é que se eleva a uma grande altura. Quando é preciso, atira-se á agua, nada,

[1] Brehm, *Loc. cit.*, pg. 599.

mergulha, rema vigorosamente com as azas, apparecendo em breve n'um logar muito distante d'aquelle de que partiu.

Os logares ordinariamente frequentados pelas calgandrinhas reconhecem-se com facilidade pelos excrementos brancos que ahi deixam depositados. O observador que deseja tomar conhecimento do modo por que estas aves passam o seu dia, precisa de procurar n'esses logares um sitio coberto de mattas ou outro qualquer em que possa occultar-se. E o observador carece de empregar extremos cuidados, porque as calgandrinhas são muito desconfiadas, muito timidas. Além d'isso possuem muita intelligencia e distinguem as pessoas inoffensivas e indifferentes das que o não são.

Macho e femea, uma vez passada a quadra dos amores, manifestam-se uma quasi indifferença reciproca. O facto de continuarem unidos deve, na opinião de naturalistas conscienciosos, attribuir-se antes á localidade que lhes convem do que aos instinctos de sociabilidade.

O grito da calgandrinha consiste n'um assobio alto, claro e agudo. Na quadra dos amores porém, faz ouvir um como trillo que principia suavemente, vae augmentando de intensidade e depois diminuindo. Repete muitas vezes este canto que não é desagradavel.

Na quadra da reproducção escolhe um logar certo e não consente que outro se approxime. O macho parece então muito excitado: vôa, descrevendo zig-zags, canta e gira em torno da femea. Esta procura nas margens um logar fóra do alcance das marés vivas e ahi entre os mattos ou n'um pequeno bosque construe o ninho com hervas, juncos e folhas seccas. Os ovos são quatro, ora curtos, ora alongados, piriformes, lisos, de um fundo amarello ruivo sobre o qual destacam manchas mais ou menos nitidas — as inferiores cinzentas, as medias trigueiras ruivas e as superiores trigueiras anegradas. Os paes não consentem que os perturbem; se lhes roubam um ovo abandonam desde logo o ninho. Macho e femea chocam alternadamente. A incubação dura duas semanas. Ao fim de oito dias os filhos apresentam já as pennas das azas e da cauda e ao fim de quatro semanas teem-se tornado independentes.

A alimentação da calgandrinha compõe-se de larvas, de hervas, de vermes, de insectos, principalmente dipteros e nevropteros. É de uma incomparavel actividade na caça.

INIMIGOS

Os mamiferos carniceiros, os corvos, as gralhas e as pegas destroem grande numero de ninhadas. Os individuos adultos, graças á sua extrema

prudencia, evitam quasi sempre os inimigos, que são as grandes aves de rapina.

CAPTIVEIRO

A calgandrinha habitua-se facilmente á perda de liberdade. É em captiveiro uma ave divertida, sobre tudo quando dá caça ás moscas. Domestica-se bem. Tem uma qualidade importante; é bastante aceiada. No estio, quando lhe dão espaço e ar sufficiente, prospera e engorda.

AS CHALRETAS

Os individuos que formam este genero são caracterisados pela posse de um bico mais comprido que a cabeça, delgado, de mandibula superior comprimida na ponta, recurva sobre a inferior que é um pouco mais curta, de pernas nuas na metade da extensão, de tarsos comprimidos e delgados e de uma membrana palmar que reune os dedos medio e externo.

A CHALRETA

O genero repousa sobre esta especie unica *(Glottis chloropus)*.

CARACTERES

A chalreta tem as pennas das costas negras, bordadas de branco, o fundo das costas, o uropigio e o ventre de um branco puro, o peito branco, longitudinalmente raiado de preto, a cauda cinzenta no meio e manchada nos bordos de branco e negro. No outono a parte posterior e os lados do pescoço são raiados de negro e branco e as pennas das costas cinzentas escuras e manchadas de negro, os olhos castanhos e os pés cinzentos esverdeados. O bico é verde-escuro.

Esta especie mede trinta e dois a trinta e seis centimetros de comprimento e cincoenta e nove a sessenta e um de envergadura; a extensão da aza é de dezenove centimetros e a da cauda de oito.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Existe a chalreta em todo o mundo, excepção feita da Australia e talvez da America. Dizemos—talvez, porque não é ponto averiguado. Esta ave atravessa a Europa no tempo das emigrações, isto é na primavera e no outono.

COSTUMES

A chalreta prefere os lagos d'agua doce ás costas maritimas. N'estas só se encontra de passagem, por pouco tempo. Á borda dos lagos, dos rios e dos ribeiros mistura-se com outras especies e é ella então a que dirige os bandos. Evita as florestas, porque do logar em que vive precisa de abranger um vasto horisonte.

A chalreta é timida, immensamente desconfiada.

Possue uma grande alegria e uma extraordinaria vivacidade. Marcha com velocidade, nada, mergulha bem e vôa ou em linha recta ou descrevendo curvas elegantes, batendo fortemente as azas. Quando se encontra a grande altura na atmosphera, deixa-se cair bruscamente até perto do solo, quebrando só então o impeto da queda á custa da impulsão das azas.

A voz d'esta ave consiste n'um assobio claro, alto e agudo.

A chalreta é muito prudente, muito desconfiada e de uma actividade notavel que a torna propriissima para servir de guia a outras aves com

que viva. Encontra-se quasi todo o dia em movimento; só dorme perto do meio dia e pela volta da meia noite, mas ainda assim com um somno tão leve que o mais ligeiro ruido basta para despertal-a.

Não possue instinctos de sociabilidade propriamente dita: vive com as congéneres e ainda com aves de procedencias muito differentes, mas sem se inquietar com a sorte d'ellas. Não é ella que se junta aos companheiros, mas sim estes que a procuram e que a seguem.

Come animaes aquaticos de toda a especie e provavelmente tambem insectos e hervas; persegue na agua os girinos.

O ninho da chalreta é grosseiramente construido com palhas e collocado sobre uma eminencia relvosa, quasi sempre perto de um salgueiro. A postura realisa-se no fim de Maio e é de quatro ovos muito grandes, de um fundo amarello azeitonado, cobertos de manchas de um cinzento atrigueirado e de pontos de um trigueiro avermelhado, de grandeza muito variavel. Brehm diz que estes ovos são muito raros nas collecções.

CAÇA

A timidez que caracterisa a chalreta torna extremamente difficil a caça. Á vista de um homem que lhe pareça suspeito, foge e vôa ainda quando elle vem muito longe e só pousa em terra a uma enorme distancia. É por isso que o emprego das armas de fogo é quasi inutil. Pelo contrario, dão um certo resultado as armadilhas empregadas com cautella e prudencia. Felizmente para o caçador, a chalreta responde aos gritos de reclamo que o passarinheiro imita.

CAPTIVEIRO

A chalreta habitua-se facilmente á vida de gaiola. Domestica-se bem e pode durar em captiveiro muitos annos.

OS MAÇARICOS

Teem o corpo espesso, o pescoço de comprimento medio, a cabeça pequena, o bico muito comprido, recto ou levemente recurvo, forte e alto na base, fino adiante, terminado por uma superficie alargada em colher, molle e flexivel em quasi toda a extensão, tarsos altos e delgados, terminados por quatro dedos, azas muito compridas, estreitas, sobreagudas, sendo a primeira remige a mais comprida, cauda curta, arredondada, formada por doze rectrizes, plumagem espessa, lisa, de cores variaveis segundo as estações.

O MAÇARICO GALLEGO

É o nome vulgar portuguez da especie *Limosa rufa.*

CARACTERES

Tem o alto da cabeça e a nuca de um ruivo claro, longitudinalmente raiado de trigueiro, as costas e as espaduas negras, manchadas e raiadas de ruivo, as coberturas das azas bordadas de cinzento e de branco, o uropigio branco, manchado de trigueiro, a linha sobreocular, a garganta, os lados do ventre, o pescoço e o peito de um ruivo escuro, os lados do peito e as coberturas inferiores da cauda cobertas de manchas negras, dispostas longitudinalmente, as remiges negras, veinuladas de branco, as rectrizes raiadas transversalmente de cinzento e branco, os olhos castanhos, o bico avermelhado, com a ponta anegrada, emfim os tarsos negros.

A femea apresenta côres menos vivas.

No outono o cinzento é a côr dominante. As costas são então cin-

zentas com manchas de um trigueiro anegrado, o uropigio e as coberturas inferiores da cauda brancas, as coberturas das azas, negras, bordadas de branco; a face inferior do corpo é branca.

Esta ave mede quarenta e trez centimetros de comprimento e setenta e dois de envergadura; a extensão da aza é de vinte e dois centimetros e a da cauda de quinze.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

A patria do maçarico gallego é o norte da Europa e da Asia; d'ahi espalha-se por todas as partes em que tem sido encontrado. Nas suas emigrações percorre quasi todo o sul da Asia, todo o meio-dia da Europa e o norte d'Africa até á Nubia meridional. É muito commum nas costas da Hollanda. Tem-se notado que os maçaricos nunca são numerosos nas costas do Baltico, ao passo que chegam em grande quantidade á costa occidental de Sleswig e de Jutland.

Em Portugal o maçarico gallego é commum.

COSTUMES

Ácerca da chegada dos maçaricos á Allemanha, escreve Naumann: «Myriades de maçaricos chegam como uma nuvem de além do mar e abatem-se sobre os campos. A costa fica assim coberta n'uma grande extensão; o bando marcha tranquillamente, procurando cada ave os alimentos. Forma-se uma superficie viva que se não pode abranger de um só olhar. Este espectaculo é quasi indescriptivel; um bando assim, visto de longe no momento em que ergue vôo, parece um fumo que se eleva.» [1] Parece que a maior parte dos maçaricos seguem a costa; no interior da Allemanha nunca se encontra um grande numero. Pelo contrario, são communs no meio-dia da Europa e principalmente nas costas do Baixo-Egypto; os paizes do Mediterraneo servem de moradia de inverno aos que chegam do noroeste da Europa.

No dizer de Brehm, o maçarico gallego pouco tempo se demora na patria; parece que só vive no Norte o tempo preciso para reproduzir-se, porque, exercida esta funcção, põe-se em viagem. Mal os bandos, que na

[1] Citado por Brehm, *Loc. cit.*, pg. 603.

primavera apparecem na costa, teem desapparecido, já alguns individuos velhos estão de volta. Pensa Naumann que estes recemchegados são os individuos a que morreu a ninhada. A passagem propriamente dita começa no fim de Agosto e dura todo o mez de Setembro; a volta realisa-se desde o mez de Abril até Maio: portanto a estada no Norte é apenas de dois mezes.

Os maçaricos gallegos devem considerar-se aves maritimas, embora muitos não nidifiquem junto do mar e durante o inverno avancem mesmo muito para o interior das terras, seguindo ao longo dos cursos fluviaes. A verdade é que a maior parte d'elles se conservam perto da costa e procuram o alimento á beira mar ou nos pantanos e terrenos humidos das proximidades. Durante as emigrações não gostam de affastar-se do mar.

Conservam-se nas praias e bancos de areia que a maré baixa deixa a descoberto e só voltam para terra quando a maré sobe. Correm constantemente atraz da onda que se retira e na baixa-mar invadem com prazer todos os pontos postos a nú pela descensão da agua.

Os maçaricos gallegos marcham a passo e não a trote, entram muitas vezes na agua até ao ventre e nadam e mergulham em caso de necessidade. Voam tambem com perfeição e muito rapidamente. Antes de pousarem, volitam algum tempo e antes de fecharem as azas elevam-as verticalmente com a ponta para cima. Quando muitos maçaricos se deslocam, voando de um logar para outro, raro é que formem fileiras; de ordinario constituem-se n'uma massa desordenada. Pelo contrario, nas emigrações grupam-se em forma de cunha.

A voz é grave e pouco harmoniosa; o grito de reclamo pode notar-se por *kei, kei* e o grito de amor, mais agudo, por *tabie, tabie*.

Os maçaricos gallegos são muito intelligentes; comquanto não possam ser tidos em conta de timidos, é certo que distinguem o caçador da gente inoffensiva e sabem evital-o. Mas se teem sido muito perseguidos tornam-se timidos e muito desconfiados; seguem então os movimentos de outras aves ribeirinhas, notaveis pela vigilancia.

A alimentação d'estas aves compõe-se de vermes, de larvas, de insectos, de pequenos molluscos, de pequenos crustaceos e de pequenos peixes. Teem pretendido alguns naturalistas que o bico dos maçaricos gallegos é tão sensivel que elles podem apanhar a presa sem o auxilio da vista. Será exacto? A questão está ainda pendente.

O genero de vida d'estas pernaltas durante o estio é pouco conhecido. Baedeker, Wallengren e Malm, naturalistas que mais se occupam do estudo d'estas aves, esses mesmos não fornecem sobre o assumpto em questão senão informações muito incompletas. Sabemos apenas, quanto á reproducção, que uma especie visinha d'esta forma o ninho em pequenas

eminencias dos pantanos ou dos campos pantanosos e que esse ninho consiste n'uma simples depressão do solo, coberto de raizes e palhas. A especie a que nos referimos põe no fim de Abril quatro ovos grossos, de um pardo amarellado ou atrigueirado sujo ou verde azeitonado ou ainda trigueiro arruivado, cobertos de pontos, raias e manchas cinzentas ou trigueiras escuras. Macho e femea chocam alternadamente.

CAPTIVEIRO

O maçarico gallego habitua-se facilmente á perda de liberdade, aprende a reconhecer o dono e pode viver captivo algum tempo se lhe concederem espaço bastante.

OS FUZELLOS

Estabelecemos com estas aves um genero áparte, porque algumas singularidades de organisação que lhes são proprias não permittem grupal-as rigorosamente n'outro genero.

CARACTERES

Os fuzellos teem o corpo relativamente pequeno, elegante, o pescoço fino, alongado, a cabeça de grandeza media, o bico comprido, delgado, estreitecido para a ponta, recto, de crista dorsal arredondada, de ponta recurva, tarsos muito compridos, fracos, desnudados até muito acima da articulação tibio-tarsica, dedos em numero de trez, sendo o externo e o medio reunidos por uma curta membrana palmar, unhas pequenas, es-

treitas, ponteagudas, azas muito compridas, estreitas, sobreagudas, excedendo muito a primeira remige todas as outras, as falsas azas curtas, a cauda formada de doze rectrizes, curta relativamente ás azas, emfim uma plumagem espessa e de côres que variam com a idade e com as estações.

O FUZELLOS

É esta *(Hypsibates himantopus)* a especie principal do genero. Os francezes chamam-lhe *fuzellos de pés vermelhos.*

CARACTERES

O fuzellos, na plumagem da primavera, tem no occipital uma linha estreita negra, a parte posterior do pescoço e as costas negras tambem com reflexos esverdeados, a cauda cinzenta e o resto da plumagem branco com um ligeiro reflexo côr de rosa na metade anterior do corpo.

A femea apresenta côres menos vivas: é de um branco menos brilhante e de um negro tambem menos luzidio.

No inverno o occipital e a nuca perdem a côr negra e tornam-se pardos.

Os não adultos teem a face superior do corpo de um branco acinzentado, a parte posterior do pescoço veinulada de cinzento e branco e as espaduas de um cinzento mais ou menos distincto. Os olhos são vermelhos e os tarsos vermelhos desmaiados ou côr de rosa. O bico é negro.

O comprimento d'esta ave é de quarenta centimetros e a envergadura de setenta e quatro; a extensão da aza é de vinte e cinco centimetros e a da cauda de oito.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

O fuzellos habita o sul e o sudoeste da Europa, o centro da Asia e o norte d'Africa; pertence á zona quente e temperada. Conta-se porém esta ave entre as da Europa central, porque ahi se tem reproduzido. É muito commum na Hungria, ao passo que não faz mais que atravessar a Hespanha e a Grecia durante as emigrações; no sul da Italia tambem não apparece senão de passagem. Encontra-se todo o anno no sul da Russia e do Egypto, d'onde se espalha pelas regiões do curso superior do Nilo. Dos grandes lagos salgados da Asia central passa ás Indias.

Em Portugal o fuzellos é commum como ave de arribação.

COSTUMES

Na Hungria, media e baixa, affirma Baldamus, encontra-se o fuzellos junto de todas as superficies de agua salgada de uma certa extensão; no Egypto é tambem uma ave das mais vulgares e ahi se encontra mais habituada ao homem que em qualquer outra parte.

«Os poucos casaes, diz Brehm, que se teem reproduzido na Allemanha haviam-se estabelecido junto de pantanos affastados e extensos, e viviam ahi uma vida tão retirada que só por acaso foram descobertos. No Egypto, pelo contrario, esta ave vive perto das aldeias ou mesmo no interior d'ellas. Assim, em todos os logares destinados a banhar os bois existe com certeza um bando de fuzellos e ahi se encontra occasião de observar estas aves, de ordinario tão prudentes, porque então consentem que o homem se approxime muito d'ellas. Fiquei surprehendido de vêr no interior d'Africa fuzellos extremamente desconfiados, quando nada de semelhante tinha observado nos que encontrára no Egypto, povoando os lagos por bandos de duzentos a trezentos individuos.» [1]

Os fuzellos costumam passar o inverno no logar uma vez escolhido e do qual se não affastam para errar, como fazem tantas aves, pelas

[1] *Obr. cit.*, pg. 695.

regiões proximas. Este facto pode explicar-se pela circumstancia de que no logar escolhido encontram ordinariamente tudo aquillo de que precisam; e uma prova de que assim succede é que durante a estação fria engordam consideravelmente.

No começo de Abril alguns fuzellos abandonam os lagos, ao passo que outros ahi se deixam ficar e ahi se reproduzem.

Na Allemanha, segundo o auctor das *Maravilhas da Natureza*, a passagem dos fuzellos realisa-se em Maio e em Agosto.

É possivel que na Hungria os fuzellos appareçam mais cedo e ahi se conservem mais tempo.

Do Egypto, está isto averiguado, partem sempre mais cedo e para ahi voltam mais tarde.

O fuzellos gosta das aguas salgadas, comquanto não tenha a existencia ligada á presença d'ellas.

Não pode dizer-se que seja uma ave maritima. Encontra-se muitas vezes nas costas, mas de ordinario conserva-se junto dos tanques e poças e, durante a estação dos amores, junto dos grandes lagos de agua doce.

Parece que o fuzellos é mais sociavel que outras aves de especies visinhas. Durante a quadra do cio vive por casaes, n'outra parte do anno por grupos de seis a doze individuos e no inverno por bandos extremamente numerosos.

Os pequenos bandos de fuzellos são inteiramente indifferentes a outras aves; mas os grandes bandos juntam-se a outras pernaltas. É bem possivel, lembremos isto, que taes reuniões sejam determinadas antes por condições locaes do que propriamente por um instincto de sociabilidade.

Os fuzellos teem modos e habitos muito semelhantes aos de outras aves de generos proximos. Graças porém, á grandeza excepcional das pernas podem avançar mais longe na agua em procura de alimento. Raras vezes se encontram á beira da agua; o mais vulgar é encontrarem-se a uma certa profundidade, marchando ou nadando.

A marcha não é deselegante, nem vacillante. O vôo é leve, rapido e gracioso. Quando se eleva no ar, o fuzellos bate rapidamente as azas e, desde que attinge uma certa altura, vôa mais lentamente; antes de descer descreve uma ou mais linhas onduladas. Quando vôa, estende as pernas para traz, o que lhe dá um aspecto muito singular e faz com que se reconheça a uma grande distancia.

A voz, segundo Baldamus, pode notar-se pelas syllabas *huitt, huett,* alternadamente repetidas.

É principalmente na quadra dos amores que o fuzellos se faz ouvir; de resto, só solta os seus gritos ou durante o vôo ou no momento em que se eleva ao ar.

Das aves dos pantanos uma das mais prudentes é o fuzellos. E se manifesta uma grande confiança no arabe é porque este é incapaz de perseguil-o ou mesmo de perturbal-o, antes gosta de o vêr e estima-o. Estende o fuzellos a confiança que tem no arabe ao europeu; não obstante um só tiro é sufficiente para tornal-o acautelado e timido por muito tempo.

A morte de um só fuzellos enche o bando de tristeza; comtudo nem por isso os individuos que vivem agrupados circundam o cadaver, como fazem tantas aves. Pelo contrario, a prudencia vence a tristeza e fogem todos. Brehm diz que quando não conseguia matar um casal com um só tiro, tinha uma grande difficuldade em destruir o esposo sobrevivente, tanta era a rapidez com que elle fugia. Os fuzellos do Sudan são muito timidos, o que prova que elles sabem aproveitar as lições da experiencia; no branco reconhecem justamente um terrivel e perigosissimo inimigo.

A alimentação principal, senão exclusiva, dos fuzellos compõe-se de insectos. Todo o dia se encontram occupados em perseguir estes animalculos á superficie da agua, na vasa ou emquanto voam. Entre os insectos que comem devemos mencionar muito particularmente as moscas e os coleopteros.

No Egypto o fuzellos nidifica em Abril e Maio entre os juncos. O ninho é grosseiramente construido; Wilson affirma que este ninho se reduz a uma camada de hervas seccas, apenas sufficiente para collocar os ovos ao abrigo da humidade. O fuzellos durante a incubação vae augmentando esse ninho pela addição de folhas seccas, de raizes e de palhas.

O numero ordinario de ovos é quatro por postura. Parecem-se um pouco com os do abibe: o volume é o mesmo, mas a casca é mais fina. São amarellos escuros, verdes azeitonados ou amarellos azeitonados e apresentam algumas manchas cinzentas ou muitas manchas pequenas, arredondadas ou alongadas de um trigueiro ruivo; estas manchas são mais numerosas na grossa extremidade.

Sobre a vida dos recemnascidos nada se sabe.

CAÇA

Na Hungria faz-se uma caça activa ao fuzellos. No Egypto, pelo contrario, só o naturalista o persegue.

CAPTIVEIRO

Brehm diz: «Nunca vi o fuzellos em gaiola, nem mesmo ouvi dizer que alguem o tenha conservado em captiveiro.» [1]

USOS E PRODUCTOS

A carne do fuzellos não é delicada e está longe mesmo de ser boa; comtudo, é comestivel no inverno.

OS RECURVIROSTROS

As aves que modernamente se consideram como constituindo uma familia distincta e autonoma, foram em tempos differentes e por diversos naturalistas introduzidas ora n'uma tribu, ora n'outra. Comtudo, distinguem-se por caracteres que bastam a constituil-as em typo áparte.

CARACTERES DE FAMILIA

A columna vertebral dos recurvirostros é formada de quatorze vertebras cervicaes, nove dorsaes e oito a nove coccygias. O esterno apresenta chanfraduras membranosas externas e internas, sendo estas ultimas

[1] *Obr. cit.*, pg. 607.

as maiores. A abobada craneana é pequena, o buraco occipital grande e arredondado, o bico desprovido de apparelho tactil osseo, a lingua curta e obtusa e o estomago pouco musculoso.

O bico é comprido, estreito, fraco, achatado, mais largo que alto, adelgaçado para a ponta, muito recurvo, de mandibulas com a ponta voltada para cima e de bordos cortantes.

CARACTERES DO GENERO

Aos caracteres que acabamos de mencionar, acrescentaremos os seguintes: O bico tem quasi duas vezes o comprimento da cabeça, é flexivel como a baleia e sulcado até ao meio; as azas são compridas e excedem um pouco a cauda que é curta e formada de doze pennas; as pernas são nuas em cerca de dois terços de extensão; os tarsos são longos e finos; os dedos anteriores são reunidos na base por uma membrana palmar que se prolonga até á extremidade d'elles; o pollegar é pequeno, quando existe, e não toca o chão; as pennas das partes inferiores do corpo são inteiramente analogas ás das verdadeiras aves aquaticas.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

A área de dispersão dos recurvirostros é enorme: existem em quasi toda a terra.

O ALFAIATE

Esta especie do genero Recurvirostros *(Recurvirostra avocetta)* é conhecida ainda pelos nomes vulgares de *frade* e *sovella*. Em França é designada pelo nome vulgar de *bec en sabre*.

CARACTERES

Esta especie offerece côres pouco variadas, mas elegantemente distribuidas.

«Tem, diz Brehm, o alto da cabeça, a nuca, a parte superior e posterior do pescoço, as espaduas e a maior parte das azas negras, duas manchas brancas nas azas, o resto do corpo branco, os olhos castanhos avermelhados, o bico negro e os tarsos de um cinzento azulado.» [1]

Na femea as côres são menos accentuadas.

Nos individuos não adultos o negro é substituido pelo trigueiro escuro e as azas são raiadas de cinzento arruivado.

«O alfaiate, diz Figuier, mede cerca de meio metro de altura, embora o corpo não seja talvez mais volumoso que o de um pombo.» [2]

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Encontra-se o alfaiate em quasi todo o antigo continente.

Habita as costa do Mar do Norte e do Baltico e os lagos salgados da Hungria e da Asia central; d'ahi emigra para o sul da Europa, para o norte d'Africa, para o sul da China e para as Indias. Parece que tem sido encontrado mesmo no Cabo da Boa-Esperança. Nos paizes do norte da Europa apparece em Abril e desapparece em Setembro.

Em Portugal a especie é frequente.

COSTUMES

Fallando d'esta especie singular Buffon escreve: «As aves de pés palmados teem quasi todas as pernas curtas; o alfaiate tem-as muito compridas e esta desproporção, que bastaria quasi só para distinguir esta ave de todas as outras palmipedes, [3] é acompanhada de um caracter

[1] *Obr. cit.*, pg. 607.

[2] Figuier, *Obr. cit.*, pg. 120.

[3] Flourens n'uma nota corrige Buffon, observando que o alfaiate não é um palmipede. A correcção é opportuna: o alfaiate é uma pernalta.

*

ainda mais notavel pela singularidade: o bico que é voltado para cima e representa um arco de circulo cujo centro fica acima da cabeça.» [1]

Mais adiante o mesmo naturalista diz: «É difficil imaginar como esta ave se alimenta com auxilio de um instrumento (o bico) com que não pode picar nem fazer prehensões, mas quando muito sondar o lodo mais molle: por isso se limita a procurar na escuma das ondas as ovas dos peixes, que parece constituirem o principal fundo da sua alimentação.» [2] Buffon concede ainda que o alfaiate coma vermes e insectos aquaticos. Willughby diz que no ventriculo dos individuos que autopsiou nunca viu senão pequenas *pedras brancas e cristalinas.*

Naumann diz sobre o assumpto: «O alfaiate serve-se do bico como de um sabre, dirigindo-o rapidamente para a direita e para a esquerda; apanha os animaes que nadam e que ficam adherentes aos sulcos da face interna. O alfaiate explora ainda com o bico as poças d'agua que a onda, ao retirar-se, deixa sobre a praia e que, como se sabe, se encontram cheias de animalculos. Muitas vezes a ave fica uma hora inteira junto de uma só d'estas poças. De ordinario começa por mergulhar a direito o bico na agua ou no lodo, fal-o estalar á maneira dos patos e depois dirige-o para a direita e para a esquerda como quem manobra com um sabre. Vi alguns individuos n'um pantano passeando assim o bico na herva curta e humida.» [3]

O alfaiate é uma verdadeira ave maritima; raras vezes abandona as costas e quando o faz é para ir procurar a beira de algum lago de agua salgada.

«No interior das terras, diz Brehm, é excessivamente raro. Frequenta principalmente as praias lodacentas; isto explica por que é muito conhecido em certas localidades ao passo que á distancia de alguns kilometros apenas ninguem o vê.» [4]

O logar em que se encontra varía, no dizer de Naumann, com a maré. Na maré baixa, quando a praia fica a secco, encontra-se muitas vezes a uma grande distancia da costa; pelo contrario, na maré alta é precisamente junto da agua, na costa, que elle se encontra.

O alfaiate é uma das aves que mais dá na vista; constitue como que um soberbo ornato das praias.

Quando marcha vagarosamente ou quando está pousado, o alfaiate conserva o corpo horisontal e o pescoço recurvo em S.

[1] Buffon, *Oeuvres complètes*, T. 8.º, pg. 394.
[2] Ibid.
[3] Citado por Brehm, *Obr. cit.*, vol. 4.º, pg. 608.
[4] Brehm, *Loc. cit.*, pg. 608.

A marcha é leve e facil; mas é raro que de uma só vez percorra um grande espaço.

Não vôa tão rapidamente como as chalretas, mas vôa ainda assim com notavel velocidade; no ar distingue-se ao longe pelas azas altas, recurvas, batendo com largos intervallos, pelo pescoço encolhido e pelas longas pernas estendidas.

Nada bem, como á priori se pode determinar pelo desenvolvimento das membranas palmares. «As pernas, diz Figuier, permittem-lhe pelo comprimento percorrer sem perigo os pantanos e lagoas.» [1]

A voz d'esta ave é um grito assobiado e plangente, não desagradavel. O grito de reclamo pode notar-se por *dult, dult,* muitas vezes repetido.

Ordinariamente vê-se o alfaiate na agua, marchando, passeando lentamente, erguendo e baixando incessantemente a cabeça em procura de alimento; muitas vezes mergulha á maneira dos patos.

O alfaiate vive sempre em sociedade. É timido, foge do homem. Figuier diz: «De um natural selvagem e de um humor feroz, esta ave raras vezes consente que d'ella se approximem.» [2] Quando alguem chega ao logar em que um bando se entretem a procurar alimentos, uma das aves solta um grito de aviso e todas se tornam immediatamente inquietas e marcham para a agua ou tomam vôo, não parando senão quando se encontram fóra de alcance. Devemos comtudo notar que o alfaiate consente em deixar-se approximar por um carro ou por cavalleiro.

O alfaiate ou frade não manifesta amizade pelas outras aves. Nunca serve de guia aos bandos de pequenas aves ribeirinhas e se parece contrair uma certa união com os fuzellos deve isto attribuir-se, como observa Naumann, menos ao instincto de sociabilidade do que ao modo singular por que o alfaiate apanha os alimentos.

Pouco depois de chegarem ao seu paiz natal, os alfaiates dividem-se em pares ou casaes e vão nidificar nos logares cobertos de relva curta; tambem se dirigem, mas mais raramente, para os campos de cereaes, que não fiquem, todavia, muito distantes da costa.

O ninho d'esta especie consiste n'uma depressão cavada no solo e coberta de palhas seccas e de raizes.

A postura é de dois, trez ou quatro ovos, do volume dos de abibe. Estes ovos são piriformes ou arredondados, de casca fina, de um ruivo claro ou de um amarello azeitonado, cobertos de pontos anegrados ou violetas.

[1] Figuier, *Obr. cit.*, pg. 120.
[2] Figuier, *Loc. cit.*, pg. 120.

A incubação dura dezesete ou dezoito dias; macho e femea chocam alternadamente. Os paes manifestam pelos recemnascidos uma grande sollicitude, ensinando-os a esconder-se, a procurar alimentos e soltando gritos de inquietação se o homem se approxima d'elles.

CAÇA

A timidez e prudencia do alfaiate tornam excessivamente difficil a caça. «Sabe evitar, diz Figuier, as armadilhas que se lhe preparam e escapa ás perseguições do caçador, quer voando, quer nadando.» [1] Buffon diz tambem: «Ou seja por timidez ou por finura, o alfaiate evita as armadilhas e é difficil de apanhar.» [2] Baillon affirma egualmente: «Eu proprio empreguei todas as astucias possiveis para apanhar um alfaiate vivo e nunca o consegui.» [3]

CAPTIVEIRO

Mao grado toda a timidez e selvageria naturaes, o alfaiate, quando o tratam bem, pode conservar-se captivo.

A este respeito o Dr. Bodinus escreve: «Sempre tive uma grande predilecção pelos habitantes allados das praias e foi-me sempre de um vivo prazer observar nas costas do Baltico, minha patria, os movimentos e os habitos dos patos, dos ostraceiros e principalmente dos alfaiates; desejei sempre possuir em captiveiro estes ultimos. Emquanto estive em casa não pude conseguir a realisação dos meus desejos. Esta ave não é rara em certos pontos da costa de Rugen; mas em consequencia da caça sem treguas que lhe tem sido feita, retirou-se para os logares mais inacessiveis. É impossivel encontrar casaes em via de chocar; seria difficil tambem apanhar adultos, não contando com as difficuldades que teria em fazel-os alimentar. Por fim pude encontrar na Hollanda alfaiates ainda não adultos. Senti uma grande alegria, mas ao mesmo tempo uma inquietação quando me lembrava da possibilidade ou não possibilidade de os crear.

«Uma experiencia de longos annos ensinára-me que a sêde extingue

[1] Figuier, *Loc. cit.*, pg. 121.
[2] Buffon, *Obr. cit.*, vol. 8.º, pg. 397.
[3] Citado por Flourens, na obra de Buffon.

toda a timidez, ao menos por alguns momentos, ainda nos animaes mais selvagens. Assim a minha primeira idéa foi de apagar a sêde d'estas aves fatigadas pela viagem. Dirigiram-se para um vaso d'agua que eu tivera o cuidado de collocar na gaiola, beberam a longos tragos e alisaram a plumagem. Desde então convenci-me de que iam comer e fortifiquei-me n'esta persuasão quando os vi mergulharem o bico na agua e agital-o em todos os sentidos. Que poderia eu lançar na agua de melhor que a gulodice preferida por todas as aves ribeirinhas, isto é ovos frescos de formigas? As formigas que iam misturadas com os ovos agitaram-se na agua e attrairam a attenção dos alfaiates; provaram-as e principiaram a comer. As aves bebiam, banhavam-se e comiam; nada mais podia desejar: estavam satisfeitos os meus desejos. Comtudo alimental-os com ovos de formigas não me parecia o melhor, mesmo porque me ficava isso por um alto preço. Procurei então habituar as minhas aves a uma outra alimentação animal: dei-lhes carne crua finamente cortada e pequenos peixes divididos aos pedaços. Comeram tudo. Era-me licito pois ter confiança no futuro.

«Infelizmente uma noite trez dos meus alfaiates foram mortos pelos ratos; mais tarde um outro teve a mesma sorte e assim dos seis individuos ficaram-me dois apenas. Estes porém conservo-os ha trez annos.

«Proximo do outono as minhas aves tinham quasi despido a primeira plumagem; comtudo não possuiam ainda o negro avelludado dos adultos e não tinham attingido as dimensões definitivas. Suspeitei que o regime exclusivamente animal lhes não convinha inteiramente e tanto mais que já lhes notava uma certa fraqueza de pernas. É este o signal irrecusavel que indica que as aves novas privadas de movimento teem uma alimentação muito pezada. Notava ao mesmo tempo tumefacção nos dedos e nas articulações. Era necessario pois mudar de alimentação. Supprimi-lhes pouco a pouco a carne e os peixes, substituindo-os por pão humedecido. Não me enganava. Os alfaiates habituaram-se facilmente a esta nova alimentação e a paralysia assim como a tumefacção dos pés desappareceram. Deram-se maravilhosamente, viviam alegres, activos e encantavam pelos modos tanto como pela belleza da plumagem todos os visitantes do jardim.

«Nunca os meus alfaiates captivos me fizeram ouvir os sons aflautados que soltam em liberdade. Mas pude observar o modo por que tomam os alimentos. Admitte-se geralmente que elles procedem então de um modo singular, agitando o bico lateralmente. Diz-se que estes movimentos de lateralidade se fazem com o bico aberto, que os animaes do mar são apanhados entre as mandibulas e que são depois engulidos. Segundo as minhas observações, que excluem toda a idéa de duvida, o alfaiate executa estes movimentos com o bico fechado, e isto tanto em

terra como na agua. Eu creio bem que elle procede assim para atemorisar os animalculos de que se nutre, do mesmo modo que outras aves batem no solo com os pés. A vasa é agitada, os animaes que n'ella se occultam são postos a descoberto e a ave pode então apanhal-os e engulil-os. É o que faz o alfaiate dirigindo o bico para a direita e para a esquerda. Nunca vi um dos meus captivos tomar os alimentos, como geralmente se suppõe; observei, pelo contrario, que elles os apanham com a ponta do bico, exactamente como as tarambolas ou outra ave analoga. A simples forma do bico indica já que a ave não pode servir-se d'elle para dividir os alimentos; por outro lado, não é tambem uma arma. Por isso os alfaiates não se batem; são eminentemente pacificos, inoffensivos. Não atacam as outras aves, nem d'ellas se defendem. Devem pois viver com aves que sejam tambem de um natural pacifico. Os alfaiates são dignos de viverem em captiveiro.» [1]

USOS E PRODUCTOS

Os ovos do alfaiate são um bom alimento, muito procurado. É o que affirmam as palavras seguintes de Salerne: «O alfaiate é muito raro em Orléanais.... Pelo contrario, nada ha mais commum nas costas do Bas-Poitou; e, na estação dos ninhos, os rusticos apanham-lhes os ovos aos milhares para os comer.» [2]

OS MAÇARICOS REAES

Os maçaricos reaes teem por caracteres genericos um bico muito mais comprido que a cabeça, arqueado, alto na base, fino para a extremidade, molle em toda a extensão, excepto na extremidade que é cornea, de mandibula superior um pouco mais comprida que a inferior, pernas

[1] Citado por Brehm, *Loc. cit.*, pg. 609-610.
[2] Salerne, *Ornithologie*, pg. 360.

muito alongadas, nuas até muito acima da articulação tibio-tarsica, dedos relativamente curtos, azas grandes, sobreagudas, sendo a primeira remige a mais comprida, cauda de grandeza media, arredondada, composta de doze rectrizes, plumagem dura, densa, não differindo nem com a idade, nem com o sexo.

Este genero é abundante em especies, que, á maneira de Buffon, dividiremos, segundo a distribuição geographica, em dois grandes grupos: as do antigo e novo continente.

I

MAÇARICOS REAES DO ANTIGO CONTINENTE

O MAÇARICO REAL CINZENTO

Começamos pelo estudo d'esta especie que pode considerar-se como typica e que possue talvez uma área de dispersão geographica mais extensa que qualquer outra. Constitue a *Primeira Especie*, de Buffon.

CARACTERES

Esta especie mede setenta e dous a setenta e sete centimetros de comprimento e um metro e vinte e quatro a um metro e trinta centimetros de envergadura; a extensão do bico é de dezenove a vinte e dois centimetros, a da aza de trinta e trez a trinta e seis e a da cauda de doze a quatorze.

Tem as costas trigueiras, raiadas de amarello ruivo claro, o fundo

das costas branco com manchas trigueiras dispostas longitudinalmente, a parte inferior do corpo de um ruivo amarellado, com manchas longitudinaes trigueiras, as remiges negras com hastes brancas, as trez primeiras bordadas de branco dentro, as outras com manchas claras, dispostas em zig-zags, as rectrizes brancas, raiadas de trigueiro escuro, os olhos castanhos escuros, o bico negro com a base de mandibula inferior de um cinzento azeitonado e os tarsos de um cinzento de chumbo.

Os individuos não adultos differem dos que o são no bico, que é mais curto, nos tarsos que são mais solidos e nas manchas da parte inferior do corpo que são mais claras.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Não ha paiz da Europa em que se não tenha observado o maçarico real cinzento. Reproduz-se ao Norte e atravessa o Sul durante a epocha das emigrações. Encontra-se egualmente n'uma grande parte da Asia. Nas suas viagens chega até ás Indias e ao centro d'Africa e ahi se conserva desde Setembro até Março.

Quando o inverno não é muito rigoroso demora-se nas regiões septentrionaes.

Na Grecia, segundo Von der Muhle, e na Hespanha, segundo Brehm, o maçarico real cinzento é visto todo o anno, isolado.

Em Portugal a especie é muito commum.

COSTUMES

O maçarico real cinzento não é difficil de satisfazer na questão do logar habitado. Toda a região lhe serve—as costas do mar como as margens dos cursos d'agua e os lagos no interior das terras, os plainos como as collinas. É nas turfeiras enormes das regiões septentrionaes que elle tem origem. Nenhuma localidade fixa o maçarico real cinzento. Abandona as bordas da agua para voar para as planicies mais aridas, d'ahi vae para os campos e os prados para voltar depois para junto da agua. Encontra-se em toda a parte, mas em nenhuma de um modo irregular.

Nas viagens que realisa de noite como de dia, segue o caminho ordinario das aves emigrantes, mas com mais irregularidade. Affasta-se muitos kilometros dos ribeiros e passa as montanhas mais altas. Encontra-se sempre perto dos lagos e do mar, mas tambem se vê nas *steppes*,

dando caça aos gafanhotos, ou junto dos rochedos das margens do Nilo procurando alimentos.

«Eu vi, diz Brehm, o maçarico real cinzento no extremo norte, aonde elle nidifica; atirei-lhe nas margens do Nilo Branco e do Nilo Azul; observei-o no Egypto, na Grecia, na Hespanha e na Allemanha; vi-o nas circumstancias mais differentes e achei-o sempre o mesmo. Sempre e em toda a parte é prudente, desconfiado, consciente das suas vantagens e todavia timido. Mais sociavel que outras pernaltas, o maçarico real cinzento reune-se espontaneamente aos seus similhantes, formando pequenos bandos; a sua vigilancia bem reconhecida attráe em torno d'elle uma grande quantidade de outras aves ribeirinhas menos prudentes. Responde ao grito de reclamo de um dos seus similhantes e não se inquieta com outros gritos. Em relação aos outros animaes é indifferente, timido ou desconfiado. Evita sempre o homem, mesmo nas regiões em que nidifica, embora ahi se apresente menos timido que em qualquer outra parte.» [1]

Mal vê ao longe qualquer coisa de suspeito, o maçarico real cinzento foge; não espera, como outras aves, que o perigo se approxime. Além d'isso, distingue perfeitamente bem as pessoas inoffensivas das que o não são. Assim é que consente em deixar-se approximar por um pastor, por um rustico, ao passo que foge desde muito longe do caçador ou do homem que lhe parece hostil.

«Os meus criados negros conseguem mais vezes do que eu matar os maçaricos reaes, comquanto eu ponha tudo em jogo e me imponha toda a sorte de cuidados para surprehender estas aves astuciosissimas.» [2]

Evidentemente o caçador odeia esta prudencia dos maçaricos reaes; e todavia ella é uma prova decisiva da intelligencia d'estas aves.

O maçarico real cinzento marcha a grandes passos, mas com ligeireza e elegancia,—com dignidade, diz Naumann. Quando tem pressa não duplica o numero de passos, duplica a extensão d'elles.

Move-se tão bem na agua como em terra; nada muitas vezes sem a isso ser forçado, por simples prazer. É o que as observações de Naumann e de Brehm confirmam inteiramente.

O vôo não é muito rapido, mas é regular, facil e notavel pelas voltas que a ave parece executar sem esforço, sem fadiga. Antes de pousar, o maçarico real cinzento paira durante algum tempo; quando se deixa cair de uma grande altura, fecha as azas, desce até perto do solo, diminue a velocidade da queda abrindo as azas, e só toma pé depois de se ter balançado durante algum tempo.

[1] Brehm, *Loc. cit.*, pg. 611.
[2] Brehm, *Obr. cit.*, pg. 612.

A voz d'esta ave compõe-se de notas cheias, arredondadas, sonoras, que podem, segundo Brehm, comparar-se tanto aos sons do orgão como aos da flauta e notar-se pelas syllabas *taü, taü* e *tlaüd, tlaüd*. No dizer de Naumann, esta voz tem para o naturalista um encanto especial; não ha voz de ave ribeirinha que a eguale. O grito de agonia do maçarico real cinzento é rouco e pode notar-se pelas syllabas *kraeh* ou *kruh*. Durante a quadra dos amores os machos soltam uma canção muito agradavel composta de uma serie de gritos de reclamo, cujas notas se fundem umas nas outras de um modo singular e indescriptivel.

Em regra, os maçaricos reaes cinzentos não se reproduzem senão nos paizes inteiramente septentrionaes. Apparecem na Laponia em Abril e, pouco depois de terem chegado, reproduzem-se. O macho faz ouvir os seus gritos de amor a todo o instante, mas muito principalmente de noite quando reina um grande silencio em volta d'elle. A femea procura na turfeira alguma eminencia conveniente para ahi construir o ninho, que, a bem dizer, não passa de uma depressão feita no musgo ou na relva pelo proprio pezo da ave. Alguns ninhos, não todos, são cobertos por uma camada pouco espessa de folhas.

Os ovos, em numero de quatro, são maiores que os de pato, arredondados ou piriformes, pouco lisos, de um fundo amarellado ou atrigueirado e cobertos de manchas, umas profundas, de um cinzento escuro, outras superficiaes de um negro esverdeado. Parece que macho e femea chocam alternadamente. Um e outro testemunham uma grande sollicitude pelos filhos e se expõem aos perigos para os defender.

A alimentação do maçarico real cinzento compõe-se de insectos de toda a ordem, de vermes, de molluscos, de crustaceos, de pequenos peixes, de reptis e de substancias vegetaes, principalmente baga.

Os individuos não adultos só comem insectos, nomeadamente moscas. «Os filhos, mal saídos da casca, vão logo, diz Figuier, procurar os alimentos sem auxilio dos paes.» [1]

CAÇA

O maçarico real cinzento é em toda a parte perseguido com paixão; sem duvida a prudencia que o distinguie é um estimulo para o caçador.

Indubitavelmente a caça a esta especie é difficillima e de um successo de todo o ponto casual. O emprego da arma de fogo dá poucos

[1] Figuier, *Obr. cit.*, pg. 152.

resultados. [1] O processo de ordinario seguido de melhor exito consiste no emprego de laços e armadilhas. Isto não quer de modo nenhum significar que este processo seja simples e sempre productivo; longe d'isso: dá logar muitas vezes a um insuccesso completo e offerece difficuldades notaveis. É mister que o caçador seja de uma paciencia inalteravel. Não obstante, é ainda assim o processo melhor, e que mais resultados pode dar. Affirma Brehm que ás vezes depois de muitos dias gastos inutilmente, um dia vem em que se apanham nas armadilhas cinco ou seis maçaricos cinzentos.

CAPTIVEIRO

Os maçaricos reaes cinzentos habituam-se facilmente á perda de liberdade e mesmo á mudança de regime, mostrando porém constantemente uma decidida preferencia pelas carnes. Tratados com cuidado e collocados n'uma gaiola espaçosa, podem prosperar. Habituam-se depressa ao dono e aos animaes como elle captivos.

USOS E PRODUCTOS

Figuier diz: «No Senegal tem-se conseguido reduzir o maçarico cinzento á domesticidade, mas sem grandes vantagens, porque a carne conserva sempre um gosto a lôdo muito pronunciado.» [2]

Esta opinião não condiz com a de Brehm que affirma: «A carne do maçarico real cinzento é justamente estimada, comquanto menos delicada que a da gallinhola; adquire todo o sabor só no fim do estio e não na primavera ou no outono. Os que se matam em Africa durante o inverno, servem, quando muito, para fazer caldos.» [3]

---

[1] Figuier parece-me mal informado quando diz: «É muito facil atirar sobre os maçaricos cinzentos; basta imitar-lhes o grito para que se approximem ao alcance de um tiro.»

[2] Figuier, *Obr. cit.*, pg. 152.

[3] Brehm, *Obr. cit.*, pg. 613.

O PEQUENO MAÇARICO REAL

A especie de que acabamos de occupar-nos é a *Scolopax arcuata* de Linneu ou *Nemenius arcuatus* de Cuvier. É a que Buffon designa por *Primeira Especie*. Aquella de que vamos occupar-nos é a *Scolopax phocopus* de Linneu ou *Nemenius phocopus* de Cuvier ou ainda a *Segunda Especie* de Buffon.

CARACTERES

Esta especie tem metade das dimensões da anterior. Assemelha-se todavia a ella na forma, no fundo e na distribuição das côres.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

A área de dispersão d'esta especie não differe muito da anteriormente estabelecida para o maçarico real cinzento. Parece porém que o pequeno maçarico é mais commum na Inglaterra e menos vulgar na França e na Italia que o seu congénere cinzento.

COSTUMES

Os habitos, os costumes, o genero de vida, emfim, do pequeno maçarico real são sensivelmente os mesmos que os do maçarico cinzento. É todavia muito para notar que, vivendo um e outro nos mesmos logares, nunca se juntam. Dir-se-hia que a differença de estatura impõe ás duas especies uma certa distancia, uma como linha de respeito. [1]

---

[1] Vid. Buffon, *Obr. cit.*, vol. 8.º, pg. 176.

O MAÇARICO REAL VERDE

Tambem se denomina *maçarico da Italia*. Constitue a *Terceira Especie* de Buffon e a *Scolopax falcinellus* de Linneu.

CARACTERES

Tem a cabeça, o pescoço, a parte anterior do corpo e os lados das costas de um bello castanho escuro, a parte superior das costas, das azas e da cauda de um verde bronzeado ou dourado, segundo os reflexos da luz, e o bico anegrado, assim como os pés e a parte núa das pernas.

As dimensões d'esta especie são as mesmas do airão ou garça real.

O MAÇARICO REAL TRIGUEIRO

Esta ave constitue a *Quarta Especie* de Buffon e a *Scolopax luzoniensis* de Linneu.

CARACTERES

«Toda a sua plumagem, diz Buffon, é de um trigueiro ruivo; os olhos são cercados de uma pelle esverdeada; a iris é de um vermelho de fogo, o bico é esverdeado e os pés são vermelhos como o lacre.» [1]

[1] Buffon, *Loc. cit.*, pg. 178.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

«Sonnerat encontrou esta especie, diz ainda o eminente naturalista Buffon, nas Phillipinas, e na ilha de Luçon.» [1]

O MAÇARICO REAL MANCHADO

Constitue a *Quinta Especie* de Buffon.

CARACTERES

Differe do maçarico real cinzento pelas dimensões que são mais pequenas e pela distribuição das cores. N'esta especie o vertice da cabeça é negro.

---

1 **Buffon, *Loc. cit.*, pg. 178.**

O MAÇARICO REAL DE CABEÇA NUA

Constitue a *Sexta Especie* de Buffon e o *Ibis calvus* de Cuvier.

CARACTERES

«A cabeça, diz Buffon, é toda nua e o vertice como que levantado por uma especie de bordalete deitado e enrolado atraz de cinco linhas de espessura, e coberto de uma pelle muito vermelha, muito fina e sob a qual se sente immediamente a protuberancia ossea que forma o bordalete; o bico é de um vermelho identico; o alto do pescoço e a parte anterior da garganta são tambem desnudados de pennas. A pelle é, sem duvida, vermelha na ave viva; nós porém vimol-a livida no individuo morto que descrevemos e que nos foi trazido do Cabo da Boa-Esperança por de la Ferté.

«Tem a forma do maçarico real cinzento, sendo porém um pouco maior e mais grosso. A plumagem, sobre um fundo negro, offerece nas pennas da aza reflexos verdes e de purpura; as pequenas coberturas são de um verde purpurado muito accentuado, mas mais leve nas costas, no pescoço e na parte inferior do corpo. Os pés e a parte nua da perna, na extensão de uma pollegada, são vermelhos como o bico, que tem o comprimento de quatro pollegadas e nove linhas.

«Este maçarico real, medido da ponta do bico á extremidade da cauda, tem dois pés e uma pollegada e de altura pé e meio na sua attitude natural.» [1]

---

[1] Buffon, *Obr. cit.*, pg. 178-179.

O MAÇARICO REAL DE POUPA

Esta ave é a *Ibis cristata* de Cuvier e a *Setima Especie* de Buffon.

CARACTERES

«A poupa distingue, diz Buffon, este maçarico de todos os outros, que geralmente tem a cabeça mais ou menos lisa ou coberta de pennas pequenas, muito curtas. Este, pelo contrario, exibe um bello tufo ou collecção de longas pennas, parte brancas e parte verdes, que cáem para traz em penacho; a parte anterior da cabeça e o alto do pescoço, em volta, são verdes; o resto do pescoço, as costas e a parte anterior do peito são de um bello ruivo acastanhado; as azas são brancas, o bico e os pés amarellados. Um largo espaço de pelle nua cerca os olhos; o pescoço, bem guarnecido de pennas, parece menos comprido e menos delgado que o dos outros maçaricos reaes.» [1]

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Encontra-se esta especie em Madagascar.

---

[1] Buffon, *Loc. cit.*, pg. 177.

II

MAÇARICOS REAES DO NOVO CONTINENTE

O MAÇARICO REAL VERMELHO

Esta ave é designada por *Ibis rubra* na numenclatura de Cuvier. Constitue a *Primeira Especie* dos *Maçaricos do Novo Continente,* de Buffon.

CARACTERES

«Toda a plumagem d'esta ave é escarlate, diz Buffon, excepto a ponta das primeiras pennas das azas que é negra; os pés, a parte nua das pernas e o bico são vermelhos ou avermelhados, assim como a pelle nua que cobre a parte anterior da cabeça desde a origem do bico até além dos olhos. Este maçarico tem o mesmo tamanho, mas menos grossura que o maçarico cinzento. As pernas são altas e o bico, mais comprido que o d'esta especie, é tambem mais robusto e muito mais espesso perto da cabeça. A plumagem da femea é de um vermelho menos vivo que a do macho, mas nem o macho nem a femea adquirem esta bella côr senão na idade adulta. Os filhos nascem cobertos de uma pennugem anegrada; depois tornam-se cinzentos, depois brancos quando começam a voar e só no segundo ou terceiro anno é que o vermelho apparece por cambiantes successivas e toma mais brilho á medida que elles avançam em idade.» [1]

[1] Buffon, *Obr. cit.*, vol. 8.º, pg. 180.

*

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Esta especie encontra-se nas terras baixas e nas praias lodosas dos mares e dos grandes rios da America meridional.

COSTUMES

O maçarico vermelho e todos os congeneres do Novo Continente, a que esta descripção se applica, conservam-se em bandos, ora voando, ora pousando nas arvores, onde pelo numero e pela côr realisam um espectaculo admiravel, affirma Buffon.

O vôo d'estas aves é sustentado e mesmo muito rapido; ellas porém, não se põem em movimento senão de manhã e ao fim da tarde. Durante as horas do calor, procuram logares frescos e ahi se conservam em repouso, de ordinario até ás trez ou quatro horas da tarde.

É muito raro encontrar uma d'estas aves isolada; se alguma se perde ou destaca do bando, é só por instantes. «Os agrupamentos, diz Buffon, distinguem-se pelas idades, conservando-se os velhos em bandos sempre separados dos não adultos.» [1]

As posturas começam em Janeiro e terminam em Maio. Os ovos são de côr esverdeada. A primeira alimentação dos filhos consiste em insectos e caranguejos.

Os adultos nutrem-se de pequenos peixes, de marisco de conchas, e de insectos que recolhem no lodo quando a maré vasa.

Estas aves nunca se affastam muito da costa, nem se dirigem para os rios em pontos muito distantes da embocadura. Vivem todo o anno n'uma mesma região.

[1] Buffon, *Obr. cit.*, vol. 8.º, pg. 180.

CAPTIVEIRO

Os individuos não adultos habituam-se depressa á vida do captiveiro. «Creei um, diz de la Borde, e conservei-o durante mais de dois annos. Tomava familiarmente os alimentos da minha mão e nunca faltava á hora do almoço e do jantar; comia pão, carne crua, cozida ou salgada, peixe e com tudo se satisfazia, dando porém a preferencia ás entranhas dos peixes e das aves, para obter as quaes dava muitas vezes um passeio pela cosinha. No resto do tempo andava continuamente occupado em volta da casa a procurar minhocas ou no jardim a seguir os trabalhos do negro jardineiro. Á tarde retirava-se para um gallinheiro em que dormiam umas cem aves: empoleirava-se sobre a barra mais alta, rechaçando ás bicadas todas as gallinhas que queriam ahi empoleirar-se tambem e divertia-se muitas vezes durante a noite a inquietal-as. Despertava de manhã já tarde e começava por dar, voando, trez ou quatro voltas em torno da casa; algumas vezes adiantava-se até á beira do mar, mas sem se demorar ahi. Nunca lhe ouvi senão um grasnido, que parecia uma expressão de susto, á vista de um cão ou outro animal. Nutria pelos gatos uma grande antipathia; mas não lhes tinha medo, antes crescia para elles intrepidamente ás bicadas. Acabou por ser morto perto de casa por um caçador que o tomou por um maçarico selvagem.» [1]

Estas palavras de la Borde estão de accordo com o testemunho de Laët que diz ter visto alguns maçaricos vermelhos reproduzirem-se em domesticidade.

Sendo facil a alimentação d'estas aves, é para desejar que se procure augmentar constantemente o numero das que vivem hoje na domesticidade, porque constituem um bello ornato vivo dos pateos e jardins.

USOS E PRODUCTOS

A carne do maçarico real vermelho é boa, comquanto conserve um tal ou qual sabor ao lodo, o que, seja dito de passagem, desapparece depois de um tempo demorado de captiveiro. Um colono de Cayenna, citado por Flourens, affirma que «a carne do maçarico vermelho é um prato estimado.»

[1] Citado por Buffon, *Loc. cit.*, pg. 181.

Os indigenas brazileiros aproveitam ainda d'esta ave as pennas que lhes servem de adorno.

O MAÇARICO REAL BRANCO

É o *Ibis albus* de Cuvier e a *Segunda Especie* de Buffon, entre os maçaricos do Novo Continente.

CARACTERES

O maçarico real branco é um pouco maior que o maçarico real vermelho. Tem os pés, o bico, o contorno dos olhos e a parte anterior da cabeça de um vermelho desmaiado; a plumagem é branca, com excepção das quatro primeiras pennas das azas que são de um verde escuro na extremidade.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

«Os maçaricos reaes brancos, diz Buffon, chegam á Carolina em grande numero no meiado de Setembro, que é a estação das chuvas. Frequentam as terras baixas e pantanosas e ahi se demoram cerca de seis semanas, partindo depois até ao anno seguinte. Parece que se dirigem para o sul em busca de clima mais quente para nidificarem.» [1]

---

[1] Buffon, *Loc. cit.*, pg. 183.

O MAÇARICO TRIGUEIRO DE FRONTE VERMELHA

Esta especie é o *Ibis fusca* de Cuvier. Forma a *Terceira Especie* dos *maçaricos do Novo Continente,* de Buffon.

CARACTERES

Esta especie tem as costas, as azas, a cauda trigueiras, a cabeça e o pescoço de um cinzento atrigueirado, o uropigio e o ventre brancos, a parte anterior da cabeça desguarnecida de pennas e coberta de uma pelle vermelha desmaiada assim como o bico e os pés.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Os maçaricos trigueiros chegam á Carolina ao mesmo tempo que os maçaricos brancos a cujos bandos se misturam. Chegam porém em numero muito menor. Catesby diz que a proporção é de *vinte maçaricos brancos para um trigueiro.*

As duas especies partem ao mesmo tempo e tomam a mesma direcção.

O MAÇARICO REAL DOS BOSQUES

É esta a *Quarta Especie* dos *maçaricos do Novo Continente,* de Buffon.

CARACTERES

Toda a plumagem d'esta ave é de uma tinta verde carregada sobre um fundo trigueiro escuro que de longe parece negro e que ao pé offerece ricos reflexos azulados ou esverdeados. As azas e o alto do pescoço teem a côr e o brilho do aço polido. Vêem-se reflexos bronzeados sobre as costas e um brilho purpurado no ventre e na parte inferior do pescoço. As faces são desnudadas de pennas.

COSTUMES

«Esta especie, diz Buffon, vive nos bosques ao longo dos regatos e conserva-se longe das costas, que de ordinario os outros maçaricos não abandonam. Tem costumes tambem diversos; não anda em bandos, mas aos pares, macho e femea. Pousa para pescar sobre madeira que fluctua na agua. Não é maior que o maçarico verde do antigo continente, mas o seu grito é muito mais forte.» [1]

O GUARÁ

É este o nome vulgar brazileiro do *Numenius guaranna* de Gemlin, *Quinta Especie* dos *maçaricos do Novo Continente,* de Buffon.

[1] **Buffon, *Obr. cit.*, vol. 8.º, pg. 184.**

CARACTERES

Tem a plumagem côr de castanha, com reflexos verdes no uropigio, nas espaduas e no lado externo das pennas das azas e a cabeça e o pescoço com pequenas linhas longitudinaes esbranquiçadas sobre um fundo trigueiro.

«Esta ave tem dois pés de comprimento, diz Buffon, desde o bico até ás unhas. Tem muitas relações com o maçarico verde da Europa e parece ser o representante d'esta especie na America.» [1]

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Encontra-se esta especie tanto na Guiana como no Brazil.

USOS E PRODUCTOS

No dizer de Marcgrave, a carne d'esta ave é muito boa. Este auctor está nas condições de poder affirmal-o, porque a comeu muitas vezes.

O MAÇARICO REAL DO MEXICO

É a *Sexta Especie* entre os maçaricos do Novo Continente, de Buffon. Os indigenas dão-lhe o nome de *acacalott*.

[1] Buffon, *Obr. cit.*, vol. 8.º, pg. 184-185.

CARACTERES

Tem a região frontal desnudada de pennas e coberta de uma pelle avermelhada, o bico azul, o pescoço e a parte posterior da cabeça cobertos de pennas trigueiras, misturadas de branco e verde, as azas brilhando com reflexos verdes e purpurados. Attendendo a estes caracteres Brisson deu-lhe o nome de *maçarico variado*.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Como o nome indica, o Mexico é a patria d'esta especie.

O PEQUENO MAÇARICO REAL D'AMERICA

É este o nome que dá á especie o naturalista Brisson na sua *Ornithologia*. Constitue entre os maçaricos do Novo Continente a *Setima Especie* de Buffon.

CARACTERES

O nome dado por Brisson a esta especie é considerado por Buffon como improprio, pois que, no dizer de Marcgrave e Pison, ella tem pouco mais ou menos as dimensões de uma gallinha, isto é as dimensões maximas dos individuos do genero. [1] Tem a parte anterior da cabeça desnudada e negra, a parte posterior e o pescoço cinzentos, o uropigio negro e os pés vermelhos desmaiados.

[1] Vid. Buffon, *Obr. cit.*, vol. 8.º, pg. 186.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Esta especie é commum no Brazil.

O GRANDE MAÇARICO DE CAYENNA

É entre os maçaricos do Novo Continente a *Oitava Especie* de Buffon. Cuvier denomina-o com razão o «maçarico real de pescoço branco», *albicolis.*

CARACTERES

«É mais volumoso, diz Buffon, que o maçarico da Europa e pareceu-nos o maior dos maçaricos reaes. Tem as costas, as grandes pennas das azas e a parte anterior do corpo de um trigueiro ondulado de cinzento e com reflexos verdes; o pescoço é branco arruivado e as grandes coberturas das azas são brancas. Esta descripção basta para distinguil-o de todos os outros maçaricos.» [1]

---

[1] Buffon, *Obr. cit.*, vol. 8.º, pg. 186.

OS IBIS

O bico d'estas aves é espesso em toda a extensão, mas principalmente na base, que é quasi tão alta como a cabeça.

Teem os tarsos, a cabeça, o alto do pescoço nús e algumas das remiges secundarias e das escapulares mais ou menos decompostas, formando penacho.

O IBIS SAGRADO

A especie mais celebre do genero é esta.

HISTORIA

«O povo dos Pharaós, diz Brehm, considerava o Nilo como o dispensador e o conservador de toda a vida, tendo-o por isso na conta de deus. O ibis apparecia no Egypto quando o rio, começando a crescer, annunciava pela sua presença que deus ia de novo despejar sobre o paiz a cornucopia da abundancia. Era impossivel pois recusar-lhe uma alta estima e consideral-o como uma divindade. Velava-se por que o seu cadaver não chegasse á putrefacção, embalsamando-o como os cadaveres humanos. Se de um lado se elevava uma montanha acima do sarcophago que continha uma mumia real, do outro erigia-se a esta ave uma pyramide, a do Sakahra. Ali se encontram mumias de ibis dispostas por camadas em tumulos funerarios; e quando pensamos na difficuldade que existe em encontrar um cadaver d'ave, mal comprehendemos como foi possivel reunir, mesmo no espaço de muitos seculos, tantos corpos de ibis.

«Não admira nada que os auctores antigos tenham fallado extensamente d'esta ave; o ibis tinha um renome não só entre os Egypcios, mas ainda entre os povos que estavam em relação com este paiz das maravilhas.

«Meu irmão reuniu nas linhas que seguem as narrações dos antigos. Herodoto diz que o ibis espreita á entrada dos valles o dragão, a serpente voadora e outros monstros maleficos e que os mata, o que lhe valeu a estima dos habitantes do paiz. Os que combatem as serpentes são negros, os que vivem na sociedade do homem (porque ha duas especies) teem o corpo branco, com a cabeça, o pescoço, a extremidade das azas e da cauda negros.

«Outros auctores completam esta narrativa. Segundo alguns, Mercurio, o inventor das artes e das leis, tem a forma de ibis. Ovidio, conservando-se fiel á antiga lenda, occulta Mercurio sob a plumagem de um ibis, na guerra dos deuses contra os gigantes. Cicero invoca, pelo seu lado, as narrações de Herodoto. Plinio na sua historia natural diz que os Egypcios empregam o ibis contra as serpentes. Segundo o historiador Josephe, Moisés, quando entrou em lucta contra os Ethiopes, levou ibis em gaiolas de papyrio para lhes fazer destruir as serpentes. Plinio e Juliano attribuem ao ibis a invenção dos clysteres, e o primeiro diz: «E não é só n'isto que o homem é um discipulo dos animaes.» Segundo Plutarco, o ibis não emprega para descarregar os intestinos senão agua salgada. Pieracus conta tambem coisas surprehendentes do ibis. Segundo elle, o basilisco provem de um ovo de ibis, formado do veneno de todas as serpentes que o ibis comeu. As serpentes e os crocodillos, tocados com uma penna de ibis, ficam immoveis e morrem logo. Zoroastro, Democrito e Philon espalharam estas fabulas e acrescentaram que esta ave divina tinha uma vida extraordinariamente longa, que era mesmo immortal; invocam a este proposito o testemunho dos sacerdotes de Heunopolis. Estes sacerdotes teriam mostrado em Apion um ibis tão velho que já não podia morrer.

«O ibis alimenta-se de serpentes, de animaes rastejantes. «Precisa, diz Belon, da carne das serpentes; tem em geral uma animosidade profunda contra todos os animaes rastejantes. Faz-lhes uma guerra encarniçada e, mesmo depois de saciado, procura matal-os.» Diodoro de Sicilia conta que o ibis passeia noite e dia pelas margens dos rios, espreitando reptis, procurando-lhes os ovos e comendo além d'isso insectos e gafanhotos; chega sem receio até ao meio dos caminhos.

«Segundo outros auctores, o ibis nidifica nas palmeiras de folhas picantes, por forma que o ninho fica assim fóra do alcance dos inimigos, os gatos. Põe quatro ovos, regulando-se n'isto pelas phases da lua: *ad lunæ rationem ova fingit.* Eliano avança tambem que elle vive sob as in-

fluencias lunares, que é consagrado á lua e que gasta a chocar tantos dias quantos os que a lua gasta a percorrer a sua orbita.

«Aristoteles, o principe dos naturalistas da antiguidade, ridicularisa muitas das fabulas que corriam sobre a vida do ibis, nomeadamente sobre a sua virgindade. Fallando sobre a sua natureza divina, Cicero faz notar que os Egypcios não consideraram como deuses senão os animaes uteis. Juvenal insurge-se contra o culto d'ibis, imputando-o aos Egypcios, como um crime.

«Resta ainda a averiguar se a veneração que os Egypcios tinham pelo ibis provinha realmente d'esta ave fazer a caça ás serpentes ou se provinha de, pela sua apparição, annunciar as cheias do Nilo. Pode ser que a graça, a docilidade, a prudencia da ave tenham concorrido muito para valer-lhe tantas honras.» [1]

Sobre o mesmo assumpto, Figuier escreve: «O ibis goza de uma celebridade muito antiga por causa da veneração de que foi outr'ora objecto por parte dos Egypcios. Estes elevavam-lhe templos, como a uma divindade, e deixavam-o multiplicar pelas cidades a ponto de tornar-se, no dizer de Herodoto e Strabon, um embaraço á circulação. Quem matava um ibis, mesmo involuntariamente, tornava-se desde logo victima de uma multidão em delirio que o apedrejava sem piedade. Depois de mortas, estas aves eram recolhidas e embalsamadas com o maior cuidado, depois collocadas em vasos de terra hermeticamente fechados que se enfileiravam em catacumbas especiaes. Tem-se encontrado um grande numero d'estas mumias de ibis nas necropoles de Thebas e de Memphis e podem vêr-se amostras no Museu de Historia Natural de Paris.

«Este culto dos Egypcios pelo ibis é um facto certo, indubitavel; o que o é menos é a origem de taes honras. Foi Herodoto o primeiro a dar do facto uma explicação, certamente obscura, que, adoptada e commentada arbitrariamente pelos seus successores, foi muito tempo acceite pelos sabios. «Os Arabes affirmam, diz Herodoto, que é em reconhecimento pelos serviços que presta ao paiz destruindo as *serpentes alladas* que os Egypcios teem uma grande veneração pelo ibis, e elles mesmos concordam em que é tambem esta a razão por que a honram.» Segundo a tradição, estas serpentes alladas vinham da Arabia para o Egypto, todos os annos, no começo da primavera. Seguiam sempre o mesmo itinerario, introduzindo-se invariavelmente por um desfiladeiro, em que os ibis as esperavam, fazendo um destroço espantoso. Herodoto conta que, indo elle proprio á Arabia para obter informações exactas, vira ja-

[1] Brehm, *Obr. cit.*, vol. 4.º, pg. 619.

zendo no solo perto da cidade Bate «uma quantidade prodigiosa de ossos e de espinhas do dorso d'essas serpentes.»

«Depois d'elle, e provavelmente baseados apenas sobre a sua auctoridade, um certo numero de escriptores reproduziram esta fabula, enriquecida de variações mais ou menos phantasistas. Cicero, Pomponio, Mela, Solin, Ammiano, Eliano, todos fallaram d'isto. Segundo este ultimo auctor, o ibis inspirava ás serpentes um tal terror, que a simples vista das suas pennas bastava para as fazer fugir e que o contacto com ellas as matava ou deixava pelo menos em paralysia.

«Não era preciso mais para que todos os naturalistas admittissem que os Egypcios veneravam o ibis por causa dos serviços que lhes prestava destruindo uma grande quantidade de *serpentes venenosas.* Como se vê, era a versão de Herodoto, substituindo-se as serpentes *alladas* por serpentes *venenosas.* A traducção é um pouco livre, devemos convir n'isto. É a opinião de Bourlet, que escreveu uma memoria tendente a provar que Herodoto quiz designar pela denominação de serpentes alladas os gafanhotos que attravessam frequentemente em bandos innumeraveis o Egypto e regiões circumvisinhas, devastando tudo na passagem. Esta explicação parece-nos melhor que a precedente. Com effeito, sabe-se com certeza que o ibis não ataca as serpentes, porque o seu bico é demasiadamente fraco para tal uso.

«Depois da opinião de Bourlet, citemos a do naturalista Savigny, cujos estudos sobre este assumpto foram consignados n'uma obra intitulada *Historia Mythologica do Ibis.*

«Eil-a: «No meio da aridez e do contagio, diz, flagellos que foram em todos os tempos temiveis para os Egypcios, tendo estes notado que mal uma terra se tornava fecunda e salubre pela rega das aguas doces immediatamente o ibis a ia habitar, por forma que a presença d'um indicava sempre a da outra (como coisas inseparaveis) começaram a crêr na existencia de uma simultaneidade, e suppozeram haver relações sobrenaturaes e secretas entre os dois factos: a fertilidade e a presença do ibis. Ligando-se esta idéa intimamente ao phenomeno geral de que dependia a propria conservação dos Egypcios, isto é os derramamentos periodicos do rio, estava estabelecido o primeiro motivo de veneração d'estes povos pelo ibis e fundamentadas as homenagens que constituiram depois o culto d'esta ave.»

«Como se vê, segundo Savigny, o ibis não teria sido venerado pelos Egypcios senão porque lhes annunciava cada anno o derrame do Nilo. Esta explicação é hoje admittida geralmente.

«Esta ave, cuja affeição ao Egypto era tal que preferia morrer a deixar-se deslocar, quasi se não encontra hoje n'este paiz. Um tal abandono provem provavelmente de que os Egypcios modernos, calcando aos

pés as crenças dos ascendentes, caçam e comem o ibis como qualquer outra ave sem a menor attenção pela sua qualidade de deus desthronado. Privado d'esta antiga protecção que lhe tornára o Egypto tão querido, o ibis desertou da terra ingrata dos Pharaós. Ainda ahi faz curtas apparições na epocha em que o Nilo cresce, tanta é a força do habito; mas foge logo para o fundo da Abyssinia com as suas recordações e as suas tristezas.» [1]

CARACTERES

O ibis sagrado adulto tem uma plumagem branca, tingida de amarellado sob as azas, as extremidades das remiges e as escapulares de um negro com reflexos azulados, os olhos vermelhos, o bico negro, os tarsos de um trigueiro escuro e a pelle do pescoço de um negro avelludado.

Os individuos não adultos teem a cabeça e o pescoço cobertos de pennas de um trigueiro escuro e anegrado, bordadas de branco, a garganta e a metade inferior do pescoço brancas assim como o resto do corpo e as remiges negras no bordo externo e na extremidade. Depois da primeira muda apparecem as escapulares esbarbadas; mas é só no curso do terceiro anno que cáem as pennas do pescoço e da cabeça.

O adulto mede setenta e sete a oitenta centimetros de comprido e um metro e quarenta de envergadura; o comprimento da aza é de trinta e seis a trinta e sete centimetros e o da cauda de dezesete.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

No Egypto apparecem de tempos a tempos, como ficou dito na citação de Figuier, apenas alguns raros individuos isolados, dispersos. É só no sul da Nubia que elle apparece annunciando o crescimento do Nilo. «Nunca o encontrei, diz Brehm, abaixo da cidade de Muchereff, sob o decimo oitavo grao de latitude norte; mas já alguns casaes nidificam em

[1] L. Figuier, *Obr. cit.*, pg. 156-157.

Chartoum, e é vulgar mais para o sul. Ao Sudan chega no começo da estação das chuvas, pelos meiados ou fins de Julho; ahi nidifica e desapparece com os filhos ao fim de trez ou quatro mezes. Parece porém que não emigra para muito longe.» [1]

COSTUMES

Desde que chega, o ibis sagrado procura um logar conveniente para nidificar. D'ahi emprehende excursões mais ou menos extensas para procurar alimentos. Vê-se então correr nas *steppes* aos pares ou em pequenos bandos, caçando gafanhotos. Tambem se encontra muitas vezes nas margens de regatos ou de tanques que recebem a agua das chuvas, de ordinario em companhia do pica-boi, no meio do gado, sem manifestar o minimo receio nem pelos pastores nem pelos indigenas.

O porte do ibis sagrado é, no dizer de Brehm, magestoso; a sua marcha é sempre cadenciada. Não corre nunca.

O vôo é bello e leve, analogo ao da cegonha escura.

A voz do adulto não é forte e pode notar-se por *krah* ou *gah*.

Sob o ponto de vista da intelligencia, não ha ave ribeirinha que possa medir-se com o ibis sagrado.

«N'uma viagem ao centro das florestas virgens das margens do Nilo Azul, diz Brehm, encontrei a 16 ou 17 de Setembro uma tal quantidade de ibis sagrados que em dois dias pude apanhar mais de vinte. Succediam-se voando da floresta para a steppe á caça dos gafanhotos. Depois de ter matado um ibis, não me era difficil apanhar outros. Por conselho de um criado negro, conservei a victima erguida n'uma bengala, servindo-me de reclamo. Cada ibis que passava voando na localidade, parava para olhar este companheiro que parecia vivo, e era recebido a tiro. Em breve aprendi que para praticar com exito esta caça era preciso esconder todos os ibis mortos, excepto o engodo, para não assustar os recemvindos.

«Só mais tarde é que eu soube a razão d'este ajuntamento de ibis: uma parte da floresta fôra inundada e estas prudentes aves haviam-a escolhido para estabelecer os ninhos. Attingil-os, era impossivel. Offereci dois francos por um ovo e nenhum Arabe logrou ganhar esta quantia. O

[1] Brehm, *Obr. cit.*, vol. 4.º, pg. 619.

solo da floresta era muito lodoso para que fosse possivel chegar lá a pé; por outro lado, a agua não tinha a profundidade precisa para que alguem podesse servir-se de uma canoa. Algum tempo antes visitára eu uma installação semelhante, mas de um accesso muito mais facil. Era uma ilha do Nilo Branco, coberta de mimosas elevadas, inundadas de aguas altas; ahi conseguiu-se subir do barco para as arvores. Vi ahi que o ibis sagrado nidificava sobre uma especie de mimosa que os Arabes chamam *harahsi* quer dizer «que se protege», e cujos ramos espessos, entrelaçados e espinhosos formam uma sebe impenetravel. Os ninhos eram achatados e formados de ramos de harahsi; o interior era forrado de nervuras e caules de hervas. O todo porém era muito frouxamente construido. Os ovos, em numero de trez ou quatro por postura, são brancos e teem pouco mais ou menos o volume dos de gallinha ou de pato.

«A partir d'este ponto não encontramos quasi nenhum ibis; parecia pois que estas aves se tinham ido juntar muito longe de ahi.» [1]

No dizer do naturalista que acabamos de citar, o ibis sagrado pode comer pequenas serpentes, mas nunca as de grandes dimensões ou as venenosas.

Durante a estação das chuvas alimenta-se principalmente, senão exclusivamente, de insectos. Brehm diz que viu algumas vezes ibis captivos comerem reptis, mas preferindo-lhes manifestamente insectos. Hartmann affirma que o ibis sagrado come tambem pequenos molluscos de agua doce.

O bico parece notavelmente pezado; e comtudo o ibis sabe servir-se d'elle com muita agilidade. Com a ponta junta os pequenos insectos em terra e colhe-os dos caules das hervas. «Nada é mais comico, diz Hartmann, que um ibis perseguindo gafanhotos. Lança o bico sobre estes insectos; se estes o vêem a tempo e fogem, o ibis corre atraz d'elles, não se deixando vencer pela resistencia que lhe offerecem as hervas altas. Acaba sempre por caçar um gafanhoto que tritura entre as mandibulas e engole.» [2]

[1] Brehm, *Obr. cit.*, vol. 4.º, pg. 619–620.
[2] Citado por Brehm, *Loc. cit.*, pg. 620.

CAPTIVEIRO

«Os ibis novos que eu creei, diz Brehm, foram primeiro alimentados com carne crua de que gostavam muito. Davam signal de fome por um grito singular que pode notar-se por *tzick, tzick,* e tambem por *tirrr, tirrr.* N'esse instante a cabeça e o pescoço tremiam; ao mesmo tempo batiam as azas. Ao fim de alguns dias vinham comer á mão e passada uma semana toda a sorte de alimentação lhes convinha. Se se lhes dava pão, humedeciam-o em agua antes de o comerem.

«Remexiam todos os buracos, todas as pedras, apanhavam com o bico os animaes que ahi se haviam escondido, atiravam-os ao ar, apanhando-os depois novamente no momento da queda. Caçavam insectos e mostravam uma grande predilecção pelos gafanhotos.

«A contar do primeiro dia de captiveiro, estes ibis mostraram-se silenciosos, sérios, intelligentes. Pouco a pouco e sem que nos occupassemos muito d'elles, tornaram-se domesticos e adquiriram confiança; respondiam ao nosso chamamento e seguiam-nos por todos os aposentos da casa. Quando se lhes estendia a mão, corriam para vêr o que se lhes dava e ao mesmo tempo tremiam. A marcha era lenta e cadenciada; comtudo, antes de saberem bem voar, saltavam, e muitas vezes a grande altura e com destreza, quando tinham pressa. Todas as tardes os mettia n'uma gaiola onde por fim acabaram por entrar espontaneamente ao cair da noite. De manhã saíam, soltando gritos de alegria e percorriam todo o pateo da casa. No mez de Outubro começaram a voar. Ao principio pousavam-se sobre uma parede, depois sobre um telhado e acabaram por distanciar-se duzentos a trezentos metros; depressa porém voltaram e a partir de então não tornaram por abandonar o pateo senão para irem a um jardim visinho. Pela volta do meio dia refugiavam-se nos logares escuros dos aposentos; muitas vezes juntavam-se em circulo, como para procederem a combinações. Ás vezes collocavam-se dois, um em face do outro, eriçavam as pennas da cabeça, agitavam-as, batiam as azas e gritavam *kek, kek, kek* como para se saudarem reciprocamente. Antes do jantar iam regularmente fazer uma visita á cosinha, mendigando de comer até que o cosinheiro lhes satisfizesse o pedido. O que apanhava um pedaço de qualquer coisa era perseguido pelos companheiros até que collocasse a presa em um logar seguro ou, para melhor dizer, até que a comesse. Mal viam conduzir os talheres para a sala de jantar, corriam para ahi. Durante a refeição conservavam-se perto de nós e esperavam.

Se olhava para elles, saltavam para cima de uma caixa ou da minha cadeira mesmo e apanhavam pedaços de pão ou da minha mão ou do meu prato. Gostavam principalmente de se deitar sobre qualquer coisa molle. Se no pateo se collocava uma enxerga de couro como as que se usam no Sudan, podia estar-se certo de ir encontral-os deitados sobre o ventre com os pés estendidos para traz. Parecia que se encontravam ahi perfeitamente á vontade; e não se levantavam senão quando alguem se approximava. Vi uma vez trez deitados juntos sobre um coxim.

«Viviam em boa amizade com as outras aves captivas; pelo menos, nunca as atacavam. Nunca se batiam tambem. Raras vezes se affastavam uns dos outros e de noite dormiam encostados. Um dia levei para o pateo um ibis velho a que um tiro havia partido uma aza; correram para elle, admittiram-o na sociedade e iniciaram-o tão bem no modo habitual de existencia que depressa se tornou tão domestico como elles.

«O muito calor era-lhes desagradavel; então conservavam-se á sombra, com o bico aberto, respirando largamente. Gostavam da visinhança da agua e comtudo banhavam-se menos vezes do que poderia suppor-se. E quando o faziam, molhavam de tal modo as pennas que depois era-lhes impossivel voar.

«Outros ibis que observei mais tarde, especialmente no jardim zoologico de Colonia, viviam tambem em paz com os animaes que se alojavam ao pé; exerciam porém um certo dominio sobre os mais fracos e parecia que sentiam prazer em atormental-os. Incommodavam principalmente os flammingos. Depois de se terem approximado silenciosamente, com o pescoço encolhido, davam-lhes bicadas nos pés, menos com a intenção de os ferir que de lhes fazer cocegas. Os flammingos, sentindo um prurido desagradavel, affastavam-se, olhavam timidamente para os ibis e procuravam outro logar. Pouco depois a mesma scena recomeçava. Os flammingos eram sobretudo desgraçados no inverno, quando, fechados com os ibis n'um espaço limitado, não podiam escapar-lhes.» [1]

Até hoje não se tem conseguido a reproducção dos ibis sagrados em captiveiro. Mas attento o alto grao de domesticidade que attingiram já, é de crêr que se obtenha o desejado resultado.

Provavelmente no antigo Egypto os ibis reproduziam-se em estado de semi-captiveiro.

[1] Brehm, *Obr. cit.*, pg. 621-622.

USOS E PRODUCTOS

A carne do ibis sagrado é tida em conta de muito saborosa; e comquanto no Sudan se não faça caça a esta ave, nem por isso os indigenas deixam de comer aquelles individuos de que casualmente se apropriam.

Os guerreiros negros ornam os cabellos com as pennas esbarbadas d'esta ave.

O IBIS BRANCO

«Esta ave, diz Cuvier, foi muito tempo olhada pelos naturalistas como a ave reverenciada pelos antigos Egypcios sob a designação de ibis sagrado; mas estudos recentes provam que o ibis sagrado é uma especie muito mais pequena. Este *tantalo (tantalo d'Africa* lhe chama o auctor que estamos citando) não se encontra mesmo commumente no Egypto; é do Senegal que é trazido.» [1]

CARACTERES

Esta ave é um pouco maior que os maçaricos reaes e um pouco mais pequena que a cegonha. O comprimento, da ponta do bico á extremidade das unhas, é de cerca de trez pés e meio. Herodoto dá uma descripção dizendo que esta ave tem as pernas altas e nuas, a face e a fronte tambem desnudada de pennas, o bico arqueado, as pennas da cauda

[1] Cuvier, citado por Buffon, *Obr. cit.*, vol. 8.º, pg. 169 — Nota.

e das azas negras e o resto da plumagem branco. Buffon acrescenta que o bico é arredondado e terminado em ponta molle e o pescoço de uma grossura egual em todo o comprimento e não guarnecido de pennas pendentes como o pescoço da cegonha.

Perrault que dissecou e descreveu uma d'estas aves que vivera na *ménagerie de Versailles*, fez a comparação d'ella com a cegonha, achou que esta era maior, mas que o ibis tinha em proporção o bico e os pés mais compridos; na cegonha os pés não tinham mais que quatro partes do comprimento total da ave, ao passo que nos ibis tinham cinco. Observou a mesma differença proporcional entre os bicos e os pescoços. As azas pareceram-lhe muito grandes; as pennas d'ellas eram negras e o resto da plumagem era de um branco um pouco arruivado, apenas com algumas manchas purpuradas e avermelhadas sob as azas. O alto da cabeça, o circuito dos olhos e a parte inferior da garganta eram desnudados de pennas e cobertos de uma pelle vermelha e enrugada. O bico na raiz era grosso, arredondado, tinha pollegada e meia de diametro e era curvo em todo o comprimento; era de um amarello claro na origem e de um alaranjado escuro para a extremidade. Os lados d'este bico são cortantes e bastante duros para dividirem serpentes; e é provavelmente assim que a ave as destroe, porque o bico, tendo a ponta molle e como truncada, não os mataria facilmente.

A parte inferior das pernas era vermelha e guarnecida, assim como os pés, de escamas hexagonaes. As unhas eram ponteagudas, estreitas e anegradas. Dos dois lados do dedo mediano e do lado interno dos dois outros encontrava-se rudimentos de membrana palmar.

Perrault encontrou para os intestinos quatro pés e oito pollegadas de comprimento. O coração achou-o mediocre; a lingua, muito curta, occulta no fundo do bico, não era mais que uma pequena cartilagem coberta de uma membrana carnuda, o que fez crêr a Solin que esta ave não tinha lingua. O globulo ocular era pequeno; tinha sómente seis linhas de diametro.

«Este ibis branco, diz Perrault, e um outro que ainda vivia alimentado na *ménagerie* de Versailles e que haviam sido um e outro trazidos do Egypto, eram as unicas aves d'esta especie que até ao tempo tinham sido vistas em França.» [1]

---

[1] Citado por Buffon, *Obr. cit.*, vol. 8.º, pg. 176.

O IBIS NEGRO

No dizer de Brehm, o ibis negro é um pouco menos volumoso que um maçarico, mas um pouco maior que o ibis branco. O ibis negro tem as regiões frontal e facial desnudadas de pennas. É, como indica o nome, todo negro.

Na obra de Buffon a que pedimos as informações anteriores sobre o ibis branco e o ibis negro, deparamos com algumas considerações do eminente naturalista francez, que vamos transcrever, certos de que o leitor estimará conhecer o que elle refere ácerca dos ibis em geral, embora por citações de Brehm e de Figuier se ache de posse do assumpto.

«De todas as superstições, diz Buffon, que teem maculado a razão, degradado e aviltado a especie humana, o culto dos animaes seria indubitavelmente a mais vergonhosa, se não tivessemos em vista a sua origem e primeiros motivos. Como é com effeito que o homem pôde rebaixar-se até a adoração dos brutos? Haverá acaso prova mais evidente do nosso estado de miseria n'essas primeiras idades em que especies nocivas, muito fortes e muito numerosas, cercavam o homem solitario, isolado, despido de armas e da arte necessaria ao exercicio das proprias forças? Estes mesmos animaes, que mais tarde haviam de tornar-se escravos do homem, eram então os seus dominadores, ou pelo menos rivaes temiveis; o medo e o interesse fizeram pois nascer sentimentos abjectos, pensamentos absurdos e depressa a superstição, recolhendo uns e outros, fez, por egual, deuses todos os seres uteis ou prejudiciaes.

«O Egypto é um dos paizes em que este culto dos animaes se estabeleceu desde mais antiga data e se conservou escrupulosamente observado, durante maior numero de seculos; e este respeito religioso que nos é attestado por todos os monumentos, parece indicar-nos que n'esse paiz os homens tiveram de luctar longo tempo contra as especies maleficas.

«Com effeito, os crocodillos, as serpentes, os gafanhotos e todos os animaes immundos renasciam a cada instante e pullulavam sem conta no vasto lodo de uma terra baixa, profundamente humida e periodicamente alagada pelos derrames do rio; e este lodo, fermentado sob os ardores do tropico, devia sustentar longo tempo e multiplicar ao infinito todas estas gerações impuras, informes, que só cederam a terra a habitantes mais nobres quando ella foi purificada.

«*Agglomerações de pequenas serpentes venenosas,* dizem-nos os primeiros historiadores, *saídas da vasa aquecida dos pantanos e voando em bandos, teriam causado a ruina do Egypto, se os ibis lhes não tivessem saído ao encontro para as combater e para as destruir.* Não parece que este serviço, tão grande como inesperado, foi o fundamento da superstição que suppoz n'estas aves tutelares alguma coisa de divino? Os padres acreditaram esta opinião popular; affirmavam que os deuses, se dignassem de manifestar-se sob um forma sensivel, tomariam a figura do ibis. Já, na grande metamorphose, o seu deus benefico, *Thoth* ou Mercurio, inventor das artes e das leis tinha experimentado esta transformação; e Ovidio, fiel a esta antiga mythologia, no combate dos deuses e dos gigantes, occulta Mercurio sob as azas de um ibis, etc. Mas pondo todas estas fabulas de parte, restar-nos-ha a historia dos combates d'estas aves contra as serpentes.» [1]

Seguem-se n'este ponto citações de auctores antigos que já são conhecidas do leitor.

Buffon continúa: «Era prohibido sob pena de morte aos Egypcios matar os ibis; e este povo, tão triste como vão, foi o inventor da arte lugubre das mumias, pela qual queria, por assim dizer, eternisar a morte, mao grado a natureza beneficente que trabalha sem cessar em apagar-lhe as imagens. E não era só para conservar os cadaveres humanos que os Egypcios empregavam a arte de embalsamar; preparavam com o mesmo cuidado os corpos dos seus animaes sagrados. Differentes poços de mumias, na planicie de Saccara, são conhecidos pelo nome de *poços das aves,* porque ahi se encontram com effeito só aves embalsamadas e sobretudo ibis fechados em longos vasos de terra cozida, cujo ourificio era tapado a cimento. Adquirimos muitos d'estes vasos e, depois de os termos partido, encontramos em todos uma especie de boneca formada por faxas que servem de involucro ao corpo da ave cuja maior parte cáe em pó negro quando se desenrola o *sudario;* comtudo, reconhecem-se ahi todos os ossos de uma ave com pennas empastadas em alguns pedaços

[1] Buffon, *Obr. cit.*, vol. 8.º, pg. 163-164.

que se conservam solidos. Estes restos indicaram-nos a grandeza da ave, grandeza que é quasi a do maçarico. O bico, que se encontrou em estado de conservação em duas d'estas mumias, denunciou-nos o genero a que as aves respectivas pertenciam. Esse bico tem a espessura do da cegonha e pela curvatura parece-se com o do maçarico de que não possue, comtudo, os sulcos; e como a curvatura é egual em todo o comprimento, parece por estes caracteres que deve collocar-se o ibis entre a cegonha e o maçarico. E com effeito, elle assemelha-se de tal modo a estes dois generos d'aves que os naturalistas modernos o collocam ao lado do ultimo e os naturalistas antigos o collocavam ao lado do primeiro. Herodoto caracterisou muito bem o ibis, quando disse que elle tem *o bico muito arqueado e as pernas altas como o grou*. Este naturalista distingue no genero duas especies: «A primeira, diz elle, tem a plumagem toda negra; a segunda, que se encontra a cada passo, é toda branca, com excepção das pennas das azas e da cauda, que são muito negras, e do desnudamento do pescoço e da cabeça, que apenas são cobertos por pelle.»

«Mas n'este ponto é mister dissipar uma confusão feita na passagem citada de Herodoto pela ignorancia dos traductores e que dá um ar fabuloso e mesmo absurdo á narrativa. Em vez de traduzirem litteralmente do grego para o latim: *Quœ pedibus hominum observantur sœpius,* isto é «que se encontram a cada passo», traduziram: *Hœ quidem habent pedes veluti hominis,* isto é «estes ibis teem os pés semelhantes aos dos homens». Os naturalistas não comprehendendo o que podia significar esta comparação disparatada, fizeram, para resolvel-a ou para illudil-a, esforços inuteis. Imaginaram que Herodoto, descrevendo o ibis branco, tinha tido em vista a cegonha e lhe caracterisára assim abusivamente os pés pela ligeira semelhança que pode encontrar-se entre as unhas achatadas da cegonha e as do homem. Esta interpretação satisfazia pouco e um ibis de pés humanos deveria ter sido relegado para o dominio das fabulas; todavia elle foi admittido como uma entidade real sob esta imagem absurda. E causa admiração encontral-a ainda hoje expressa por inteiro, sem discussão e sem desconto, nas Memorias de uma sabia Academia, [1] quando esta chimera, como se vê, é apenas o resultado de um engano do traductor d'este primeiro historiador grego que, pela sinceridade com que previne os leitores contra quaesquer duvidas quando trabalha sobre dados

[1] Buffon refere-se ás Memorias da Academia das Inscripções e Bellas-Lettras, onde, no T. IX, pg. 28, se lê: «A outra especie (ibis branco) tem os pés conformados como os pés humanos.»

estranhos, adquirira o direito de ser mais respeitado nos assumptos em que falla com conhecimentos seus proprios.

«Aristoteles, distinguindo como Herodoto, as duas especies de ibis, acrescenta que a branca se acha espalhada em todo o Egypto, excepto em Pelusio, onde, pelo contrario, se não vê senão ibis negros que se não encontram no resto do paiz. Plinio repete esta observação particular. Mas, de resto, todos os antigos, distinguindo os dois ibis pela côr, parecem dar-lhes em commum todos os outros caracteres, figura, habitos, instinctos e domicilio de preferencia no Egypto, com exclusão de qualquer outra região. Era mesmo impossivel, segundo a opinião geral, transportar os ibis para fóra do paiz sem que morressem de saudade. O ibis, tão fiel á terra natal, tornara-se o emblema d'ella; a figura d'elle nos hieroglyphos designa quasi sempre o Egypto e ha poucas imagens ou caracteres que sejam mais repetidos nos monumentos. Vê-se estas figuras de ibis na maior parte dos obeliscos: na base da estatua do Nilo, no Belvedero em Roma, do mesmo modo que no jardim das Tulherias em Paris. Na medalha de Adriano, em que o Egypto apparece prosternado, o ibis está representado aos lados; esta ave está tambem figurada nas medalhas de Mario, com um elephante, para designar o Egypto e a Libya, theatros das suas façanhas, etc. Tendo em conta o respeito popular e antiquissimo por esta ave famosa, não é para admirar que a historia d'ella esteja carregada de fabulas: disse-se que os ibis se fecundavam e pariam pelo bico. Solino parece não duvidar do caso; mas Aristoteles ri-se com razão da idéa da virgindade n'esta ave sagrada. [1]

«O que acabamos de mencionar não constitue senão uma parte das ficções geradas no religioso Egypto ácerca dos ibis: a superstição leva tudo ao excesso. Mas quando se pensa nos motivos de prudencia que deveram influenciar o legislador ao consagrar o culto dos animaes uteis, sentir-se-ha que no Egypto elle se baseava sobre a necessidade de conservar e multiplicar os que podiam oppor-se ás especies nocivas. Cicero observa judiciosamente que os Egypcios só consideraram animaes sagrados aquelles cuja vida devia ser respeitada, por causa da grande utilidade que d'elles tiravam: apreciação justa e bem differente da formulada pelo impetuoso Juvenal, que menciona entre os crimes do Egypto a sua veneração pelo ibis e declama contra este culto que a superstição exagerou, sem duvida, mas que a prudencia teve de manter, porque em geral

[1] O leitor sabe já que esta superstição não impedia que se acreditasse na existencia de ovos de ibis, d'onde provinha o basilisco, sendo esses ovos formados pela concorrencia dos venenos de todas as serpentes que a ave devora.

a fraqueza humana é tanta que os legisladores mais profundos julgaram dever tomal-a para fundamento das suas leis.» [1]

OS COLHEREIROS

Este nome applica-se tanto a uma familia como a um genero.

CARACTERES DE FAMILIA

Os colhereiros, que os francezes chamam *bicos de espatula,* são visinhos dos ibis e formam uma pequena familia pouco rica em especies, mas nitidamente definida.

O attributo mais caracteristico d'estas aves está na forma do bico. Este orgão tão alto como largo na base, é muito mais largo que alto no resto da extensão e principalmente na extremidade, em que as duas mandibulas se dilatam em forma de espatula.

Teem, além d'isso, o corpo refeito, o pescoço forte e de comprimento medio e a cabeça pequena.

O estudo dos orgãos internos demonstra o parentesco que existe entre os ibis e os colhereiros. A estructura dos ossos é a mesma. O craneo é abobadado e arredondado. A columna vertebral comprehende dezeseis vertebras cervicaes, sete dorsaes e sete caudaes. O esterno é muito largo e o humero pneumatico. A lingua é curta e larga e o estomago musculoso. A trachea apresenta uma ansa descendente muito pronunciada.

[1] Buffon, *Obr. cit.,* vol. 8.º, pg. 164-167.

CARACTERES DO GENERO

O bico é recto, achatado superior e inferiormente, flexivel, alargado na extremidade, de mandibula superior transversalmente sulcada na base, terminada em gancho na ponta; teem tarsos compridos, fortes, os trez dedos anteriores reunidos na base por uma membrana palmar relativamente grande, unhas pequenas e obtusas, azas compridas, largas, sendo a segunda remige a mais comprida, a cauda curta, levemente arredondada, formada de doze rectrizes, uma plumagem espessa e rija, identica nos dois sexos, um pouco variavel porém com as idades e geralmente de tinta uniforme, a parte posterior do pescoço por vezes ornada de pennas longas, a garganta e geralmente uma parte do vertice da cabeça, desnudados.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Os colhereiros são proprios tanto do antigo como do novo Continente.

Cada parte do mundo tem as suas especies privativas.

O COLHEREIRO BRANCO

A especie mais importante sobre que repousa a familia e o genero descriptos, é o colhereiro branco.

CARACTERES

A plumagem d'esta especie é toda branca, exceptuando a garganta que apresenta uma mancha de um amarello desmaiado. A iris é rubra e o bico negro com a ponta amarella; os tarsos são negros.

A femea é de menores dimensões que o macho. Os individuos não adultos não apresentam circulo amarello na parte inferior do pescoço.

O colhereiro branco mede oitenta e dois a oitenta e cinco centimetros de comprido e um metro e quarenta e trez centimetros de envergadura; a extensão da aza é de quarenta e sete centimetros e a da cauda de quatorze.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

O colhereiro branco encontra-se na Hollanda, no sul da Russia, em todo o centro da Asia, até ás Indias, e provavelmente na America do Norte.

«É singular, diz Brehm, que o colhereiro branco, que todos os annos apparece na Grecia na quadra da emigração, nunca ahi nidifica. Tambem se não reproduz na Italia, nem no meio-dia da França, nem na Hespanha. Radde encontrou-o nas partes da Siberia que percorreu e affirma que elle vive em toda a Siberia septentrional, exceptuando a região montanhosa. Swinhoe observou-o, durante o inverno, no sul da China e Jerdon diz que elle apparece todos os annos nas Indias. Eu vi muitos nas margens dos lagos do Egypto e mais ao sul até Deu, na Nubia. Alguns teem caminhado muito para o Norte; d'ahi a opinião dos naturalistas de que estas aves pertencem ás regiões septentrionaes. O certo é que a apparição regular d'ellas na Hollanda nos produz surpreza.» [1]

Em Portugal são aves de arribação.

[1] Brehm, *Obr. cit.*, vol. 4.º, pg. 623.

COSTUMES

Parece que nas Indias, assim como em todo o sul da Asia e no Egypto, os colhereiros são aves sedentarias; aos paizes mais septentrionaes chegam com as cegonhas em Março ou Abril para abandonarem o paiz em Agosto ou Setembro. Viajam de noite, como os ibis, n'uma longa linha transversal; parece que se não apressam, porque param em todas as partes em que encontram alimentos. Na Grecia apparecem pelo equinoxio, ao mesmo tempo que os airões. Depois de se terem demorado alguns dias nos pantanos, continuam a viagem.

No outono seguem um caminho differente do da primavera.

Nos logares em que se reproduzem e n'aquelles em que se demoram durante o inverno, os colhereiros preferem as beiras dos lagos e dos pantanos ás costas do mar. Não são pois verdadeiras aves maritimas, como muitas vezes se tem dito; só se encontram nos sitios em que o mar é pouco profundo e em que a praia é lodosa.

O colhereiro branco, affirma-o Brehm, evita as margens e as *falaises* cobertas de altas plantas; procura sempre as margens lodosas dos cursos d'agua.

Emquanto procura os alimentos, marcha vagarosamente, com a parte anterior do corpo inclinada para terra, dirigindo o bico alternativamente para a direita e para a esquerda, como faz o alfaiate, agitando a vasa e a agua. Raras vezes se encontra erecto, de pescoço estendido; de ordinario, conserva-o incurvado, de modo tal que a cabeça parece repousar sobre as espaduas. Só quando quer vêr a distancia é que estende o pescoço.

A marcha do colhereiro é grave, cadenciada, mais elegante que a da cegonha. O vôo é bello e facil; o colhereiro paira muitas vezes e descreve circulos. Durante o vôo o colhereiro differe do airão ou garça em estender o pescoço e da cegonha em bater as azas mais vezes e mais precipitadamente.

Em liberdade raras vezes se ouve a voz do colhereiro; em domesticidade nunca. Essa voz consiste n'um grito simples e tão fraco que só a curta distancia se pode ouvir.

A vista é o mais perfeito dos sentidos; o ouvido é bom e o bico é um orgão de tacto muito perfeito.

Pelos habitos e genero de vida, o colhereiro approxima-se muito dos ibis, differindo muito, pelo contrario, das cegonhas e dos airões. É uma

ave prudente e intelligente que sabe accomodar-se ás circumstancias e apreciar as coisas no seu justo valor. Confiada n'aquelles logares em que sabe que não tem nada a receiar, é, pelo contrario, excessivamente timida onde quer que se faça a caça ás aves ribeirinhas.

Os colhereiros são sociaveis e vivem entre si em perfeita harmonia. Acariciam-se, prestam-se serviços reciprocos, alisam-se uns aos outros as pennas, dão emfim o espectaculo de uma reciproca affeição perduravel. Nunca luctam ou se movem obstaculos uns aos outros. Brehm, fundado em observações proprias, crê dever affirmar que o colhereiro não pode viver fóra da companhia dos seus semelhantes. «Não me recordo, diz o naturalista alludido, de ter visto um só isolado.» [1] Com as aves que habitam o mesmo logar, o colhereiro branco vive tambem em perfeita paz, inoffensivamente.

O colhereiro branco é uma ave diurna, que ao cair da noite procura repousar. Ás vezes porém acontece ir em procura de alimentos durante a noite, se esta é de luar. Isto porém, é excepcional.

De ordinario, antes do pôr do sol, o colhereiro branco procura o logar em que ha de passar a noite e ahi se conserva até de manhã. Á hora do meio dia gosta tambem de empoleirar-se nas arvores e de repousar ahi. Todo o tempo em que está em terra ou em que corre pela agua, occupa-o em procurar alimentos.

«É quasi certo, escreve Brehm, que o colhereiro se alimenta principalmente de peixes; em captiveiro, pelo menos, prefere este alimento a qualquer outro. Engole peixes que teem quatorze a dezeseis centimetros de comprido. Apanha-os muito agilmente com o bico, volta-os, depois engole-os, introduzindo primeiro no esophago a cabeça. Come além d'isso outros pequenos animaes aquaticos, crustaceos, molluscos de casca, reptis e insectos.» [2]

Os colhereiros vivem em sociedade, mesmo na quadra dos amores. Nas localidades em que são numerosos formam verdadeiras colonias e construem n'uma mesma arvore tantos ninhos quantos os que ella pode conter. Nos locaes em que faltam arvores, nidificam nos juncaes, se estes existem.

O ninho do colhereiro é largo, grosseiramente construido com ramos seccos e juncos e interiormente tapetado de folhas seccas.

As posturas são de dois a trez ovos, raras vezes quatro. Estes ovos, relativamente grandes, de casca espessa, são brancos, cobertos de numerosas manchas de um cinzento avermelhado e amarello desmaiado. Pa-

[1] *Obr. cit.*, pg. 623.
[2] Brehm, *Loc. cit.*, pg. 624.

rece que macho e femea chocam alternadamente; pelo menos, um e outro concorrem para a creação dos filhos. Estes são logo conduzidos aos pantanos. Conservam-se em companhia dos paes, não só durante a viagem, mas ainda durante a estada nos logares habitados no inverno. Reunem-se em bandos desde que attingem a idade de trez annos e se encontram aptos para a reproducção.

CAÇA

Outr'ora caçava-se o colhereiro por meio do falcão. Ainda hoje é perseguido, mas com pouca insistencia.

CAPTIVEIRO

Os colhereiros, apanhados do ninho, habituam-se facilmente ao captiveiro. Acostumam-se a um regime mixto, animal e vegetal. Aprendem depressa a conhecer o homem, que saudam com um ruido especial produzido pelo attrito das mandibulas uma contra a outra. Aprendem tambem a sair e entrar no logar que lhes é designado para habitação. Graças á docilidade e ao espirito pacifico que os caracterisa, podem ser deixados no meio das aves domesticas.

USOS E PRODUCTOS

No dizer de alguns naturalistas, a carne d'estas aves é muito saborosa.

O COLHEREIRO COR DE ROSA

O colhereiro côr de rosa que sob o ponto de vista dos costumes se assemelha inteiramente ao colhereiro branco, differe d'elle comtudo, no facto de ter a plumagem branca matisada de côr de rosa.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Esta especie é americana; é muito commum no Brazil.

Vamos transcrever para estas paginas, á maneira do que fizemos tratando dos ibis, algumas considerações interessantes de Buffon sobre os colhereiros em geral.

«Embora o colhereiro seja de uma figura muito caracteristica e mesmo singular, nem por isso os naturalistas deixaram de confundil-o sob designações improprias e estranhas com aves muito differentes... Vendo a confusão que teem derramado sobre a natureza os erros scientificos, a falsa erudição acumulada sem o conhecimento das cousas e este cahos de entidades e de nomes ainda obscurecido pelos auctores de nomenclatura, não pude impedir-me de sentir que a natureza, bella e simples em toda a parte, é mais facil de conhecer em si mesma do que envolvida nos nossos erros ou sobrecarregada dos nossos methodos e que para estabelecer e discutir estes se perdeu um tempo preciosissimo que devera ter sido empregado em contemplar e pintar a propria natureza.

«O colhereiro é todo branco e do comprimento do airão, mas tem os pés menos altos e o pescoço menos comprido e guarnecido de pennas

curtas; as da parte inferior são compridas e estreitas, formando um penacho que cáe para traz; a garganta é coberta e os olhos são cercados por uma pelle nua; os pés e a parte nua das pernas são cobertos por uma pelle negra, dura e escamosa; uma porção de membrana une os dedos no ponto de juncção e por meio de um prolongamento forma-lhes uma como franja ou rebordo ligeiro até á extremidade; ondas negras transversaes apparecem sobre o fundo amarellado do bico, cuja extremidade é de um amarello algumas vezes misturado de vermelho; um bordo negro, traçado por um sulco forma um como bordalete levantado a toda a volta d'este bico singular e vê-se pela parte de dentro uma longa gotteira sob a mandibula superior; uma pequena ponta recurvada para baixo termina a extremidade d'esta especie de palheta, que tem vinte e trez linhas no sentido da maior largura e parece inteiramente sulcada de pequenas estrias que tornam a sua superficie um pouco rude e menos lisa do que o é fóra; perto da cabeça, a mandibula superior é tão larga e tão espessa que a região frontal parece ficar ahi inteiramente comprehendida; as duas mandibulas, perto da origem, são egualmente guarnecidas pelo lado de dentro e perto dos bordos de pequenos tuberculos ou mamilos sulcados que servem para partir as conchas que o bico do colhereiro é muito proprio para apanhar, ou para reter e suspender uma presa que deslisa e se escapa, porque parece que esta ave se alimenta egualmente de peixes, de conchas, de insectos aquaticos e de vermes.

«O colhereiro habita a beira do mar e não se encontra senão raras vezes no interior das terras, [1] a não ser n'alguns lagos e de passagem junto de algum ribeiro. Prefere as praias ou costas pantanosas; encontra-se nas de Poitou, da Bretanha, de Picardia e de Hollanda; alguns logares teem mesmo renome pela affluencia de colhereiros que ahi se juntam com outras especies aquaticas: taes são os pantanos de Sevenhuis, perto de Leyde.

«Os colhereiros fazem ninho no vertice das grandes arvores visinhas das costas e construem-o com cavacos; produzem trez ou quatro filhos. Fazem um grande ruido sobre estas arvores no tempo das ninhadas e a ellas veem regularmente todas as tardes empoleirar-se para dormir.

«De quatro colhereiros descriptos pelos socios da Academia das Scien-

[1] Como o leitor vê, confrontando esta affirmação de Buffon com a que atraz fizemos dizendo que o colhereiro procura os pantanos e os lagos de preferencia ás costas, ha uma discordancia entre as duas passagens. Mao grado toda a auctoridade de Buffon, o engano é d'elle e não nosso, porque nos encostamos a auctores modernos que fallam sobre o assumpto *de visu*.

cias e que eram todos brancos, dois tinham um pedaço negro na ponta da aza, o que não denota differença de sexos, como Aldrovande acreditou, porque este caracter se encontrou tanto no macho como na femea. A lingua do colhereiro é muito pequena, de forma triangular, e não chega a ter trez linhas em todas as dimensões. O esophago dilata-se descendo e é apparentemente n'este alargamento que se demoram e se digerem os mexilhões e outros mariscos que o colhereiro come.... Os intestinos teem sete pés de comprimento. A trachea-arteria, semelhante á do grou, faz no thorax uma dupla inflexão; o coração tem pericardio, embora Aldrovande affirme nunca o ter encontrado.

«Estas aves avançam no estio até á Botnia occidental, á Laponia, onde se vê alguns segundo Linneu, e á Prussia, onde não apparecem senão em pequeno numero e onde, durante as chuvas do outono, passam na volta da Polonia; Rzaczynski diz que tambem se encontram alguns na Siberia nos mezes de Setembro e Outubro. Habitam, como dissemos, as costas occidentaes da França; encontram-se tambem nas da Africa, em Bissao, perto da Serra-Leoa, no Egypto, segundo Granger, no cabo da Boa-Esperança, onde vivem, diz Kolbe, serpentes, assim como peixes, e onde são chamados *slangenvreeter*, come-serpentes. Commerson viu colhereiros em Madagascar, onde os insulares lhes dão o nome de *faugali-am-bava*, enxada de bico. Os negros n'algumas regiões chamam a estas aves *vaug-van* e n'outras *vourou-doulon*, aves do diabo, por motivos supersticiosos. A especie, ainda que pouco numerosa, é pois muito espalhada e parece mesmo ter dado a volta do antigo Continente. Sonnerat encontrou-a até nas ilhas Phillipinas, e embora elle distinga duas especies, a falta de poupa, que é a principal differença entre uma e outra, não nos parece constituir um caracter especifico e não reconhecemos até hoje senão uma especie que parece ser sempre a mesma, do norte ao meiodia, em todo o antigo Continente; encontra-se tambem no novo, [1] e, embora se tenha dividido a especie em duas, devemos reunil-as n'uma e convir em que a semelhança dos colhereiros da America com os da Europa é tão grande que devem attribuir-se as pequenas differenças á influencia dos climas.

«O colhereiro da America é sómente um pouco menor em todas as dimensões do que o da Europa; differe d'este ainda pela côr de rosa ou encarnado que faz realçar o fundo branco da plumagem no pescoço, nas costas e nos lados do tronco; as azas são mais fortemente coradas e a tinta vermelha vae até ao encarnado nas espaduas e coberturas da cauda,

[1] Buffon illudiu-se n'este ponto: o colhereiro do Novo Continente é uma especie distincta, como vimos.

cujas pennas são ruivas; os lados das pennas das azas são marcados por um bello carmim, a cabeça e a garganta são nuas. [1] Estas bellas cores só existem no individuo adulto.

«Este colhereiro côr de rosa encontra-se no novo Continente como o branco no antigo, n'uma grande extensão, do norte ao meio-dia, desde as costas da Nova-Hespanha e da Florida até á Guiana e ao Brazil; encontra-se tambem na Jamaica e provavelmente n'outras ilhas visinhas; mas a especie, pouco numerosa como é, não se encontra em parte alguma em bandos. Em Cayenna, por exemplo, ha talvez dez vezes mais maçaricos que colhereiros. Os maiores bandos d'estes são de nove ou dez individuos, mas vulgarmente de dous ou trez e são muitas vezes acompanhados de flammingos. Vê-se de manhã e de tarde os colhereiros á beira do mar ou sobre troncos fluctuantes perto das margens; mas pelas horas do meio do dia, no tempo do maior calor, entram nos ancoradoiros e pousam alto nas arvores aquaticas; entretanto são pouco selvagens, passam no mar muito perto das canoas e deixam-se approximar de terra o bastante para que se lhes possa atirar quer quando voam, quer quando estão pousados. A bella plumagem d'estas aves é muitas vezes maculada pelo lodo em que penetram para pescar. De la Borde que fez observações sobre os costumes d'estas aves, confirma o dizer de Barrère sobre a côr, affirmando-nos que os colhereiros da Guiana não apresentam senão aos trez annos a bella côr vermelha e que os não adultos são quasi inteiramente brancos.

«Baillon, ao qual devemos um grande numero de boas observações, admitte duas especies de colhereiros, e communica-me que ambas passam ordinariamente nas costas de Picardia nos mezes de Novembro e Abril e que nem uma nem outra ahi se demoram; param apenas um dia ou dois perto do mar e nos pantanos proximos; não são muito numerosos estes colhereiros e parecem muito selvagens.

«A primeira d'estas especies é o colhereiro commum, que é de um branco brilhante e que não tem poupa; a segunda especie tem poupa, é mais pequena que a outra e Baillon crê que estas differenças juntas a algumas outras variedades nas côres do bico e da plumagem, são bastantes para fazer d'ellas duas especies distinctas e separadas.

«Está convencido tambem de que todos os colhereiros nascem pardacentos como os airões, aos quaes se assemelham pela forma do corpo, pelo vôo e outros habitos; falla dos de S. Domingos como formando uma terceira especie. Parece-nos porém que se trata apenas de variedades que

[1] Parece-nos bem que toda a esta somma de caracteres differenciaes é bastante para determinar uma distincção especifica, e mal pode explicar-se por simples influencia climaterica.

podem reduzir-se a uma especie unica, pois que o instincto e todos os habitos naturaes que d'elle resultam são os mesmos nas trez aves.

«Baillon observou em cinco d'estes colhereiros que se deu ao trabalho de abrir, que todos tinham o sacco cheio de langostins, de pequenos peixes e de insectos d'agua; e, como a lingua é quasi nulla, e o bico não é cortante nem guarnecido de recortes, parece que não podem apanhar nem comer as enguias ou outros peixes que se defendem e que vivem sómente de animaes muito pequenos, o que os força a procurarem continuamente alimentos.

«Parece que estas aves fazem, em certas circumstancias, o mesmo ruido que as cegonhas com o bico, porque Baillon, tendo ferido uma, notou esse ruido e viu que ella o executava fazendo mover muito depressa e continuamente as mandibulas, embora o bico seja muito fraco e não possa apertar senão muito levemente um dedo.» [1]

OS BALENICEPS

São assim chamados por causa da forma do bico que lembra a baleia.

Estas aves pertencem á familia *Cancromata*, cujos caracteres principaes são: corpo vigoroso, pescoço de comprimento medio, espesso, bico forte, grande, largo, alto, tarsos elevados, dedos compridos, azas longas, largas, arredondadas, cauda de comprimento medio, recta, composta de doze rectrizes, pennas grandes e molles e região occipital encimada por uma pequena poupa.

[1] Buffon, *Obr. cit.*, vol. 8.º, pg. 111-116.

CARACTERES DO GENERO

Os baleniceps (ignoramos o nome vulgar portuguez, se é que existe) teem a cabeça volumosa, o bico forte, em forma de casco, de aresta dorsal levemente recurva, fortemente gancheada, de mandibula inferior larga, prolongando-se até á articulação temporo-maxillar por uma membrana dura, coriacea, tarsos muito elevados, dedos compridos, armados de unhas vigorosas, azas largas, compridas, obtusas, sendo a terceira e quarta remiges as mais compridas, cauda de extensão media, cortada em angulo recto na extremidade e o occipital encimado por uma poupa pequena.

O BALENICEPS REAL

É esta a unica especie conhecida até hoje do genero descripto.

CARACTERES

Esta especie é muito notavel pela forma singular do bico, que lhe valeu entre os francezes o nome vulgar de *bico-em-casco*. Tem as partes superiores do corpo de um trigueiro azulado, mais ou menos escuro segundo as regiões, com as pennas das costas e as coberturas superiores das azas circuitadas de esbranquiçado nos dois lados, as pennas do occipital da côr das costas, toda a parte inferior do corpo cinzenta e as remiges e rectrizes anegradas na face superior. Os olhos são amarellos claros e os pés negros; o bico é côr de corno.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Esta ave agigantada vive nos pantanos do Nilo Branco e principalmente nos paizes dos negros Kitsch e dos negros Nüer, entre o quinto e o oitavo grao de latitude norte.

COSTUMES

O genero de vida do baleniceps real em liberdade é conhecido ha pouco tempo. Devemos principalmente a Heuglin e a Petherick este conhecimento.

De ordinario esta ave encontra-se em bandos, ás vezes compostos de mais de cem individuos. Quando alguem atemorisa uma d'estas aves, ella vôa razando a superficie da agua e pousa logo depois. Se se lhe dá um tiro, eleva-se alto na atmosphera, descrevendo circulos, paira por muito tempo e vae pousar-se depois no cimo de alguma arvore. Emquanto vê pessoas suspeitas nas proximidades não volta para a agua.

«Na marcha e no vôo, o baleniceps real, diz Brehm, assemelha-se muito ao marabú. O unico ruido que faz ouvir é o produzido pelo attrito das mandibulas, analogo ao da cegonha. Alimenta-se principalmente de peixes, que apanha muito habilmente com o bico, entrando na agua até ao peito. Petherick affirma que os seus caçadores viram esta ave apanhar serpentes da agua (?) com o bico e matal-as; acrescenta que ella não despresa os intestinos dos animaes mortos e que para os encontrar rasga o ventre dos cadaveres, como faz o marabú.» [1]

A quadra dos amores é nos mezes de Julho e Agosto e coincide com a estação das chuvas.

O baleniceps real escolhe para estabelecer o ninho uma pequena eminencia nos juncos ou na herva, á beira da agua, principalmente se essa eminencia formar uma ilha; a ave cava na terra uma ligeira depressão e ahi deposita os ovos, sem previamente a forrar de pennas ou de substancias vegetaes.

No dizer de Heuglin, os ovos são relativamente pequenos, ovoides, brancos, com ligeiros reflexos azulados; mais tarde, por effeito da incubação, adquirem uma tinta atrigueirada. A casca espessa, de um verde

[1] Brehm, *Obr. cit.*, vol. 4.º, pg. 626.

carregado quando é vista por transparencia, é coberta por um enducto calcario liso, sobre o qual muitas vezes se encontram impressões exteriores.

CAPTIVEIRO

Heuglin diz que os recemnascidos, apanhados do ninho, são faceis de crear, dando-lhes peixe, e de domesticar.

Petherick, pelo contrario, affirma que todos os recemnascidos que mandou apanhar, lhe morreram; affirma mais que, fazendo chocar alguns ovos por gallinhas, os individuos que d'elles nasceram não lembravam em nada os modos dos pintos, que foi preciso encarregar negritas de os crearem e empregar negritos em procurarem peixes vivos para a alimentação d'elles. Brehm diz a este proposito: «Mal posso exprimir todas as duvidas que me inspira esta historia. Se os recemnascidos que Petherick apanhou do ninho, morreram, é porque os cuidados precisos lhes faltaram; creio que Heuglin tem razão no que affirma.» [1]

Petherick foi o primeiro que em 1860 levou para Londres um baleniceps real vivo. Não foi possivel conserval-o; viveu porém o tempo bastante para que Wolf desse d'elle um desenho *d'après nature*.

O ARAPAPÁ

É este o nome vulgar brazileiro da especie *Cancroma cochlearia*, unica do genero *Cancroma*.

[1] Brehm, *Loc. cit.*, pg. 627.

CARACTERES GENERICOS

As aves do genero *Cancroma* teem um corpo vigoroso, um pescoço curto e forte, uma cabeça grossa, achatada superiormente, a mandibula superior levemente curva em forma de colher invertida, de crista dorsal obtusa, de ponta gancheada, de mandibula inferior larga, achatada, dividida até á parte anterior, sendo o espaço entre os dois ramos occupado por uma membrana nua, azas fortes, compridas, obtusas, sendo a quarta remige a mais comprida, cauda curta, quasi truncada em angulo recto, tarsos elevados, delgados, pernas cobertas de pennas até á articulação tibio-tarsica, plumagem frouxa, occipital e nuca guarnecidos de pennas compridas.

CARACTERES ESPECIFICOS

Tem as pennas das costas e das espaduas esbarbadas, a região naso-ocular e a garganta nuas, a fronte, as faces e a parte anterior do pescoço brancas, a parte inferior do pescoço e o peito de um branco amarellado, as pennas das costas de um cinzento claro, a parte posterior e superior do pescoço e o ventre de um ruivo castanho escuro, os lados do tronco negros, as remiges e as rectrizes de um cinzento esbranquiçado, os olhos castanhos, circuitados de cinzento, o bico trigueiro, os bordos da mandibula inferior amarellos e os tarsos amarellados.

Esta especie mede sessenta centimetros de comprimento e um metro e quatro centimetros de envergadura; a extensão da aza é de trinta e um centimetros e a da cauda de doze.

A femea é um pouco mais pequena.

Os individuos não adultos são de um trigueiro ruivo, com as costas escuras e o ventre claro.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Habita na Guiana e no Brazil.

COSTUMES

Os conhecimentos que possuimos ácerca do arapapá são muito incompletos.

Habita as brenhas e os cannaviaes que cobrem as margens de todos os rios do Brazil.

Na quadra dos amores encontra-se sempre solitario ou por casaes. Vê-se sempre empoleirado nos ramos mais altos das arvores que se inclinam sobre a agua.

É mais commum nas florestas virgens que nas costas do mar. Quando um barco se approxima, salta rapidamente de ramo em ramo e desapparece á vista. «Alimenta-se, diz Brehm, de animaes aquaticos, mas não de peixes.» [1] O principe de Wied affirma que nunca encontrou senão vermes no estomago dos que matou e crê que elles não podem apanhar peixes com o bico, por causa da forma d'este.

Este mesmo naturalista diz que nunca ouviu a voz do arapapá. Schomburgk affirma que, quando o apanham, faz ouvir um ruido, semelhante ao da cegonha, produzido pelo attrito das mandibulas.

Não se sabe quasi nada sobre a reproducção d'esta ave. Os ovos são arredondados ou alongados de um branco sem manchas.

Figuier a proposito d'esta ave escreve: «Quem quer que uma vez tenha visto o arapapá, nunca o poderá esquecer ou confundir com outra ave. Que tem elle pois, de tão caracteristico? Apenas o bico, que é o instrumento mais singular que pode imaginar-se. Figurem-se duas largas e compridas colheres, de bordos cortantes, applicadas uma contra a outra pelo lado concavo, sendo uma, a superior, munida de dois dentes agudos na extremidade, e ter-se-ha idéa d'este estranho armazem, no

[1] *Obr. cit.*, vol. 4.º, pg. 627.

qual o proprietario pode reunir provisões para um dia inteiro. Se se juntar a isto que o arapapá é possuidor de uma bella poupa negra, que lhe pende atraz da cabeça, que tem as dimensões de uma gallinha, as azas largas, a cauda curta, e que repousa no solo sobre quatro dedos, ter-se-ha um retrato muito exacto da ave. Habita na America equatorial, fixa-se á beira dos rios onde se alimenta de peixes, [1] de molluscos e algumas vezes de caranguejos. Nidifica nas brenhas.» [2]

AS UMBRETAS

Estas aves pertencem á familia *Scopi* de que constituem o genero unico.

CARACTERES DE FAMILIA

As aves que constituem a familia *Scopi* são principalmente caracterisadas por um corpo refeito, quasi cylindrico, um pescoço grosso e curto, uma cabeça volumosa, um bico espesso na base, muito comprimido dos lados, de mandibula inferior mais curta e mais estreita que a superior e truncada na extremidade, dedos anteriores unidos na base por uma membrana fortemente chanfrada.

Esta familia pode considerar-se como estabelecendo a transição entre os arapapás e as cegonhas.

[1] N'este ponto Figuier está em contradicção com Brehm.
[2] L. Figuier, *Obr. cit.*, pg. 166.

CARACTERES DE GENERO

Além dos attributos que pertencem á familia, as umbretas teem um bico mais comprido que a cabeça, convexo, levemente dilatado em baixo, com um sulco de cada lado, estendendo-se até á ponta que é ligeiramente recurva, azas largas arredondadas, em que a terceira penna é a mais comprida, uma cauda mediocre, rectilinea, formada por doze rectrizes, tarsos de altura media, um pollegar curto, repousando todo no solo, a unha do dedo medio denticulada, plumagem abundante, e o occipital encimado por uma poupa comprida.

A UMBRETA DO SENEGAL

É a unica especie do genero até hoje conhecida.

CARACTERES

A umbreta do Senegal é de um trigueiro terroso escuro quasi homogeneo. O ventre é um pouco mais claro que as costas e as remiges são mais escuras e mais brilhantes ao mesmo tempo. As rectrizes teem na extremidade uma larga raia trigueira purpurada e muitas raias estreitas, irregulares na metade basilar. Os olhos são castanhos escuros e os tarsos trigueiros anegrados; o bico é negro.

Esta especie mede cincoenta e seis centimetros de comprimento e um metro e dez centimetros de envergadura; a extensão da aza é de trinta e dois centimetros e a da cauda de dezesete.

A femea não differe sensivelmente do macho.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

A especie em questão habita todos os paizes do interior e do sul da Africa, comprehendendo Madagascar e o sul da Arabia. Parece não ser commum em parte alguma. «Vi-a, diz Brehm, muitas vezes nas regiões que percorri, sempre só ou por casaes.» [1]

COSTUMES

«A umbreta, diz ainda o naturalista que acabamos de citar, é de uma apparencia singular. Em pé, nada tem do porte elegante da garça; o pescoço é incurvado, a poupa inclinada para as costas e a cabeça parece repousar sobre as espaduas. Hartmann diz que ao vel-a, qualquer seria tentado a tomal-a por um corvo, se não fossem a poupa e as longas pernas de ribeirinha. Quanto a mim, comparal-a-hia a certos ibis. Quando nada a perturba, diverte-se com a poupa, elevando-a e abaixando-a alternativamente. Muitas vezes conserva-se alguns minutos completamente immovel. A marcha é leve, graciosa, cadenciada; não corre nunca.

«O vôo assemelha-se ao da cegonha. A umbreta vôa em linha recta, paira muitas vezes e eleva-se frequentemente a uma grande altura.

«Nunca lhe ouvi a voz.

«Não se encontra esta ave senão junto dos pequenos cursos d'agua que atravessam a floresta e nas margens dos rios cobertos d'arvores. A umbreta passeia ahi tranquilla e silenciosa, ora entrando na agua como as aves dos pantanos, ora procurando alimentos á beira d'agua como as

[1] *Obr. cit.*, vol. 4.º, pg. 628.

pequenas especies de garças. Segundo as minhas observações, a umbreta alimenta-se principalmente de peixes; outros naturalistas affirmam que ella come tambem molluscos, reptis, rãs, pequenas serpentes, crustaceos, vermes e larvas.

«Macho e femea de um mesmo casal não se conservam juntos; cada um provê isoladamente ás suas occupações e só se reunem por pouco tempo.

«A umbreta é principalmente activa ao crepusculo. Talvez a devamos contar entre as aves semi-nocturnas.

«Sem ser muito timida, é prudente; quando se sente perseguida, em vez de fugir para longe, não vae senão até cem passos, pára e espera que continuem a perseguil-a para então retomar a fuga.

«Vi muitas vezes o ninho enorme da umbreta, de abertuta perfeitamente circular, mas sem o reconhecer. Delegorgue e Verreaux descreveram-o perfeitamente. Os que observei encontravam-se de preferencia na bifurcação dos ramos inferiores das mimosas, a pouca altura do solo. Segundo Verreaux, a umbreta nidificaria tambem nas arvores e arbustos elevados. Estes ninhos são construidos muito artisticamente com ramos e argilla.» [1]

Os ninhos das umbretas medem pelo lado de fóra um metro e sessenta e cinco centimetros a dois metros de diametro, e outro tanto, pouco mais ou menos, de altura; são de forma abobadada. O interior é dividido em tres aposentos separados; ante-camara, quarto ordinario e quarto de dormir. Estes aposentos são bem construidos e a entrada é justamente a que basta para dar passagem á ave. O ultimo d'estes aposentos fica mais elevado que os outros, por forma que a agua que n'elle entrar pode bem escoar-se. O quarto de dormir é posterior e o mais vasto; é n'elle que macho e femea chocam alternadamente.

As posturas são de dois ovos apenas que são depostos sobre uma camada molle de folhas.

O aposento medio do ninho serve para receber o producto das caças. Em todas as estações do anno se encontra ahi ossos de animaes em putrefacção ou seccos.

O aposento anterior, o mais pequeno dos trez, é, no dizer de Brehm, uma especie de guarita em que a ave se conserva, vigiando o que se passa em torno. O macho avisa d'ahi a companheira de qualquer perigo e por meio de um grito rouco convida-a a fugir, se tanto é necessario.

Verreaux notou que a umbreta que está de sentinella, se conserva

[1] Brehm, *Obr. cit.*, vol. 4.º, pg. 628-629.

sempre deitada sobre o ventre, com o pescoço estendido de modo a perceber a tempo qualquer perigo, mesmo um pouco distante ou remoto.

As umbretas novas não abandonam o ninho senão muito tarde; e até que o façam são os paes que lhes trazem os alimentos, principalmente um pouco antes e um pouco depois do pôr e do erguer do sol.

Ao romperem a casca, as umbretas são quasi nuas ou apresentam apenas uma rara pennugem cinzenta escura.

Segundo Verreaux e Hartlaub, os ovos são de um branco esverdeado, com algumas manchas pouco numerosas.

Modernamente o naturalista Monteiro diz que os indigenas de Angola lhe haviam affirmado que as umbretas não construem ninho proprio, mas que se apropriam de um ninho de outra ave. Mas Middleton contesta uma tal informação e declara ter visto a umbreta occupada na construcção do ninho. Este auctor encontrou uma vez sobre a mesma arvore trez ninhos, contiguos uns aos outros, a cerca de dois metros acima do solo. Tinham a solidez sufficiente para susterem um homem. Os aposentos eram tão pequenos que a ave mal cabia dentro.

PREJUIZOS

Entre os preconceitos mais curiosos que na Africa circulam a proposito da umbreta, um dos mais espalhados é o acreditado pelos habitantes de Angola: segundo elles, o homem que se banha na mesma agua que a umbreta, é infallivelmente atacado de uma erupção cutanea.

OS TANTALOS

Os tantalos são por alguns naturalistas considerados como ibis; os naturalistas modernos porém, apresentam estas aves como constituindo um genero da familia *Ciconiœ*.

CARACTERES

Os tantalos teem o corpo robusto, o pescoço de comprimento regular e muito forte, a cabeça muito grande, o bico comprido, muito semelhante ao da cegonha, espesso na raiz, um pouco recurvo na ponta, arredondado, de bordos cortantes, tarsos compridos e grossos, dedos compridos e reunidos por uma larga membrana palmar, azas extensas, largas, agudas, sendo a segunda remige a mais comprida, cauda curta, e pennas abundantes, mas pequenas.

Os sexos differem um do outro nas dimensões.

A plumagem dos adultos differe da dos não adultos.

O TANTALO D'AFRICA [1]

É uma das aves mais bellas da familia; tambem se lhe dá o nome mais preciso de *tantalo da Africa do Norte*.

CARACTERES

O tantalo d'Africa é branco com reflexos côr de rosa nas costas e com as coberturas superiores e inferiores das azas manchadas de vermelho escuro e de côr de rosa. As remiges e as rectrizes são de um verde escuro brilhante; os olhos são de um branco amarellado e os pés de um

[1] É mister não confundir esta especie com o *Ibis branco*, que atraz descrevemos e ao qual Cuvier dá tambem o nome de *Tantalo d'Africa*.

vermelho desmaiado. O bico é amarello. As partes nuas das faces são de um vermelho vivo.

Os individuos não adultos teem o pescoço e as costas cinzentas e o resto do corpo pardo amarellado.

Esta especie tem noventa e quatro centimetros a um metro e dez centimetros de comprimento e um metro e setenta a um metro e oitenta e quatro centimetros de envergadura; a extensão da aza é de meio metro e a da cauda de dezesete centimetros.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

A especie de que nos estamos occupando pertence ao norte d'Africa. Dizem alguns auctores que ella se desviou accidentalmente para o meio-dia da Europa e contam-a entre as aves do nosso continente. Diz Brehm que a partir do decimo oitavo grao de latitude sul ella se encontra ao longo de todos os cursos d'agua do interior da Africa e mesmo perto das costas. No Egypto encontram-se de tempos a tempos alguns individuos raros. Pelo contrario, a especie é commum nas visinhanças de Chartoum e tambem em certos pontos das margens do Nilo Branco e do Nilo Azul. Apparece ahi ao mesmo tempo que os ibis e as cegonhas. Passa no Sudan na epocha das chuvas e desapparece logo depois.

COSTUMES

O tantalo d'Africa vive sempre na agua ou proximo da agua e nunca se distanceia d'ella pelo interior das terras como as cegonhas e os grous. Procura tanto as margens descobertas e nuas dos rios, como as poças circumdadas de hervas em que se accumulam as aguas pluviaes.

Principia a caça de manhã cedo e recomeça-a ao fim da tarde. Todos os pequenos animaes lhe servem, tanto aves como mamiferos. Comtudo, o fundo de alimentação é constituido por peixes, reptis aquaticos e vermes.

Nas horas do meio do dia encontra-se, de ordinario, em grandes bandos, em pé nos bancos de areia, ou nas aguas pouco profundas ou ainda empoleirado n'uma arvore.

Marcha e vôa como a cegonha de que tem precisamente os modos. Se durante o vôo parece mais formoso, é isso devido á coloração soberba da plumagem, que então se manifesta melhor.

Procura separar-se das outras aves ribeirinhas; e, ainda quando está no meio d'ellas, forma bando áparte, com interesses privativos.

O modo de reproducção d'esta especie é pouco conhecido. «Infelizmente não pude, diz Brehm, observar o seu modo de reproducção e os outros naturalistas não teem sido mais felizes do que eu. Os amores devem ter logar no mez de Setembro, porque é em Agosto que a ave se encontra em todo o esplendor.» [1] De úma especie indiana cujos costumes parecem assemelhar-se muito aos do tantalo d'Africa, diz Jerdon que ella nidifica em sociedade sobre arvores elevadas, que o ninho é grande e que os ovos postos são trez ou quatro, manchados de amarello claro. No dizer d'este naturalista, uma só bananeira contém ás vezes cem d'estes ninhos.

CAPTIVEIRO

No decurso dos ultimos annos teem sido trazidos muitas vezes á Europa tantalos d'Africa novos e vivos. Os jardins zoologicos de Colonia, de Anvers, de Amsterdam, de Londres e não sabemos se outros mais possuem, ou, pelo menos, possuiam ha pouco tempo alguns exemplares.

Não são difficeis de manter. Dá-se-lhes a mesma alimentação que ás cegonhas.

Bodinus communica a Brehm o seguinte: «Os tantalos novos comportam-se como as cegonhas novas que ajoelham diante dos paes, batem as azas e pedem de comer.. Fazem isto durante um anno, approximadamente; e quando d'elles se approximam semelhantes adultos ou mesmo aves visinhas, soltam ao mesmo tempo gritos roucos. Differem das cegonhas por costumes mais doceis e por um humor extraordinariamente pacifico. Estas aves apresentam de singular o mergulharem na agua o bico todo aberto, parecendo esperar que uma presa venha penetrar n'elle. Este habito não está em relação com o nome de *insaciavel* que se tem dado á especie; a ave não o merece de modo algum. Não é mais voraz que outras aves da mesma familia; creio até que o é menos. Tudo nos seus movimentos respira docilidade e tranquilidade. Caminha com gravidade no logar que lhe é concedido; olha fixamente os que passam e parece condescender em ser alimentado com outras aves. Esta ave quando chega á idade adulta e reveste todo o esplendor da plumagem é uma das aves mais formosas que pode possuir-se n'um jardim zoologico. Mas o clima da Europa central não lhe convem; não pode sup-

[1] Brehm, *Loc. cit.*, pg. 631.

portar as neves. Mesmo com os frios pouco intensos os dedos gelam-lhe ou então contráe uma inflammação intestinal a que succumbe de ordinario. Se o collocam n'um recinto vasto e não coberto, onde pode fazer uso das azas, passa o dia quasi inteiro empoleirado e não desce a terra senão para procurar os alimentos.» [1]

AS CEGONHAS

As aves que formam este genero apresentam os caracteres seguintes: corpo robusto, peito largo, pescoço forte, de comprimento regular, cabeça de volume medio, bico comprido, conico, recto, de bordos cortantes, fortemente incurvados, coberto de um revestimento corneo, achatado, pernas compridas, desnudadas de pennas até muito acima da articulação tibio-tarsica, dedos curtos, de face plantar larga, o externo e o mediano reunidos por uma membrana em toda a extensão da primeira phalange, azas muito compridas, de largura regular, obtusas, em que a terceira, quarta e quinta remiges são as mais compridas e eguaes entre si, cauda curta, arredondada, formada de doze rectrizes, e plumagem abundante, de côres brilhantes, mas pouco variadas.

Tal é a descripção dada por Brehm, a mais minuciosa de quantas tivemos occasião de lêr.

---

[1] Vid. Brehm, *Obr. cit.*, vol. 4.º, pg. 431-432.

*

A CEGONHA BRANCA

No dizer do auctor das *Maravilhas da Natureza* poderiamos dar a esta especie o nome de *cegonha domestica*. É a especie principal sobre que o genero repousa.

CARACTERES

Tem todo o corpo de um branco sujo, excepto as remiges e as coberturas mais compridas das azas, que são negras, o bico de um vermelho vivo, os tarsos de um vermelho de sangue e os olhos castanhos com um circuito nu, de um pardo anegrado.

Esta especie tem um metro e quinze centimetros de comprimento e dois metros e trinta e seis centimetros de envergadura; a extensão da aza é de sessenta e nove centimetros e a da cauda de vinte e nove.

A femea é mais pequena que o macho.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Se exceptuarmos as regiões mais septentrionaes, podemos dizer que a cegonha não falta em parte alguma da Europa, embora não nidifique em todas as regiões.

É rara actualmente na Inglaterra, onde foi já muito vulgar. Tem tambem rareado consideravelmente na Grecia por causa das perseguições de que tem sido objecto ahi.

Em muitos pontos de Hespanha é egualmente rara.

Pelo contrario, é commum na Polonia, na Russia, em todo o norte da Allemanha e em Westphalia. É rara no centro e no sul da Allemanha, onde se não encontra senão em certas localidades; nas montanhas é quasi desconhecida.

Não se estende muito para Oriente. Encontra-se ainda ao sul da Russia, mas já não existe na Siberia.

Em Portugal encontra-se com frequencia, sobretudo na provincia do Alemtejo.

1. A Cegonha. — 2. A Cegonha negra.

Magalhães & Moniz, editores

COSTUMES

«Houve tempo, diz Brehm, em que se acreditava que muitas cegonhas hybernavam nos paizes do Mediterraneo; é erronea tal crença. Estas aves prolongam as suas excursões até ao interior da Africa central.» [1]

Só algum tempo depois da partida da Europa é que as cegonhas apparecem no centro d'Africa. Brehm viu-as no dia 1 de Setembro ao sul da Nubia e em 30 de Março perto de Chartoum. Segundo as observações do mesmo naturalista, avançam para além do decimo quinto grao de latitude norte.

Durante as emigrações, as cegonhas não se demoram nos paizes que atravessam.

Na Allemanha a volta normal das cegonhas realisa-se em Março, diz o naturalista que acabamos de citar. Mas, como acontece com todas as aves emigrantes, ha sempre umas que chegam antes, verdadeiras guardas avançadas, outras que veem depois, aves retardatarias; as que chegam primeiro apparecem no meiado de Fevereiro e as que veem em ultimo logar só na segunda quinzena de Abril apparecem. Umas e outras constituem uma minoria insignificante.

A passagem das cegonhas na Allemanha é signal de que o frio cessou; porém a chegada d'ellas não é indicio certo de que a estação má tenha acabado.

«Em 1825, diz Brehm, tendo sido o inverno muito suave até ao fim do mez de Fevereiro, viram-se chegar nuvens de cegonhas que vieram estabelecer-se nas cercanias da cidade de Tours. Esta volta foi considerada como um feliz presagio pelos habitantes da aldea; mas os grandes frios principiaram com o mez de Março e só cessaram muito tempo depois da Paschoa.

«Em 1785 o *Mercure Galant* deduziu tambem da chegada das cegonhas a cessação dos grandes frios; e comtudo, a neve e os gelos continuaram a cobrir os campos durante mais de um mez.

«Estes factos felizmente são raros; e estas aves encantadoras que mais ainda que as andorinhas merecem o titulo de «mensageiras da primavera», não desmentem de ordinario a sua antiga reputação.» [2]

A cegonha branca procura as planicies extensas, baixas, não accidentadas, ricas em cursos d'agua e principalmente em pantanos. As planicies

[1] *Obr. cit.*, vol. 4.º, pg. 634.
[2] *Obr. cit.*, vol. 4.º, pg. 634.

da Allemanha do Norte e da Hollanda conveem-lhe perfeitamente, porque encontra ahi excellente terreno para a caça. Evita as planicies seccas e elevadas; mas não é tão vulgar em todos os pantanos como poderia suppor-se. Parece procurar sempre de preferencia os logares em que o homem domina. Muitas, é certo, reproduzem-se longe das habitações, nas florestas, nidificando nas arvores; a maior parte d'ellas porém, estabelecem-se nos telhados das casas e nos monumentos elevados.

A chegada d'estas aves é um espectaculo interessante. O casal que nos annos precedentes tinha habitado um certo telhado, ao chegar, desce de repente de uma altura prodigiosa, descrevendo espiraes e vem pousar sobre o mesmo telhado, mostrando-se desde logo tão familiar com os logares como se nunca os houvesse abandonado.

A cegonha, uma vez chegada a um certo paiz, principia immediatamente a entregar-se ás suas occupações ordinarias. Dirige-se aos campos, aos prados e aos pantanos para ahi fazer a sua caça, volta ao meio-dia, faz uma segunda excursão de tarde, volta ao ninho antes do pôr do sol, produz um certo ruido pelo attrito das mandibulas e adormece. É esta a vida de todos os dias até á epocha dos amores, até á occasião em que a necessidade de velar pela progenitura, vem mudar a ordem habitual das coisas.

A cegonha branca é, no dizer de muitos naturalistas, uma das aves ribeirinhas mais perfeitas. Em todo o seu ser ha alguma coisa de nobre. A marcha é lenta e cadenciada. O vôo, precedido de alguns saltos, é lento, mas bello, facil e principalmente notavel pelas bellas espiraes que representa ou descreve. Quando está de pé, a cegonha encolhe um pouco o pescoço e inclina o bico ligeiramente para terra; mas nunca toma uma posição tão singular e tão desagradavel como a maior parte dos airões e mesmo em repouso manifesta uma certa dignidade. Raras vezes corre; de resto, não poderia fazel-o por muito tempo, ao passo que corre horas inteiras consecutivamente. O vôo não a fatiga; bate pouco as azas, raras vezes e sem precipitação. Sabe muito bem aproveitar as correntes aereas. Pairando, eleva-se ou abaixa-se á vontade. Serve-se admiravelmente da cauda, executando com auxilio d'este orgão todas as mudanças possiveis de direcção.

A intelligencia da cegonha é muito desenvolvida. «Habitua-se, diz Naumann, ás pessoas e amolda-se ás circumstancias; excede n'este ponto todas as outras aves. Sabe immediatamente apreciar em que disposições estão a seu respeito os habitantes de tal ou tal localidade. Nota rapidamente se a toleram, se julgam a sua presença agradavel. Ha poucos dias ainda, era prudente, timida, fugia do homem, desconfiava de tudo. Agora vê uma roda installada sobre um telhado, sobre uma arvore, que a convida a construir ahi o ninho, perde toda a timidez, toma posse d'ella

e torna-se desde logo tão confiada que se deixa observar de perto. Aprende a conhecer o seu hospede, a distinguir as pessoas que a estimam das que poderiam tornar-se-lhe perigosas. Sabe se a estimam, se a vêem com prazer ou se a olham com indifferença, observa tudo e nunca a experiencia lhe falha.» [1]

Longe do ninho a cegonha é tão desconfiada como todas as aves congéneres. Embora saiba que os pastores e os rusticos não são para ella muito perigosos, não se deixa approximar d'elles. O caçador só com enormes difficuldades consegue apanhal-a ao alcance de tiro. É ainda mais prudente, mais desconfiada durante as emigrações ou quando está reunida a muitas companheiras. Na Africa a cegonha foge mais do branco que do negro.

Geralmente considera-se a cegonha como uma ave inoffensiva. Não é verdade. «O modo por que se alimenta, diz Naumann, faz para ella do morticinio um habito e exerce-o muitas vezes sobre os seus semelhantes. Ha exemplos de cegonhas que tem chegado a um ninho e se teem precipitado sobre os recemnascidos, estrangulando-os, mao grado a defeza dos paes. E isto fazem a muitos ninhos de uma mesma região.» [2] É sabido que as cegonhas antes de partirem matam as companheiras doentes e matam tambem as companheiras captivas que se negam a seguil-as.

A cegonha domestica, essa mesma, se a irritam marcha muitas vezes de encontro ao adversario. A cegonha ferida defende-se vigorosamente, dando bicadas principalmente dirigidas para os olhos do homem e dos cães que a atacam; pode por este modo tornar-se muito perigosa.

É preciso porém observar que nem todas as cegonhas possuem o mesmo natural. Umas são sociaveis e permittem que outras venham nidificar perto d'ellas; pelo contrario, outras ha que querem dominar exclusivamente um certo local.

Differentes motivos, entre os quaes devemos mencionar o receio dos perigos, determinam as cegonhas a reunir-se para viajarem. Mas o espirito de sociabilidade não vae mais longe; nunca uma cegonha isolada irá juntar-se a outras aves.

Quando o ciume as agita dão-se combates mortaes. Quando se encontram com animaes mais fracos do que ellas, são sempre muito perigosas.

A voz da cegonha consiste n'um assobio rouco, que não pode descrever-se ou notar-se. Os individuos captivos fazem ouvir mais vezes esta voz que os que vivem em liberdade; é o meio pelo qual exprimem

[1] Citado por Brehm, *Loc. cit.*, pg. 635.
[2] Citado por Brehm, *Loc. cit.*, pg. 635.

um vivo sentimento de prazer. Um outro modo de expressão, mais rico do que á primeira vista poderia suppor-se, consiste no ruido que a ave produz batendo com as mandibulas uma contra a outra. Esses attritos produzidos assim são ora extensos, ora curtos, umas vezes rapidos, outras lentos, umas vezes fortes, outras fracos. Essa linguagem, a cegonha emprega-a para exprimir uma variedade extraordinaria de emoções e de necessidades: é por ella que manifesta o prazer, a magua, a fome, a saciedade, emfim o amor á femea e aos filhos. Estes aprendem essa singular linguagem antes mesmo de saberem voar.

A cegonha tem um regime alimentar exclusivamente animal. Parece preferir os reptis e os insectos, talvez porque os apanha com mais facilidade. Nas suas excursões caça principalmente rãs, pequenos roedores e insectos; mas gosta muito tambem de peixes que pesca nas aguas turvas. Mata lagartos, licranços e cobras. «Antes de apanhar uma cobra grande, diz Lenz, a cegonha dá-lhe bicadas até a atordoar; depois come-a, principiando pela cabeça e pela cauda, antes mesmo que ella esteja morta. Por isso ás vezes a cobra enrosca-se-lhe em torno do bico, o que força a cegonha a projectal-a a distancia por um violento movimento de cabeça ou retiral-a com um dos pés para comel-a depois. Quando tem muita fome, engole ás vezes pequenas serpentes sem as ter préviamente ferido; estas agitam-se-lhe então longo tempo no esophago e conseguem mesmo escapar-se quando a ave abaixa a cabeça para apanhar outra presa. Quando muitas serpentes se encontram em frente de uma cegonha, a caça que esta lhes faz é muito divertida. Gosta muito das viboras; antes de as comer bate-lhes violentamente com o bico na cabeça. Se é mordida por uma serpente venenosa soffre com isso; mas restabelece-se dentro de poucó tempo.» [1]

«A cegonha mata sem piedade as aves recemnascidas, rouba as pequenas lebres, mao grado a defeza vigorosa das mães, apanha ratos e toupeiras. As presas pequenas, apanha-as na ponta do bico, atira-as ao ar e apanha-as depois agilmente na queda. Nos prados dá caça aos insectos que apanha quer quando estão pousados quer quando voam. Não gosta de sapos; mata-os, mas não os come.

Naumann conta o seguinte: «Um par de cegonhas vinha muitas vezes junto de uma poça e ahi pescava pequenos crustaceos que juntamente com sapos povoavam quasi elles sós essa poça. Quando ahi iamos ao pôr do sol espreitar as gallinholas, as cegonhas tinham já partido mas tendo deixado vestigios da passagem. Os sapos em numero consideravel jaziam á beira da agua, uns deitados de costas e já mortos, outros com o ven-

[1] Citado por Brehm, *Obr. cit.*, vol. 4.º, pg. 636.

tre aberto e os intestinos rasgados debatiam-se nas derradeiras convulsões da agonia.» [1]

A affeição da cegonha pelo homem revela-se na epocha da reproducção; prefere os telhados das casas ás arvores para fabricar o seu ninho. Naumann refere a proposito: «Causa admiração que as cegonhas, creadas no estrangeiro, apesar de toda a sua desconfiança natural, reconheçam immediatamente que são bem vistas e comprehendam a significação das construcções feitas para ellas. Ha alguns annos appareceu um par de cegonhas perto de minha casa, estabelecendo-se sobre choupos altos, entre duas aldeias visinhas. O proprietario da caça não comprehendeu este signal; perseguiu as cegonhas, aves raras na região, atirou sobre ellas, mas não lhes acertou. As aves fugiram para um quarto de legua mais longe. Ahi (era uma outra aldeia) havia ácerca d'estas aves outra ordem de sentimentos; estabeleceram uma roda no cimo de um telhado de colmo e immediatamente as cegonhas corresponderam a este convite. Ao fim de alguns dias tinham acabado o ninho e todos os annos ahi vinham regularmente. Qual é a causa d'esta dedicação da cegonha pelo homem? Será difficil explical-o; o que certamente deve contribuir muito para determinar essa dedicação é a segurança de que a ave em questão goza, ella e a prole, na proximidade do homem. A confiança que tem na nossa especie é tal que mesmo quando se acham dispostas a nidificar nas arvores, abandonam esse projecto desde que n'um telhado se estabelecem algumas tabuas ou um cesto grande em que possam construir o ninho. É possivel mesmo attrail-as por este modo a logares em que de ordinario não apparecem, com a condição, bem entendido, de que o local lhes convenha.» [2]

FIM DO QUINTO VOLUME

[1] Citado por Brehm, *Loc. cit.*, pg. 636.
[2] Citado por Brehm, *Loc. cit.*

INDICE DO QUINTO VOLUME

AS AVES

PASSAROS EM ESPECIAL

(*Continuação*)

Pag.

ORDEM DAS AVES TREPADORAS

AVES TREPADORAS EM ESPECIAL

ORDEM DOS GALLINACEOS

GALLINACEOS EM ESPECIAL

*

Pag.

ORDEM DAS PERNALTAS

PERNALTAS EM ESPECIAL

ERRATAS

Na pagina 273, linha 1.ª, onde se lê — remiges primarias — leia-se — remiges secundarias.

Na pagina 509, linha 30, onde se lê — em Apion — leia-se — a Apion.